
UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 00457319 2

HISTORIA

DA

PROSTITUIÇÃO

TOMO TERCEIRO



Bordel moderno

HISTORIA
DA
PROSTITUIÇÃO

EM TODOS OS POVOS DO MUNDO

DESDE A MAIS REMOTA ANTIGUIDADE ATÉ AOS NOSSOS DIAS

OBRA NECESSARIA AOS MORALISTAS,
UTIL AOS HOMENS DE SCIENCIA E LETTRAS E INTERESSANTE PARA TODAS AS CLASSES

POR

PEDRO DUFOUR

MEMBRO DE DIVERSAS ACADEMIAS E SOCIEDADES SCIENTIFICAS

NOTAVELMENTE AMPLIADA E ENRIQUECIDA COM VALIOSOS ESTUDOS POR D. AMANCIO PERATONER

E OUTROS ESCRIPTORES, TRADUZIDA E SEGUIDA DE UM IMPORTANTE TRABALHO

SOBRE A HISTORIA

DA

PROSTITUIÇÃO EM PORTUGAL

DESDE OS TEMPOS MAIS OBSCUROS DA LUSITANIA
ATÉ NOSSOS DIAS

POR

ALFREDO DE AMORIM PESSOA

ILLUSTRADA COM PRIMOROSAS GRAVURAS

TOMO TERCEIRO

LISBOA

210, R. DO OURO—EMPREZA EDITORA DE F. PASTOR—R. DO OURO, 210

(ATELIER DE GRAVURA)

1886



LISBOA
TYPOGRAPHIA LUSO-BRAZILEIRA
5 — Pateo do Aljube — 5
1886

HISTORIA DA PROSTITUIÇÃO

TERCEIRA PARTE

A Épocha Moderna

CAPITULO I

SUMMARIO

A policia dos costumes no tempo de Luiz XIII.— A vida intima das prostitutas.— Como ellas morriam e eram sepultadas. — A menina de Rollet e o parocho de Saint-André-des-Arts. — Os filhos da prostituição, e o destino que se lhes dava. — Origem do hospicio dos expostos. — A casa da *Couche* — A *Crèche* de Notre-Dame. — Os bastardos do Hotel-Dieu. — Infanticidios e abortos. — As latrinas de Paris. — Numero de expostos em Paris no seculo XVII. — As cortezãs em poder de marido. — Ordem para se fecharem todas as casas de prostituição. — Expulsão dos inquilinos suspeitos. — Jurisprudencia do Châtelet a este respeito. — Sentença do parlamento contra o tintureiro João Louvart, sua mulher e outros cumplices. — As patroas. — As *chèvres à oreilles d'ètoffe.* — A senhora Principal a sua criada Huguette e a comadre Lourença. — Os esbirros e as prostitutas. — Incommodos *qui-pro-quo*, para as mulheres honestas. — As prostitutas com domicilio certo. — Diagnostico da porta aberta ou fechada. — Passeio das mulheres de má vida. — O Poço do Amor, anathematisado e obstruido. — Associações impudicas. — Salario e vencimentos do vicio. — Historia de Ruart e da mulher do beleguim. — Caracteres indeleveis das prostitutas.



POLICIA dos costumes chegou a ser uma das mais delicadas attribuições da policia geral no tempo de Luiz XIII. Foi n'essa épocha sómente que, no cumprimento das leis que aboliam a prostituição, a auctoridade civil tomou medidas efficazes para conter os progressos da libertinagem, vigiando a conducta das mulheres em geral e das prostitutas em particular. Não póde negar-se que a instituição de grande numero de casas de correcção, de refugio e penitencia para estas desgraçadas victimas da corrupção, deu vantajosos resultados no interesse da moral, nem tão pouco que o miseravel officio da prostituição deixou de resentir-se dos obstaculos do seu livre exercicio. Era quasi impossivel, porém, destruir completamente por meios caritativos ou rigorosos as multiplices causas

das desordens e escandalos, renascendo sem cessar no lôdo das grandes cidades, como se a prostituição fôsse uma lepra immunda, eternamente inherente ás partes vergonhosas do corpo social.

Em todo o caso, este augmento de severidade desenvolvida por essa épocha contra os agentes mais ou menos culpados da depravação popular, prova á evidencia que a libertinagem havia crescido em proporções assustadoras, e que só lançando mão de remedios energicos podia combater-se tão deploravel estado de costumes.

É nosso intento, pois, fallar agora das diversas fundações religiosas e caritativas, destinadas a affastar do vicio um enxame de creaturas miseraveis, que formavam, por assim dizer, a vanguarda e a rectaguarda da prostituição. Antes de encetarmos, porém, este capitulo consolador, que tanto honra o seculo XVII, temos ainda de lançar um ultimo olhar sobre as mais curiosas particularidades da vida privada das cortezãs do principio d'aquelle seculo, em que se vê raiar, deixem-nos assim dizer, a tão desejada aurora da regeneração dos costumes.

Seria sem duvida altamente interessante conhecer com exactidão todas as vicissitudes d'aquellas existencias degradadas, que se arrastavam nas trevas, sob a ameaça permanente da prisão ou do convento; mas desgraçadamente apenas encontramos, aqui e alli, nos escriptores contemporaneos, factos isolados, que não nos permittem apresentar a este respeito um quadro tão completo como desejavamos. Vêmo-nos, por tanto, obrigados a deixar no escuro muitos accessorios d'esse quadro indecente da prostituição, que devia ser, com pequenas excepções o mesmo em Italia e em Hespanha, pelo que podemos conjecturar dos *Raggionamenti* do Aretino, e da *Celestina* de João de Mena.

Precisamos de recorrer a meras conjecturas, para descrevermos as circumstancias ordinarias, que acompanhavam a morte de uma prostituta. Julgamos que na maior parte dos casos as *peccadoras*, como as denominava a linguagem christã, se reconciliavam, confessando as suas faltas, e recebiam os sacramentos, depois de haverem renunciado á sua infame profissão, collocando-se d'este modo em estado de graça, aos olhos da Egreja, que não lhes recusava então as suas preces, nem as suas honras funebres.

É certo que as mulheres de má vida, por uma extranha aberração do senso moral, harmonisavam o seu vil officio com as mais assiduas practicas de devoção. Frequentavam as egrejas, ganhavam indulgencias, seguiam os jubileus, assistiam ás novenas, confessavam-se, e approximavam-se até da mesa da communhão. É sabido que não temiam expôr-se á confiscação das suas joias, por isso que mostravam nas egrejas e nas procissões rosarios e *Agnus-Dei*, guarnecidos de ouro e prata, bem como livros de devoção igualmente ornados de metaes preciosos.

Segundo uma antiga lenda, uma mulher publica de Paris, querendo commungar na Paschoa, e não possuindo um trajo decente para a ceremonia, alugou um vestido a um judeu de nome Jonathas, compromettendo-se, sacrilego pacto! a levar-lhe a hostia que ia receber. Sabe-se que aquella hostia, entregue ao judeu, que a profanou, ferindo-a com repetidos cortes de navalha, produziu

o celebre milagre *des Billettes,* ao qual remontava a fundação do convento e da egreja do mesmo nome.

Este milagre succedeu no reinado de Filippe, o Formoso. O judeu foi condemnado a morrer n'uma caldeira de azeite a ferver, e no local occupado pela sua casa, que foi arrazada, construiu-se a Capella do Milagre. A lenda não nos diz, porém, se a prostituta, que deve considerar-se como cumplice de tão espantoso sacrilegio, recebeu o devido castigo. É de crer que não fosse encontrada.

O contracto sacrilego que havia feito com o judeu caracterisa perfeitamente a natureza da sua devoção, que era naturalmente a mesma das suas companheiras de desgraça, sempre ignorantes do dogma, e muito longe da verdadeira piedade, apesar de serem extremamente ávidas do exercicio das praticas religiosas. Póde tambem avaliar-se a vaidade e ostentação ordinarias d'aquellas miseraveis *peccadoras,* na conducta de tão abjecta creatura, que não recúa ante um sacrilegio horrivel para ter o prazer de se mostrar em trajos de gala no meio da multidão de fieis, que iam cumprir o dever pascal á egreja de Saint-Merry.

Parece-nos muito duvidoso serem as mulheres publicas enterradas fóra do cemiterio parochial, quando declaravam ter sido baptisadas e desejarem morrer na communhão christã. Era preciso dar-se alguma circumstancia particular para que lhes fossem recusados no leito da agonia os confortos da religião.

Lêmos nos diarios de Pedro de l'Estoile um facto, que póde considerar-se como rara excepção, motivada pela necessidade de reparar um grave escandalo:

«Quarta-feira, 24 de fevereiro de 1610, dia de cinzas, morreu em Paris a Rollet, a quem chamavam tambem mademoiselle Chevalier, por causa do presidente Chevalier, que a tinha por sua conta. Esta rapariga, que era formosissima, havia sido seduzida por elle muito tempo antes, quando pertencia á criadagem da senhora Videville, sua mulher. O presidente havia-lhe posto casa na freguezia de Saint-Andrés, onde a mantinha faustuosamente com os filhos que ella lhe déra, e isto á vista de Deus e de todo o mundo, com o maior escandalo. Morta na flôr da edade, sem ter podido receber os sacramentos da Egreja, o parocho de Saint-Andrés não quiz permittir que fôsse enterrada na sua egreja, allegando que era uma *peccadora publica,* mas sim no cemiterio por ser catholica. Finalmente, foi sepultada no cemiterio dos Santos Innocentes.»

Resulta d'este caso, narrado por Pedro de l'Estoile, que a esse tempo vivia na freguezia de Saint-Andrés-des-Arts, que as *peccadoras publicas* não podiam ser enterradas nas egrejas, embora como catholicas, tivessem direito á sepultura em terra sagrada, mesmo quando não podiam morrer em graça, por falta dos ultimos sacramentos.

Não deve esquecer-se que Rollet, vivendo amancebada com um homem casado, do qual tinha filhos, estava de antemão apontada pelo escandalo da sua vida, á animadversão e ao desprezo de todo o bairro. O parocho de Saint-Andrés-des-Arts não fez mais do que obedecer á opinião de todos os seus freguezes, recusando-se a assistir a esta mulher de má vida no seu leito mortuario,

É preciso não esquecer tambem que, entre as desavergonhadas de profissão, havia um grande numero de judias, que depois de mortas iam para o cemiterio dos judeus. Quanto ás que falleciam no Hotel-Dieu, os seus cadaveres eram transportados para o hospital da Trindade, onde se inhumavam indistinctamente n'uma profunda valla todos os que morriam nos hospitaes de Paris.

Faltam-nos dados precisos a respeito dos filhos da prostituição, e só podemos em tão importante assumpto aventar algumas conjecturas, baseadas mais em probabilidades, do que em factos perfeitamente authenticos.

É todavia incontestavel que se o numero d'aquelles filhos naturaes ou illegitimos, productos da libertinagem, era mais consideravel n'aquelle tempo do que hoje, o seu nascimento causava menos escandalo e perburbação na sociedade.

Em primeiro logar, a maior parte das mulheres da má vida eram casadas, e exerciam o seu officio infame com o beneplacito dos maridos, que, mais culpados ainda do que ellas, viviam do producto de tão infame trafico. Os filhos da libertinagem, assim abrigada sob a capa conjugal, tinham um pae conhecido e um estado civil auctorisado, pertenciam á familia, em cujo lar nasciam, e ninguem tinha o direito de lhes pedir conta da sua origem. Quando uma solteira prostituta vinha a ser mãe, costumava criar o filho para fazer d'elle a todo o tempo o seu ganha-pão, ou para o vender por alguns soldos aos mendigos das Côrtes dos Milagres.

Outras vezes abandonava-o á caridade publica, expondo-o n'uma rua ou n'uma escada.

Erro seria suppôr, todavia, que todos os recem-nascidos encontrados, mortos ou vivos, nas ruas de Paris, antes do estabelecimento do Hospicio dos Expostos, tivessem sido abandonados pelas mães, como tristes reliquias da prostituição. As familias pobres desembaraçavam-se do excesso da sua prole. Grande numero de paes desnaturados eram os primeiros a arrancar tambem dos braços de uma pobre mãe desolada o filho que acabava de dar á luz, e iam deposital-o «completamente nú», em qualquer montão de immundicies ao canto de uma rua.

Quasi todas as creaturas assim deshumanamente abandonadas eram debeis ou rachiticas.

Relativamente á sorte d'aquellas pobres crianças, facil é de calcular qual ella poderia ser. Uns morriam de frio e de fome, depois de uma cruel agonia de vagidos dilacerantes: outros eram devorados pelos cães, ou pelos porcos errantes: alguns tinham a fortuna de serem recolhidos pelo commissario, ou por algum dos agentes de policia do bairro: outros, finalmente, mais robustos e viaveis, eram adoptados por mendigos, que os faziam alimentar pelas suas concubinas, e se serviam d'elles em seguida para implorarem a caridade publica.

Cada mestre na arte de explorar a caridade do proximo abastado formava d'esta maneira uma familia de expostos, aos quaes bem depressa educava na eschola do roubo e da vadiagem (*caimanderie*). Os rapazes, á proporção que iam crescendo, convertiam-se em habeis gatunos, astutos escamoteadores e incorregiveis vagabundos. As raparigas serviam desde a mais tenra edade o officio da

prostituição, e provavelmente o vil alcagote, que tirava do trafico do corpo das pobres crianças um lucro quotidiano, havia sido o primeiro a saborear as primicias da sua virgindade, que depois vendia como intacta, tantas vezes quantas podia *refazel-a* com pomadas e *aguas virginaes*.

A mendicidade n'aquelle tempo não carecia de recursos nem de meios para fazer uso das creaturas que lhe provinham da libertinagem, comtanto que ellas fossem de temperamento sadio e vigoroso. Aquelles pequenos seres, corrompidos pelas lições e exemplos dos patrões, ou paes adoptivos, faziam a fortuna da Côrte dos Milagres, e das associações de mendigos e ladrões.

E' sabido que as raparigas e mulheres que habitavam aquelles antros, onde se prostituiam ao primeiro que apparecia, compravam ás vezes com o seu dinheiro os serviços de alguns companheiros vigorosos, que tendo dado provas convincentes da sua faculdade procreadora, *forneciam filhos* áquellas desgraçadas, atormentadas pelo demonio da maternidade.

A mendiga (*gueuse*), ao arranjar d'este modo uma familia, que podia fazel-a viver com o producto da esmolla, ou da libertinagem, preparava antecipadamente pão e repouso para os dias aziagos da velhice.

A prostituição recrutava, por assim dizer, o seu exercito entre essa multidão de creaturas a quem havia dado o ser, e que arrastava atraz de si como escravos. E' evidente que os commissarios de policia de cada bairro, que tinham o encargo de recolher os expostos e fazel-os transportar a *Creche* (Vidè *Tract. de Pol.* por Delamare), encontravam nas ruas de Paris menos raparigas que rapazes, e mais creaturas estropeadas ou moribundas, que validas e bem constituidas.

Nos annos de fome ou de epidemia augmentava consideravelmente a exposição d'estas debeis creaturas, e por conseguinte a mortalidade d'estes pobres innocentes. Era mais difficil então alimental-as e crial-as no meio de uma calamidade publica, quando a mendicidade se via privada da maior parte das suas collectas diarias, por isso que a policia sanitaria impedia a circulação dos mendigos, vagabundos e outra gente da mesma ralé.

Lê-se nas *Contas e Ordinarios* do prebostado de Paris, analysadas e extrahidas por Sauval, em continuação das suas *Antiguidades de Paris*, uma nota comprehendida nas *Obras e Reparações para o anno de 1487*, e concebida nos seguintes termos: «Varias crianças encontradas nas ruas de Paris, entregues a amas que as criam, por ordem da justiça.»

Esta nota, que se refere apenas a um anno, em que o preboste de Paris se viu obrigado a applicar um credito extraordinario á alimentação dos expostos, permitte-nos suppôr que, n'esse anno, a caritativa instituição fundada para este fim em Notre-Dame, não podéra occorrer áquelle excesso de miseria.

Não podemos dizer todavia, se o numero de nascimentos illegitimos era mais consideravel na épocha em que vemos augmentar o numero de expostos. Nenhum indicio podemos tirar d'este facto isolado, que atteste os progressos da prostituição, em razão da insufficiencia da *Crêche* de Notre-Dame. As esmolas, os legados e as doações voluntarias enchiam aquelle thesouro dos *pobres expostos* de Nôtre-Dame, ao qual a rainha Izabel de Baviera, viuva de Carlos

VI, legára a somma de oito francos, por testamento de 2 de setembro de 1431.

Nas cartas patentes de Francisco I, com data de janeiro de 1536, lê-se que: «o Cabido tinha o costume de recolher e fazer criar os bastardos por amor de Deus.»

Via-se effectivamente, á entrada da egreja metropolitana, um berço guarnecido de roupa, disposto sempre para receber os recem-nascidos, que alli quizessem depositar, os quaes eram criados á custa do Cabido, n'uma casa contigua á Cathedral, ao sul do Port-l'Eveque. Esta casa, denominada a *Couche*, foi a origem de todos os estabelecimentos destinados a recolher as creaturas encontradas ao desamparo, expostas ou abandonadas. (V. *Indagações criticas, historicas e topographicas sobre a cidade de Paris*, por *Taillot, bairro da Cité*.)

Nem todas as crianças encontradas ao desamparo iam para a *Couche*, cujo escasso rendimento era absorvido pelas despezas do berço da egreja de Notre-Dame. As *altas justiças* de Paris eram obrigadas a ter a seu cargo a creação e educação das creaturas abandonadas no territorio da sua jurisdicção, mas estas *justiças*, ecclesiasticas sempre, indignavam-se de vêr que aquelles deploraveis productos da libertinagem publica estivessem confiados em parte á adopção e tutella do senhor feudal, em cujo dominio haviam sido encontrados.

Fizeram-se varias tentativas com o fim de collocar aquellas creaturas sob a administração do bispo e do Cabido de Notre-Dame, mas o parlamento ordenou, por decreto de 13 de agosto de 1552, que os expostos fossem levados d'ahi em diante ao Hospital da Trindade, e que para esse effeito os senhores deviam contribuir annualmente com uma somma de 900 libras, distribuidas *pro rata*, segundo a extensão dos seus dominios.

Estas contendas dos senhores com o Cabido metropolitano indicam bem claramente que de anno para anno tendia a augmentar o numero dos abandonados, e que a prostituição não era extranha a essa progressão.

O Hospicio dos *Filhos de Deus*, creado por cartas patentes d'el-rei em 1536, apenas admittia os orphãos, cujas mães tivessem morrido de parto no Hotel-Dieu.

«Os bastardos, diz a rainha Margarida de Navarra, nas suas *Memorias*, eram expostos nas ruas, onde frequentemente se encontravam mortos. Os que nasciam no Hotel-Dieu, morriam todos sem excepção, por causa do mau ar que respiravam.»

Nada mais frequente e nada menos secreto, do que o aborto de uma mulher gravida, ou a destruição de uma criança recem-nascida!

E' certo que a pena de morte subsistia, em principio, contra as mães convictas de haverem morto o fructo do seu ventre, mas nunca se applicava, ainda que no edicto de 1556 se houvesse renovado o seu rigor, para vêr se d'este modo se intimidava os auctores d'estes horriveis crimes, tão geral era ainda a deploravel preoccupação, que tornava arbitro exclusivo da vida do recem-nascido o capricho, ou a velleidade do pae ou da mãe! O infanticidio, de que durante longo tempo a lei não se occupou, e que nos tempos barbaros só dava logar a uma pena pecuniaria, não era crime que os tribunaes tratassem de punir.

Estava reservado aos directores da consciencia dos fieis e aos prégadores

o fulminar no pulpito e no confessionario os crimes das mães preversas, que faziam desapparecer por suas proprias mãos os desgraçados testemunhos da sua deshonra e da sua incontinencia.

Não devemos esquecer que frei Olivier Maillard, nos seus sermões prégados em Saint-Jean de la Grève, lamentava-se e gemia de dôr, ao ter de fallar d'aquelles pobres entesinhos arremessados pelas mães ás latrinas e aos rios.

Tão incrivel desprezo da natureza humana, tão abominavel indifferença da maternidade, tão atrozes consequencias da libertinagem, eram geraes n'aquella épocha em toda a Europa christã, por isso que o dominicano Gabriel Barletta, que prégava em Napoles, dirigia eguaes censuras ás suas ovelhas:

«Oh meus irmãos! Que innumeraveis luxurias! exclamava elle. Que sodomias! Que fornicações! As latrinas resoam por toda a parte com os vagidos das pobres creaturas n'ellas submergidas!» (*Barletti Sermones*, f. 262.)

Estamos quasi convencidos de que a maior parte dos infanticidios, tão numerosos n'aquelle tempo, não se commettiam na classe de mulheres e de raparigas que viviam da prostituição. Observa-se que as prostitutas, em geral, são sempre mães ternas e apaixonadas, como se sentissem a necessidade de se elevarem a seus proprios olhos, desempenhando um dos mais nobres deveres do seu sexo. Animava-as ainda no cumprimento d'esse dever a ideia de que seu filho seria um dia o seu protector e o seu amparo, e sua filha a sua companheira e a sua amiga.

Os attentados contra as crianças renovavam-se, porém, sem cessar na classe das criadas, nas religiosas e nas solteiras, interessadas todas ellas em occultarem as consequencias da sua fraqueza ou da sua libertinagem.

Uma criança morta, encontrada no meio da rua, sobre um monte de immundicie, não dava logar a nenhumas pesquizas judiciaes. Levavam-na para as estrumeiras, raras vezes para o cemiterio, e tudo acabava alli. De resto, em quasi todas as ruas se deixavam agglomerar montões de lama e immundicies, nas quaes os cadaveres dos recemnascidos jaziam muitas vezes em putrefacção, de mistura com os restos e esqueletos de outros animaes.

Na vistoria que se fez em 1736 «para limpeza, calcetamento da cidade, arrabaldes e barreira de Paris, o processo verbal do commissario-védor, Beaulieu, senhor de Saint-Germain, declarava que em certos logares a lama e outras immundicies se accumulavam até á altura de dois metros, havia quinze annos, pelo menos, e que as sargentas entupidas e cheias de tudo quanto n'ellas se havia deitado, formavam cloacas infectas, atulhadas de materias animaes em putrefacção.» (V. *Provas da Hist. de Paris*, por Felibien e Lavineau.

Não é tudo. Em muitas casas, as latrinas, cujo conteudo liquido se perdia por infiltração, apesar das ordenações da policia postas em vigor desde o principio do seculo XV, nunca se limpavam, e cobriam com um segredo impenetravel os crimes cujas provas alli eram sepultadas. Mais tarde, quando a policia conseguiu descobrir as contravenções e submetter aquelles antros inexplorados aos regulamentos de sanidade publica, appareciam a miudo, no meio da massa de immundicie e podridões, restos informes e ossadas destroçadas, accusando uma longa serie de infanticidios e abortos.

Não existia ainda nos costumes sociaes o respeito da vida dos recem-nascidos, quando em principios do seculo XVII, uma viuva caritativa instituiu com o seu dinheiro uma nova casa *de la Couche,* para onde os commissarios do Châtelet faziam levar as crianças abandonadas na via publica.

Esta casa, cuja fundação se verificou ahi pelo anno de 1636, foi theatro das mais extranhas monstruosidades. Chegou a ser, por morte da fundadora, uma especie de deposito e mercado das crianças, que se iam comprar alli para servirem a diversos fins!

Um commercio tão atroz constituia um famoso negocio para as criadas e para os infames mercenarios, a quem a fundadora havia confiado a continuação da sua obra.

Aquelles infames vendiam as crianças, a razão de 20 soldos por cabeça, umas vezes a charlatães que as mutilavam para fazerem d'ellas *phenomenos* e *curiosidades,* outras vezes a mendigos, que as empregavam no mister de despertarem a commiseração e a caridade publicas. Iam tambem compral-as mulheres puerparas para lhes desembaraçarem os peitos enfermos, e bruxos que as matavam para completarem certos conjuros magicos!

A facilidade com que d'este modo se podiam ir comprar orphãos, cujo nascimento não havia deixado vestigios, tornava mais frequentes as substituições de crianças, e quando uma ama de leite tinha interesse em substituir uma creatura confiada aos seus cuidados, não lhe era muito difficil encontrar outra para o seu logar.

D'aqui resultava uma perturbação geral nas familias.

Finalmente, para requinte de crueldade, quando o numero de expostos excedia os recursos do momento, deitavam-se sortes sobre os que deviam conservar-se, ou então escolhiam-se os mais robustos: — os restantes eram enviados ao cemiterio!

Tal foi o tristissimo quadro que Vicente de Paula havia encontrado no hospicio da *Couche,* quando «soube mover á caridade os corações das damas da côrte e da classe media em favor das pobres criancinhas do bom Deus!»

Não obstante, depois d'esta consoladora instituição, que o veneravel ecclesiastico fundou só por si em 1638, as desordens e crimes que elle havia reprimido surgiram por mais de uma vez com uma intensidade, que correspondia perfeitamente á relaxação dos costumes. Assim, pois, quanto mais augmentava o numero dos expostos, mais insufficientes iam sendo os recursos destinados á sua sustentação.

Em 1663, segundo uma memoria apresentada por um conselheiro do parlamento, a despeza havia attingido a quantia de 20:445 libras e 9 soldos para 402 expostos. Em 1664 vêmol-a elevada á quantia de 25:756 libras e 8 soldos para 500, emquanto que esta despeza, pouco tempo antes, não excedia a 1:200 libras, subministradas pelas *altas justiças* de Paris. Em 1666, havendo subido o numero de expostos a 600, a despeza annual ascendia tambem a 40:000 libras, a qual nem os tributos feudaes, nem as diversas doações, nem as esmolas particulares podiam já completar. (V. as *Provas da Hist. de Paris.*)

Estas cifras, consignadas em varios decretos do parlamento, permittem-

nos apreciar a parte que correspondia á prostituição no contingente dos expostos da cidade de Paris.

As prostitutas em tempo algum foram fecundas, e o seu officio infame impedia-as quasi sempre de conceber, ou quando menos de chegarem a dar á luz um ser viavel. O seguinte proverbio, que Beroaldo de Verville archivou nas *gaias pandectas* do seu *Moyen de Parvenir,* justifica a incapacidade prolifica das mulheres publicas :

Il n'y a point de lignage en cul de putain : l'eau claire l'efface.

Pouparemos ao leitor a indecencia de lhe darmos o obsceno proverbio de Verville em portuguez.

Desde, porém, que os bordeis estavam fechados e rigorosamente prohibidos, em virtude do edicto de 1560, a prostituição não se exercia já como n'outros tempos, e as mulheres que traficavam com o seu corpo clandestinamente eram pela maior parte casadas com operarios, ou com miseraveis a quem mantinha este officio secreto, que elles proprios ou fomentavam ou fingiam não vêr.

Em todo o caso, o marido não era muito zelozo da sua honra e acceitava, como seus, os filhos provenientes de amores desconhecidos.

Uma mulher casada, ainda mesmo no caso de ser surprehendida em flagrante delicto pelos esbirros do Châtelet, collocava-se sempre sob a salvaguarda de seu marido, o unico que com direito podia queixar-se, e que nunca ou quasi nunca se queixava da conducta da sua cara metade.

Abolida assim a prostituição legal, não era já possivel estabelecer uma distincção entre as cortezãs e as mulheres honradas :

«Quem poderá dizer, objecta um dos convidados do *Moyen de Parvenir,* que uma dama é p..., a não ser por palpite, se não foi seu alcoveiro, ou por má lingua, se não teve contractos com ella ?»

Segundo esta rehabilitação de todas as mulheres, a prostituta installava-se em toda a parte, vestia-se e adornava-se como as outras mulheres, e apparecia onde queria, contanto que evitasse incorrer em nota de dissolução publica, ou de libertinagem habitual. Só n'este caso, se não era casada, ou se vivia separada do marido, o commissario recorria a medidas de rigor contra ella, já condemnando-a a açoites e multa, já encarcerando-a, já enviando-a para o Hospital dos pobres.

Era pequeno o numero de casas de tolerancia que haviam continuado a subsistir no interior da cidade, e sobretudo nos arrabaldes, onde a sua permanencia parecia menos perigosa. A policia municipal não queria, porém, que estes vergonhosos estabelecimentos se multiplicassem, nem ainda na mesma proporção das novas necessidades da immoralidade publica.

Os commissarios não fechavam já os olhos ás desordens que se davam nas casas destinadas especialmente á libertinagem, quando a prostituição tentava reapparecer com os seus antigos privilegios e ameaçava propagar-se em mais larga escala.

Em 1644, a fundação de varias casas de correcção e de refugio, de penitencia e de caridade para os pobres, déra ensejo a que varios especuladores

de má fama creassem tambem, em differentes bairros da capital, logares de asylo, onde se recolhiam, mediante uma pequena retribuição quotidiana, os individuos pertencentes ás classes prejudiciaes e reprobas, que ao tempo tanto empenho havia em dispersar e destruir.

Houve, portanto, durante alguns mezes, uma quantidade de baiucas, onde a crápula assentou os seus arraiaes, e o sitio preferido por ellas foi o arrabalde de Saint-Germain.

O logar-tenente-civil de Paris, messire Dreux d'Aubray, no seu decreto de 17 de setembro d'aquelle anno, prohibiu expressamente aos proprietarios e principaes inquilinos alugar as suas casas, ou mesmo parte d'ellas, «a pessoas de mau viver, raparigas ou mulheres levianas, que albergam vagabundos, gente sem eira nem beira, e são causa de graves escandalos, em prejuizo das ordenações.»

A primeira infracção d'este decreto era punida com uma multa de 100 libras *parisis*, e a confiscação por tres annos dos alugueres da casa em proveito do Hotel-Dieu. A' segunda contravenção, o delinquente pagaria uma multa igual e teria, além d'isso, selladas e pregadas, durante tres annos consecutivos, as portas de sua casa.

De resto, os proprietarios ou inquilinos, em cujas casas houvesse «gente de tal especie» eram obrigados a fazel-a desalojar no prazo de tres dias, sob as mesmas penas.

Os commissarios receberam ainda ordens severas e terminantes para que, sem levantarem mão do assumpto, procedessem á execução do mencionado decreto, que foi lido e publicado ao som de trombeta e pregão nas esquinas de todas as ruas da cidade, «para que pessoa alguma podesse allegar ignorancia.»

Se o Châtelet, por necessidade, não tivesse desenvolvido uma energica e inflexivel severidade contra os especuladores da prostituição, a capital ficaria dentro em pouco em condições de não poder ser habitada por pessoas honestas, por causa dos numerosos asylos de libertinagem, francos e patentes, que iam pouco a pouco invadindo todos os bairros, ruas e casas.

O conhecimento das diversas infracções relativas á policia dos costumes estava, portanto, sob a alçada dos commissarios, que exerciam sobre este assumpto uma jurisdicção quasi illimitada.

«Depois do decreto de 17 de setembro de 1644, não houve mudança alguma n'esta disciplina rigorosa», diz Delamare. *(Tract. de Policia.)*

Assim, pois, todas as vezes que por causa de alguma desordem, ou de algum escandalo publico, ou por queixas dos visinhos honrados, chegava ao conhecimento dos commissarios haver-se estabelecido no seu bairro um d'estes logares de perdição, o commissario dava immediatamente ordem a um dos beleguins ou agentes de policia para intimar a comparecerem na sua presença as mulheres ou raparigas installadas n'aquelle albergue de prostituição.

Chegado o dia da audiencia, o commissario averiguava se a queixa da visinhança era bem ou mal fundada, e no primeiro caso, o magistrado condemnava-as a desalojar no praso de vinte e quatro horas, e no caso de desobediencia ser-lhes-hiam os moveis deitados á rua, pagando ainda além d'isto a multa pro-

porcionada á infracção: e no caso de se averiguar que já haviam sido expulsas d'outros bairros, seriam intimadas a sahir da cidade, sob pena de castigo corporal. Era tambem das attribuições do commissario indagar, se por mais de uma vez mulheres de má nota se haviam installado na mesma casa, e, sendo assim, devia mandar chamar á sua presença o proprietario ou o principal inquilino, e condemnal-os a uma multa, prohibindo-lhes que alugassem d'ahi ávante a casa sem auctorisação escripta d'elle magistrado.

Outras vezes mandava-se fechar a casa e sellar as portas, durante seis mezes ou um anno, segundo a maior ou menor gravidade da infracção.

Succedia tambem, por vezes, que por occasião de uma visita ao predio denunciado, o commissario encontrava alli taes desordens e creaturas tão stygmatisadas já por outras condemnações, que era impossivel regenerarem-se. O magistrado, n'este caso, mandava-as logo para o carcere, e no primeiro dia da audiencia compareciam perante elle para serem severamente condemnadas.

Tal era a jurisprudencia em materia de prostituição até á épocha em que o celebre Delamare escrevia o seu admiravel *Tractado de Policia,* em principios do reinado de Luiz XIII. Affirma este escriptor que o referido processo summario, cujas formas expeditas e barbaras só se explicam pela condicção abjecta das pessoas a elle submettidas, vigorou, auctorisado pelo uso, durante mais de quatro seculos.

No emtanto, parece que, em mais de uma circumstancia, o proprietario ou o inquilino principal, envolvidos n'um processo policial, intentado pelo commissario contra as mulheres de má vida, aggravavam das deliberações d'este magistrado, appellando da sentença que os considerara solidarios dos actos de libertinagem e dos escandalos commettidos em sua casa. O parlamento confirmava, porém, a sentença, invalidando a appellação, visto que o Châtelet devia ser soberano absoluto em todos os assumptos de policia, e especialmente nos que diziam respeito aos costumes.

Delamare cita na sua integra uma sentença d'esta especie, dada a 22 de fevereiro de 1669 pelo parlamento contra João Louvart, tintureiro de Paris, e sua mulher, que tinham appellado de uma sentença do preboste de Paris ou do seu logar-tenente civil, datada de 17 de agosto de 1668, a qual condemnava, por informação de messire João Meuyer, commissario visitador do Châtelet, ao citado João Louvart e a sua mulher, e bem assim á menina de Villedonne, á viuva Bordin, e ás mulheres de nome Narbonne e Chevalier, a «desalojarem as casas de morada em que viviam, do contrario, ser-lhes-hiam os moveis deitados á rua, e os logares por ellas occupados fechados, até ao proximo dia de Saint-Rémy, sem que podessem ser occupados por outras pessoas durante este periodo.»

Os motivos d'esta severa expulsão não constam da sentença, mas facilmente se adivinham, e estavam sem duvida amplamente desenvolvidos no processo instaurado no tribunal da policia.

O tintureiro Louvart e sua mulher haviam aberto na casa em que viviam um verdadeiro lupanar, que elles proprios dirigiam, e cujo pessoal effectivo se compunha de quatro prostitutas.

Estas desgraçadas eram talvez as criadas ou operarias do tintureiro, e notaremos de passagem que entre ellas havia uma dama de condição nobre, que se intitulava a menina de Villedonne. Convém além d'isso saber que o proprietario da casa, messire Francisco Renard, advogado do parlamento, se havia unido ao commissario para fazer desalojar os impuros hospedes, que deshonravam o seu predio, afugentando os inquilinos honrados.

O principal inquilino, Thomaz Leroy, que havia sublocado os compartimentos habitados pelo tintureiro, por uma escriptura publica, nem poude fazer valer os seus direitos, nem conseguiu impedir o encerramento da impudica tinturaria do seu arrendatario. E' certo que os demais inquilinos da casa haviam formulado uma queixa contra aquelles visinhos insupportaveis, que foram condemnados a doze libras de multa e ás custas.

Póde suppor-se tambem que Louvart e os seus companheiros de desgraça sustentavam que a sentença do logar-tenente civil fôra dictada contra elles injusta e abusivamente, porquanto o seu estabelecimento nunca havia sido manchado pela prostituição, mas como as mulheres publicas eram victimas de nota de infamia, o seu depoimento não era admittido em juizo. (V. *A prostituição na Europa*, por M. Rabuteaux.)

Por isso, a informação do commissario, as queixas dos visinhos e a representação do proprietario sahiram triumphantes de todas as declarações e protestos dos appellantes.

E' nossa opinião que para illudir este rigor policial, os aleagotes, que tinham em suas casas um commercio clandestino de prostituição, não tinham mulheres permanentes para esse fim, mas que as mandavam buscar quando os freguezes as pediam.

Estas mulheres, portanto, viviam alli proximo, ou no seu domicilio ou em casa de seus paes, ou maridos, e só iam de *visita*, quando recebiam aviso, ao sitio em que se prostituiam. Apparecia uma ronda, ou um esbirro? tinham sempre tempo de fugir por uma porta secreta, ainda que estivessem quasi núas, levando comsigo as roupas e os vestidos.

Régnier faz-nos assistir a uma scena nocturna d'este genero.

Deduz-se d'aqui que a maior parte dos antros da crapula eram casas de commercio mysterioso e reles, hospedarias de mau aspecto, ou miseraveis pocilgas.

Beroaldo de Verville, no seu *Moyen de Parvenir,* introduz dois frades em casa de uma d'essas complacentes patroas, chamada Encarnação, «que tinha, diz elle, um quarto mobilado com um leito e um catre.» No catre dormia um enfermo, que acordou ao ruido que fizeram os frades ao installarem-se no unico quarto, onde o leito estava armado.

Depois da ceia, deitaram-se ás escuras. «A patroa, que tinha feito provisão para o «caso», deu ordem á criada, que deixou a porta apenas encostada, fingindo que a fechára. Pouco tempo depois, vieram duas rapariguinhas, d'essas que então se chamavam *chèvres à oreilles d'etoffe* (cabras com orelhas de seda) por causa da sua lascivia e dos seus chapeus de velludo de seda, e deitaram-se com a maior humildade ao lado dos frades, que as esperavam.»

Beroaldo de Verville quer tambem fallar-nos de uma d'estas «casas de passe», nos capitulos XIV e XV do seu *Moyen de Parvenir,* quando nos apresenta aquella «prudente dama», a quem toda a gente chamava a «*senhora Principal,*» sentada á porta de sua casa, perto do collegio do cardeal Lemoine, na rua de Saint-Victor, e «não tão perto que não estivesse no arrabalde», accrescenta o narrador, como se quizesse indicar que taes antros deveriam ser ainda affastados para mais longe.

A narração de Beroaldo falla-nos de um estudante, que se approxima da senhora Principal, comprimentando-a e pedindo-lhe uma entrevista secreta. A dama introdul-o no seu quarto onde se sentam, mas não contractam cousa alguma, porque o estudante «queria apenas que o açoitassem quinze manhãs consecutivas, e offerecia em paga de tão extravagante capricho doze formosos escudos.» A senhora Principal, altamente offendida com aquella proposta, responde que não é alli casa de açoites. O estudante retira-se, e a dama vae contar o extravagante caso a uma visinha muito curiosa. Era talvez uma das suas freguezas do alcouce.

—Oh visinha! diz-lhe a outra. Porque não o mandaste cá?

—Podemos chamal-o, espera!...

E dirigindo-se á criada:

—Huguette, vae vêr se o encontras ainda, e tral-o comtigo!

A rapariga corre atraz do estudante, gritando com tão boa vontade, que não tarda a fazer-se ouvir do freguez de sua ama.

—Então, pergunta o estudante, voltando outra vez a fallar com a dona da casa, mudou de parecer a respeito do que lhe propuz?

—Não, respondeu-lhe a senhora Principal, mas a minha comadre Lourença póde satisfazer os seus desejos.

Beroaldo explica-nos depois como se realisava esta especie de contractos. O estudante entendeu-se o melhor possivel com Lourença, e d'ahi por diante ia todas as manhãs a casa d'ella, ás sete horas, «que é uma hora muito commoda para levar açoites.»

O malicioso narrador observa, ainda assim, que Lourença não era uma cortezã de profissão, mas simplesmente uma *mulher por conta de homem.* «Não *fazia amor,* diz elle, o amor está feito, sabe-o, mocidade! mas praticava-o em alegres exercicios com um frade de Saint-Denis, ao qual amava, de *bom coração, de boa perna e de bom ventre!*»

Este commercio clandestino, estes manejos da prostituição, não passavam desapercebidos aos commissarios e sobretudo aos esbirros, que andavam sempre na cola das *Principaes* e das *cabras de orelhas de seda.* O citado Beroaldo, no cap. XVIII do *Moyen de Parvenir,* diz-nos haver um dia encontrado uma pobre rapariga, que derramava lagrimas amargas, dizendo que «esses patifes dos esbirros e outros ladrões do mesmo jaez, lhes roubavam, só n'um dia, tudo quanto ellas ganhavam n'um mez com o suor do seu corpo.»

E dizendo isto, olhou para as companheiras, e espalhou logo as maguas, rindo como uma perdida. Era para esquecer tristezas, coitada!

—Dize-me lá, perguntava ella a uma das socias no infortunio, se n'um

sacco estivessem um esbirro, um moleiro e um alfaiate, qual d'elles sairia primeiro?

— Um ladrão! respondeu outra alli do lado, soltando uma enorme gargalhada, que foi unanimemente correspondida.

Observa Beroaldo a respeito d'isto que as mulheres publicas, por mais afflictas que estivessem, se consolavam no mesmo instante, por causa d'essa mobilidade de humor, que as caracterisa em todos os paizes e em todas as épochas. É provavel que os esbirros apenas perseguissem as prostitutas de infima classe, que careciam de protectores e de amigos poderosos.

Beroaldo diz-nos que havia tres classes de prostitutas. As duas primeiras pouco se arreceiavam dos commissarios e do logar-tenente civil.

«Ha mulheres d'esta má vida, accrescenta elle, que vivem entre as mulheres honradas. Outras são mulheres de egreja e vivem nos claustros. Outras ainda estão como em Genova, no campo de Flora, perto de Lorrache. Estas ultimas são de terceira ordem.»

Desde a abolição dos bordeis, não tendo as prostitutas trajo distinctivo, marca ou signal que as desse a conhecer, havia continuos *qui-pro-quos*, em alto grau desagradaveis para as mulheres honradas. Eram frequentemente detidas ou insultadas no meio da rua, sem terem outro recurso n'estes lances senão protestarem indignadas contra o ultrage, que se lhes fazia, perseguindo-as com tenções impudicas, com palavras obscenas, e até mesmo com toques grosseiros.

Por mais mal comportada que fosse, nunca mulher alguma era obrigada a declarar a sua escandalosa profissão, e fazia a miudo o papel de mulher honrada, quando não estava para acceder a uma proposta impudica.

Havia, porém, um indicio por onde se conheciam bem as mulheres de vida airada: bastava vel-as parar a conversar e a rir no meio da rua com homens notoriamente apontados como de maus costumes.

«Não duvido que seja p..., diz Beroaldo fallando de uma mulher de reputação equivoca, tanto mais que a vi a fallar com o coadujutor da egreja de S. Paulo, que havia promettido ao parocho ter juizo e não andar mais á caça das raparigas.»

O sacerdote censura-o asperamente pela sua reincidencia no vicio:

— Vi-o fallar com uma rameira. Não tem vergonha! um sacerdote, que nem ao menos se abstem d'esses vicios n'este santo dia do domingo!

— Oh senhor! engana-se; replica o incorregivel coadjutor. Não era para hoje. Tinhamos combinado a coisa para ámanhã!

Além das hospedarias obscenas, das tabernas, das casas de banho e de tantos bordeis disfarçados, onde a prostituição continuava, apesar das ordenações, a fazer o seu commercio, devia haver tambem algumas mulheres publicas, que não receiassem os esbirros, ou que estivessem de accordo com elles para receberem no seu proprio domicilio as offerendas dos transeuntes.

Faltam-nos dados precisos a respeito d'estes estabelecimentos particulares, que, segundo parece, deviam ter sido muito numerosos, na cidade e sobretudo nos arrabaldes.

É provavel que fossem uma especie de lojas com janellas para a rua e porta para um sombrio pateo, como ainda se encontram algumas em varias cidades de provincia e no extrangeiro, especialmente na Hollanda e na Suissa.

A cortezã, que occupa uma d'estas habitações em communicação directa com a via publica, permanece ordinariamente sentada á janella, á caça dos transeuntes. Veste de ordinario os seus melhores fatos, e ainda mesmo que esteja semi-nua, como quem acaba de se levantar da cama, ou como quem está para se deitar, distingue-se sempre pelo minucioso cuidado com que está penteada, e pela quantidade de joias, verdadeiras ou falsas, com que adorna o cabello, as orelhas, o pescoço e a garganta nua. Sorri com o maior descaramento para todos os homens que passam, e chama-os com a voz, com o gesto ou com os olhos.

Eis o que deviam ser, no seculo XVII, as mulheres que exerciam a prostituição no interior dos seus domicilios, por conta propria, isto é, sem pagarem cousa alguma a qualquer medianeiro de libertinagem, e sem se exporem tambem a ver a sua casa qualificada de *mau logar,* patente e notorio. Além d'isso, a maior parte d'ellas tinham maridos, mães, ou parentes, que iam abonar-lhes a conducta, em caso de necessidade, perante o commissario do bairro.

Parece que na interpretação e applicação da lei contra os bordeis publicos, não se comprehendia no numero d'estes logares prohibidos, a residencia domiciliaria de uma mulher só, que, embora fizesse trafico do seu corpo, ficava occulta, com os seus depravados costumes, sob a protecção do principio da liberdade individual.

Quando uma d'essas mulheres recebia alguem, fechava a porta e corria a cortina. Eram, como diz o *Moyen de Parvenir,* p... que exercem o officio, e querem-nos fazer persuadir que estão longe do bordel.»

Não era por um sentimento de pudor, mas sim por medo da policia, que uma prostituta tomava tantas precauções e procurava occultar o uso que fazia do seu tempo, durante certas horas da noite.

Por isso, os libertinos, que conheciam os usos da prostituição, nunca batiam á porta de uma cortezã, quando essa porta estava fechada.

«Tende bem presente, filhos, diz um dos interlocutores do *Moyen de Parvenir,* que se uma rapariga tem a porta fechada, nunca deveis bater. Se ella não estiver á janella ou á porta, é porque está *em serviço.*

É nossa opinião que, seguindo os antigos costumes da prostituição legal, as *mulheres de loja,* como as denominavam no decurso do seculo XVII, deixavam de trabalhar no seu officio, ao soarem *Ave-Marias.* Ao fechar da noite, sahiam das suas espeluncas e iam tomar ar, passeando nas pontes, especialmente na Ponte Nova e nas praças publicas. Em geral, aprazavam para o dia seguinte a continuação das *conquistas,* que logravam fazer, por isso que receiavam mais de noite do que de dia a vigilancia dos esbirros e as multas do commissario.

Apezar d'isso, reuniam-se de preferencia em certos pontos escolhidos onde os libertinos costumavam ir procural-as, e alli se entregavam a jogos, danças e conversações, que de certo não peccariam por castas ou reservadas.

A classica jovialidade franceza, tão abundante de colorido e de trocadilhos engraçados, mantinha os seus direitos n'aquellas alegres assembleias, onde as raparigas chalaceavam e riam a mais não poder.

E' indubitavel que, fieis ás tradicções do lupanar, as prostitutas vinham folgar na obscuridade áquelles pontos da cidade que consideravam como dominio seu, e que haviam effectivamente pertencido aos antigos campos da feira da libertinagem.

A pequena praça do poço de Amor, ou da Ariana, situada na extremidade das ruas da *Grande* e da *Pequena Truanerie*, defronte da rua de Saint-Denis, conservava assim, com o seu celebre poço, sempre caro aos amantes da libertinagem, os privilegios do seu primitivo destino.

Extrahimos dos *Ensaios historicos a respeito de Paris*, uma anedocta recolhida por Poulain de Sainte-Foix n'uma obra, que nos seria difficil designar com a precisão, ainda que nos recordamos de a haver tido em nossas mãos:

«O auctor dos *Acontecimentos nocturnos*, diz elle, pretende que um missionario, prégando uma occasião em Saint-Jacques de l'Hôpital, se indignára a tal ponto contra as entrevistas que se realisavam todas as noites n'aquelle poço, contra as canções que alli se cantavam, contra os juramentos de amor eterno que alli se trocavam como diante do altar, e contra, finalmente, todas as consequencias d'esse poço fatal, que paes e mães, devotos e devotas, dirigiram-se immediatamente ao poço e entulharam-no.»

«Duvido da authenticidade do caso, accrescenta Sainte-Foix, visto me parecer pouco verosimil que Sauval, contemporaneo, não o referisse na sua obra. Em vez d'isto, diz-nos apenas:

«Já vi tirar agua d'aquelle poço, depois vi-o secco, e actualmente está entulhado.»

Sauval, que morreu em 1670 na edade de cincoenta annos, vira na sua infancia e até mesmo na sua juventude, esse famoso poço de amor, ainda então existente, e podia muito bem ignorar a causa da sua destruição, que podemos referir ao anno de 1635, isto é, muito antes do anno em que o archeologo parisiense começou a colligir notas e apontamentos sobre as antiguidades da capital.

N'aquelle tempo, uma cortezã nunca se apresentava sósinha na rua, pelo menos fóra do seu bairro. As prostitutas andavam de ordinario duas a duas para se ampararem mutuamente, e para não fazerem alarde da sua miseravel profissão, que só lhes attrahia injurias e doestos.

Quando ambas eram novas e bellas, e igualmente bem dispostas para lucrarem com o seu officio, repartiam os lucros, e segundo um pacto reciproco, cada qual lucrava com as *boas fortunas* da companheira. Reinava assim entre as duas associadas uma emulação interesseira para se fazerem valer simultanea ou alternativamente.

Era ás vezes difficil fazer a divisão com egualdade, e a mais exigente era quasi sempre a que tivera menos trabalho a ganhar o dinheiro.

Por este motivo, desde que uma prostituta chegava á edade da experiencia, renunciava a estes contractos onerosos, em que o seu interesse não era

menos prejudicado que o seu amor proprio, e fazia-se acompanhar de uma velha, que passava por sua mãe, sua tia, ou sua irmã.

Pelo menos, esta velha só recebia um lucro proporcional aos rendimentos da prostituição por ella favorecida habilmente, e cujo exercicio tinha o maior interesse em não vêr diminuir.

Um epigramma, que a esse tempo corria na côrte contra madame de Simier, a qual se apresentava em toda a parte em companhia de sua irmã mais velha, allude a este costume das cortezãs, que não appareciam em publico senão acompanhadas das suas alcouvetas:

Contre toute loy naturelle,
Vous renversez le droit humain:
La plus jeune est la maquerelle,
Et la plus vieille est la putain.

O eprigramma tinha razão. Contra a lei natural, a Simier derribava os costumes e o direito das cousas. Era a mais nova e servia de alcoveira a sua irmã mais velha...

A Simier, que de tão boa vontade se prestava a favorecer os amores de sua irmã, mademoiselle de Vitry, como que para a consolar de não ter casado, emendou d'esta arte o epigramma, que ao que parece, não a estomagára muito:

Selon toute loy naturelle,
C'est conserver le droit humain:
La plus laide est la maquerelle,
Et la plus belle est la putain.

Quem fallava ahi em derribar os costumes e o direito das cousas?! Estava tudo na melhor ordem. A edade nada tinha com o caso; a questão era outra: a mais feia era a alcoveira e a mais bella a p...!

Escasseiam-nos tambem dados precisos a respeito do preço corrente da prostituição no tempo de Luiz XIII, e vêmo-nos inclinados a suppôr que devia variar até ao infinito, em razão do logar que uma mulher galante sabia conquistar pela sua belleza, pelo seu talento, pelo luxo de que se revestia, ou pela sua reputação, na collectividade das cortezãs.

Beroaldo de Verville diz-nos sómente n'algumas passagens do seu *Moyen de Parvenir,* que a sede insaciavel d'estas mulheres augmentava sempre em proporção da voga que lhes dava a libertinagem da épocha.

Apresenta-nol-as avidas como harpias, e estimula-as a não pouparem a bolsa das suas victimas:

«Lembrae-vos d'isto, oh! p...., diz-lhe: Se quereis trazer um homem pelo beiço, fazei-vos pagar bem. As que *fazem isso* por uma bagatella, não são apreciadas. As que *o fazem valer,* merecem mais que as outras, exactamente como se faz no commercio, onde as cousas de preço mais elevado são as que melhor e mais depressa se vendem.»

N'outra parte, com aquella grosseria de linguagem, que não se usava unicamente nos logares de libertinagem, e que mais se extranha no auctor, por

isso que era conego, estabelece como axioma, «que a *mercadoria* de uma boa rapariga em Paris rende mais que uma boa loja de commercio, e exclama:

«Donzellas, deixae que assim vos tracte a todas para evitarmos zangas e contendas, pensae nos vossos negocios! Sei que algumas ha, que *o fazem* por gosto; são as que sustentam alguns peralvilhos. Outras ha, que só o *fazem* por interesse. *Optimum philosophare, melius vivere,* e por isso vos digo que trateis bem dos vossos interesses.»

Uma scena que devia renovar-se a cada passo, entre estas desgraçadas mercenarias, manifesta-nos bem as artimanhas, de que lançava mão uma mulher esperta na arte de *depennar* o proximo.

Um tal Ruart, amigo de Beroaldo de Verville, encontra por acaso a esposa de um esbirro, moçoila gentil e complacente, *boa mulher,* que parece disposta a tudo. Acceita um convite de Ruart para ceiar com elle, e concede-lhe facilmente as arrhas de um contracto amoroso. Ajustam nova entrevista para o dia seguinte, e determinam aproveitar em casa da mulher a ausencia do marido.

Ruart é pontual, e apenas chega, dá á sua amante um escudo, como paga dos seus serviços. Em quanto a mulher sahe a comprar a comida, Ruart, «para a pôr de bom humor» diz-lhe que aproveita este intervallo para ir alli perto cobrar uns vinte escudos que lhe devem. Volta d'ahi a pouco e commette a imprudencia de mostrar o dinheiro, chegando até a offerecer parte d'elle.

— Guarda-o, meu amigo, diz-lhe ella. E' preciso economisar. Ha mais dias que semanas, e o dinheiro nunca é demais!...

Depois d'isto, acaricia-o e anima-o de tal modo, que sem o pobre dar por isso lhe escamoteia habilmente a bolsa...

Terminada a entrevista, despede o amante, acompanhando-o até á porta com apaixonados beijos, e com os maiores protestos de amor eterno.

A poucos passos da casa, Ruart, até ahi enebriado de ventura, leva a mão á bolsa e encontra-a vasia! Volta furioso a casa da ladra, que se finge perfeitamente surprehendida, como se o visse pela primeira vez. Ruart indigna-se e dá largas á sua colera, dizendo terminantemente que quer o seu dinheiro.

«Ella, fingindo humildade e modestia, parece a mulher mais honrada que cobre a abobada do ceu:

«— Senhor, que faz? Onde imagina que está? Não é assim que se deve tractar uma mulher como eu! Peço-lhe que não me cance a paciencia, porque eu não desejo zangar-me! Ora esta! Perdeu a cabeça? Saia, senhor, saia! Se vem meu marido, o senhor arrepende-se amargamente do seu procedimento!»

Dizendo isto, apanha a capa que Ruart deixara cahir á entrada da porta, em consequencia da violenta agitação que o dominava, e atirando-a pela janella fóra começa a gritar:

— Accudam! Soccorro! Soccorro!

O esbirro, que n'este momento voltava a casa, vendo cahir a capa na rua, apanha-a como legitima presa, e é fama que d'ahi em diante a usou sempre, como se fosse feita para elle.

O pobre Ruart teve de sahir depennado e sem capa, porque os visinhos accudiram aos gritos da pécora, e ameaçaram-no com o commissario, por causa

do escandalo que viera fazer a casa de uma mulher *honrada,* segundo elles diziam, e que, para mais, era mulher de um esbirro...

Este tivera a prudencia de se safar, para não intervir pessoalmente n'uma questão em que a sua cara metade fazia de *virtuosa,* em pról dos interesses e augmentos do casal.

Se em casos como este as mulheres dos esbirros exerciam tambem o *officio,* como poderemos determinar onde começava e acabava a prostituição das mulheres casadas?

De resto, Beroaldo de Verville acha muito natural este caso, incluindo-o no catalogo dos *negocios do mundo,* cap. CIV:

«Emquanto os reis venderem os seus estados e os homens derem o seu dinheiro a um senhor para o servirem, não é para extranhar que as mulheres, chamadas *pécoras, filles de joie, putains, dames d'amour, personnes de liesse,* etc., tomem o dinheiro dos que as servem e se apoderem das nossas boas moedas e de tudo quanto possuimos!»

As prostitutas do seculo XVII eram o que tinham sido em todos os tempos, e são hoje ainda: maldizentes e invejosas umas das outras.

«Murmuram a cada passo uma das outras, diz Beroaldo, cap. CX; são embusteiras e por isso juram a todos os momentos dizer a verdade.»

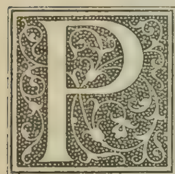
— «Não jures! exclama um dos personagens do *Moyen de Parvenir,* e não estejas para ahi sempre a dizer: *em verdade, juro, affirmo!*»

«As prostitutas, diz ainda mais adiante Beroaldo, são tambem chamadas *loches* e *croches*. As *loches* são umas miseraveis, que não teem senão a pelle e os ossos. Pelo que respeita ás *croches,* são providas e prudentes. Sabem guardar quanto colhem, teem dinheiro e não lhes falta, por isso mesmo, protecção. Todas ellas são preguiçosas, e, comtudo, alimentam com o producto da sua depravação um marido ou um amante, mais preguiçoso ou mais infame ainda do que ellas!»

CAPITULO II

SUMMARIO

Segredos da vida intima das cortezãs. — *O jogo das cerejas*. — O dote de Marciola. — Os *ventos* almiscarados. — A bella Imperia. — Asseio das mulheres dissolutas. — Investigações historicas a respeito das estufas e dos banhos publicos. — Escandalos d'estes asylos da impudicicia. — Os *Gritos* de Paris. — Estatutos dos banhos. — O primeiro barbeiro do rei. — Mysteriosos attributos dos banhos. — A canção dos pobres barbeiros. — A mulher do advogado Libreau. — Receitas depilatorias. — Receitas hygienicas e cosmeticas. — A moda das *pequenas têtas* e a das *grandes têtas*. — O *Pequeno Alberto*. — A *revirginação*. — As depravações dos banhos. — Anathemas dos prégadores. — Os banheiros do seculo XVII. — Colligação dos medicos contra as estufas e os banhos. — Preoccupações populares a respeito dos banhos publicos. — Theophrasto Renaud e o Padre Bailly. — O banho temperado antes das refeições no seculo XV. — Banhos de rio. — Os da porta Saint-Bernard. — As irmãs Loison e a mulher de um conselheiro. — Policia dos costumes nas *Aguas mineraes*. — Ordenação do bailio de Plombières. — Montaigne nos banhos de Roma.



PODERIAMOS agora conduzir o leitor aos gabinetes de *toilette* e até mesmo ás alcovas das cortezãs francezas do seculo XVII, para estudarmos, sob o ponto de vista pittoresco, archeologico e moral, os seus mais secretos habitos, os seus mais singulares usos e os mais pronunciados rasgos do seu caracter; mas, ainda que a França possua, sobre este mysterioso e delicado assumpto, uma obra tão celebre, tão circumstanciada e tão escandalosa como os *Raggionamenti*, em que Pedro Aretino pintou magistralmente a vida professional das cortezãs italianas no seculo XVI: ainda que o tractado sotadico da pretendida Luiza Sigeia, de Toledo, a *respeito dos segredos do amor e de Venus*, (*Aloysiæ Sigeæ Toletanæ Satyra sotadica de arcanis Amoris et Veneris*) nos possa iniciar, com o mais revoltante cynismo, em todas as tacticas da libertinagem, não queremos aventurar-nos a entrar com tão boa companhia na officina infame das prostitutas! Se o leitor tiver pelo assumpto, tractado tambem pelo sabio Chorier com o pseudonymo de J. Meursius, uma grande curiosidade, poderá facilmente consultar o mencionado livro da falsa Luiza Sigeia, traduzido em francez com o titulo de *Académie des dames*, e encontrará alli, com todos os pormenores, o que se passava nos *maus logares* de Paris e das principaes cidades de França.

É certo que a maior parte das prostitutas, conhecedoras emeritas do officio infame, que na maior parte dos casos exerciam desde tenra edade, se prestavam, mais por amor ao lucro do que por libertinagem, aos mais excentricos e depravados caprichos dos seus frequentadores.

Basta, para comprovação do que dizemos, recordar ao leitor o caso que contamos no capitulo anterior do estudante, que quiz ser açoitado durante quinze manhãs consecutivas!

O mesmo Beroaldo conta outra anecdota, que apesar de não se referir a uma mulher dissoluta, nos descreve um d'aquelles licenciosos recreios que os libertinos tanto gostavam de saborear nos logares de prostituição.

Tracta-se do *jogo das cerejas* ou *das nozes*, que uma rapariga, completamente núa, espalhava pelo chão, para depois as apanhar uma a uma.

M. de la Roche estava no seu castello, com um grande numero de fidalgos, seus amigos, quando o seu moleiro lhe mandou de presente um cesto de cerejas.

Este cesto foi trazido ao castellão pela filha do moleiro, rapariga de boas formas, appetitosa e fresca.

O castellão de la Roche, que a esse tempo estava comendo com os seus amigos, recebeu prazenteiramente o presente e a mensageira.

— Olá! disse elle aos seus criados. Vão buscar os quatro melhores lençoes do castello, e estendam-nos aqui no pavimento da sala.

Ninguem sabia qual era a ideia do castellão, mas, não obstante, d'ahi a pouco estavam os lençoes estendidos no chão.

— Agora, despe-te! ordenou elle á rapariga.

A pobre Marciola desata a chorar.

— Ora vamos! Despacha-te, se não queres que me zangue devéras. Quem manda aqui sou eu!

Beroaldo de Verville faz em seguida uma descripção que poderia passar por uma obra prima de estylo e de arte, se se tractasse de um assumpto mais decente:

«A pobresinha despe-se, descalça-se, despenteia-se, e depois, oh perigo! tira a camisa, e completamente núa, começa a espalhar as cerejas por todos os lados sobre os alvissimos lençoes. Era a ordem do castellão; que remedio senão obedecer?!

«Os admiraveis e opulentos cabellos, espalhados como laços de amor ao longo das espaduas, pareciam luctar uns com os outros, enroscando-se amorosamente áquelle tronco, prodigio da natureza, tenro, cheio, gordinho, denunciando na variedade dos gestos um milhão de divinos carinhos.

«As duas pômas, unidas ao seio eburneo, eram sinuosas, elevando-se como ondas de neve a cada movimento da donzella...

«Os olhos lascivos, que seguiam aquellas pernas admiravelmente contornadas, dispostas solidamente pela natureza para maior commodidade do sello do amor, bebiam a longos sorvos os mais deliciosos desejos...

«Havia, porém, um reducto, onde os olhos não podiam penetrar, apesar de se refocillarem á vontade em tantos thesouros amorosamente exhibidos. Era para alli que convergia a curiosidade libertina dos convivas. Era o ponto a que todos os olhares assestavam, o alvo precioso, onde se faz o registro dos mysterios do amor.»

O jogo não consistia apenas em espalhar as cerejas, n'aquelle campo de alvura immaculada, que mais fazia realçar o bello corpo da gentil semeadora: era preciso apanhal-as outra vez para as tornar a metter no cesto!

Este novo exercicio, em que Marciola soffreu a affronta de immolar mais



O jogo das cerejas

ainda o seu pudor á indiscreta concupiscencia dos convivas, permitte a Beroaldo adiantar novos pormenores lubricos á sua descripção:

«Foi então, que apesar das admiraveis precauções de sua dona para occultar aos olhares indiscretos o precioso labyrintho da concupiscencia, o pobre pequenino centro das delicias de Venus teve grande trabalho em procurar movimentos e gestos que o livrassem de ser devassado pelos olhos dos convivas. Aquella belleza completa, aquelle corpo admiravel foi visto em tantos planos tão deliciosos que, decerto, não houve em tempo algum olhos mais satisfeitos do que os d'aquelles felizes convivas!...

«Um exclama: «Não ha perfeição maior no mundo! Nem por cem escudos me privaria agora do prazer que estou gosando!»

«Outro avalia aquella boa fortuna em mais de duzentos escudos. Até um criado diz, tão enthusiasmado como os amos, que não cederia o seu logar no espectaculo por dez escudos!»

Apanhadas por fim as cerejas, e collocadas novamente no cesto, a rapariga obtem a permissão de se vestir, o que faz, vermelha como uma romã, e sem deixar de se desfazer em pranto. Mas o castellão manda-a sentar á mesa, consola-a e serve-lhe os melhores boccados.

Á sobremesa, dirige-se aos seus convivas, e diz-lhes em tom peremptorio:

— Com mil trovões, senhores! julgaes-me por ventura vosso alcoviteiro, vosso Mercurio, vosso fornecedor de carne viva? Por vida minha, companheiros! trovejou elle. Cada um de vós pagará o que offereceu, ou não ficarão hoje aqui nem cabeça, nem pernas, nem tripas em bom estado! Apromptae breve os vossos escudos, se não quereis, pelo ventre de uma p...! que vos arranque os olhos e os...!

Aterrados os convivas com estas ameaças, proferidas em voz de stentor pelo castellão, que era um Hercules, apressaram-se a pagar a somma em que cada qual havia avaliado o prazer fornecido por elle. Reuniram-se d'este modo mil e duzentos escudos no cesto.

—Toma, rapariga! disse o castellão, dando os escudos á filha do moleiro. Leva isto a teu pae, e dize-lhe que o ganhaste bem... honradamente!

Beroaldo accrescenta que as prostitutas, quando se prestavam ao mesmo jogo de Marciola, não ganhavam tanto como a rapariga, e *ficavam melhor do que ella,* querendo dizer com isto que não sahiam do jogo com tanta facilidade, ou com tão pequeno trabalho. (*Moyen de Parvenir,* cap. VIII.)

Outra anecdota, não menos conhecida, introduzida por Beroaldo na sua picaresca e interessante collecção, refere-se a outro extranho refinamento de galanteria, que as cortezãs italianas haviam ensinado ás francezas.

A bella Imperia, famosa corteză de Roma, estava deitada com o senhor de Lierne, gentil-homem francez.

«A impudica, diz Beroaldo, como costumam praticar as cortezãs celebres, fizera uma grande provisão de pequenas bexigas finas e delicadas, cheias de ar almiscarado, segundo um artificio ultimamente inventado por um perfumista da moda.

«Imperia estreitava apaixonadamente o seu amante nos braços, e deixa-

va-se languidamente *amar*. De repente, a dama comprimiu uma das bexigas dissimuladamente, fazendo-a estalar.

«O fidalgo, a quem aquelle som equivoco havia desagradavelmente surprehendido, tirou a cabeça para fóra do leito.

—«Engana-se, meu amigo, disse-lhe a cortezã: não foi o que imagina. É preciso saber, antes de temer!

«Effectivamente, não foi pequena a surpreza do senhor de Lierne, ao aspirar o delicioso perfume que lhe penetrava agradavelmente o olfacto, e perguntou á sua amante se tão delicado perfume provinha de uma causa que lhe fizera receiar um odor menos delicioso para a sua pituitaria.

«Imperia respondeu-lhe que as damas italianas se nutriam de substancias tão aromaticas, e empregavam tantos perfumes no seu toucador, que o corpo lhes exhalava a quinta essencia da ambrozia, como se fora um alambique.

«O fidalgo maravilhado não poude deixar de exclamar:

—«Como! Será certo?! Pois saiba então, minha querida Imperia, que as minhas compatriotas costumam dar ventos muito differentes dos seus!

«A cortezã continuou a bombardear com aquelles effluvios aromaticos o seu amante, innebriado de tanta ventura, até que por fim, agitando-se no leito, soltou um ruido tão natural, que d'aquella vez não fôra decerto uma bexiga que estalára. O francez não se surprehendeu com o ruido, e julgando que o effeito seria como das outras vezes, apressou-se a metter a cabeça debaixo dos lençoes para aspirar o vento balsamico.

«D'esta vez, porém, uma exhalação hedionda e infecta vem de subito offender-lhe o olfacto.

—«Oh, senhora! que fez? exclama elle, tapando assustado o nariz.

—«Meu caro, responde-lhe serenamente a bella Imperia, foi uma galanteria minha, para lhe recordar os costumes das damas do seu paiz!»

E' muito provavel que este engenhoso processo das perfumadas ventosidades italianas fosse importado em França, sob o reinado dos Valois, com os perfumes que Catharina de Medicis poz então tanto em voga na côrte, a ponto dos fidalgos terem os seus perfumistas, e as damas mulheres encarregadas d'este serviço, entre os criados e camaristas da sua casa. Indubitavelmente os *ventos perfumados* não foram uma invenção que as damas galantes de Brantôme deixassem exclusivamente ás cortezãs.

Entre os numerosos cuidados e processos de *toilette*, que constituiam até certo ponto a grande preoccupação das mulheres publicas, devemos especialisar o seu extremo asseio, tanto mais notavel, por isso mesmo que as mulheres honestas d'essa épocha pareciam preoccupar-se muito pouco com essas minuciosas delicadezas, que são o principal ornato da belleza feminil.

Beroaldo diz a este respeito com a sua habitual grosseria de linguagem:

«Os c... nojentos são os das mulheres que fazem filhos, porque todas as immundicies, inclusivamente o excremento, alli se notam, emquanto que os c... das p... são tão a miudo lavados e ensaboados, que não fedem, e até o Aretino lá poude ir metter o nariz para vêr e descrever melhor!»

Já em épochas anteriores pudémos observar quanta preponderencia esta

limpeza dava ás cortezãs sobre as mulheres honradas, que julgariam descer da sua honestidade e assimilharem-se a estas creaturas vis, rebaixando-se ao ponto de cuidarem tanto como ellas do seu corpo.

As esposas nem sequer suspeitavam que a sua austeridade virtuosa e immunda, tão inculta e descuidada nas suas dependencias physicas, constituia frequentemente um objecto de desgosto, e até mesmo de repugnancia para seus maridos.

Somos de opinião que esta immundicie caracteristica das mulheres honestas só começou a ser estabelecida, como principio de virtude, na épocha em que o uso das *estufas* deixou de ser geral, e foram indubitavelmente as prostitutas que, apoderando-se por assim dizer dos banhos publicos, onde iam purificar-se das suas quotidianas impuridades, affastaram successivamente d'estes banhos as mães de familia e as mulheres honestas, ás quaes repugnava a vizinhança indecente das raparigas da prostituição.

A partir d'essa épocha, que podemos referir aos fins do seculo XV, as *estufas*, abandonadas pelas mulheres que se respeitavam e que queriam ser respeitadas, foram quasi exclusivamente invadidas por um tropel de pécoras e de mulheres mal comportadas, e não tardaram a servir de asylo a todas as variedades da mais requintada libertinagem.

É opportuno entrarmos agora em alguns pormenores historicos, relativos a essas *estufas* e banhos publicos, que influiram necessariamente na corrupção dos costumes de França, na Edade-media, exactamente como tinham influido nos de Roma antiga.

«Durante seculos, diz o auctor da obra *Danse macabre*, onde a questão se encontra tractada sob o ponto de vista de que nos occupamos aqui, o banho constituiu uma parte integrante da hygiene dos cidadãos, que viviam habitualmente em ruas sujas e infectas.»

É de crêr que esta moda cahisse em desuso no tempo dos reis da segunda raça, mas vemol-a renascer no principio das cruzadas, com um esplendor que durou até meiados do seculo XVII, quando a medicina demonstrou os perigos dos suores provocados com demasiada frequencia ou inopportunamente.

É provavel que as cruzadas, que das suas viagens ao oriente importaram tantas cousas desconhecidas, dessem novamente voga aos banhos, e sobretudo ás estufas que haviam sido as suas delicias n'esses paizes voluptuosos. Pouco mais ou menos d'essa épocha (seculo XII) data uma extraordinaria multiplicação de estufas em Paris, a ponto de em cada rua se encontrar pelo menos uma.

Duas ruas conservaram até nossos dias nos seus nomes a prova do seu antigo destino, a das *Vieilles-Étuves*, no bairro de Saint-Eustache, consagrada aos banhos dos homens; e a *des Étuves*, no bairro de Saint-Martin, aos banhos das mulheres.

Antigas plantas da cidade indicam ainda a situação de varias estufas (*Stuffæ*, em latim,) nas ruas de *Pierre Sarrasin*, da *Huchette* e da *Arbalette*.

Em vão os sexos estavam divididos n'estes estabelecimentos publicos: os maus costumes aproveitaram-se da facilidade, que lhes dava uma instituição tão favoravel ao mysterio.

Os banhos de Paris nada tiveram então que invejar aos da Roma dos Cesares. O amor, a prostituição e a libertinagem attrahiam o maior numero de proselytos a esses estabelecimentos thermaes, que tudo encobriam sob o mais discreto véu.

Os serventes, homens e mulheres, d'aquelles sanctuarios do vicio, auxiliavam ou proporcionavam as correspondencias, as entrevistas e os prazeres. A's vezes, uma communicação secreta reunia as estufas dos homens com as das mulheres, succursaes *honestas* dos logares de infamia!

Não obstante, apesar do escandalo, apesar das declamações dos prégadores e das prohibições dos anciãos, todo o mundo ia ás estufas. Os pobres misturados em vastos calefactorios com grades; os ricos em confortaveis gabinetes particulares. Quanto aos banhos, cada palacio tinha uma habitação preparada para se tomarem tepidos ao meio dia.

Em 1292, Paris contava vinte e seis grandes estufas, segundo o registro do imposto lançado n'esse anno. No seculo seguinte, esse numero duplicára.

Cada barbeiro, *étureur* ou *éturiste*, podia ter na sua loja um banho para homem ou para mulher.

Ao despontar do dia, os pregoeiros annunciavam pelas ruas que os banhos estavam preparados. O *grito*, ou pregão dos *banheiros* encontra-se mencionado no poema ou *dit* das *crieries* de Paris, no seculo XIII:

Oiez qu'on crie au point du jour:
«Seigneur, qu'or vous allez baigner
«Et estuver sans deslaier;
«Li bains sont chaut, c'est sans mentir!

«Ouvi o que por ahi gritam ao amanhecer: Senhor, se quereis ir banhar-vos ou *estufar-vos* sem demora, os banhos estão quentes, sem mentir!»

O *Livro dos Officios*, de Estevam Boileau, onde no cap. LXXII se encontram os *Estatutos dos banheiros*, não perdia de vista o interesse dos bons costumes:

«*Que nuls estuveurs ne soustiègne en leurs mesons bordiaus, de jour ni pe nuit; mesians ni meseles ni autres gens diffamés de nuit:* Que nenhum banheiro admitta em sua casa, nem de dia nem de noite, gente bordelaria, nem leprosos nem leprosas; nem outras pessoas de má fama, durante a noite.»

Uma ordenação de 1498, relativa aos officios, offerece analogas disposições:

«Nenhum banheiro, diz, que tenha estufa para homens, poderá mandal-a aquecer por mulheres, nem, pelo contrario, o que a tiver para mulheres poderá fazel-a aquecer por homens, sob pena de 42 soldos *parisis*, de multa.

«Item: Nenhum banheiro permittirá ou tolerará bordel.

«Item: Não permittirá a entrada nas estufas a varão menor de sete annos, sob pena de 10 soldos de multa.» (Extractos dos Registros manuscriptos do Tribunal de Contas. V. tambem o diccionario encyclop. da França, por M. Lebas, palavra *Étuves*.)

E' muito de presumir que tão sensatas disposições fossem motivadas por graves e repetidos escandalos.

Parece que as estufas e os banhos publicos não timbravam tambem por honestos nas cidades de provincia, por isso que vemos, por exemplo, que os magistrados de Dijon se viram obrigados, em 1409, a prohibir aos homens a entrada nas estufas, nos dias exclusivamente reservados aos banhos das mulheres.

«E se algum, diz aquelle regulamento, quizer misturar-se á força com as mulheres, pagará 60 soldos de multa.»

Poderiamos citar, em caso de necessidade, grande numero de regulamentos municipaes e de ordenações reaes, que tiveram por fim proteger o pudor das mulheres n'aquelles estabelecimentos, onde estavam, por assim dizer, á mercê do banheiro.

N'um edicto relativo ao primeiro barbeiro d'el-rei e aos seus direitos e privilegios, datado de maio de 1575, Henrique III encarregava-o da vigilancia da moralidade de todos os mestres barbeiros de Paris.

Eis o artigo 6.º d'esse edicto:

«Nenhum mestre barbeiro, ou cirurgião, ou as suas viuvas poderão exercer o seu officio, se não tiverem vida exemplar e honesta conversação. E aquelles em cuja loja, ou casa, se encontrar bordel ou alcoveiras, ou outras cousas infames, ficam desde esse momento privados dos seus privilegios, e além d'isso, todos os utensilios pertencentes ao seu officio serão aprehendidos e confiscados, applicando-se metade d'elles ao Nosso thesouro, e a outra metade ao Nosso primeiro barbeiro.»

É claro que os barbeiros-banheiros não poderiam a miudo justificar a *vida exemplar* e a tal *honesta conversação,* que a lei lhes exigia.

A maior parte d'elles não tinham o menor escrupulo em viver a expensas da prostituição, que havia assentado arrraiaes nas suas lojas e estufas.

«Os barbeiros-banheiros, lê-se ainda na *Danse-macabre* (cap. v), que serviam por corporações estes depositos de impurezas, não se limitavam ao papel de complacentes e corretores de galanteria. Manejavam habilmente a navalha e a lanceta, cortavam o cabello, faziam a barba, curavam e cauterisavam as chagas, vendiam certos unguentos e praticavam um pouco a medicina, embora fossem extranhos á Faculdade.»

Razão tinha, pois, a previsão da auctoridade em exigir que todos os barbeiros se recommendassem á confiança dos seus freguezes pela honestidade dos seus costumes e do seu caracter industrial.

É difficil acreditar-se nos nossos tempos qual era então um dos indecentes e extranhos serviços, que d'elles reclamavam os homens e as mulheres que frequentavam as estufas.

Não sabemos em que épocha se estabeleceu em França o costume de *faire le poil,* como então se dizia, isto é, de adornar o rosto, cortar ou arrancar com pinças todo o cabello que apparece em certas partes do corpo em ambos os sexos. Este costume, ao que parece, foi trazido do Oriente com os banhos de vapor, mas não se propagou em França até ao fim do seculo XV.

Os homens e as mulheres, que se prezavam de ter uma vida exemplar e casta, haviam imaginado fazer desapparecer no todo ou em parte o que então se chamava *pello vergonhoso* (*poil honteux*). Apenas os libertinos e as mulheres levianas, em vez de se sujeitarem a uma tosquia periodica, penteavam, frisavam e perfumavam com os mais variados requintes de sensualidade todos os cabellos, qualquer que fosse a parte do corpo em que elles estivessem.

No tempo de Francisco I, o mister secreto dos barbeiros, *étuvistes* envolvia singularissimas operações de confiança, e assim se comprehende que mais de um barbeiro fosse honrado com o epitheto de *pessoa discreta*, no seu epitaphio.

Quando el-rei, ferido na cabeça em 1515, fez cortar o cabello e deixou crescer a barba, toda a côrte, e pouco depois toda a nação, usou como elle o cabello curto e a barba crescida.

Clemente Marot compoz em honra d'esta revolução da barba e do cabello o famoso *Rondeau des barbiers*, que não foi impresso até 1544, na *Recompilação de verdadeira poesia franceza, extrahida das obras de muitos poetas.*

Eis esse *rondeau*, que nos dá a conhecer uma das mais mysteriosas attribuições do *étuviste*:

Pauvres barbiers! bien estes morfondus
De voir ainsi gentils hommes tondus
Et porter barbe; or advissez comment
Vous gaignerez, car tout prémièrement
Tondre et peigner ce sont cas défendus.
De testonner, on n'en parlera plus:
Gardez ciseaux et rasouers esmoulus:
Car desormais vous faut vivre autrement.
Pauvres barbiers!

J'en ay pitié, car plus comtes ni ducs
Ne peignerez: mais, comme gens perdus,
Vous en irez bésongner chauldement
En aquelque estuve, et là, gaillardement,
Tondre maujoint ou raser Priapus.
Pauvres barbiers!

«Pobres barbeiros, como estaes afflictos ao vêr os fidalgos de cabello curto e de barba comprida! Como haveis de ganhar a vida?! Em primeiro logar, cortar o cabello á moda antiga e pentear são cousas prohibidas. De fazer a barba não se tornará a fallar. Guardae as tesouras e as navalhas afiadas, que d'ora ávante tendes de viver d'outro modo. Pobres barbeiros, causaes-me pena! Não tornareis a pentear nem condes nem duques; pelo contrario, como a gente perdida, tereis de ir trabalhar n'alguma estufa, e alli, fazendo das tripas coração, será vosso destino barbear Priapos, pobres barbeiros!...»

Uma anecdota do *Moyen de Parvenir* prova-nos que nos ultimos annos do seculo XVI uma mulher não ia ás estufas sem fazer escanhoar todo o pello das partes vergonhosas do corpo.

«A mulher do advogado Libreau tinho ido um dia ás estufas com algu-

mas damas suas amigas, e isto com licença do marido, que era muito sovina, pelo que, sabendo as referidas damas que elle só lhe déra um quarto de escudo, resolveram pregar-lhe uma pequenina peça, o que levaram a cabo.

«A dama voltou a casa, e á noite, quando o marido, depois de se deitar começava a acaricial-a e a dispor as figuras para o bello jogo do amor, deu por uma cousa devéras esquisita! a sua companheira tinha nas regiões de Venus apenas cabello de um lado!...

— Olá! Que é isto, minha querida? Pois serviram-te tão mal! O teu c... é de um lado velho e do outro novo!...

— Ahi tens tu, meu amigo! disse ella sem perder o sangue-frio. Fizeram a obra exactamente como a paga. Pedi-te meio escudo... porque não m'o deste? Resultou d'aqui escanhoarem-me só metade do pello. É muito justo, não achas? Paguei a meias, fui servida a meias, bem vês!...

Esta observação fez com que no dia seguinte o marido lhe desse meio escudo, para que lhe fizessem no banho o serviço completo.

Em tempo de S. Luiz, o banho de vapôr só custava dois dinheiros, e o banho de agua quente, quatro. (*Livro dos officios*, de Estevam Boileau.) Mas o serviço do barbeiro, serviço muito menos delicado então que dois seculos depois, não estava comprehendido n'este preço.

Brantôme, nas suas *Damas galantes* (discurso II), registra os differentes processos de que as damas do seu tempo lançavam mão, cada qual segundo o capricho ou o gosto do seu amante, nas coisas mais intimas e secretas da *toilette*.

«Umas, diz elle com um cynismo, que chega a ter uma pontinha de ingenuidade, usam o cabello das partes secretas sem ser frisado, mas tão comprido e liso que até parece os bigodes de um sarraceno, e apesar d'isso, não o cortam nunca, antes se comprazem em o usar assim... Outras, pelo contrario, gostam de o trazer rente como a barba de um presbytero.»

Estas ultimas eram as mulheres honradas, que haviam adoptado o systema mais radical, afim de evitarem cuidados muito minuciosos e sempre repugnantes para ellas.

As outras, para as quaes era uma grata occupação conservar a formosura e a limpeza do corpo, deviam ser, pelo menos na maior parte dos casos, cortezãs, ou mulheres por conta de um amante.

Não obstante, grande numero das que por penitencia, por medida sanitaria, por preoccupação, ou por calculos de preguiça, não queriam conservar cabello em parte alguma secreta do corpo, não recorriam directamente aos barbeiros. Serviam-se de pós e de unguentos depilatorios, que os banheiros fabricavam, e que cada qual podia empregar por si só, na meia obscuridade de uma sala de banho.

Eis entre outras uma receita que encontramos na *Collecção de receitas uteis*, vasto repositorio de segredos e remedios mais ou menos estramboticos, traduzida do italiano no seculo XVI, e varias vezes reimpressa até nossos dias para uso do vulgo, com additamentos tão singulares como a compilação original. Intitula-se a receita de que fallamos:

«*Receita para fazer com que o cabello ou pello cáia de repente, de qualquer sitio que queiras, a uma pessoa:*

«Toma de cal viva, acabada de tirar do forno, oito partes; uma parte de maçã de cypreste; mistura bem e reduz a pó, que deixarás em lexivia forte, dentro de uma panella nova bem estanhada, perto do lume, e mecherás tudo muito bem mechido até que se torne espesso. Se quizeres saber quando está prompto, é facil: pega n'uma penna de pato e mette-a dentro da mistura. Se a penna perder o pello, está prompto; se não, torna a levar ao lume até que vejas a penna pellada. Quando quizeres servir-te d'esta mistura, vae a uma estufa, ou logar quente, ou banha com agua quente a parte que quizeres depilar. Applica a essa parte, logo em seguida, a dita mistura, e o pello desapparecerá. É preciso notar mui particularmente que logo ao sentires o calor da pelle depilada muito forte, deves lavar-te sem perda de tempo com agua quente, para que a pelle não se deteriore ou corrompa.»

Não era esta, como é bem de suppôr, a unica receita dos banheiros e outra gente das estufas para evitarem a intervenção directa e manual dos barbeiros, n'aquella delicada funcção da *toilette* das suas freguezas.

As pessoas, que frequentavam habitualmente as estufas, recorriam á sciencia e á habilidade do barbeiro n'um sem numero de casos em que a sua discrição podia pôr-se á prova.

O barbeiro recebia as mais intimas confidencias, tanto em materia de doenças ou de garridice, como em assumptos de amor. Geralmente era elle quem curava as enfermidades venereas, quem preparava as drogas que essas enfermidades precisavam, e quem fazia as operações cirurgicas exigidas pela gravidade do caso.

Os medicos, e com especialidade aquelles cuja clientella se compunha de gente rica, ter-se-hiam julgado deshonrados, applicando a sua arte á cura do venereo, ou *grosse vérole,* como já dissemos n'outro logar.

Pelo contrario, o barbeiro estava sempre prompto para isso, e como de direito lhe incumbia este ramo de medicina secreta, era insigne na composição de unguentos e xaropes, que saravam em breve tempo os mais rebeldes cancros e as ulceras mais malignas.

E não se limitava apenas a curar os envenenamentos de Venus. Tinha além d'isso mil receitas empiricas contra todos os flagellos externos, que affligem o homem e a mulher mesmo no estado de saude. As dores de dentes, dos ouvidos, dos olhos, etc., etc. eram especialidades da sua competencia. Sabia tambem uma infinidade de segredos maravilhosos para branquear a cutis, conservar o cabello, tirar as borbulhas e manchas da pelle, matar os piolhos e toda a especie de parasitas, tingir os labios e applicar arrebiques especiaes ao rosto das mulheres.

Mas onde ninguem lhe levava a palma era na confecção de saboes, essencias, pastas odoriferas, pomadas, emplastos, arrebiques, tinturas, oleos e cosmeticos...

Se uma rapariga queria tornar-se verdadeiramente bonita, recorrendo a artificios engenhosos, o barbeiro classico, cavalgando os oculos no nariz aduneo,

tirava esta formula do seu *Receituario*, verdadeiro thesouro de segredos miraculosos:

«Toma uma porção de favas, grãos e feijões, tritura-os, e demolha o pó resultante em agua quente, clara de ovo e leite de burra. Põe depois a seccar esta mistura, e quando a quizeres usar, desfarás uma porção d'ella em agua commum, com a qual lavarás a cara, e te farás clara e bella.»

Desejava-se um remedio contra o mau halito? Era facil. A troco de meio escudo, o barbeiro desencantava do seu thesouro a seguinte receita:

«Tomarás de pó de salva uma onça; de flôr de rosmaninho, tres onças; de cravo-especiaria, cinco drachmas; de canella em pó, uma; e um grão de almiscar, ou mais, se quizeres. Depois juntarás tanto mel quanto julgares necessario para encorporar a sobredita mistura, da qual tomarás, quando te parecer, o tamanho ou a grossura de uma fava, ou noz, como melhor te approuver. Esta composição é util e proveitosa ao estomago, e produz um halito agradavel.»

O barbeiro das estufas era, como vêmos, a providencia das mulheres e particularmente das cortezãs, que lhe deviam em parte os seus mais seductores attractivos.

Uma das bellezas que mais se apreciavam nas mulheres d'aquelle tempo, era um peito pouco desenvolvido, mas redondo e firme. Os barbeiros vangloriavam-se de obter este resultado tão desejado, com o auxilio de diversas misturas de substancias animaes e vegetaes, que sómente podiam operar sobre a imaginação.

Eis um dos segredos recommendados pela *Collecção de receitas:*

«*Receita para fazer com que as têtas pequenas se conservem sempre no seu tamanho, e com que as grandes se tornem pequenas:* — Toma fressura de lebre e mistura-lhe egual quantidade de mel commum, e com isto farás um emplasto, que applicarás sobre as têtas e nos seus arredores, e refresca o dito emplasto todas as vezes que seccar.»

Esta receita era por certo tão innocente como a seguinte, que só parece mais complicada:

«Toma medulla de pés de carneiro, a porção que quizeres, e derrete-a a fogo lento, com a terça parte de igual quantidade de cera virgem lavada em agua de rosas, até que se torne muito branca. Depois tomarás succo de azedas, vinagre branco e claro, de ambas as cousas egual porção, e lavarás as têtas primeiramente com o succo de azedas e o vinagre misturados, untando-as em seguida com a medulla e a cera virgem derretidas juntamente. Feito isto, polvilhal-a-has com incenso em pó subtil, e deves fazer isto varios dias seguidos.»

Este tractamento não dava muitas vezes o exito desejado, mas ninguem imputava a culpa aos barbeiros, nem ás suas drogas, que toda a gente reputava infalliveis nos seus effeitos. Preferia-se attribuir a inefficacia dos resultados a influencias planetarias ou a causas desconhecidas...

Emquanto durou a moda das pequenas têtas em França, emquanto as damas da côrte procuraram os modelos do seu bello ideal nas pinturas e estatuas da eschola de Fontainebleau, que havia posto em moda a pequenez do seio, os barbeiros só se occuparam de combater as demasias do peito das recem-casa-

das e até das solteiras; mas, quando a moda apresentou a phase opposta, no reinado de Anna de Austria, que não foi nem podia ser indifferente á rehabilitação dos grandes peitos, ella tão bem fornecida n'este ponto! os pobres barbeiros viram-se de repente obrigados a reparar a insufficiencia da natureza, e as suas receitas para fazerem engrossar os seios não tiveram provavelmente mais efficacia do que as outras até então destinadas a diminuir-lhes o volume.

Uma d'estas receitas foi vendida pela famosa *adivinhadora* Voisin a uma dama da côrte, que lhe escrevia em estylo laconico:

— «Quanto mais esfrego, menos cresce.»

As mulheres mais honestas não se envergonhavam de consultar os barbeiros, e de seguirem as suas prescripções, nos mais delicados pormenores da vida conjugal.

Póde affirma-se sem receio que os barbeiros haviam inventado este incrivel processo de conhecer a qual dos dois esposos, ha muito tempo casados, devia attribuir-se a culpa da esterilidade da sua união:

«Tomarás duas tijellas, diz o auctor da *Collecção de receitas,* e em cada uma d'ellas deitarás farello de trigo, de centeio ou de milho, á vontade. Farás depois d'isto urinar n'uma das ditas tijellas o homem e na outra a mulher, e deixarás repousar o conteúdo durante tres dias. Observa findo o praso as tijellas, e verás que a pertencente á pessoa esteril terá bichos e a outra não, pelo que virás ao conhecimento de que a pessoa cuja urina criou bichos tem a culpa da sua semente não produzir fructo...»

Ás vezes uma mulher honrada via-se atormentada pelo demonio da luxuria, e quando o marido não estava ao lado d'ella para exorcismar o insidioso tentador, bem ou mal, de balde empregava o seu latim o confessor da lubrica dama. Era preciso, pois, que o barbeiro encontrasse um remedio prompto e conveniente contra taes ardores excitados pelo inferno, e o homem salvador pedia apenas algumas moedas de prata por esta poderosa receita:

«Toma betonica, fumaria e vinagre, e faz com que a dama beba esta infusão á noite e de manhã.»

Esta receita innoffensiva estava ao alcance de toda a gente, mas a que o *Pequeno Alberto* prescrevia então para o mesmo effeito, não era talvez mais efficaz para as mulheres luxuriosas, embora fosse de uso menos frequente:

«Reduze a pó, diz o auctor dos *Segredos maravilhosos da magia natural e cabalistica do Pequeno Alberto* (edição de Colonia, 1772, in-12) o membro genital de um touro vermelho, e mistura o peso de um escudo d'este pó, diluido em caldo, em que entre vitella e alface, á mulher demasiado lasciva, e não se verá mais importunada, tendo pelo contrario aversão ao acto venereo.»

Os barbeiros consultavam a miudo os oraculos do *Pequeno Alberto* (*Alberti Parri Lucci Libellus de mirabilibus Naturæ arcanis.*) que não é mais que um compendio do celebre tractado *De secretis virorum et mulierum,* attribuido a Alberto Magno, traduzido e impresso em francez, em fins do seculo XV com este titulo: *Les secrets des femmes et hommes.*

D'estes segredos não podemos deixar de mencionar um, que era essencialmente da competencia dos barbeiros das estufas. Não temos á mão o texto

latino d'esta receita, e precisamos por isso de, não obstante a sua indecencia, irmos buscar a traducção modernisada do *Pequeno Alberto,* que os mais illustres senhores e as mais distinctas damas sabiam de cór no seculo XVII.

Eis o modo como esta ingenua pharmacopeia ensina a

Reparar a virgindade perdida: — Tomarás meia onça de terebentina de Veneza, um pouco de leite que se espreme das folhas dos espargos, a quarta parte de uma onça de crystal mineral, deitado de infusão em summo de limão, ou de maçãs verdes, e a clara de um ovo fresco batido com uma pouca de farinha de aveia. De tudo isto farás uma pilula que tenha alguma consistencia, e introduzil-a-has na *natureza* da rapariga desflorada, depois de a teres seringado com leite de cabra e untado com pomada alvissima. Logo que tenhas praticado esta operação quatro ou cinco vezes, observarás que a rapariga volta a um estado capaz de enganar a matrona mais sabida, que quizer revistal-a. A agua de matricaria, destillada em summo de limão, applicada em injecção varios dias consecutivos á rapariga, produz o mesmo effeito, tendo-se anteriormente untado a parte com pomada, como já dissemos.»

Poderiamos encher um volume, compilando todos os engenhosos processos que se punham em pratica, para destruir os vestigios da desfloração virginal.

Por mais habeis que fossem os barbeiros na arte de restituir ás mulheres as apparencias da virgindade, é claro que as prostitutas velhas deviam saber mais do que elles sobre este capitulo, que tão importante papel desempenhava no trafico da prostituição.

As fornecedoras da libertinagem sobresahiam na arte de enganar o publico a respeito da qualidade da mercadoria, e apresentavam cinco ou seis vezes como virgem uma desgraçada, que em muitos casos acabara de dar á luz um filho.

Régnier, no *Discurso de uma velha alcoviteira,* falla de tão extranhas metamorphoses. Ouçamos a *Celestina,* contando a sua historia:

Je ne fus pas longtemps pucelle :
Un chevalier d'autorité
Acheta ma virginité
Et depuis avec qu'une drogue,
Ma mère, qui faisait la rogue,
Quand on me parlait de cela,
En trois jours me repucela.
J'étais faite à son badinage.
Après, pour servir au ménage,
Un prélat me voulut avoir ;
Son argent me mit en devoir
De le servir et de luy plaire :
Tout peine requiert salaire.
Puis après, voyant en effet
Mon pucelage tout refait,
Ma mère, en son métier sçavante,
Me mit une autre fois en vente.

O leitor que não souber francez, talvez estime encontrar aqui a traducção d'esta curiosa historia de trapaças:

«Não fui por muito tempo donzella: um homem de boa posição comprou a minha virgindade, e depois, com o auxilio de uma droga, minha mãe, que se fazia fina, quando me fallavam *da tal cousa,* em tres dias fez-me outra vez donzella. Eu já estava acostumada a isto. Um prelado quiz pouco depois tomar-me para servir em sua casa. Tinha dinheiro, e era generoso, razão de mais para eu o servir de boa vontade, e para procurar agradar-lhe; todo o trabalho requer salario. Refeita novamente a *minha virgindade,* minha mãe, mestra no seu officio, apressou-se a pôr-me outra vez á venda.»

Dissemos o sufficiente a respeito dos barbeiros das estufas, para informarmos o leitor de todos os generos de serviços secretos por elles prestados ás mulheres e aos homens, que frequentavam as estufas e os banhos, especialmente aos libertinos e ás cortezãs que se encontravam sem cessar n'aquelles logares, em que a prostituição havia assentado os seus arraiaes.

É sabido que um synodo de Avinhão havia declarado em 1441 as estufas de Pont-Troucat, estabelecidas n'aquella cidade papal, eguaes em perversão aos prostibulos *(prostibulosæ)*, visto commetterem-se n'ellas, publica e audaciosamente, actos infames de prostituïção.

Olivier Maillard, Menot e outros muitos prégadores do seculo XV, tinham razão de sobra para apontarem as estufas publicas á reprovação das pessoas honradas.

«Senhoras, não vão ás estufas! exclamava o fogoso Maillard, nem façam n'ellas o que sabem!»

Menot dizia aos seus ouvintes:

«*Quando ibitis ad nuptias, ad choreas, ad convivia, ad stuphas vos balneare, induamini ut placuerit.*»

O prégador censurava-lhes d'este modo o apresentarem-se no sermão na mesma indecencia com que iam aos banhos publicos.

A's vezes não só se celebravam nas estufas de Paris entrevistas amorosas, mas até se davam alli banquetes, danças e orgias obscenas.

Bastar-nos-ha citar aqui, como prova d'esta asserção, uma composição poetica, demasiado livre, impressa em 1541, e intitulada *O Banquete das criadas graves celebrado nas estufas.*

Já tivemos occasião de observar que estas criadas n'aquelle tempo differiam bem pouco das prostitutas, porque se vendiam ao primeiro adventicio. A propria policia não as distinguia dos vagabundos e da gente sem occupação e sem domicilio.

Cahiram em tal descredito as estufas, no principio do seculo XVII, que eram apenas frequentadas por mulheres publicas e libertinos infames, acabando por desapparecerem por si proprias, sem que a auctoridade municipal tivesse de as mandar fechar. Sobreviveram-lhes apenas os banheiros, que recebiam em suas casas duas ou tres pessoas ao mesmo tempo, ás quaes sob pretexto de fazer a barba, ministrar um banho a vapor, sangrar, etc; proporcionavam aventuras galantes, tanto aos homens como ás mulheres. *Aller coucher chez le baigneur,*

ir dormir a casa do banheiro, é uma phraze que se encontra a cada passo nas *Historietas,* de Tallemant des Reaux, e nos mais honestos escriptores contemporaneos. Equivalia a dizer que se passava a noite n'um logar bordelario, e a verdade era que os mais poderosos fidalgos iam fazer orgias a essas casas suspeitas.

Temos, no emtanto, de confessar que os escandalos de que as estufas e os banhos publicos eram theatro quotidianamente, não foram a causa unica da sua decadencia e abandono.

Muito antes dos magistrados, já os medicos se haviam colligado contra estes estabelecimentos, que se lhes afiguravam tão perniciosos para a saude como para os bons costumes.

«O banho que não é indicado pela medicina nem tomado por necessidade urgente, dizia Theophrasto Renaudot, n'uma conferencia publica, é não só superfluo, mas até mesmo prejudicial aos homens.»

E accrescenta, pouco depois, em abono da sua opinião condemnatoria, tanto dos banhos de vapor como dos de agua quente:

«O banho deve tomar-se depois de feita a digestão, e nós não sabemos quando esta funcção organica está terminada. Deve tomar-se tão sómente, quando o corpo está purgado, o que não acontece o miudo como é mister. De outro modo, remove as fluxões aos que estão repletos e são sujeitos a catharros, enche a cabeça de vapores, é inimigo dos nervos e ligamentos, que relaxa, de maneira que nunca o doente começa a sentir a gota, senão depois de se haver banhado. Mata o fructo no ventre materno, ainda mesmo quando seja demasiado quente. E' prejudicialissimo aos que padecem de dartros e erysipelas, ás pessoas gordas e repletas, e em geral a todos aquelles que não estão habituados.»

Não pára aqui a guerra dos medicos. Os homens da sciencia, que tinham o maior empenho em vêr acabar a paixão dos banhos publicos, em que os seus émulos, os barbeiros-cirurgiões, reinavam sem rival, começaram a espalhar os mais ridiculos boatos e as mais singulares preoccupações a respeito d'esta especie de banhos, onde se succediam ou se encontravam pessoas pertencentes ás classes mais depravadas da população.

Houve de repente como que uma especie de panico, ao lembrar-se toda a gente de que as enfermidades epidemicas, contagiosas e sobretudo vergonhosas, podiam communicar-se no banho ás pessoas sãs, que tivessem a desgraça de occupar o logar de algum enfermo.

Espalhou-se que as estufas haviam contribuido para multiplicar os casos de syphilis, e isto começou a causar o maior horror aos frequentadores d'estes banhos. Mais ainda: pretendeu-se que algumas mulheres honradas e bastantes raparigas casadouras haviam ficado gravidas, sem o saberem, depois de terem absorvido as emanações prolificas, deixadas na agua ou no vapor, manchado pelo contacto do sperma...

Tão absurda crença havia sido defendida por varios doutores da faculculdade, que acabaram d'este modo por desthronar o uso inveterado das estufas e dos banhos publicos.

Pedro Bailly, nas suas *Questões naturaes e curiosas,* teve a coragem de

elevar a voz contra similhantes absurdos, espalhados de proposito pelos seus collegas.

Diz este illustre homem da sciencia:

«É impossivel que uma mulher ou uma donzella possam conceber no banho da sperma de um homem alli espalhada. Não quero com isto offender ou desgostar aquella joven, que para se desculpar ou encobrir a sua vergonha, allegou n'outro tempo haver-lhe isto mesmo succedido. A gente bonacheirona de outro tempo deu algum credito a este absurdo, e até se escreveu sobre o assumpto, como de uma cousa que tivesse probabilidades de ter succedido. Pela minha parte, sustento e affirmo que isto não póde ser, ainda mesmo que o banho esteja quente. A razão é, porque os espiritos que acompanham o sperma se dissipariam em breve n'uma porção de agua como a do banho, e durante elle até me offerece algumas duvidas que uma mulher, mesmo exercendo o coito, possa conceber.»

Bailly, por querer provar demasiado, chega a uma conclusão que a experiencia e a critica fizeram abandonar mais tarde.

De resto, como dissemos já, os banhos de agua quente e de agua fria nunca haviam sido geralmente usados até áquella épocha. Reservavam-se especialmente para circumstancias, em que se recommendavam por motivo de saude. Não obstante, o uso de um banho tepido antes de comer era um dos requisitos mais notaveis do luxo das classes medias no seculo XV.

Lê-se na *Chronica escandalosa do rei Luiz* XI:

«No dia 10 de setembro de 1467, a rainha, acompanhada da senhora de Bourbon, da senhora Bonne de Saboya, sua irmã, e de muitas outras damas do seu sequito, ceiaram em casa de messire Jean Dauvet, primeiro presidente do parlamento, e foram recebidas e festejadas com muita distincção e respeito. O dono da casa mandou preparar quatro banhos magnificos e ricamente adornados por suppôr que a Rainha quizesse banhar-se, o que ella não acceitou por se sentir um pouco incommodada, e o tempo estar alguma cousa mau. N'um dos ditos banhos, porém, banharam-se as senhoras de Bourbon e de Bonne de Saboya, e n'outro contiguo, a senhora de Montigut e Pierrette de Choston, amante do rei, e todas se divertiram muito e de grande.»

Os banhos de rio não começaram a estar em voga até fins do seculo XVII, quando Paris não possuia outras estufas e banhos publicos, senão os dos *barbeiros-banheiros*.

Foram primeiramente estabelecidos no Sena, para lá da porta de Saint-Bernard, situada no molhe da Tournelle, grandes barcas, chamadas *tones*, em volta das quaes se levantaram barracas, que serviam de sala de banhos a homens e a mulheres

Bem depressa o bello sexo ganhou paixão por esta nova especie de banhos e mulheres de todas as classes accudiam alli, com o mesmo enthusiasmo com que antigamente iam ás estufas.

Não tardou, porém, a notar-se que os costumes não haviam lucrado muito com esta variação da moda, porque as mulheres galantes da épocha iam banhar-se alli em companhia de seus amantes.

As conversas nada edificantes d'estes alegres e estouvados pares, os seus gritos, ás vezes lubricos, e as suas gargalhadas indecentes puzeram em fuga as mulheres honradas, que não podiam luctar em audacia e descaramento com aquellas doidivanas, sempre dispostas a insultal-as e a fazer-lhes subir a côr ao rosto.

Os banhos da porta de Saint-Bernard foram bem depressa abandonados pela boa sociedade, acabando por ficar a sua clientella reduzida a prostitutas e libertinos.

Uma anecdota, contada por Sainte-Foix, nos seus *Ensaios historicos sobre Paris,* mostrar-nos-ha o que eram n'aquelle tempo os banhos de rio nas suas ligações com a prostituição:

«Nos fins do seculo passado, diz Sainte-Foix, estavam em moda os banhos da Porta de Saint-Bernard. Um dia, as duas irmãs Loison, cortezãs famosas, estavam tomando banho, e tinham junto da sua barraca *Monseigneur le Duc*, (O duque de Bourbon-Condé,) e grande numero de fidalgos da côrte. A esposa de um conselheiro, que estava tomando banho junto d'ellas, disse a uma das suas amigas:

—«Anda cá para baixo, menina, que estão ahi as Loison!...

«As duas irmãs ouviram-na, e a mais nova replicou á dama:

—«Que modos esses, minha senhora! Até parecem proprios de gente ordinaria!

—«É verdade, redarguiu a conselheira, que eu podia dar-lhes ás meninas outros nomes, e sem duvida os de *más mulheres* e de *perdidas* lhes quadrariam muito melhor!

«As Loison, furiosas, começaram a vociferar, e voltando-se para o duque, disseram-lhe em altos gritos:

—«Senhor duque, senhor duque! Veja como nos acabam de insultar!...

«O principe respondeu-lhes, porém, com o maior sangue-frio:

—«Senhoras minhas, apraz-me muitissimo partilhar os seus prazeres: agora o que lhes posso affirmar é que nunca intervirei nas suas disputas!...»

Não terminaremos este bosquejo historico a respeito das estufas e dos banhos publicos, sem observarmos ainda que não se encontra regulamento algum prohibindo a entrada d'estes estabelecimentos ás mulheres de vida airada, nem uma indicação qualquer a respeito dos dias ou das horas em que alli deviam ir, ou só ou acompanhadas.

Não nos consta tambem que houvesse estufas reservadas exclusivamente a estas peccadoras, cuja visinhança e contacto deviam evitar as mulheres honestas, especialmente em taes sitios, onde o pudor dos olhos e dos ouvidos queria ser respeitado.

Devemos concluir d'aqui haver-se estabelecido nos banhos exactamente como nas egrejas uma egualdade absoluta entre as pessoas do mesmo sexo, que iam a uma parte lavar as impurezas do corpo e a outra as da alma?

Será mais provavel que não tenham chegado até nós as ordenações municipaes que regulamentavam a policia interior das estufas e banhos, dispondo que as mulheres honestas não podessem misturar-se com as prostitutas?

É nossa opinião que esta monstruosa anomalia não havia sido prevista nem evitada pela policia administrativa, e que tal foi o principal motivo do descredito em que as estufas haviam cahido nos fins do seculo xv.

Dissémos já que a lei, tendo submettido o exercicio da prostituição a regras fixas e rigorosas, fingia não reconhecer as prostitutas desde o momento em que voltavam a entrar, por assim dizer, no sanctuario da vida privada.[1]

E' certo que não se permittia a uma mulher pertencente á corporação das prostitutas ostentar na rua um luxo insolente; consentia-se-lhe, porém, que fossem ás estufas e que se banhassem alli alternadamente com as outras mulheres, comtanto que ellas por si proprias não denunciassem o seu vil officio, com a indecencia das suas palavras ou com a immodestia das suas acções.

Foi sómente na épocha da apparição e progresso das enfermidades venereas que a auctoridade julgou necessario intervir, para suster a propagação d'esta calamidade, que n'esse tempo se assimilhava a uma epidemia.

Restringiu-se, portanto, o uso das estufas e dos banhos, impondo-lhes uma policia particular, e ordenou-se até mesmo que se fechassem definitivamente, quando o flagello desconhecido pareceu espalhar-se e irritar-se cada vez mais.

Os medicos opinavam e com razão que toda a affecção contagiosa se communicava com maior facilidade n'uma atmosphera de vapor quente, que abria os póros da pelle e enchia o corpo de suor.

E' indubitavel que os banhos tomados em commum haviam multiplicado na Edade-Media a lepra e as enfermidades cutaneas.

Em tempos de peste e de epidemia, as estufas publicas estavam fechadas por ordem dos magistrados, até que o perigo do contagio houvesse desapparecido.

O banho publico, frequente e quasi quotidiano, tinha, porém, n'aquelle tempo tamanha importancia nos habitos de uma parte da população, e mais provavelmente nos das mulheres de costumes relaxados e dissolutos, que o encerramento das estufas occasionava sempre grande descontentamento e agitação.

O celebre medico de Carlos VII, Jacques des Parts, quasi que se arrependeu de haver feito suspender os banhos publicos, no interesse da saude dos habitantes de Paris.

«Conta elle proprio, lê-se nas *Investigações das Escholas de Medicina*, por J. Riolan, que sendo muito vulgares no seu tempo os banhos e as estufas em Paris, aconselhára aos magistrados que fizessem suspender o seu uso em tempo de epidemia; mas os banheiros das estufas, sabendo d'isto, quizeram assassinal-o, o que teriam levado a effeito, se elle não conseguisse pôr-se a salvo.»

Podemos, portanto, suppôr que a policia das estufas e dos banhos foi estabelecida em principios do seculo xv, em consequencia dos sabios conselhos de Jacques des Parts.

Desde aquella épocha, por mais de uma vez se recorreu a similhantes medidas de precaução.

«Uma ordenação do preboste de Paris, dada em 16 de novembro de 1510,

diz Delamare, (*Tractado de Policia*) prohibe a todos os habitantes ir ás estufas, e aos donos d'ellas accenderem os seus fornos, até á festa do Natal, sob pena de multa arbitraria.»

Um decreto do parlamento, de 13 de setembro de 1533, renova esta prohibição, sob pena de castigo temporal contra os banheiros.

Parece-nos, todavia, impossivel que as prostitutas não tenham sido objecto, pelo menos em tempo de peste, de algum regulamento especial.

Dissémos que os bordeis eram immediatamente fechados, bem como os banhos, quando a saude publica se via atacada, ou até mesmo só ameaçada por uma epidemia.

Em taes circumstancias, a presença de uma mulher publica, em uma estufa, onde muitas pessoas estavam reunidas, teria indubitavelmente produzido consequencias mais funestas que de ordinario, propagando a infecção que esta mulher poderia trazer comsigo ao sahir de um logar de dissolução, onde se praticavam acções deshonestas.

Carecemos absolutamente de documentos a respeito da policia interior dos banhos publicos. Sabemos apenas que nos banhos de aguas mineraes, havia leis severissimas, destinadas a manter a ordem, sob o duplo ponto de vista da saude e da honestidade.

Miguel de Montaigne que, visitou em 1580 e 1581 os mais famosos banhos de França e da Italia, para curar a sua dôr de pedra, refere em todos os seus pormenores as instrucções que o bailio dos Vosges fazia publicar todos os annos, em nome do duque de Lorena, para o regimen policial das caldas de Plombières. N'essas instrucções e estatutos, redigidos em allemão e em francez, e affixados na porta do grande estabelecimento de banhos, havia tres artigos relativos aos costumes.

Eil-os aqui:

«Prohibe-se a todas as mulheres prostitutas ou impudicas a entrada nos ditos banhos, ou approximarem-se d'elles a distancia menor de 500 passos, sob pena de açoites, que será applicada ás rés nos quatro angulos do dito estabelecimento, e as pessoas que as hajam recebido ou occultado soffrerão prisão pessoal e multa arbitraria.

«Sob identica pena, fica prohibido aos frequentadores dos banhos terem com as damas e donzellas, ou com qualquer criada, conversações lascivas ou impudicas, exercer n'ellas qualquer toque deshonesto, e entrar ou sahir dos ditos banhos irreverentemente, contra a publica honestidade.

«Attendendo a que, por meio dos ditos banhos, Deus e a natureza nos procuram muitas curas e allivios, e considerando que se requer uma honesta limpeza e pureza para obviar a muitos contagios e infecções que n'elles se podem engendrar, ordena-se expressamente ao dono dos ditos banhos que tracte com o maior cuidado e reviste os corpos dos banhistas, tanto de noite como de dia, procurando que se observe a maior modestia e silencio durante a noite, sem ruido, chacotas ou algazarras. E se algum dos seus clientes faltar a esta prescripção, deverá denuncial-o em seguida ao magistrado, para que este proceda a um castigo exemplar.»

Montaigne não accrescenta nenhuma reflexão pessoal ao citar estes estatutos dos banhos, mas devemos presumir que não os desapprovava, porque, continuando a sua viagem, parou nos banhos de Lucques, onde ficou singularmente admirado de se ver admittido nas salas que deviam ser exclusivamente reservadas ás mulheres.

O celebre philosopho tambem se mostra um pouco escandalisado do que acontecia nas estufas de Roma, apesar dos banheiros romanos o terem tractado com todas as considerações devidas á sua qualidade de extrangeiro.

«A 16 de março, diz elle, tive desejos de experimentar as estufas de Roma, e fui ás de S. Marcos, que se consideram as mais distinctas. Serviram-me menos mal, apesar de ir só, e com todos os respeitos possiveis. Ha alli o costume de se levar ao banho, quem quer, amantes, que são friccionadas juntamente com a gente, pelos criados.»

Ao auctor dos *Essais* não agradavam grandemente aquellas fricções, em demasia livres e familiares, dos banheiros de Roma.

Montaigne contava a esse tempo quarenta e oito annos apenas, mas soffria cruelmente da dôr de pedra, e não teria por certo vontade de ir ás estufas com amigas, para se fazer esfregar e depilar pelos criados.

O philosopho quer-nos dar a entender que as estufas de Paris nada tinham que invejar ás de Roma, pelo que toca a decencia e limpeza. Não obstante, ao sahir d'aquella especie de bordel, felicitava-se de ter adquirido uma excellente receita depilatoria :

«Aprendi, escrevia elle na relação das suas viagens, que misturando cal viva e pimenta diluida em lexivia, duas partes de cal e uma de pimenta, se prepara uma droga e unguento que serve para fazer cahir o cabello, applicando-o durante meio quarto de hora.»

Os banhos de Roma, na épocha em que foram visitados por Montaigne, eram apenas uma pallida imagem das lubricas thermas, os *balnea* publicos, tão queridos n'outras éras do povo romano.

Nos tempos de opulencia da republica, não havia predio sem ter um banho, um tanque para natação e um reservatorio para a agua quente, quasi sempre preparado nos vãos do sotão.

Os estabelecimentos thermaes eram de um luxo deslumbrante.

Mais tarde, a Roma dos papas quiz seguir estas tradicções balneatorias da Roma pagã, e as thermas, embora não fossem tão opulentas, não eram todavia theatro de somenos licenciosidades.

Já vimos como Montaigne se referiu á facilidade com que o bello sexo era admittido juntamente com os homens, nos banhos publicos da cidade eterna.

Em vez de *escravo aquario*, que vasava sobre a cabeça do banhista pagão o *douche* preliminar, os barbeiros-banheiros do tempo de Montaigne lá estavam para desempenhar esse e outros serviços mais delicados ainda.

O pessoal dos banhos d'essa épocha era quasi o mesmo do dos tempos antigos. Havia ainda, embora com outros nomes mais modernos, os *alipilos*, o *epilatorio* e os *unctores*, para prestarem os seus serviços, honestos ou deshonestos, aos banhistas.

Um enxame de mulheres licenciosas rodeava constantemente o estabelecimento, prestando-se, com a mira no lucro, a todos os caprichos lubricos dos frequentadores.

As thermas eram o templo mais seductor da prostituição, n'esse seculo de depravações engenhosas, que transformavam as mais populosas cidades da Italia n'um vasto e escandaloso prostibulo.

Da Italia veio para França, e especialmente para Paris, esta predilecção pelas thermas, que não eram em ultima analyse mais do que um pretexto de ibertinagem.

CAPITULO III

SUMMARIO

Historia das casas de refugio e de correcção para as mulheres dissolutas.—Devoção das prostitutas.—Decadendencia do convento das *Filhas de Deus*.—Sua reforma.—Predicas de João Tisserand.—Fundação do convento das *Arrependidas*.—Seus singulares estatutos.—Testamento de Diana de Poitiers.—As prisões do convento.—Trasladação das *Arrependidas* para a Abbadia de *Saint-Magloire*.—Causas da sua trasladação.—Desordens e reforma das *Arrependidas*.—Fundação das *Filhas da Magdalena*, por sir Roberto de Montry.—As *Magdalenas*.—A communidade de *Santa Ignez*.—A senhora de Miramion.—As *Filhas de Santa Pelagia*, ou da *Boa-Vontade*.—O refugio de *Saint-Paul*.—As *Filhas de Santa Theodora*, de *Santa Aurea*, de *Santa Valeria*, etc.—O *Salvador*.—Fundação do *Bom-Pastor*, pela senhora la Crombé.—Estatutos da communidade.



Cabe-nos agora tractar da fundação de differentes estabelecimentos de caridade e de penitencia, que se referem á historia da prostituição em França.

O leitor repousará por um momento, n'este assumpto edificante e moral, os seus olhos e o seu animo, bem fatigados já decerto do espectaculo da luxuria, e indignados da audacia do vicio.

De um pensamento de ordem publica surgiu o estabelecimento de casas de correcção e de repressão para as mulheres de má vida, e um pensamento de piedosa humanidade creou para estas desgaçadas as casas de refugio e os recolhimentos religiosos.

Os reinados de Luiz XIII e de Luiz XIV contribuiram d'este modo para diminuir os excessos da corrupção dos costumes, oppondo em duplo freio á libertinagem.

A abolição dos bordeis, em consequencia do edicto de 1560, era effectivamente uma medida perigosa, impolitica e innapplicavel, se não se harmonisasse com instituições beneficas, destinadas não só a recolher os desgraçadas victimas da libertinagem, mas tambem a diffundir os beneficios de uma educação christã e a preservar a innocencia das pobres raparigas, a quem a miseria, a ambição, a inexperiencia, ou as paixões arrastavam á perdição.

Dissémos já que o numero das prostitutas, em vez de diminuir havia crescido depois do encerramento dos bordeis, apesar da sua vil profissão não se considerar como um estado reconhecido pela lei.

«Prohibindo-as de entrar n'um logar determinado, obrigavam-nas assim

a espalharem-se por toda a parte, diz atiladamente Sainte-Foix, nos seus *Ensaios historicos sobre Paris.*

Tão temivel invasão da libertinagem inspirou, como era natural, a algumas pessoas honestas e respeitaveis a ideia de abrir asylos christãos ao arrependimento de tantas peccadoras, que, embora vivessem do fructo culpado das suas dissoluções, conservavam, por vezes, no fundo do coração, sentimentos de piedade, de honra, e até mesmo de virtude.

Observou-se em todos os tempos e em todos os paizes que as mulheres publicas se inclinavam por instincto á devoção, e que seguiam as suas praticas com zelo fanatico, como se d'este modo quizessem expiar os seus erros involuntarios e rehabilitar-se a seus proprios olhos, humilhando-se ante o tribunal da penitencia.

Dulaure, na sua *Historia de Paris,* cita o exemplo de uma joven de quinze a dezesseis annos, que consente em prostituir-se para obter o dinheiro necessario «para comprar um par de sapatos novos e para pagar ao seu confessor na Paschoa.»

Desde o fim do seculo XII, existiam em Paris varias casas religiosas, cujas primeiras penitentes haviam sido recrutadas nos impuros antros da prostituição.

Contámos, n'outro logar, a origem da abbadia de Santo Antonio dos Campos. Apresentámos Foulques de Neully, convertendo com as suas predicas tão commoventes, quasi todas as cortezãs de Paris, que do lupanar a palavra do apostolo fazia passar para o claustro, reconciliando-as meigamente com Deus: —*Omnes autem ferè publicæ meretrices ad quemcumque locum Athleta Dei veniebat, relictis lupanaribus ad ipsum confluebant,* como diz Jacques de Vitry, na sua *Historia occidentalis.*

Dissémos tambem quaes haviam sido as origens e o destino primitivo do hospital das *Filhas de Deus.*

Aquellas piedosas fundações offerecidas tão caritativamente ás peccadoras, que queriam abjurar o seu vil officio e consagrar-se á vida religiosa, não haviam tardado, porém, a fechar as portas a novas conversões do mesmo genero, e as *mulheres de prazer,* embora se sentissem tocadas da divina inspiração do arrependimento, não podiam já recolher-se n'aquelles asylos, porque uma ordem monastica, fosse ella qual fosse, envergonhava-se de associar ás virgens do Senhor uma mulher perdida e manchada de impurezas. Só a casa das *Filhas de Deus,* fiel aos santos intuitos dos seus fundadores, recebia de vez em quando alguma velha prostituta, a quem a edade ou as enfermidades tinham obrigado a renunciar á sua vergonhosa profissão.

Esta casa conventual, que S. Luiz deixára tão florescente, havia decahido muitissimo cem annos depois da sua fundação, porque contando sessenta religiosas em 1349, só restavam umas vinte um seculo mais tarde.

A ordenação de Carlos VIII, que reformou este convento em 1483, auctorisa-nos a suppôr que as religiosas sahidas dos antros da prostituição, tinham consummido em proveito proprio uma parte dos redditos do Hospital da Magdalena, que administravam muito mal.

Caprichavam ellas em não admittirem na sua communidade senão mulheres que tivessem feito trafico do seu corpo e estivessem endurecidas no peccado antes de voltarem para Deus, dizendo que assim desempenhavam melhor as condições da sua penitencia.

Não é tudo ainda. Como não estavam obrigadas á clausura, as *Filhas de Deus* percorriam as ruas e entravam nas casas a pedir esmola, do que resultavam grandes desordens, e muitas d'aquellas dissolutas voltavam a cada passo ao seu primitivo officio.

Chegou o escandalo aos ouvidos do joven rei Carlos VIII, o qual para o fazer cessar, declarou que a fundação de S. Luiz se havia prevertido de tal modo, que se destinava apenas a peccadoras, que toda a vida tinham abusado do seu corpo, cahindo por fim na mendicidade. Em consequencia d'isto, e a fim de impedir que tão piedosa instituição se deitasse a perder inteiramente, e para testemunhar que só por abuso e errada interpretação se haviam admittido n'aquelle mosteiro peccadoras publicas, em vez de mulheres de boa reputação, que deviam alli consagrar-se ao serviço de Deus, confiou o Hospital da Magdalena ás religiosas da ordem de Fontevrauld.

Este hospital havia sido fundado em 1316, na rua de Saint-Denis, por um cidadão de Paris, chamado Hubert de Liort.

As pobres mendigas que atravessavam a cidade de passagem, e não tinham um logar abrigado onde passassem a noite, eram alli recebidas até ao dia seguinte, e dava-se-lhes á despedida «um dinheiro e um pão».

Entre estas mendigas forasteiras, devia decerto haver muitas prostitutas, segundo póde julgar-se pelo nome da santa, sob cuja invocação havia sido creado o hospital.

As *Filhas de Deus,* que serviam aquellas pobres mulheres e que lhes faziam a cama no hospital, resentiam-se inevitavelmente do contacto quotidiano com as peccadoras, entre as quaes o acaso lhes fazia encontrar ás vezes antigas companheiras.

Quando as religiosas de Foutevrauld foram introduzidas na casa das *Filhas de Deus,* só se encontravam alli, segundo Dubreuil, no *Theatro das Antiguidades de Paris,* quatro religiosas *reformadas,* que foram immediatamente desalojadas, apesar de se lhes offerecer accudir ás suas necessidades, para as impedir da tentação ou occasião de se entregarem á libertinagem.

Aquellas pobres desterradas julgavam ter ganho sufficientemente o direito do repouso, depois de haverem exercido uma larga carreira na confraria de Santa Magdalena, e sentiam-se velhas demais para pensarem na possibilidade de se alistarem novamente nas fileiras da prostituição.

O famoso João Standone, doutor em theologia e regente do collegio dos pobres de Montaigue, «exhortou-as tão santamente, que nunca se livraram do jugo da obediencia, e é de crêr, que para fazerem penitencia do seu passado, a exemplo de Santa Magdalena, padroeira da sua egreja, acabassem santamente os seus dias.»

D'este modo, foram despedidas, sem mesmo as admittirem no hospital.

As novas *Filhas de Deus* não deviam sahir da sua clausura nem mesmo

para mendigarem, e os homens, diz Dubreuil, fosse qual fosse a sua posição, não podiam entrar n'aquella mansão de penitencia.

A partir d'aquella épocha, o hospital foi confiado aos cuidados de uma boa e antiga mulher leiga, e a communidade que se compunha de sessenta religiosas, não admittia no seu seio senão raparigas honestas, que tivessem feito voto de virgindade.

Assim, pois, nos fins do seculo XV, as miseraveis peccadoras, a quem o arrependimento e a graça vinham tirar do lodaçal da prostituição, não tinham em Paris um unico asylo salvador, onde podessem, no retiro e na oração, redimir com obras de piedade as torpezas do seu passado.

Eram repellidas, como se fossem empestadas, de todos os conventos e de todos os hospitaes, e não tinham outro recurso, para não morrerem de fome, senão esmolarem nas ruas ou andarem de porta em porta a mendigar um pedaço de pão. Quando eram jovens, não tardavam a entrar de novo no tremedal da infamia, e por ultimo, chegando a velhas, doentes ou incapazes de continuarem o seu odioso officio, dedicavam-se a corromper as jovens e a arrastal-as ao vicio.

Este estado de coisas chamou seriamente a attenção de um santo varão, o franciscano João Tisserand, que se puzera em evidencia na côrte de França com as suas eloquentes prédicas.

O santo homem dedicou-se exclusivamente a promover a conversão das mulheres e raparigas impudicas. Prégou *ex-professo* para ellas em varias parochias de Paris, e era tal a influencia que exercia no seu auditorio, que, ao sahir do sermão, grande numero d'estas desgraçadas se lhe prostravam aos pés, afogadas em pranto, pedindo-lhe a absolvição dos seus peccados.

«Abraçaram a regra de Santo Agostinho, diz Sauval, na sua *Historia e investigações sobre as antiguidades de Paris,* sob a protecção de Santa Maria Magdalena, padroeira de todas as pessoas do seu sexo, que teem uma vida licenciosa.»

Aquellas brilhantes conversões realisaram-se em 1492, segundo uns, e segundo outros em 1494.

Era indispensavel uma casa de refugio para albergar as pobres recem-convertidas, que se chamaram umas vezes as *Arrependidas*, outras, as *Penitentes,* e outras ainda as *Convertidas*.

O duque de Orleans, que era n'aquella épocha o herdeiro presumptivo da corôa, e que depois reinou, com o nome de Luiz XII, interessou-se particularmente pela obra de frei João Tisserand, e doou ás religiosas de Santa Maria Magdalena uma parte do seu palacio, situado no bairro de Saint-Eustache, no logar actualmente occupado pelo mercado do trigo.

Mais tarde, as religiosas compraram o resto do palacio, que havia passado para o dominio de um ajudante camarista e de um camareiro do rei.

Nos primeiros tempos da sua fundação, a communidade compunha-se de umas duzentas e vinte religiosas, mas o seu mosteiro, successivamente enriquecido por legados e consideraveis doações, podia receber além d'isso um certo numero de noviças e de irmãs conversas.

Parece que o rei Carlos VIII havia cooperado poderosamente, segundo diz Dubreuil, tanto para o desenvolvimento do logar da fundação, como para a construcção dos edificios e rendas para a sustentação das religiosas, mas não devemos duvidar que o principal bemfeitor das *Penitentes,* foi o duque d'Orleans.

João Tisserand satisfeito de haver levado a cabo a sua instituição caritativa e moral, renunciou ao titulo de fundador, em favor do bispo de Paris, João Simon, que redigiu os estatutos da communidade em 1497.

Estes estatutos, que Sauval qualifica de muito burlescos e originaes, foram impressos em 1500, segundo Dulaure, que os cita em conformidade com a *Historia das ordens monasticas* do padre Heylot.

O mesmo Sauval apresenta um resumo d'elles, que podemos reproduzir com toda a confiança.

O bispo de Paris, conformando-se sem duvida com os desejos do verdadeiro fundador, prohibe expressamente ás *Penitentes,* «o admittirem no seu mosteiro, sem seu consentimento, mulher alguma que não tenha passado vida licenciosa.»

Esta extravagante condição de admissão havia sido considerada indispensavel, porque se apresentavam alli a miudo raparigas virgens, instigadas a isso pelos paes, que se queriam vêr livres d'ellas, obrigando-as a declarar que se haviam entregado á prostituição.

«Já deveis saber, dizia um artigo do regulamento de João Simon, que algumas se apresentaram aqui, sendo virgens e donzellas recatadas, como podesteis vós mesmo vêr, e que instigadas por seus paes, desejosos de se desfazerem d'ellas, affirmavam estar corrompidas.»

Não menos singulares do que este são os outros artigos, e por elles vimos ao conhecimento de que algumas raparigas, até então exemplares, se prostituiam de proposito para adquirirem o direito de serem admittidas na congregação.

O bispo ordenou que todas as que d'ahi em diante se apresentassem para entrarem no noviciado, deviam ser *revistadas previamente,* por algumas das irmãs, encarregadas d'esta inspecção delicada, e que as irmãs eleitas para este cargo deviam jurar, nas mãos da superiora e da vice-superiora, em presença das chamadas *irmãs discretas,* que desempenhariam esta commissão com toda a consciencia e lealdade.

Estas irmãs, pois, á maneira de parteiras, deviam examinar, na visita preliminar confiada á sua experiencia e boa fé, o estado physico das jovens que se apresentavam para tomar o habito de Santa Maria Magdalena, e não só era preciso que as postulantes tivessem sido prostitutas, mas até se tornava indispensavel que a dissolução não lhes tivesse causado detrimento algum na saude, porque o mal de Napoles, n'aquella épocha, tinha infeccionado a maior parte dos albergues da prostituição.

O bispo era previdente, e para impedir que as jovens se prostituissem antes de se submetterem á inspecção, ou depois de a terem soffrido, afim de terem as condicções requeridas, havia exigido que a postulante que tivesse sido re-

pellida uma vez, não poderia sob pretexto algum tornar-se a apresentar a novo exame, ficando excluida para sempre da communidade, fossem quaes fossem os seus direitos adquiridos depois da primeira tentativa.

«Chega a tanto o seu rigor a este respeito, accrescenta Sauval, que ordena á superiora e á vice-superiora que interroguem todas as postulantes e as obriguem a jurar sobre os santos evangelhos, e sob pena de condemnação eterna, nas mãos do seu confessor e de cinco ou seis religiosas, que as não induziu a prostituirem-se o desejo de pertencer, á communidade. E quer tambem que o confessor lhes declare que no caso de se vir a descobrir terem jurado falso, serão punidas e expulsas, ainda mesmo quando já tenham professado. E receiando que as mulheres de vida dissoluta esperem muito tempo para se converter, na certeza de encontrarem sempre a porta aberta, para ao mesmo tempo as obrigar a pensar, quanto mais cedo possivel, em fazerem penitencia, prohibiu que fossem admittidas aquellas, cuja edade passasse dos trinta annos.»

Compunha-se, portanto, a congregação das Penitentes de antigas prostitutas, que havendo praticado notoriamente o seu infame officio, o abandonavam para se consagrarem á penitencia claustral.

Estas religiosas estavam ainda muito em contacto com o mundo, que faziam voto de abandonar, renunciando ás suas vaidades, pois iam, por turnos, esmolar em Paris e nos arredores para o sustento da casa, que o seu pensamento de caridade e de penitencia recommendava naturalmente ás esmolas das boas almas.

E' certo que as irmãs pedintes eram designadas pela superiora, que escolhia sempre as de mais edade e as menos expostas á tentação. De resto, nunca sahiam do convento sós, deviam andar sempre duas a duas, e não podiam demorar-se nas suas excursões para comer ou beber, a não ser em caso de necessidade extrema.

Acontecia, ás vezes, porém, encontrarem as *Penitentes* no seu caminho alguma antiga companheira de loucuras, e deixarem-se arrastar por ella até ao esquecimento dos seus novos deveres. Ora acceitavam uma refeição ou refrescos, que só serviam de occasião ao peccado, ora se viam retidas em casas, onde se haviam deixado conduzir sob qualquer pretexto honesto, ora, finalmente, tornavam a cahir no seu peccado habitual e não se atreviam a voltar ao convento.

Não era tão viva nem tão profunda a vocação religiosa n'aquellas peccadoras de profissão, que as pozesse ao abrigo dos desejos e tentações do prazer. Umas, apesar do habito que vestiam, continuavam secretamente a *viver no seculo,* e a dar satisfacção aos seus viciosos instinctos. Outras fatigadas da reclusão e da austeridade do claustro, atiravam com o habito ás urtigas, e fugiam do convento para novamente se entregarem ao seu antigo modo de vida.

Estas evasões, em regra, não davam margem a nenhum procedimento contra as fugitivas, ás quaes a communidade não se incommodava em fazer regressar ao convento: mas em certos casos, no emtanto, a requerimento do bispo de Paris, ou de qualquer outro personagem influente, a auctoridade civil intervinha para descobrir o retiro profano de uma penitente, que havia que-

brado os votos ao entrar de novo no mundo, reatando o fio dos seus antigos erros.

Encontravam-na os esbirros? Era immediatamente reconduzida ao convento, onde soffria um captiveiro mais ou menos longo, mais ou menos duro.

Lêmos nas *Contas e Ordinarios do Prebostado de Paris,* em 1532:

«A Nicolau Chambon, examinador ordinario d'el-rei no Châtelet de Paris e a varios agentes por haverem gasto um dia inteiro em prenderem Maria *Quatro-libras,* que se havia escondido na egreja de Santo Antonio dos Campos, e por a terem levado d'alli ao mosteiro das *Penitentes,* onde a guardaram no dito dia até ás sete horas da tarde.»

O convento das *Penitentes* convertia-se assim n'uma casa de correcção para algumas d'aquellas ovelhas desgarradas.

Considerando que os escandalos a cada passo renovados podiam ser originados pelos peditorios quotidianos, que as religiosas faziam de porta em porta, o bispo de Paris, na sua qualidade de tutor e guardião da congregação da Magdalena, começou a pensar no meio de obrigar as *Penitentes* a uma clausura absoluta.

Em consequencia d'isto dirigiu um memorial ao rei Henrique II, afim de obter da sua generosidade, em favor do mosteiro, um augmento de rendimento que supprisse a falta das esmolas, e graças á intervenção de Diana de Poitiers, duqueza de Valentinois, que se interessava particularmente na obra das *Penitentes,* Henrique II outorgou mais do que se lhe pedia.

A unica condição, imposta ás religiosas em reconhecimento da generosidade real, foi o renunciarem inteiramente ao peditorio e a sahirem do convento.

Desde essa épocha as pobres mulheres condemnaram-se a si proprias á mais rigorosa clausura.

«*Hoc anno,* diz a Chronica de Cairon, *Pœnitentes peccatrices apud Parisiis ab rege redditibus auctæ, et arctiore custodia inclusæ fuere.*»

No anno seguinte, deu-lhes el-rei novas e evidentes provas do muito interesse que por ellas tomava, ordenando ao preboste de Paris que lhes concedesse permissão para se fazerem, para ellas, peditorios nas egrejas de Paris por meio de pessoas seculares, que depositariam na fabrica de cada parochia o producto das collectas, o qual mais tarde seria entregue ao convento.

Diana de Poitiers era a principal advogada das *Penitentes* junto do rei, provavelmente porque sabendo-se tão peccadora como ellas, considerava como proprios os interesses d'aquellas desgraçadas.

A bella amante do monarcha, protectora das *Penitentes,* não se envergonhava de tomar como sua padroeira Santa Maria Magdalena, e «quiz, diz Sauval, que depois da morte o seu corpo fizesse uma especie de penitencia publica do seu adulterio.»

No seu testamento, datado de 1564, dispunha que, no caso de fallecer em Paris, o seu cadaver fosse levado ás *Penitentes,* onde se diria uma missa de *requiem* por sua alma, antes das exequias solemnes, que deviam ser celebradas na capella do seu palacio d'Anet.

A favorita morreu em Anet, e por conseguinte não poude verificar-se, para edificação dos bons christãos, a penitencia publica que ella tivera ideia de impôr ao seu cadaver.

Assim, o povo, que tanto a odiára, não poude gosar o espectaculo da cortezã real, humilhada na sua mortalha, junto do altar de Santa Magdalena, no mesmo sitio que ella havia invejado ás pobres prostitutas, mortas na obscuridade do claustro, e reconciliadas com o ceu pelas lagrimas amargas do arrependimento!

A communidade das *Penitentes* encontrára emfim um manancial de pingues proventos nos constantes donativos das familias ricas para a custodia, vigilancia e instrucção de algumas mulheres solteiras, ou mesmo casadas, encerradas alli, em consequencia de vergonhosos excessos ou de faltas escandalosas.

Estas reclusões forçadas executavam-se em virtude de um decreto judicial, e com licença do bispo de Paris, a cujo cargo estava ainda confiada a direcção suprema das *Penitentes*.

As *recolhidas contra vontade*, como lhes chama Dubreuil, não estavam sujeitas á regra da communidade, onde soffriam uma pena proporcionada aos seus vicios e loucuras. As solteiras seduzidas ou dissolutas, as casadas adulteras ou impudicas, convertiam-se assim, a requerimento das familias, em pensionistas ou prisioneiras da communidade.

«Os archivos do Châtelet e do Parlamento, diz Sauval, estão cheios de sentenças e decretos, que condemnavam mulheres solteiras e casadas a viverem n'uma reclusão forçada, em punição dos seus erros e leviandades.»

O mesmo auctor accrescenta que vira no archivo do Tribunal de Contas a nota desenvolvida das obras de pedreiro e serralheiro, executadas em diversas épochas no convento d'aquellas religiosas, «para a construcção de calabouços destinados ás mulheres, que alli eram encerradas por ordem da justiça.»

«Para remediar, diz elle, o transtorno que lhe causavam os pedreiros e outros operarios, que tão amiudadas vezes iam ao convento construir calabouços e masmorras, collocaram grossas grades de ferro em cada janella das respectivas cellas, e assim converteram em carceres todos os seus aposentos, providencia que não foi completamente inutil, e de que tiraram bons lucros, e estariam tirando ainda, sem a concorrencia que lhes fizeram as da Magdalena, invejosas de tão boa ganancia.

Vê-se d'estes dados, colhidos nos archivos do Tribunal de Contas, que o convento das *Arrependidas* era ao mesmo tempo uma casa de refugio e de correcção antes da fundação da *Magdalena*.

Aquellas janellas defendidas por grossas barras de ferro, aquellas cellas transformadas em calabouços, aquelle convento defendido e fortificado como uma praça de guerra, fazem-nos suppôr que as mulheres alli enclausuradas, antigas prostitutas convertidas, ou pelo menos prisioneiras, não estavam tão curadas dos seus habitos vergonhosos, que não recahissem voluntariamente n'elles, quando para isso tivessem ensejo opportuno.

Podemos, pois, sem receio de lhes causarmos injuria, fazer um conceito

bem mediocre da solidez da sua conversão, e temos até de acreditar que a presença dos operarios que trabalhavam no mosteiro havia causado algumas desordens, ás quaes se pretendeu pôr cobro com as grossas barras de ferro nas janellas.

Para maior certeza de que o mosteiro servia de prisão ás mulheres e raparigas, que varias familias conseguiam enclausurar alli em virtude de uma sentença do Parlamento, encontramos a seguinte passagem em Dubreuil:

«O parlamento não condemna uma rapariga, que tenha sido deshonrada, á prisão claustral, sem previamente arbitrar uma pensão para o seu alimento e vestuario, pensão que devem dar ou esmollar os parentes, ou os que tenham sollicitado a reclusão.»

As *Arrependidas* não estavam muito á larga no seu convento, o qual não podendo estender-se para lá dos limites do palacio de Orleans, as impedia de receber tantos pensionistas como se apresentavam.

Uma circumstancia imprevista occasionou a trasladação da communidade.

Catharina de Medicis, por essa épocha, começou a ter horror ás Tulherias, edificadas por sua ordem e segundo os seus desejos, porque o seu astrologo lhe predissera que morreria alli tragicamente.

Era muito curto o praso fixado para a realisação da predicção, e a rainha-mãe, para evitar o ignoto perigo que a ameaçava, não tinha outro alvitre a seguir, senão mudar de residencia.

Os supersticiosos terrores da rainha só poderam dissipar-se quando se lembrou de occupar o retiro das *Arrependidas,* vindo estabelecer a sua morada no palacio de Orleans, preservado por aquellas santas reclusas de conjuncções planetarias.

Em 1572, tres mezes depois da noite de S. Bartholomeu, transferiu Catharina de Medicis a sua côrte para uma parte do convento, que havia adquirido das religiosas, mediante uma troca com os frades de Saint-Magloire, os quaes deviam ceder ás *Arrependidas* o magnifico edificio, que occupavam na rua de Saint-Denis, entre as egrejas de S. Lupo e do Santo Sepulchro, para irem para o Hospital de Saint-Jacques-du-Haut-Pas, no bairro de Santa Genoveva.

Esta acquisição e troca haviam sido estipuladas n'um contracto celebrado entre o preboste de Paris, em nome do rei e de sua augusta mãe, e os delegados das duas communidades de Saint-Magloire e das *Arrependidas.*

Umas trinta religiosas, que representavam, diz o chronista, *a parte mais importante e mais sã* da communidade, firmaram o contracto de venda e de cessão, na presença de messire Pedro Le Vigneron, doutor em theologia, *padre Lupo,* e com approvação do bispo de Paris, seu tutor natural.

A superiora do convento era n'aquelle tempo Margarida Montrot. Os nomes das religiosas delegadas, que assignaram o contracto com ella, demonstram-nos que algumas d'aquellas *Penitentes* haviam conservado os seus nomes de guerra da prostituição. Assim, lemos no contracto a assignatura de Joanna, a *Trompa,* Catharina, a *Melada,* Ignez, a *Pequena,* Renata *Sapato,* Maria, *Lindo Amor,* Claudia, *Trinca-Orelhas,* etc., etc.

Estes vestigios da prostituição seguiam sempre as religiosas professas, que conservavam na vida monastica os nomes de guerra dos bordeis.

A trasladação definitiva das *Arrependidas* só se realisou em 1575, e Catharina de Medicis, que durante tres annos não havia interrompido os trabalhos de construcção e ornamentação, effectuados sob as suas ordens e inspecção immediatas, ficou só no palacio de Orleans, que foi totalmente reedificado sob um novo plano architectural e formou uma das alas do palacio de Soissons.

Pela sua parte, as *Arrependidas* ficaram installadas mais conveniente e espaçosamente no mosteiro de Saint-Magloire, que disposeram o melhor possivel em harmonia com as necessidades da sua communidade, e que podia conter perfeitamente muito maior numero de prisioneiras e pensionistas.

No emtanto, as lisongeiras promessas que o rei e a rainha-mãe tinham feito ás *Arrependidas* para as induzirem a ceder o convento e mais dependencias, não se compriram á risca. Carlos IX havia-se limitado a trocar por um rendimento perpetuo e irrevogavel a pensão de *duas mil libras,* que Henrique II lhes havia concedido, como compensação da suppressão do peditorio pelos domicilios. Catharina de Medicis nada lhes deu, nem siquer pagou as despezas da mudança, que se havia effectuado á pressa, antes mesmo que uma bulla do papa a tivesse auctorisado.

Para obter esta bulla, Catharina de Medicis representara a Sua Santidade que o convento das *Arrependidas* estava muito proximo do Louvre, que era muito para receiar a visinhança de um tão grande numero de cortezãos e estrangeiros, alojados nas suas cercanias, e que «similhante gente apouquentava com as suas visitas as pobres religiosas, as impedia de assistir aos officios divinos, chegando até mesmo com frequencia a introduzir-se no convento.»

Verdade seja que a rainha tinha razão. As visitas dos cortezãos ao Louvre não podiam deixar de ser perigosas para aquellas *servas do Senhor,* que, não obstante a sua devoção, nunca podiam esquecer completamente a antiga eschola de licenciosidades e depravações.

O papa Gregorio XIII cedeu ás observações da rainha-mãe, e expediu finalmente a bulla, com data de 1 de março de 1580, sanccionando quanto se havia feito a respeito das *Arrependidas* de Paris.

«As santas mulheres, diz Sauval, nunca mais foram incommodadas na sua nova morada, na qual continuaram a viver, e vivem ainda hoje muito tranquillamente, mas nem por isso se tornaram mais ricas, segundo a familia real havia promettido a Gregorio XIII.»

As guerras civis do seculo XVI haviam causado, no emtanto, graves perturbações n'este e n'outros conventos, e a conducta d'aquellas religiosas chegou a tornar-se tão escandalosa, que o bispo de Paris se viu obrigado em 1616 a confiar a oito religiosas da abbadia de Montmartre o encargo de tornar a pôr em vigor os primitivos regulamentos, e de restabelecer a ordem na communidade das *Arrependidas.*

Não podemos dizer agora se n'aquella épocha se observavam ainda na communidade os estatutos do bispo João Simon; temos a certeza, porém, de

que a congregação não se ia recrutar, como n'outros tempos, entre as prostitutas arrependidas. Estas desgraçadas já não eram admittidas sem virem recommendadas por poderosos protectores, ou acompanhadas de uma doação importante. Desde que foram creadas as *Magdalenas*, o parlamento já não enviava para as *Arrependidas* as raparigas, ou as mulheres casadas e prevertidas, contra as quaes os paes, as mães, os maridos ou os tutores reclamavam sentença de reclusão.

Os parentes, porém, levavam para lá, apesar d'isso, «por sua propria auctoridade», diz Sauval, e na qualidade de pensionistas, algumas jovens, «cuja prostituição não era publica.»

D'este modo lançava-se um veu sobre a deshonra de uma familia, e podia ao mesmo tempo conceber-se uma esperança de corrigir peccadoras, que frequentemente se purificavam nas aguas lustraes da penitencia, chegando a professar n'aquella santa morada, onde se haviam rehabilitado aos proprios olhos na practica da mais austera castidade.

Fosse qual fosse o primitivo destino do convento das *Arrependidas*, já não servia de porto accessivel ao arrependimento das prostitutas publicas, quando a necessidade de recolher caritativamente estas desgraçadas, que nem sequer tinham uma existencia legal, despertou naturalmente a attenção de muitos espiritos piedosos e illustrados.

É certo que a lei havia prohibido os asylos da libertinagem e a propria prostituição; em compensação, porém, a devassidão secreta tornara-se muito mais terrivel e muito mais desenfreiada.

As medidas repressivas eram quasi sempre inefficazes contra a infatigavel provocação do vicio, e o numero de mulheres perdidas que se occultavam para viverem dissolutamente, augmentava cada vez mais, sob a ameaça permanente dos rigores da lei.

Se um sentimento de vergonha as apartava por algum tempo da sua infame profissão, não tinham remedio senão cahir de novo no lodo, victimas da miseria e do desprezo da sociedade.

Jámais os costumes em França haviam chegado a tão alto grau de corrupção, sobretudo na capital, como depois da abolição dos bordeis e de todos os antros classicos da libertinagem, e para cumulo do escandalo, as victimas deploraveis d'aquella enorme depravação, repellidas com horror pela sociedade, stigmatizadas pela opinião, perseguidas e castigadas pelos tribunaes, não eram admittidas nos retiros religiosos e humanitarios que de proposito haviam sido fundados para ellas!

Foi então que por toda a parte se viu fundar asylos de beneficencia christã e novas communidades monasticas. Entre os grandes fidalgos e a classe media abastada, foi como se houvesse uma piedosa rivalidade em crear e dotar conventos. As *Filhas de Deus* e as *Arrependidas*, não satisfaziam por desgraça, o fim para que haviam sido creadas, não sabiam comprehender e realisar o fim que haviam tido em vista os seus fundadores: foi mister estabelecer n'outra parte uma mansão de refugio e de correcção para as prostitutas e para as pobres mulheres depravadas.

No mez de abril de 1618, Roberto de Montry, abastado vinhateiro, e *homem muito de bem*, diz Felibien na sua notavel *Historia de Paris*, encontrou uma noite na rua duas raparigas de má vida, que se acercaram d'elle, pedindo-lhe algum dinheiro. Roberto fez-lhes varias admoestações severas, e as raparigas manifestaram-lhe desejos de se converterem.

Voltar ao bom caminho era bom de dizer, mas onde podiam aquellas desgraçadas, pobres como eram, sem poderem exercer um officio honesto, offerecer a Deus a sua conversão e fazer penitencia dos seus peccados?

Qual seria o recolhimento proprio para esse fim, que quizesse acceitar as peccadoras?

Roberto de Montry, commovido da triste situação d'aquellas peccadoras arrependidas, prometteu ajudal-as a sahir do lodaçal da prostituição.

Começou por alugar para ellas um quarto no arrabalde de Saint-Honoré, onde as installou, dando-lhes dinheiro para o seu sustento, ao mesmo tempo que as fazia instruir nos preceitos da religião por um frade seu amigo, o capucho Athanazio Molé.

O exemplo d'aquellas duas raparigas, ás quaes a piedade christã de um homem honrado havia arrancado do abysmo do vicio, causou uma impressão salutar n'algumas das suas companheiras de libertinagem, que renunciaram de prompto á sua má vida, e foram alojar-se junto das convertidas, em quartos mobilados, alugados para este fim pelo philantropo Roberto de Montry.

O generoso protector das arrependidas cedeu-lhes bem depressa uma casa, que possuia na Croix-Rouge, no bairro de Saint-Germain-des-Prés.

Estabeleceram-se alli umas vinte e cinco, e a sua conducta exemplar, as suas practicas austeras, a sua ferverosa piedade, tornaram-nas crédoras da sympathia de todas as pessoas devotas, que tiveram ocasião de as vêr n'aquelle santo e modesto asylo.

O parocho de Saint-Nicolas-des-Champs, o padre Dupont, e o cavalheiro Dufresne, official das guardas d'el-rei, associaram se á obra de Roberto de Montry, e tractaram de colher donativos, o primeiro na sua parochia, e o segundo não só no seu regimento, mas até na côrte, para as *Filhas da Magdalena*.

Tal era o qualificativo por ellas proprias adoptado, conservando a mesma padroeira que o seu genero de vida lhes havia dado.

O abbade de Saint-Germain-des-Prés permittiu-lhes terem capella em casa e fazerem celebrar n'ella o sacrificio da missa.

Embora não pertencessem a uma ordem religiosa, haviam feito voto de clausura.

A fama da sua virtude e da sua devoção não tardou a propagar-se juntamente com os elogios que se faziam d'esta nova communidade, que se iniciava como destinada a combater e a destruir a prostituição.

Choviam de toda a parte donativos e esmollas, quando de repente a marqueza de Magnelay, irmã do cardeal de Gondy, sollicitou a honra de ser sua fundadora. Comprou para ellas um vasto edificio sito na rua des Fontaines, perto do Templo, installou-as convenientemente á sua custa, e legou-lhes em testamento uma somma de 101:600 libras.

Luiz XIII teve noticia do estabelecimento das *Filhas da Magdalena,* approvou a utilidade da sua fundação, e em cartas patentes do mez de maio de 1625 concedeu-lhes uma renda anual vitalicia de 3:000 libras, tiradas da cobrança geral de Paris.

Temos, portanto, as *Filhas da Magdalena* bem alojadas, bem dotadas, e gosando de excellente fama, apesar de todas ellas estarem marcadas com o stygma indelevel da prostituição.

«Como esta communidade, diz Felibien, se compunha de raparigas e de mulheres que haviam passado a vida na dissolução, foi necessario dar-se-lhes por guias na senda da penitencia, religiosas de uma virtude solida e a toda a prova.

O abbade de Saint-Nicolas-des-Champs, que continuava a ser o director espiritual e temporal da communidade, encarregou-se de representar ao antigo bispo de Paris que as reclusas conversas desejavam professar votos de religião e supplicavam a adjuncção de quatro ou cinco religiosas do convento da Visitação, investidas de mandato ecclesiastico para as conduzirem e instruirem na piedade e observancia regular.

Apressou-se o bispo a acceder aos desejos das *Filhas da Magdalena,* que o povo desde a fundação baptisou com o nome de *Madelonettes.*

Soror Maria Belin, do convento da Visitação, foi nomeada superiora e soror Maria Talloné, mestra de noviças. A 20 de julho de 1629, tomaram posse do convento das *Madelonettes,* e o bispo, que procedeu á installação solemne, auctorisou-as a submetter a communidade á obediencia da Visitação, segundo a regra de S. Bento.(V. *Provas da Historia das Antiguidades de Paris,* por Sauval).

A superiora Maria Belin devia redigir a constituição d'aquella communidade, meio secular, meio regular.

O papa Urbano VIII, n'uma bulla de 16 de dezembro de 1631, approvou a nova instituição, como favoravel aos bons costumes e conforme ao espirito da religião. As religiosas da Visitação que governavam a communidade e a amoldavam á sua obediencia, tinham uma tarefa tão laboriosa e difficil, que era mister alternarem-se de vezes em quando para poderem repousar.

«Graças a estas boas irmãs, diz Sauval, durante mais de trinta annos tudo tem caminhado santa e edificantemente.» Tão habil foi a direcção dada áquellas reclusas, que só se recordavam dos antigos erros para se applicarem mais á penitencia dos seus peccados.

A communidade, que em meiados do seculo XVII se compunha de cento e vinte pessoas, estava dividida em tres differentes classes.

A primeira, a dos *Aspirantes,* não pronunciava votos, usava trajo secular e preparava-se com jejuns, orações e trabalho a renunciar ao mundo.

A segunda, a das Arrependidas, formava o que se chamava a *Congregação,* pronunciava votos provisorios e depois de alguns annos de prova vestia o habito pardo das noviças.

A terceira compunha-se apenas das religiosas, que depois de haverem dado reiteradas provas da sua conversão sincera, eram admittidas a fazer votos solemnes, a professar a regra de Santo Agostinho e a usarem o habito da Ordem.

Além d'estas tres classes que constituiam a communidade, a casa encerrava um numero regular de raparigas e mulheres, na sua maioria pertencentes a ricas e distinctas familias, que haviam obtido mandado de prisão *(lettres de cachet)* contra estas infelizes prevertidas.

Entre as desgraçadas encerradas alli contra a sua vontade, viam-se ás vezes algumas victimas da crueldade de um pae, dos zelos de uma irmã, ou da avareza de um tutor. Em compensasão, porém, o rei e o parlamento mandavam a miudo para as *Madelonettes*, para soffrerem uma detenção arbitraria, certas creaturas prevertidas, que se haviam tornado culpadas de verdadeiros crimes, embora elles fossem attribuidos á libertinagem e á prostituição.

O primeiro caracter da instituição das *Madelonettes* modificou-se essencialmente quando a casa de reclusão chegou a absorver de todo a casa de refugio e asylo, de maneira que só o nome d'ella causava ás mulheres de má vida um horror e espanto de tal ordem, que em vez de as attrahir, as affastava d'ella e por conseguinte da penitencia de seus erros.

Era, portanto, dever da auctoridade civil estabelecer casas de reclusão e de correcção, para fazer desapparecer as prostitutas e os libertinos que ultrajavam a honestidade publica: antes, porém, de relatar os esforços dos governos para realisarem esta reforma social, temos de indicar varias instituições humanitarias devidas a particulares, que desejavam tambem conseguir o mesmo resultado, por meios mais efficazes, abrindo casas de refugio ás peccadoras arrependidas e asylos para a infancia desvalida.

Eis o motivo porque o veneravel parocho de Saint-Eustache, Leonardo de Samet, vendo com dôr que os proletarios da sua parochia não podiam dar educação a suas filhas, «que viviam na ociosidade e cahiam a miudo na libertinagem e na dissolução, e que corrompendo-se, corrompiam as outras, causando graves escandalos», sollicitou do rei a permissão de fundar com algumas almas piedosas a communidade de Santa Ignez, «em que varias mestras de differentes officios ensinavam officios manuaes ás meninas pobres», dando-lhes ao mesmo tempo, «porque eram mulheres de boa conducta e de bom exemplo», as instrucções espirituaes necessarias para a sua salvação.

Estas officinas religiosas disputavam assim á prostituição uma presa, que a miseria e a ignorancia lhe haviam facilitado até então.

Um grande numero de fundações, tão philantropicas e tão uteis para a moralidade do povo, honraram o reinado de Luiz XIII e o de Luiz XIV.

Mencionaremos apenas um pequeno numero d'ellas, que mais directamente se referem ao assumpto da nossa obra.

Não devemos esquecer, pois, as communidades de *Santa Pelagia*, de *Santa Valeria*, de *Santa Theodora*, de *Santa Aurea*, do *Salvador* e do *Bom Pastor*.

A de Santa Pelagia deveu a sua origem á inexgotavel caridade da senhora de Miramion, viuva d'um conselheiro do parlamento, que empregava a sua fortuna em suavisar as dôres dos pobres, e havia concorrido com generosa efficacia para o estabelecimento de varios hospitaes e casas de refugio.

Esta respeitavel dama reuniu, n'uma casa do arrabalde de Santo Antonio,

seis ou sete jovens prevertidas, que ella propria fizera arrancar aos horrores da prostituição.

Este ensaio em pequena escala parece ter tido bom exito, e então a senhora de Miramion, dando mais latitude ao seu plano, e secundada por pessoas piedosas e caritativas, obteve do rei em 1655 cartas patentes para abrir um logar de refugio, escolhido nas edificações visinhas ao Hospital da Piedade e submettido á administração do Hospital geral.

Não se envergonharam a senhora de Miramion e as pessoas suas amigas de trabalharem de alma e coração na conversão das prostitutas, que ellas proprias iam arrancar ao lodaçal do vicio.

Aquellas desgraçadas encontravam, pois, no hospicio um retiro pacifico para a oração e para o trabalho. Em breve, porém, as pobres creaturas que haviam comprado a troco da liberdade um certo bem estar material, não tardavam a notar que estavam encerradas n'uma especie de prisão. D'aqui o desejo invencivel de sahirem d'ella, e emquanto as portas solidamente aferrolhadas alli as mantinham, o seu temperamento, manchado pelo habito do vicio, ia-se corrompendo cada vez mais sob a mascara da hypocrisia.

Não podendo provocar os homens á libertinagem, tinham umas com as outras, na maior parte dos casos, abominaveis relações, que occultavam sob o veu da amisade, e que lhes procuravam todas as sensações do amor.

Assustou-se a senhora de Miramion com esta depravação incuravel, e por causa d'ella quiz ensaiar o effeito de uma cura mais radical em creaturas menos corrompidas e preversas. Lembrou-se, pois, de recolher na mesma casa, ainda que em habitações separadas, que não tivessem o aspecto de um carcere, um pequeno numero de mulheres a quem a vergonha ou o tedio levassem a renunciar á libertinagem e a mudar a sua precaria e deshonrosa condição por uma existencia tranquilla e honesta, longe do vicio e das suas terriveis consequencias.

Estas novas reclusas denominavam-se as *Filhas de Santa Pelagia,* ou da *Boa-Vontade,* e eram recrutadas no abjecto pessoal da prostituição.

Como o numero das novas penitentes fosse augmentando de dia para dia, trasladou-se a instituição para o arrabalde de Saint-Germain, para uma casa onde antes d'ellas haviam já estado as *Filhas da Mãe de Deus.* A pedido, porém, dos administradores voltaram para a sua primeira morada, na qual existia ainda a communidade, casta e tranquillamente, por occasião da revolução de 1789.

Na sua origem, o estabelecimento creado pela senhora de Miramion havia luctado com varias difficuldades, que lhe paralysaram por muito tempo o effeito, e que pouco faltou para não occasionarem a sua ruina.

Esta casa de reclusão, que o primeiro presidente de Lamoignon havia approvado e recommendado altamente, apenas começou a receber prostitutas, recrutadas aqui e alli, e encerradas a seu pesar n'aquelle refugio, desencadeou contra a sua fundadora e respeitaveis associadas um verdadeiro temporal de queixas e de calumniosas denuncias. Accusaram-nas de haverem constituido sob a capa de devoção e de humanidade um verdadeiro carcere, em que reti-

nham injustamente raparigas e mulheres, que nunca haviam sido convictas de libertinagem.

Estes abusos, que insidiosa e falsamente se attribuiam ao estabelecimento da senhora de Miramion, verificavam-se em diversos pontos de Paris em estabelecimentos analogos, que a competencia mais intelligente e menos honesta multiplicava com incrivel ousadia, sob os auspicios de personagens eminentes, que deixavam illudir a sua religião e boa fé por intrigantes e exploradores.

Assim, por exemplo, o parocho de Saint-Paul havia favorecido com um zelo pouco illustrado a instituição de uma casa do retiro forçado para raparigas e mulheres de má vida, denominado o *Refugio de S. Paulo.* Esta casa chegou dentro em pouco a ser um continuo theatro de monstruosos excessos e scenas escandalosas.

Havia quem encerrasse alli, em proveito de interesses particulares tão injustos como despreziveis, um sem numero de pobres victimas, que nunca tinham sido rés de nenhum crime de libertinagem: mulheres casadas, orphãs ricas, fidalgas solteiras, mães de familia, desappareciam quasi todos os dias e eram arrebatadas ao mundo, sob pretexto de emenda de costumes, para serem encerradas e detidas n'aquelles infames refugios, que não eram, em ultima analyse, senão prisões secretas e tumulos anticipados.

O procurador geral interveio no assumpto e denunciou estas infames cabalas de certas pessoas, que sem previa auctorisação formavam congregações e communidades para reterem em carcere privado raparigas e mulheres de má vida, originando-se assim os mais horriveis abusos.

Effectivamente, o dito funccionario havia visitado pessoalmente varios estabelecimentos d'este genero, situados nas freguezias de Saint-Eustache e de Saint-Sulpice e nos arrabaldes de Saint-Jacques e de Saint-Antoine, e podéra observar, especialmente no *Refugio de S. Paulo,* que a detenção da maior parte das reclusas não era motivada por sentença judicial.

Em consequencia d'isto, o parlamento decretou em 31 de dezembro de 1660 que ficavam supprimidos todos aquelles estabelecimentos parasitas, em particular o *Refugio de S. Paulo,* e «que se prohibia além d'isso a toda a pessoa, de qualquer ordem e condição que fosse, instituir congregação ou communidade alguma, sem previas cartas patentes, regularmente comprovadas e registradas, e reter subdito algum d'el-rei contra sua vontade em casas ou carceres privados, qualquer que fosse o pretexto de zelo ou de devoção que se allegasse.» (*Hist. de Paris,* por Felibien.)

Na suppressão das congregações não auctorisadas e dos refugios secretos, não foram felizmente comprehendidas as beneficas instituições da senhora de Miramion.

A visita do procurador geral, acompanhado do commissario Galliot, havia sido muito favoravel á obra das *Filhas de Santa Pelagia,* e o summario da visita fizera menção de que, das duas cathegorias de reclusas, uma só se compunha de mulheres incorrigiveis detidas e encarceradas por effeito de libertinagem publica e confirmada, em virtude de ordens judiciaes: e a outra de jo-

vens arrependidas, que tinham optado espontaneamente pela vida claustral em expiação de suas faltas e pelo receio de novamente cahirem n'ellas.

A senhora de Miramion, cuja enorme fortuna parecia ser o patrimonio da caridade christã, cuidava por si mesma do regimen interior de *Santa Pelagia* e das succursaes d'esta casa, onde tantas infelizes desgarradas accudiam em busca de um porto seguro e tranquillo contra as tempestades do coração e dos sentidos.

Carecia, ainda assim, de auctorisação especial para a communidade que dirigia, juntamente com varias grandes senhoras da côrte, sob os auspicios dos mais respeitaveis membros do parlamento.

Finalmente, em 1665, o rei confirmou por cartas patentes a validade d'aquelles estabelecimentos de refugio para as raparigas e mulheres dissolutas, que alli fossem encerradas por auctoridade do preboste de Paris, dos juizes do Châtelet ou do parlamento, e que não poderiam sahir d'alli senão por ordem dos mesmos magistrados.

As demais communidades, analogas á de Santa Pelagia, haviam todas desapparecido em consequencia do decreto do parlamento de 31 de dezembro de 1660. As pessoas piedosas estavam convencidas, porém, das vantagens que os refugios das mulheres escandalosas podiam effectivamente offerecer no interesse dos bons costumes, não obstante os abusos que podessem resultar de algumas reclusões arbitrarias ou forçadas.

N'uma visita pastoral, feita em 1687 pelo parocho de Saint-Étienne-du-Mont ao territorio da sua jurisdicção ecclesiastica, observou com dôr, dizem os editores da obra de Sauval, «que havia um grande numero de raparigas consagradas ao commercio impuro, a que se davam por falta de alimentos e de outros recursos que as podessem tirar do servedouro da prostituição.»

O veneravel pastor, n'esta deploravel conjunctura, induziu alguns dos seus freguezes a abrirem uma casa do asylo onde acolhessem as prostitutas «a quem Deus houvesse tocado com a sua divina graça.»

Esta casa estabeleceu-se sob a invocação de Santa Theodora, aquella virgem martyr que foi condemnada durante as perseguições de Diocleciano a ser entregue á prostituição publica, e que apesar de conduzida a um lupanar, mereceu de Deus a graça singular de lhe conservar miraculosamente a sua virgindade.

A communidade das *Filhas de Santa Theodora* só existia em favor de uma auctorisação provisoria, estando confiada á direcção de um presbytero de Saint-Étienne-du-Mont, chamado Labitte, cuja vida exemplar e reputação de santidade tinham feito julgar digno de desempenhar tão delicado e difficil cargo.

Effectivamente, as raparigas que se haviam recrutado na parochia para formar aquella instituição, ficaram encantadas com o seu director e submetteram-se de boa vontade ás suas ordens. Ignora-se, porém, porque desconhecida influencia, o prelado Harlay de Champvallon, arcebispo de Paris, ao passo que approvava a communidade, não approvou o seu director, e quiz substituil-o, nomeando em seu logar o abbade Lefevre, sub-preceptor dos Delphins de França.

A substituição não agradou ás *Filhas de Santa Theodora,* e recusaram

terminantemente reconhecer o successor de Labitte e obedecer ao regulamento, que pretendia impor-lhes.

Algumas, invocando esse pretexto extravagante, real ou fingido, abandonaram a casa, «sem guardarem a prudencia e decoro devidos» ; outras ficaram, mas em estado de rebellião declarada contra o arcebispo de Paris.

O prelado, em consequencia d'isto, mandou fechar o refugio das *Filhas de Santa Theodora*, situado na rua des Gallines, no arrabalde de Saint-Marceau, e ordenou a dispersão das rebeldes que se empenhavam em manter a sua instituição sob os auspicios do seu antigo director.

No emtanto, poucos annos depois, em 1697, havendo o cardeal de Noailles occupado a cathedra archiepiscopal de Paris, em substituição de Harlay de Champvallon, confirmou as decisões do seu predecessor, e declarou que a communidade das *Filhas de Santa Theodora* estava e continuaria supprimida. Não obstante, porém, instituiu com as mesmas bases uma communidade de *Santa Aurea*, á qual foram encorporadas as *Filhas de Santa Theodora*, que tinham vivido no retiro, esperando o fim d'aquelle conflicto.

O abbade Lefevre foi nomeado tambem director da nova communidade, em proveito da qual dispoz de uma somma de mais de quarenta mil libras, que foram empregadas na appropriação dos edificios e da capella de *Santa Aurea*.

Tendo o cardeal de Noailles os generosos intuitos de ser bemfeitor d'esta casa de refugio, havia comprado á sua custa varias casas situadas na rua nova de Sainte-Géneviève, á esquina da rua de Pot-au-fer, para alli albergar, dizem os continuadores de Sauval, algumas raparigas, cujo aspecto e temperamento fizessem suspeitar que a companhia do mundo lhes fosse prejudicial.

Realisavam-se ao mesmo tempo na capella, que fôra consagrada em 1700, as festas de Santa Theodora e de Santa Aurea, como primeira e segunda padroeiras da instituição.

Não eram precisamente prostitutas as mulheres que se recolhiam n'aquella casa, mas sim raparigas pobres, que tinham vivido na desordem antes da edade da razão, ou que haviam sido arrastadas ao vicio sem se tornarem viciosas. Aprendiam alli officios e profissões honestas, como a costura, a tapeçaria, os bordados, etc., e eram restituidas á sociedade, quando se achavam em estado de ganhar a vida honradamente, e quando se lhes havia incutido o amor ao trabalho.

Havia além d'isso em Paris e em outras cidades de França diversas instituições de beneficencia, creadas com o fim de diminuir o numero das mulheres de má vida e de invalidar assim os funestos esforços da prostituição. E' de notar que estas casas de refugio, estabelecidas com auctorisação do arcebispo, ou só com a do parocho do logar, nunca procediam do brilhante arrependimento de uma prostituta enriquecida nem da sua compaixão para com as antigas companheiras de devassidão.

Pelo contrario: A ideia fundamental d'estes estabelecimentos só occorria a santas e castas mulheres, que, animadas de um horror instinctivo contra a prostituição, sentiam-se ao mesmo tempo commovidas por uma profunda pie-

dade para com as infelizes arrastadas ao abysmo pela miseria ou pela libertinagem.

Em 1701, uma respeitavel dama de Paris, a senhora Des Bordes, juntamente com algumas virtuosas damas, suas amigas, compungidas do espantoso excesso de uma libertinagem que não comprehendiam, fundaram a communidade do *Salvador,* á similhança da do *Bom Pastor,* que havia prestado relevantes serviços á moralidade das classes proletarias.

Esta communidade devia compôr-se de peccadoras, que depois de se haverem prostituido, quizessem lavar as suas manchas com uma vida de privações, de lagrimas e de praticas austeras.

As *Filhas do Salvador* só residiram tres annos na rua Portefoin, onde as suas fundadoras lhes haviam dado asylo.

D'alli foram estabelecer-se na rua Vendome, e o producto das esmolas grangeou-lhes os meios de se purificarem com a oração e com o trabalho.

Não parece remontar a origem mais antiga a communidade de *Santa Valeria,* destinada egualmente a receber as penitentes da prostituição.

Esta communidade foi constituida em fins do seculo XVII, por esforços de algumas pessoas devotas, que se indignavam de ver augmentar cada vez mais a dissolução dos costumes, apesar de tantas instituições caritativas e de tão piedosas fundações.

Existiu até á revolução, e estava estabelecida na rua Grenelle-Saint-Germain.

Degenerando em breve do fim principal da sua creação, deixou de receber prostitutas propriamente ditas, para admittir tão sómente raparigas mais ou menos cahidas no lodo, mais ou menos habituadas ao vicio, com tanto que podessem pagar, por si ou pelas familias, uma pensão e um dote bastante consideraveis.

Estas communidades, fundadas para a penitencia das raparigas e das mulheres dissolutas, nunca foram mais florescentes nem mais efficazes para os bons costumes, do que a do *Bom Pastor,* que serviu de modelo a muitas d'ellas e que reformou grande parte dos abusos, attribuidos ás casas de refugio anteriormente estabelecidas.

A fundadora do *Bom Pastor* foi uma dama hollandeza, protestante convertida á religião catholica, e que se havia consagrado depois da conversão a obras de piedade.

Chamava-se a caridosa dama Maria de Ciz, e era viuva de um gentil-homem huguenotte, o senhor de Combré, com quem havia casado em Leyde. Malquistando-se com a familia do marido por ter abjurado o protestantismo, estabeleceu o seu domicilio em Paris, onde viveu sempre no maior recato, com a escassa pensão de duzentas libras que o rei concedia a cada novo catholico.

Vivia na rua de Pot-au-fer, n'um pequeno quarto, onde por unicos moveis tinha apenas um colchão, uma cadeira quebrada, uma mesa coxa e um crucifixo.

Passava os dias na egreja de Saint-Sulpice, ouvindo missas, ouvindo sermões, orando sempre, sempre contricta, sempre em adoração, edificando os

christãos com os seus actos de penitencia. O parocho de Saint-Sulpice, o senhor de la Barmondière, apontava-a frequentemente como modelo ás suas freguezas mais instruidas e menos zelosas no culto, pois que a senhora de Crombé apenas comprehendia o francez, e podia suppôr-se que a sua instrucção religiosa deixava ainda muito a desejar.

Ahi por fins do anno de 1686, na occasião em que um prégador discursava energicamente contra o peccado da impureza, entrou por acaso na egreja uma prostituta, levada por ideia bem differente da de ouvir um sermão de moral.

A peccadora ouviu, no emtanto, o orador sagrado com extraordinaria emoção, e apenas elle desceu do pulpito, pediu com insistencia que a deixassem fallar-lhe, sem comtudo dizer o que pretendia. Levaram-n'a á cella do prégador, que apenas tivera tempo de mudar de trajo, e de tomar um pequeno refresco. A peccadora lança-se-lhe aos pés e confessa-lhe afogada em pranto, que em raio da divina graça lhe ferira a alma, e que resolvera consagrar-se a Deus.

O prégador admirado do poder da sua eloquencia, ergue carinhosamente a pobre rapariga, promette-lhe amparal-a n'aquella resolução, e leva-a a casa do parocho de Saint-Sulpice.

Este prudente ecclesiastico julgou necessario submetter a provas a solidez de uma tão boa conversão, e para esse fim confiou a direcção d'aquella penitente suspeita ao confessor da senhora de Crombé, encarregando ao mesmo tempo esta virtuosa dama de vigiar a conducta de uma joven, que podia de um para o outro momento recahir no vicio.

«O trajo modesto e simples, diz Delamare no seu *Tractado de Policia*, a sua abstinencia, as suas mortificações, os continuos exercicios de trabalho, de oração e de meditação, seriam capazes de encher de tedio uma joven mundana e sobre tudo uma prostituta, se o seu coração não estivesse verdadeiramente contricto. Estava, porém; e poucos dias depois attrahia ao mesmo asylo de penitencia uma outra peccadora, que tinha sido sua companheira. Duas outras vieram pouco depois, e todas ellas formaram uma pequena communidade de penitentes, sob a direcção da senhora de Crombé.»

Compartilhava, pois, esta virtuosa dama o leito e o quarto com as quatro prostitutas, e por outro lado, o parocho de Saint-Sulpice occorria ás suas necessidades com o producto dos peditorios que fazia. O numero de penitentes que a obra da senhora de Combré arrancava á prostituição havia augmentado bastante, para que ella procurasse encontrar o meio de as estabelecer em local mais conveniente. O seu confessor, que havia contribuido notavelmente para a instituição d'aquella obra de penitencia, encontrou na caridade de algumas pessoas philantropicas os recursos necessarios para alugar uma pequena casa na rua Cherche-Midi, para alli installar as *Filhas do Bom Pastor*.

A senhora de Crombé era de facto a superiora d'esta communidade nascente, que só existia devida aos seus cuidados, sob a prudente vigilancia do cura de Saint-Sulpice. Esquecera-se, porém, de sollicitar da auctoridade civil a auctorisação regular, antes de emprehender o estabelecimento de uma casa

de refugio, aberta ás raparigas e mulheres de má vida. A boa senhora ignorava que em consequencia dos abusos que tinha havido em estabelecimentos da mesma natureza, o logar-tenente criminal, o senhor de la Reynie, estava firmemente resolvido a não conceder licença alguma para casas d'aquella indole.

No emtanto, poude escapar durante um anno ás pesquizas e diligencias que devia occasionar a descoberta de uma casa, onde a esse tempo havia já umas trinta reclusas.

Para sustentar estas pobres creaturas, aquella santa mulher ia de porta em porta recolher as migalhas da mesa e estender mão supplicante, invocando o nome de *Bom Pastor.*

Chegára, ainda assim, a tão grande miseria, que nem sequer podia pagar o aluguel da casa que occupava, quando o senhorio lh'o exigiu no mez de fevereiro de 1688.

Nomeou-se um commissario de policia para ir dar uma busca áquella casa, que já havia excitado varias queixas e motivado infames calumnias. A senhora de Crombé apressou-se a introduzir o referido funccionario no retiro do *Bom Pastor,* conseguindo interessal-o vivamente com o espectaculo da boa obra que com tanto valor e abnegação havia iniciado e levado por diante.

O commissario, commovido de quanto vira e ouvira, foi informar do resultado da sua visita o chefe, M. de la Reynie.

—«Se tudo quanto o sr. diz se confirmar na segunda visita a que deve proceder, disse-lhe o magistrado superior, não vejo no procedimento d'essa excellente viuva motivo senão para a louvar e incitar na continuação da sua obra. E' digna de toda a protecção e favor.»

A segunda visita realisou-se d'ahi a poucos dias, retirando-se o commissario mais commovido ainda e mais edificado que da primeira vez.

—«Meu senhor, dissera-lhe a santa viuva, aqui não temos carceres para as peccadoras, que se pretende arrancar do abysmo do vicio á força. A casa do *Bom Pastor* só acolhe as que abraçam de boa vontade a virtude!»

Por mais duro e severo que fosse o senhor de la Reynie, não poude deixar de commover-se ao ouvir a narração das maravilhosas victorias, que aquella piedosa viuva lograra alcançar sobre tantas raparigas prevertidas, sobre tantos corações corrompidos!

Mandou, portanto, dizer á senhora de Crombé que lhe concedia, para dar mais desenvolvimento á sua instituição, uma casa visinha, que ficára vaga pela partida de um protestante, e por isso sem dono que a reclamasse. Foi tambem informar pessoalmente el-rei e madame de Maintenon dos felizes resultados d'aquella nova communidade, que devia ser auctorisada e protegida no interesse da moralidade publica.

Oito dias depois, a senhora de Crombé recebeu uma auctorisação do rei, ficando assim assegurada para o futuro a existencia do *Bom Pastor.*

A auctorisação dizia o seguinte:

«El-rei, informado da santa e louvavel conducta da senhora de Crombé a respeito das pobres raparigas, que desejam fugir do vicio, concede-lhe a sua protecção, afim de que possa dar mais latitude á sua caridade e bom exemplo.»

Mal a senhora de Crombé tomou posse da casa abandonada, el-rei enviou-lhe uma somma de mil e quinhentas libras destinadas a cobrir as primeiras despezas da installação.

As doações espontaneas, que de toda a parte affluiam, desde que Luiz XIV se declarára protector da obra de caridade, permittiram á fundadora, dentro em pouco, comprar uma segunda casa, contigua á primeira, e fazer construir um novo corpo de edificio.

Em menos de dois annos, podia o asylo do *Bom Pastor* albergar cento e vinte penitentes, contendo além d'isso todas as dependencias necessarias á communidade, taes como a capella, o côro, a casa de trabalho, etc.

As liberalidades d'el-rei e de madame de Maintenon contribuiram para realisar os piedosos designios da senhora de Crombé, que morreu na edade de trinta e seis annos, nos braços das peccadoras que havia convertido.

—«Minhas filhas, dizia-lhes a virtuosa senhora, no leito da agonia, se Deus resolveu levar-vos d'este mundo, não vos inquieteis a respeito do futuro que vos espera. Deveis comprehender que não era eu, mas sim Elle, quem sustentava esta casa!»

O arcebispo de Paris havia approvado o regulamento fundamental da communidade, mas a instituição da senhora de Crombé só em 1638 foi confirmada por cartas patentes do monarcha.

Estas cartas recordavam que n'aquelle asylo, «sustentado unicamente pelo auxilio da Providencia, a fundadora recebia gratuitamente as raparigas a quem a necessidade ou a libertinagem haviam extraviado para a senda da desordem, quando alli accudiam com o proposito de fazer penitencia, dando sempre a prerencia áquellas que a pobreza impedia de serem recebidas por falta de pensão, nas casas de refugio e na *Magdalena*,»

Em consequencia d'isto, o rei que havia distribuido mais de uma vez as suas esmollas «a um estabelecimento tão util para o publico e tão vantajoso para a conversão de tantas almas desgarradas,» auctorisava o citado estabelecimento «a receber no seu gremio, gratuitamente e sem pensão alguma, as raparigas de má conducta, que se retiram voluntariamente do vicio, observando as regras e constituições acima expostas, sem que n'ellas se introduza mudança, por qualquer motivo que seja, a não ser por ordem do senhor arcebispo de Paris, o qual e os seus successores serão sempre os superiores da referida casa, e fazendo as suas vezes todos os presbyteros não religiosos (?) que por elle forem encarregados e nomeados.»

O regulamento d'esta communidade não differia muito dos das outras casas de refugio, e crêmos que bastará analysal-o rapidamente, para os ficarmos conhecendo todos, excepto leves alterações.

O *Bom Pastor* compunha-se de duas classes de pessoas: as *Irmãs*, cujo comportamento fôra sempre regular e que se consagravam gratuitamenle á conversão das peccadoras, e as *Penitentes*, que em expiação dos seus peccados abraçavam voluntariamente uma vida de mortificação, de trabalho e de retiro. A porta está aberta para todas as jovens a quem uma sincera conversão retira do mundo, embora sejam preferidas as que se encontram em maior perigo.

Não são admittidas as casadas, nem as solteiras gravidas, nem quaesquer mulheres atacadas de enfermidade contagiosa.

Nenhuma joven entra na casa, sem antes de ser recebida haver postulado durante algum tempo e ter dado provas de sincero arrependimento.

Antes de se receber uma postulante expõe-se-lhe claramente, e sem nada omittir, o regulamento interno da communidade.

Se depois d'isto persistia na sua vocação, era primeiramente isolada, e n'este isolamento preparatorio só communicava com as irmãs encarregadas de a instruir e vigiar.

Só era admittida á vida da communidade depois de haver decorrido um periodo de prova mais ou menos largo.

As advertencias geraes que se dirigiam á postulante eram bem apropriadas a aterral-as, e a desgostar mesmo as que tivessem uma ferverosa vocação:

«As jovens que desejam entrar no *Bom Pastor,* devem saber que o regimen d'esta casa é duro, pobre e completamente isolado.

«Deve-se guardar, durante quasi todo o dia o maior silencio.

«Vive-se n'uma obediencia cega em tudo quanto não seja contrario á lei de Deus, n'uma mortificação completa dos sentidos, n'uma abnegação continua de si proprio.

«As jovens estão todos os dias reunidas, e ás vezes durante a noite. Nada pódem fazer sem previa permissão. Recebem rarissimas visitas, e estas visitas não pódem durar mais de um quarto de hora, em presença de uma irmã, que ouvirá tudo quanto se disser.

«Não podem receber qualquer objecto em particular, nem guardar cousa alguma, sem permissão da superiora. Tudo quanto se possue é commum.

«Não se toleram sob pretexto algum amizades particulares, que são origem de dissipação e divisão. Tudo quanto transcenda ao mundo, curiosidades, noticias, conversações *demasiado humanas,* tudo será desterrado da communidade.

«Para prevenir a tentação de escrever, não se dá tinta nem papel. E' mister pedil-o á superiora, que lê todas as cartas que se recebem e todas as que se escrevem.

«Entra-se no *Bom Pastor* para viver com simplicidade e humildade. Não convém, porém, que a humildade induza as jovens que Deus tiver preservado a collocarem-se na mesma cathegoria d'aquellas, para quem se estabeleceu este asylo, porque isto seria violar a verdade e a justiça.

«Conservar-se-hão na communidade as que tiverem boa vontade, ainda que adoeçam de qualquer enfermidade que seja, mas expulsam-se as incorrigiveis.»

O trajo das *Filhas do Bom Pastor* era com pequena differença o mesmo que o das communidades analogas. Os habitos eram de panno escuro, ou pardo, de mangas amplas e cahidas, pescoço fechado e justo, e preso com um broche. Cingiam-se á cintura com um annel de couro grosso, apertado por uma fivella de ferro.

Por cima do vestido havia um corpete, que se usava em todas as estações. Usavam além d'isto meias de lã feitas á agulha e tamancos. Por cima do grosseiro barrete que lhes cobria o cabello rapado, usavam uma touca de estopa muito espessa em forma de capello. Da cintura pendia-lhes um grosso rosario de contas de pau, terminando por um crucifixo de latão. Não se serviam de luvas senão no rigor do inverno para evitar que as mãos lhes gretassem, impedindo-as de trabalhar, e só tiravam o seu grande avental de estopa de Aumale aos domingos e dias de festa, em que não trabalhavam.

Parece que as *Penitentes*, que ainda não haviam renunciado de todo ás pompas mundanas, tinham uma pronunciada aversão por aquella libré de pobreza e mortificação, que só deviam largar á hora da morte.

Cada hora e cada momento do dia tinha o seu destino fixo pora o trabalho ou para a oração.

Apenas estas orações, ditas em voz alta ou em voz baixa, leituras edificantes, conferencias religiosas, estações na egreja, exames de consciencia, podiam interromper as silenciosas occupações do trabalho, que começavam ás cinco da manhã para acabarem ás oito e meia da noite.

De resto, n'este regulamento redigido por uma piedosa e casta mulher, não transluz prescripção alguma que recorde o antigo estado das *Filhas do Bom Pastor,* ou uma referencia sequer a algum dos seus vicios ordinarios.

O capitulo do dormitorio, por exemplo, não deixa suspeitar as desordens que a preversidade de algumas falsas convertidas tão frequentes tornava, tanto nas casas de refugio, como nas de correcção.

No emtanto, alguns capitulos lá indicam ainda assim as precauções que fora preciso tomar para que nada occorresse contrario á decencia e á honestidade :

«Ainda que os dormitorios são communs, diz o regulamento da senhora de Crombé, as camas estão dispostas de modo, que as *Penitentes* podem levantar-se e deitar-se, sem serem vistas umas das outras.

«Mudar-se-ha de dormitorio e de cama as *Penitentes*, quando se julgar a proposito, sem que se lhes dê qualquer explicação, ainda mesmo que a peçam. Dir-se-lhes-ha que é o desejo de perfeição.

«Ainda que este artigo pareça de pouca importancia, a experiencia tem mostrado que é muitas vezes necessario.

«Cada uma das *Penitentes* collocar-se-ha detraz da sua cortina e despir-se-ha modestamente e depressa, para estar deitada ao acabar o *Miserere*.

«A que recita o *Miserere* deve dizer em voz alta :

— «Consideremos, irmãs, que estamos no nosso leito de morte.

«Em seguida, uma irmã dará agua benta a todas as *Penitentes*, que antes de dormir, dirão :

— «Deus meu, encommendo-vos a minha alma!

«Ou estas palavras de David :

— « Dormirei em paz, e só em Deus repousarei!

«Quando se descer para a oração da madrugada, a irmã que ficar em cada dormitorio, percorrel-o-ha minuciosamente, a fim de ver se por lá fica

alguma, e fechará a porta á chave. O mesmo fará durante a noite, observando se todas estão nas suas camas. Feito o quê, apagará as luzes, e collocará a chave debaixo da sua cabeceira.

«Haverá uma lampada accesa toda a noite nos grandes dormitorios, para as necessidades que possam dar-se.»

O regulamento não diz uma palavra a respeito dos cuidados da limpeza e de toilette, aos quaes provavelmente as *Penitentes* não haviam renunciado de todo, ao renunciarem ao mundo e a Satanaz, Só se formos descobrir algumas allusões a este assumpto, n'este artigo mysterioso e amphibologico:

«As *Penitentes* tractarão de evitar delicadezas e apuros, n'uma casa absolutamente destinada á penitencia. Entregar-se-hão ao cuidado das irmãs, as quaes, animadas pelo espirito do *Bom Pastor,* terão piedade das que estiverem enfermas.»

Quererá isto significar que as abluções mais indispensaveis estavam comprehendidas n'estas *delicadezas* que as *Penitentes* deviam evitar?

A comida das *Filhas do Bom Pastor* era apenas a strictamente necessaria para impedir que morressem de fome. Mais a proposito haveria sido para extinguir, do que para atiçar os ardores da sensualidade.

Todos os dias, ás oito da manhã, o seu frugal almoço compunha-se de um pedaço de pão, do peso de cinco ou seis onças, e de agua clara á discrição.

O jantar, que as reunia no refeitorio ás onze e meia, não lhes offerecia de ordinario senão uma sopa e tres ou quatro onças de carne, á qual ás vezes se juntava salada ou arroz. Nos dias de jejum, substituia-se por feijões, favas ou lentilhas.

Á ceia, que se realisava ás sete da noite, apresentavam-se na mesa apenas os restos do jantar.

«Ao ir para o refeitorio, diz o Regulamento, trar-se-hão á memoria as horriveis consequencias da intemperança de nossos primeiros paes e pedir-se-ha ao céu a graça de nos manter nos precisos limites da necessidade.»

As *Penitentes* que chegavam ao refeitorio depois do *Benedicite* eram obrigadas a comer de joelhos, e as que se impunham alguma mortificação particular podiam com licença da superiora «comer os desperdicios, ou comer o que lhes davam, no chão.»

Estas desgraçadas nunca bebiam vinho, nem se lhes servia comida alguma á meza, que não fosse muito ordinaria e conveniente para peccadoras, que deviam como o santo rei David «molhar o seu pão em lagrimas e comel-o com cinzas.»

Havia um só confessor para toda a communidade, e este confessor, eleito pelo superior, não podia ter menos de quarenta annos e devia ser de reconhecida capacidade, de piedade extrema e de irreprehensivel conducta.

Diz a este respeito o regulamento:

«Só fallará com as *Penitentes* no confessionario, harmonisará as suas maneiras com a doçura e a gravidade e medirá tão bem as suas palavras, que sem desanimar nem lisongear as almas, as occupará unicamente de Jesus-Christo, que deve obrar e fallar na sua pessoa. Viverá na maior intelligencia

com o superior, com a superiora e com a communidade, evitando a menor suspeita da sua fidelidade no seu ministerio, e mantendo com cuidado a união, a subordinação, a regularidade e a caridade.»

Facilmente se adivinham os perigos que ameaçavam a confissão, no meio d'aquellas mulheres ha pouco entregues á prostituição e levantadas apenas do seu estado abjecto.

O habito do peccado atormentava-as ás vezes debaixo d'aquella libré austera da penitencia, e arrastadas pelo sorvedouro da sua vida passada, cahiam em amar o seu confessor, como antigamente haviam amado os seus companheiros de prazer.

O confessor era o unico homem que entrava a toda a hora na casa ; o superior só alli ia rarissimas vezes, e se se recebiam pessoas extranhas, que sob os auspicios do tenente geral de policia vinham visitar o estabelecimento, estas pessoas não eram admittidas na sala em que estavam as *Penitentes* e as irmãs, sem que primeiro tres campainhadas tivessem advertido todas aquellas mulheres, para que puzessem as suas toucas e velassem o rosto.

As irmãs apresentavam-se de rosto descoberto, e não lhes era prohibido responder aos visitantes que lhes dirigissem a palavra.

O tenente geral de policia, na sua qualidade de protector titular da casa do *Bom Pastor,* enviava alli os seus agentes ou delegados em todos os casos em que era necessaria a intervenção da auctoridade civil, ainda que a superiora, assistida das principaes irmãs, tinha todos os poderes necessarios para dirigir e administrar a communidade com a approvação da *Madre temporal,* que era sempre uma senhora do grande mundo, tão distincta pela sua gerarchia como pelas suas virtudes.

A superiora era, por conseguinte, quem, depois de ter combinado com as irmãs mais antigas da communidade, recebia ou despedia as *Penitentes*.

O tenente geral de policia raras vezes intervinha n'estes assumptos pessoaes, e o seu papel limitava-se de ordinario a apresentar e a recommendar algumas ovelhas desgarradas.

As grandes peccadoras eram acolhidas sempre com as maiores demonstrações de caridade.

«Assim, diz o *Regulamento,* o Salvador, longe de repellir a mulher peccadora, recebeu-a com tanta doçura e concedeu-lhe tão abundante graça, que mereceu ser preferida aos Phariseus, que aos olhos dos homens tinham uma vida tão pura e tão austera.»

A que era admittida na casa depois do periodo de prova, entrava alli, digamol-o assim, absolutamente nua, por isso que tudo quanto levava comsigo, o fato, os moveis e o dinheiro, eram depositado n'um cofre fechado, ou embrulhado n'um pacote, para lhe ser devolvido integralmente na occasião em que sentia a sua vocação enfraquecida, ou se a superiora a expulsava.

Antes de se pronunciar a expulsão de uma rapariga incorregivel, dava-se-lhe a mão para a fazer entrar na senda do dever, e submettel-a á regra. Empregavam-se tambem meios coercitivos e repressivos, que o regimen da casa aconselhava para esse extremo.

Em caso algum, todavia, as delinquentes soffriam a fustigação ou outros maus tractos, de que se fallava cá fora, principalmente entre as prostitutas que nunca tinham pensado em se retirarem ao *Bom Pastor*.

Podia, no emtanto, succeder a uma joven, culpada de alguma grave infracção da regra ou que tivesse sido causa de escandalo na communidade, ser encerrada n'algum escuro calabouço, até que o conselho da superiora decidisse a respeito da sorte d'aquella desgraçada.

Seja como fôr, o *Bom Pastor* gosou sempre o conceito de um logar de terror, e as mulheres de má vida odiavam-n'o, cobrindo de injurias e de sarcasmos crueis as desgraçadas, que o arrependimento obrigava a entrar n'aquelle terrivel asylo.

A utilidade do referido estabelecimento fôra sem embargo reconhecida por todos os homens de bem e por todas as pessoas piedosas.

As casas de *Santa Theodora*, de *Santa Valeria* e de *S. Salvador* foram creadas pelo modelo da do *Bom Pastor*, que ficou sendo o typo mais perfeito dos logares de refugio e de penitencia, destinados ás raparigas e mulheres dissolutas.

As cidades, de Orleans, de Angers, de Troyes, de Tolosa, de Amiens, de Rouen, de Chalors, de Crobie, etc., quizeram ter estabelecimentos de igual indole, e pediram para a sua fundação a presença e a direcção das irmãs do *Bom Pastor*, as quaes tiveram a gloria de fundar nas referidas cidades novas casas de retiro, dependentes das de Paris e similhantes á instituição da senhora de Crombé.

Existiram em toda a França até á Revolução de 1789 muitos d'estes portos de salvação, sempre abertos ás victimas, que, depois do naufragio da innocencia e do pudor, haviam cahido miseravelmente nos abysmos da prostituição!

CAPITULO IV

SUMMARIO

Necessidade de estabelecer *casas de força* para as verdadeiras prostitutas.— A mendicidade e a vagabundagem, fomentando a prostituição.—Os *Caignards*.—A vida licenciosa dos pobres.—Primeiro estabelecimento para os *Pobres recolhidos*. — Antigos estatutos de 1611.— Logares de reunião dos *Caymands* e das *Caymandes*.— Os ciganos e as ciganas.—Chegada d'estes nomadas a Paris no seculo XV.—Costumes das tribus.—Codigo amoroso das ciganas.— Decadencia do Hospital dos *Pobres encerrados*.— O *Bom Soccorro*.— Vagabundos e mendigos mandados para a America pelas auctoridades.—O vicio mendicante.—Os antros de Paris.—Estabelecimento do *Hospital Geral*. —A *Salpétrière* das mulheres.—As *gatées*, isto é: mulheres podres e corruptas.—Hospicio de syphiliticos em Bicêtre.— Horrores d'este estabelecimento.— As ordenações de 1684.—Casa de refugio e de correcção para creanças pobres.—Casas para os filhos-familias.—Regulamento interno d'estes dois estabelecimentos.—O que succedia ás raparigas, depois de sahirem do refugio.— Breve digressão a respeito do casamento de raparigas dissolutas e da sua rehabilitação.— A casa de força na *Salpétrière*.— Sua organisação.— O que succedia ás reclusas depois de serem postas em liberdade.— Um comboio de raparigas do hospital para o Canadá e para as ilhas da America.— Mandados de prisão para as mulheres casadas e para as menores.— A cigana Leoncia.—Projecto de um novo estabelecimento correccional contra a prostituição publica.



As casas de refugio, para as raparigas que sahiam da infancia, e para as mulheres dissolutas, casas que pertenciam essencialmente á caridade particular, estabeleciam-se com auctorisação dos magistrados, sob a regra de uma communidade religiosa.

As casas de correcção, porém, ainda que confiadas tambem á vigilancia immediata d'aquellas communidades auctorisadas, deviam depender exclusivamente da jurisdicção civil e estar sempre debaixo da esphera da justiça e da policia.

Por mais numerosos que fossem em França os estabelecimentos d'esta natureza, não eram ainda assim sufficientes para sequestrarem do seio da sociedade as infelizes convictas de libertinagem publica, e entregues por habito ou por estado á mais ignominiosa prostituição.

Tão impossivel era encerrar mais de trinta ou quarenta pessoas nas prisões de cada communidade, que se consagrava á correcção dos costumes, como encarcerar uma só dissoluta, que fosse, sem uma ordem especial dada pelo rei, pelo Chatelet ou pelo parlamento, baseada ainda assim, n'uma queixa da familia ou n'uma informação do procurador regio.

Assim, só eram encerradas d'este modo nas *Filhas de Deus* ou nas *Magdalenas,* raparigas ou mulheres que haviam deshonrado o nome das familias, e cuja vida escandalosa era a eterna vergonha de paes honestos, vergonha que ia quasi sempre ferir de ricochete a corporação inteira da nobreza, da magistratura ou toda a classe média.

Uma carta ou mandado de prisão *(lettre de cachet)*, quer emanasse do poder real, quer da auctoridade judicial, só se obtinha á custa de activas e pertinazes diligencias, e dependia sempre do credito dos que a sollicitavam, sendo preciso além d'isso pagar antecipadamente uma pensão bastante regular, para assegurar o alimento e sustentação da presa, que era posta em liberdade, logo que as partes interessadas se esqueciam de renovar a dita pensão alimenticia.

Devemos confessar que não era este por certo o melhor meio de remedeiar a espantosa desordem, que a dissolução dos costumes mantinha no seio da população das grandes cidades.

A justiça e a policia não podiam, sem falsear os seus mais imperiosos deveres, tolerar o exercicio franco e patente da prostituição, quando a lei a condemnava como um crime; e não obstante, a despeito de todas as ordenações reaes, municipaes e civis, a prostituição existia em estado permanente e indelevel entre as classes pobres e reprobas, e tinha até mesmo immensos focos em continua actividade nas grandes cidades, aos quaes affluiam sem cessar de toda a parte um sem numero de pessoas, sem lar nem condição, mendigos e vagabundos, mulheres perdidas e libertinas.

Descrevemos, segundo o testemunho de Sauval, aquellas Côrtes dos Milagres, que subsistiram com todos os seus horrores até meiados do seculo XVII, e que haviam adherido como canceros repugnantissimos a quasi todos os bairros de Paris.

Ousámos penetrar, seguindo o nosso sabio guia parisiense, nos antros do vicio, onde creaturas infames, que já quasi nada conservavam do seu sexo, se prostituiam por dous *liards*, por uma insignificancia ou mesmo por cousa alguma.

Assistimos tambem, com a maior repugnancia, a essa reunião nocturna das mais asquerosas libertinagens que se chamava o *Caignard*, e que teve a honra de legar o seu nome generico a todos os logares infames de infima cathegoria.

«Na minha mocidade, diz Étienne Pasquier, nas suas *Recherches de la France*, estes mendigos tinham o costume de installar-se de verão debaixo das pontes de Paris, homens e mulheres, rapazes e raparigas, indistinctamente misturados, e sabe Deus a vida que faziam.»

Em vão o preboste de Paris se empenhou em lhes prohibir, sob pena de açoites, que escolhessem o seu domicilio entre os pilares das pontes, onde iam procurar sombra e frescura; o *Caignard* nunca foi abandonado pelos seus hospedes habituaes que alli folgavam de noite, e alli se occultavam durante o dia.

As velhas prostitutas, que já não ousavam ostentar ao sol o rosto cicatrizado, corroido pelas ulceras e matizado de borbulhas venereas, podiam ainda continuar a exercer o seu officio protegidas pelas trevas, e viviam retiradas no fundo dos *Caignards* de Paris.

De L'Estoile, no seu *Diario de Henrique* III, diz que a mulher de Renato Binachi, perfumista milanez, «era uma p... que morreu n'um *Caignard*, emquanto que seu marido déra a alma ao diabo sobre um esterquilinio, crivado de piolhos e de outros parasitas.»

Eis aqui as prostitutas mais perigosas d'esse tempo, e apesar d'isso, ainda

que a policia tivesse meio de se apoderar d'ellas, ter-se-hia visto na impossibilidade de as sequestrar da sociedade, que physica e moralmente envenenavam.

Por isso a policia e as auctoridades deixavam vaguear livremente estes seres desgraçados no interior das cidades. Viam-se a mendigar á porta das egrejas, onde exhibiam as suas chagas e as suas repugnantes enfermidades, até que, chegada a noite, iam ganhar o miseravel salario do vicio em todos os logares infames em que a prostituição tinha direito de asylo.

Este pessoal corrompido ultrajava impunemente os costumes e desafiava com insolencia as disposições da lei, por isso que os agentes de policia só prendiam em caso de flagrante delicto, em attenção a que as prisões do Châtelet, da Conciergerie, de Fort de l'Évêque e de Saint-Germain-des-Prés não eram sufficientemente vastas para conterem nem a vigessima parte das mulheres publicas, que faziam vida commum com os medigos, ciganos, ladrões e vagabundos.

A saude de povo ressentia-se cruelmente de tão fatal estado de cousas, e as enfermidades venereas, esse inseparavel cortejo da dissolução, que não eram admittidas nos hospitaes, chegaram a adquirir um caracter tão contagioso e terrivel, que metade da população indigena da Côrte dos Milagres e dos *Caignards* estava invadida por esta incuravel pestilencia.

Tão horrivel ella era a esse tempo, que desfigurava, estropeava e apodrecia os enfermos, os quaes se viam desfeitos pouco a pouco, por isso que os membros lhes caiam aos pedaços.

A prostituição popular, a dos pobres, a mais activa, a mais desenfreada, a mais insalubre e prejudicial de todas, não foi realmente atacada com medidas repressivas até á épocha em que a policia de Paris, cedendo emfim ás queixas e observações dos cidadãos honestos e pacificos, decretou que a mendicidade devia ser prohibida e os mendigos encerrados n'uma prisão ou *casa-forte*.

Foi entre os pobres que appareceu por essa épocha a peior especie de prostitutas.

Só em 1605 se começou a fazer em Paris o ensaio do systema de reclusão e de trabalho forçado para os pobres, que eram arrebanhados em todas as ruas e conduzidos a um hospicio, onde se convertiam em operarios, ensinando-se-lhes a ganhar a vida pelo trabalho.

Havia muito tempo já que este systema tivera um exito magnifico em Italia e sobretudo na Hollanda, onde o Hospital de Amsterdam offerecia um exemplo notavel da moralisação, que se opera nas naturezas mais degradadas, por meio de uma vida regular e laboriosa.

No emtanto, foi extremamente difficil fazel-o adoptar em França, onde a pobreza gosava de privilegios exhorbitantes e se considerava sobretudo rica pela sua independencia.

O primeiro estabelecimento d'esta especie para acclimar ao trabalho os mendigos e vadios fôra fundado a expensas unicamente da caridade particular, que occorria amplamente ás necessidades dos operarios, mas que não tinha nem força nem auctoridade para domar caracteres rebeldes e corrigir vicios invetera-

dos. Como não podia deixar de ser, deram-se enormes escandalos n'este estabelecimento, onde, por não estarem separados os sexos e as edades, reinava impudentemente a maior promiscuidade, tanto nos dormitorios, como nas officinas.

A primeira tentativa ou ensaio fizera-se apenas com um pequeno numero de pobres, apanhados nas ruas, e que era facil substituir por outros, quando alguns logravam evadir-se.

Não obstante, este ensaio foi considerado bastante concludente, para que varias pessoas verdadeiramente philantropicas se reunissem na *Repartição dos Pobres*, sob a inspiração do arcebispo de Paris e do tenente geral da policia, para combinarem os meios de applicarem este salutar remedio a todos os pobres nascidos em Paris e encerral-os n'um hospital.

D'esta vez a tentativa foi mais importante. Compraram-se tres grandes casas no arrabalde de Saint-Germain-des-Prés, preparando-as do melhor modo para este fim, até que se recolhessem os fundos necessarios para a construcção de um vasto hospital.

Segundo os estatutos então redigidos serião unicamente admittidos no Hospital os pobres que demonstrassem haver nascido no territorio do prebostado de Paris; os homens e as mulheres estariam separados em *habitações distinctas;* as creanças de um e outro sexo, menores de oito annos, estariam juntas, longe do contacto corruptor dos adultos: os enfermos, invalidos e atacados de doenças incuraveis, seriam tambem installados separadamente; cada pobre, homem ou mulher, receberia todos os dias dois pães de doze onças e meio litro de legumes seccos ou verdes, cosidos em sal e agua, para o alimento do dia.

Todos os annos dar-se-hia a cada um dois pares de calças, e ás mulheres duas saias e meias, tres camisas de panno grosseiro, um barrete de lã, dois pares de tamancos, e duas escudellas de pau.

Mediante esta distribuição de vestidos e de viveres, os *pobres recolhidos,* eram obrigados a trabalhar desde pela manhã até á noite, nas officinas onde a sua tarefa lhes seria diariamente distribuida pelos mestres e directores, que ordinariamente eram escolhidos no clero inferior.

A execução das cartas patentes do monarcha relativas aos hospitaes de pobres recolhidos, tropeçara com difficuldades tão sérias como imprevistas.

Lidas e registradas, no fim do anno de 1611, estas cartas, o primeiro presidente e o procurador geral mandaram apregoar ao som de trombeta, em todas as encruzilhadas e mercados, e por meio de editaes affixados nas esquinas de todas as ruas, que todos os vagabundos, mendigos, *caymans* e *caymandes,* validos ou invalidos, estrangeiros ou provincianos, deviam sahir de Paris no praso de oito dias, sob pena de serem tractados com todo o rigor da lei, emquanto que todos os mendigos e mendigas, *caymans* e *caymandes,* naturaes de Paris, eram obrigados a reunir-se sem demora, no fim dos mesmos oito dias, na praça da feira de Saint-Germain, para serem conduzidos aos hospicios, onde deviam ser encerrados.

Este pregão podia ter dado logar a um terrivel conflicto, por isso que a

esse tempo havia na cidade mais de quarenta mil mendigos; o medo, porém, de se verem encarcerados suffocou em toda aquella gente a ideia de resistencia, e a maior parte mesmo dos que eram naturaes de Paris sahiram da capital antes do dia marcado para a reunião.

Chegado esse dia, compareceram espontaneamente apenas noventa e um pobres, e todos os outros ficaram escondidos nos seus coitos, onde os beleguins não ousavam arriscar-se a procural-os.

Durante alguns mezes, permaneceram desertas as Côrtes dos Milagres.

Pelas ruas ninguem via já circular aquelles tunantes desaforados, tão engenhosos em simular todo o genero de enfermidades e que faziam, diz um contemporaneo, «exposições horriveis das partes vergonhosas, medonhamente deformadas por inchações e ulceras enormes.»

Não se viam tambem á noite em todas as esquinas, espectros femininos errantes, ornados de velhos ouropeis, attrahindo os transeuntes, provocando-os com gestos obscenos e palavras deshonestas, e arrastando-os como harpias a alguma caverna impura.

Se a cidade, porém, se via livre, pelo menos ostensivamente de uma parte dos seus mais detestaveis parasitas, em compensação, as barreiras e até mesmo os arrabaldes haviam sido invadidos por uma cohorte enorme de patifes, perversos e viciosos, que só esperavam occasião propicia para entrarem como vencedores na capital, que momentaneamente haviam abandonado bem a seu pezar.

Um contemporaneo, diz a este respeito o seguinte:

«Recolhiam-se ás vezes vinte, trinta ou quarenta d'elles, nos curraes, nas granjas e nos palheiros, de todas as edades e sexos, reunidos n'uma promiscuidade bestial, com grave risco dos transeuntes e grande prejuizo da sociedade humana».

A maior parte d'estes perigosos vagabundos, que haviam assentado interinamente os seus arraiaes em Saint-Antoine-des-Champs, em Neuilly e em Ville-d'Évêque, como um bando de corvos sobre a prêsa, eram ciganos ou egypcios, que appareceram pela primeira vez nos arredores de Paris, em 1427. N'essa épocha a curiosidade dos parisienses foi vivamente excitada com a chegada de um numeroso bando d'aquelles estrangeiros, que acamparam com suas mulheres, seus filhos e grande numero de cavallos, na aldeia de Saint-Denis-la-Chapelle, durante muitos mezes.

Um chronista, citado por E. Pasquier, nas suas *Recherches de la France,* diz o seguinte:

«Os homens eram muito morenos e tinham o cabello crespo, e as mulheres eram o mais feias que se póde imaginar, trigueiras, de cabello negro e aspero como crina de cavallo. Cobriam-lhes as carnes farrapos immundos e extranhos. Eram, n'uma palavra, as creaturas mais miseraveis que até então se tinha visto em França, e apesar da sua pobreza, havia entre ellas algumas feiticeiras ou bruxas que examinavam a mão de qualquer pessoa, e diziam tanto o que acontecera, como o que estava para acontecer, e assim introduziam a discordia em varias familias.

«O peior ainda era que, fallando ás creaturas por encantamento, ou melhor, com auxilio do demonio, ou subtis prestidigitações, escamoteavam as algibeiras da gente.»

Taes eram os desfavoraveis auspicios com que os ciganos se haviam apresentado logo á sua chegada a França, e desde então a sua conducta contribuira para confirmar cada vez mais a má opinião que d'elles se havia formado.

«Tinham, diz Sauval, uma vida execravel; o seu unico officio era enganar as pessoas e viver á sua custa, exercendo por toda a parte as mais engenhosas habilidades de escamoteação, audazes rapinas e innumeraveis astucias.»

Não nos cabe agora investigar aqui a sua origem, e demonstrar que vinham do fundo da India, em bandos nomadas, entrando por toda a parte e declarando guerra aberta ás leis e aos costumes da sociedade christã.

E' só nosso empenho mostrar aqui que a auctoridade civil e ecclesiastica os considerava como inimigos da ordem publica, e os perseguia com implacavel rigor, pois não só commettiam todos os crimes e todos os attentados imaginaveis contra as pessoas e as propriedades, mas até com o seu pernicioso exemplo, predispunham o povo para a dissolução, a ociosidade e toda a especie de vicios.

Eis a razão porque os parlamentos haviam feito tantos decretos e os reis promulgado tantas ordenações contra os ciganos.

Um edicto de 1560 ordenava aos governadoros das provincias que os exterminassem a fogo e a ferro, e outro edicto de 1610, que os desterrassem do reino sob pena de galés.

Não póde negar-se que a presença dos ciganos no seio das povoações fosse em alto grau prejudicial aos bons costumes. As filhas e as mulheres d'aquelles impudentes vagabundos associavam ordinariamente a prostituição aos seus vergonhosos officios, e já vimos n'uma satyra de Courval Sonnet, intitulada o *Libertino,* que a prostituição servia a miudo de auxiliar aos seus roubos e ás suas artes.

Fallámos tambem dos perigos a que se expunham os libertinos e os imprudentes que se aventuravam a seguir, de noite, uma d'aquellas negras sereias, a alguma das Côrtes dos Milagres, onde o melhor que podia succeder-lhe era sómente perderem o dinheiro e o fato.

E' indubitavel que toda a cigana, quando a occasião o requeria, se convertia em prostituta, emquanto possuia belleza e juventude sufficientes para excitar o desejo e provocar o amor.

«Estas raparigas,—diz Nisard, na sua *Historia de Nimes,* em que nos apresenta as ciganas das provincias meridionaes, mulheres que não mudaram, de cinco seculos a esta parte, nem de caracter nem de modo de vida,—estas raparigas, continúa o chronista, algumas das quaes apenas contam dezeseis annos, nunca foram innocentes; vindo ao mundo no seio da corrupção, já estão manchadas antes de se haverem entregado, e tornam-se prostitutas antes da puberdade.»

No inverno da vida, quando perdiam a belleza e os attractivos, não po-

dendo já servir por si proprias a prostituição, continuavam na senda do vicio, traficando com a virgindade e o pudor das outras desgraçadas.

D'aqui este proverbio, repetido durante largo tempo:

Vieille bohémienne et maquerelle
Sont deux les sœurs jumelles.

«Cigana velha e alcouveira são irmãs gemeas.»

Apesar d'isso, se dermos credito a um auctor eminente, que estudou os costumes dos ciganos de Hespanha, bem pouco differentes dos dos bohemios de França, aquellas bellas *gitanas,* que os poetas e novellistas dos fins do seculo XVI nos mostram tão complacentes e tão faceis para os amores mercenarios, deviam ser dragões de virtude e modelos de fidelidade para seus maridos e amantes.

«Entre nós, diz um cigano velho, que Cervantes poz em scena na sua novella da *Gitanilla,* apesar de haver muitos incestos, não ha adulterios, e quando porventura os haja da parte da nossa mulher, ou alguma infidelidade da parte da nossa amante, nunca vamos á justiça requerer castigo para ellas.

«Somos nós proprios os juizes e os carrascos de nossas esposas ou de nossos amigos. Com egual facilidade as matamos e enterramos nas nossas montanhas, como se fossem animaes damninhos.

«Não ha parentes que as vinguem, nem paes que nos peçam conta da sua morte.

«Por isso ellas procuram ser castas, e nós, como já disse, vivemos descançados.

«Raro é o que entre nós não seja commum, a não ser a mulher ou a amante. Cada uma ha de ser d'aquelle a quem coube em sorte. Entre nós só podem produzir o divorcio a velhice, ou a morte.»

Talvez que o auctor do *Dom Quichote* phantaziasse algum tanto a seu modo a theoria amorosa e conjugal dos *gitanos,* os quaes, pelo menos em França, não tinham o menor escrupulo em receber o preço da honra das suas mulheres, e em venderem elles proprios tres ou quatro vezes a virgindade de suas filhas.

Os ciganos e outros vagabundos, aos quaes se procurou regenerar pelo trabalho, e que desappareceram por algum tempo do interior das cidades para infestarem os povos e invadirem todos os logares, não tardaram em regressar ás suas antigas moradas.

Os hospicios, fundados de proposito para elles, não tinham podido prehencher o fim da sua instituição. Não tardou que faltasse dinheiro para o custeio das suas despezas, e foi preciso tornar a lançar no seio da sociedade a maior parte dos entes depravados, aos quaes se julgava poder condemnar a reclusão perpetua.

Das primeiras tentativas de estabelecimentos para mendigos, só se conservaram duas ou tres casas de refugio, mesquinhamente sustentadas a expensas da caridade particular, e destinadas a recolher um pequeno numero de creanças de um e outro sexo, ás quaes se procurava dar uma educação christã.

Alli se albergavam tambem algumas velhas enfermas, ás quaes se assegurava alimentação e vestuario, e umas trinta ou quarenta raparigas perdidas, que haviam manifestado desejos de se converter, e que eram alojadas n'um sitio áparte, chamado o *Bom Soccorro*.

Como se vê, estava-se muito longe alli d'aquellas casas de força que se havia pretendido fundar em Paris e em toda a França para sequestrar da sociedade, não só os mendigos e vagabundos, mas tambem os entes perigosos e as mulheres escandalosas.

As prostitutas, que assim se pretendia equiparar aos pobres sem domicilio nem prosfisão, só eram incommodadas, quando se erguiam contra ellas queixas graves por parte dos visinhos ou das victimas, ou quando o parocho da circumscripção em que ellas habitavam se via obrigado a intervir em pessoa, para pôr termo ás suas desordens.

N'estes casos, rapava-se-lhes a cabeça e expulsavam-nas da cidade, depois de as haverem encerrado por algum tempo e açoitado todos os dias.

Frequentes vezes tambem, quando as colonias da America, e especialmente o Canadá, pediam novas levas de colonos, o preboste de Paris, devidamente auctorisado pelo ministro do rei, e em presença das *lettres de cachet*, sempre concedidas com prazer á navegação colonial, escolhia nas prisões e nos hospitaes os homens mais robustos e as mulheres mais jovens e mais bem dispostas, que eram, de um para o outro momento, conduzidos a um porto de mar e mettidos a bordo de um navio de guerra ou de um navio mercante, para irem augmentar a população do Novo Mundo. (V. *O Poeta extravagante*, novella por Sorel, citada por Monteil, *Hist. des Français de divers états*, seculo XXII.)

Estas viagens ás colonias eram o terror das prostitutas, que se escondiam assustadas, fechando as portas e as janellas, quando lhes chegava aos ouvidos a noticia de se estar preparando uma esquadra destinada ao Canadá, e quando os esbirros e inspectores do Châtelet começavam a encher os depositos provisorios com os mendigos e vagabundos apanhados na via publica.

As desgraçadas que haviam sido designadas para irem povoar as colonias, soltavam gritos de dôr e vertiam torrentes de lagrimas, invocando a compaixão e a protecção dos transeuntes, quando eram transladadas das prisões para as galeotas ou pontões, que desciam o Sena até ao Havre.

Apesar d'estes continuos sequestros de homens e mulheres, a população das classes perigosas e reprobas ia augmentando prodigiosamente em Paris, e tendia a desenvolver-se de dia para dia. Os mendigos andavam aos bandos pelas ruas e a sua impudente audacia não conhecia limites.

«Era, diz Sauval, uma especie de povo independente que não conhecia nem lei, nem religião, nem superior, nem policia. A impiedade, a sensualidade e a libertinagem eram os seus deuses. A maior parte dos assassinios, das rapinas e das violencias diurnas e nocturnas eram obra sua, e esta gente á qual a propria pobreza tornava objecto da compaixão dos fieis, era por seus costumes corrompidos, pelas suas sacrilegas blasphemias e pela sua insolente linguagem, a menos digna da compaixão publica.

Similhante estado de cousas tornava-se intoleravel, e a fim de lhe dar remedio, os principaes magistrados do Parlamento e do Châtelet, convocaram em differentes occasiões os habitantes mais notaveis de Paris, que costumavam consagrar a sua fortuna e os seus cuidados a obras de caridade.

O primeiro presidente, o senhor de Bellièvre, era a alma d'aquellas assembleias, que de 1640 a 1649 tiveram efficacissimos resultados para o soccorro e moralisação dos pobres. Não se havia, porém, atalhado o principio do mal, e o açoite da mendicidade resistia a todos os esforços da beneficencia.

Pensou-se, portanto, novamente no projecto de encerrar e fazer trabalhar em casas de retiro todos os vadios da cidade, que não tivessem outros meios de existencia, a não ser a esmola, o roubo ou a prostituição.

O senhor de Bellièvre foi quem traçou o plano do Hospicio geral, e quem o fez approvar pelo rei. Um edicto, datado de 27 de maio de 1656, ordenou a edificação d'este hospicio, e nomeou vinte e seis pessoas de diversas condições para directores perpetuos sob a direcção do primeiro presidente e do procurador geral do parlamento.

O regulamento do Hospicio, decretado ao mesmo tempo, foi conservado tal como o referido senhor de Bellièvre o havia redigido.

N'esse regulamento não se tractava, pelo menos de um modo especial, das prostitutas ou das mulheres de vida airada.

Decorreu muito tempo ainda até que houvesse no Hospicio Geral um logar destinado especialmente a esta especie de mulheres. A principio achavam-se comprehendidas entre as mendigas e as vagabundas, ás quaes o seu contagioso exemplo acabava de preverter. Foram estas desgraçadas as primeiras a pedir que não as confundissem com tão preversas creaturas.

Os differentes corpos do edificio, que compunham o Hospicio Geral, haviam sido construidos nos vastos terrenos da Salpêtrière, e não deviam alli admittir-se senão mulheres e creanças.

Os homens, validos ou invalidos, eram installados no edificio mandado construir por Luiz XIII para os soldados estropeados, em substituição do antigo castello de Bicêtre, que havia dois seculos era apenas um enorme montão de ruinas.

«Os directores, diz Sauval, haviam julgado conveniente, separar os dois sexos, de modo que não podesse haver communicação alguma entre uns e outros.»

O Hospital geral foi inaugurado a 7 de maio de 1657, e n'aquelle mesmo dia foi terminantemente prohibido pedir esmola em Paris.

Dos quarenta mil pobres de um e outro sexo que viviam a expensas da caridade dos transeuntes, e que tiravam dos mais vis officios os seus meios de subsistencia, apenas cinco mil se apresentaram em *Bicêtre* e na *Salpêtrière,* paro se fazerem encerrar. O resto dispersaram-se pelas provincias, ou conservaram-se occultos na capital, sahindo unicamente de noite, evitando a perseguição dos esbirros, encarregados de prender todos os pobres proscriptos, e de os conduzirem de boa vontade ou á força ao Hospital geral.

A casa de Saint-Denis, chamada a *Salpêtrière,* a maior de quantas com-

punham o hospital, encerrava as creanças, os casados, e as mulheres, qualquer que fosse a sua edade. As creanças, desde a edade de quatro annos até aos doze recebiam os cuidados materiaes e moraes que reclamava a sua primeira educação. Ao chegarem aos doze annos, os rapazes eram trasladados para *Bicêtre*, onde continuavam a sua aprendizagem profissional, e as raparigas entravam nas officinas da *Salpêtrière*.

Os casados, distribuidos em duzentas e cincoenta cellas, não estavam sujeitos a trabalho algum manual, quando eram velhos e invalidos. As mulheres formavam duas grandes divisões, que a sua edade e a sua saude dilimitavam com rigorosa precisão. Aqui as velhas e as enfermas; alli as que podiam trabalhar. Era n'esta ultima casa que naturalmente tinham logar as prostitutas.

A principio havia-se admittido entre estas desgraçadas um grande numero de mulheres *gatées*, infeccionadas de syphilis, as quaes necessariamente transmittiam ás companheiras a sua atroz enfermidade, tornada incuravel por falta de cuidados e de medicamentos.

Os accidentes venereos que se manifestavam continuamente n'aquella parte do Hospicio, onde apenas se deviam encerrar mulheres sadias e validas, haviam chamado seriamente a attenção dos directores, que em vista d'isto decidiram em 1658 que as recem-chegadas seriam logo inspeccionadas por dois medicos á sua entrada no Hospicio, «quando apresentassem no rosto alguns signaes provaveis de doença suspeita.»

Segundo Parent-Duchâtelet (*de la Prostit. dans la ville de Paris)*, n'aquella épocha a maior parte dos syphiliticos não tinham signal algum externo da presença do virus de que estavam infeccionados.

Temos aqui uma versão historica e scientifica, que em caso de necessidade podia ser desmentida pelos testemunhos em contrario dos medicos e dos escriptores do seculo XVII.

Basta ter visto as estampas e quadros d'aquella épocha, representando mendigos e ciganos, para qualquer se convencer dos terriveis estragos que o virus syphilitico havia causado na saude d'aquelles desgraçados.

Os membros atrophiados e tolhidos são incapazes de qualquer movimento, e ulceras asquerosas corroem-lhes todas as partes do corpo. Nos pés e nas mãos apresentam sanguinolentas manchas, e o rosto entumecido e disforme está coberto de verrugas enormes, pustulas esverdeadas e granulações avermelhadas, formando ás vezes uma espessa crusta, em que os olhos lagrimosos, sem pestanas nem sobrancelhas, o nariz roido e aberto, e a bocca inflammada apparecem como chagas vivas e medonhas.

Se se tivessem cumprido á lettra os regulamentos do Hospital geral, não se teriam admittido na Salpetrière nem em Bicêtre doentes de um e outro sexo atacados de molestias syphiliticas. Mas como tambem não os recebiam no Hôtel-Dieu, nem nos outros hospitaes, por causa do horror que inspiravam, ficariam aquelles vergonhosos enfermos, só pelo facto da sua infamia, exemptos das condições, geralmente impostas aos seus consocios no vicio, de encerramento e de trabalho forçado.

Para obviar a este inconveninte, destinou-se uma enfermaria particular para o tratamento das enfermidades venereas no interior da Salpêtrière para mulheres, e outra em Bicêtre para homens.

No emtanto, cada enfermo, ao entrar n'aquella habitação que se lhe destinava, era rigorosamente açoitado, e o mesmo lhe succedia á sahida, por isso mesmo, que produzia um escandalo publico e accusava, pelo menos na apparencia, excessos de libertinagem.

Esta odiosa e cruel fustigação foi mantida, quando menos em principio, até ao fim do reinado de Luiz XV.

A enfermaria destinada ás mulheres syphiliticas foi dentro em pouco insufficiente para as conter a todas, e d'aqui resultou vêr-se obrigada a administração da Salpêtrière a proceder a novas construcções annexas para a ampliar convenientemente. Bem depressa desistiu, porém, de continuar o seu plano, com receio de dar demasiada extensão ao tratamento das enfermidades impudicas, e decidiu não augmentar o numero de leitos destinados a esta classe de enfermos.

Somos levados a crêr que se não admittia a maior parte das mulheres que se apresentavam espontaneamente na Salpêtrière, declaradas infeccionadas pela visita preliminar dos medicos, por isso que Parent-Duchâtelet affirma, segundo documentos fidedignos examinados nos archivos da policia, que as prostitutas atacadas do mal venereo, espantadas com os progressos da terrivel enfermidade, e não sabendo onde encontrar os cuidados que o seu estado requeria, faziam-se prender como mendigas nas ruas, afim de obterem os soccorros da cirurgia e da medicina, apesar de terem a certeza de serem açoitadas duramente antes e depois da cura.

É provavel tambem que grande numero de enfermas, cuja infecção era recente ou ligeira, permanecessem confundidas com as mulheres sãs, até que a sua doença secreta se fizesse conhecer por algum symptoma externo, o que decerto não se faria esperar muito.

N'este caso mesmo, ainda ás vezes podiam dissimular a natureza do seu mal, fazendo-se admittir na enfermaria como escrofulosas, sarnosas, leprosas ou epilepticas, no meio das doentes incuraveis que tinham direito a um tractamento medico, sem receberem os açoites destinados ás prostitutas.

Tal era, porém, o mysterio que rodeava a enfermaria das venereas que a sua existencia, por assim dizer, só se divulgou no anno de 1684, pelas ordenações reaes que reformaram o primeiro edicto do Hsspital geral, regulamentando o systema de admissão das prostitutas e das outras mulheres de costumes escandalosos.

Cruelissima, ou mesmo acompanhada de circumstancias bem penosas ou bem desagradaveis, devia ser a fustigação que precedia o tratamento das enfermidades syphiliticas, uma vez que os directores do Hospital geral, n'uma deliberação tomada em 1675 reconheceram que o temor de tão extranho castigo impedia a miudo as enfermas de declararem o seu estado, e por conseguinte de receberem em tempo adequado os necessarios remedios.

Resolveu-se recorrer á auctoridade superior para fazer cessar completa-

mente, ou pelo menos suspender provisoriamente a applicação d'aquelle castigo, cujo resultado influia tão funestamente na saude publica.

Fosse como fosse, a enfermaria das syphiliticas não bastava já para conter o grande numero de enfermas que alli se amontoava, e que se gangrenavam mutuamente, deitando-se duas e tres na mesma cama.

O mal crescia de uma maneira espantosa, tornando-se epidemico e contagioso como na origem da sua invasão em França e chegou a receiar-se seriamente que aquelle fóco de putrefacção propagasse por toda a casa os seus pestilentes miasmas.

Medicos e cirurgiões redigiram uma *Memoria*, que foi apresentada ao procurador geral e ao primeiro presidente do parlamento. Recorreu-se a el-rei, para que sua magestade, pesadas bem as razões expostas, modificasse o edicto do estabelecimento do Hospital geral, visto que seria, como era opinião geral, dar azas ao vicio, abrir um hospicio destinado especialmente ás enfermidades vergonhosas.

Passava, porém, o tempo sem que se tomasse uma resolução, o mal ia augmentando por falta de cuidados, «as enfermas perdiam os seus orgãos, diz Cullerier, n'uma *Memoria*, citada por Parent-Duchâtelet, e morriam», umas, em consequencia dos estragos internos e desorganisadores da syphilis, e outras, arrebatadas pela febre maligna, que se produzia n'uma atmosphera tão corrompida.

Em vista da urgencia da situação, o primeiro presidente e o procurador geral resolveram não aguardar as ordens d'el-rei.

Na sua qualidade de protectores do estabelecimento, ordenaram que, «não obstante qualquer regulamento ou edicto em contrario», as syphiliticas da Salpêtrière seriam trasladadas para um local conveniente, e como se tivesse estabelecido já em Bicêtre um serviço especial para o tractamento dos syphiliticos, dividiu-se em dois compartimentos o vasto e ventilado local destinado para o tractamento, sendo um d'elles para os syphiliticos, que foram para alli transferidos da Salpêtrière.

De tal modo augmentou, porém, o numero dos enfermos n'este hospital, por causa dos syphiliticos de ambos os sexos, que estes desgraçados tinham uma invencivel repugnancia em serem conduzidos alli.

Effectivamente, as desgraçadas que da Salpêtrière eram conduzidas a Bicêtre, quando o seu estado apresentava complicações assustadoras, podiam considerar-se condemnadas a um tristissimo fim.

«Extenuadas pela libertinagem, diz Cullerier, por uma alimentação detestavel e por uma enfermidade, a que se havia deixado crear espantosas raizes, falleciam em grande numero durante o tractamento, e as que sobreviviam voltavam de novo á Salpêtrière com as gengivas ulceradas, os dentes abalados e a lingua cheia de chagas.»

Aquellas que, apesar de doentes, não sahiam da Salpêtrière e não seguiam tractamento algum, chegavam ás vezes a curar-se naturalmente, graças ao regimen severo a que as subjeitavam durante a detenção.

A vida frugal e singular que passavam n'aquella casa impedia o desco-

brimento da enfermidade e destruia lentamente o seu principio inflamatorio, quando essa enfermidade era de caracter benigno e o temperamento da doente não estava ainda enfraquecido por longos excessos ou por outros ataques do mesmo mal.

Durante mais de um seculo, o hospicio de syphiliticos de Bicêtre, confiado á incuria e á infidelidade de agentes subalternos, não foi mais de que um horrivel fóco de febres pestilentiaes, onde até os proprios medicos não entravam sem receio.

Desde a abertura da Salpêtrière, a maior parte das mulheres dissolutas, cuja visinhança e contacto eram uma vergonha e um perigo, tiveram de ser collocadas á parte, porque ninguem as podia supportar.

Além d'isso, como dissémos, a profunda depravação de tão miseraveis creaturas não podia deixar de ser fatal para as companheiras menos prevertidas que lhes davam.

Só podiam entrar na sua enfermaria as pessoas destinadas á guarda e vigilancia d'aquellas mulheres perdidas, que se recusavam systematicamente a trabalhar, e que só cediam ás ameaças e ao rigor. Era preciso separar as raparigas das mulheres, que estavam gravidas por causa da violação ou libertinagem.

«Naquelle retiro seguro e discreto, diz Sauval, recebiam-se aquellas pobres victimas a quem o receio de se verem deshonradas ou a absoluta falta de recursos podiam impellir á desesperação ou ao infanticidio.»

As creaturas que vinham ao mundo n'aquelle asylo impenetravel eram alimentadas a expensas do Hospital geral, e as mães livres d'aquelle *fardo,* como ellas diziam, voltavam para o seu logar n'uma das secções do estabelecimento, ou entravam de novo na sociedade, sem que a causa da sua ausencia transpirasse jámais fóra d'aquella especie de abysmo impenetravel, que cobria com um espesso véu a sua culpada ou vergonhosa maternidade.

Havia tambem alli algumas menos prevertidas, pertencentes a familias honradas, que as faziam encerrar como medida de correcção e que as deixavam, até á sua maioridade, confundidas com as infelizes prezas por vagabundas e mendigas.

Facilmente se comprehende que tal correcção só podia produzir effeitos oppostos aos que d'ella se esperavam, por isso que os maus exemplos, ou os perniciosos conselhos acabavam de destruir algum tenue sentimento de honradez, que ainda restava no coração d'aquellas jovens reclusas. Quando voltavam ao seio das familias, iam mais viciosas e corrompidas do que estavam antes da sua reclusão.

Finalmente, no anno de 1684 resolveu-se tomar em consideração as numerosas e repetidas queixas que de toda a parte se dirigiam aos directores do Hospital geral contra os abusos e imprevidencias que existiam, relativamente aos costumes, no regimen interno do estabelecimento.

N'este intuito, os directores apresentaram ao rei uma circumstanciada memoria, em consequencia da qual tres ordenações, datadas de 20 de abril de 1684, regularam pela primeira vez o systema de castigo e de tractamento das

mulheres accusadas de libertinagem publica e escandalosa, a correcção de menores pertencentes a familias pobres e as dos filhos de familias remediadas.

Estas tres ordenações, accrescentadas ao edicto constitutivo do Hospital geral, que apenas fôra fundado para recolhimento dos pobres, estabeleceram distincções muito bem definidas entre a prostituição publica e a libertinagem particular.

Devia construir-se e apropriar-se uma casa de refugio no recinto da Salpêtrière para receber exclusivamente as mulheres e os menores filhos familias, que seus paes quizessem encerrar, por isso que os directores na sua Memoria haviam representado a el-rei «que a casa de refugio destinada a albergar as mulheres dissolutas estava situada e construida de modo, que não se poderia sem grande dispendio conseguir um isolamento perfeito para as mulheres alli encerradas.

De resto, não tendo aquella casa rendimento algum, só alli podiam ser admittidas mulheres que pagassem pensão. Ora estas mulheres, na sua maior parte, não tinham sido prostitutas, e havia até mesmo entre ellas muitas que vinham do seio de familias honestas. Seria, portanto, injustiça, mistural-as com as desgraçadas que se prostituiam escandalosamente, ou com as infames que corrompiam as mulheres honestas.

Affirmavam ainda os directores do Hospital haverem observado o perigo de permanecerem alli n'aquelle antro do vicio, n'uma horrivel promiscuidade, muitas creanças de um e outro sexo, que se prevertiam de diversos modos, e das quaes não seria possivel salvar nem sequer uma pequena parte, se não houvesse para isso logares expressamente destinados, onde podessem ser instruidas nos deveres da religião, e onde fossem obrigadas ao trabalho, sob uma conducta severa, que podesse affastal-as das suas más inclinações.

Em consequencia d'isto, os directores propunham a el-rei a creação de uma outra casa no proprio recinto da Salpêtrière, muito mais ampla e segura, onde podessem caber quarenta mulheres, e pouco mais ou menos duzentas creanças.

Quanto ás creanças encerradas, cujos paes tivessem posses para pagar uma pensão, deviam ser sustentadas á custa das suas familias.

Quanto ás creanças pobres, cujos paes não tivessem posses para pagar a sua alimentação n'aquella casa, eram admittidas gratuitamente, os varões em Bicêtre e as raparigas na Salpêtrière, uma vez prehenchidos os requizitos necessarios.

Esta nova casa de correcção comprehendida na administração do Hospital geral e sustentada a expensas do estado, era especialmente destinada ás creanças, quer fossem varões menores de vinte e cinco annos, quer fossem raparigas, filhas de artistas e de operarios das cidades e dos campos, que exerciam alguma profissão.

«Eram tambem encerrados alli os filhos que maltractavam seu pae ou sua mãe, os que não queriam trabalhar para se darem á libertinagem ou á preguiça, e as raparigas que tinham sido prevertidas ou que corriam o perigo de se perderem.»

Os paes, mães, tutores ou parentes proximos dos ditos menores, e na sua falta os curas das freguezias em que residiam, podiam dirigir-se á secretaria do Hospital geral, para pedirem a reclusão dos referidos menores, expondo em todo o caso os motivos em que se fundava a sua petição.

Um ou dois dos directores, encarregados pelo chefe superior d'aquella repartição de averiguar a verdade dos factos allegados, davam a sua informação tendente a auctorisar ou recusar a recepção dos menores, que se pretendiam encerrar no hospicio.

Quando a secretaria concedia a admissão, este despacho era immediatamente transmittido aos subordinados do preboste de Paris, que passavam uma ordem de prisão contra os menores, para serem sem perda de tempo conduzidos ao Hospital geral.

Esta arrestação dos menores exigia mais algumas formalidades, quando o pae ou a mãe que se queixavam da conducta de seus filhos do primeiro matrimonio, estavam casados em segundas ou terceiras nupcias.

N'estes casos excepcionaes, os directores encarregados de dar informações, eram obrigados a abrir um inquerito, interrogando pessoas dignas de fé, e até mesmo os parentes mais proximos do menor, antes de enviarem para a secretaria do Hospital a sua informação.

Os menores, encerrados por tal motivo nas casas de correcção, permaneciam alli tanto tempo, quanto julgassem necessario os directores encarregados da vigilancia das referidas casas.

Era preciso que a sahida fosse approvada pelos directores, e que quatro d'elles, pelo menos, assignassem a alta.

Estes menores eram votados aos trabalhos mais rudes que podessem supportar, mas apenas manifestavam pelo seu bom comportamento a intenção de se emendarem, faziam-lhes aprender os officios mais convenientes á sua edade, sexo e condição, de maneira que lhes permittissem ganhar o seu sustento.

De então em diante eram tractados com a maior doçura e carinho, sempre em proporção com as provas de emenda que iam dando.

Assistiam á missa todos os domingos e dias festivos, rezavam todas as noites e todas as manhãs, durante um quarto de hora de cada vez. Eram tambem cuidadosamente instruidos no cathecismo e ouviam a leitura de algum livro piedoso, durante as horas de trabalho.

O uniforme da casa de correcção era de linho crú, e usavam tamancos exactamente como os outros pobres do Hospital.

A alimentação, a principio, constava apenas de pão, sopa e agua, mas quando começavam a tirar algum producto do seu trabalho, dava-se-lhes com que comprar meia libra de carne por dia, fructas e quaesquer refrescos.

A preguiça ou qualquer falta que commettiam era castigada com a suppressão da sopa, com o augmento de trabalho ou com a prisão no calabouço do Hospital.

Diz um contemporaneo:

«A fustigação era o mais frequente dos castigos correccionaes, que se applicava tanto aos adultos como aos menores.»

O edicto da fundação termina com este artigo, que demonstra o modo como em determinados casos a casa de correcção se transformava em casa de refugio:

«Se alguma pobre rapariga quizer abandonar a desordem em que teve a infelicidade de cahir, será recebida e tractada caritativamente no Hospital. Far-se-lhe-ha aprender o que mais util e vantajoso lhe possa vir a ser para ganhar honradamente a sua vida, e poderá alli conservar-se até que appareça occasião propicia de se lhe dar destino.»

D'estas raparigas arrependidas e devidamente corregidas, escolhiam-se as creadas para as casas particulares, as operarias para as fabricas e as esposas para os operarios:

«A estas casas da Salpêtrière e da Piedade, diz Sauval, accodem varias pessoas de boa posição e até mesmo da classe media em procura de creadas. Não se lhes concede, porém, o que desejam sem previamente se haverem tomado informações exactas ácerca da respeitabilidade d'essas pessoas, e de se ter chegado a um accordo a respeito do salario. Algumas d'ellas casam com operarios e artistas, mestres ou officiaes, de cuja moralidade e recursos se tomam tambem seguras informações.»

Nada mais frequente do que esta classe de casamentos, que a administração do Hospital geral olhava sempre com bons olhos e favorecia da melhor vontade.

Temos de attribuir a causas muito variadas estas uniões, que tão contrarias parecem á primeira vista ao dogma da honra conjugal.

Umas vezes, era um libertino, que tendo dado grande escandalo, se condemnava espontaneamente, em expiação dos seus erros, á penitencia publica de casar com uma mulher dissoluta como elle fôra, e tambem como elle arrependida.

Outras vezes, um cerebro excentrico imaginava que a peccadora convertida ao bom caminho, e tendo resgatado com lagrimas as suas faltas, resistiria melhor ás tentações do adulterio...

Em grande numero de casos, as vantagens que o Hospital geral concedia aos esposos que se ligavam sob os seus auspicios, bastavam para determinar uma d'essas uniões extravagantes, que o futuro muitas vezes se encarregava de justificar.

De resto, a moda de similhantes enlaces viera de Hespanha e de Italia, durante o seculo XVI.

Lê-se nas *Dames Galantes*, de Brantôme:

«Que diremos de alguns que casam com p... e cortezãs, n'outro tempo famosas, como é moda agora em França e sobretudo na Hespanha e na Italia? Estes cuidam fazer uma obra de misericordia, *por livrarem uma alma christã do inferno,* como dizem com santa caridade. Alguns conheci eu que tinham a opinião devéras arraigada de que, tendo casado com ellas com tão boa e piedosa intenção, não deviam ser contados no numero dos c..., visto que tudo quanto se faz em honra de Deus não deve ser tido em opprobrio.»

«De resto, continúa o alegre chronista da galanteria franceza, muitas

d'estas mulheres entradas novamente no bom caminho não o abandonam jámais para se despenharem no vicio. Conheci varias assim. Uma vez casadas, eram mulheres sérias, pondo de parte completamente os seus maus habitos de libertinagem. Mas outras, infelizmente, nunca tomavam emenda dos seus antigos habitos, e tornavam bem depressa ao mau caminho...»

Seja como fôr, estes casamentos extravagantes realisavam-se a cada passo no Hospital geral, e quer-nos parecer, pela sua mesma frequencia, que se concedia aos esposos um dote modico, a expensas dos directores do Hospital, de algum bemfeitor anonymo, ou do proprio rei.

A ceremonia realisava-se na egreja do Hospital com certa pompa, em presença das companheiras da esposa, ás quaes o seu exemplo incitava a portarem-se bem.

Um casamento contrahido em taes condições era considerado como um acto meritorio ante Deus e ante a sociedade.

Quando um homem de vida e costumes exemplares consentia em dar o seu nome a uma mulher que até então tinha vivido na crápula, todo o passado d'essa mulher era completamente esquecido pela auctoridade e pela lei, que a restituia logo á liberdade, e a eximia do castigo que deveria ser-lhe applicado, se o matrimonio a não tivesse absolvido.

Encontra-se na *Correspondencia administractiva sob o reinado de Luiz* XIV, publicada por Depping, esta ordem do rei para o carcereiro do Châtelet, datada de 26 de março de 1689:

«Informado el-rei de que Antonio Seneschal deseja casar com Magdalena Desforges, prisioneira no Châtelet, ordena sua magestade ao carcereiro das ditas prisões que a ponha liberdade, logo que a ceremonia do casamento se tenha realisado com todas as ceremonias necessarias.»

Sabatier, na sua *Historia da legislação sobre as mulheres publicas e sobre os logares da libertinagem*, cita um curioso exemplo d'esta especie de casamentos:

«Por decreto de 17 de março de 1716, o parlamento attendendo á proposta que dois rapazes haviam feito de casarem com duas moças destinadas á reclusão, por causa da sua má conducta, ordenou, ouvidos os considerandos do procurador geral, que se realisasse este duplo casamento.

«Em consequencia d'isto, Maria Anna Duvivier, chamada a Beaurepaire e Regina Dupré seriam tiradas da Conciergerie, e conduzidas sob custodia pelo beleguim Rousseau á egreja de Saint-Barthélemy, onde se procederia na sua presença á celebração do casamento, findo o qual as ditas mulheres seriam entregues a seus maridos, chamados Joaquim Gagne e Antonio Philippe; todavia, no caso dos ditos rapazes se negarem a casar, as duas raparigas seriam novamente encerradas.»

A terceira ordenação de 1684, que diz particularmente respeito ao castigo das prostitutas e das medianeiras da prostituição, creava na Salpêtrière uma casa de força e correcção exclusivamente destinada «ás mulheres de libertinagem publica e escandalosa, que se encontrassem na boa cidade de Paris.»

Estas mulheres que, ou eram prostitutas ou medianeiras da prostituição,

eram conduzidas para a casa de correcção por ordem d'el-rei, ou em virtude de sentenças contra ellas proferidas no Châtelet pelo tenente de policia, como juiz soberano, sem appellação nem aggravo.

No emtanto, se os juizes ordinarios, aos quaes pertencia o conhecimento do processo criminal entendiam necessario condemnar á mesma pena as mulheres convictas de libertinagem publica e implicadas no referido processo, a sua sentença tinha força executiva e as condemnadas eram egualmente encerradas na Salpêtrière.

A organisação interna d'esta casa de correcção não differia muito do regimen adoptado nos outros estabelecimentos da mesma indole.

As reclusas vestiam de linho crú e usavam tamancos. O leito compunha-se de um enxergão, um lençol e um travesseiro. A comida reduzia-se unicamente «a pão, sopa e agua; todavia, logo que o trabalho começava a produzir-lhes algum resultado, o director concedia-lhes que comprassem meia libra de carne por dia, fructas ou outros refrescos.»

A principio, eram obrigados aos mais rudes trabalhos, sem lhes ser concedido por assim dizer um instante de repouso. Apenas, porém, manifestavam algum remorso da sua conducta passada, e estarem resolvidas á emenda, concedia-se-lhes não só um certo descanço, mas até mesmo occuparem-se de trabalhos menos duros, que lhes proporcionavam um parco resultado.

Ouviam missa aos domingos e dias sanctificados, resavam em commum á noite e pela manhã, ouviam religiosamente algumas edificantes leituras durante o trabalho, e instruiam-se no cathecismo.

A preguiça, a colera e as outras faltas que podiam commetter eram castigadas com a suppressão da sopa, e quando a sua gravidade assim o exigia, com a prisão nas *malaises,* especie de *in pace,* ou prisões estreitas onde o paciente não podia estar em pé nem deitado, durante um certo numero de horas, ou por outros meios similhantes usados nos hospitaes, e isto á vontade dos directores.

Se enfermavam, eram tractadas n'um aposento especial, permittindo-se-lhes unicamente que sahissem da *casa de força* em caso de necessidade impreterivel.

Emquanto ao termo da sua reclusão, era sempre designado nas respectivas sentenças. (V. *Tractado de Policia,* de Delamare.)

E' certo que só eram encerradas n'aquelle estabelecimento as mulheres perdidas, que tinham exercido publicamente a prostituição, e as reincidentes: e por isso não era muito provavel a sua regeneração n'aquelle estabelecimento. Quando regressavam ao seio da sociedade, depois de alguns mezes de captiveiro n'aquella eschola dissoluta, tornavam-se o que eram antes, voltando a exercer o seu officio.

Se havia alguma differença na sua conducta, era apenas em serem depois do captiveiro mais astutas e perfidas, por isso que a eschola lhes déra toda a experiencia e saber que necessitavam, para escaparem d'ahi por diante ás perseguições da policia.

Tinham um cuidado especial em não tornarem a cahir nas mãos dos com-

missarios, e todo o seu talento se applicava em elevarem-se á classe das grandes cortezãs, que tendo protectores poderosos, não temiam o tribunal do Châtelet. N'este ultimo caso apenas com ordem do rei podiam obrigal-as a voltar ao Hospital.

As outras, as desgraçadas que não tinham a mesma ambição e permaneciam no abysmo do vicio e da libertinagem, sabiam tambem subtrahir-se ás perseguições; dos inspectores contentavam-se em mudar de profissão, convertiam-se em adelas, serventes de estalagem, etc., etc. Estas apparencias eram quanto muitas vezes bastava para ficarem ao abrigo de qualquer perseguição.

A Salpêtrière era, portanto, o terror das infelizes que alli tinham sido encerradas uma vez, e que nada consideravam mais horrivel do que lá voltar.

Esta repugnancia invencivel não se baseava tão sómente na dura e laboriosa existencia que alli passavam, nem nas privações que tinham de soffrer, nem nos castigos por vezes tão rigorosos, como o das *malaises*, de que já fallámos. O que ellas mais receiavam, não era isto; era o degredo para as colonias, cuja perspectiva jámais se apagava da imaginação das reclusas, parecendo-lhes mais espantosa que a morte.

No emtanto, o degredo para o ultramar tinha para algumas d'estas desgraçadas resultados bem differentes dos que ellas phantaziavam.

«Durante alguns annos em que o mar tem estado livre, escrevia Sauval em 1672, os directores, por ordem d'el-rei, fizeram embarcar um numero consideravel de mulheres para o Canadá. Muitas d'estas mulheres por lá casaram e o senhor arcebispo d'aquella região faz á sua conducta os mais rasgados elogios.»

As reclusas do Hospital preferiam, ainda assim, o pão negro, a magra sopa, o negro enxergão, os farrapos de lona, as ameaças, as injurias e as pancadas, a serem mandadas para os selvagens, a duas mil leguas de distancia da França.

Pelo menos, n'aquella vida aspera e rude do Hospital geral, alimentavam ainda a esperança de voltarem á vida de *mulheres do mundo,* como ellas a si proprias se denominavam.

A perspectiva dos enlaces matrimoniaes no Canadá sorria-lhes menos do que a da alegre vida da libertinagem parisiense.

D'aqui essa bravata grosseira, que as *incorregiveis* haviam posto em voga, e que se perpetuou na linguagem da prostituição: —*Je me f... de çà, comme du Canada!*

Encontram-se na *Correspondencia administrativa sob o reinado de Luiz* XIV, compilada por Depping, uma serie de cartas e ordens relativas ás levas de reclusas do Hospital para a America.

O marquez de Seignelay dirige-se ao senhor de Harlay, procurador geral, e como tal administrador do Hospital, ordenando-lhe em nome d'el-rei que mande preparar a partida d'estas raparigas, que d'aquella vez deviam ser escolhidas entre as mais sensatas, e por isso tiradas de preferencia da casa de refugio, e só em ultima necessidade da de correcção.

«Tendo el-rei determinado, escreve elle de Versailles em 24 de agosto de

1682, que se transfiram algumas raparigas para as ilhas da America (S. Domingos) rogo-lhe se sirva dizer-me se poderão ir cincoenta do Hospital geral. E como entre as que foram enviadas o anno passado áquellas ilhas havia algumas de má vida, que originaram alli grandes desordens, muito conveniente será não admittir por agora nenhuma das que se acham encerradas por motivo de libertinagem.

Vê-se d'esta carta que se havia mudado então de systema, e que se destinavam á colonisação raparigas pobres que consentiam em partir de boa vontade, recebendo cada uma a sua gratificação de doze francos, ao sahirem do Hospital.

Hoblot, guarda do prebostado de Paris, estava encarregado da conducção d'estas raparigas, acompanhadas de *algumas directoras*, e embarcadas a bordo de um navio, cujo capitão, *homem sensato e prudente*, como diz o ministro, houvesse sido escolhido de proposito para impedir qualquer loucura que podesse succeder durante a viagem.

El-rei concedia a miudo ás famlias nobres e ás da classe media *lettres de cachet* para fazerem encerrar na Hospital geral as menores cuja conducta se tivesse revelado de uma maneira escandalosa, mas não concedia similhantes auctorisações relativamente ás mulheres casadas, senão em circumstancias excepcionaes e por motivos de alta conveniencia.

«Ordenou-me S. M., escrevia o conde de Portchartrain ao arcebispo de Paris, com data de 24 de outubro de 1693, que lhe faça saber quão raras vezes concede a um marido a permissão de fazer encerrar sua mulher, porquanto isto seria um mau exemplo, e que quando o permitte, é sómente a pessoas conhecidas, que não poderiam sem grave escandalo proceder á separação pelas vias ordinarias. Além d'isso estas licenças nunca as concedeu apenas em vista das queixas dos maridos, porque isto daria logar a graves inconvenientes.» (V. *Correspondencia administrativa do reinado de Luiz* XIV.)

Apesar d'isto, os maridos não se cançavam de apresentar a el-rei memoriaes tendentes a obter o sequestro de suas mulheres, mas a prudencia de Luiz XIV em similhantes concessões era extrema.

Em compensação, o monarcha ordenava com a maxima facilidade o arresto e a reclusão das raparigas e mulheres, que se entregavam escandalosamente á prostituição.

«Ordene a M. Robert, escreve o ministro ao procurador geral, em 18 de junho de 1686, que faça conduzir ao Hospital geral a cigana chamada Leoncia, e S. M. ordena-me ao mesmo tempo que lhe participe ser seu desejo que a referida mulher seja cuidadosamente guardada no dito Hospital, de maneira que o publico se veja livre d'essa creatura que attrahe um grande numero de ciganos a Paris.»

N'uma carta do marquez de Seignelay ao senhor de Reynie, com data de 19 de novembro de 1687, o ministro dá esta ordem ao tenente geral de policia:

«El-rei quer que mande sem demora prender todas as mulheres incluidas na lista que lhe remetto, e que as faça encerrar immediatamente no Hospital

geral, havendo por bem S. M. pagar alguma cousa para a sua alimentação. Representei a S. M. que talvez bastasse encerrar sete ou oito, para servir de exemplo ás outras: S. M., porém, persistiu na sua real ordem de que todas ellas fossem encerradas.»

N'aquella épocha era já insufficiente o Hospital geral para conter todas as mulheres perdidas que era mister arrebatar á prostituição publica, caso se désse inteiro cumprimento ás ordenações. Por isso, Luiz XIV projectava fundar um novo Hospital, destinado exclusivamente ás prostitutas e dissolutas.

«Li a S. M., diz o marquez de Seignelay n'uma carta já citada, todo o conteúdo da sua carta de 15 d'este mez, e como S. M. tenciona restabelecer em Paris a ordem em tudo quanto seja possivel, e impedir, quanto da sua real auctoridade dependa, a publica depravação de certo numero de pessoas que alimentam a corrupção e a libertinagem, manda-me conferenciar comsigo a respeito dos meios de o conseguir, e principalmente sobre o estabelecimento de uma casa, onde posssam ser encerradas as mulheres, cuja prostituição seja de tal ordem, que mereça uma lição severissima.»

Este projecto não chegou a realisar-se, por isso que o tenente geral de policia deu a entender a el-rei que a prostituição publica, apesar das ordens repressivas e prohibitivas da auctoridade, devia ser tolerada até certo ponto, visto que a sua existencia, por mais triste que fosse dizel-o, interessava em alto gráu á segurança, paz e quietação das pessoas honestas!...

CAPITULO V

SUMMARIO

Um relance de olhos a alguns livros pouco conhecidos do seculo XVII. — *Les Infortunes des Filles de Joye.*— A policia faz uma visita á Côrte dos Milagres, em 1624.—Descripção de um antro de libertinagem.—Pessoal d'este *estabelecimento.*— A *Cava de Gaillac.*— O advogado da prostituição.— Uma campanha da guarda urbana.— O cêrco do covil.—Rendição da praça.—Sahida da guarnição.—Um sermão na taberna.—O tenente criminal Defita.— *Aventuras tragi-comicas do Cavalheiro da Desenvoltura.* — O senhor de Prefontaine. -- A *Maison d'honneur* da muralha da Porte du Temple.—A *patroa* das raparigas.—A prostituição nos trigaes.—O nariz cortado.—A campainha e o esconderijo.—*L'Assemblée des Filous et des Filles de Joye.*—Madame Ragonde.—As bodas de Lucas e de Jacqueline.—A chegada dos esturdios.—A orgia.—A batalha das raparigas.—A desorelhada.—A bella Clytia.—Astucia de Ragonde.—Embarque das suas pensionistas.



ENCONTRAMOS em algumas obras litterarias do seculo XVII uma pintura muito viva e bastante original do interior dos *maus logares,* que existiam clandestinamente por aquelle tempo em Paris, e que de momento para momento eram ameaçados de uma invasão da policia.

As obras, que nos proporcionaram estes dados novos e preciosos, são completamente desconhecidas, e não só julgamos poder assegurar que nunca mais se tornarão a reimprimir, senão tambem que os rarissimos exemplares que poderam escapar ao destino habitual d'esta especie de livros, ficarão para todo o sempre sepultados no pó das grandes bibliothecas.

Alguma cousa salvaremos, no emtanto, extrahindo d'esses livros, numerosos pormenores respeitantes á historia da prostituição, e que revelam da parte dos seus auctores uma experiencia profunda do assumpto.

Força é confessal-o: a litteratura e a poesia tiveram em todos os tempos filhos prodigos, frequentando o bordel, como se fôra o Parnaso, escolhendo as musas entre as mulheres publicas, e bebendo na sua companhia vinho adulterado, que chegavam a julgar o liquido inspirador da fonte de Hippocrene!

Apezar d'isto, estes escriptores libertinos, a maior parte dos quaes nem mesmo inscreveram os nomes no frontespicio das suas obras, abstiveram-se, exceptuando um só, de fazer o penigyrico e de tomar a defeza das mulheres perdidas, que constituiam a sua sociedade habitual.

A primeira d'estas obras, que a historia da prostituição deve fazer entrar nos seus archivos, é anonyma e não podemos indicar quem fosse o seu auctor, por não termos indicios que nos permittam averiguar-lhe a paternidade.

Fórma um volume in-8.°, de umas 200 paginas, impresso sem designação nem de local nem de typographia, com data de 1624.

Intitula-se *Les Infortunes des Filles de Joye.*

O livreiro Nyon classificou-o entre as novellas philosophicas, ao redigir a segunda parte do catalogo do duque de la Vallière, mas nem este livro é novella, nem cousa alguma justificava o logar que lhe foi destinado no dito catalogo.

Tracta-se alli de uma simples narração feita pelo auctor, testemunha occular da expulsão das prostitutas do asylo que habitavam e consideravam como inviolavel, por alli estarem exercendo o seu officio havia muito tempo.

Quer-nos parecer que este asylo não era senão a Côrte dos Milagres, que foi por muitas vezes invadida pelos esbirros do prebostado de Paris, antes da medida que limpou a cidade d'aquella horrivel população.

O livro que temos á vista refere-se evidentemente a um d'estes asssaltos da policia, contra aquella horrivel guarida de mendigos e vagabundos.

E' provavel que, em 1626, o commandante da ronda *(chevalier do guet)*, fosse encarregado de uma expedição que tinha por fim evacuar um dos mais horriveis antros da Côrte dos Milagres, e expulsar de Paris as infames prostitutas, protegidas durante tanto tempo pelo privilegio do logar.

Encontramos tambem uma analogia surprehendente entre a descripção dos logares em que succede aquelle episodio e a que Sauval inseriu nas suas *Antiguidades de Paris,* colligidas trinta ou quarenta annos mais tarde, quando a Côrte dos Milagres havia perdido já uma grande parte dos seus antros e dos seus habitadores.

«Por grande que seja ainda actualmente esta Côrte, escrevia elle em 1650, muito maior era n'outro tempo. Por um lado, estendia-se até ás antigas muralhas, hoje occupadas pela rua Neuve du Sauveur, por outro, cobria uma parte do mosteiro das *Filhas de Deus* (antes de ser transferido para a ordem de Fontevrault, por outro ainda, estava rodeado de casas que o tempo converteu em ruinas e em cujos alicerces se plantaram jardins, e por toda a parte estava atulhado de casas baixas, acanhadas, quasi subterraneas, onde os mendigos se accumulavam.»

Sauval accrescenta que, quando em 1630 se quiz abrir e construir uma rua que devia atravessar a Côrte dos Milagres e ligar a rua do Sauveur á rua Neuve du Sauveur, os commissarios encarregados de dirigir e vigiar os trabalhos necessarios, não poderam leval-os a effeito, por isso que a população da Côrte dos Milagres, em massa, oppoz-se a essa realisação, vindo todos os dias atacar os operarios, e destruindo systematicamente os trabalhos feitos de dia.

Foi preciso, portanto, addiar o dito projecto, que não interessava menos á moral publica do que ao saneamento da cidade.

Suppomos que a rusga contra as mulheres de má vida, e a sua expulsão devia ser o pretexto de uma das visitas dos commisarios á Côrte dos Milagres em 1624, como nos conta o auctor dos *Infortunes des Filles de Joye.*

«Que querem a estas desgraçadas? diz o auctor, parecendo tomar a sua defeza. Que lhes invejam? Se é a pomposa belleza das suas casas, o erro é

grande, porque nunca se viu nada mais modesto. São velhas choças, onde as andorinhas não ousariam aninhar-se. Não teem canto algum onde o sol não possa entrar tão facilmente pela porta como pela janella, e ainda mesmo que os seus quartos tenham mais de cem buracos, seria difficil encontrar luz n'elles ao meio dia, tão enegrecidos estão pelo fumo de lenha verde e de palha, que alli estão ardendo.

«As casas são tão debeis e mal seguras, continua elle, que parecendo acommettidas de respeitoso temor, tremem ao menor sopro de vento, oscillando inquietas sobre os seus alicerces.»

Aqui temos a descripção do exterior das casas; a do interior d'aquelles medonhos tugurios é um quadro tão curioso, que o vamos apresentar com todos os pormenores, tanto mais para apreciar, quanto é certo não se poder encontrar n'outra parte um *croquis* tão bem esboçado. O proprio Sauval, apesar de ter entrado na Côrte dos Milagres, não soube fazer uma descripção completa.

«Entra-se em qualquer *d'estas sumptuosas moradas* por uma porta baixa e estreita onde mesmo um anão correria perigo de esbarrar. D'alli passa-se a um gabinete onde começa uma escada difficil e tortuosa, que conduz ao primeiro andar.

«Os que tèem a ousadia de penetrar n'aquelle antro, de dia ou de noite, consultam primeiro a sua coragem para saberem se tal empreza é d'aquellas que podem realisar-se sem perigo de se perder completamente a cabeça, por ser facil partil-a em qualquer viga.

«Depois de tão arriscada ascenção, uma pequena galeria ou corredor conduz aos aposentos das damas, a uma grande sala, em seguida á qual ha um pequeno gabinete.

«O pavimento, imperfeito, absolutamente nú de ladrilhos, mostra de espaço a espaço algumas vigas descobertas. Cobre-o uma vetusta e espessa camada de esterco, virgem de qualquer tentativa de remoção.

«Na parte mais recondita de tão agradaveis aposentos, n'uma especie de esconderijo que serve de trincheira ás moças contra a invasão dos maus pagadores, apparece orgulhosa uma cama, que se bambolêa sem ninguem lhe tocar, fazendo gala da sua gentileza aos olhos da curiosidade...

«Sobre dois bancos bem toscos e desequilibrados, vê-se um colchão, cuja dureza poria a do marmore a um canto...

«Os lençoes... estão cheios d'aquellas penetrantes arestas que o linho se obstina em conservar, depois de ter dilacerado com ellas as mãos das fiandeiras e do tecelão...

«Não quero fallar da sua limpeza. Bastará dizer que depois de terem servido durante um semestre, nem ainda ao cabo de tão longo praso haviam feito conhecimento com o sabão ou com a barrella. Eram um vasto mappa ou planispherio, de tal modo abundavam n'elles as manchas coloridas dos continentes, das ilhas e dos mares.

«Junto d'esta cama veneravel, havia uma taboa rasa, larga e comprida, a qual sem panno e sem pés tomava pomposamente o nome de mesa, embora tal denominação podesse fazer rir um marceneiro. Uma extremidade appoiava

sobre o peitoril da janella, emquanto que um pote vasio tinha a honra de sustentar a outra extremidade...

«A um dos lados da mesa via-se estendido um guardanapo, occupando talvez um terço do seu comprimento, e mostrando pelas extensas nodoas de vinho e de gordura que era destinado ás refeições ou banquetes das raparigas. Entre o guardanapo e a parte da mesa por elle coberto, o pó e a gordura endurecidos pelo tempo haviam estabelecido tão intimas relações, que as duas cousas tinham chegado a ser completamente inseparaveis.

«Alguns utensilios espalhados por toda a parte davam áquella exquisita mobilia uma graça e encanto verdadeiramente notaveis no conjuncto...»

Como poude o narrador offerecer-nos um inventario tão minucioso e circumstanciado d'aquella heteroclita mobilia? De certo que não a conhecia apenas de outiva. Frequentára muito a scena que descreve, e a pintura minuciosa que se compraz em fazer-nos, tem todos os elementos de um quadro feito do natural com o pincel inexcedivel de Brauwer ou de Theniers.

De resto, o proprio auctor não mostra grande empenho em occultar-se, e declara ter visto com os proprios olhos o antro horrivel, de que as pessoas honestas poderiam suppor estivera fazendo uma descripção phantastica.

Um dia em que a ociosidade o incitou ao vicio, dirigiu-se áquella casa «templo impuro, feito de lixo e de saliva *(sic)*, onde o impellira por certo a tentação de algum espirito immundo.»

Era uma empreza arrojada e que poderia custar-lhe muito cara, mas teve a rara fortuna de sahir são e salvo, dos perigos que lhe ameaçavam a saude, a bolsa e a vida.

Esteve a ponto de retroceder de nojo e de vergonha, ao penetrar n'aquelle serralho infecto. Um par de luvas de anta que por acaso levava, prestou-lhe assignalados serviços ao olfacto, porque eram perfumadas, segundo os preceitos da moda n'aquella épocha, e o seu perfume destruiu em parte o asqueroso fetido espalhado pelo antro.

De subito, dá de cara a cara com uma velha desdentada, que devia ser a *patroa* ou a directora das moças.

Os retratos que vae pintar logo em seguida, com as alegres côres da sua palheta burlesca, põe-nos diante dos olhos o pessoal impudico d'aquella casa.

Primeiramente a velha: «Não tinha em si cousa alguma que fosse branca, a não serem os cabellos, e com o medo talvez de que os olhos lhe podessem fugir da cara, tinha-os tão profundamente escondidos, que nem podiam vêr nem ser vistos. Duas grandes bexigas em fórma de peitos cahiam-lhe até ao umbigo, e com a sua visinhança aqueciam-lhe o estomago.»

O nosso aventureiro não se detem a fallar com similhante monstro, affasta-se da velha, «resolvido, diz elle, ou a encontrar cousa mais agradavel, ou a sahir d'alli immediatamente.»

Nem sequer se atreve a manifestar á velha o seu desejo, com receio de se vêr obrigado a olhal-a cara a cara. Felizmente, distingue a famosa escada que conduz ao andar superior, ferem-lhe o ouvido algumas vozes que lhe servem de guia e não vacilla em tentar a perigosissima ascenção.

Chegando ao primeiro andar, apparece-lhe «em pé uma rapariga magra e esgrouviada, cujo rosto bordado e pintalgado de amarello com manchas vermelhas, do meio das quaes emergem, como papoulas no meio da relva, protuberancias de uma côr viva e inflammada, indicava claramente que devia aquella côr aos vapores da *Cava de Gallaic.*»

O que era esta Cava? O auctor não a descreve, infelizmente, mas é nossa opinião que não continha apenas vinho, para os ebrios poderem colorir a tez, mas que era um *limbo,* ou estufa pharmaceutica, onde os syphiliticos iam suar o *virus,* bebendo a famosa tisana de *gaiac,* ou de *Guayaco,* de que já fallamos largamente no capitulo das enfermidades venereas do seculo XVI.

O nosso aventureiro não se digna travar conhecimento com a frequentadora da *Cava de Gaillac,* que tão extraordinarias côres apresenta na epiderme. Volta á esquerda, para vêr, diz elle, «se o bom humor que lhe conduz os passos acabará por encontrar, á força de esquadrinhar todos os cantos da casa, alguma goloseima do seu agrado.»

Encontrou-se cara a cara com uma moçoila, que lhe ri descaradamente nas barbas. Examina-a dos pés á cabeça, e esta rapida inspecção acaba de lhe fazer perder todo o ardor que o inspirava n'aquella libidinosa excursão.

«A rapariga, suja e mal penteada, tinha um *bavolet,* uma especie de toucado usado pelas camponezas dos arredores de Paris, levantado de modo que me deixava contemplar com desgosto e repugnancia a porcaria d'aquelles cabellos empastados. Apezar de muito habil em occultar defeitos, a sua mão não podéra esconder aos meus olhos aquella immundicie.

«D'aquella bocca de coral sahia um halito, que parecia haver declarado guerra de morte ao ambar e ás aguas aromaticas.»

Esta horrivel fealdade dissipou de todo as eroticas disposições do auctor, que em vão oppunha a tal pestilencia as luvas e a capa. Galga os degraus quatro a quatro, e vae cahir no meio de nove ou dez harpias famintas, que ceiavam juntas e disputavam soffregas os restos de um gallo magrizella. O nojo e a repugnancia que n'elle produz este ultimo quadro obrigam-no a fugir a mata cavallos, e volta a casa, «tão pouco manchado com as impurezas d'aquelle antro, diz elle, como se alli nunca tivesse posto os pés.»

Não queremos pôr em duvida esta declaração e felicitamos o peccador arrependido, por se haver retirado são e salvo d'aquella sentina de asquerosa libertinagem.

E' difficil, no emtanto, comprehender o interesse particular que se digna manifestar pelas infames habitantes da Côrte dos Milagres, quando poucos dias depois da sua aventura lhe chega aos ouvidos «que se está tractando de as expulsar dos antros onde os seus *bons costumes* haviam longo tempo escandalosamente florescido.»

Esta compaixão não se explica muito bem n'um homem sensato e virtuoso, cuja consciencia se indigna com a recordação de uma visita que ousou fazer ás miseraveis sacerdotisas da prostituição.

«Porque motivo, exclama elle com o enthusiasmo de um advogado que defende uma nobre causa, porque motivo se hão de desterrar essas pobres ra-

parigas de uma posse que teem ha tanto tempo já? Nem viuvas nem orphãos adduzem contra ellas razões de queixa!»

Ennumera em seguida os aggravos que a opinião publica allegava a esse tempo contra as mulheres dissolutas, reclamando a execução das ordenações que haviam abolido a prostituição desde sessenta annos áquella parte.

Eis em que consistia o libello, que o defensor das pobres raparigas não parece julgar nem muito grave nem muito serio.

«Uns allegam que estas raparigas teem sido sempre tão descaradas e perdidas, que em comparação d'ellas as mais famosas cortezãs da antiguidade foram umas virgens timidas como cordeiros.»

«Accrescentam os seus adversarios:

«Que em sua casa nunca se falla de Deus, senão quando se pragueja;

«Que o amor e a libertinagem se podem perfeitamente supportar; mas que tolerar a existencia de logares impuros, onde cada qual póde encontrar o prazer com o seu dinheiro, equivale a consentir a depravação dos bons costumes e a tornar o vicio louvavel;

«Que estas mulheres dissolutas não gosam entre nós de tanta consideração, que se deva ter para com ellas contemplações.

«E' sabido, accrescenta jovialmente o advogado das prostitutas, que a mais illustre d'ellas não tem irmãos em Malta, e que para se encontrar n'alguma um atomo sequer de nobreza, seria preciso abril-a e esquadrinhar-lhe bem as entranhas.»

Esta engenhosa defeza, que o auctor adorna com todas as flores da sua rhetorica, não faz effeito algum contra os accordãos dos conselhos do prebostado de Paris. Está decidido que se attenderão as queixas dos cidadãos indignados, e que as mulheres escandalosas serão expulsas ignominiosamente dos seus antigos dominios.

A historia d'aquelle *golpe de estado* acha-se rodeada de uma systematica obscuridade, que não nos permitte estabelecer claramente os factos.

Só por conjecturas nos é dado apreciar o caracter da expedição dirigida contra aquelle covil de *lobas* raivosas.

O narrador não nomeia nem dá a menor indicação a respeito dos magistrados, que haviam ordenado ou auctorisado a invasão da Côrte dos Milagres.

Parece que a guarda urbana, que constituia a ronda denominada *dormente (dormant)* ou *assis, sentada,* havia sido chamada ao Hotel-de-Ville para prestar o seu auxilio aos archeiros do commandante das rondas.

Havia a receiar uma tenaz resistencia da parte das miseraveis a quem se queria expulsar dos seus logares, por isso que a narração a que estamos recorrendo nos representa os homens da milicia e os cidadãos chamados a pegar em armas, muito inquietos com o resultado d'aquella empreza, e abandonando com pezar as suas tendas, as suas mulheres e os seus filhos, como quem receiava não os tornar a vêr.

O commando da companhia fôra confiado a um velho capitão, «o mais atrevido de todos elles, o qual, ainda assim, esperava, ao que parecia, encon-

trar Amasonas, ou uma especie de Donzellas d'Orleans, na pelle d'aquellas raparigas, que iam combater em defeza dos seus penates e do seu ganha-pão.»

O medo lia-se claramente no rosto do chefe, e nos dos soldados não havia maior tranquillidade.

E' preciso, porém, formar as tropas; rufa o tambor, e os sitiantes emprehendem a marcha, depois de terem abraçado as familias desoladas.

No emtanto, as raparigas haviam-se entrincheirado na sua fortaleza, convertendo em armas tudo quanto encontram á mão, e dispostas a sustentar um longo assedio.

O inimigo approxima-se e occupa a frente da casa, que permanece fechada e silenciosa, como se todas as suas inquilinas a tivessem abandonado.

Os sitiantes investem, contra a porta, que perdera dias antes um dos gonzos, e cuja fechadura difficilmente se mantinha no seu sitio. A porta cede, franqueando a passagem aos sitiantes, que já se julgam senhores da praça, quando uma chuva de projectis os obriga a retirar em debandada.

Voltam á carga, e recebem um diluvio de agua quente com que os baptizam das janellas.

Retrocedem outra vez, e o capitão só consegue á custa de muito trabalho fazel-os voltar ao assalto.

Chovem de toda a parte pedras, fundos de garrafas, achas de lenha e mil outros objectos sobre os mais intrepidos, alguns dos quaes ficam fóra do combate. Os outros, porém, excitam-se mutuamente a vingar os seus camaradas. Escala-se o telhado para poder penetrar no segundo andar, onde se entrincheiram as heroinas, e recorre-se ao mesmo tempo á sapa, para derribar alguns pannos da parede.

Vendo-se finalmente a guarnição cercada por um numero mais consideravel de combatentes, propõe render-se.

Parlamenta-se e chega-se por fim a um accordo:

A praça render-se-hia ao commissario, e as mulheres que tão heroicamente a defenderam sahiriam d'ella com armas e bagagens.

Acceites de parte a parte as condições, apresenta-se primeiramente a mais velha: era uma verdadeira furia.

Depois, apparecem seis *marafonas,* feias, horripilantes, sete ou oito indefiniveis, e ainda mais algumas, que segundo as condições da capitulação, levam comsigo as armas e bagagens. Uma levava uma velha saia desbotada, outra um par de sapatos velhissimos.

As desgraçadas sahiram da sua fortaleza, «com a tristeza e o desanimo pintados no rosto, inclinam a cabeça para o peito, e levam os olhos banhados de pranto.»

O heroismo de que deram provas durante a batalha não póde agora nem sequer livral-as dos apupos e invectivas, que chovem sobre ellas, ao atravessarem as ruas da cidade.

Um insolente dirige-se á mais desolada de todas, agarra-a pelos cabellos e atira-lhe á cara com as *picantes recordações,* que conserva dos seus favores.

A desgraçada grita por soccorro e amotina os transeuntes contra o seu aggressor. Sahem operarios das lojas e accodem como apasiguadores da contenda, aconselhando ao queixoso «que tenha paciencia, e para a outra vez procure ser mais cauto.»

De repente distrae a attenção do grupo um homem que lucta com uma das raparigas, e foge a mata cavallos, apenas vê accudir em soccorro da desgraçada. Esta reconhecera no aggressor um *borlista,* como se chama em gyria de bordel ao que não paga e vive á custa da algibeira das infelizes. O patife devia até muito dinheiro á aggredida.

As desgraçadas que levam comsigo toda a sua fortuna, e que não têm outro defensor senão um poeta compassivo (o auctor sem duvida), dizem um eterno adeus á ingrata cidade que as repelle, e sahem para extra-muros, onde afogam em vinho as suas afflicções, n'uma casa de pasto, notavel por muitas especialidades culinarias.

Começavam apenas o banquete do exilio, dissipando-se-lhes, graças aos prazeres da meza, o desalento que as dominava, quando vêem entrar na sala uma «dama, mal penteada, sem luvas, sem trajos á moda, e que calçava uns grosseiros sapatos de duas solas.»

A dama excentrica vem fazer-lhes um sermão, convidando-as a renunciar ao seu officio vil, que lhes trará apenas a condemnação eterna, alimentando-lhes o corpo á custa da perdição da alma.

Mediocre ou mesmo nullo foi o resultado da catechese. O auditorio não está disposto a emendar-se.

De mais a mais, a prégadora não é desconhecida á assembléa. As prostitutas rompem n'uma gritaria descomposta, obrigando a prégadora a calar-se.

Conhecem-na. A dama perturba-se e considéra perdido completamente o seu latim. E' uma cortezã cujas leviandades são demasiado publicas, para que possa acreditar-se no seu arrependimento.

N'esta situação burlesca, toma o poeta a palavra em nome das suas boas amigas e interpella com acrimonia a falsa devota, que n'aquelle momento desejaria esconder-se cem pés abaixo da terra.

Era eloquente o advogado e dirige violentas apostrophes á peccadora:

«Quantas vezes não ganhaste a palma da victoria, nas mais ardentes pelejas, nos mais lubricos exercicios?»

Esforça-se por justificar as peccadoras que se consagram ao prazer da humanidade, e que a meudo são pagas com a mais negra ingratidão.

«Não as toleram em suas casas, e Deus tolera-as no mundo! Pobres raparigas! Trazendo sempre ás costas o peso das accusações publicas, não recusando as caricias dos grandes, saciando o appetite dos remediados e submettendo-se com uma louvavel facilidade aos pequenos, aos humildes!»

O licencioso poeta conclue a apologia das prostitutas, fazendo votos para que se lhes faça justiça, e para que as installem magnificamente em aposentos de ouro e seda, onde só se respire «o perfume da rosa, do benjoim e do pó de Chypre.»

O auctor d'esta obra singular, o poeta que havia partilhado a desgraça

das pobres desterradas, ousava patrocinar indirectamente a causa d'estas companheiras de infortunio, reclamava para ellas a liberdade da prostituição.

Infelizmente para os seus desejos, a sua apologia, apresentada sob a fórma de uma simples relação dos factos consummados, não chegou provavelmente até aos magistrados encarregados da policia dos costumes, ou talvez fosse supprimida como impertinente por algum decreto, por isso que o livro em que ella vem exarada desappareceu completamente, ou talvez mesmo nunca tivesse chegado a ver a luz publica.

Em todo o caso, o panegyrista das prostitutas não teve imitadores, e muito embora quarenta annos depois outro poeta, que vivia egualmente em convivio perenne com estas desgraçadas, se fizesse tambem historiador da nova perseguição que soffreram em Paris, teve o maximo cuidado de não se mostrar compadecido da sua sorte, ou mesmo de fallar contra os rigores judiciaes, de que foram objecto n'aquella épocha.

Corria o anno de 1662, quando o tenente criminal quiz expurgar a capital de todas as mulheres escandalosas, que tinham logrado subtrahir-se ás ordenações relativas á reclusão dos mendigos e de outra gente da mesma farinha.

Este funccionario, chamado Defita, tinha obtido do rei uma ordem para fazer prender todas estas desgraçadas, que seriam enviadas ao Havre, onde logo em seguida embarcariam com destino á America.

Esta especie de *apresamento* foi levado a effeito com tamanha promptidão e energia, que todos os antros de libertinagem, designados pela auctoridade, foram quasi simultaneamente invadidos pelos esbirros, que prenderam todas as que alli encontraram.

As mulheres jovens e validas, accusadas e convictas de prostituição publica, foram levadas á força a um navio que estava em frente do Louvre, e que as conduziu ao Havre, onde as esperava uma flotilha destinada ás colonias.

As velhas, cujo officio se limitava apenas a trabalhar por conta alheia, foram enviadas para os carceres ou para o Hospital.

As que poderam evitar as pesquizas da policia deram-se pressa em sahir de Paris, indo occultar-se nas provincias, e algumas que chegaram a ser presas como as outras, deveram a liberdade a protectores, que tiveram a coragem de as ir reclamar ao tribunal do Châtelet, apesar de lhes ser mister para isso apresentar uma garantia moral ou pecuniaria.

Este acontecimento causou no mundo parisiense uma emoção extraordinaria, que se traduziu por muitos escriptos em verso e prosa, inspirados pelas circumstancias, e nos quaes se encontram particularidades muito curiosas sobre as casas de prostituição e sobre as prostitutas da mais baixa ralé.

Assim, pois, a prisão das prostitutas de Paris em 1662 forneceu um episodio picante a uma novella comica, que se publicou com este titulo:

Aventures tragi-comiques du Chevalier de la Gaillardise, où dans le recit facétieux de sa vie et de ses infortunes, il divertit agréablement les esprits mélancoliques. — Paris, Bésongné, 1662, in-8.º

O auctor, François-César de Préfontaine, déra á luz em 1660 o primeiro

esboço d'esta novella com o titulo de *L'orphelin infortuné, ou le portrait d'un bon frère.*

Parece que esta tentativa de romance passára desapercebida, visto que o auctor tornou a dar á luz o seu *Orphelin infortuné*, com o nome de *Chevalier de la Gaillardise.*

Temos razão para crêr que esta nova tentativa litteraria não teve maior exito que a primeira, porque o pobre novellista, não podendo resignar-se á indifferença do publico, tornou a apresentar-lhe no mesmo anno as *Aventures tragi-comiques de l'orphelin et du chevalier*, disfarçadas com differentes titulos, taes como: *O Boticario envenenado*, o *Cavalheiro grotesco* e a *Assembleia dos gatunos e das prostitutas.*

Não obstante estes reiterados esforços de um auctor, que só pede que o leiam, é preciso confessar que o senhor de Préfontaine encontrou um escasso numero de leitores, e que as suas novellas, tão raras e desconhecidas hoje em dia, não deixaram maiores recordações do que se tivessem formado o lastro de um dos navios carregados de gente perigosa e de mulheres perdidas, que então se mandavam para as colonias.

É certo que os livros do senhor de Préfontaine não tinham sido escriptos para a sociedade das *Précieuses* da épocha. Não tinham graça nem delicadeza, e accusavam logo ao primeiro aspecto o modo de vida que tinha o auctor: — um valdevinos que vivia na mais escandalosa libertinagem.

Era filho ou sobrinho de Cesar Oudin, traductor do *D. Quichote*, e de algumas outras obras hespanholas e italianas, que o tinha familiarisado desde a infancia com as obras d'estas litteraturas.

Vê-se claramente que se propunha imitar sobretudo Cervantes, e que escolhia do melhor grado os seus personagens entre as classes abjectas e reprobas, onde o gatuno e a mulher perdida vivem sempre na melhor camaradagem.

Vivera por muito tempo na intimidade de tão honrada gente, que elle se compraz em descrever, no quadro vergonhoso de uma taberna ou de um bordel.

No emtanto, não o inspirava sómente a intenção de descrever os quadros de costmes triviaes e vergonhosos, que merecem figurar na nossa galeria pornographica.

«Havia — o auctor põe esta narrativa na bocca do seu famoso *Chevalier de la Gaillardise* — havia junto da muralha da Porte au Temple, uma velha patroa d'essas raparigas que servem para tudo, a qual tinha quasi sempre em casa meia duzia das taes, das de melhor qualidade.

«Esta velha era a mais astuta e a mais corrompida megéra, que jámais se havia dedicado a este commercio.

«Nunca repellia ninguem, e não obstante, era tão fina, que rarissimas vezes lhe entravam em casa maus pagadores.

«Como o conseguia? Muito facilmente, como vão ver.

«Estava sempre de atalaia á janella, porque se presava de conhecer só pela cara a boa ou má solvabilidade dos freguezes, e quando via tomar a direcção da sua porta a algum d'esses valdevinos, cujo dinheiro tine tanto como a estopa, puxava o cordão de uma campainha correspondente a um primeiro

andar. Era o signal combinado para se esconder a mercadoria e para se guardar um profundo silencio.

Os esturdios entravam de tropel, gritando, rindo ás gargalhadas, fazendo uma bulha de ensurdecêr.

Dirigiam-se á velha e perguntavam-lhe :

— Quem tens por cá ?

Ella, com uma cara de paschoa, parecendo rir continuamente, por causa das rugas que a edade e os cosmeticos lhe haviam lavrado na pelle, respondia n'uma voz cheia de blandicias :

— Meus filhos, não ha nada. E' possivel que ainda appareça por ahi alguma pequena ; se querem, entrem e sentem-se um bocado.

Os freguezes, porém, lembrando-se de que já por mais de uma vez tinham esperado em vão, retiravam-se, praguejando :

— Velha do inferno! Para que diabo te serve a casa, se nunca has de ter aqui nem sequer uma rapariga!...

Ao ouvirem a campainha, as raparigas que estavam na sala, tinham sempre tempo de se esconderem em logar seguro.

Perrette, uma velha creada da casa, apressava-se a fazel-as entrar n'uma grande despensa, emquanto ella ficava fóra da porta sem receiar nada por si, visto que a sua edade e a sua figura a tinham já de ha muito posto ao abrigo dos ataques amorosos d'aquelles *valentões do vicio.*

O senhor de Préfontaine confessa que visitava muito a miudo aquella *maison de honneur,* assim chamada provavelmente, diz elle, porque grande numero de raparigas levianas alli haviam perdido a sua honra.

Não era rico, mas ainda assim, era sempre bem acolhido, porque ouvia com paciencia as queixas da boa mulher, dona d'aquelle redil.

Ella continuamente se lamentava, dizendo «que a classe media não era liberal como n'outros tempos; que os ricos só mettiam as mãos nas algibeiras para tirarem as luvas, o que era terrivel para as pobres raparigas, que se arruinavam com o aluguer de fatos, e para cumulo de desventura, os esturdios acabavam de as arruinar, armando desordens na casa, e impedindo assim as visitas do tendeiro, do escrevente e de outros quaesquer rapazes socegados e pacatos, que não queriam outra cousa senão gastar em boa paz o seu quarto de escudo.

«Não gostava nada d'aquellas visitas, e jurava e perjurava, que apesar de viver ha mais de trinta annos de fazer vontades ás pessoas honradas, se no anno seguinte não tirasse melhor resultado, nunca mais tornaria a tractar d'aquelle officio.»

Esta sujeita pretendia não ter outro fim em vista senão «obsequiar a mocidade, que precisa de distracções galantes, e dar casa, fato e sustento a algumas pobres raparigas sem casa, sem lar e sem asylo.»

O senhor de Préfontaine commove-se com os sentimentos humanitarios da velha, que de tão boamente acolhe as pobres raparigas desherdadas.

Realmente a condição das prostitutas não era lá das mais agradaveis. As menos felizes que não encontravam *patroas* para lhes darem casa, tinham de

andar pelos campos, o que não era de todo mau, no verão, quando os trigos estavam crescidos, os trigos, asylo da prostituição vil, onde ella se radicara desde tempos immemoriaes, como um joio obsceno que era impossivel extirpar!

A's vezes tambem algum bom marinheiro, vendo-as divagar á noite á beira do Sena, dava-lhes um acanhado asylo a um canto do seu beliche, expondo-se ainda assim as desgraçadas a serem expulsas á pancada, quando o hospedeiro lhes visse a cara á luz do dia, ou mesmo a serem arrojadas ao mar. Quantas vezes não succedeu este caso!

Outras, abandonando o seu anterior domicilio antes do vencimento do aluguer, ou escapando a alguma esmurradela de narizes, encontravam em casa da patroa um asylo seguro.

Alli ensinava, as que ainda podiam passar, a concertarem a physionomia diante do espelho, a pentearem o cabello de differentes maneiras, a morderem os labios, a belliscarem as faces para darem animação ao rosto, e com lições do mesmo genero para lograrem agradar.

Ha n'esta passagem mais de um pormenor digno de attenção, que nos dá a conhecer certas circumstancias singulares da vida das mulheres dissolutas.

Vemol-as, durante o verão, felizes e orgulhosas com a sua independencia, occultando-se nos trigos ou compartilhando o leito duro do marinheiro, que as expulsa com nojo do beliche, quando a luz do dia lhe permitte avaliar a imprudencia da sua hospitalidade.

No inverno, vamos encontral-as nas casas das patroas para obterem fatos, que ellas lhes alugam carissimos, e que rarissimas vezes conseguem pagar de todo com o preço da sua impudicicia.

Alli vamos encontral-as tambem entregues a aperfeiçoarem-se na arte da prostituição, seguindo os conselhos da patroa, que deve toda a sua experiencia á longa pratica da sua arte infame.

Finalmente tornamos a encontrar uma prova do cruel tractamento que os rufiões davam ás mulheres de quem queriam vingar-se, cortando-lhes o nariz com uma pedra afiada á maneira de navalha de barba. (V. tomo II d'esta obra).

Parece que um homem, cuja saude se havia resentido das suas relações com uma mulher publica, tinha o direito de lhe cortar o nariz, marcando-a com um sello indelevel para a condemnar d'este modo ao desprezo e ao horror das victimas que ainda procurasse fazer.

A patroa das raparigas do muro da Porte-au-Temple teria ganho com que passar o resto da vida tranquillamente, se a policia não tivesse vindo em má hora perturbar-lhe o socego do seu commercio. Tendo uma das raparigas que compunham o impuro rebanho estragado a saude de um homem importante, este não cortou o nariz á infame, mas denunciou ao tenente criminal a escandalosa industria da dona da casa.

O tenente criminal mandou evacuar a casa, e encarcerar a velha *Celestina*, que já não servia para povoar as colonias.

Acontecia isto precisamente em 1662, quando o juvenil rebanho de pros-

titutas parisienses ia infestar os costumes e a saude dos indigenas do Canadá e de Madagascar.

Os archeiros pozeram cêrco á casa, e como a patroa, ao reconhecel-os, não teve a presença de espirito sufficiente para tocar a campainha de prevenção, grande foi a admiração das suas desventuradas pensionistas, ao verem apparecer soldados em vez de freguezes para depennar.

Intentam fugir, mas nem sequer têem tempo para chegar á porta, e Perrette saltou pela janella, em vez de se lembrar de abrir o famoso *banc à couche,* que já por tantas vezes servira para esconderijo d'aquellas ovelhas ranhosas.

Tiveram, portanto, de comparecer no tribunal de policia, sendo na sua maior parte enviadas para as ilhas, emquanto que a sua *boa mamã,* como ellas chamavam á patroa, sahia da cadeia protegida por um figurão da côrte e ia abrir n'outro logar um novo commercio de prostitutas.

«Este alegre officio, diz o senhor de Préfontaine, pondo-se a fazer reflexões sobre a triste condição das prostitutas, estava sujeito, como ainda agora succede, a toda a especie de opprobrio e confusão, companheiros inseparaveis da occiosidade e da vaidade mal fundada, á qual estas desventuradas se entregam desde a sua juventude, victimas dos perniciosos conselhos das pessoas como aquella de quem estou fallando, e a quem ellas chamam *sua mamã.*»

Conhece-se pelo estylo que o senhor de Préfontaine n'aquellas más companhias, que tanto frequentava, não havia aprendido a escrever a sua lingua com tanta perfeição, como poderia fazel-o recebendo algumas licções na assembleia das *Precieuses.*

Tornamos a encontral-o na *Assemblée des Filous et des Filles de Joye,* apesar de ter tido o pudor de não se nomear, ao tornar-se o chronista de tão escandalosa assembleia, e apesar mesmo de parecer não querer saber d'esta obra, por isso que não a reimprimiu em um volume publicado oito annos depois: *Le Maître d'Hotel aux Halles — Le Chevalier grotesque et L'apothicaire empoisonné, nouvelles comiques, par le sieur François-Cèsar-Oudin, Paris 1670, in-12.*

N'este volume expurgado, o auctor não accrescenta ao seu nome patronimico o appellido de Préfontaine, que talvez fosse um nome de guerra. Póde inferir-se d'aqui que o nosso novellista se havia morigerado depois do sequestro e immediata deportação das suas companheiras de libertinagem, procurando agora figurar honestamente na republica das lettras.

Relativamente á edição original da sua *Assemblée des Filous, etc.,* sabemos apenas que desappareceu completamente, sem que reste um unico exemplar, ainda que felizmente foi salva do olvido n'uma collecção de diversas peças *comicas picantes* e *amorosas,* impressa em Amsterdam com a rubrica de Paris, em 1671.

Fiel ás suas inclinações e aos seus habitos, o auctor conduz-nos sem duvida mais uma vez a casa da sua hospeda do muro da Porte-au-Temple, fazendo-nos novamente o retrato d'aquella velha corretora de amor, chamada Nanina Ragonde, «uma das mais habeis no commercio, diz elle, que para

maior desenvolvimento do seu trafico havia escolhido uma casa acreditada, n'um bairro onde só por aposta ousava passar gente honrada.»

Eis o retrato moral d'esta famosa patroa:

«Lia a *buena dicha*, arranjava emprestimos de dinheiro, tractava de casamentos, intervinha especialmente na revenda de *donzellas*, das quaes tinha sempre em casa um numero consideravel, e sobre cuja virgindade depois de tirado o primeiro tributo, ainda diariamente auferia novos lucros, porque esta habil mulher sabia preparal-as tão bem com alumen, sal de Saturno e outros ingredientes com que compunha adstringentes subtis, que lograva vendel-as mais de uma vez por virgens.

«Além d'isto, era tal o seu tino na direcção d'aquelle commercio, que os gatunos, brigões e outra gente de mau viver, de ordinario promotora de desordens n'aquelles sitios, eram os primeiros a ajudal-a a levar a agua ao seu moinho, de modo que o freguez sahia sempre de sua casa com vontade de voltar e de repetir as suas visitas.»

O senhor de Préfontaine, que não devemos de modo algum confundir com seu pae Cesar Oudin, o qual tambem se estreiou nas lettras com o mesmo nome de Préfontaine, publicando uma novella de aventuras amorosas, extrahida da fabula intitulada a *Diana dos bosques* (Rouen, Caillonė, 1632, in-8.º), o senhor de Préfontaine (François-César-Oudin) apresenta-nos deusas de outra especie, por occasião do casamento de um rapaz chamado Lucas com uma moçoila de nome Jacqueline, a qual, segundo elle proprio diz, «fazia amor á moda das lobas, que escolhem sempre o macho mais feio.»

A tal Jacqueline estivera por muito tempo em casa da patroa Ragonde, e quiz, em testemunho da sua gratidão, que a ceia das bodas se realisasse na mesma casa que havia sido tantas vezes theatro das suas galantes proezas.

A' chegada dos noivos, as pensionistas correm ao encontro da sua antiga companheira.

«Achavam-se n'aquella ocasião em habitos menores, diz o senhor de Préfontaine, que era decerto um dos convidados; umas com os cabellos tão carregados de clara de ovo, que pareciam trazer a cabeça coberta com um amuletto; outras traziam o boião de pomada, ou a caixa do carmin; outras as mãos besuntadas de oleo de amendoas doces. Não sabiam para onde voltar-se. Algumas tinham cicatrizes na cara, effeito de algum kisto, que sabiam occultar artisticamente com um bocado de cabello postiço.

«Viam-se outras, que por não trazerem lenço no pescoço, mostravam as tetas flaccidas e decahidas, que durante o dia, não obstante, sabiam manter direitas e duras com o auxilio de faxas appropriadas.

«Uma, que entre todas mereceu a palma do ridiculo, foi uma esgrouviada, que tinha em vez de tetas dois pedaços de esponja, presos com um laço de fita nas barbetas do espartilho.»

As raparigas apressam-se a terminar a sua toilette e vão para a mesa, onde os convidados já as estavam esperando.

Os vinhos de Suresne e d'Argenteuil não tardam a desatar as linguas, circulando em toda a mesa n'uma grande profusão, e a conversação geral versa

sobre um assumpto, «tanto mais licencioso, que compromette em alto grau a virtude da noiva, alvo d'aquelles formidaveis chistes.»

O marido ri tambem, mas contrafeito, e começa a suspeitar que não tomou por esposa precisamente uma donzella.

A Clovis, «bella moçoila, pensionista da Ragonde e uma das primeiras do banquete», abre a marcha á chocarreira jovialidade dos convidados.

De subito, porém, ouve-se na rua um formidavel rumor, e distingue-se a voz de varios homens chamando-se alternadamente, e que se reunem diante da casa.

Ragonde julga que é o commissario com o seu sequito, que vem visitar o estabelecimento.

Pede, por isso, aos convidados que se callem, e que se conservem *em posições decentes*, para receberem o magistrado e os seus subordinados.

Apenas se ouve, porém, a fatidica palavra *commissario*, a maior parte dos assistentes levantam-se com espanto da mesa e sahem a toda a pressa da sala. Uns descem aos sotãos, outros sobem ás trapeiras, e aquelles, que na sua atrapalhação são incapazes de se orientarem e de procurarem um esconderijo, seguem a creada que lhes ensina o caminho da privada, onde correm a refugiar-se.

A casa, no emtanto, estava cercada por um bando de individuos que se tinham proposto entrar por vontade ou á força. Soam na porta pontapés furiosos, e murros capazes de a partirem de meio a meio!

N'esta confusão indescriptivel, Ragonda é a unica que não perde o sangue-frio. Chega á janella, e grita aos assaltantes nocturnos:

—Olá! Temos boda, boda! Vivam os noivos!

Reconhecera-os, abre-lhes immediatamente a porta, recebendo-os com muito agrado.

Os *filous* (cá os temos agora em scena, apresentados pelo seu amigo e chronista, o senhor de Préfontaine), traziam viveres, *extrahidos* das tendas. Sentam-se á meza e offerecem galantemento o fructo das suas rapinas á companhia, que n'um momento se torna a reunir, e se entrega de bom grado a todas as expansões do seu humor folgazão.

«N'esta assembléa, diz o poeta, ruivas, morenas, senhoras, plebeias, camponezas, todas ellas mestras na arte, e *filous*, espadachins, fidalgos e plebeus, estavam de tal sorte misturados, que pareciam dar razão a Socrates, quando o illustre philosopho dizia que a sociedade ficaria perfeitamente estabelecida, «quando todos os homens fossem os maridos de todas as mulheres, e estas as esposas de todos os homens.»

Os noivos não desmanchavam o divertimento, e se ás vezes o Lucas, fazendo uma careta desagradavel, mettia o nariz no copo para esconder a vergonha, a Jacqueline esquecia-se da sua nova posição, e voltava insensivelmente ás maneiras e ao estylo do officio que abandonara, para *deitar matrimonio*.

Todos bebem, comem, riem. Os *filous* são uns convivas realmente amaveis. Um d'elles, a flor e a nata da quadrilha, e que por isso está sempre fazendo uso da palavra, chama-se Roger, tem as suas velleidades de poeta, e as

raparigas extasiam-se ao ouvir os maliciosos versos que improvisa a respeito de todos os logares communs do amor.

A orgia está no apogeu; todo o mundo quer fallar.

Uma roliça moçoila, «olhando para todos os convivas, diz que se alli houvesse por desgraça um castrado deveria ser expulso no mesmo instante, como um membro gangrenado, que se separa do corpo para o não contaminar de todo.»

Roger applaude o dito, e não o deixa sem resposta, retorquindo com este equivoco grosseiro, que é ao mesmo tempo bastante inintelligivel:

«Os castrados são muito inimigos da chuva; nunca chove onde elles trabalham.»

A rapariga não perde a occasião de fazer tambem um bom dito, e replica: «É verdade, mas são muito maus arithmeticos, porque não sabem a regra de multiplicar.»

Ao ouvir isto, augmenta a hilaridade dos convivas.

O marido, o pobre Lucas, que afinal vem a saber que sua mulher não passa de uma prostituta, faz uma triste figura, e planeia uma retirada, que Jaquelina não está disposta a favorecer. Sentada entre dois valentões, esquece que está na sua noite nupcial.

N'aquelle momento rompe uma questão entre as raparigas.

Roger, para divertir a companhia, encara n'uma das convidadas, chamada Diana, e diz-lhe que uma das suas amigas havia dito mal d'ella, affirmando que não estava longe o tempo em que ella teria de ir á fava, por causa da falta de freguezes. Era uma rapariga divertida. A graça com que ella dizia que a Diana não podia usar botas, porque nunca usara senão sapatos velhos, sem tacões!

Diana nem sequer teve coragem para responder a Roger. Fez-se muito vermelha, e amuou.

As outras, porém, entraram na questão, e uma especialmente, chamada Filippa, que tinha adoptado o nome de guerra de Sylvia, accusou o poeta de estar calumniando as pobres raparigas, ridicularisando-as com os seus acerados epigrammas. A Diana, por exemplo, era quasi uma senhora. Se alguem duvidava, ella estava alli, de mão na ilharga, disposta a proval-o, e a incutil-o até na mente de cada qual, ainda que não fosse senão á força de bofetadas!

Uma saraivada de chufas e ditos picantes cahiu logo sobre aquelle denodado campeão da bisonha Diana: «Provas! disse o incorregivel Roger. Eu bem sei que as ha. Basta que Diana mostre as cartas de namoro que tem recebido com esta designação: *Mademoiselle Housthouot, à la Mothe, près de Trouliput!*

Era um obsceno trocadilho, tão obsceno que nem nos atrevemos a traduzil-o. A discordia subiu de ponto entre as raparigas, e como sempre succede áquellas desgraçadas, em vez de se colligarem contra o insolente, desafiaram-se umas ás outras, agarrando-se pelos cabellos e vindo a outras vias de facto.

Simonne, alcunhada a do Marais, atirou-se a Diana, a quem accusou de ser a causa de todas as injurias atiparadas contra a corporação das *Filles de Joye*.

Foi terrivel a peleja, e extremamente difficil separar as contendoras.

«Sahiram do combate, accrescenta o auctor d'esta Illiada burlesca, deixando o campo de batalha semeado de pedaços de musselina, de tafetá rasgado, de pedaços de corpetes, e outros preparos com que vinham ataviadas, e viram-se obrigadas a pôr pontos na cara por causa dos golpes e arranhaduras.»

Roger, que fôra o causador da batalha, firmou a paz entre as belligerantes com uma sextilha, que foi considerada digna de ser gravada em lettras de ouro no frontespicio de todas as *maisons d'honneur*.

Á fin de terminer toutes contentions,
Qui naissent au serail sur les conditions,
Um fille d'abord qu'elle est dans le commerce,
Ne doit plus disputer dessus sa qualité ;
L'amour veut ses enfants dedans l'égalité,
Et ne les peut souffrir dans cette controverse.

O que traduzido litteralmente dá:

«Para terminar todas as contendas que nascem no serralho, por causa da diversidade de condições, uma rapariga, desde que se dedica ao *commercio,* não deve nunca disputar a respeito da sua qualidade: — o amor quer que os seus filhos sejam eguaes, e não póde admittir essas questiunculas.»

A alegria volta bem depressa a todos os rostos, e ao choque dos copos, fuzillam os bons ditos de parte a parte. Cada homem abraça-se á sua visinha.

Uma d'ellas fere o amor proprio de um *filou,* por nome Boudrille. Este alegre companheiro declara por entre juras e pragas que vae dar-lhe um valente puxão de orelhas.

Levanta-se cambaleando, persegue-a ás apalpadellas, e consegue por fim agarral-a a um canto, mas inutilmente lhe procura as orelhas! A desventurada perdeu-as n'algum lance bem cruel da sua vida!...

Uma gargalhada geral rompe em toda a sala, e augmenta de intensidade, até que a victima se associou de bom grado á hilaridade dominante, não sem apresentar o rosto rubro de despeito.

Ragonde desgosta-se com esta revelação que póde prejudicar-lhe algum tanto o estabelecimento, e obriga a desorelhada a sentar-se, e para melhor lhe fazer sentir a sua vergonha, aconselha-lhe que não se penteie á moda, e que se sirva apenas de uma touca, ou de um lenço atado á cabeça.

A desorelhada procura esquecer o que se passára, e sentando-se toma novamente parte na conversação. Diz «que vae mudar de vida, e assentar arraiaes na Normandia, e que até já déra signal á diligencia de Rouen.»

O incorregivel Roger lá estava de epigramma engatilhado:

— Desgraçada! Queres ir fazer novas victimas n'aquelle paiz, que dizem ser o ponto de reunião das raparigas, que já por aqui não têem freguezes? Queres ir empalmar a bolsa ao portuguez e ao flamengo?

A mais brilhante de todas as beldades d'aquella noite foi uma airosa rapariga chamada Cynthia. Deixou a companhia para seguir uma mulher, que de guardanapo debaixo do braço, veio fallar-lhe ao ouvido.

Era uma entrevista, decerto. Apenas a rapariga sahiu, toda a companhia

começou a murmurar á sua custa. Aquellas linguinhas de prata não se esqueceram de contar a sua historia. Era uma pequena maltrapilha, que sahira um dia da sua aldeia, no tempo das vindimas, para ir trabalhar nas vinhas dos arredores. O fidalgo do logar viu-a, gostou d'ella, e levantou-a... da lama e da da miseria em que vivia.

Desde aquella inesperada fortuna, começou a representar o papel de senhora, apesar de nunca deixar de exercer o officio, em que chegou a ser tão mestra, que no doce combate ganhava a palma a todos, tendo attractivos bastantes para interessar os homens, sem que precisasse de recorrer a artificios e embustes.

Tinha uma grande freguezia. Grande e variada: Fidalgos, cortezãos, mercadores, estudantes, militares eram sempre bem vindos, e finalmente, a exemplo de Lais ou de Messalina, mais depressa se confessaria cançada do que farta do amoroso exercicio. [1]

Eram mais numerosos os freguezes em sua casa do que na mais acreditada e concorrida taberna. E era preciso não ter vivido na cidade para se ignorar a sua vida e proezas.

Da *Assemblée des Filous et des Filles de Joye,* extractamos apenas algumas passagens que se referem a estas, por nos parecer menos importante determo-nos nas que se referem aos gatunos e ratoneiros, apesar da vida d'estes meliantes estar, infelizmente para ellas, ligada com a das prostitutas.

Quando os dois esposos, Lucas e Jacqueline, foram a final conduzidos ao thalamo, o marido sabia perfeitamente o que pensar a respeito dos antecedentes da sua cara metade.

A casa de Ragonde era bastante conhecida pela sua especialidade, mas a policia deixava-a subsistir, porque estava junto da muralha, n'um logar deserto, onde as pessoas honestas não podiam jámais ir por acaso, ou por engano.

Ragonde, cansada emfim de viver n'aquella obscuridade, que era a causa da tranquillidade que disfructava, resolveu ir estabelecer-se n'um bairro menos escandaloso.

Foi o que a perdeu. Ragonda expulsou os espadachins e os *tireurs de laine*, ladrões nocturnos, que empalmavam n'um abrir e fechar de olhos as capas dos transeuntes, e que eram até ahi a maior parte da sua clientella, de maneira que a sua casa, que n'outro tempo encerrou mais calamidades que a boceta de Pandora, só teve d'ahi em diante Amyntas, Cyprias, Amaranthas, Francelisas, Celimenas e Clorindas, visitadas apenas por alguns adolescentes, que não tendo namorado as mulheres senão nas novellas, procuravam ideaes de carne e osso, afim de se habituarem a serem mais ousados e a apresentarem-se diante das noivas, quando lhes désse na veneta casar.

---

[1] *Lais*, famosa prostituta grega. *Messalina*, a celebre imperatriz romana, de quem disse Juvenal : *Et lassata viris, necdum satiata recessit*. Quevedo traduziu assim esta passagem do grande satyrico romano :

Y cansada se iba, mas no harta
Del adultero y sucio movimiento.

N'uma palavra, não se fallava alli n'outra coisa, a não ser nos alegres jogos do amor, e Ragonde, encerrada no seu pequeno serralho, composto de todas aquellas beldades, occupava-se apenas de ensinar os methodos mais proprios para fazer realçar os dotes e attractivos do exercicio da sua profissão, verbi gratia, estudar ao espelho uma posição voluptuosa, arranjar o penteado de diversos modos, collocar com arte as pinturas e os signaes, morder os labios para accumular n'elles a tinta opalina, belliscar as faces para dar animação á tez, saber olhar a proposito, e cem outras manobras que as podiam tornar agradaveis.

Não esqueciam ainda as pomadas, as aguas de jasmin, as perolas falsas, os cintos e fitas de côres vivas, accessorios dos atavios d'estas sylphides, que se tratavam por irmãs e chamavam a Ragonde a sua *querida mamã.*

O senhor de Préfontaine repete aqui quasi textualmente tudo quanto o cavalheiro de la Gaillardise dissera a respeito da eschola pornographica d'estas boas mamãs.

Prospero ia correndo o commercio da mamã Ragonde, quando o anno de 1662 veio pôr termo áquella feliz exploração.

A policia inscreveu o estabelecimento no livro verde, começou a vigial-o e effectuou alli numerosas e importantes capturas.

Muitos dos amantes das pobres raparigas, que foram condemnadas á deportação, tiveram a desgraça de ser reconhecidos pelo tenente criminal como insignes *tire-laines,* a maior parte dos quaes foram rodados, enforcados ou enviados para as galés, emquanto que as desgraçadas alumnas de Ragonde, ao embarcarem em frente do Louvre para a America, dirigiam o ultimo adeus ao Promenade de la Reine, á Maison Rouge, a Passy, a Suresnes, a Boulogne, a Saint-Cloud, e sobretudo áquelle delicioso Parc-aux-Cerfs, onde haviam passado momentos bem agradaveis.

CAPITULO VI

SUMMARIO

Outros livros: — A derrota e o Adeus das mulheres de prazer de Paris. — Quem é o auctor d'este burlesco poema.—Analyse e citações d'elle.—Os nomes das raparigas.—A *Bella dos olhos doces*.—Embarque no Pont-Rouge. —A canção das raparigas.— A *fome*, ou as p... de...—As cortezãs celebres em 1649. — Seus fornecedores.— O que segnificava fazer saltar um bordel.—Uma narrativa de Colletet.—Uma aventura de Francion.—As entrevistas nocturnas da gente do officio em Paris. — Qual era o papel do rufião.— O protector das prostitutas.— Uma rapariga com o seu *anjo da Guarda*, na feira de Saint-Germain.— A giria das peixeiras.— Interior d'uma *maison d'honneur*, segundo Carlos Sorel, historiographo de França.— Pedrita e as suas discipulas.— Os commissarios e os agentes, cumplices da prostituição.— Os dois commissarios Luerin e Morizot.— Transformação da prostituta.— Retratos poeticos. —Adeus de uma cortezã a Venus.— Uma estampa de Abraham Bosse.



DEPORTAÇÃO das mulheres publicas de Paris, sob a administração do tenente criminal Defita, em 1662, parece ter abrangido um grande numero de mulheres galantes e de amancebadas, que não estavam filiadas no serviço dos maus logares, mas que ainda assim se portavam escandalosamente, offendendo a moral publica com o seu luxo exaggerado e com as suas maneiras impudentes.

Começou-se naturalmente pela limpeza das casas da prostituição e acabou-se pouco depois por sujeitar a averiguações rigorosas todas as mulheres de vida suspeita ou depravada.

Estas ultimas medidas de repressão foram executadas em larga escala com tanto rigor como podemos avaliar pela narração de um contemporaneo, que poz em verso *La Déroute et l'Adieu des Filles de Joye de la ville e faubourg de Paris, avec leurs noms, leur nombre, les particularités de leur prise et de leur emprisonnement*. Paris, 1662, in-12.

Este opusculo que deve ser rarissimo, visto que o *Manual do livreiro*, de M. Brunet não faz menção d'elle, e que só vimos um unico exemplar na Bibliotheca do Arsenal, não póde ser obra de um dos tres auctores Berthaut, Guilherme Colletet, ou Scarron, que compartilharam com d'Assonay o imperio do genero burlesco, porque já não viviam em 1662, e d'Assonay viajava ainda pela Italia.

Temos, no emtanto, mais de um motivo para o attribuirmos a Francisco Colletet, cujo espirito e estylo poderiam reconhecer-se facilmente nos extractos que vamos transcrever.

De pequena importancia nos deve ser, porém, descobrir o auctor d'esta

jocosidade rimada, abundante do bons e honestos sentimentos, tão casta nas ideias como nas expressões e digna emfim de um poeta do povo de Paris.

Seja esse poeta quem fôr, eis o que elle promette cantar:

J'escry la desroute fameuse
De la bande autrefois joyeuse,
Mais qui n'est plus dans ce temps-ci
Qu'une bande fort en souci.
Quoy qu'il en soit, quoy qu'on en croye,
Je chante des filles de joye
L'adieu, les regrets et les pleurs,
Sans prendre part à leurs malheurs.

O que significa, despido da fórma poetica:

«Descrevo a famosa desventura do bando outróra ditoso, e que hoje é apenas um bando de desgraçadas. Seja o que fôr, diga-se o que se dissér, eu canto os adeuses, as penas e o pranto das mulheres de prazer, sem que por isso me interesse nos seus infortunios.»

Invoca a sua musa, que conhece bem aquella raça de gente e que não lhe perdoa os seus desdens. Mas nem por isso hesita em tentar uma empreza, já de si tão propria para lhe assustar o pudor, e lança-se com ousadia n'um assumpto mais escabroso que o da Illiada ou o da Eneida.

Espera, no emtanto, que a sua musa o salvará dos azares da queda. E que lhe pede este virtuoso e bucolico rimador, em troca do seu arduo e delicado trabalho? Uma coisa muito delicada, muito encantadora:

Fais que quelque fille de bien
M'aime un peu, sans m'en dire rien.

Viu-se coisa mais innocente? O poeta pede á sua musa que alguma honesta donzella lhe tenha uma pequenina parcella de amor, sem que lhe diga coisa alguma a este respeito... Que nobre desinteresse!

A introducção d'este poema burlesco prova-nos que as *filles de joie,* ou melhor as mulheres galantes e levianas, ás quaes até áquelle tempo nunca se haviam applicado as penas reservadas á prostituição publica, foram tratadas pela primeira vez como as vis prostitutas, que a policia surprehendia nos logares de libertinagem.

A severa execução das leis sumptuarias era o pretexto de que se serviu n'aquella circumstancia a auctoridade para sanear em parte a população da capital, onde tantas aventureiras e industriosas rivalisavam com as mulheres honradas, ousando pôr-se em evidencia nas elevadas regiões da côrte, ao lado das altas e honestas damas de grande nascimento.

O luxo d'aquellas especuladoras da libertinagem havia excedido todos os limites, e a sua insolencia augmentava de dia para dia na proporção das suas mal adquiridas riquezas.

Deu-se ordem para prender e conduzir ao carcere toda a mulher que fosse encontrada em infracção dos edictos do rei e dos regulamentos da policia contra o luxo dos trajos, dos trens e das joias.

A prisão das contraventoras dava logar a um inquerito a respeito do seu modo de vida e meios de subsistencia.

Este inquerito, cujos elementos estavam decerto reunidos de antemão, motivava, na maior parte dos casos, uma sentença que mandava para a America, ou para o Hospital geral as raparigas e as mulheres convictas de prostituição publica.

Ouçamos o nosso poeta moralista :

La femme comme plus fragile,
Commence un désordre de ville,
Et veut toujours porter plus haut
Qu'elle ne doit, et qu'il ne faut.
La moindre se fait demoiselle ;
Il faut brocard, il faut dentelle,
Il faut perles et diamants,
Il faut riches ameubléments,
Et mille autres telles denrées.

«Pela mulher, como mais fragil começa a desordem social. Ella quer sempre aparentar mais do que deve ou do que póde. A mais obscura transforma-se em senhora; venham brocados, venham rendas, venham perolas e diamantes, venham joias magnificas e mil outros artigos do mesmo genero!...»

Como era de esperar, o poeta approva o fim que o tenente criminal se propõe, e os meios de que se vale para o conseguir:

Il faut que Paris se nettoye
De boue et de filles de joye !

O poeta tem rasão: «E' mister que Paris se limpe de lama e de prostitutas !»

No emtanto, apesar mesmo da necessidade do saneamento moral da cidade, era um processo bem singular e arbitrario o prender assim do pé para a mão umas pobres mulheres, que afinal de contas não tinham outro crime além de usarem rendas de Genova ou de Veneza, galões de ouro ou prata, ou outros artigos de toilette, prescriptos, é verdade, pela lei, mas impostos pelas modas. E processo mil vezes mais arbitrario e repugnante era o de as obrigar a partir para as colonias, depois de as haver despojado de tudo quanto lhes pertencia.

O poeta, porém, não vê as cousas sob este philosophico ponto de vista. Pelo contrario, admira e applaude tudo aquillo, dizendo :

Par une police se sage
Defita s'y prend comme il faut ;
Bourgeois, voila ce que vous faut
Un magistrat de cette sorte,
Et qui s'y va pas de main morte.

Vêem como o poeta se extasia e curva diante do severo magistrado, o senhor Defita ?

«Defita por meio da sua policia atilada faz o que deve fazer. Burguezes, eis o que vos convém, um magistrado como este, que não está com meias medidas!»

Não ha que duvidar, em vista d'esta linguagem e d'esta austeridade de principios, que o auctor da *Derrota* e *Adeus das prostitutas* é o mesmo do *Trafego de Paris,* outro poema burlesco, de que vamos occupar-nos em breve.

Francisco Colletet, que acabava de casar com a creada, seguindo o exemplo de seu pae Guilherme, desenrola o estandarte da defeza das mulheres honradas contra as prostitutas:

Desormais la sage bourgeoise,
Vivant en liberté française,
Ira partout le front levé
Et tiendra le haut des pavés,
Sans crainte de voir l'effrontée,
Qui fait par meschant trotin
Porter sa jupe de satin.

«De hoje em diante a mulher honrada, vivendo em liberdade, poderá ir á vontade para toda a parte, de cabeça erguida, sem receio de se ver envergonhada por essas dissolutas raparigas, vestidas de setim, e tendo por caudatario um lacaio.»

As damas de qualidade eram as unicas que gosavam o privilegio de usar grandes caudas nos vestidos, caudas que eram levadas na rua por uma creada ou um lacaio.

As ordenações reaes de 1656, 1660 e 1661, relativas aos trajos dos homens e das mulheres, não fallam dos vestidos de cauda.

Havia muitas damas de reputação duvidosa, que se aproveitavam d'este silencio das ordenanças para usarem caudas desmedidas nos vestidos de seda, e para as fazerem levar nas ruas, nos passeios ou nas egrejas, por um moleque ou um pequeno pagem, vestidos de fazendas claras com dois galões de uma pollegada de largura nas costuras.

Este excesso de audacia indignava as mulheres honradas e reclamava vingança contra as suas impuras rivaes.

Graças ao nivelamento das ordenações sumptuarias, Colletet entrevê o reinado da edade de ouro em Paris, e exclama enthusiasmado:

L'honneur la vérité, le mérite
Qu'il faudra que chacun imite
Feront renaitre de nos jours
De justes et chastes amours;
L'impureté sera bannie
Des plaisirs de la douce vie.

«A honra, a verdade e o merito, cousas que d'ora ávante todos se verão obrigados a imitar, farão renascer em nossos dias os justos e castos amores. A impureza será desterrada dos doces prazeres da vida.»

É de crêr que o poeta Colletet se decidisse a matrimoniar-se com a creada, para se poupar aos incommodos e vexames de um inquerito a respeito dos seus costumes.

Eis como elle descreve a desventura das prostitutas, que se viram expostas á perseguição da policia, pelas suas contravenções das ordenações sumptuarias:

De là vint la source maligne,
Qui cause le malheur insigne,
D'estre en fin prise au saut du lit
Et surprise en flagrant delict:
Nichon dans un fiacre est prise
Avec un homme à barbe grise;
Nanon en carrosse à cinq sous
Se laisse prendre et filer doux.
Lucrèce, en sortant, est grippée;
Babet en passant est happée;
On surprend Manon et Cataut
Qui vont l'une en bas, l'autre en haut;
Jeanneton aux sergents fait teste;
On ne vist jamais telle feste.
Pots, pintes, tables, escabeaux,
Sièges, chandeliers, cruches, seaux,
Vaiselle sans estre comptée,
Volent d'abord sur la montée.
Tout y fait le saut périlleux,
Jusqu'aux bouteilles deux à deux;
Puis Jeanneton court à la broche;
Cependant un sergent l'accroche:
Elle l'égratigne et le mord:
On déniche dès le matin.
La fameuse et fière Catin...
Marquise, comtesse ou baronne,
Il faut comparaitre en personne
Et faire entrée au Châtelet...
On prend au lit, on prend à table;
Pourvu qu'on soit en mauvais lieu,
Suffit; la prise est de bon jeu,
On a beau dire; «Je suis telle,
«Je suis d'auprès de la Tournelle,
«Mon mari me connois très bien.»
Tout ce discours ne sert a rien.

Paraphraseemos esta tirada do nosso poeta moralista:

«Eis aqui a origem d'esta enorme desgraça. Ellas cahem na rede, ao saltar da cama, e vêem-se surprehendidas em flagrante.

«Nichon é presa n'um fiacre em companhia de um homem de barba grisalha; Nanon n'uma tipoia, cahe tambem na rede; Lucrecia é presa á sahida; Babet, quando ia passando. Manon e Cataut cahem tambem, uma quando subia, e outra ao descer.

«Joannica resiste aos homens da policia. Nunca se viu cousa assim: Jar-

ros, canecas, mezas, bancos, cadeiras, cantaros, vasilhas, toda a baixella da cosinha vôa n'um abrir e fechar de olhos pela escada abaixo. Tudo dá o salto perigoso, até as garrafas que voam aos pares! Joannica vae buscar o fogareiro... Felizmente, um policia deita-lhe a mão. Ella arranha-o e morde-o...

«Logo de madrugada a famosa e soberba Catin é obrigada a deixar o ninho dos seus amores!...

«Marquezas, condessas ou baronezas, teem de comparecer pessoalmente e de dar entrada no Châtelet. Prendem-se na cama, prendem-se á mesa... a questão é ser em *mau logar*. E' quanto basta para fazer boa a presa!

«E' inutil dizer: Sou Fulana, pertenço á Tournelle, meu marido conhece-me perfeitamente.

«Isto de nada vale.»

Effectivamente, o agente de policia não se satisfaz com estas razões, e não larga a presa, sem uma ordem expressa do commissario, e este magistrado de mais a mais exige caução do marido.

Assim, mais de um esposo, indignado com o impudor da consorte, que se tornou ré d'aquelle procedimento policial, recusa-se a reconhecel-a e a reclamal-a.

Um procurador do tribunal responde á sua impudica metade, que havia sido levada á Conciergerie pelos agentes da policia:

Allez, je ne vous connais point,
Et demeurons-en sur ce point!

O navio que estaciona junto do Pont-Rouge, esperando a sua carregação de mulheres de má nota, desembaraçal-o-ha da esposa infiel, sem que lhe seja preciso recorrer a um processo por adulterio.

O rapto d'esta *caça das ilhas*, como lhe chamavam, dá logar a varios episodios chistosos.

Algumas, para não cahirem nas mãos dos agentes policiaes, fogem pelo cano da chaminé, auxiliadas por alguns valentes saboyanos, que para esse fim tinham em casa, de prevenção. Os policias, encontrando a gaiola vasia, vingam-se da pirraça, destruindo toda a mobilia.

Em casa de certa matrona, de nome Thomazia, que era de certo uma famosa proxeneta d'aquelle tempo, deita-se a mão a duas mulheres de boa familia, que cahem na esparrella como as outras e vão tambem dormir á cadeia.

— Porque choram, meninas? diz-lhe ironicamente o commissario:

Eh! bien que votre mari vienne,
Qu'il vous retire et qu'il vous retienne!

Outro agente é encarregado de prender certa *bella de olhos doces*, mulher que o poeta não apresenta com outro nome, mas elle, pelo que se vê, era sufficiente para a dar a conhecer. A bella está na cama, talvez acompanhada. O agente bate á porta e accorda-a em sobresalto:

Ouvrez vite! C'est temps perdu!
Levez-vous, le lit est vendu!

O agente entra no quarto, e a bella quer parlamentar com elle:

—«Prenez, dit elle, deux pistoles
Et me laissez vivre en repos.»
—«C'est parler fort mal à propos...
Ah! vous ne ferez point affaire,
Dit le sergent fort en colère;
Pour qui me prenez-vous ici!
Pensez-vous échapper ainsi!
Si je n'avois la retenue,
Vous iriez à pied dans la rue;
Mais c'est en chaise qui l'on sorte,
Quand on veut bien payer le porte.

«—Dou-lhe duas pistolas, e deixe-me viver tranquillo. — E' uma inconveniencia isso... Não pense em subornar-me! — Por quem me toma a senhora! Pensa que hade escapar assim? Dê graças a Deus por eu me conter, porque, se não, havia de ir a pé pela rua. Póde, porém, vir de cadeirinha, se tem com que pagar a despeza!»

A bella, afogada em lagrimas, embrulha-se na capa e mette-se na cadeirinha, cujas cortinas corridas occultam a sua dor e a sua vergonha, emquanto o agente de policia caminha ao lado d'ella de vara na mão.

Prende-se a torto e a direito, n'uma casa que foi designada á attenção da policia como um logar de prostituição. Filam-se alli a miudo mariolões, magnificos para remarem nas galés d'el-rei, e ha mesmo entre elles muitos a quem a forca está esperando de longa data. Nem sequer se perdoa ás creadas, que acompanham as prostitutas ao Chatelet, e que são tractadas como suas cumplices:

C'est la destinée de nos belles
Et d'autres qui sont avec elles:
Nicole, Claudine, Margot,
Et Perrette et Jeanne au pied-bot,
Martine la souffle-rostie,
Toutes servantes apprenties.

«Tal é o destino das nossas bellas, e de todas as que as acompanham. Nicola, Claudina, Margarida, Pedrilha, Joanna, a *manca,* e Martinha a *assopra-torradas,* todos serventes-aprendizas!»

Algumas procuram fugir, mas os policias correm atraz d'ellas, e os transeuntes, longe de favorecer a fuga d'estas desgraçadas, auxiliam os agentes de policia. Bandos de garotos perseguem-nas, gritando: «Mata a rapoza, mata!» e atirando-lhe pedras e lama. As mulheres cobrem-nas de injurias, emquanto que os homens riem, ou voltam a cara de enojados.

As prisioneiras, que passam nas ruas em tropel, conduzidas pelos policias, a ninguem inspiram nem piedade nem sympathia:

Guères de gens ne sont en peine
De s'informer où on les mène,
Excepté quelques perruquiers,
Quelques parfumeurs et poudriers,

Quelques faiseurs de confitures,
Ou bien de mignones chaussures,
De fard, de pommade, de gants,
De vieilles jupes, vieux rubans,
Repassés à la fripperie.

«Poucos se dão ao trabalho de averiguar para onde as conduzem, se exceptuarmos alguns cabelleireiros, perfumistas ou confeiteiros, os fabricantes de calçado delicado, de pommadas, cosmeticos e luvas, ou os adélos e pasteleiros»

Os amantes d'estas desgraçadas, na sua maior parte *filous,* vagabundos e mendicantes, seguem-nas a curta distancia, pensativos e callados. Não se sentem com força para as libertar, nem se atrevem a contender com os esbirros:

Enfin, nos pies desnichées,
De leur depart assez fachées,
De tous cotés, d'un œil hagard.
Regardent le tiers et le quart,
Et n'ont plus icy par la voye
Ni brun, ni blond qui les costoye;
Les sergents sont les quinolas
Qui sont les méneurs par le bras,
Méneurs de fort mauvaise grace,
Et sont méneurs chassant de race.
Méneurs à leur rompre le cou,
En les menant, devinez où?
Vers un grand bateau qui bouge:
Là, toutes entrant sans complot,
On crie: Á Chaillot! à Chaillot!

«Por fim, as nossas pègas tiradas do ninho, contristadas por se verem obrigadas a partir, dirigem para todos os lados olhares desvairados, sem verem no seu caminho nem um louro nem um moreno que as acompanhe. Os agentes de policia são d'esta vez os cavalleiros que as levam pelo braço, cavalleiros que ellas detestam, cavalleiros d'aquella caça de novo genero, cavalleiros horriveis, que as levam, adivinhaes aonde?—A um grande navio que estaciona junto do Pont-Rouge, onde todas entram resignadas, aos gritos de—a Chaillot, a Chaillot!»

Não lhes resta a menor duvida ácerca do seu destino, e desde aquelle momento a perspectiva das ilhas desenrola-se a seus olhos com todas as suas miserias e perigos horriveis.

Antes do navio que as conduz a seu bordo se ter posto em movimento para descer o Sena, o seu pensamento dirige-se para essa querida Paris, que vão abandonar para sempre. Choram, lamentam-se, arrancam os cabellos, procuram phantasiar alguma consolação ephemera, que lhes dê alento para supportar a sua enorme desventura, e felicitam-se de ficarem livres alfim da tyrannia dos miseraveis que viviam á sua custa:

Notre disgrace nous délivre
De l'homme brutal, de l'homme ivre,

De l'homme jaloux, du coquin.
Et du voleur et du faquin,
Dont nous souffrions la tyrannie,
Les bassesses, la villanie,
Supplice le plus grand qu'il soit.
Helas! si la femme sçavait
Quelle sujetion a celle
Qui fait le mestier de donzelle,
Elle n'en tasteroit jamais.

«A nossa desgraça livra-nos do brutal, do ebrio, do cioso, do patife, do ladrão, do miseravel, cuja tyrannia soffriamos, bem como todas as baixesas de todas essas creaturas infames,—o mais atroz dos supplicios. Ah! se a mulher soubesse a que numerosas tyrannias está sujeita a desgraçada que vive no lodo da prostituição, com certeza que nunca se lembraria de cahir n'essa desgraça.»

Lembram-se com amargura dos prazeres e distracções da vida vergonhosa, a que uma sentença do tenente criminal puzéra termo, inscrevendo-as no rol das condemnadas ao exilio. Deplora a perda dos seus titulos postiços de *baronezas,* de *marquezas,* as suas cabelleiras louras, os seus passeios ao *Cours de la Reine,* as suas noites de theatro, as suas entrevistas e aventuras:

Adieu bal! adieu comédie!
Adieu! puis qu'il faut qu'on le dit
Au Marais, notre rendez-vous,
Où souvent avec un filou
Nous avons joué notre rôle,
Á despouiller un pauvre drôle,
Étranger ou provincial,
Où je ne m'aqquitois pas mal
Du beau soin d'escroquer la dupe,
Tantôt d'un bas, puis d'une jupe,
D'un mouchoir, d'un collier, d'une loupe,
D'un rubis, d'un autre bijou,
D'un anneau, d'une garniture,
D'un bracelet, d'une coiffure,
D'un miroir, d'un ameublement,
D'un cabinet, d'un diamant,
D'un aigniére, ou bassin de même,
Selon que plus ou moins on aime,
Manger en fin carrosse et train,
Le mettre nu comme la main
Estoit mon principal office...

«Adeus bailes e theatros! Adeus, uma vez que a sorte assim o quer, adeus Marais, nosso ponto de reunião, onde tantas vezes com um *filou* nós desempenhamos o nosso papel, roubando um simplorio, extrangeiro ou provinciano. Eu sabia, ás mil maravilhas, roubar á victima óra uma meia, óra um lenço, um collar, um annel, um rubi, ou outra joia qualquer...

«Sabia tambem extorquir-lhes um adereço, uma pulseira, um vestido, um espelho, um gabinete, um diamante, uma mobilia, segundo a maior ou menor

dóse do seu amor. Comer-lhe em fim tudo quanto possuia e deixal-o nu como a palma da mão. —Tal era o meu principal officio.»

Emquanto as desoladas viajantes evocam as recordações dos seus passados dias de esplendor, o navio levanta ancoras e segue lentamente o curso do rio. O ruido dos remos e as vozes dos remeiros annunciam ás tripulantes que Paris se affasta. Ouvem-se apenas suspiros e soluços no pesado baixel, que n'aquelle momento atravessa, sombrio e sinistro, os arcos do Pont-Neuf.

Alguns transeuntes indifferentes, encostados ao parapeito da ponte, vêem-nas passar distrahidamente, sem procurarem saber para onde vão.

Dois ou tres amigos, fieis no infortunio, assistem com tristeza a esta partida, e fazem signaes de despedida ás damas dos seus pensamentos, que nem sequer reparavam n'elles.

O poeta põe a seguinte lamentação na bocca de um d'estes cavalheiros de industria:

Ainsi donc, adieu le mestier!
Toutes les sociétés cessent,
Quand les associés les laissent,
Et le cas arrive ici, car
Cloris part pour Madagascar:
Et son chevalier de l'Estoile
Ne sçait à quel vent faire voile.

«Assim, pois, adeus officio! Todas as sociedades acabam, quando os socios as abandonam, e assim acontece agora, visto que Cloris parte para Madagascar, e o seu cavalleiro de l'Estoile, não sabe para onde hade dirigir o rumo.»

Vê-se de todas estas citações que a maioria das raparigas, que embarcavam para Madagascar, eram prostitutas. Muitas d'ellas eram associadas e cumplices dos ratoneiros, visto que o poeta as chama *encobridoras* e *larapias*.

Á medida que o barco vae descendo o rio, cujas margens começam a tornar-se indecisas pela obscuridade, emquanto que Paris se illumina ao longe como uma esperança que foge, as deportadas evocam as risonhas recordações da sua vida de prazeres e de liberdade:

Adieu, promenades du Seine:
Chaillot, Saint-Cloud, Rueil, Suresne.
Ah! que nous allons loin d'Issy,
De Vaugirard et de Passy!
Mais c'est où le destin nous mène.
Adieu, Pont-Neuf, Samaritaine,
Butte-Saint-Roch, Petits Carneaux,
Où nous passions des jours si beaux:
Nous allons en passer aux Isles.
Puis qu'on ne nous veut plus en villes.
Il nous faut aller au désert!...

«Adeus, passeios do Sena,— Chaillot, Saint-Cloud, Rueil, Suresnes! Ah! como nos affastamos de Issy, de Vaugirard e de Passy! Assim o quer o nosso

destino! Adeus, Pont-Neuf, Samaritaine, Butte-Saint-Roch, Petits-Carneaux, logares onde passámos tão bellos dias! Vamos passar a viver nas Ilhas... Já que não nos querem nas cidades, é preciso que vamos para o deserto!»

O poeta mostra-se satisfeito ao ver affastar-se de Paris o rebanho das ovelhas sarnosas da prostituição, que as auctoridades mandam pastar ao novo mundo:

Paître dans le Monde Nouveau.

Enumera e caracterisa as vantagens d'esta medida policial, sob o ponto de vista do melhoramento dos costumes publicos.

Esta satyra contra as prostitutas honra os bons sentimentos do auctor, que se declara inimigo encarniçado da prostituição:

Combien elles en font pendre,
Combien de galands esbahis
Par elles se sont vus trahis,
Et combien de lasches querelles
Se sont faites pour l'amour d'elles;
De mauvais coups, d'assassinats,
De vols qu'elles ne disent pas...
De marchants affrontés sans honte,
D'emprunteurs, dont on ne tient nul compte;
Combien de jeunes gens, en fin,
Ont fait par là de mauvais fin!
Combien de désordres aux familles:
Combien il s'est perdu de filles;
Combien d'enfants et d'avortons;
Quand finir si nous les comptons!
Mais, pinsons à choses plus hautes,
Faisons profit de tant de fautes;
Car les dames de la façon
Font une fort belle leçon
À toute fille de boutique,
Qui de demoiselle se pique,
Et qui, hors d'un comptoir tout gras,
Fait la danse à vingt-cinq carats;
Instruction aux artisanes,
Aux servantes, aux paysannes...

«Quantos não levaram á forca? Quantos galans embeiçados não foram enganados por ellas? Quantas infames contendas não se têem originado por causa d'ellas? Brigas, contusões, assassinios, roubos que ellas não confessam, negociantes que perdem o credito e a vergonha, banqueiros arruinados, filhos familias, emfim, que por ellas se perderam! Quantas discordias nas familias! Quantas donzellas perdidas! Quantos partos, quantos abortos! Um nunca acabar, se os fossemos a contar todos!

«Elevemos, porém, o pensamento a regiões mais elevadas. Tiremos proveito de tantos erros, visto que as damas agora desterradas deram uma bella e proveitosa licção a todas as raparigas de condição humilde, caixeiras, por

exemplo, que sentem pruridos de affectar de senhoras, e quando sahem do balcão gorduroso da tenda se transformam em dama de vinte e cinco quilates. Licção para as operarias, para as creadas, pera as camponezas!...»

Em continuação d'este poema, semi-burlesco e semi-serio, encontra-se o *Memorial das raparigas d'honneur,* apresentado a Madame de L. V. que póde muito bem ser uma satyra cruel contra a La Vallière, á qual os amores indiscretos de Luiz XIV tinham feito o alvo das zombarias dos alviçareiros e fazedores de coplas.

Á terna e fragil dama de honor da rainha dirigem-se as raparigas *d'honneur* de Paris, afim de obterem toda a protecção da sua grande influencia no animo do rei:

Prenez les intêrets des filles de Cypris,
Et ne permettez pas qu'on leur fasse mépris;
Nous vous reconnaissons pour notre imperatrice:
Montrez-vous digne enfin d'en être protectrice...
Que les filles d'honneur puissent vivre en repos!

«Interessae-vos pelas filhas de Chypre, e não permittaes que as desprezem. Reconhecemos-vos por nossa imperatriz, mostrae-vos digna emfim de serdes nossa protectora. Que as raparigas *d'honneur* possam viver em socego!»

N'este memorial, as supplicantes adduzem os melhores e mais favoraveis argumentos. Allegam que, se têem pullulado na capital, a culpa é dos homens que as incitam a abraçar o officio, o qual, seja dito de passagem, exercem o mais conscienciosamente possivel.

Além d'isso, sendo pela maior parte casadas, haveria perigo, expulsando-as da cidade, de deixar vago um grande numero de maridos.

Vangloriam-se tambem de prestar importantissimos serviços a el-rei, occorrendo ás despezas dos officiaes e soldados da sua guarda, que são os seus apaixonados, e dispõem com a maior liberdade da sua bolsa.

Esta passagem, que não é a menos curiosa da poesia a que nos referimos, dá-nos a entender que não eram sómente os ratoneiros, os que viviam á custa das prostitutas.

Deixamos ao poeta toda a responsabilidade das asserções contidas nos versos seguintes:

Faites, donc, retirer le bras qui nous oppresse;
D'un jeune lieutenant qui la poursuite cesse.
Empêchez desormais qu'on ne puisse offenser
Un corps, qui sert au roy plus qu'on ne peut penser.
Car nous entretenons, par nos soins salutaires,
La moitié de sa garde et de ses mousquitaires,
Et sans nous ces galands emplumez et poudrez,
Qui paraissent toujours plus jolis, plus dorez,
Qui n'ont jamais esté les hommes du théatre,
Ces gens que leur habit fait que l'on idôlatre,
Seroint bientôt cassez, ou quiteroient demain,
Si par quelque malheur nous resserions la main.

«Mandae retirar, pois, o braço que nos opprime; que termine essa perseguição de um joven tenente. Impedi que de hoje em diante se possa offender uma corporação que serve melhor o rei do que se imagina, por isso que nós sustentamos, graças aos nossos cuidados salutares, metade da sua guarda e dos seus mosqueteiros, e sem nós, esses galans, emplumados e polvilhados, que parecem cada vez mais bellos e mais dourados, do que jámais o foi a gente de theatro, esses guerreiros a quem o brilhante uniforme torna irresistiveis, seriam promptamente expulsos ou licenciados ámanhã, se por qualquer desgraça fechassemos as mãos.»

Eis uma das singulares particularidades da prostituição d'aquelle tempo, e descontando mesmo a hyperbole, não podemos duvidar que a maior parte dos archeiros e mosqueteiros da guarda real viviam á custa d'aquellas pobres raparigas, que, não obstante, viam desprezados os seus serviços.

Vejamos agora a conclusão do memorial:

Grande reine, songez á vostre chaste empire,
Dedans ce triste jour, sans vos soins il expire;
Mais si vous l'honorez de vos soins, désormais
Votre peuple galant ne finira jamais.

«Grande rainha, lembrae-vos do vosso casto imperio, que sem os vossos cuidados está prestes a ser destruido; mas, se vos dignaes protegel-o em tão triste situação, o vosso galante povo viverá eternamente.»

Os nomes das raparigas presas e mandadas para as ilhas, na grande *Derrota* de 1662, não vém todos citados com escrupulosa exactidão pelo poeta, que os modificava ou inventava, segundo as exigencias do metro e da rima. Devemos, no emtanto, reconhecer alguns, que figuraram realmente na lista das desterradas.

Assim, pois, o auctor da *Derrota* diz que o nome de Fanchon era um dos que figuravam na cabeça da lista, e effectivamente encontramos n'outros documentos d'aquella épocha a designação d'esta famosa cortezã, á qual nem a propria reputação poude salvar do exilio.

De resto, os nomes das principaes victimas da severidade de Defita estão colligidos, de um modo mais completo e authentico, n'uma canção que por esse tempo teve grande voga na sociedade dos libertinos, e que o senhor de Préfontaine nos conservou. (V. *Aventures tragi-comiques du chevalier de la Gaillardise.*)

Esta composição merece occupar aqui um logar de preferencia a outra qualquer do mesmo genero:

La Repaire, au désespoir
De ce qu'on l'a mise en cage,
Jure qu'elle fera voir
Que ces gens ont du courage;
Qu'elle fera rallier
La plupart de son gibier,
Pour foire une compagnie
Des filles de l'industrie.

La Haynaut luy a promis
Faire plusieurs compagnies
De putains du temps jadis,
Qui sont ses bonnes amies
Elle prendra la Fanchon,
La Saint-Arnauld, la Nanon,
La Charpentier, la Normande,
La Dubois et la Flamande.
Louison et la Canadas
Passeront pour voluntaires;
La Hubert, la Saint-Thomas
Ne demeureront derrière.
La Duverger, la Forets
Disent qu'elles iront aprés
Pour achever ce voyage:
Ce sont mules de bagage.

«A *Repaire,* desesperada de se vêr presa, diz que provará á evidencia não faltar coragem á sua gente. Pretende alistar uma parte do seu gado, para fazer um batalhão de raparigas da vida.

«A *Haynaut* prometteu-lhe egualmente alistar varias companhias com p... antigas, que ella conhece e estima. Alista logo a *Fanchon*, a *Saint-Arnould,* a *Nanon,* a *Charpentier,* a *Normanda,* a *Dubois* e a *Flamenga.*

«A *Luizinha* e a *Canadás* assentarão praça de voluntarias; a *Hubert* e a *Saint Thomas* não ficarão atraz do rancho; a *Duverger* e a *Forets* dizem que estão promptas a seguil-as para acabarem a derrota, como mulas de bagagem.»

A famosa Repaire, que pretendia organisar esta milicia de *filhas de amor*, para fazer rosto aos commissarios e esbirros, era a patroa do lupanar, ordinariamente frequentado pelo senhor de Préfontaine.

Nenhuma das raparigas que recruta para o seu batalhão havia ainda adquirido uma celebridade impura doze annos antes, porque nem uma só d'ellas figura no catalogo das cortezãs notaveis de Paris em 1649.

No emtanto, a Haynaut, que se offerece para arregimentar as p... antigas, não devia ser muito joven em 1662, d'onde póde inferir-se que a carreira de uma cortezã famosa era mais larga no seculo XVII do que em nossos dias.

Encontramos esse catalogo, n'uma *mazarinade* muito rara de Dubois e Montandré, intitulada *A Fome, ou p.... de c...*, publicada sob o pseudonymo do senhor de la Valise (Paris, *imprensa de Honorato, o ignorado, á la montre de la jeune fille qui marronne, rua sem fim,* 1649, in-4.°, de 4 paginas.)

.... la Dubois,
La Neveu, la Toinon, Guillemette,
La Babette et la Dubeffrois,
La Delatour, la Lespinette,
La Gambière, la Dufossé,
La Chapelle, la Duhausé,
La Des Maisons, la Haute-Mothe,
La Dufresnoy et la Tourette
Et mille autres belles putains...

O senhor de la Valise dirige-se em seguida á Michon e descreve-a á parte, como se estivesse mais familiarisado com ella do que com as outras. Indica tambem os *maquereaux,* alcoviteiros e os *bordelaux, pederastas,* que mais famosos se haviam tornado no mercado da libertinagem :

Maistre Alexandre,
Maistre Thibaut e Dumoustier,
Maistre Colas, le Savetier,
Maistre Guibert et la Montagne,
Dufour, la Croupière, Champagne,
La Verdure, Guichet, Petit.
Et autres de haut appétit.

É para notar que as alcoviteiras, cujos nomes deviam ser mais conhecidos que os dos *mercadores de donzellas,* não venham designadas nominalmente n'esta peça de versos que se refere á historia da Fronda.

Veremos mais adiante que as raparigas da vida, citadas pelo senhor de la Valise, e especialmente a Neveu, a Dubois e a Dufossé, eram prostitutas de alta gerarchia, e que muitas d'ellas, depois de haverem adquirido uma fortuna consideravel, arranjaram marido, chegando a ser, graças á metamorphose operada pelo matrimonio, mulheres de bem, e até pessoas de qualidade.

Quanto aos *pederastas,* não os vemos sahir da sua infame obscuridade, exceptuando Champagne, que exercia simultaneamente diversas industrias, occultando a mais deshonesta d'ellas, sob as mais delicadas exterioridades da sua profissão de cabelleireiro.

Os rigores da policia, relativos ás mulheres de má vida, haviam dado logar a abusos e violencias inauditas, que a auctoridade fingia ignorar, para não se vêr na necessidade de as impedir ou reprimir.

Tendo sido prohibida a prostituição publica pelos edictos e regulamentos, as infelizes, que a ella se dedicavam, achavam-se por esse mesmo motivo privadas da protecção das leis.

Cada qual se arrogava o direito de fazer justiça contra estas infelizes, que não podiam invocar o favor de auctoridade alguma, e encontravam unicamente na sua afflicção insultos e crueldades.

Assim se explicam os motivos de segurança pessoal, que as obrigavam a procurar protectores entre os homens perdidos, entre os facinoras, os quaes eram tambem os primeiros a maltractal-as e roubal-as.

N'aquella épocha, era uma especie de passatempo para a juventude invadir uma casa de prostituição á mão armada, e praticar alli os mais censuraveis excessos, allegando-se até como desculpa a triste condição das victimas de tamanhas tropelias.

Estas partidas designavam-se pela phrase : *faire sauter un bordel* — escangalhar um bordel.

Os cortezãos haviam, indubitavelmente, dado o exemplo de tão barbaro passatempo, quando iam aos bandos roubar os transeuntes ao Pont-Neuf, em guisa de divertimento innocente.

Agradou-lhes a nova diversão, e renovavam-na a cada passo, ao sahirem das suas orgias.

Bem depressa os janotas e *petit-maitres* da classe média deram em imitar os grandes senhores da côrte, tomando gosto a tão bello passatempo, só proprio d'aquelles tempos corruptos e depravados.

Entravam de tropel, armados de espadas, n'uma casa de prostituição, e depois de terem dado espadeirada velha nas desgraçadas, e sovado até se saciarem a patroa, ou *boa-mamã,* deitavam os moveis pela janella fóra.

Encontravam ás vezes resistencia, sendo-lhes mister sitiar a casa. Lá dentro os rufiões e toda a especie de perdidos, a troco da hospitalidade e dos benesses da prostituição, tomavam a defensiva e sustentavam o assalto.

Acontecia tambem que, sob o pretexto de *fazer saltar um bordel,* os ladrões nocturnos assaltavam uma casa honesta, introduzindo-se alli para roubar.

N'outros casos, seguros da impunidade, iam tambem alguns preversos assaltar os vergonhosos estabelecimentos da prostituição, para saciarem vinganças mesquinhas ou odios de antiga data. Bastava terem sido expulsos alguma vez de um bordel, ou terem inveja da sua prosperidade.

Queriam vingar-se de uma prostituta? Aproveitavam estes assaltos nocturnos para lhe cortarem o nariz.

Já anteriormente dissémos, em presença da asserção de Francisco Colletet, que todo o homem com direito a queixar-se da perda da saude, em consequencia de commercio impuro, podia castigar a mulher causadora de tal accidente.

O castigo mais vulgar em casos d'estes era a mutilação do nariz, ou das orelhas da culpada.

Sigamos Francisco Colletet na descripção de uma scena, que devia ser por certo extremamente vulgar em Paris, n'um tempo em que a policia perseguia encarniçadamente a prostituição, e mandava fechar quasi todos os dias os antros de libertinagem.

O poema de Colletet intitulado: «*O Trafego, ou a barafunda de Paris, ou a segunda parte da Cidade de Paris, em versos burlescos*», havia sido composto em 1665. para completar o poema burlesco de Berthod, ou Berthaud, publicado com o titulo de *La Ville de Paris.*

Colletet, ao dedicar a sua obra ao tenente de policia, M. de la Reynie, quiz assegurar a exactidão dos episodios que poude presenceiar nos seus passeios diurnos e nocturnos atravez das ruas de Paris.

Por isto, podemos acreditar que o poeta descreve de *visu* o assalto de uma *maison d'honneur,* sita na collina de Saint-Roch, collina, que a esse tempo estava ainda povoada de albergues, mansardas, casas de malta e jardins, que eram o dominio incontestavel da libertinagem e da prostituição.

Eram alli aquelles Petit-Carneaux, que o *Adeus das prostitutas deportadas* não deixou no olvido, e que haviam feito parte do recinto fortificado de Philippe Augusto, antes de ser transformado em taberna ou lupanar.

Colletet ousára aventurar-se alta noite n'aquelle sitio deserto e de sinistra reputação:

Continuons notre voyage
Vers un pays assez sauvage,
J'entends la butte de Saint-Roch;
Là, nous trouverons quelque escroc.
Mais, d'où vient donc tant de chandelles,
Dedans l'une de ces ruelles?
Quel tintamarre! Quel sabatt!
Et comme diantre l'on s'y bat!
Ou de loin ma vue est trompé,
Ou je crois voir tirer l'espée
A trente ou quarante breteurs,
Toujours du désordre amateurs.
Sachons de fenestre en fenestre,
A peu près ce que ce peut estre,
Ce n'est pas un acte cruel,
Cest qu'on fait sauter un bordel...
Dèjà, par la fenestre on jette
Et la paillasse et la couchette;
Ou voit l'un de ces obstinez
Qui chant: «Coupez-lui le nez!
«C'est cette infame créature
«Qui perdroit toute la nature
«Et l'envoiroit à l'hospital
«Eu lui communiquant son mal.»
Elle se sauve la donzelle
Et puis une vieille avec elle
Qui n'a que le cuir sur le dos;
L'une, de coups toute noire,
L'autre, saignant de la maschoire,
Et toutes les deux le sein nu
N'ont qu'une jupe sur le cu,
Et se sauvent échevelliès
Dans les plus prochaines allées.
Cependant ces bons garnements
Se saisissent des vêtements,
Et sans sergents, ni commissaire
Ils font eux-mêmes l'inventaire:
L'un emporte le matelas,
L'autre les rideaux et le draps,
Celui-ci prend la couverture,
Et cet autre quelque guipure.
L'un, si peu de linge qu'elle a,
L'autre, cassette et coetera;
Brisant les vitres et les portes,
Fuisset elles cent fois plus fortes
Que ne sont celles de l'enfer:
Force son coffre avec un fer,
Et s'enrichit de vieilles nipes,
Qu'avait amassé ces guenipes,
Soit chez elles, soit au dehors,
Aux dépens de leur chien de corps.

«Prosigamos a nossa excursão até um paiz selvagem, isto é, até ao monte de Saint-Roch. Alli encontraremos algum gatuno... Mas, para que se-

rão tantos archotes n'uma d'aquellas estreitas viellas? Que bulha! que inferno! como alli se batem, meu Deus! Ou a minha vista de longe se engana, ou parece-me que vejo brilhar espadas nas mãos de trinta ou quarenta campeões sempre propensos á desordem!...

«Saibamos, de janella em janella, a causa de tamanho alvoroto.

«Não é afinal de contas nem uma batalha, nem nenhuma scena de sangue. Trata-se apenas de fazer saltar um bordel.

«Lá vôam pela janella o colchão e o catre. Ouve-se ao mesmo tempo a voz de um dos desordeiros, gritando:

«—Corta-lhe o nariz! E'uma creatura infame, capaz de perder a humanidade inteira e de a mandar para um hospital, communicando-lhe a sua enfermidade!

«A *donzella* procura escapar, seguida de uma velha, que tem apenas a pelle e os ossos, e nem sequer traz a camisa no corpo.

«Uma das fugitivas, com o corpo negro pelas pancadas, outra com os queixos esmurrados, e ambas com o seio nu, e o c... apenas coberto com uma saia esfarrapada, fogem desvairadas, perdendo-se no labyrintho das viellas proximas.

«No emtanto, os desordeiros, apoderam-se do espolio das desgraçadas, e sem esbirros nem commissario fazem o inventario de commum accordo.

«Um apodera-se do colchão, outro das cortinas e lençoes. Este deita a mão á coberta, aquelle a qualquer farrapo. Um assenhorea-se da pouca roupa branca que encontra, outro da arca....

«Quebrando vidros e portas, ainda mesmo que fossem mais fortes, que as do inferno, um outro arromba uma caixa, e enriquece-se com a magra presa, que aquellas desgraçadas haviam enthesourado com o trabalho do seu corpo vil, tanto em casa como fóra d'ella....»

Não quizemos supprimir um unico pormenor d'este quadro de costumes, delineado com tanta ingenuidade e exactidão, e apresentando-nos um dos mais singulares aspectos da Paris nocturna do reinado de Luiz XIV.

No seculo seguinte, os archivos da policia subministram-nos um sem numero de factos relativos ao que se chamava *Rixas nocturnas*, commettidas nas casas das mulheres do mundo, ou nos maus logares, ainda que não se tracte já de arrombar portas e janellas, nem das invasões á mão armada e dos saques organisados, que Colletet nos menciona, como um dos percalços inherentes no seu tempo ao exercicio da prostituição, e que constituiam um perigo constante para as *maisons d'honneur*.

N'estes revezes se firma, repetimol-o, a explicação e justificação da especie de salva-guarda e protecção que as mulheres da vida sollicitavam dos homens infames, que faziam causa commum com ellas, e cujo papel mais importante era a defeza do seu domicilio.

Um phrase popular d'aquella épocha dá-nos a entender que toda a rapariga da vida devia ter incessantemente a seu lado, ou a mui curta distancia, um defensor, sempre prompto a protegel-a. D'outro modo, corria o perigo de ser insultada ou maltractada pelo primeiro que apparecesse. Dizia-se, pois, a respeito

da prostituta *que si le jeu lui déplaisait, elle appelait aussitôt le rufian,* se não gostava da graça, chamava logo o rufião.

Em todas as casas de prostitutas, em que costumavam viver raparigas, sob a direcção de uma das taes *mamãs*, havia para segurança do estabelecimento, uma guarnição de espadachins ou ratoneiros, que estavam sempre de prevenção, e que em caso de necessidade não receiavam mesmo medir-se á mão armada com os esbirros.

O poeta considerava tambem o assalto e saque de um bordel como vantajosissimo para a segurança e repouso do bairro, e não se admirava de que este acto de justiça arbitraria podesse ser levado a effeito sem conhecimento dos magistrados, só pelo facto de uma agressão espontanea, que todo o mundo tinha o direito de fazer por sua conta e risco.

Esta audaciosa violação do domicilio, este attentado contra a propriedade, este desprezo da liberdade individual este ultrage flagrante a todas as leis divinas e humanas a ninguem surprehendia, e Francisco Colletet, interpretando as ideias e sentimentos da população de Paris, applaudia de todo o coração estas alegres *brincadeiras.*

Que cette aventure plaisante,
Ami, me plait et me contente !
Je voudrais qu'on eut à mes yeux
Fait sauter tous les mauvais lieux ;
Au moins, notre folle jeunesse
Qui se débauche et qui s'empresse
A voir ces infames beautez
Qui font leçon d'impuretez,
Qui corrompent les belles âmes,
Avec leurs impudiques flammes,
N'iroit plus, d'un pas diligent,
Perdre son âme et son argent,
Et, par des lachetez iniques,
Jamais, dans nos places publiques,
On ne verroit plus nos cadets
Finir leurs jours sur des gibets.

«Amigo, como esta graciosa aventura me agrada e me contenta ! Quem me déra vêr saltar todos os antros de libertinagem ! Assim, já a nossa louca mocidade, que se preverte, e se apressa a visitar essas infames bellezas, que dão lições de libertinagem e corrompem as almas puras com as suas impudicas chammas, não iria precipitadamente perder a sua alma e o seu dinheiro; nem, por iniquas baixesas, veriamos nas praças publicas subir ao patibulo tantos adolescentes !»

Os continuos perigos, que ao tempo ameaçavam as casas de prostituição, haviam obrigado as patroas a não terem em casa a *mercadoria* do seu impuro trafico.

Já por outras vezes indicámos este caracter geral dos logares de prostituição, e acabámos de demonstrar a causa da sua solidão e miseravel aspecto.

Era mister tirar aos libertinos o pretexto de fazer *sabbats* na casa, e aos ladrões o desejo de a saquear.

Mathurin Régnier, no seu *Discurso de uma velha alcoviteira,* dá-nos a conhecer esta especie de officinas, estabelecidas para o *trafico de carne viva,* segundo a pittoresca expressão, que a cada passo encontramos nos poetas e novellistas satyricos do seu tempo.

Régnier, porém, preoccupa-se menos de nos descrever os logares onde a libertinagem o havia conduzido, do que de pintar a depravação pessoal de Macette, que lhe conta a historia da sua vida licenciosa, para distrahir o seu freguez, e impedir que o tempo lhe pareça longo.

Carlos Sorel, contemporaneo de Régnier, pinta com pequenas differenças a mesma scena, na sua celebre novella intitulada *Verdadeira historia comica de Francion*, publicada em 1636 com o pseudonymo de Nicolau de Moulinet, senhor do Parque, fidalgo da Lorena.

A narração de Sorel é muito propria para descrever a miseria que reinava n'aquelles covis, destinados apenas a favorecer o encontro dos libertinos com as mulheres de prazer.

Eram apenas uns quartos, pobres e miseravelmente mobilados, cujo aluguer se pagava ás horas, quando a infame patroa do lupanar tinha mandado chamar algumas das suas raparigas, que viviam nos arredores, ou esperavam o freguez na taberna visinha.

Nenhuma d'aquellas miseraveis mansardas, faltas de fogão e de lenha no inverno, tinha cousa que despertasse a cobiça da *gente predestinada á forca,* que alli iriam installar-se como senhores, se tivessem tido a fortuna de encontrar uma mesa posta e uma cama preparada.

Não esqueçamos, ao citar o nome de *Francion,* que o seu auctor não era um frequentador de prostitutas, mas sim um honrado escriptor, cheio de talento e de graça, que merecera mesmo a honra de ser nomeado historiographo do reino de França.

«O que eu procurava com mais empenho, diz Francion, eram mulheres visitadas por poucos homens, para não me contagiar. Quanto aos bordeis, pareceram-me sempre odiosos, e diga-se a verdade, que cousa ha mais similhante á lubricidade de um cão, do que ir um homem ter prazer com a primeira mulher que encontra, a qual nunca viu, e provavelmente nunca mais tornará a ver!

«Não obstante, ia muitas vezes ao lupanar, de pandega com alguns amigos, para lhe fazer companhia, e ia tambem só, para passar um bocado.

«Uma noite, pois, não sabendo que fazer, fui a casa de uma velha alcoviteira, que me perguntou logo:

—«Deseja alguma rapariga?

«E, como n'aquelle momento não tivesse em casa *pupilla* alguma, mandou a creada em procura de uma, que era, segundo disse, a perola de todas as outras.

«Fazia um frio diabolico, e apesar d'isso a dona da casa não tinha fogão nem lenha. Se alguma cousa a aquecia, era a recordação das chammas dos seus primeiros amores.



Agnès Sorel

«Pela minha parte, querendo a todo o custo aquecer-me, por não poder parar com frio, dei algum dinheiro ao meu lacaio, mandando-lhe comprar um braçado de lenha.

«Entretanto, a dona da casa entreteve-me, contando-me as cousas mais agradaveis d'este mundo, jurando e tornando a jurar, que desde que a quaresma entrára, não havia ganho nem um ceitil.

«Perguntou-me se me agradaria ser por ella apresentado á mais bella moçoila de Paris.

«Respondi-lhe que isso me daria summo gosto, e quiz saber em que dia poderia realisar-se a apresentação.

— «Por minha fé! exclamou ella, ser-me-ha difficil cumprir o promettido, mas não importa! O senhor é tão amavel! Não posso deixar de o satisfazer. A senhora de quem lhe fallo tem um marido muito zeloso, que só a deixa sahir de casa aos domingos e dias santos. Irei fallar-lhe, e talvez ella queira vir aqui vel-o um d'estes dias, (que Deus me perdôe, se pecco) em vez de ir á missa ou a vesperas.»

«Admirou-me bastante o discurso d'aquella mulher, que pretendia ser devota e má ao mesmo tempo, e senti uma tal repugnancia, que lhe pedi que não fosse fallar á tal dama...

«N'este momento voltava o meu lacaio, com a lenha, mas a patroa não quiz accendel-a até que chegasse a mulher que se tinha mandado chamar, para que tambem podesse gosar o calor da chaminé.

«Esperei, pelo menos, duas horas com impaciencia, e já a patroa não sabia que conversa havia de ter para me distrahir.

«Por ultimo, vendo que anoitecia, não quiz perder mais tempo em cousa tão infima e miseravel, e deplorando unicamente o dinheiro gasto em lenha, disse á patrôa que não queria que a pécora, depois de me ter feito esperar tanto tempo, se aquecesse á minha custa. Por isso ordenei ao meu lacaio que pozesse a lenha ás costas, e despedi-me da velha com bastante mau humor.

«Junto da primeira esquina que encontramos, fiz-lhe pôr no chão o feixe de lenha, e apesar de irem passando na occasião pessoas de qualidade, mandei ao rapaz que lhe deitasse o fogo com um archote que foi pedir a uma taberna proxima, e alli me aqueci com muito prazer, tendo por acolytos o lacaio e um vagabundo, que o calor da fogueira havia tambem attrahido.»

Este episodio da vida de um libertino dá-nos uma ideia bastante exacta e altamente comica da pobreza, ou para melhor dizer da avareza das *mamãs* ou patroas dos *maus logares*.

Imagine-se o que seriam aquelles frios e solitarios antros, guardados por uma velha prostituta, sentada e immovel, ás escuras, assoprando nas mãos para as aquecer.

A narração de Francion vem em appoio das diversas particularidades, que deixamos indicadas no regimen da prostituição nos bordeis, resultando de tudo isto que esses bordeis, ao tempo, consistiam apenas em casas de passe, e não em communidades de raparigas da vida.

Estas iam apenas alli, quando as chamavam, e não só na sua maior parte

podiam, em certos casos, desculpar-se com um serviço honesto, que as ajudava a ganhar a vida, senão que algumas casadas e varias *mulheres de bem* não se envergonhavam de se venderem em segredo, mediante uma somma, que repartiam com a dona da casa, onde se levava a effeito o seu infame tractado.

Por ultimo, Sorel mostra-nos n'esta curiosa passagem que os vergonhosos albergues da luxuria publica permaneciam n'aquelle tempo abertos depois do anoitecer, e só se fechavam á hora em que as ruas solitarias eram apenas transitadas por ladrões, ebrios, ou archeiros da ronda.

Era a hora em que os amores illicitos iam succeder aos amores mercenarios. Tudo dorme, ou vae dormir na cidade, exceptuando os amantes e as suas queridas.

Colletet, o mesmo que acaba de ser espectador do saque de uma casa publica na collina de Saint Roch, vê ao atravessar uma rua escura um visinho a quem a sua visinha concedeu que fosse passar a noite com ella.

«Dão as doze. Resôa na escuridão um assobio, signal combinado; uma mulher chega á janella, é uma dona de casa, cujo marido anda em viagem ou está de guarda ao Châtelet.

«Eil-a:

Qui crache, tousse avec éclat,
Jette son pot plein de pissat,
Pour voir si nul ne la regarde...

«O amante sahe silenciosamente da porta de um corredor com uma lanterna na mão, passeia a rua de alto a baixo, embuçado até aos olhos, para se convencer de que ninguem o espreita.

«A visinha continúa á janella. O amante pede-lhe que desça. Fallam em voz baixa. O nosso galan ouve-a sem deixar de espreitar a rua. Ella desce, a porta abre-se, o amante entra sem fazer ruido para alli passar a noite inteira.»

Durante a noite, não havia nas casas de prostituição outra pessoa extranha, que não fosse o rufião que guardava o prostibulo em companhia da patroa.

Não se abria a porta a ninguem absolutamente, fossem quaes fossem as supplicas ou as ameaças dos que vinham bater.

De resto, como já disssmos, as mulheres de má vida não moravam no proprio theatro das suas desordens, visto que era preciso, em caso de necessidade, ir buscal-as a casa de seus maridos ou de seus amantes.

Estas desgraçadas temiam, pois, a cada momento uma aggressão individual, que a meudo tinha por fim obter d'ellas á força e sem retribuição o que de bom grado concediam ao que podia e queria pagar-lhes. Nada era mais frequente que a *violação* de uma prostituta, e ainda que esta *violação* fosse acompanhada das mais graves circumstancias, a justiça não admittia a queixa da victima, por quanto, diz Claudio Lebrun, no seu *Processo criminal*, «as p.... descaradas, que se prostituem a qualquer não podem ser acreditadas, a não ser que se arrependam e casem, ou entrem em religião, e em taes casos este crime commettido contra as suas pessoas não ficaria impune.»

Só a *notoriedade* podia provar que uma rapariga ou mulher eram *publicas*,

posto que esta condicção escandalosa não existisse já em virtude de um privilegio legal.

Acontecia frequentes vezes que não só as verdadeiras prostitutas se viam expostas a similhantes violencias, as quaes tambem costumavam victimar mulheres honradas que por imprudencia ou por qualquer circumstancia fortuita se viam á mercê dos libertinos.

O douto auctor do *Processo criminal* menciona este facto, apreciando-o do seguinte modo:

«Se taes raparigas ou mulheres se encontram no bordel, ou em casa dos alcoviteiros ou alcoviteiras, vestidas e disfarçadas com trajos indecentes contra o seu estado e qualidade; ou pelas ruas a horas nocturnas, sem luz; ou se fizerem gestos impudicos, ou demonstrações de mulheres impudicas, poderão ser impunemente *sollicitadas,* segundo sustentam todos os doutores, em conformidade com a lei citada. Mas, ainda assim, não devem ser violadas ou forçadas contra sua vontade, pois que tal crime seria capital, conforme demonstramos no crime de *Rapto,* a não ser que fossem mulheres publicas.»

Esta jurisprudencia confórme com o Codigo romano, explica-nos todos os perigos contra os quaes uma prostituta tinha de precaver-se, para supprir a protecção que a lei lhe recusava.

Estes perigos eram reaes e tanto para receiar, até mesmo em pleno dia, que uma mulher, quando vivia da prostituição ou como tal era conhecida, não se aventurava a sahir á rua, nem a passeiar, sem ir escoltada ou seguida por um ou por varios dos seus rufiões.

Scarron, no seu poema burlesco da *Foire de Saint-Germain* apresenta-nos uma rapariguinha, andando á pesca de amores com o seu guarda de corpo, que com o tempo veio a chamar-se *anjo da guarda*:

Mais: qu'est ce que je viens de voir?
Une dame au milieu des crottes?
Est-ce gageure, ou desespoir?
Mais peut-être a-t-elle des bottes...
Ah! vraiment, je n'en dis plus rien,
Et l'approche... Je connois bien
Que c'est une belle homicide,
Au nez de laquelle, un beau fard,
Composé de craie et de lard,
Desguise bien plus d'une ride,
Et que le filou qui la guide
Est son brave, on bien son cornard.

«Mas: o que é isto que vejo! Uma dama no meio da lama? Será por aposta, ou por desesperação? Mas talvez leve botas... Ah, realmente, não digo nada. Approximo-me d'ella... Já percebo. É uma bella homicida, em cujo nariz uma boa pintura feita de gesso e de banha de porco occulta mais de uma ruga. E o *filou* que a acompanha é o seu *bravo,* ou o seu c.....»

Exceptuando isto, nunca foi mais limitado do que n'aquella épocha o numero das mulheres que confessavam serem mulheres publicas.

Cada qual podia dedicar-se a este escandaloso officio, sem ser obrigada, como antigamente, a algemar-se aos estatutos de uma corporação. Cada qual, por causa da sua segurança pessoal, nada procurava com maior empenho, do occultar a sua infame profissão.

Raras, rarissimas eram as que ousavam declarar-se abertamente prostitutas.

Além d'isso, o proxenetismo tinha então tantas e tão variadas ramificações, quantas podia crear a concupiscencia, que levava incessantemente aos maus logares as mulheres e as raparigas das visinhanças, que d'este modo podiam arranjar com que vestir-se mais ou menos luxuosameute.

Apesar d'isso, nenhuma de quantas se prostituiam por dinheiro, ainda que fosse á vista de todo o mundo, teria acceitado o qualificativo de que os seus costumes a tinham tornado crédora.

N'uma rixa entre vendedoras de arenques, descripta pelo poeta burlesco da *Ville de Paris* com uma verbosidade truanesca, que nem o proprio Vadé jámais excedeu, as duas antagonistas atiram-se mutuamente em rosto a accusação de prostituição publica e notoria, accusação que entregavam ao testemunho e ás gargalhadas dos espectadores.

Uma d'ellas dizia:

Va! l'on te connoit, carogne,
Infecte comme la charogne!
Va-t-en auprès des Trois-Cuilliers,
Dans la rue des Gravilliers,
Chez la dame Jean, la fruitière...
On te connait dans le bordeau;
C'est là que tu tiens ton bureau,
Vilaine louve diffamée,
Reste des goujats de l'armée!

«Vae-te d'ahi, que toda a gente te conhece, cenoura podre e infecta! Vae para as *Trois-Cuilliers* da rua dos Gravilliers, em casa da tia Joanna, a fructeira!... Já te conhecem no bordel, porque tens alli a tua officina, vil loba diffamada, resto dos rancheiros do exercito!...»

Esta diatribe dos mercados prova-nos a existencia de um mau logar com a equivoca taboleta das *Tres-Colheres* na rua dos Gravilliers, e por ella sabemos tambem que esse covil onde as fructeiras iam prostituir-se era administrado por uma tal tia Joanna, que tinha no mesmo antro uma tenda de fructa.

Ás injurias da companheira responde a outra:

Eh! la garce des écoliers!
Parle donc, eh! grande putain,
Tu dois savoir parler latin?
T'ont ils pas donné des souliers,
Que tu portes tous les dimanches?
Dis, donc: Qui t'a donné ces manches?
Va, va! nous savons bien qui c'est!
Tu trouves là bien ton acquest.

C'est le fouette-cu de Navarre.
Voyez! C'est une piece rare.
Va, va, garce du fouette-cu,
Au collège de Montaigue!
C'est là que tu trouves ton compte.
Ne devrois tu pas avoir honte
Vilaine garce, pour un liard?
Eh! qui voudrait ton nez camard?
Voyez, regardez cette infâme,
Cette putain, oui, par ma foi!
Qui nous voudroit faire la loy!
—«Moy, la loy? louve, c'est toy-même
Tu l'as bien fait ce carême
La loy, quand t'avois entrepris
De vendre filles à bas prix!

«Ah! garça dos estudantes! Bem podes fallar tu, grande p... Tu já sabes fallar latim? Será verdade terem-te dado os sapatos que trazes todos os domingos? Dize-me, quem te deu essas mangas! Ora vá, vá, nós bem sabemos quem foi! D'alli tiras o teu proveito. Bem sabemos quem é o açoita-c... de Navarra! Oram vejam, é uma peça rara! Vae, garça do açoita c..., vae para o collegio de Montaigu! Lá poderás fazer o teu negocio. E dize-me não tens vergonha, vil garça por um liard? Como ha quem goste d'esse nariz chato? Vejam, vejam essa infame, essa p..., sim por vida minha! que quer dar-nos leis!

—«Eu dar leis¡ Oh! loba! A lei fizestel-a tu propria esta quaresma, quando te empregavas em vender raparigas por baixo preço!...»

Estes debates oratorios acabavam naturalmente em vias de facto, e por pendencias homericas, que divertiam singularmente a galeria e attrahiam os esbirros.

Habituados a tirar proveito de tudo, os agentes de policia deitavam a mão ás partes belligerantes, e conduziam-nas á presença do commissario, onde tinham que comprovar o seu estado e costumes.

O receio de ir para o carcere ou para o hospital como mulheres de má vida, fazia entrar em transacção as adversarias e obrigava-as a comprar a sua liberdade por meio de uma multa, que se adoçava com o nome de esmolla, e que ia perder-se nas profundezas da algibeira do commissario.

Tudo quanto dizia respeito á prostituição, achava-se sujeito á arbitrariedade, com grande gaudio dos commissarios do bairro, que tiravam pingues proventos d'este capitulo reservado das suas instrucções policiaes, e não só cobravam multas e recebiam donativos para fazerem a vista grossa a respeito de certas mulheres dissolutas, ás quaes não incommodavam no exercicio da sua culpada e vergonhosa industria, senão que mesmo muitas vezes eram cumplices d'essas mulheres, auxiliando-as a apanhar incautos.

O livro segundo da *Verdadeira htstoria comica de Francion* dá-nos circumstanciados pormenores, a respeito da boa intelligencia que reinava a miudo entre os commissarios e as patroas das *maisons d'honneur*.

Uma d'ellas, de nome Perrette, «cuja fama era enorme, tanto na cidade como em todas as academias de amor,» devia á benevolencia interesseira de um commissario a tranquillidade que gosava, dirigindo um serralho de mulheres de prazer.

«Era, diz o novellista, a lampada que dava luz ás mulheres da sua classe.»

Uma noite, um desconhecido que passava a correr pela rua, atirou-lhe fugindo com uma capa de velludo forrada de lã.

A dona da casa ficou satisfeitissima com este presente, e sem perda de tempo começou a descozer a capa para a ir vender a uma adela.

No dia seguinte, apresentam-se em sua casa tres soldados, vindo um d'elles reclamar a capa.

Perrette nega descaradamente tel-a tido em seu poder, e a todas as insistencias dos soldados declara que não sabe de que se tracta, que não viu ninguem a correr pela rua fóra, nem recebeu cousa alguma fosse de quem fosse.

Os soldados começam a zangar-se, e alvorotam a rua, n'uma discussão vehemente e ameaçadora.

«A contenda assume tal incremento, diz Sorel, que o commissario do bairro apenas teve conhecimento d'ella, accode para ganhar a sua maquia habitual.»

Para se avaliar da equidade d'aquelle homem de justiça, basta saber o seguinte. Os que contendiam com Perrette eram ladrões, e o funccionario conhecia-os por taes, mas apesar d'isso, decidiu que a capa lhes pertencia, como se houvesse sido ganha com o seu trabalho, e condemnou Perrette a restituil-a.

A dama do serralho conhecia, porém, de sobra a austeridade do funccionario, e sabia, por experiencia antiga, quanto lhe convinha tel-o propicio.

Por isso, deu a mão á palmatoria, como costuma dizer-se, e confessou haver recebido a capa de um desconhecido, declarando, que para evitar questões, estaria por tudo quanto a este respeito se resolvesse.

Accrescentou tambem que a havia vendido e pediu aos taes soldados, que diziam pertencer-lhes, e ao mesmo tempo ao senhor commissario, a fineza de acceitarem uma ceia, que pagaria com o producto da venda da referida capa.

Aqui temos, pois, um commissario sentado á meza, n'um mau logar, em companhia de tres ratoneiros, de uma alcoviteira e de algumas prostitutas.

«Brindou-se alegre e prolixamente n'aquella ceia, diz um dos convidados, e visto que todos nós precisavamos uns dos outros, alli juramos eterna amisade, auxilio e protecção em todos os lances da vida.»

Mais longe, o auctor da novella vae dizer-nos quaes eram as provas d'esta amisade sincera e leal.

Perrette era a receptadora dos roubos que os *petit-maîtres* e os fidalgos, denominados *rouba-sedas*, praticavam de noite pelas ruas, escolhendo para victimas apenas pessoas de qualidade e os que usavam espada.

«O commissario, conta uma das raparigas de Perrette, tolerava este manejo, por mais que os visinhos o importunassem continuamente, induzindo-o a que nos fizesse desoccupar a casa. Elle tirava da sua condescendencia um lucro convidativo, que o ajudava folgadamente a sustentar a sua casa.»

E como não lhe saciassem a cubiça os proventos da sua indulgente tolerancia, desempenhava ás vezes um papel activo nas partidas organisadas por Perrette contra os imprudentes que iam visitar as suas pensionistas.

Tendo um dia uma d'ellas, por nome Agatha, feito cahir nas suas redes um bello e ingenuo inglez, que imaginava ter feito, quando menos, a conquista da amante de um alto personagem, a sua entrevista foi perturbada tão subita, como inesperadamente.

«O nosso commissario, advertido préviamente da nova presa, diz a heroina da aventura, accudiu pressuroso para embolsar a sua parte, no momento em que nos abraçavamos tão amorosamente, como se póde imaginar.

«Abriu silenciosamente a porta a *boa Perrette,* recommendando ao funccionario que desempenhasse o seu papel com perfeição.

«A' sua chegada, saltei em camisa do leito abaixo, e o meu amante, desesperado de ouvir que me queriam levar presa, ia deitar mão á espada, quando um esbirro e os seus companheiros lhe tomaram de um braço, ameaçando darlhe hospedagem *á custa d'el-rei.*

«Depois de ter em vão recorrido ás supplicas, occorreu-lhe a ideia de se valer d'esse divino metal, que a todos encanta, e tirando da bolsa umas poucas de moedas, logrou contentar toda aquella canalha, que o deixou em paz, voltando a deitar-se commigo.»

Nem tudo era lucro para o commissario, que nem sempre encontrava inglezes tão acommodaticios.

«Chamava-se Lucrin, e era de genio muito melancholico», diz a novella de Sorel.

Eis em que circumstancias se malquistou com Perrette:

«Um dia, em que tinha vindo a casa d'ella, cuidando poder fazer o seu negocio, encontrou, como costuma dizer-se *a fôrma do seu sapato.*

«Estavam n'essa noite commigo tres fidalgos, que não eram da mesma farinha do inglez basbaque, e que o sovaram, como desalmados, fazendo-o descer os degraus da escada mais depressa do que quizera.

«Furioso pela aventura, e imaginando que a Perrette o atraiçoára, desde aquella noite rompeu as hostilidades comnosco, propondo-se fazer-nos sahir do bairro.» Perrette antes de levantar arraiaes, quiz vingar-se estrondosamente d'aquelle commissario agora tão intransigente, e tractou de preparar-lhe uma boa partida da sua invenção.

A patroa conhecia um outro commissario, de nome Morizot, que vivia um pouco mais distante, e que era homem jovial e dado á crápula, visitando mesmo ás vezes o estabelecimento.

Perrette deu conhecimento d'isto ao commissario Lucrin, que se irritou em alto grau d'aquella usurpação e jurou oppôr-se a ella com todo o seu poder.

«Uma noite, em que Morizot foi ao estabelecimento de Perrette, a patroa manda in-continente prevenir Lucrin, que se apressa a accudir, e se occulta n'um pequeno gabinete d'onde póde vêr e ouvir tudo.

«Morizot, meio serio, meio risonho, pergunta a quatro fidalgos que alli

estavam o que vinham fazer a casa de Perrette. Esta, que traçára perfeitamente o seu plano, censura asperamente a jactancia de Morizot, e declara-lhe em alta voz que não tem de dar conta das suas acções a outra pessoa que não seja o commissario do seu bairro, o senhor Lucrin.

«Morizot impõe-lhe silencio, até que chegue a sua vez de ser interrogada, accrescentando que Lucrin é um tolo, que não tem mais poder que elle, ainda mesmo que seja na policia do seu bairro.

Lucrin, ouvindo esta bravata, não póde conter-se, e sahe do seu esconderijo, atacando a murro o seu collega, que levanta logo o bastão, pondo-se na defensiva.

Deu-se então uma scena divertidissima:

«Os dois commissarios arranharam-se, morderam-se, cahindo logo no chão, onde tão bellamente se soccaram, que depois da lucta ambos elles levavam os olhos como punhos, e os rostos exactamente como o tafetá da China, listado de roxo, azul e de amarello.»

Era preciso ir buscar outro commissario para acommodar aquelles dois, que de tal modo se esmurravam em vez de darem bons exemplos de cordura e seriedade aos seus administrados. Mas os fidalgos que estavam do lado de Perrette, e por ella industriados na partida, desempenharam admiravelmente o seu papel.

Um d'elles começou a gritar com voz de stentor, ao passo que separava os contendores:

—«Como se entende isto, canalhas! Pois vossês têem a audacia de se soccarem na minha presença?! Querem dar escandalo n'uma casa tão honrada como esta?! Ah! que se me encoleriso, não vos deixo um osso inteiro! Olá! Basta de festa, e toca a dar um bom abraço de amigos e collegas! Um abraço, um beijo e um bom e leal aperto de mão!»

A reconciliação levou-se a effeito á meza no meio de alguns pratos appetitosos e de algumas garrafas de bom vinho. Os fidalgos obrigaram os commissarios a beber até aquecerem as cabeças, e ficarem em estado de esquecer completamente a sua contenda e as suas feridas.

Perrette e as suas pensionistas riam a bandeiras despregadas d'aquella scena ultra-burlesca. Lucrin e Morizot, de copo em punho, pediam-se mutuamente perdão do occorrido, jurando-se uma amizade eterna.

Por ultimo, sahiram da casa, embuçados até aos olhos com o receio de serem conhecidos, e encostando-se ás paredes a cada passo, a fim de não perderem completamente o seu centro de gravidade.

O singular combate dos dois commissarios teve um grande echo em Paris, e os comediantes do Hotel de Borgonha approveitaram logo o assumpto para uma das suas farças, que teve um exito de hilaridade extraordinario.

«Vendo-se o alvo d'esta enorme troça, accrescenta a rapariga que relata tão chistosa aventura, os dois funccionarios resolveram vingar-se, e apesar de se terem separado de nos sem mostras de resentimento, resolveram causar a nossa ruina, e fizeram apenas as pazes, para reunirem as forças e serem mais poderosos contra nós, quando o ensejo se proporcionasse.

«Não esperámos pelo resultado da sua vingança, e para nos pormos ao abrigo d'esta contingencia, abandonamos um bairro, onde tinhamos tão boa clientela.»

Esta clientela era bem differente na verdade, segundo os bairros que a subministravam aos prostibulos; e o proprio pessoal das *maisons d'honneur* apresentava tambem singulares variantes, em razão do local em que o estabelecimento funccionava.

Aqui, a belleza, a juventude e as graças das prostitutas eram indicios da delicadeza e da generosidade do freguez. N'outra parte, onde a concorrencia era menos escolhida, as raparigas eram menos jovens, menos bellas e menos graciosas.

Entre as prostitutas do Marais e as da Universidade, por exemplo, havia dissimilhanças e disparidades singularissimas.

Uma desgraçada que tivesse de passar por todas as gradações da prostituição, descia com assombrosa rapidez a escala do embrutecimento physico e moral; as privações, as penas, as enfermidades, as fadigas e as orgias, tudo concorria para a envelhecer antes do tempo.

Depois de haver participado da crápula dos libertinos, filhos de familias abastadas, e até dos senhores da côrte, passava dentro em pouco a ser o instrumento dos prazeres dos ajudantes e escreventes de procurador, dos marçanos e dos filhos-familias das mais infimas classes sociaes.

Entregavam-se ao seu asqueroso officio, como uma d'ellas confessa na *Verdadeira historia comica de Francion*, «não desprezando pessoa alguma, que me desse com que encher o prato.»

Estas prostitutas só abandonavam a liça, quando já não encontravam lidadores, mas nem por isso deixavam a senda infame a que a sua desgraça as havia arrojado.

Ouçamos a Agatha de Francion, que ao contar-nos a sua historia, nos informa ao mesmo tempo das desgraçadas suas amigas:

«Por ultimo, diz ella, os annos destruiram de tal modo a tez e as feições do meu rosto, que nem os cosmeticos nem o vermelhão eram já capazes de me remoçar.

«O numero dos meus amantes ia-se reduzindo pouco a pouco, e só me visitavam alguns pulhas, menos carregados de dinheiro do que do desejo de o terem.

«Esta circumstancia obrigou-me a sahir da classe das raparigas, para entrar nas das *mamãs*, que procuram incessantemente uma presa para suas filhas.

«Afim de desempenhar mais cabalmente o meu novo cargo, reformei o meu modo de vestir, e não havia nem jardim nem passeio que eu não percorresse todos os dias.

«Conhecia os *homens que pagavam* só pelo aspecto, e quando chegava a entrar em relações com elles, levava-os a sitios onde recebiam toda a *especie de contentamento*.

«Se algum d'elles andava namorado de qualquer dama, desenvolvia a

favor d'elle todo o meu saber, e era eximia na arte de fazer chegar disfarçadamente os seus bilhetes ás mãos da sua amada.»

Tal era quasi sempre o desenlace obrigado da vida das mulheres de prazer.

«Estas infelizes, diz o auctor de Francion, n'um impulso de moralista, foram sempre de quem mais dá ou de quem mais offerece, mas nem por isso mesmo as vemos viver mais desafogadamente.

«A sua existencia é um tecido de desventuras, mas, apezar d'isso possuem uma boa qualidade, a insensibilidade, que nunca as impede de estar alegres.

«A sua alegria, porém, é falsa, e muito differente, coitadas! da que disfructam as que vivem honestamente.»

Esta vida de prazeres, de orgias, *este bom tempo*, como ellas diziam, prolongava-se ás vezes consideravelmente para as cortezãs de primeira ordem, que possuiam o segredo de não envelhecer, graças a mil receitas de toucador, com as quaes a belleza desafiava o ultrage dos annos.

Occupar-nos-hemos mais adiante de algumas d'estas rainhas da moda, que lograram conservar ainda além dos quarenta annos todos os attributos da juventude, incluindo mesmo os seus adoradores.

As prostitutas publicas, porém, que exerciam o seu vil officio nos bordeis, não tinham, geralmente fallando, os mesmos cuidados e o mesmo esmero a respeito do seu pobre corpo. Não se poupavam, pelo contrario! nos penosos trabalhos do seu abominavel officio. Não attendiam tão pouco á sua saude nem tinham cuidados pessoaes.

Muitas d'ellas, apesar dos perfumes de que incessantemente se innundavam, eram immundas até á repugnancia. Pallidas, em consequencia do rude tractamento que lhes davam as patroas, os amantes e os rufiões, a horrivel enfermidade, tantas vezes companheira inseparavel do vicio, acabava de as gastar, envelhecendo-as antes do tempo.

A maior parte d'ellas eram obrigadas a deixar o serviço activo do bordel aos trinta ou trinta e dois annos.

Começava então para as desgraçadas outra vida, tão vergonhosa, tão dura e tão detestavel como a precedente; faziam-se creadas, ou patroas das casas de prostituição.

Os poetas satyricos do seculo XVII andaram fazendo á porfia o retrato da *velha cortezã*, e todos elles se serviram das mesmas côres e do mesmo pincel, por assim dizer.

Aqui temos um, pelo exemplo, fornecido pelo opusculo, *Musas desenroltas, recopiladas dos melhores engenhos do nosso tempo, por A.D.B., parisiense.* Paris, Ant. Dubreuil, 1609, in-16:

Cette vieille aux yeux pleins de glus
A qui, depuis vingt ans ou plus
La galle, dont elle est le giste,
Les clous, les pous, gros et moyens,

Et tous les quatre mendians
Tiennent la chandelle bénoiste;
Ceste-la, dis-je, qui jadis,
Fut d'amour un vrai paradis,
Quand ses beautez vinrent à naistre,
Est si pleine d'infirmité,
Qu'elle est prèsque l'extremité
De cela qu'elle souloit estre.

«Esta velha, cujos olhos estão cheia de visco, e á qual, ha vinte annos ou mais, a sarna que a devora, os furunculos, os piolhos de todos os tamanhos e todas as miserias servem de companheiros inseparaveis, esta mulher, que foi outr'ora deliciosa, um verdadeiro primor, no alvorecer das suas bellezas, vê-se hoje tão perdida e tão mudada, que é exactamente o contrario do que foi nos bellos tempos do seu passado.»

J. Vauquelin de la Fresnaye, que na sua qualidade de chefe da policia no bailiado de Caen, tivera occasião de inquirir e apreciar varios casos de prostituição levados á sua presença, não se pejou de incluir na collecção das suas *Varias poesias* (Caen, Ch. Macé, 1612, in-8.º) a *Prece de uma cortezã a Venus.*

Quer-nos parecer que não se devem attribuir a esta bella composição poetica, inspirada por um epigramma da *Antologia* grega, as susceptibilidades da familia d'aquelle fidalgo poeta, que fizeram retirar da circulação depois da morte do auctor todos os exemplares das *Varias poesias.*

Vauquelin de la Fresnaye, apesar da gravidade do seu cargo, talvez capiasse do natural alguma das Lais suas contemporaneas.

Em todo o caso, não nos apresenta o nome d'ella, e a linguagem que põe na bocca da sua heroina lubrica, podia convir indistinctamente a todas as mulheres de prazer, que renunciavam, perdida a belleza, ao amor, a Venus e ás suas pompas:

Sentant que la blanche vieillesse,
O Vénus, maintenant me presse,
Par mille signes évidents,
Je te donne ces fausses dents,
Cette perruque je te donne,
Dont je déguisois ma personne;
Ce vermillon, ce blanc, ces eaux,
Qui rendoient les visages beaux.
Tous ces parfums, ces boitelletes,
Oiseaux de Chypre et cassolettes,
Car, voyant, hélas! que mes yeux
Sont devenus tous chassieux,
Tant j'ay la veue esbloueye
Et d'autre part, sourde de l'oye,
Ne pouvant plus me dèguiser,
Je veux les ébats mespriser,
Car, encor que la teste grise,
D'un poil emprunté se desguise,

Encor les dents; les yeux, hélas!
Chassieux, ne se cachent pas!
Te donnant, donc, ces dents de cire,
Et ces fards, je te vais dire,
O Vénus, le dernier adieu,
Pour vivre seule en autre lieu!

«Conhecendo que a branca velhice, oh Venus! se vae apoderando de mim, com signaes bem evidentes, offereço-te estes dentes postiços, offereço-te esta cabelleira com que tantas vezes me adornei! Offereço-te este vermelhão, este alvaiade, estas pinturas que tanto aformoseiam o rosto, todos estes perfumes, estas caixas, estas aves de Chypre, estes boiões de cosmeticos.

«Vendo, ai de mim! que meus olhos se tornam ramelosos, de tal modo que a vista se me offusca, e que o ouvido se me ensurdece, não podendo já disfarçar estes insultos dos annos, quero deixar para sempre os jogos do amor.

«Se os cabellos brancos podem disfarçar-se com uma cabelleira, se os dentes podem substituir-se, os olhos, ai! os olhos não é possivel occultal-os!

«Ao dedicar-te estes dentes de marfim e todas estas pinturas e cosmeticos, venho dar-te, oh Venus! o ultimo adeus, para ir viver solitaria n'outros logares!»

E' evidente que esta corteză, que Vauquelin de la Fresnaye nos apresenta muito arrependida, sahia de uma *maison d'honneur* para acabar com aquella miseravel e vergonhosa existencia. Provavelmente grangeara algum peculio que lhe permittisse repousar, fóra d'aquelle inferno, n'algum sitio retirado, onde o espelho fosse o unico e discreto confidente das suas rugas e das suas cãs.

A velha sacerdotisa de Venus não se sentia com animo de se entregar ao proxenetismo, e de traficar com o pudor das raparigas que tivesse prevertido com os seus perfidos conselhos e fementidas promessas.

Acontecia ás vezes que uma mulher galante, enriquecida na prostituição, graças á sua prudencia e economia, e podendo dispôr de uma fortuna mais ou menos consideravel, applicava o seu dinheiro e a sua experiencia á organisação de uma *maison d'honneur*, onde além do trafico obsceno, se jogava e ceiava.

Reuniam-se alli as prostitutas industriosas mais habeis, e por isso mesmo as mais perigosas, e de tal modo se multiplicaram estes antros, que no fim do seculo XVII a policia se viu obrigada a empregar medidas de extremo rigor, afim de impedir as desgraças causadas pela paixão do jogo.

Teremos por mais de uma vez occasião de nos occuparmos d'estas tenebrosas cavernas, onde os filhos-familias, os jovens fidalgos, os militares e os estrangeiros iam enterrar o seu patrimonio, perdendo a um tempo a saude e a reputação.

No reinado de Luiz XIII, ainda não se jogava nas casas de libertinagem de primeira ordem, mas ceiava-se, e segundo a phrase adoptada, *fazia-se crápula*.

Abraham Bosse, o espirituoso e distincto gravador, cujas estampas são a fiel representação dos costumes do seu seculo, não se esqueceu de reproduzir

o interior de uma d'aquellas casas deshonestas, onde os senhores da côrte e os *petit-maêtres* tinham a certeza de encontrar a qualquer hora do dia ou da noite, uma grande quantidade de prostitutas.

Esta gravura, uma das mais raras da collecção de Abraham Bosse (que não se encontra mesmo descripta no *Manual do amador de estampas,* de Charles Leblanc) representa-nos uma sala ricamente mobilada, na qual, um fidalgo sentado diante de uma meza delicadamente servida, está rodeiado de tres mulheres, que á porfia pretendem fazer-lhe esquecer a ceia.

Todas tres são notaveis pela sua belleza lasciva e pela riqueza dos seus trajos.

Uma d'ellas lançou o braço languido ao pescoço da sua victima, que se entrega á seducção da encantadora, sem que esta lhe dê tempo para perceber a manobra extranha de uma rapariga occupada em lhe tirar da algibeira a bolsa do dinheiro.

A *patroa,* que póde facilmente reconhecer-se pelo seu trajo sevéro e pelo molho de chaves, apressa-se a recolher o fructo da habil escamoteação.

Ao fundo, uma porta aberta deixa entrever, n'uma alcova, onde arde um bom fogo de lenha, uma das scenas que caracterisam o destino principal do estabelecimento.

Ao pé da estampa, lêem-se estes versos, em que um poeta anonymo procurou moralisar aquella scena tão pouco edificante.

Talvez o poeta fosse o mesmo gravador. Em todo o caso, aqui deixamos os versos:

Dans ces lieux, où Venus fait un commerce infâme,
Cet esclave des sens et de la volupté
Perd misérablement et son corps et son âme
Tant il est amoureux de sa brutalité.

Les folles passions, l'une à l'autre attachées,
Sont comme autant de flots où son cœur est plongé,
Et les embrassements des femmes débauchées,
En quelque part qu'il soit le tiennent assiégé.

Il ne peut éviter les trompeurs artifices,
El quand il le pourroit, il ne le voudroit pas.
Comme il est vicieux, il se plait à ses vices,
Qu'elles savent couvrir de charmes et d'appas.

Leur ruse cependant de ses maux est la source,
Elles l'ont beau flatter, c'est un déguisement,
Tout ce qu'elles en font est pour avoir leur bourse,
Car c'est le seul argent qu'elles ont pour amant.

«N'estes logares, onde Venus exerce um commercio infame, este escravo dos sentidos e da voluptuosidade perde miseravelmente o seu corpo e a sua alma, tão obstinado está na sua brutalidade!

«As paixões loucas, encadeadas umas ás outras, são ondas em que o seu coração se submerge, e os abraços d'aquellas mulheres dissolutas cercam-no por toda a parte.

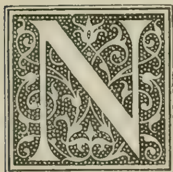
«Não póde evitar os seus enganadores artificios, e mesmo que podesse evital-os, não quereria. Como é dominado pelo vicio, encanta-o esse mesmo vicio que ellas sabem cobrir de seducções e attractivos.

«Infelizmente os seus ardis são a causa d'estes males; os seus affagos são mentira, mentira as suas caricias; tudo quanto fazem é para lhe apanharem a bolsa:—o ouro é o seu unico, o seu exclusivo amante!

CAPITULO VII

SUMMARIO

A prostituição na jurisprudencia — O *Congresso.* — Sua origem, segundo o presidente Bouhier. — Sua introducção em França no seculo XVI. — Como desde esta epocha se multiplicam os processos por causa de impotencia conjugal. — Alguns *Congressos* famosos. — Descripção do *Congresso* e da sua deshonestidade, segundo Tagereau. — Opinião dos jurisconsultos sobre a infamia e absurdo d'este costume. — Processo de Estevam de Bray. — Os escriptos de Francisco Hotman, de Vicente Tagereau e de Sebastião Roulliard. — Extracto curioso do Capitulario d'este sabio advogado. — Processo do marquez de Langey. — Historia escandalosa d'esta causa celebre. — Abolição definitiva do *Congresso* por sentença do parlamento. — Processos de divorcio. — Indecencias do direito canonico. — Reforma na pratica judicial da curia ecclesiastica.



NÃO PODEMOS deixar de estudar na historia da prostituição do seculo XVII um dos mais extranhos capitulos da jurisprudencia canonica n'aquella épocha, o da dissolução do matrimonio por causa de impotencia.

A jurisprudencia canonica, fundada nos escriptos dos Padres da Egreja e regulamentada pelas decretaes dos papas, havia desde a sua origem sido obrigada a intervir em processos escandalosos, que tinham por causa a impotencia do marido ou a esterilidade da mulher, processos que tão frequentemente assustavam o pudor dos juizes ecclesiasticos.

É verdade que estas questões vergonhosas, que nunca se apresentavam ostensivamente, só chegavam ao conhecimento do publico pelo seu desenlace, que era ordinariamente a separação dos conjuges.

Em meiados do seculo XVI, porém, a curia ecclesiastica, á qual eram remettidos estes processos, que ella considerava especialmente da sua jurisdicção por isso que n'elles era interessado o dogma, visto tractar-se do sacramento do matrimonio, mudou completamente de proceder a respeito d'estes casos, e adoptou um uso abominavel, denominado o *Congresso,* e que foi constantemente praticado no tribunal ecclesiastico, até que o parlamento ordenou a sua suppressão em 1667.

Não podemos deixar de considerar como um acto de prostituição legal este *Congresso,* pratica obscena cuja definição grammatical é a seguinte, segundo o *Dictionaire de la langue française ancienne et moderne,* de P. Riche-

let: «Ajuntamento carnal do homem e da mulher, ordenado por decreto do Tribunal.»

A definição que figura no *Dictionaire* de Trivoux não é menos curiosa, apesar de ser mais decente: «CONGRESSUS: — A prova da potencia ou impotencia dos conjuges, ordenada n'outros tempos pela justiça, a qual prova se verificava em presença de cirurgiões e parteiras, n'aquelles casos em que se tractava de nullidade do matrimonio por causa da impotencia.»

Não é nosso intento discutir aqui o principio da dissolução do matrimonio por causa da impotencia, «ainda que notoriamente, diz o douto jurisconsulto Antonio Hotman, segundo os santos canones dos concilios, o matrimonio seja declarado nullo por tal impotencia.»

Não nos cabe tambem examinar a questão sob o duplo ponto de vista moral e social, e até chegaremos a admittir que as leis civis, em conformidade com os canones dos concilios e com os escriptos dos seus sabios theologos, estabeleceram sem excepção o seguinte principio:

«Todo o matrimonio contrahido com quem seja verdadeiramente impotente ao tempo de casar, ou cuja impotencia seja incuravel, é de si proprio nullo e invalido.» (*V. Tract. da dissolução do matrimonio por motivo de impotencia,* pelo presidente Bouhier, Luxemburgo, 1734, in-8.º.)

E' nosso dever declarar, porém, que os meios empregados pelos juizes ecclesiasticos para reconhecerem e provarem tal impotencia foram em todo o tempo muito pouco apropriados ao respeito dos costumes e da santidade do laço conjugal.

Queremos sobretudo mostrar até que excesso incrivel de depravação se havia deixado arrastar a curia ecclesiastica, admittindo, auctorisando e multiplicando a prova do *Congresso.*

Ha quem sustente que este *Congresso,* tal como se praticava antes de 1667, havia existido na jurisprudencia romana até ao reinado de Justiniano que o abolira, mas isto não passa de uma controversia historica, interessantissima talvez, mas em que não queremos de fórma alguma envolver-nos.

Basta saber que o coito entre o homem e a mulher foi em todos os tempos a consequencia immediata d'aquelles monstruosos processos, para que esta prova absurda, que todas as leis da humanidade condemnavam, apresente um repugnante caracter de prostituição, visto que este coito, ainda que realisado com o consentimento dos querellantes, constituia da sua parte uma complacencia culpavel, que os deshonrava.

Mais ainda: no caso, em que uma das partes só se submettia a seu pesar e contra vontade a uma tão ultrajante prova, esta prova não era em ultima analyse senão uma verdadeira violencia, exercida legalmente contra o pudor do homem ou da mulher, que em vão luctava para se subtrahir á vergonha d'este attentado juridico.

O estabelecimento do *Congresso* foi o cumulo das incriveis e indecentes operaçoes exigidas pelo direito canonico, em questões de dissolução do matrimonio.

Custa a perceber como uma tão vergonhosa pratica poude estabelecer-se

sob a protecção da lei e da religião, em França, n'uma épocha em que a consciencia publica começava a illuminar-se nas verdadeiras noções da honestidade.

O presidente Bouhier, que não receou tomar a defeza do *Congresso*, em pleno seculo XVIII, pretende que esta infame instituição havia estado em vigor no seculo XIV, quando o canonista Joannes Andrea, no seu commentario sobre a decretal *Laudabilem S. Frigidis,* recommendava n'estes termos uma prova analoga á do *Congresso:*

Si jurat vir quod possit, cogetur sustinere quod mulieres hoc inspiciant tempore coitus. Et si mulieres referant quod nihil fecit, poterit matrimonium separari.

Aqui temos, portanto, a inspecção das matronas, durante o «ajuntamento carnal do homem e da mulher»: aqui temos tambem a sua declaração sobre a qual se baseia a sentença do juiz, que pronuncia a dissolução do matrimonio.

Cita, além d'isso, o presidente Bouhier a dois canonistas do seculo XV, Petrus Auchanarus e Antonius de Brutio, que reclamam o mesmo processo nos seus commentarios sobre a mesma decretal.

Além d'isso Zacchias, nas suas questões medico-legaes, menciona varias decisões da Rota romana, que ordenava o *Congresso*, quando a copula do homem accusado de impotencia deixava alguma duvida no animo dos medicos encarregados de tal exame.

«*Facto ipso de potentia ejus periculum facere,* diz positivamente uma d'aquellas decisões, *ita ut ea de causa solus cum sola, nudus cum nuda in communi lecto jaceat,* o que foi executado, mas sem resultado algum para o esposo impotente, que esteve quasi duas horas no leito com a mulher e não poude conhecel-a carnalmente: *Duarum circiter horarum spatio cum uxore in lecto jacuit et illam carnaliter cognoscere non potuit.*

Podemos, no emtanto, affirmar com toda a certeza que esta jurisprudencia canonica, apesar de estar introduzida e acceite na Italia desde tempos immemoriaes, não entrou em França, antes do meiado do seculo XVI, onde só conseguiu estabelecer-se, graças á corrupção dos costumes da côrte.

Vimos n'outro logar d'esta obra com que sentimento de desgosto e de reprovação acolheu a França inteira o processo intentado por Luiz XII contra sua mulher Joanna de França, accusada por el-rei de incapacidade para pagar o debito matrimonial.

O processo foi dirigido por commissarios nomeados pelo papa, e a virtuosa rainha Joanna, que sustentava contra seu marido que o matrimonio havia sido consummado entre os dois, correu o perigo de se ver entregue á torpeza de um exame de peritos, por isso que Luiz XII declarára que aquella princeza, *viciada de corpo desde o nascimento, não podia, attenta a sua conformação physica, nem conceber nem engendrar filhos.*

O summario dos interrogatorios explica isto muito melhor em latim:

«*Quod non potuisset aut posset parere, sed nec semen virile secundum naturæ congruentiam recipere, immò neque a viro intra claustra pudoris naturaliter cognosci.*»

Não era ao *Congresso* que pertencia decidir esta questão, a respeito da qual os cirurgiões e as matronas haveriam dado o seu parecer depois do exame no tribunal, mas tal era a repugnancia da nobre princeza por este exame, que preferiu renunciar a ganhar a sua causa a ter de se sujeitar a elle.

Allegou «que era pudica e envergonhada», e disse «que não podia sem difficuldade expôr-se a um exame, que afinal talvez nada podesse provar.» (V. *Hist. du siècle* XVI *en France,* pelo bibliophilo Jacob.)

Os advogados da princeza propozeram substituir o exame das matronas com «orações, exorcismos e remedios ecclesiasticos», que deviam servir para desalojar o demonio, ao qual se attribuia a incapacidade corporal *(si esset minus arcta),* allegada por el-rei como um obstaculo á consummação do matrimonio.

Ninguem teve a ideia de recorrer ao *Congresso,* porque esta prova judicial apenas foi introduzida em França trinta ou quarenta annos mais tarde.

Temos alguns dados para crêr que foi em 1540 que o *Congresso* fez a sua primeira apparição em França, com grande surpreza da curia ecclesiastica, que o havia importado da jurisprudencia canonica da côrte de Roma.

Esta data parece vir indicada com bastante precisão no livro de um jurisconsulto francez, Robert, que se mostra singularmente indignado contra um uso tão repugnante. (V. *Roberti Rerum judicatorum.)*

Os testimunhos de Antonio Hotman e de Vicente Tagereau concordam n'este ponto como a declaração formal de Robert:

«O argumento de que se lança mão para auctorisar o *Congresso* pela sua antiguidade, escreve Hotman, no seu *Tractado da dissolução do matrimonio por impotencia e frieza do homem ou da mulher,* não podem referir-se a mais de trinta ou trinta e cinco annos a esta parte.»

Hotman escrevia o seu tractado em 1578, por occasião do processo de Estevam de Bray.

Tagereau, que escreveu a respeito do mesmo processo, o seu *Discurso sobre a impotencia do homem da mulher,* publicado em 1611, não faz remontar a mais de sessenta annos a introducção do *Congresso*, no codigo da curia ecclesiastica e na jurisprudencia do parlamento.

Hotman, que apreciava bem toda a ignominia do *Congresso*, procura desculpar e justificar os juizes, que só o haviam admittido na practica, a requerimento das partes:

«É de presumir, diz elle, que a sua introducção se deva, não tanto á indicação e motu-proprio dos juizes, como á espontanea exigencia das partes, visto que ellas proprias insistem em leval-o a effeito. Esta practica, salvo melhor opinião, não deve arraigar-se nem continuar a ser auctorisada. Pelo contrario, melhor seria extirpal-a do processo de invalidação de matrimonio, como se tem feito com outras practicas analogas.»

Tagereau não é mais explicito, a respeito da origem legal do *Congresso*, e eis como elle explica a introducção d'este odioso meio nos processos por causa de impotencia:

«É certo, diz elle, que podemos considerar de data recente este meio judicial, sendo de presumir que o primeiro a empregal-o fosse algum imprudente,

que sendo reu em processo de separação, pedisse a prova do *Congresso*, vangloriando-se de mostrar n'elle a sua aptidão para as funcções do matrimonio.

«Talvez tambem se attendesse na introducção d'esta escabrosa prova a um fim louvavel, que podia muito bem ser dissuadir as mulheres de emprehenderem taes processos, pelo receio de se verem obrigadas a este acto deshonesto.»

Seja, porém, o que fôr, o certo é que nem esta prova impudica serviu jámais para aclarar a verdade a respeito da potencia dos homens, nem para dissuadir as mulheres das suas constantes demandas de separação.

O illustre Estevam Pasquier não se pejou de redigir um *factum*, no qual approvava a prova do *Congresso*, a favor de Maria de Corbie, que reclamava esta prova contra seu marido Estevam de Bray.

Pasquier affirmava «que não tinha conhecimento de cousa alguma d'este genero, em que se não tivesse recorrido ao *Congresso*,» mas não indicava a épocha em que o *Congresso* começára a ser auctorisado pelos tribunaes ecclesiasticos ou civis.

De tudo isto vê-se claramente que esta prova obscena e impudica era geralmente empregada, quando se tractava da dissolução de matrimonio, que a mulher pretendia não ter sido consummado carnalmente, segundo as leis da Egreja.

«A corrupção dos tempos, dizia em fins do seculo XVI o famoso advogado Sebastião Rouillard, de Melun, deu livre curso a taes processos, de tal maneira que, difficilmente se poderiam contar tantos processos por este motivo, como hoje se vêem, durante mil e duzentos annos, em que o pudor dominou a alma e velou o rosto das matronas de França.»

O advogado exprime-se n'estes termos sensatos n'um *Capitulario*, em que se averigua o caso verdadeiramente extranho de um homem sem testiculos apparentes, mas tendo de resto todos os signaes de virilidade, e que era apto para desempenhar todas as funcções carnaes do matrimonio. O livro foi editado em Paris por J. Jacquin, 1600, in-8.º.

Durante cento e quarenta annos approximadamente, o *Congresso*, esta eschola de prostituição legal, esta ridicula bravata de obscenidade deshonrou com os seus escandalos todas as curias ecclesiasticas e todos os parlamentos de França.

Um consideravel numero de processos por causa de impotencia terminou pela dissolução de matrimonio das partes, desde que o *Congresso* foi introduzido na jurisprudencia em appoio do exame dos peritos.

Este exame, denominado a *visita*, só era excedido em ignominia pelo proprio *Congresso*, que se realisava á vista dos magistrados.

Se se podesse ter examinado seriamente a infamia de um processo, a que as damas de alta qualidade e da mais solida reputação não se envergonhavam de se submetter, ter-se-hia olhado com horror para o que se realisava todos os dias no sanctuario da justiça e sob os auspicios da auctoridade religiosa.

A sociedade franceza, porém, tão leviana mesmo nas cousas mais graves, não perdia a occasião de rir e de regosijar-se, á custa das malfadadas litigantes,

que vinham alli deitar-se á vista de todos e exhibir em presença de numerosos espectadores as suas fraquezas falsas ou reaes.

De resto, o costume havia-se aproveitado sem ceremonia de um meio de divorcio vergonhoso e ridiculo, que se cobria em caso de necessidade sob a capa dos mais respeitaveis pretextos: e o poder judicial, cego pela rotina, e victima da lealdade das suas rectas intenções, não pensava em reformar um abuso monstruoso cujas raizes parasitas irrompiam de um farrapo do manto da Egreja Catholica.

D'aqui os processos innumeraveis que se debateram na liça impudica do *Congresso*.

Não é nosso intento passar em revista estes singulares processos, nem mesmo determo-nos nos mais celebres para extrahirmos d'elles grande copia de particularidades, que nos forneceriam ainda assim importantes elementos para a historia dos costumes.

Limitar-nos-hemos a colher alguns pormenores de dois d'elles, um no principio da instituição do *Congresso* e outro no fim da sua existencia legal, dando além d'isso no fim d'este capitulo alguns extractos de um artigo do *Diccionario historico e critico de Bayle,* que se refere a um outro processo, e cujas notas resumem e amplificam em todos os seus pormenores tudo quanto de original e deshonesto se continha na pratica da infamante prova de que nos occupamos.

Fallaremos em primeiro logar do processo de Estevam de Bray, que foi, por assim dizer, o ponto de partida de uma jurisprudencia, que devia afim desapparecer com a processo do marquez de Langey.

Com este ultimo processo, tão escandaloso pelos seus resultados, devem dar-se por terminados os annaes historicos da instituição do *Congresso*, ainda que os processos por motivo de impotencia continuassem perante as curias ecclesiasticas e os parlamentos até meiados do seculo XVII.

O presidente Bouhier apresenta-nos uma lista dos principaes *Congressos,* que se celebraram e que só produziram tristissimos effeitos em casos d'esta ordem.

«Por meio do *Congresso,* diz elle, que é a prova mais cathegorica que póde fazer-se em casos d'estes, foram decididas as causas do senhor de Lames e da filha do senhor de Senarpon;

«A de Turpin, senhor d'Assigny e da filha do senhor de la Verrière;

«A de Erasmo de la Tranchée e da menina Joanna de Castellan;

«Isto em épochas mais distantes. Modernamente, decidiram-se tambem pelo mesmo processo:

«A do barão de Courcy e da filha do senhor de Crévecœur;

«A do senhor de Saint-Aulaire e da filha do barão de la Faye, e tantissisimas outras, todas ellas julgadas pelo *Congresso.*»

Bouhier teria podido citar ainda o processo de Filippe de Denneval e o do conde de Cruège, a respeito dos quaes Sebastião Rouillard publica dois resumos, que elle denomina *brachilogos,* na segunda edição do seu famoso *Capitulario*. (Paris, Claudio Morel, 1603, in-8.°)

Ser-nos-hia difficil fazer uma ideia exacta das monstruosas scenas a que deu logar o *Congresso*, se Vicente Tagereau não se tivesse dado ao trabalho de inserir no seu *Discurso sobre a impotencia* uma descripção ingenua da mencionada prova, que nos parece ter sido feita do natural, e que concorda perfeitamente com a que o seu contemporaneo Robert nos transmittiu n'uma *Recapitulação de sentenças e miscellaneas judiciaes.*

Vamos, pois, seguindo quasi textualmente a descripção de Tagereau, introduzir o leitor em pleno *Congresso.*

O tribunal designava ordinariamente o local onde a prova devia verificar-se.

Em geral o ponto escolhido era um terreno neutro, por exemplo, o estabelecimento de um banheiro, onde as partes se reuniam pela primeira vez.

Evitavam-se com o maximo cuidado todas as influencias moraes que podessem resultar das recordações, das preoccupações e dos objectos exteriores.

Parece-nos não haver um unico exemplo de um *Congresso* se ter celebrado no domicilio conjugal.

Não se permittia tambem que o encontro das duas partes se verificasse em casa de um parente ou de um amigo.

No dia indicado pelo tribunal, o marido e a mulher chegavam cada qual por seu lado, conduzidos pelas duas familias, que não podiam entrar no sitio da prova, e ficavam á porta esperando os resultados.

Os conjuges encontravam reunidos os juizes e os peritos, que não deviam sahir da casa emquanto não estivesse concluido o acto legal.

O vigario, ou quem fazia as suas vezes, dava principio á ceremonia, fazendo jurar ás partes «que procurariam, de boa fé e sem dissimulação, consumar a obra do matrimonio, sem usar de qualquer impedimento nem uma nem outra.»

Em seguida, tomava juramento aos peritos, que se obrigavam a dar «uma informação fiel de tudo quanto se passasse no *Congresso*.»

Os procuradores das partes e até os seus advogados achavam-se tambem presentes. Do mesmo modo alguns agentes da curia ecclesiastica, chegando até mesmo o parlamento a nomear commissarios para assistirem ás operações do *Congresso.*

No emtanto, estes commissarios, na maior parte dos casos não assistiam ao acto e retiravam-se para um quarto separado d'aquelle em que os esposos obtinham ás vezes auctorisação de estar sós. Succedia tambem os peritos não sahirem d'este quarto emquanto durava a sessão.

Os peritos, que eram medicos, cirurgiões e matronas escolhidas pelo tribunal, procediam em primeiro logar a uma nova inspecção do homem e da mulher, que já anteriormente haviam sido inspeccionados por ordem do vigario.

Esta segunda inspecção tinha por fim indagar se o homem havia contrahido alguma enfermidade venerea, e se o estado da sua saude offerecia perigo de contagio.

Quanto á mulher, a inspecção tinha por fim averiguar «se tinha feito uso de remedios adstringentes, afim de impedir a execução do *Congresso,* e conhe-

cer do estado e disposição das suas partes vergonhosas, sem fallar da sua virgindade ou corrupção.»

Na primeira edição do seu *Discurso*, Tagereau havia tractado o assumpto de uma maneira mais explicita e menos decente, dizendo que os peritos tinha obrigação «de examinar o estado da parte vergonhosa, e de por este meio conhecerem a differença da sua abertura e dilatação, antes e depois do *Congresso*, e outrosim, se a intromissão se havia ou não levado a cabo.»

A tal inspecção era mais ou menos minuciosa, mais ou menos severa, segundo as recommendações feitas aos peritos pelos magistrados: «e em alguns processos, accrescenta Tagereau, as partes são *visitadas* nuas, desde o alto da cabeça até ás unhas dos pés, em todas as partes do corpo, *até mesmo nas pudendas*, para se inquirir se sim ou não tèem no corpo alguma cousa que possa impedir ou falsear o *Congresso*.»

«A mulher, diz ainda Tagereau, tem de tomar um banho de assento, em que permanece um bom bocado.»

Tagereau continua com um desbragamento de linguagem que corrigiu algum tanto na segunda edição do seu *Discurso*:

«Feito isto, o homem e a mulher deitam-se á luz do dia, n'um leito, em presença dos peritos, que permanecem no quarto ou se retiram (se as duas partes o requerem, ou uma d'ellas) para um gabinete ou galeria proxima, ficando ainda assim a porta entreaberta. As matronas, essas ficam ao pé do leito.

«Corridas as cortinas, o homem começa a pôr-se em estado de dar provas da sua potencia, e d'ahi a pouco rompem disputas ou questões ridiculas.

«O homem queixa-se de que a sua adversaria não o deixa operar, impedindo-lhe a intromissão.

«Ella, pela sua parte, protesta: O marido não póde realisar o acto, e o que pretende é metter-lhe o dedo (*intromittere digitum*) para a dilatar, para a abrir e poder dizer, assim que realisou o coito...»

Renunciamos á tarefa ingrata de seguir passo a passo o audaz jurisconsulto na difficil explicação em que se desvaira. Passamos em claro algumas phrazes demasiado rudes, e lêmos mais adiante, depois de havermos tomado o folego:

«Por ultimo, tendo as duas partes permanecido um bocado na cama, um bocado, que ás vezes chegava a ser de duas ou tres horas, os peritos, ou chamados por alguma das partes ou de *motu-proprio*, se se enfastiam de esperar (o que é desculpavel *si sint viri*, diz o jurisconsulto), — dirigem-se ao leito, e correndo as cortinas informam-se do que se passou, e para melhor o saberem, tornam a *visitar* a mulher para saber se está mais aberta de que na visita precedente, effectuada antes de entrar na cama. Depois d'isto, averigua-se outro ponto mais delicado — *an facta sit emissio, ubi, quid et quale emissum*.»

«Isto, porém, não póde verificar-se sem luz e sem oculos, da parte de homens que tèem de valer-se d'elles por causa da sua avançada edade, e sem haver disputas sujas e vergonhosas.

«Em seguida, redigem um relatorio de tudo quanto se passou no *Congresso*, ou pelo menos d'aquillo de que tèem conhecimento, ou do que lhes apraz, segundo os dictames da sua consciencia.



Preliminares do Congresso

«Este relatorio é apresentado ao juiz, que permaneceu na mesma casa do *Congresso,* n'um salão ou gabinete á parte, em companhia dos procuradores e membros do tribunal ecclesiastico, esperando a conclusão do acto.

«Ordinariamente a declaração dos peritos é desfavoravel ao homem, porque elle raras vezes póde levar a cabo a intromissão.»

Tal era, segundo Tagereau, o resultado inevitavel de quasi todos os *Congressos,* que só differiam nos episodios burlescos ou obscenos, que a maledicencia se comprazia em repetir de bocca em bocca.

No emtanto, encontramos na *Menagiana,* (edição de Hollanda, p. 221) uma anedocta, provando que o resultado do *Congresso* nem sempre era tão infructifero, como Tagereau pretende:

«Um vigario do tempo de M. de Condi, de cujo nome não me recordo, disse-me que durante os quarenta annos em que exerceu o seu cargo, só uma unica vez mandára proceder ao *Congresso.*

«Tractava-se de um carpinteiro, ao qual, por occasião do *Congresso,* como desempenhasse perfeitamente a sua prova, sua mulher disse muito admirada:

—«Porque não fazias o mesmo quando estavamos em casa? Escusavamos de vir aqui!»

Hotman, no seu *Tractado da dissolução do matrimonio,* nem por isso deixa de affirmar que o *Congresso,* segundo a opinião dos peritos, só servia para demonstrar a impotencia do marido. «Verdade seja, accrescenta elle, que já algumas vezes vi reconciliarem-se alguns esposos ao saberem de tão esquisita prova.»

«Ha quem affirme ter succedido em um ou dois casos gritar a mulher, como se seu marido lhe causasse uma grande dôr, e depois d'estes gritos, ouvidos pelos assistentes, todos foram unanimes em aconselhar ás duas partes que fossem para casa, o que ellas fizeram, não tornando depois d'isto a mulher a queixar-se.

«Isto significa que os conjuges chegaram a um accordo por se lhes ter ensinado o que não sabiam. A mulher queixara-se com razão, porque estava ainda virgem, e o marido tambem tinha razão, quando affirmava que não era impotente. O que elles não sabiam era a maneira de realisar o acto, a qual aprenderam no *Congresso,* indo para suas casas todos satisfeitos, sem que d'ahi por diante nenhuma das partes se tornasse a queixar.»

Hotman, Tagereau e todos os juristas que examinaram e discutiram a questão do *Congresso,* estão de perfeito accordo sobre este ponto—que esta prova absurda e infame em principio, nunca podia redundar em honra e gloria do marido:

«As circumstancias tornam-no impossivel, diz Tagereau. Por um lado, a vergonha, o acanhamento que o homem deve sentir ao ser visto, examinado e apalpado por pessoas de cuja declaração vae depender inteiramente a sua reputação e a sua ruina, e além d'isso o receio de falhar na execução do que intenta, e que de tanta importancia é para elle.

«Por outro lado, o odio que professa á parte contraria, causa d'aquelle es-

candalo e ruina em vez de cuidar sómente da sua honra e do seu bem, todas estas causas que são verdadeiros antidotos do amor e formalmente contrarias ás suas obras e acção principal que requer segredo, tranquillidade, carinho e animo não perturbado pela vergonha, temor, odio ou mau humor, tornavam muito difficil o effeito e a execução do *Congresso*, e ouso até dizer impossivel, como observa Ambrosio Paré, no livro XXVII das suas obras.»

O processo de Estevam de Bray, uma das causas mais celebres d'esta especie, que foram apresentadas ante a curia ecclesiastica, apresenta-nos um marido acceitando por tres vezes a prova do *Congresso*, embora fosse cada vez mais infeliz a cada nova tentativa.

Estevam de Bray era um rico thesoureiro do rei, casado com Maria de Corbie, com a qual vivera maritalmente durante vinte e sete mezes, antes de ser accusado de impotencia e de ser por ella sollicitada a dissolução do matrimonio, que não havia consummado, segundo ella dizia.

O vigario interrogou as partes e ordenou que fossem visitadas na fórma do costume.

Os peritos descobriram apenas na conformação sexual do marido um leve defeito, que não lhes pareceu sufficiente para o declararem inhabil para os actos do matrimonio.

Revistada a mulher, porém, não hesitaram em dizer que lhes parecia muito deformada, sem que podessem dizer se era *por effeito de copula natural*, se por outra qualquer *causa violenta*.

Maria de Corbie sustentou que era virgem, e asseverou que seu marido a havia não só tocado com os dedos, *mas até mesmo forçado com ferramenta até á effusão do sangue*.

Estevam de Bray, pelo contrario, affirmava que, seis semanas, pouco mais ou menos depois do seu casamento, podéra conseguir, ainda que só á custa de prodigiosos esforços, pagar o debito conjugal, e *que sua mulher conhecera que elle era homem, quatro ou cinco vezes n'aquella noite e n'outras subsequentes*.

(*V. Factum da senhora Maria de Corbie, auctora no processo de nullidade de matrimonio, contra messire Estevam de Bray.*)

Em consequencia da sua allegação, Estevam de Bray pedia a cohabitação triennal com sua mulher, convencido de reduzir a zéro, muito antes de expirar este prazo, o processo de impotencia movido contra elle ; e se a justiça assim o entendesse, estava prompto a submetter-se á prova do *Congresso*.

Pela sua parte, Maria de Corbie não tinha muito empenho em se submetter á prova que lhe era offerecida.

Houve entre os dois litigantes longos debates, e fastidiosos tramites judiciaes, dos quaes resultou uma sentença, com data de 31 de julho de 1578, ordenando que se procedesse ao *Congresso*, mas de forma inteiramente nova, pois que se permittia ao marido repetir varias vezes o perigoso ensaio, que elle parecia não receiar.

«Quando se ordenou o referido *Congresso*, lê-se no mencionado *Factum* de Estevam Pasquier em prol da demandante, e se quiz proceder a elle, De Bray protestou que não sahiria do leito, sem obrigar a referida Corbie a confessar a

consummação do acto carnal, ou sem que os peritos assim o tivessem reconhecido, sem a menor sombra de duvida.

Aconteceu, porém, uma cousa parecida com a phrase do poeta: *Parturiunt montes, nascitur ridiculus mus.*

No primeiro ensaio do *Congresso,* De Bray a tal ponto se havia medicinado e saturado de drogas e aphrodisiacos, que se viu de subito atacado de um fluxo de urina, e foi preciso mandal-o embora a toda a pressa, para que podesse ir curar-se das terriveis consequencias do consideravel numero de medicamentos que havia ingerido.

Estevam de Bray protestava tirar uma estrondosa desforra d'este primeiro insuccesso.

A segunda sessão não foi, porém, mais satisfatoria do que a primeira.

Os peritos no seu relatorio declararam formalmente que o marido... contemos o lance em latim para não offendermos a susceptibilidade do leitor:

«*Vir arrexerat sufficienter et coeundem et substantiam serosam et aquosam extra vas emmiserat, quæ non poterat dici verum semen; sed non intromiserat.*»

Coragem tinha elle, o pobre homem! O que não podia era supprir a debilidade do organismo depauperado, e por isso, apesar de todos os seus esforços, nem conquistara Troya, nem déra provas de virilidade nos despojos do combate, que haviam regado com um liquido dessorado o campo da batalha!

Não se deu ainda assim por vencido. Com uma tenacidade, verdadeiramente digna de melhor successo, offereceu-se para dar nova prova de virilidade, no pagamento do debito conjugal, lisongeando-se de sahir honrosamente d'essa prova.

O tribunal concedeu-lhe o que desejava, mas d'esta vez o parecer dos peritos foi-lhe ainda mais desfavoravel, confirmando as mesmas circumstancias que se haviam dado na segunda sessão do *Congresso.*

Eis o theor d'essa declaração dos competentes:

«*Ejus erectionem esse fugacem, nec sufficientem ad coitum, nullam autem introductionem, ejaculationem vero esse substantiæ serosæ et aquosæ, et quæ nomen seminis non meretur.*»

De mal a peior! O pobre homem era decididamente incapaz de exercer os seus directos maritaes! Vontade não lhe faltava, mas que armas tão fracas para o combate! Uma verdadeira miseria, que não podia deixar de lhe acarretar um ridiculo inextinguivel!...

Em presença da brecha inimiga, as suas armas fraquejavam, e confessavam-se vencidas, e em vez do assalto que o inimigo mostrava não receiar, e para o qual se preparava todo aguerrido, Estevam fraquejava como um verdadeiro poltrão, deixando no campo de batalha um delgado soro, que mais pareciam lagrimas de vergonha, do que o fluido vivificador, que os fortes derramam n'essas ardentes luctas, galhardamente emprehendidas e levadas a cabo, sob os auspicios beneficos da fogosa Venus!...

Foi esta terceira prova a ultima que Estevam de Bray ousou affrontar.

«Em vão o juiz o convidou a tomar a desforra, se para isso se sentisse com animo, diz a sentença, mas dentro de um praso muito curto.»

Em vão a mulher, sempre aguerrida e infatigavel, declarou que se prestaria uma outra vez ainda aos ensaios do *Congresso*.

O desventurado não quiz expôr-se a novas affrontas, e protestou energicamente contra as declarações dos peritos, aos quaes accusava de ignorancia e de má fé, indicando certos factos contradictorios, que foram appoiados com declarações de testemunhas.

N'esta conjunctura, o vigario mandou-o intimar para que se promptificasse a tomar parte n'um quarto *Congresso*, e no caso contrario, que se confessasse e reconhecesse impotente.

Estevam de Bray, em vez de se submetter a esta sentença, pretendeu que as testemunhas por elle apresentadas eram sufficientes para justificar a sua capacidade sexual, e que, por outra parte, não sendo virgem a auctora, segundo a declaração das matronas, que a havia inspeccionado, claro estava que o matrimonio se consummara convenientemente.

Não se limitou a isto a desforra do pobre homem, mais activo e energico em questões de chicana do que no pagamento do seu debito conjugal.

Foi ter com Antonio Hotman, a esse tempo um dos mais habeis advogados do parlamento de Paris, e pediu-lhe que redigisse varios *facta*, em favor da sua causa, ao que elle assentiu, compondo especialmente o *Tractado da dissolução do matrimonio por causa da impotencia ou frieza do homem ou da mulher*.

A primeira edição d'este *Tractado dogmatico* só viu a luz da publicidade em 1581, sem nome de auctor.

Deve presumir-se, porém, que a obra foi apresentada aos juizes do processo, antes da sentença definitiva do vigario de Sens, que declarou, em 18 de junho de 1590, nullo o matrimonio, e permittiu á mulher, que se tornasse a casar.»

Estevam de Bray appellou d'esta sentença para o parlamento de Paris, e sustentou todo o tempo que lhe foi possivel este intrincado processo, que terminou alfim com a confirmação da sentença da curia ecclesiastica.

Hotman, defensor do pobre marido impotente, não vacillara em clamar energicamente contra a instituição do *Congresso*, que fôra inventado, diz elle, «para moderar as queixas das mulheres, e que pelo contrario só servia para as animar e favorecer nas suas injustas e obscenas pretenções, por isso que eram ellas as proprias, logo desde a origem de um processo de impotencia, a reclamar descaradamente a prova do *Congresso*, sabendo perfeitamente todas ellas, que é este um meio infallivel de ganharem a sua causa.»

O afamado jurisconsulto accrescenta ainda:

«Devemos confessar uma cousa. Por maior confiança que um homem tenha nas suas forças, a não ser tão brutal e impudente como um cão, não póde deixar de confessar, pensando bem na sua consciencia, e completamente exempto de paixão ou de vaidade, que nunca lhe será possivel dar provas da sua capacidade para o matrimonio em presença da justiça (que todos veneram),

á vista dos peritos, cirurgiões e matronas (que se temem), e com uma mulher (que não póde deixar de se considerar como inimiga), visto que taes actos, por si proprios, requerem tranquillidade de animo, segredo e carinho.»

Antonio Hotman esperava por conseguinte que esta prova legal, tão incerta e absurda, seria posta de parte, «como contraria ás leis da natureza e á publica honestidade.»

Estevam de Bray, que se considerava mal julgado, e tinha o maior empenho em tornar favoravel a opinião publica, já que não conseguia grangear a dos juizes, convidou outro advogado, menos celebre, se bem que tão habil como Antonio Hotman, a que escrevesse tambem uma *Memoria justificativa,* na qual a instituição do *Congresso* fosse atacada com toda as armas da sciencia, da moral e do direito.

Vicente Tagereau, de Angers, sem parecer constituir-se defensor da causa irremediavelmente perdida de Estevam de Bray, reuniu os documentos e observações mais adequadas para demonstrar que o marido, accusado de impotente por sua mulher, não havia ficado de modo algum convicto do facto, em consequencia das tres sessões do *Congresso.*

Esta obra singular, cheia de pormenores obscenos, verdadeiramente digna do assumpto, foi publicada em 1611 com o titulo de *Discurso sobre a impotencia do homem e da mulher,* «no qual se declara o que seja impotencia para impedimento e dissolução do matrimonio; como essa impotencia se conhece, e o que deve observar-se nos processos de separação por essa causa, conforme os santos canones e decretaes, e tudo quanto a este respeito escreveram os theologos e os canonistas.»

O exito que obteve o sabio tractado de Vicente Tagereau, animou o auctor a ampliar o livro, na segunda edição, impressa no anno seguinte.

Este protesto isolado contra o *Congresso,* não era, porém, sufficiente para fazer abolir uma practica *mais perniciosa do que proveitosa,* como dizia Tagereau, «e que não tem outra razão de ser senão o uso estabelecido ha cincoenta ou sessenta annos a esta parte.»

Tagereau esperava em vão que esta pratica, cuja efficacia negava, «viria a acabar, ainda que não fosse senão pela sua torpeza, tão contraria ao pudor natural do homem, quer dizer, contra a natureza.»

Foi então que appareceram alguns apologistas do *Congresso.*

Estevam Pasquier, por exemplo, no seu *Factum pro Maria de Corbie contra Estevam de Bray,* não insistiu muito na questão da conveniencia do *Congresso,* apesar de ter ousado aventar esta insustentavel proposição: «que esta prova não carecia de pudor!»

Ao mesmo mesmo tempo, snstentava que o *Congresso,* em questões de averiguação de impotencia, «era a melhor prova, de que se podia lançar mão.»

Estevam Pasquier, que tractára evidentemente este assumpto com repugnancia, teve o cuidado de não assignar o seu *Factum,* que o presidente Bouhier tirou mais tarde de olvido a que o seu auctor o havia condemnado.

Outro *Factum,* que excitou mais vivamente a attenção publica, e que o seu auctor não teve escrupulo em assignar, appareceu na mesma épocha e pro-

clamou em alta voz a importancia, a utilidade e a solemnidade do *Congresso*.

Já nos referimos a este singular documento que Sebastião Rouillard, de Melun, não hesitou em apresentar mui grave e seriamente á apreciação dos jurisconsultos e canonistas.

É uma allocução que o advogado pronunciou ante os commissarios da Santa Sé, nomeados pelo papa, para decidirem em ultimo recurso um processo de impotencia, em que a mulher havia ganho a causa perante o vigario de Sens.

Um fidalgo, que tinha todos os signaes de virilidade, á excepção de um só, que os medicos nunca consideraram como indispensavel, via-se accusado de impotencia, apesar de se gabar de ter consummado o matrimonio com todas as regras.

Pedia, portanto, que sua mulher fosse visitada, e para cumulo de provas, e como a mais frequente que se costumava praticar em taes circumstancias, apresentava-se ao *Congresso*, para alli dar provas cabaes de que era capaz de *erecção, intromissão* e *ejaculação*, o que sua mulher negava.

Os juizes, indecisos entre estas duas allegações oppostas, nem haviam ordenado a *visita* nem *o Congresso*, em attenção a ter mulher declarado que qualquer d'estas provas assustava o seu pudor.

O memorial do marido foi o ponto de partida da allocução do seu advogado.

«Não se deteve em periphrases, nem em locuções encobertas, serviu-se de palavras technicas com o maior descaramento, e metteu no seu discurso alguns versos latinos muito torpes, mas cuja applicação era verdadeiramente engenhosa. Parecia não abandonar jámais o tom de compostura e de seriedade proprio de um discurso juridico, e sem embargo todo esse discurso está crivado de chistes e de citações picarescas.»

Por isso, o sabio Justo Lipsio, a quem Rouillard havia remettido um exemplar do seu *Capitulario,* não economisava elogios a tão engenhoso opusculo *(libellus venustus, lepidus)* ao passo que affirmava serem os costumes do advogado tão puros e o seu caracter tão honrado e respeitavel, que bem se lhe podia perdoar o ter compilado tantas obscenidades, para melhor defeza da causa que lhe fôra confiada.

Eis de que maneira Rouillard apreciava o *Congresso,* que o seu cliente se obstinava em exigir, como a melhor prova do seu bom direito:

«Relativamente ao *Congresso,* que a referida dama recusa, por causa do pudor:

Ah! si concubitum locus exigit, omnibus illum,
Deliciis imple, et sit procul inde pudor!

«Porque, se é certo que o duello está prohibido pelos edictos, para evitar a vingança das armas offensivas, não o deve estar, nem o está, o do homem com a mulher, quando o seu agri-doce effeito só tende a reintegral-os na paz e no amor reciproco.

«E tanto assim é, que n'este caso *bellum justum, quia necessarium,* como

dizia Tito Livio, a guerra é justa, porque é necessaria, porque sempre a necessidade tornou justo e licito, o que sem ella seria criminoso...

«Além d'isso, como elegantemente discorre Santo Agostinho, no livro XIV da sua *Cidade de Deus,* cap. 18 e seguintes, o *Congresso* nada tem em si de naturalmente deshonesto, e sómente o torna assim o peccado de nossos primeiros paes, «*et ita sic geritur quod decet ex natura, ut etiam quod pudet committitur ex pena...*»

«E, por mais que se pretenda qualificar de fallaz esta prova, segundo a opinião do citado doutor da Egreja, c. XVI, lib. XIV da *Cidade de Deus*: «*Propter penam peccati aliquando libido hiantem destituit, et cum in animo concupiscentia ferveat, friget in corpore.*»

Do que poderia deduzir-se que o appellante devia antes evitar a liça do que requerel-a com tamanha insistencia, por ser intrinsecamente absurdo e impossivel que um homem, crivado de processos e possuido ainda por cima, de justa indignação contra a mulher que o tornara a fabula da cidade e o alvo do ridiculo de toda a gente *(Heu! me per urbem nam pudet tanti mali fabula quanta fui!)* podesse ter coragem para fazer com ella aquillo que só requer um extase de amor, de goso e de alegria.

«É preciso reconhecermos, continua o advogado, que o appellante, offerecendo-se para dar a prova do *Congresso,* demonstra a firme convicção e confiança que tem na sua virilidade, e em poder pagar o debito conjugal á auctora, uma vez que se submette a essa prova.

«Considerando, por outro lado, que a mortificação e o tormento são provas mais fallazes e de menor certeza, tanto mais quanto é certo, segundo Quintiliano, que: «*Ea pars corporis interrogatur, quæ dolore animo non respondet*», e não obstante não podendo obter a verdade de outro modo, se recorre a esse meio, principalmente, porque o juiz não deve omittir cousa alguma de quanto julgue conducente ao descobrimento da verdade... o *Congresso* é a prova ordinaria e mais categorica que póde dar-se em questões de impotencia, segundo diz Luciano, no seu *Eunucho.*

«*Nec inimicum videri debet probationis genus quod solum est,* dizia Quintiliano, na sua Declaração VII.

«Assim, pelo menos, o admittiram as curias ecclesiasticas de França, e o tribunal o auctorisou em varias sentenças, especialmente na de 20 de janeiro de 1587, dada contra um que, arguido de falta de testiculos, não queria submetter-se ao *Congresso.*»

(V. *Capitulario,* em que se tracta de um homem, que tendo nascido sem testiculos apparentes, e que sem embargo possuia todos os outros signaes de virilidade, é capaz das obras do matrimonio. Edição de 1680, in-8.º, pag. 110 e seguintes.)

O *Congresso* foi, portanto, conservado na jurisprudencia canonica, e todos os parlamentos de França deram a sua sancção ás sentenças dos juizes ecclesiasticos que o ordenavam, mas os proprios magistrados que auctorisavam tão abominavel practica, não podiam deixar de fazer votos para que fosse abolida, no interesse dos costumes publicos e da honra das familias.

Em um d'esses processos sobre dissolução de matrimonio, que por desgraça eram demasiado frequentes no seculo XVII, o advogado geral, Jeronymo Bignon, não vacillou em anathematisar a odiosa prova do *Congresso*, e os esposos, cujo desaforo e pouca vergonha impellia a submetter-se a essa prova obscena.

«A depravação dos tempos que vão correndo, dizia elle trinta e sete annos antes da abolição de tão escandaloso costume (em 1640), destruiu de vez os diques da vergonha e do pudor, introduzindo estes actos infames, antigamente desconhecidos.

«Seria para desejar, continúa elle, suspirando pela antiga e louvavel severidade dos costumes judiciaes, seria para desejar que estes processos fossem abolidos, tanto os de impotencia, como os da sua prova, o *Congresso*, cuja torpeza e desvergonha é tanta, que o pudor publico não póde resistir-lhes.»

Apezar, porém, da reprovação que a alta magistratura manifestava contra uma prova legal, tão escandalosa como inutil, as curias ecclesiasticas continuavam a ordenar a sua applicação, e o *Congresso* era sempre o triste desenlace dos processos por causa de impotencia.

Foi mister para o fazer supprimir definitivamente, que a historia do marquez de Langey puzesse em evidencia a falsidade das consequencias que a jurisprudencia canonica julgava poder deduzir do resultado d'este monstruoso acto judicial.

Renato de Courdouan, marquez de Langey, na edade de vinte annos contrahira matrimonio com mademoiselle Maria de Saint-Simon, filha do marquez de Courtaumer.

A principio este enlace parecera tão ditoso, como poderia desejar-se. Os dois esposos amavam-se, ou pelo menos fingiam amar-se com todo o fogo e ardor da sua edade juvenil, e assim viveram quatro annos na melhor intelligencia.

Um dia, porém, quando bem longe se estava de o suppôr, a marqueza tendo ido passar alguns dias em companhia da sua familia, deixou suspeitar por algumas palavras imprudentemente proferidas, que o marquez de Langey, nunca exercera para com ella os doces direitos de marido.

Foi um espanto indescriptivel em toda a familia! O quê!? Pois era possivel uma desgraça assim?!... Mas então o marquez não era um marido, era um ennucho!... Pobre menina em que mãos fôra cahir!...

Uma das tias da marqueza, madame Lecocq, e seu avô materno, o senhor de Magdelaine, indignaram-se, e com razão. Um desafôro assim! diziam elles. Quem o tinha obrigado a casar, se não era um homem como os outros!

Nada! Era recorrer immediatamente ao tribunal!...

Não foi difficil convencer a desconsolada esposa da necessidade de fazer escandalo, tanto mais que havia a esse tempo entre ella e o marido uma grande desintelligencia, por causa de uma questão de interesses de familia.

A marqueza de Langey, inspirada pelos conselhos da tia e do avô, não hesitou em apresentar uma accusação de impotencia contra seu marido.

O processo foi levado ante o tenente civil do Châtelet, visto que, perten-

cendo ambas as partes á religião reformada, não podiam recorrer aos tribunaes ecclesiasticos.

O marquez recebeu com muito maior assombro do que colera a intimação que o apresentava como impotente.

Corre a Paris, procura, ainda que em vão, ter uma entrevista com sua mulher, afim de entrar em explicações com ella.

Madame Lecocq vigiava, porém, como um Argus, a sobrinha, que tinha em casa, e cuja conducta dirigiu constantemente durante este processo torpe.

Langey vae fallar com um ministro protestante, chamado Gasches, e pede-lhe que se dirija em seu nome a casa da marqueza para lhe offerecer *o Congresso em particular,* isto é, fóra das fórmas legaes e unicamente á vista dos parentes.

A proposta do pobre do marido é regeitada *in limine* pela tia astuta, e o tenente civil, peitado por ella, ordena que as duas partes, auctora e reu, sejam visitadas na sua presença.

(V. *Historietas* de Tallemant des Reaux, edição in-12, t. x, pag. 193 e seguintes.)

Ordinariamente só eram nomeados quatro peritos para *visitas* d'esta ordem. Madame Lecocq, porém, que não deixava passar peixe pela malha, e attendia com uma perspicacia e actividade notaveis a todas as particularidades do processo, oppôz varias difficuldades a respeito dos peritos, e pediu que o seu numero se elevasse a doze, como succedera no processo de mademoiselle de Sombise contra o barão de Pont, em 1570.

Para esse fim apresentou ao tribunal um requerimento, que continha a informação da *visita* d'aquella dama, para se validar o pedido feito por ella em nome de sua sobrinha.

«Nomear apenas quatro peritos, dois por cada nma das partes, dizia ella, é querer que elles possam facilmente ser subornados. Nós não acceitamos menos de doze, e o tribunal nomeará alguns *ex-officio.*»

O requerimento da marqueza de Langey foi immediatamente deferido.

Concederam-se os doze peritos, escolhidos entre medicos, cirurgiões e matronas, e além d'elles foram ainda nomeados *ex-officio* outros tres.

Por conseguinte, os dois esposos tiveram de camparecer perante estes quinze peritos, assim como perante dez ou doze pessoas mais, a saber juizes, procuradores, advogados e dois ministros protestantes.

«Chegado o dia de tão terrivel prova, diz Tallemant des Reaux, havia muitas regateiras do mercado, muitas visinhas ociosas e linguareiras, á porta da intendencia de policia, as quaes disseram ao vêr Langey, que era um bello moço, de figura muito agradavel:

—«Bonito rapaz! Quem me déra um marido assim!

«Em quanto a ella (á marqueza) encheram-na de injurias:

—«Descarada! Não lhe chega o que o marido tem!

«A *visita* foi-lhe muito desfavoravel, *porque não a encontraram inteira.*

«Renevilliers Galand, conselheiro a esse tempo do Châtelet, dizia:

—«Ora essa! Póde lá alguem suppôr que durante estes quatro annos

Langey não fizesse alguma cousa á mulher, ainda que não fosse senão com os dedos!

A marqueza foi inspeccionadaa, apalpada, mirada por todos os lados, e por muito tempo, porque a *visita* durou umas duas horas.

«Foi tal a indignação que se apoderou do bello sexo, por causa d'este desaforo, que desde aquelle momento até ao dia do *Congresso,* todas as mulheres tomaram o partido de Langey.

«Demais a mais, o marquez nada dizia contra sua mulher.»

Até aqui as palavras de Tallemant des Reaux.

O pobre Langey não perdia a confiança. Pensava que um processo tão ridiculo cahiria por si proprio, e que mais dia menos dia, sua mulher viria ter com elle, reconhecendo a injustiça do seu procedimento.

Todavia censurava-se amargamente de ter contrahido, pouco tempo antes, uma enfermidade galante, cujo tractamento energico em de masia talvez tivesse prejudicado algum tanto a sua potencia.

Mas a marqueza de Langey, a quem os resultados da *visita* tinham feito julgar uma descarada impostora, teve a ousadia de sustentar, com o maior descaramento, que a ausencia da sua virgindade, provava apenas as tentativas brutaes e libertinas de um impotente, que pretendia enganar-se a si proprio.

Langey tivera paciencia até esta declaração de sua esposa. Cego pela colera e pelo despeito, a fim de pòr cobro a tão injuriosas recriminações, pediu a prova do *Congresso.*

A dama, porém, temia o exito da referida prova, e por isso recusou-se a principio, e recorreu a todas as delongas e tergiversações possiveis e imaginaveis, para evitar a sua execução.

Por ultimo, ao cabo de dois annos de debates e de formalidades judiciaes, o *Congresso* foi ordenado por sentença do parlamento.

Durante estes dois annos de chicana, «Paris inteira não fallava de outra cousa», diz Tallemant des Reaux.

O marquez de Langey havia sido baptisado com a alcunha de *marquez do Congresso,* e todo o mundo tinha desejos de o conhecer.

Em logar de viver retirado, apresentava-se em toda parte, fallava do seu caso, e dizia a quem queria ouvil-o que o dia do *Congresso* seria o dia da sua victoria.

Toda a gente se divertia com as suas fanfarronadas e impertinencias.

Começou a namorar varias damas casadas e solteiras, mas nunca passou para com ellas, além dos limites mais strictos do puro galanteio.

Emquanto a marqueza, sua tia, Madame Lecocq, levava-a toda a parte com incrivel impudencia, ensinando-a a não corar, fosse em presença de quem fosse, da sua indecente posição.

A declaração dos peritos era o thema das murmurações da còrte e da cidade.

«As mulheres, diz Tallemant de Reaux, habituaram-se insensivelmente a esta palavra *Congresso,* dizendo a este respeito mil obscenidades em todas as reuniões.

Além d'esta comitiva enchia a casa um numero consideravel de pessoas, homens da lei e parentes das duas partes litigantes.

Emquanto durou a sessão, a porta esteve sempre sitiada por curiosos, e foi mister recorrer a uma companhia de arcabuzeiros para manter a ordem n'aquella multidão, ávida de escandalo.

A marqueza de Langey não estava de modo algum perturbada, ao dirigir-se ao *Congresso*.

—Nada receie, minha querida tia, dissera ella a madame Lecocq. Hei de sahir victoriosa! Eu bem sei o que tenho a fazer!...

O marquez tomára todas as precauções possiveis para não naufragar n'aquella prova decisiva.

Pedira ao tribunal que regulasse as menores circumstancias do acto, chegando até a exigir que sua mulher fosse banhada previamente para destruir o effeito dos adstringentes, e que se apresentasse de cabellos soltos, para que não podesse occultar algum talisman ou amuletto no penteado.

A todas estas requisições assentiram da melhor vontade os juizes, ficando o marquez muito satisfeito, porque suspeitava que sua mulher se valia de artes magicas contra elle e que empregava sortilegios.

Passaram, pois, todos os tramites methodicamente, e o reu, mostrando-se inflexivel no que dizia respeito ás fórmas que se deviam observar, apresentava um exterior altivo e arrogante.

Ouçamos Tallemant, que se informára circumstanciadamente d'esta odysséa do pobre marido:

«Quando se dirigiu para o leito, disse:

—«Tragam-me dois ovos frescos, porque quero fazer-lhe um rapaz logo da primeira investida.

«Não teve, porém, a menor emoção onde mais precisava d'ella, e suava tanto que lhe foi mister mudar duas vezes de camisa.

«As substancias aphrodisiacas que tinha ingerido aqueciam-lhe todo o sangue.

«Cheio de raiva, pela sua impotencia, começou a rezar.

—«Não veio aqui para rezar! disse-lhe sua mulher, de mau humor.

«E começou a deitar-lhe em rosto a dureza com que a havia tractado, por isso que bem sabia elle que era incapaz de exercer os seu direitos viris.

«O mais chistoso do caso, é que entre as matronas havia uma velha de oitenta annos, a senhora Pezat, nomeada ex-officio, que fez mil loucuras.

«Ia de vez em quando vêr em que estado se encontrava Langey e vinha dizer aos peritos:

—«É uma lastima! *Il ne nature point!*...

«A palavra *nature* é aqui o presente do indicativo do verbo *naturer*, significando: «não cumpre como a natureza ordena, não dá provas de vigor, está murcho e bisonho, etc. etc.

«Por fim, passada a hora, fizeram-no saltar da cama.

—«Estou arruinado! exclamou elle, levantando-se. Estou deshonrado!

«Os seus amigos e parentes não ousavam levantar os olhos do chão, e a maior parte d'elles safaram-se á formiga.»

No dia seguinte e nos immediatos, não se fallou n'outra cousa senão no *Congresso.*

«Nunca se disseram tantas obscenidades, nem mesmo em terça-feira gorda!» accrescenta Tallemant, que, diga-se de passagem, não peccava por escrupuloso no que respeita a ditos picarescos.

As mulheres que tinham tomado o partido de Langey estavam desconsoladas! Uma vergonha assim! E ninguem o havia de dizer! Um homem que parecia tão forte, tão bem constituido, tão senhor de si!...

—«É um fracalhão! concluiam ellas com desprezo. Nem merece que se torne a olhar para elle!»

De uma parte trocavam-se parabens enthusiasticos, da outra pezames sentidos.

A' porta da senhora Leccoq era uma procissão. A tia recebia em nome de sua sobrinha todas as visitas e todas as felicitações.

—«Peço-lhes o obsequio de desculparem minha sobrinha, dizia ella ás pessoas que desejavam vêr a heroina. A pobre menina está tão fatigada, que não póde sahir do leito!

—«Se lhe parece! concordavam as visitas. Uma massada assim, como aquelle poltrão lhe deu!...»

O marquez de Langey occultou-se durante os primeiros dias, sem que ninguem lhe podesse pôr a vista em cima. Estava vexado o pobre homem, que tanto alardeára e que tão má figura fizéra!

Pouco depois recuperou o sangue-frio, e começou a mostrar-se por toda a parte, indo a todas as reuniões.

Contava a seu modo os peripecias do *Congresso,* dizendo que nunca lhe succedera uma cousa assim. Fora enfeitiçado, não lhe restava a menor duvida a este respeito. Se soubessem como elle tinha sido sempre forte nos jogos do amor!...

Ninguem acreditava na parlapatice do pobre marquez. Passara de ha muito a épocha em que se dava credito á superstição do *nó da agulheta,* e outros feitiços que produziam a impotencia.

O marquez era apontado a dedo, e todos o tractavam com o maior desprezo. Crivavam-no de epigrammas, de chufas, de troças. Elle, porém, fazia-se desentendido, mesmo quando lhe cantavam aos ouvidos esta copla, que por esse tempo teve uma voga extraordinaria:

Monsieur Daillé, ouvrez-moi votre porte!
Je n'en puis plus, la douleur me transporte;
Je suis Langey qui viens faire retraite,
Je suis Langey qui reviens du «Congrès».

«Senhor Daillé (era um ministro protestante), senhor Daillé abra-me a porta! Não posso mais, estou transportado de dor. Sou Langey, que vem em demanda da solidão, Langey, que volta do *Congresso.*»

O desventurado marquez não sabia explicar o seu desastre, elle que tinha a consciencia de haver tantas vezes sahido victorioso d'aquelles assaltos.

O parlamento não quiz admittir a influencia da magia no insuccesso do pobre homem, e por sentença de 8 de fevereiro de 1659 declarou nullo o matrimonio, obrigando ainda por cima Langey a restituir o dote e inhibindo-o de tornar a casar, emquanto que auctorisava sua mulher a contrahir novo enlace immediatamente.

A senhora de Langey voltou portanto a ser novamente mademoiselle de Saint-Simon, e só permaneceu em Paris dois mezes depois da data da sentença que lhe restituia a liberdade.

Partiu em seguida para a Normandia, seu paiz natal, onde casou com um rapaz de boa familia, mas sem fortuna, Pedro de Caumont, marquez de Boesse.

D'este casamento nasceram tres filhas.

O marquez de Langey, deshonrado e arruinado pelo seu processo, deixou a capital e dirigiu-se tambem para os seus dominios, onde viveu obscuro e ignorado durante um anno.

Quando menos se esperava, appareceu novamente em Paris com o nome de marquez de Teligny, que tomara por morte de sua tia, uma velha celibataria, que legou ao sobrinho uma fortuna consideravel.

Apenas chegou, requereu logo ao tribunal a annullação da parte da sentença que se referia á privação do direito de se casar.

O Chanceller, porém, ao ler o requerimento, encolheu desdenhosamente os hombros, e disse em alta voz:

— «O quê! Já arranjou o que lhe faltava?!...

Langey voltou á carga, e a poder de dinheiro, de supplicas e de protecções, conseguiu fazer riscar da sentença a clausula que o impedia de contrahir segundas nupcias.

Conseguido o que pretendia, apressou-se logo a casar com uma joven de trinta annos, Diana de Montant de Navailles, á qual não assustava, ao que parecia, a perspectiva de uma união fria e esteril.

A referida senhora não esperava encontrar positivamente o que se chama um marido, ao casar com Langey...

Mas qual não foi a sua surpresa, ao vêr-se gravida!

Nove mezes depois do casamento, dava á luz um filho, um rapaz robusto, por tal signal.

—«Fossem lá fiar-se nas decisões do *Congresso!*» dizia a feliz esposa muito admirada.

«O marido apressou-se a proclamar o seu triumpho por todas as provincias e mesmo em Paris, escrevia Tellemant des Reaux, logo que a marqueza de Teligny se encontrou gravida pela segunda vez.

«Muita gente duvidou que o fructo d'aquelle ventre fosse do marquez. Não sei. Ou esta hypothese é falsa, ou o pae da criança teve muito mau gosto, porque a dama é magra, velha e preta.»

No anno seguinte, Tellemant tornou a ver Langey no templo de Cha-

renton, onde o feliz esposo fazia baptizar o seu segundo filho, «porque já tem um filho e uma filha, dizia Tellemant.»

«Nunca vi, accrescenta elle, ninguem mais satisfeito com o seu triumpho. Por outro lado, diz-se tambem que a primeira mulher do marquez já pariu. Ninguem põe bocca ha tempo a esta parte na segunda, que nada tem de bonita.

«Em summa, o tempo acclarará todos os mysterios. Ainda espero vêr o marquez qualquer dia apparecer no tribunal com um requerimento para que as auctoridades prohibam o dar-se aos impotentes o nome de Langey, que já anda em proverbio.»

A opinião publica, tomada de assombro em presença d'estas provas tão verdadeiras como inesperadas, começava a metter a ridiculo o *Congresso*, que havia recebido um tão solemne desmentido.

Langey, pela sua parte, parecia empenhado em fornecer cada vez mais numerosas provas da inutilidade do acto judicial, de que fôra victima. Longe de parar no novo caminho em que o segundo matrimonio o havia feito entrar, chegou a ter sete filhos, protestos vivos e eloquentes contra uma sentença, que já não era possivel deixar no olvido!

O parlamento, commovido por tamanho escandalo, não sabia que fizesse e nem se atrevia a revêr o processo.

A separação do marquez de Langey e de mademoiselle de Saint-Simon fôra seguida de varios processos entre as duas partes litigantes, relativos á divisão dos bens do casal.

Estes processos estavam ainda longe de terminar, quando a marqueza de Boesse morreu em 1670, deixando um testamento em que se julgou vêr a revelação de um segredo que ella levava comsigo para o tumulo, por isso que dispunha terminantemente que se désse por finda a demanda, ainda pendente entre ella e o marquez de Langey.

O seu advogado Maître Caillard, a quem a marqueza declarára a sua vontade a respeito do assumpto, fôra encarregado de regular a transacção, mas não fez cousa alguma, e deixou de cumprir os desejos da sua cliente.

A morte d'este advogado reavivou o processo que a marqueza de Boesse quizera terminar, e o parlamento, que de nenhum modo podia annullar a sua primeira sentença, o que fôra uma macula indelevel para a justiça, procurou adoçar o rigor d'ella por meio de varias concessões pecuniarias em favor do marquez de Langey.

Este procedimento foi motivado nas ordens que a marqueza de Boesse havia dado quando ia morrer, ao seu advogado, ordens que punham em evidencia «o ter ella illudido a justiça, quando conseguira em 1659 fazer annullar o seu matrimonio.»

A mesma resolução do parlamento serviu de base ao ministerio publico para pedir a abolição da prova inutil e infame do *Congresso* nos processos por impotencia, e o tribunal superior, fundando-se nos considerandos do procurador geral, promulgou uma sentença com data de 18 de fevereiro de 1677, prohibindo a todos os juizes e até aos das curias ecclesiasticas ordenarem d'ahi para o futuro nas causas de matrimonio a prova do *Congresso*.

Se é certo que o *Congresso* ficou abolido por aquella sentença memoravel, nem por isso o foram ainda os processos por causa de impotencia.

Continuaram a seguir os antigos tramites na fórma ordinaria perante os tribunaes ecclesiasticos e os parlamentos, dando origem a varios escandalos, particularmente ante os juizes da curia.

«Não foi pequeno o meu espanto, escrevia o poeta Boursault ao Bispo de Langres, ao vêr a miudo que vossas grandezas, os prelados nossos senhores, toleravam que os juizes da curia fossem presbyteros, e que nos nossos tribunaes não se pleiteie á porta fechada, por causa das sandices que alli se ouvem e que são na maior parte dos casos verdadeiras obscenidades.

«Eu nunca tive curiosidade de assistir, mas tenho ouvido fallar d'isto a varias pessoas, e o que me disseram pareceu-me tão livre, que, segundo todas as probabilidades, d'esses tribunaes foi de ha muito banido o pudor.»

(V. *Nouvelles lettres de Boursault,* edição de Hollanda, p. 75.)

O *Congresso* fôra supprimido, mas continuavam as *visitas,* que muitas vezes não ficavam atraz em indecencia áquella prova abolida por abominavel.

As *visitas* dos peritos e as informações a que ellas davam logar formavam sempre o episodio principal de um processo sobre impotencia, e a honestidade publica que ia arraigando cada vez mais os seus direitos em meio da corrupção dos costumes, indignava-se, ainda que em vão, de tão vergonhosos processos.

A' honestidade publica, ainda timida e indecisa, se deve a inspiração que moveu o austero Boileau a formular um protesto poetico contra os odiosos processos, que deviam sobreviver á abolição do Congresso :

Jamais la biche en rut n'a, pour fait d'impuissance,
Trainé du fond des bois un cerf à l'audience,
Et jamais juge, entre eux, ordonnant le Congrès,
De ce burlesque mot n'a sali ses arrêts.

«Apesar do cio, a corça veloz nunca arrastou do fundo dos bosques o seu veado á audiencia, e nunca juiz algum, ordenando entre elles o *Congresso,* manchou a sua sentença com esta ridicula palavra.»

Desde a sentença de 1667, nunca mais tornou a ser ordenado o *Congresso* em França. Mas as *visitas* simultaneas ou successivas do homem e da mulher continuaram a ser requeridas e concedidas por todos os tribunaes ecclesiasticos e civis.

Robert, na sua *Recopilação de jurisprudencia,* dedicada ao primeiro presidente, o veneravel Achilles Harlay, apresenta-nos um quadro d'estas *visitas,* quadro cuja torpeza pretende encobrir com o tenue veu da lingua latina.

Este quadro, verdadeiramente incrivel, merece ser intercalado aqui, em guisa de testemunho authentico da prostituição que presidia áquelles actos de justiça, desnaturando o seu fim.

Vê-se na descripção de Robert que os juizes e os peritos esqueciam ás vezes a gravidade do seu cargo, e convertiam uma averiguação legal e scientifica n'uma scena de libertinagem.

Segue-se a descripção latina do erudito jurisconsulto.

«*Vultis ad perpetuam rei detestationem, quam a foro et judiciis explodi convenit, visitationem (speculum odio publico dignum) verbis representari?*

«*Parcite, pudicæ aures, si quid in re obscena labatur verecundi sermonis modestia.*

«*Puella resupina jacet, cruribus hinc inde distentis. Prostant pudendæ corporis partes, quas natura ad delicias generis humani velavit.*

«*Has et matronæ (quæ obstetrices anus sunt) et medici inspiciunt, pertractant, diducunt.*

«*Magistratus, vulto composito, risum dissimulant. Matronæ presentes venerem dudum oblitam refricant.*

«*Medici, pro ætatis discrimine, hoc vires pristina reminiscitur, ille animo estuante inani ludricri spectaculo pascitur.*

«*Chirurgus, aut ferramento fabrefacto (id speculum matricis vocari solet), aut cereo et fictitio priapo aditus venereos tentat, aperit, reserat.*

«*Puella jacens titilatione vesana prurit: ut etiam si visitari cœperit, inde tamen non incorrupta recedat.*»

(*Roberti Rerum judicatorum, libri* IV, cap. 10.)

Não podemos explicar como os dois antigos traductores, C. M. de R. e J. Tournet, do livro de Robert, tantas vezes reimpresso em latim, tiveram coragem de verter para o idioma francez estas obscenidades judiciarias.

Pela nossa parte, limitar-nos-hemos a traduzir a bella phrase que termina a transcripção latina, e que o pudor do auctor não lhe permitte completar:

«É impossivel que uma mulher que se tenha apresentado virgem n'esta visita, sáia d'alli pura e inteira.»

A mesma ideia e quasi com as mesmas palavras havia apresentado Tagereau, ao condemnar a *visita* da mulher como deshonesta, incerta, e perigosa.

«Na mão das pessoas que lhe fazem esta *visita,* diz elle, está o deixal-a ou virgem ou corrompida.»

A *visita* da mulher, ainda que approvada em determinados casos e considerada pelos Padres da Egreja de grande utilidade para decidir se o matrimonio havia ou não sido consummado, era, devemos confessal-o, uma prostituição bem repugnante e bem irrecusavel.

Por este mesmo motivo, os juizes apenas a ordenavam com muita repugnancia, e uma mulher, mesmo que pequeno fosse o respeito que por si propria tivesse, renunciava ás vezes a ganhar a sua causa, para não ter de se submetter a este sacrificio do seu pudor.

Tagereau diz a este respeito:

«Aquella que se queixa da impotencia de seu marido e consente, para obter a separação, que varios homens a descubram, a vejam á vontade e lhe apalpem as partes que a natureza manda trazer occultas, merece a nota de impudente e sem vergonha.

Triste era, portanto, a opinião em que se tinham as mulheres que se prestavam á visita ou a acceitavam sem grande difficuldade.

Os juizes concluiam ordinariamente que essas mulheres já não eram tão innocentes como queriam mostrar, e os peritos, para corroborar esta suspeita, averiguavam maitas vezes que a virgindade, que ellas tanta pressa tinham de mostrar, era sómente devida a meios ficticios e a remedios empiricos.

E' certo que os signaes de virgindade não estavam menos sujeitos a erro que os de virilidade nos homens.

Pódem consultar-se a este respeito as obras de Tagereau, de Antonio Hotman, de Rouillard, do presidente Bouhier e o curiosissimo *Tractado* de Filippe Hecquet: *S'il eût des signes certains qui assurent de la puissance des hommes, autant que le sont ceux qui répondent de la sagesse des filles.* (1741.)

No emtanto, apesar da incerteza da *visita* feita pelos medicos e matronas, a jurisprudencia ecclesiastica dava como certa esta prova, que os mais doutos jurisconsultos consideravam illusoria:

«*An sit virgo,* disse o abalisado Cujas, *est in difficili ac penè impossibili, nec hujus rei usquam legitur obstetricibus delatum arbitrum.* (*Observ.* livro XVIII, cap. XXVII.)

Nada mais frequente do que esta *visita* na Edade Media, até fóra dos processos de nullidade de matrimonio por causa de impotencia.

O chronista Froissart, por occasião dos esponsaes de Isabel de Baviera com o rei Carlos VI, diz positivamente:

«E' costume em França, que qualquer dama, ainda que seja filha do mais alto senhor, haja de ser visitada núa por outras damas, a fim de se saber se está bem organisada e se está apta para conceber filhos.»

Quando Joanna d'Arc chegou de Domrémy á côrte de Carlos VIII, annunciando a sua divina missão, e sustentado que era virgem, o rei ordenou que fosse *visitada* por matronas, as quaes com effeito proclamaram a sua virgindade.

Estas matronas, ou parteiras, na epocha em que o seu ministerio era sem cessar invocado, não só pela justiça mas tambem pelas familias, haviam adquirido uma alta reputação de sciencia e de probidade, fundada n'uma larga practica d'esta especie de magistratura secreta, cujos dictames, se não sempre infalliveis, eram pelo menos sempre respeitados.

A historia subministrar-nos-hia em caso de necessidade muitos exemplos notaveis das mencionadas *visitas,* ordenadas e auctorisadas pelos tribunaes, e executadas solemnemente por matronas e por cirurgiões ajuramentados.

O mais notavel d'este exemplos refere-se ás primeiras origens do protestantismo e dá-nos uma prova notavel das atrozes calumnias de que era alvo esta seita da parte dos catholicos, que a accusavam de corromper os costumes e de prestar culto á prostituição.

Os huguenottes celebraram muitas assembleias em Paris, em 1560, e os seus inimigos espalharam mil boatos ridiculos e abominaveis sobre as ditas assembleias nocturnas.

O presidente de Saint-André recebeu ordem da rainha-mãe para abrir uma devassa e para procurar e punir severamente os auctores de tão grande escandalo.

Duas testemuuhas vieram affirmar que tinham assistido a uma assembleia

da Quinta-feira Santa, composta de um grande numero de homens, mulheres e raparigas, e que se reunia á meia-noite.

«Depois de haverem prégado, diziam algumas testemunhas, e depois de terem comido carne de porco em vez de cordeiro pascal, apagada a lampada, cada homem se arranjou com sua mulher.»

Affirmaram terem reconhecido varias das mulheres que alli havia, entre outras a mulher de um advogado, que nomearam, e a qual se fazia acompanhar de suas duas filhas, bellas raparigas, que a propria mãe prostituia ao primeiro que chegava.

Uma d'estas falsas testemunhas chegou a declarar que possuira por mais de uma vez uma d'essas raparigas.

Estes depoimentos atrozes foram communicados a Catharina de Médicis, que ordenou a continuação das averiguações judiciaes.

A mulher do advogado, porém, apenas lhe chegou aos ouvidos a incrivel accusação que pesava sobre ella e a deshonrava, assim como a suas filhas, deu-se á prisão juntamente com ellas no Châtelet, e pediu que a sua pureza e integridade fossem attestadas por peritos e matronas.

«O tribunal, diz Theodoro de Bézé, que conta este facto, mandou visitar as raparigas por varios cirurgiões e parteiras, repetidas vezes.

«Mas nem um só dos *visitadores*, á excepção de uma velha comadre, deixou de as encontrar inteiras, e mesmo a velha não se atrevia a assegurar com plena convicção que *ellas estivessem corrompidas por obra de varão*, e acabou por lhes pedir perdão, depois que foram postas em liberdade, declarando como e por quem havia sido subornada.

«A *visita*, portanto, apesar de humilhante e vexatoria, serviu n'este caso para restituir a honra e o credito áquellas duas jovens, a quem a calumnia ousára manchar.»

(V. o livro III da *Historia das egrejas reformadas*, no reino de França· Ambères, 1580, 3 vol. in-8.°)

A *visita*, apesar de não ser infallivel para testificar a virgindade de uma joven nubil ou de uma mulher casada, foi o unico meio de averiguar o facto de impotencia, depois da abolição do *Congresso*.

Os tribunaes ordenavam á falta de outra prova esta visita, mas só se serviam d'ella como de um indicio. Os peritos não se mostravam tambem menos reservados nas suas conclusões, quando tractavam de averiguar dos factos por esta prova.

Assim nol-o demonstram as differentes informações que apparecem no processo do marquez de Gesvres, uma das ultimas causas d'esta especie que vexaram o pudor da França.

(V. a *Recopilação geral dos documentos contidos no processo do senhor marquez de Gesvres e de mademoiselle de Mascrany, sua esposa*. (Rotterdam, Reiners Leers, 1713, 2 vol. in-12.)

Julgamos conveniente citar aqui textualmente duas declarações dos peritos, como um curioso modelo da *visita* nos processos de nullidade de matrimonio:

AUTO DE «VISITA»

«Vernage e Litré, medicos, Lombard e Delon, cirurgiões, encarregados da *visita* na causa de mademoiselle Maria Luiza Bouchères, auctora no processo de nullidade de matrimonio por motivo de impotencia, contra seu marido Antonio Le Bret, tendo procedido a essa visita na pessoa do referido accusado, declaram o seguinte:

«O freio do prepucio é mais curto do que deve ser para deixar a glande em liberdade de se affastar completamente por occasião da erecção.

«Em segundo logar, o corpo do testiculo esquerdo é muito pequeno, separado do epidydimo, e as veias spermaticas cheias de varizes.

«Em terceiro logar, o testiculo direito não tem a grossura normal, está um pouco decahido e tem tambem as veias spermaticas cheias de varizes.

«Por todas estas razões, julgamos que as partes naturaes do referido senhor Le Bret não têem toda a disposição necessaria para bem desempenhar a funcção a que são destinadas.

«Em todo o caso, não nos atrevemos a dizer que seja impotente, sem havermos previamente *visitado* a referida Bouchères.

«Feito em Paris, a 11 de junho de 1703. Está assignado pelos peritos.»

Como se vê, os peritos não ousavam pronunciar-se de um modo cathegorico, apesar da *visita* feita ao marido accusado de impotencia, e pediam a visita da mulher para darem o seu *veredictum, visita* que foi ordenada pelo tribunal, apesar d'esta especie de prova causar então tanta repugnancia aos juizes como ás partes.

Realisada a *visita* á esposa, auctora do processo, eis o que os peritos declararam:

«Tendo sido visitada, a 22 de junho de 1703, a citada Bouchères, os peritos e duas parteiras declaram o seguinte:

«Nas partes naturaes da referida dama não ha vicio algum de conformação.

«A membrana circular e as carunculas myrtiformes collocadas á entrada da vagina eram brandas, ducteis e flexiveis na sua totalidade, e pareciam não ter soffrido a minima violencia ou esforço, e a cavidade vaginal estava livre e sem o menor obstaculo.

«Pelo que, são os peritos e as matronas de parecer que a mulher não é impotente, e que nunca soffreu a menor intromissão, por conseguinte que é virgem, e que, se o matrimonio não foi consummado, a culpa é toda do senhor Le Bret, seu marido, por causa da sua grande debilidade e da má conformação das suas partes naturaes. O que juram e assignam, etc., etc.»

(V. *Recopilação geral de documentos, etc., etc.*, t. 2.°, p. 149.)

De resto, rarissimas vezes se considerava necessaria a *visita* da mulher. Ordenava-se apenas em casos reservados, e ainda assim, se a mulher se oppunha a ella, por motivos de pudor, ninguem a obrigava já, como n'outros tempos.

Na maioria dos processos por nullidade de matrimonio, bastava a *visita*

do homem, e a curia ecclesiastica pronunciava, as mais das vezes, a sua sentença em conformidade com os resultados d'essa visita.

Assim, pois, tornando-se cada vez mais difficil e cheia de inconvenientes a dissolução do matrimonio, por motivo de impotencia, os esposos descontentes da sua união abstinham-se de intentar um processo, cujos resultados podiam talvez tornar-se em desdouro e vergonha propria.

Quando os peritos declaravam, depois da *visita* do marido, que o consideravam apto para o matrimonio, e que não lhe tinham encontrado nenhum vicio de conformação, ainda que as apparencias não indicassem um temperamento energico, o vigario recusava á mulher o seu pedido de separação e condemnava-a a tornar a viver com o marido.

(V. a citada *Recopilação geral de documentos, etc., etc.*, p. 146 e seg.)

Era um progresso notavel, se não nos principios da jurisprudencia canonica, pelo menos na sua applicação.

As curias haviam obedecido aos sensatos conselhos do parlamento, o qual, sem pretender intrometter-se na jurisdicção ecclesiastica, havia contribuido, com a sua influencia moral, para modificar o procedimento dos tribunaes ecclesiasticos.

Quanto aos processos de impotencia, que se renovavam, ainda que só de tempos a tempos, apesar da reprovação geral que excitavam, necessario era baseal-os nos canones dos concilios, nas decretaes dos papas e na auctoridade dos padres e theologos.

O famoso capitulo *De frigidis et maleficiatis*, com os seus annexos e commentarios, era sempre o ponto de partida da causa, e os advogados que se viam obrigados a tractar d'este delicado assumpto nas suas informações, não podiam na maior parte das vezes deixar de cahir na obscenidade.

Assim, o processo intentado por mademoiselle de Mascranny contra o marquez de Gesvres, seu marido, em 1712, acabou de cobrir de opprobio e de ridiculo estas accusações de impotencia, que haviam imperado durante tanto tempo, sem deshonrarem as mulheres, assaz descaradas para recorrerem a tão vergonhoso meio de divorcio.

Este celebre processo, que accumulou nas memorias e informações dos advogados quantas torpezas podia proporcionar o assumpto, apresentou peripecias realmente curiosas.

A principio, a marqueza de Gesvres oppunha-se á *visita* da sua pessoa, e depois offerecia-se para ella, chegando até a reclamal-a com instancia, quando seu marido se oppoz, recusando por sua vez submetter-se a uma nova *visita*.

«Occulte quanto quizer a prova da sua torpeza, dizia Maître Begon, advogado da marqueza de Gesvres, isso não me impedirá de patentear, de mostrar o seu estado, e tanto mais que bastará esta prova para a sua confusão. Senhores, continuou o advogado, dirigindo-se ao tribunal em nome da sua cliente, rogo-vos que fixeis a vossa esclarecida attenção n'este ponto principalmente, e não o percaes um momento de vista: O marido oppõe-se, e a mulher offerece-se á prova!

«Estes dois argumentos devem de andar sempre juntos, porque têem entre si a mesma relação que dois effeitos resultantes da mesma causa.

«Porque se oppõe á prova o marido?

«Porque se reconhece impotente.

«Porque se promptifica a mulher a dar a mesma prova?

«Porque se conhece a si propria, e sabe que está virgem, porque seu marido é impotente!»

(V. a citada *Recopilação.*)

Este escandaloso processo, que a indiscrição dos advogados mais escandaloso tornou ainda, fez deplorar a alguns magistrados eminentes o estar abolido o *Congresso,* porque este, ao menos, impedia ou simplicava os debates oratorios.

O presidente Bouhier redigiu mais tarde, sob a impressão que havia causado este processo, o seu famoso *Tractado da dissolução do matrimonio por motivo de impotencia,* (Luxemburgo, 1755, in-8.º), precedido de um prefacio em que se esforça por justificar as mulheres que se vêem obrigadas a intentar esta acção contra varias preoccupações que se lhes oppõem.

O referido presidente teve a coragem de pedir que se tornasse a estabelecer o *Congresso,* como ultimo meio de justificação para o marido.

Empregou todas as armas da sciencia e da dialectica para demonstrar que este processo, indispensavel na sua opinião, em certas occasiões, não era tão vergonhoso como se suppunha.

«Bem para lamentar é, na verdade, diz elle, que o regulamento que aboliu o *Congresso,* subsista desde tanto tempo, sem que ninguem tenha ousado prevêr-lhe as consequencias.

«Pelo contrario, até o publico se apressou a applaudil-o. Criticos, oradores, poetas e até jurisconsultos parecem combinados para cobrir de elogios essa disposição.

«Os juizes ecclesiasticos, mais interessados que outros quaesquer em queixar-se, consideraram talvez como vergonhoso fallar em favor do *Congresso,* contentando-se em gemer em silencio os apuros em que os colloca muitas vezes a prohibição d'este genero de prova, e a oppressão que por este motivo soffreram varios maridos; e nenhum d'elles teve coragem para fazer ouvir as suas queixas...

«Nenhum respeito humano póde impedir-me de defender uma verdade, que tanto interessa á religião e á justiça.

«Se combato uma decisão juridica, deve attender-se a que o faço para justificar uma infinidade de outras anteriores, não menos respeitaveis que a de 1677, as quaes todas haviam auctorisado o uso do *Congresso.*»

Este livro scientifico e curioso foi acolhido com uma surpreza, que o nome do auctor não podia deixar de fazer subir de ponto.

Ninguem se atreveu a elogiar, nem sequer a desculpar a audacia do famoso apologista do *Congresso;* apenas João Baptista Framageot, professor de direito em Dijon, entabolou uma violenta polemica contra o presidente Bouhier, accusando-o de haver defendido, com toda a má fé e impudencia, um paradoxo absurdo, obsceno e escandaloso.

«Parece incrivel, diz Framageot, na sua consulta sobre o *Tractado da dissolução do matrimonio,* que appareça em nossos dias em livro, seguindo exactamente as pisadas de Erostrato, o qual, para adquirir fama eterna, incendiou o templo de Epheso, apezar da religião e dos votos da Asia inteira!»

«A apologia do *Congreso* afigurou-se ao seu auctor assumpto de alta magnitude.

«Que o universo inteiro fulmine os seus anathemas contra o *Congresso!* Que todos os tribunaes, magistrados, theologos, canonistas, jurisconsultos, casuistas, poetas, criticos, oradores e juizes ecclesiasticos, pelo menos em França, applaudam a extincção de tal monstruosidade! Isto é um manjar exquisito para o auctor. *Magna petit Phaeton:* Eu combato, diz elle, prevenções geraes.»

Esta questão encarniçada entre dois habeis doutores em direito canonico, não trouxe mudança alguma na jurisprudencia do parlamento e das curias ecclesiasticas, e o *Congresso,* não tornou a apparecer desde a sentença de 1677, que o desterrou para o infamante dominio da prostituição.

Antes de terminar este capitulo, vamos transcrever, quasi na integra, o artigo do *Diccionario de Bayle,* o qual, além de se referir a um processo celebre sobre o assumpto de que estamos tractando, encerra tantos e tão sigulares pormenores nas suas notas, que não duvidamos poderem interessar a curiosidade do leitor, apezar de ser muito differente no seu estylo o celebre e erudito critico, do qual extrahimos o artigo que vae lêr-se:

«Carlos de Quellenec, barão de Pont, na Borgonha, desempenhou um papel notavel com o nome de Soubisse, entre os da religião protestante, durante o reinado de Carlos IX.

«Este gentil-homem tomou o nome de Soubisse, quando em 1568 casou com Catharina Parthenai, filha unica de João de Parthenai, senhor de Soubisse.

«O processo de impotencia intentado contra elle *(Veja-se a nota A no fim d'este artigo),* dar-me-ha ensejo para citar algumas passagens de um livro, publicado em 1612.

«Monsenhor de Thou não affirma cathegoricamente que a rainha-mãe (Catharina de Medicis) quizesse vêr por seus proprios olhos no cadaver do barão, se o processo de impotencia era bem ou mal fundado.

«Outros historiadores celebres não o dizem tambem.

«No emtanto, póde ser certo que a rainha Catharina gostasse de passear os olhos curiosos em tal nudez com o supradito fim, e livros ha em que se lhe faz esta accusação *(nota B),* e até mesmo a de ter mandado buscar entre todos os outros cadaveres o do barão de Pont *(nota C).*

«É preciso notar que o barão foi assassinado na tristemente celebre noite de S. Bartholomeu, e que os seus inimigos, depois de o terem crivado de golpes, foram todos concordes em que elle fôra verdadeiramente homem no combate, bem que o não tivesse sido no leito conjugal.

«O cadaver do mallogrado fidalgo foi arrastado até á porta do Louvre, onde a compaixão que devia inspirar não obstou a que varias damas da côrte fossem certificar-se se havia n'elle algum indicio do defeito de que era arguido.

«As passagens que menciono na minha primeira nota foram objecto de

censura da parte de alguns auctores, que sustentaram largamente haver n'ellas intoleraveis obscenidades.

«Julguei sempre que esses taes tomavam a nuvem por Juno, e estive quasi tentado, apesar d'isso a supprimir as referidas passagens n'esta segunda edição, e tal era tambem a opinião de varias pessoas que estimo e respeito cordealmente.

«Outras muitas pessoas, porém, não menos illustradas do que estas, me fizeram desistir do meu proposito, dando-me a entender que as razões por mim apresentadas como justificativas da minha conducta, eram sufficientemente desculpaveis, e que bastaria intercalar aqui a *Apologia,* que viu a luz em folha solta.

«Sigo, pois, o parecer d'estas ultimas, e accrescentarei um argumento tirado da approvação que Justo Lipsio deu ao escripto de um advogado, o qual, n'uma causa de dissolução de matrimonio *(nota D),* se viu obrigado a valer-se de phrases e pensamentos obscenos em demasia, chegando até a comprazer-se n'elles um pouco mais do que o requeria a gravidade do assumpto.

«Os que não se contentarem com as razões que allego em minha defeza, dignar-se-hão attender a que seria perfeitamente inutil supprimir n'esta segunda edição as passagens de Tagereau, visto que o livro d'este auctor não é raro, e se encontra quasi na sua integra transcripto n'uma compilação alphabetica, e por conseguinte n'um livro que muito se parece com um diccionario.

«Effectivamente, Laurent Bouchel, advogado do parlamento de Paris, inseriu-o de uma ponta á outra no tomo III da sua *Bibliotheca do Direito francez,* na lettra *S,* palavra *Separação.*

«Portanto, se a este auctor ninguem levou a mal o haver inserido na sua obra o livro inteiro de Tagereau, por que me hão de censurar a mim o haver citado alguns paragraphos?

«De resto, como a épocha dos costumes que foram em tanto singulares e extravagantes é um facto de que os curiosos desejam sempre inteirar-se, julguei que não seria de todo inutil recopilar aqui tudo o que os auctores *(nota E)* nos referem relativo ao costume singular do *Congresso.*»

NOTAS A QUE SE REFERE ESTE ARTIGO

NOTA A: — A respeito do processo de impotencia intentado contra o barão, Monsenhor de Thou diz expressamente que este processo fôra intentado pela sogra, e não pela esposa.

O mesmo diz Varillas, nas duas edições do seu *Carlos* IX.

Mezerai disse da mulher o que De Thou diz da sogra.

O certo é que em todos os paizes os processos d'esta indole fallam muito pouco em favor das mulheres que os intentam, e quer consigam obter outro marido, quer não, na maioria dos casos tornam-se sempre um objecto de troça, de irrisão e de desprezo, durante o resto da vida.

E razão de sobra ha para isto, porque os tramites porque se vêem obrigadas a passar são tão contrarios ao pudor, que é impossivel conservar o me-

nor respeito ou consideração pelas mulheres, que são capazes de se sujeitar a estas indignidades.

De taes mulheres podemos dizer, sem sahirmos dos limites da indulgencia, o que talvez com demasiado rigor se diz das viuvas que contrahem novas nupcias.

Sirvo-me das mesmas palavras de senhor du Vair:

«S. Jeronymo *(ad Marcellanum)* diz que —*secundas nuptias non appetimus, sed concedimus*— levados por certa indulgencia, que não está exempta de um tanto ou quanto de má nota. Como se dissesse com a lei —*indulgentia quod liberat, notat...*»

Sejam quaes forem os termos em que esteja concebido este dito do Apostolo, —*juniores viduæ nubant*, — é preciso entendel-o em fórma de indulgencia concedida á incontinencia de certas mulheres,— *ut maritum potius accipiant quam diabolum, et sciant sibi non tam maritos datos quam adulteros imputatos*, como diz S. Jeronymo *ad Salvinam*, ou como diz S. Cypriano, *aliud est ad veniam stare, aliud est ad gloriam parvenire.*

E' muito differente dizer que a sua incontinencia não lhes deve ser imputada como peccado, ou dizer que lhes seja levada á conta de acção meritoria. Tal é o sentido das palavras do illustre Doutor da Egreja.

Eis o juizo mais favoravel que se póde fazer a respeito d'estas pleiteantes, por causa de impotencia, attendendo á maneira de proceder que têem de seguir:

1.º Muito é já confessar publicamente que não podem guardar continencia.

Toda a mulher que intenta similhante processo declara á face do mundo que tem este defeito. Dá logar a uma acta que permanece eternamente nos archivos, e que dá margem ás chufas de toda a gente de bom humor.

Ao mesmo tempo é um motivo de receio para o novo marido, porque se se vir obrigado a emprehender uma longa viagem, ou se lhe sobrevem uma demorada enfermidade, que confiança poderá elle ter a respeito da virtude de uma mulher, que se confessou incontinente á vista e aos ouvidos do mundo inteiro?

2.º O interrogatorio que é mister soffrer ante os juizes, é tão delicado e embaraçoso para uma mulher honesta, que não é possivel formar-se um bom conceito da donzella, que é capaz de transpôr este difficil passo e de responder a taes perguntas.

E digo da donzella, porque quasi sempre as que vêem accusar seus maridos de impotencia, se jactam de serem virgens, pois que, como ordinariamente acontece, estas queixas dão-se nas primeiras nupcias.

Um advogado atrapalhou certa occasião de um modo verdadeiramente original uma querellante d'esta especie.

Estavam no tribunal talvez umas trinta ou quarenta pessoas, e diante de todas ellas perguntou o advogado á queixosa:

—Seu marido, minha senhora, costuma acaricial-a, beijal-a e abraçal-a?

—Sim, senhor. Tem-me feito muitas vezes tudo isso.

— Pois, n'esse caso, replicou o homem da lei, quem lhe disse que era preciso mais alguma cousa? Onde é que a senhora aprendeu que não bastam essas caricias?

Grande confusão e perturbação na donzella.

O advogado, vendo-a n'aquelle estado, continuou:

— E' verdade, minha senhora. Se é donzella, como pretende, não deve saber se seu marido é impotente; e se o sabe, é signal de que já experimentou o que os outros homens podem fazer!

O advogado tanto a atrapalhou com estas e outras razões subtis, que a dama teve de confessar, cheia de rubor e de vergonha, que não podia responder a perguntas tão embaraçadoras.

3.º E' preciso submetter-se a soffrer a *visita* das partes mais secretas e vergonhosas.

Como as outras provas são todas defeituosas, os juizes recorrem a esta, ordenando a inspecção dos instrumentos do processo. E por isso fazem revistar a mulher por peritos, a fim de se averiguar se foi ou não desflorada.

Onde está o pudor das que assim ousam intentar processos, que estão sujeitos a tão vergonhosos tramites? De que dose de impudor e desvergonha não devem essas mulheres ser dotadas?

Houve um advogado no parlamento de Paris, em principios do reinado de Luiz XIV, que escreveu uma obra contra a *visita*, empregando dois argumentos: 1.º que era deshonesta; 2.º que era incerta.

Eis o modo como elle desenvolve a sua these:

«Esta prova da *visita*, a primeira que actualmente se prescreve em taes processos, quando se tracta do primeiro matrimonio da mulher, da qual *visita*, se resulta que a joven ainda está virgem, se tira prova plena da impotencia do marido e o fundamento da sua condemnação.

«Tal *visita* é deshonesta a mais não poder ser, e contraría o pudor do sexo feminino, pelo que é odiosa e deveria evitar-se, não tendo a mulher joia mais apreciavel que o pudor, conforme se lê no *Ecclesiastes*, cap. VII: *Gratia verecundiæ mulieris super aurum*, especialmente na que se préza de donzella, *quæ seipsam debet erubescere, et nudam videre non posse*, diz S. Jeronymo, *(Epistola ad Lætam, de institutione filiæ,)* e Santo Ambrosio, na sua epistola 64, accrescenta: *Nihil sanctius in virgine quam verecundia.* O mesmo santo Doutor accrescenta, no livro I, dos *Officios: — Est pudicitiæ comes verecundia*, e no livro *De Institutione virginis*, cap I: *In virgine est dos quædam verecundia, quæ taciturnitate cognoscitur.*

«De maneira que toda a mulher que se queixa da impotencia de seu marido, e permitte que, para obter a separação, varios homens a descubram, a vejam, e lhe apalpem as partes que a natureza manda conservar occultas, deve ser tida por impudente e de pouca vergonha.

«A mulher, diz Herodoto no principio da sua *Historia*, despe a virtude, ao despir a camisa.

«S. Cypriano diz quasi o mesmo no seu tractado *De habitu virginum*, t. II: *Simul cum amictu corporis, pudor ponitur.*»

«Plinio, no livro VII, cap. XVII da sua *Historia natural*, diz que se encontram os cadaveres dos afogados, sempre deitados de costas e de bocca para cima, e pelo contrario os das mulheres deitados sobre o ventre e de bocca para baixo, como se a natureza, zelosa da sua honra, quizesse occultar o que não póde honestamente ser visto n'ellas: *quasi pudori defunctorum parcente Natura*, principalmente quando esta nudez foi em tempos antigos uma especie de supplicio, segundo diz Nicephoro, no livro VII, cap. VII da sua *Historia*, e Tacito, no *livro de moribus Germanorum*, ao fallar da pena applicada ás adulteras.

«Só por este motivo, muitos julgaram obscenas e reprovadas taes *visitas*.

«Santo Ambrosio, na sua mesma epistola 64, reprehendendo Syagiris, bispo de Verona, por haver ordenado que uma religiosa accusada de impudicicia fosse visitada, diz estas palavras:

«*Quid sibi velit et quo spectet quod obstetricem adhibendam credideris non possum advertere; ita ne ergo liberum erit accusare omnibus, et cum probatione destiterint, petere genitalium secretorum inspectionem? Et addicentur semper sacræ virgines, ad hujusmodi ludibria, quæ et visu et auditu horrori et pudori sunt? Quæque in alienis auribus sine damno pudoris resonari non queunt, ea possunt sine ejus tentari verecundia?*»

Do que se deduz que aquelle santo varão se horrorisava só de fallar em taes visitas, e muito menos as approvava, accrescentando não ter lido jámais que as donzellas fossem *visitadas*.

Tambem não se encontra escripto em parte alguma que os romanos, apesar de nada ignorarem do que se refere aos costumes, se tenham valido d'este meio para se certificarem da integridade das suas Vestaes, suspeitas e accusadas de incesto, apesar de quanto eram severos na averiguação e castigo do referido crime.

D'onde póde colligir-se que os romanos em taes duvidas, não faziam visitar as mulheres para averiguarem a sua integridade ou corrupção, como se faz actualmente, ou porque consideravam esta prova como fallaz e insufficiente para estabelecer a verdade do caso, ou porque a tinham como deshonesta e contraria ao pudor da mulher, pudor que elles tinham em tamanha estima, que o proprio Valerio diz, no livro II, cap. I, fallando de Espurio Corvilio, que repudiou sua mulher por esteril, que nunca tolerou que fosse *tocada*, ou *visitada*.

N'este procedimento não se parecem com os romanos os que ordenam *in-continenti*, nos processos de separação que a mulher seja *visitada*, quando mais sensato e decente era que começassem pela *visita* do homem, deixando a outra para quando as circumstancias imperiosamente o exigissem, sem terem essa pressa habitual e indecente de ordenar que os dois sejam simultaneamente *visitados*, para chegarem mais depressa á dissolução, como se o tempo faltasse para isso, como se fosse mister aproveitar o mais leve ensejo.

3.° E' mister decidir estas questões pelo *Congresso*, porque quasi todos os outros meios de descobrir a impotencia são insufficientes.

Como havemos, porém, de admittir que uma mulher, a não ser que tenha perdido de todo a vergonha, possa pensar sem horror, a sangue-frio, nas circumstancias que acompanham o *Congresso?*

O que é o *Congresso?* Já o dissémos n'outro logar, segundo a descripção de Tagereau. Quando o marido sahe victorioso da prova, a lei permitte-lhe que possa chamar os peritos para examinarem os vestigios do combate.

Antonio Hotman observa que o doutor Hostiensis aconselha ás parteiras o emprego da agua guente para lavarem o corpo das mulheres por ellas *visitadas,* afim de annullarem o effeito dos adstringentes.

Os partidarios do *Congresso* valeram-se por muito tempo d'esta practica, mas Antonio Hotman sustenta que ella é sujeita á illusão.

«Quando se lhes falla, diz elle, dos artificios de que algumas mulheres se valem para apertarem a natureza, não dão a menor importancia a estes meios, dizendo que mediante o lavatorio empregado na *visita,* tudo se dissipará para apparecer a verdade.»

No emtanto, viu-se em nossos dias uma mulher da classe media, a qual tendo intentado um processo contra seu marido, accusando-o de impotencia, teve de desistir da sua demanda ao sentir-se gravida, e tanto se havia *apertado* artificialmente, que foi mister o auxilio da cirurgia para poder ter a creança.

Preposito, no capitulo *Consultationis de frigidis et de malef.* e depois d'elle o auctor do livro intitulado *Sylva Nuptialis, lib.* II, *ampliatione* V, contam que uma mulher de Italia tanto *se estreitou* para fazer a vontade ao marido, que depois d'isso, nem elle, nem homem algum poderam ter commercio com ella.

Eis uma nova passagem do advogado de Paris, Tagereau:

«De Bray, de quem tanto se fallou, e cujo processo anda impresso e publicado com as allegações de ambas as partes, *sinistrum tantum habebat testiculum ex defectu naturali,* depois de haver assistido por duas vezes ao *Congresso,* em vão os juizes, antes de darem a sentença definitiva, ordenaram que se celebrasse uma terceira prova, se De Bray quizesse submetter-se a ella, como que para dar a entender que nas anteriores não tinha feito o que devia, por falta de intromissão.

«De Bray respondeu a isto que não voltaria mais ao *Congresso,* porque a parte contrária o *havia impedido* nas primeiras duas vezes. Pelo que se decretou a separação, só por não haver levado a effeito a intromissão no *Congresso,* apesar de que, como nas paginas anteriores se disse, *arrexerat sufficienter ad coeundem.*

«É de notar que da segunda vez que assistiu ao *Congresso* os juizes o preveniram de que, no caso de poder effectuar a intromissão, chamasse os peritos para que elles a vissem, e podessem testifical-a.

«Do que se conclue que não se considera como essencial, em taes processos, a ejaculação do semen, nem a qualidade d'elle, nem mesmo se o homem tem força para concluir o acto venereo.

«O essencial é a intromissão, que póde e deve ser attestada por testemunhas occulares, cousa na verdade deshonesta!»

Não podemos deixar de dar toda a razão ao jurisconsulto, quando diz ser o *Congresso* mais apto para desfigurar a verdade, do que para a pôr em evidencia, sendo ao mesmo tempo um acto deshonesto e brutal.

E o mesmo auctor falla acertadamente, quando oppõe á impudencia das mulheres que o sollicitam, o resto de pudor que, apesar de tudo, se encontra nos logares publicos, onde as desgraçadas prostitutas se fecham e se occultam, para ganharem o pão de cada dia com a vergonha do seu corpo.

Já Seneca o dizia:

«*Est aliqua etiam prostitutis modestia et illa corpora publica objecto ludibrio aliquid, qua infelix patientia lateat, obtendunt, adèo quodammodò lupanar verecundum est.*

E Ovidio:

Ignoto Meretrix corpus junctura Quriti.
Opposita populum submovet ante sera.

Taes eram os tramites porque era mister passar, quando a herdeira dos Soubisse estava em processo contra o barão du Pont.

Não deixaria de menoscabar o credito d'esta heroina, que tanto depois se afamou no cerco da Rochella, o poder-se acreditar que tão illustre dama na sua juventude não hesitára perante o sacrificio de ter de intentar contra seu marido um processo, em que tinha necessariamente de desempenhar um papel tão pouco adequado á vergonha e ao pudor de nma senhora honesta.

Por este motivo tive tanto empenho em desculpal-a, assacando, como se averiguou, toda a culpa d'esta leviandade a sua mãe.

Quando digo que n'aquelles tempos força era ter de passar por aquelles tramites, sigo á lettra as prescripções do decreto do parlamento de Paris, que depois, em 18 de fevereiro de 1677, prohibiu aos juizes civis e ecclesiasticos o ordenarem d'ahi para o futuro a prova do *Congresso,* nas causas relativas ao matrimonio.

E para admirar é, com effeito, que uma corporação em cujo seio houve sempre pessoas probas e illustradas, tardasse tanto em abolir tão vergonhosa practica.

O advogado que citei, e que vivia em principios do seculo XVII, demonstrou evidentemente a injustiça d'esta prova.

«Observando, diz elle, que as separações por impotencia dos homens são hoje muito mais frequentes que n'outros tempos, apesar de não haver em nossos dias mais homens inpotentes do que antigamente, por isso que elles tem sido sempre rarissimos (refiro-me áquelles em quem não póde descobrir-se signal algum de impotencia ao visital-os, já por ser natural, já por ser accidental o seu defeito); e notando além d'isso que por cada dez separações que se ordenem, difficilmente se encontrará alguma em que se tenha logrado descobrir defeito algum no homem ao *visital-o,* o que causa grande extranheza e dá origem a muitas murmurações, procurei indagar com toda a attenção qual podia ser a causa d'este conflicto.»

A este respeito, observa haver muita gente que favorecia a dissolução do matrimonio.

«Não podendo os juizes acreditar que haja tanta impudencia e tanta falta de lealdade e consciencia n'aquella que vem reclamar justiça, que se queixe sem razão alguma e peça a separação sem haver motivo, apenas taes processos lhes são submettidos, apressam-se a julgal-os, condemnando o accusado de impotencia, o qual se é homem, e recusa por pudor ou por outra causa qualquer sujeitar-se á prova do *Congresso,* o dão logo por impotente, apesar de não mostrar defeito algum, opinando que, se elles juizes estivessem n'aquelle caso, dariam logo provas da sua potencia e da sua coragem, no que talvez tivessem um grande desengano, por causa da vergonha, do temor, da sua disposição, do odio e de outros muitos e variados inconvenientes, que necessariamente acompanham o dicto acto e impedem a sua consummação.»

Em seguida, dá pormenores sobre este caso, que são verdadeiramente curiosos. Vou transcrevel-os sem receio de que as pessoas sensatas m'o levem a mal, porque, como poderiam offender-se de encontrarem aqui o que um auctor grave publicou em Paris, com privilegio, ha mais de oitenta annos, apenas com o fim de inspirar o horror dos costumes deshonestos e illegitimos?

«E' caso verdadeiramente extranho e quasi inacreditavel que um acto, como aquelle de que estamos fallando, vilipendiado pelos gentios, por causa da sua torpeza e por ser contrario ao pudor natural a todos os homens, consoante Santo Agostinho, tenha sido admittido entre christãos, por varões ecclesiasticos, nos quaes devia existir maior honestidade que no resto dos homens.

«Verdade seja que esta prova não é de emprego muito remoto. Em todo o caso, nunca ella deu os resultados que havia direito a esperar, por isso que nem serviu para descobrir a verdade a respeito da potencia do homem, nem para dissuadir, por motivos de pudor, as mulheres das suas demandas.

«Até, pelo contrario, tornou estas ultimas mais audazes, porque sabem perfeitamente que a intromissão requerida no *Congresso* depende d'ellas, e não póde ser realisada pelo homem, sem que ellas o consintam. Por isso contam com a sua tenaz opposição, como meio certo e infallivel de ganharem o seu processo.

«Razão de mais para que este uso infame, introduzido na jurisprudencia sem razões não muito fundadas, não continuasse a ter vigor sob pretexto algum.

«Além da vergonha inseparavel do *Congresso,* e sufficiente para impedir a sua execução, as circumstancias tornam-no impossivel, e seria mister que um homem não tivesse vergonha nem aprehensões de especie alguma, que fosse uma especie de animal, para poder consummar o acto, exigido no *Congresso,* apesar de tantos obstaculos.»

Um escriptor, M. Venette, auctor da *Pintura do amor conjugal, considerado no estado do matrimonio,* affirma que o *Congresso* esteve em uso no imperio romano, no tempo do imperador Justiniano. Apesar do credito que nos merece o talento d'este escriptor tão popular e estimado, somos de opinião que labora em erro n'este ponto.

Varios illustres jurisconsultos asseguram que não se encontra indicio al-

gum do *Congresso* na jurisprudencia antiga, e que esta prova é uma abominação inventada nos ultimos seculos.

Citemos a este respeito a opinião de Tagereau:

«Apesar do matrimonio, desde a sua instituição e por lei evangelica ser indissoluvel não se dando a morte de um dos conjuges, de maneira que as partes separadas não possam casar-se com outras; apesar de não se encontrar em obra alguma que os judeus, os gregos e os romanos (entre os quaes o divorcio estava em uso) tivessem leis concernentes aos matrimonios de impotentes, á excepção de uma lei de Solon, pela qual se permittia a uma mulher casada com homem, incapaz de viver carnalmente com ella, o viver carnalmente tambem com o parente de seu marido, que mais lhe agradasse; e á excepção de outra do imperador Justiniano, promulgada cèrca de mil e trezentos annos depois da fundação de Roma, pela qual este imperador foi o primeiro que permittiu ás mulheres divorciarem-se de seus maridos impotentes; — os canonistas, á imitação de Justiniano, concederam esta auctorisação ás mulheres, em caso de impotencia de seus maridos, de maneira que podessem casar com outro homem depois da dissolução do seu primeiro matrimonio, e deram a mesma auctorisação aos homens casados com mulheres demasiado estreitas, cousa que Justiniano não fizera por serem rarissimas as mulheres que se encontram n'este ultimo caso.»

Os advogados, que opinaram pela abolição do *Congresso* em 1677, sustentaram que elle não tinha fundamento algum nem na auctoridade das leis, nem na opinião dos Doutores e Padres da Egreja, por isso que nem no direito civil nem ao canonico se encontra mencionada a *visita* ou o *Congresso*. Accrescentavam que esta prova só se practica em França ha cento e vinte annos, e que os livros antigos apenas nos apresentam dois exemplos ridiculos, que possam indirectamente appoial-a.

(V. *Journal des Savants,* de 5 de julho de 1667.)

O erro de M. Venette deve, apparentemente, a sua origem a alguma transposição de ideias que confundiram a interpretação da lei de Justiniano.

Este imperador não quiz tolerar que se continuasse a decidir da puberdade dos varões por meio da inspecção das suas partes vergonhosas, e por isso fixou esta puberdade na edade de quatorze annos, sem attender ás circumstancias physicas, considerando como costume deshonesto tudo quanto a este respeito até ahi se practicava.

(V. *Institut.,* lib. I, tit. XXII.)

Theodoreto clamou energicamente contra as leis de Platão (?) as quaes não só prescreviam ás mulheres e raparigas a nudez, quando se entregassem aos exercicios corporaes proprios dos homens, mas até creavam *visitadores*, que, para julgarem da edade nubil de um e outro sexo, faziam despir os examinandos: *Judex verò suspiciens judicet quænam ætas celebrandis nuptiis conveniat; eamque ob rem, nudos mares nudasque umbilico tenus feminas inspiciat.*

A equidade exigiria por certo que Theodoreto não tivesse deixado em silencio o comedimento do legislador a respeito das raparigas, as quaes só se

despiam até ao umbigo, devendo notar-se que os fatos n'essa épocha começavam a despir-se pela cabeça.

Theodoreto devia ter combatido a lei nos seus verdadeiros limites, e não obstante, censura-a como se taes limites não existissem n'ella. Começa por citar as palavras da esposa do rei de Gandola, a qual disse que a mulher, quando despe a camisa, despe ao mesmo tempo o seu pudor, do que conclue que o philosopho legislador ensinava as desposadas a perderem todos os escrupulos da vergonha: *Quare philosophus pudore sponsas exuit et impudentiam docet.*

O systema de raciocinar de Theodoreto n'este ponto não tem toda a exactidão e precisão de uma dialectica rigorosa; em compensação, porém, o que diz contra a instituição platonica das danças e jogos publicos, em que os dois sexos podiam tomar parte, é exacto, affirmando que aquillo era a ruina do pudor e uma publica eschola de lascivia: *Non modo enim ad impudentiam erudiebant. Nudorum enim corporum aspectus ad nefarios amores et viros et feminas provocabat.*

Ainda assim, deve ter-se presente que as leis de Platão não foram postas em practica, como as de Licurgo. As do philosopho foram apenas leis ideaes, como diz o proprio Theodoreto (*De Græcor. affect. lib.* IX), não chegando nunca a ser admittidas na Grecia.

Pelo que não póde dizer-se que o imperador Justiniano tivesse de desarraigar os abusos condemnados pelo citado Padre da Egreja.

Notas B e C:—A proposito da accusação feita a Catharina de Medicis, podemos accrescentar o seguinte:

João Lætus, professor em Franeker, conta que a rainha mandára procurar o cadaver de Soubisse, fidalgo accusado de impotencia, e que apenas o encontraram, fôra examinar-lhe as partes naturaes, rindo ás gargalhadas em presença de varias damas da côrte.

Eis o texto do erudito professor:

«*Subisii nobilis, qui frigidæ et nimime ad procreandam sobolem aptæ naturæ esse dicebatur, cadaver jussit investigare Regina, inventum, pudenda illius cum suarum pedissecarum numeroso comitatu non sine magno et effuso risu inspexit.*»

Poderia um facto d'esta natureza ter passado desapercebido a d'Aubigné, e sabendo-o, tel-o-hia o illustre auctor omittido na sua *Historia?*

Não sabemos se devemos attribuir o silencio do historiador a considerações de respeito, se a ignorancia do caso.

Varillas, porém, não teria occultado uma acção tal da rainha-mãe, por isso, que não a poupa, n'outros casos menos importantes

Assim, por exemplo, fallando do cerco de Rouen, diz que todos censuraram a regente, por ter levado o joven rei, seu filho, aos fortes, apenas foram tomados, como se a impellisse o desejo de habituar os olhos do moço principe ao horror do sangue, e além d'isso que houve quem criticasse asperamente a rainha por ter contemplado com demasiada curiosidade o cadaver nú de uma rapariga, que se havia disfarçado de homem para augmentar o numero de defensores (V. Varillas, *Historia de Carlos* IX).

Outro professor de Franeker affirma que a rainha-mãe procurou com excessiva curiosidade certificar-se da impotencia de Soubisse: «*Cujus cadaver cum reliquis ante Regiam projectum a Regina ejusque puellis diligenter, si nota impotentia appareret inspectabatur.*» (Hubert, *Hist. Civil*, t. II.)

Notas D e E:—Justo Lipsio approvou o trabalho de um advogado. Refere-se á famosa defeza do advogado Rouillard, de que já fallámos, e por isso nos abstemos de transcrever na sua integra a nota de Bayle a esta passagem, em que o erudito auctor analysa as opiniões de Rouillard e Tagereau.

Mais abaixo diz Bayle:

Falta muito ainda para que estas razões de Rouillard possam comparar-se aos argumentos de Tagereau. É de crêr que se Rouillard tivesse pleiteado alguns mezes mais tarde em favor de uma mulher, que por motivos de pudor recusasse submetter-se á *visita* e ao *Congresso*, se teria valido das mesmas maximas de Tagereau, refutando-se bellamente a si proprio.

Tal é o destino des advogados. Ora têem de argumentar n'um sentido, ora n'outro, segundo o exigem as causas que defendem. E note-se que em materias diametralmente oppostas citam as mesmas auctoridades.

Já vimos de que maneira Tagereau combate, appoiado nas opiniões de S. Cypriano e de Santo Ambrosio a practica da *visita*, e agora vamos vêr como Rouillard cita as mesmas auctoridades para defender esta practica:

«De nada serve, pelo contrario, que uma mulher, affectando demasiado tarde o pudor, n'um logar onde elle já não é necessario, objecte que a inspecção das suas partes secretas e o *Congresso* lhe causam vergonha, pois força é que beba o calix até ás fezes, já que ella propria é a auctora do seu mal.

Quam bene dispositum terris ut dignus iniqui
Fructus consilii, primis auctoribus instat;

considerando que, em tal caso, a *visita* é ordinaria, e por conseguinte não ha dolo em requerer o que pertence ao direito commum, pois sabemos por S. Cypriano, nas suas epistolas, por Santo Agostinho e por Santo Ambrosio, que em materia de desfloração de virgens, se recorreu sempre á inspecção.»

Advirta-se que Rouillard se vale n'este logar de uma astucia do officio. Os Padres por elle citados condemnam o uso da visita; logo tal *visita* devia existir. Cita-os como testemunhas do uso, e supprime o resto. Não é muito curial o emprego d'este systema. Não deve dividir-se em duas metades a auctoridade de uma testemunha e vem aqui de molde a maxima do jurisconsulto Celso: *Incivile est nisi tota lege perspecta una aliqua particula ejus proposita judicare vel respondere.*

Ha um ponto em que os advogados estão de accordo, e é em deplorar o grande numero de processos de impotencia a cada passo intentados contra os maridos. (V. Rouillard, *Capitul.*, p. 5 e 6): «Seus paes tel-a-hiam injustamente induzido a requerer dissolução do matrimonio, baseada na pretendida impotencia do esposo, e outros factos puramente fabulosos, que mais valera á sua honestidade callar do que *protinus urbi:*

Pandere res alta sylva et caligine mersas.

«Não obstante, aprouve ao destino ser propicio ao referido appellante, uma vez que a corrupção do seculo deu livre curso a taes processos, *dedit hanc contagio labem et dabit in plures,* de maneira que em mil e duzentos annos que o pudor cobriu o rosto das matronas nunca se viram tantos processos em similhante assumpto, como se estão vendo em nossos dias...»

Se me perguntam para que servem todas estas passagens de Rouillard, responderei:

1.º Para provar que os mais venerandos tribunaes toleraram que os advogados se exprimissem com a maior liberdade sobre assumptos obscenos.

2.º Para dar a conhecer até onde chegava a approvação do grande critico Justo Lipsio, que deixo citada.

3.º Para confirmar algumas das observações de Tagereau, ou para dar alguma luz sobre esta materia com a opposição de argumentos contrarios.

Como reforço da primeira das razões expostas, vou transcrever uma anecdota historica, cuja authenticidade está fóra de toda a duvida:

Dans une officialité,
Ces jours passés, une soubrette
Passablement belle et bien faite,
Et d'une robuste santé,
Avec la Bienséance ayant fait plein divorce,
Dit qu'un vieux Médicin l'avait prise par force,
Qu'il fallait ou le pendre, ou qu'il fût son mari.
— «*Et comment dit le juge, a-t-il pu vous y prendre?*
Vous êtes vigoreuse, il fallait vous défendre,
L'avoir égratigné, dévisagé, meurtri!»
— «*J'ai, Monsieur, répondit elle,*
De la force, quand je me querelle;
Mais j'en n'ay point, quand je ris!

«Ha dias uma rapariga, bonita, de boas fórmas, cheia de vigor e de saude, e completamente divorciada com o decóro e a honestidade, apresentou-se ante o tribunal da Curia, queixando-se de que um velho medico a havia desflorado, e pedindo que o enforcassem, ou que o obrigassem a casar com ella.

— «Mas como foi isso? pergunta-lhe o juiz. Como poude elle apanhal-a, a vossê tão vigorosa e robusta? Não podia defender-se, arranhal-o, mordel-o, feril-o?!

— «Oh, meu senhor, respondeu a rapariga, eu quando me zango com alguem tenho muita força, mas quando rio, perco-a de todo!»

Vê-se que esta rapariga não devia ter sido muito violentada, uma vez que se ria!...

Tudo o que se póde fazer em causas d'estas é impedir que o orador não exceda muito os limites da decencia; mas em qualquer processo, que verse sobre adulterio, impotencia, alimentos de bastardos ou reparação da honra feminina, forçoso será que os ouvidos dos juizes escutem um sem numero de obscenidades.

Terminamos este capitulo com a transcripção de alguns extractos da Memoria do Procurador geral do rei, o senhor Lamoignon, que originou a sentença de abolição definitiva do *Congresso,* na data já acima citada de 18 de fevereiro de 1677.

«Sob qualquer ponto de vista que consideremos o *Congresso,* cujo nome só por si já é sufficiente para nos fazer córar de vergonha, tudo concorre para proscrever o seu uso á posteridade:

«1.º Esta practica vergonhosa é nova e desconhecida no direito civil e no canonico.

«As leis civis decidem das accusações de impotencia pelo *triennium,* quer dizer, pela cohabilação durante tres annos.

«Justiniano decretou que um marido podia ser repudiado sem que sua mulher perdesse o dote, se durante dois annos não podesse consummar-se o matrimonio. Reformou depois esta lei, e concedeu tres annos ao desventurado esposo. Mas, diz Montesquieu, em casos como este dois annos valem o mesmo que tres, e tres não valem mais que dois.

«O direito canonico exige a affirmação das partes interessadas e a de sete collateraes seus, e em caso extremo, a *inspecção pessoal.*

«Não exigem mais as leis, e nenhum indicio se descobre n'ellas do *Congresso.*

«Porque o toleraremos, pois? Só por ser um costume singular, inconsiderado, e que apenas deve a sua origem ao furor, ao descaramento e a uma especie de phrenesi, causado pela desesperação?

«Nos mesmos termos fallam d'elle todos os auctores que têem tractado d'este assumpto: Vicente Tagereau, Peleus, Robert e Hotman, especialmente, o famoso advogado do parlamento de Paris, em fins do seculo XVI, o qual affirma achar-se tão infame practica apenas estabelecida ha quatro annos, quando elle escrevia a sua obra.

«Esta obscena practica foi tambem em todos os tempos desconhecida das outras nações: como poude, pois, introduzir-se em França? Como conseguiu ella alternar com as santas e sabias leis que a governam? Como poude ser acceite por francezes um *costume* tão contrario aos bons costumes, e ao mesmo tempo tão inimigo da verdade?

«2.º Este erro monstruoso foi acreditado por uma vã e indiscreta curiosidade, em que o espirito humano se deixou levar ás cegas.

«O homem sempre desejoso de alargar a esphera dos seus conhecimentos, chega a forçar por assim dizer, a natureza, até mesmo nos insondaveis abysmos em que ella intrincheira os seus segredos.

«3.º O *Congresso* é não só uma tentativa intrinsecamente vergonhosa, senão que incerta tambem nos seus resultados.

«A acção que elle tem por objecto não depende da vontade [1], não é es-

---

[1] Buffon, no tomo IV da sua *Historia Natural,* escreve o seguinte a respeito do *Congresso:*

«Em que se fundavam aquellas leis, tão pouco reflectidas, em principio, e tão des-

crava do edicto do pretor. Muito ao contrario de tudo isto, é por sua essencia livre, caprichosa, inimiga da luz do dia, de testemunhas e d'esse tropel de peritos, homens e matronas, cuja vista só por si é sufficiente para perturbar o encanto das suas operações. Ama as trevas, o segredo, a boa disposição e a perfeita intelligencia de duas pessoas, e a concordancia de duas almas perfeitamente unidas.

«Se alguma vez houve homens tão temerarios e ousados, que não se envergonharam das testemunhas legaes d'esse acto, por sua essencia mesmo mysterioso e secreto, nem da luz do sol que os illuminava, tal phenomeno só poderá ter explicação n'uma especie de philosophia que conserva o nome de cynica ([2]), para nos patentear o desconcerto de taes maximas, tão perniciosas, pelo menos, como as que pretenderam auctorisar-se com a practica do *Congresso*.

---

honestas na execução? Como poude decretar-se o *Congresso*, como poderam fazer esta lei homens, que deviam conhecer-se a si proprios e saber que nada depende menos da vontade do que a acção de taes orgãos; homens que não podiam ignorar que toda a emoção da alma e especialmente a vergonha, são tão contrarios a ella, e que só a publicidade e o apparato d'esta prova eram mais que sufficientes, para que ella não se coroasse de um resultado feliz?»

([2]) *Cynico*, (de cão), palavra derivada do grego e que significa *impudente, dissoluto*, em sentido figurado.

Qualifica a philosophia de Anthistenes, fundador da eschola. Os antigos *cynicos* desprezavam a opinião dos outros homens, offendiam descaradamente o pudor, e não faziam o menor caso da decencia nem das conveniencias sociaes.

O principio fundamental da eschola era considerar como absolutamente indifferente tudo o que não é nem virtude nem vicio. Diziam que tudo o que não é mau em si, intrinsecamente, não póde sel-o em circumstancia alguma: principio absurdo de que tiravam as mais desaforadas consequencias, e que os tornou dignos de serem comparados aos cães, lascivos e impudentes.

Diogenes pertencia a esta seita. Sem bens, sem patria, sem lar, vivia sem preoccupações do futuro, tendo um desprezo completo por todas as commodidades da vida, oppondo a sua coragem á fortuna, a natureza ás conveniencias sociaes e a razão ás penas da alma. Uma especie de sainsimoneano de outros tempos, pretendeu estabelecer a communidade dos bens e das mulheres, dizendo que cada qual devia servir-se da que maiores desejos lhe inspirasse.

Sectario d'Onan, que *derramava o semen na terra para que não nascessem filhos do nome de seu irmão*, embora diferisse no fim dos seus obscuros prazeres, entretinha-se em lubricidades dignas de um macaco, na solidão do seu tonel, em presença de quem o queria vêr, sendo para admirar que uma tão perniciosa practica, que devia depauperar-lhe a seiva, e abreviar-lhe a vida, não o impediu de se conservar até uma edade avançadissima, tão robusta devia ser a constituição d'aquelle celebre philosopho, cuja vida é um vergonhoso exemplo de uma das maiores aberrações da humanidade.

Crates, um dos seus mais celebres discipulos, digno de succeder ao mestre, levou mais longe ainda o desafôro da sua impudencia. Casado com Hipparchia, lembrou-se um dia de exercer com ella os seus direitos conjugaes, em presença de uma multidão de athenienses, debaixo do portico de um templo.

Sem abandonar a sua attitude indecente, e sem dar mostras de envergonhar-se d'aquelle acto infame, respondeu com a maior gravidade aos que lhe manifestaram o seu assombro: *Hominem planto!* — Planto um homem!...

«Este uso infame deve desconcertar e desconcertará sempre o homem que conservar alguns sentimentos de modestia e de pudor, e os maridos de maior potencia, no estado de liberdade, em que a natureza não se vê contrariada, succumbirão irremediavelmente n'uma prova tão humilhante para a humanidade, quanto contrária á razão e aos outros sentimentos inseparaveis da virtude.

«A causa de que tractamos fornece-nos um exemplo irrecusavel na pessoa do marquez de Langey.

«Este fidalgo, confiando no seu vigor, de que tinha uma intima convicção, é o primeiro a pedir a prova do *Congresso.* Succumbe, todavia, e o seu matrimonio é declarado nullo, prohibindo-se-lhe ao mesmo tempo contrahir segundas nupcias.

Protesta contra similhante prohibição, e passado algum tempo, auctorisam-no a tornar a casar, chegando a ser pae de sete filhos, cuja paternidade, não só a virtude mas até a pouca belleza da mãe, põe ao abrigo da menor duvida ou suspeita.

Que conflicto para o tribunal! Que perplexidade no animo dos magistrados! Que de abysmos e peripecias abertos por um primeiro passo, em consequencia de imprevistos acontecimentos, aos quaes, não obstante, a razão e a verdade parecem haver presidido!

Os filhos do marquez de Boesse e os do marquez de Langey são todos, olhados sob certo ponto de vista, filhos bastardos e adulterinos, e sob outro, filhos legitimos, correspondendo-lhes as honras, os direitos e os privilegios que que a sociedade lhes concede!...

4.º O exemplo surprehendente que esta causa forneceu ao publico, revelou a impostura do *Congresso,* e deixou a descoberto as consequencias quasi inacreditaveis, que tal instituição podia acarretar.

Os juizes ecclesiasticos julgaram que a simples *visita* do marido e da mulher não eram sufficiente prova, se os dois não fossem ainda por cima obrigados a consummar o matrimonio, em presença de medicos e de varias outras testemunhas.

Se houvessem, porém, conhecido e interpretado bem os sentimentos de Hincmar, arcebispo de Reims, que no seu tempo foi um dos luminares da egreja de França, é possivel que esta nova maneira de provar a impotencia nunca tivesse sido posta em pratica, e nem ao menos teriam intervindo n'estas causas, cujo objecto bem pouco se coaduna com a indole e decencia do seu caracter.

Dizia aquelle virtuoso prelado:

«Que coisa ha mais opposta á santidade do sacerdocio, do que estas demandas sujas e vergonhosas, em que se tracta de tudo quanto ha de mais secreto entre o marido e a mulher?

«Não basta que um sacerdote tenha puro o coração; é preciso tambem que seus ouvidos sejam puros, e como póde elle entender de assumptos que tem quasi obrigação de ignorar?

«Assim, vemos em todas as leis dos imperadores christãos que estes assumptos não eram levados ante os juizes ecclesiasticos, e embora tenham sido

objecto de discussão em alguns concilios de França, estes concilios, apesar de serem compostos, na sua maxima parte de leigos, declararam que não queriam conhecer em todas as causas de matrimonio e as transmittiram *ad nobiles laicos*, principalmente quando se tractava de questões como estas.»

5.° Urge, portanto, desterrar de uma vez para sempre de todos os tribunaes a odiosa pratica do *Congresso,* palavra que não póde mesmo actualmente proferir-se sem certo horror, e que nunca devêra ter sahido da bocca dos ecclesiasticos.

Convém abolir para sempre esse uso fallaz na sua prova, e que longe de ser approvado pelas leis e pelos canones, lhes é inteiramente opposto, uso barbaro por si proprio, cuja idêa só mancha a imaginação, offende o respeito devido á justiça, offende uma religião tão casta como a nossa, viola todas as leis do pudor, degrada a santidade do matrimonio, deshonra a humanidade, e reduz por assim dizer o homem a uma categoria inferior á dos animaes irracionaes.

CAPITULO VIII

SUMMARIO

A prostituição favorecida pela dansa.— Digressão sobre a origem das pantomimas e dos *ballets*.—A *Dança Macabra* no cemiterio dos Innocentes, em Paris. — Um libretto de um *ballet* celebre do seculo XV. — As dansas francezas no seculo XVI.—Nomes d'estas dansas, segundo as «Navegações de Panurge.»—Descripção d'ellas, segundo a *Orquesographia* de Thoinot Arbeau. — A pantomima obscena. — De que maneira combate Panurge o inglez que argumentava por signaes. — Os *balli di Sfessania*, de Callot. — Os bailadins italianos. — O baile da côrte, creado por Catharina de Medicis. — O *ballet comico da rainha*, de Bathazar de Beaujoyeulx. — Elogio do *ballet*, pelo abbade de Marolles. — Os versos dos *ballets*. — O poeta Sigognes. — O *ballet dos Maquereaux* (alcoviteiros e rufiões). — Estudo sobre os *ballets* licenciosos da côrte de Luiz XIII. — Extractos e citações. — Os bailados de *Apollo*, dos *Equivocos*, do *Valle da Miseria*, das *Fadas da Selva* de Saint-Germain, do *Matrimonio de Pierres de Provence* e *da bella Magdalena*, dos *Encontros antipathicos*, etc., etc. — O bailado de *Momo*. — Educação do joven rei, por Iveteaux. — Os bailados de Luiz XIV, favoraveis aos seus amores.



ÃO PODEMOS deixar em silencio um genero de espectaculos, que contribuiram sem duvida alguma, tanto como o drama e a comedia, para favorecer os costumes e augmentar a dissolução.

Referimo-nos ás pantomimas e aos bailados.

A mimica licenciosa occupava um logar proeminente em todas as representações de peças dialogadas; é facil, porém, de calcular que devia ser mais atrevida e mais rica em invenções escandalosas nas peças *mudas,* em que os gestos dos actores prehenchiam só por si o quadro da acção scenica.

Ser-nos-ha licito suppôr que a arte da pantomima, tão aperfeiçoada e levada a tal extremo de perfeição na antiguidade, devendo exclusivamente o seu prestigio a assumptos e scenas eroticas, que expressava admiravelmente sem auxilio da palavra, não foi esquecida nem desprezada na Edade-Media.

Tornamos a encontral-a em todo o seu antigo esplendor nas representações coreographicas da celeberrima *Dansa Macabra,* que foi executada e cantada por toda a Europa, depois de o ter sido pela primeira vez em Paris, no Cemiterio dos Innocentes, em presença do duque de Bedfort e do duque de Borgonha, Filippe, o Bom.

A dansa dos mortos tem sido a miudo pintada e historiada, desde a épocha em que formava um espectaculo popular, muito proprio para inspirar terror.

A Morte, que dirigia a dansa, fazendo entrar n'ella todos os mortaes,

desde o papa até ao doido, desde a rainha até á prostituta, precisava de ser um prodigioso bailadim e um mimico extraordinario.

(V. La *Danse Macabre,* novella phantastica do seculo XV, pelo Bibliophilo Jacob.)

Os personagens que tomavam parte n'este bailado funebre, a que respondiam por mimica ás espantosas sollicitações da Morte, não só deviam ter sufficientes recursos para cooperarem no horror d'aquelle drama allegorico, mas tambem deviam introduzir variantes no terrivel e monotono assumpto, por meio de saltos e attitudes grotescas, gestos lascivos e caretas divertidas.

O que importava era distrahir o publico. Era como que o fim principal d'aquelle espectaculo de tão mau gosto, que os nossos antepassados saboreavam com a mais decidida predilecção.

Basta examinar as gravuras que adornam as antigas edições da Dansa Macabra, para nos convencermos de que a pantomima da Morte e dos seus bailadins tomava ás vezes um caracter licencioso.

«*Macabro* [1], diz o bibliophilo Jacob, havia realisado uma tão espantosa illusão, que toda a gente pensava ter este famoso bailarino sahido do tumulo para desempenhar o seu horrivel papel.

«Apparecia completamente nu, á excepção de uma faxa cingida em torno dos rins, por inutil decencia, e que lhe fluctuava ainda sobre os hombros. Um pedaço de pelle ensanguentada pendia-lhe do corpo, imitando o ventre aberto com as entranhas visiveis, segundo o uso geralmente estabelecido de caracterisar a morte.

«Esta phantastica nudez punha em relevo as fórmas agudas do esqueleto, o terroso pergaminho que o cobria, e a extranha alliança da morte com a vida.»

Para se fazer ideia da lubricidade extravagante d'estas dansas, basta vêr na *Dansa ou passo das mulheres* as posturas lubricas da Morte, dando á ossada movimentos repugnantes. As mulheres apparecem alli, cada qual vestida se-

---

(1) *Macabro,* nome derivado de S. Macario, e estropeado na bocca do povo. No quadro do celebre pintor florentino, o santo desempenha o principal papel. Intitula-se o famoso quadro o *Triumpho da Morte.*

No centro da tela do florentino, apparece a morte vestida de negro, armada com a terrivel fouce, parecendo arremessar-se sobre a terra com impeto irresistivel. Vê-se ao lado um montão de victimas, entre as quaes o pintor, obedecendo ás severas prescripções da egreja monastica, poz em confusão papas, imperadores, reis, rainhas, abbadessas e todos os altos dignatarios da antiga sociedade.

A Morte não ouve os clamores de uma multidão de desgraçados que a imploram, e dirige o vôo para um oasis encantador, onde sobre a relva, esmaltada de preciosas flores, e á sombra de olorosas larangeiras, varios senhores da terra saboream os mais delicados prazeres.

Nas mãos têem passaros formosissimos, deleitam o ouvido com o som de melodiosos instrumentos, e contemplam extasiados as damas dos seus pensamentos, ás quaes alados amores rochunchudos ameaçam com as suas frechas.

Em contraposição a esta pintura dos gozos mundanos, o artista poz na parte opposta uma elevada montanha habitada por anachoretas, que vestidos com os trajos severos dos

gundo a classe a que pertencia. Em compensação, cada uma d'ellas tinha o movimento e os modos que lhe eram proprios.

Vamos vêr, por exemplo, de que modo a Morte, cruzando as pernas, agitando as cadeiras e arqueando os braços, dirigia á *Mulher amorosa* um convite para a dansa. Citamos a versão das edições modernas da *Bibliotheca azul*, de Troyes:

Femme charnelle et malvivante,
Qui jamais ne songez à moi,
Est-ce que je vous épouvante?
Vous êtes surprise, je crois!
Vous vous êtes trop divertie;
Laissez le monde et ses appas.
Dansons le branle de sortie:
Je vous tiens, ne craignez pas!...

«Mulher carnal e de má vida, que nunca te lembras de mim! Temes-me, por ventura? Parece que te causo surpreza! Já te divertiste bastante. Deixa o mundo e as suas pompas. Dansemos a dansa final. Tenho-te bem agarrada, não temas!»

A *Mulher amorosa*, que tem flores nas mãos e traz um cinto dourado, parece sorrir á morte e entregar-se com ella ao excitante abandono da prostituição, nem sequer pensa em retirar a mão, que o *Macabro* destina a toques execraveis, e responde resignada:

A ce péché je fus soumise,
Maudit en sait-il le mètier!
J'ai quité mon salut, l'Église,
Le chapelet et le Psautier;
Mais, irais-je prendre une corde,
Et me porter au désespoir?
A toute péché misericorde,
Je me range à votre pouvoir!

---

primeiros tempos do christianismo, representam as austeridades, impostas pelas novas ordens religiosas ao desenfreamento dos costumes do seculo.

Os santos varões extasiam-se na leitura, na oração e na contemplação. Alguns d'elles dedicam-se a rudes fainas para o sustento da existencia.

No sopé da montanha, *S. Macario*, um dos primeiros solitarios do Egypto christão, e um dos fundadores da theologia ascetica, renovada desde os fins do seculo XIII pelos discipulos de S. Francisco, impede o caminho de tres reis, que vão caçar com as suas concubinas.

Aponta-lhes para tres sepulchros, contra os quaes vão esbarrar os soberbos corcei dos monarchas, e onde se vêem tres cadaveres de reis.

O primeiro está horrivelmente inchado pela putrefacção, o segundo roido pelos guzanos e o terceiro reduzido a esqueleto.

No rosto dos reis manifesta-se um horror enorme, e um d'elles tapa o nariz com as mãos por não poder supportar o fetido dos cadaveres.

Seria difficil representar de um modo mais claro e surprehendente a opposição que n'aquella épocha reinava entre a sociedade secular, entregue aos gozos dos bens ephemeros, e a sociedade monastica, que não queria saber de outros bens, senão dos da vida eterna.

«Submetti-me a este peccado, maldito seja tal officio! Abandonei a minha salvação, a Egreja, o rosario e o livro de orações. Mas, por isto mesmo, hei de tomar uma corda e entregar-me ao desespero ? Para todo o peccado ha misericordia ; submetto-me ao vosso poder!»

Se é certo que a *Dansa Macabra* foi o bailado mais celebre do seculo xv, não o é menos que se encontram tambem vestigios de outros bailados e pantomimas, de indole menos lugubre e mais graciosa, que foram a diversão predilecta do povo e especialmente da côrte e dos grandes senhores.

Já dissémos n'outra parte que nas entradas dos reis e das rainhas nas cidades se celebravam *bellos mysterios* de nymphas, de sereias, de satyros e de selvagens completamente nús, que provavelmente não se conservariam immoveis, visto que figuravam publicamente nos tablados, tocavam differentes instrumentos e recitavam versos.

Verdade seja que a dansa não tinha já os vivos e lubricos movimentos das orgias romanas. Não era executada então, como na antiguidade, no theatro e em festins, por cortezãs que conheciam a arte de fascinar os olhos e os ouvidos, de avivar as paixões sensuaes e de provocar a voluptuosidade.

A dansa do povo era grosseira, innocente, ruidosa, trivial. A da nobreza, inchada, fria, lenta, monotona.

Em geral, dansava-se cantando, quer dizer, todos os que dansavam repetiam em côro, ou entoavam alternadamente *rondós* e estribilhos, que marcavam o compasso.

Estes cantares não deixavam de excitar uma especie de hilaridade grosseira, quando eram acompanhados de gestos e pantomimas comicas. A lettra das coplas contribuia tambem para o bom humor dos que dansavam.

Entre as dansas do seculo xvi, citadas circumstanciadamente no capitulo decimo-sexto das *Navegações de Panurge,* encontram-se varias palavras livres ou equivocas, que nos dão a entender que estes bailes de roda nem sempre eram de uma notavel decencia.

Assim, pois, as primeiras palávras da canção que se entoava ao encetar o bailado eram :

N'y boutez pas tout,
N'y boutez que le bout!

«Não o mettam todo, mettam sómente a ponta.»

Ou :

Mon c... est devenu sergent!

«O meu c... chegou a sargento!»

Ou ainda :

Touche-ly l'anticquaille.

«Toca-lhe a antigualha.»

E outras vezes :

Faisons-le, faisons!

«Façamol-o, façamol-o!»

O *motivo* da dansa era talvez a licenciosidade da mesma, por isso que as *baixas dansas (basses danses),* que começavam lentamente e acabavam com um movimento mais rapido, por uma especie de batuques, que se chamavam então *tordions,* ou *tourdions,* foram, durante muito tempo, as unicas admittidas na côrte e na boa sociedade.

Os *branles,* que podem considerar-se como as mais antigas dansas francezas, não tinham maior animação, exceptuando o *branle-gai,* cujos passos se executavam com maior animação e petulancia, e na qual se tinha sempre um pé no ar, segundo diz na sua *Orquesographia* Thoinot Arbeau.

As *bourrées* só eram vulgares n'algumas provincias onde tinham tido origem. Quanto á *cabriola,* ou *capriola,* não era precisamente um bailado, como diz o redactor das *Miscellaneas tiradas de uma grande bibliotheca* (T. xxx, pag. 290 e seguintes), senão um simples movimento ou salto do bailarino, o qual antes do seculo xvi nem sequer era conhecido dos bailarinos de profissão.

D'ahi a pouco foi moda na côrte de Catharina de Medicis, começando a executal-a a principio as pessoas da classe inferior, e em seguida os rapazes da classe nobre, que se presavam de dansar bem e com ligeireza.

Por fim, até as damas e as meninas se atreveram a fazer cabriolas, não sem grande escandalo dos graves personagens da antiga côrte.

Foi então que estes graves personagens fulminaram terriveis anathemas contra a licença que se introduzia na côrte de França, dando á palavra *cabriola* toda a especie de interpretações malignas.

Isto explica o motivo porque Luiz Guyon condemnava indistinctamente todas as dansas da sua épocha :

«Hoje, diz elle, nas suas *Varias licções* (Tomo ii, pag. 974,) as dansas são lascivas, servindo para seduzir as mulheres e fazer gestos licenciosos, cousa que de nenhum modo devêra praticar-se entre pessoas virtuosas e christãs, e que os mesmos pagãos tinham em horror, como se vê nas leis dos athenienses, que condemnavam a cem escudos de multa quem fizesse dansar uma bailarina.»

As mulheres em França não começaram a dansar no theatro até aos reinados de Carlos ix e Henrique iii.

A pantomima, que chegou a ser um accessorio inseparavel da dansa theatral, já havia sido cumplice da sensualidade e até da libertinagem.

Já n'outra parte d'esta obra fallámos, citando a auctoridade de Brantôme, de uma peça obscena, intitulada o *Paraizo do Amor,* que foi representada á porta fechada no theatro do hotel de Bourbon, por tres damas e tres cavalleiros da côrte de Carlos ix, e é de presumir, reportando-nos á informação obscura de Brantôme que aquella peça theatral fosse uma pantomima entremeada de danças e cantares, em que se executavam scenas impudicas, similhantes ás que ousaram apparecer abominavelmente em varios theatros de sociedade, que se chamavam *Théatres gaillards, Theatros desavergonhados.*

Além d'isto, Rabelais, em varios capitulos da sua *Novella universal,* dá-nos a entender que a pantomima ou a linguagem por signaes e por gestos, não podia ser outra, senão uma expressão muda da libertinagem.

Veja-se de que maneira Panurge responde ao inglez Thaumaste (*Pantagruel*, liv. II, cap. XIX), que *argumentava por signaes*:

«Panurge pegou na fralda da sua larga braguetta e a extendeu no comprimento de covado e meio, sustentando-a no ar com a mão esquerda. Com a a direita pegou n'uma laranja e atirou-a ao ar por sete vezes, e á oitava occultou-a na palma da mão direita, conservando-a elevada, permanecendo um bom pedaço immovel; em seguida, começou a sacudir a larga braguetta, mostrando-a a Thaumaste.

«Panurge metteu logo um dedo da mão esquerda no seu *orificio*, ao passo que expellia ar da bocca, como quando se comem ostras na concha ou se sopra a roupa.

«Panurge pegou outra vez na larga braguetta e sacudiu-a quanto podia. Depois poz as duas mãos entrelaçadas em fórma de pinha na cabeça, deitando a lingua de fóra o mais que lhe foi possivel, e revolvendo os olhos nas orbitas, como uma cabra moribunda.»

Esta pantomima era sem duvida tão pouco decente como a dos bailadins italianos, que dansavam bailados e representavam peças mudas em principios do seculo XVII, e que Collet desenhou do natural nos seus *Balli di Sfessania*. (1620: in-8.º oblongo; 24 desenhos gravados por Israel Sylvestre).

«Alguns pretendem, diz o auctor do Catalogo da *Bibliotheca dramatica*, de M. de Soleinne, que este bailado, embora não seja tão licencioso como o das *Morcellas* e outros da mesma épocha, foi representado por bailadins italianos na côrte de França, sem duvida na presença de Gastão de Orleans, que era muito capaz de apreciar a pantomima equivoca de *Cúcorogna, Curucucu, Cucuba, Cocodrillo,* etc., etc.

Estes bailadins apresentavam-se com mascaras exoticas, e vestidos com trajos phantasticos, que lhes punham em evidencia as partes menos honestas.

Parece que não tinham em vista senão mostrar os seus nefandos costumes, valendo-se de posturas e gestos, que podiam considerar-se imitados da dança obscena dos Etruscos, tal como a vemos representada nos vasos da antiga Etruria.

Não obstante, durante muito tempo, só tiveram logar na côrte de França para recreio libidinoso de alguns grandes personagens, os bailados em que a licença do theatro havia sido levada até aos seus extremos limites.

Gastão de Orleans, irmão de Luiz XIII, era summamente afleiçoado aos bailados. O principe tinha os seus poetas, os seus musicos, a sua companhia de baile, n'uma palavra, o seu theatro corographico.

Este genero de diversão reflectia com uma liberdade cynica os habitos de libertinagem do irmão do rei de França.

Antes d'elle, Catharina de Medicis havia dotado o baile erotico, dansado pelas suas damas de honor, de todas as seducções voluptuosas de que elle era susceptivel.

A rainha Margarida descreve, nas suas *Memorias*, um dos *ballets* que sua mãe fizera executar em 1565, perto de Bayonna, na ilha de Aiguemeau, sobre o rio Adour, em presença da rainha de Hespanha e de tres côrtes reu-

nidas. O festim foi servido por «grupos de varias pastoras, vestindo telas de ouro e seda, diversamente, segundo os variados trajos de todas as provincias de França.»

Cada grupo ou quadrilha dansava á moda do seu paiz. As do Poitou, ao som da gaita de folles, as da Provença, ao som dos timbalos, as da Borgonha e Champagne com o oboé, a viola e o tamboril.

As raparigas da Bretanha, pittorescamente vestidas, dansavam os seus *passa-pés* e os seus *branles-gais*. As das outras provincias, segundo os seus usos e costumes tradiccionaes.

As *Memorias* da rainha de Navarra não fazem menção dos fidalgos disfarçados em faunos e satyros, que ajudavam no serviço da mesa e figuravam tambem no bailado.

Outra festa, não menos notavel por suas exhibições galantes, foi a que Henrique III deu no Louvre, a 15 de outubro de 1581, em honra das bodas do duque de Joyeuse e da menina de Vandemont, irmã da rainha Luiza de Lorena.

O *Ballet comique de la Reine* (impresso em Paris por Adriano Leroy, Robert Ballart e Mamert Potisson, impressores d'el-rei, em 1582, in-4.° com figuras), havia sido arranjado por Balthazar de Beaujoyeulx, ajudante da camara de Catharina de Medicis, e era entremeado de cantos, musica e divertimentos.

A rainha em pessoa tomou parte n'elle, vestindo o trajo de Thetis, acompanhada das damas mais illustres da côrte.

Todos os papeis eram desempenhados por fidalgas e damas, cujas graças e formosura as tornavam dignas da gloriosa tarefa de representarem deusas e nymphas. Desde o momento, porém, em que entrava a dansa, encorporavam-se na turba dos cortezãos, musicos e dansarinos de profissão.

Data d'aquella épocha a introducção dos artistas choreographicos e lyricos nos *ballets* dançados por el-rei, pelos principes e por toda a côrte; uso singular que devia cooperar notavelmente para a relaxação dos costumes da nobreza, e que não terminou senão no reinado de Luiz XIV, no momento em que as comicas, protegidas pelos seus amantes, fizeram invasão nas festas theatraes de Versailles.

Todavia, nem todos os *ballets* da côrte eram cumplices da libertinagem e da prostituição, que com tanta facilidade os acompanhavam.

O abbade Marolles, que tão apaixonado foi por este genero de composição dramatica, em que se presava de ser eximio, não deixa de se escudar sob a égide de honesta decencia, que se guardava em certos *ballets* do tempo de Luiz XIII.

«Não é intento meu occupar-me, diz elle, no seu discurso sobre o baile, que se lê em continuação das suas *Memorias*, d'essas vis mascaradas que percorrem as ruas de Paris e de outras cidades da França, nos dias de Carnaval, nem muito menos d'essas danças impudicas que se executam ás vezes em certas casas particulares, entremeadas de actos impuros e de grosseiros equivocos, que enchem de satisfação bestial as almas viciosas.»

O baile, no tempo de Henrique IV, era uma das occupações favoritas da

côrt : este rei que tinha por elle verdadeira paixão, tomava a miudo parte na sua execução.

Até Sully, o grave e austero Sully, que dansava só cada noite, ao som do alaude de La Roche, ajudante da camara d'el-rei, havia preparado uma sala de baile no Arsenal, cuja porta guardava pessoalmente, afim de que alli não penetrassem intrusos, quando se representava algum *ballet*.

(V. *Historietas*, de Tallemant des Reaux, t. I.)

Os *ballets* eram muitas vezes licenciosos, mas o que os tornava mais indecentes eram os versos que se cantavam á entrada de cada personagem, e que se distribuiam depois impressos por todos os espectadores.

Estes versos, demasiados livres, e ás vezes até obscenos, continham a explicação da pantomima e caracterisavam as virtudes e os vicios pessoaes dos actores. Sigognes, que se tornára notavel por uma consideravel quantidade de poesias satyricas, quer dizer, obscenas, compoz quasi todos os versos dos *ballets* que se dansaram na côrte no tempo de Henrique IV.

A licenciosa reputação do poeta acha-se plenamente justificada pelas immundicies e torpezas de que encheu os seus versos.

A esta vil qualidade devia principalmente o ser tão festejado e bem acolhido na sociedade dos personagens de elevada gerarchia.

Tinha ainda outro titulo, além do de poeta de *ballets* : «N'este mez de abril de 1611, lê-se nos *Diarios* de P. de l'Estoile, morreu Sigognes, governador de Dieppe, do qual se dizia que melhor poderia servir para governar uma manada de zorras e de put... do que para governar uma tal cidade. Por isso chegára a conquistar tão alto cargo, por meio das suas alcavallas e do torpe trafico d'esta infame mercadoria.»

Não eram, geralmente fallando, mais honrosos os costumes de todos os poetas de bailados.

Durand, «um dos mais gentis poetas do seu tempo, engenhoso para organisar bailados», diz Malingre nos seus *Annaes de Paris,* (p. 564) foi rodado e queimado na praça da Grève, a 16 de julho de 1619, por ter feito cousas bem differentes dos bailados.

Bordier, Bois-Robert, Théophile Viaud, Saint-Amand, Sorel, etc., que compunham tambem versos para os *ballets de la cour,* não respeitavam os ouvidos das damas, as quaes haviam aprendido, segundo uma expressão chistosa da épocha, a não corarem pelos olhos.

Um exemplo :

Representou-se um bailado, denominado dos *Alcoviteiros,* do qual nos resta unicamente uma canção, em que estes *embaixadores do amor,* offerecem os seus serviços aos espectadores, dirigindo-se especialmente ás bellas :

Nous sommes à votre service,
Car nous ne tiendrons pas à vice
De vous servir de maquereaux.

«Estamos á vossa disposição, porque não consideraremos uma vergonha poder-vos servir de alcoviteiros.»



A Bella Ferronière

(V. *Muses Gaillardes,* recopiladas dos melhores engenhos d'estes tempos, por A. D. B., parisiense. Paris, A. du Breuil, 1609, in-16.º)

Os *ballets* lascivos, equivocos e impudicos da côrte só nos são conhecidos por algumas relações e programmas insignificantes, mas os versos que nos mesmos se cantavam, podem fazer-nos adivinhar que dansas e pantomimas se executavam n'elles.

Nada mais raro actualmente que taes compilações de versos, que não sobreviveram ás circumstancias e que, pelo geral, eram inutilisados no dia seguinte ao da representação.

Não obstante, a *Bibliotheca dramatica,* de M. de Soleinne, possue ainda alguns, sufficientes para nos dar uma ideia d'aquelle genero de versos galantes, e o erudito Gustavo Brunet, n'um curioso artigo do *Boletim da Alliança das Artes,* (Tomo III, p. 351 e 352, 367 e 368) nos dirá quaes eram as diversões da côrte de Luiz XIII.

Conhecem-se os titulos de sessenta dos ditos *ballets,* n'um periodo de quarenta annos, desde 1614 até 1653. Muitos d'elles, segundo parece, não foram impressos. Outros que o foram desappareceram completamente.

«O mais difficil de crêr, diz Gustavo Brunet, é o genero e o estylo dos chistes que se recitavam em presença das mais illustres damas, ante a rainha e as suas damas de honor. E, não bastante, tão enormissimas jocosidades obtinham a honra de uma publicação official. Todas ellas sahiram dos prelos da Imprensa Real!»

No *Grande Baile do Rei,* dansado no Louvre, a 12 de fevereiro de 1619, a propria solemnidade do assumpto, extrahido do poema A *Jerusalem libertada* do Tasso, não foi um obstaculo para que o auctor descesse ás indecencias exigidas pelo genero do bailado.

O intermedio dos *Lenheiros,* por exemplo, põe em scena varios senhores da côrte, que véem por seu turno recitar madrigaes sobre o merito das suas ferramentas.

O senhor de Chalus dizia:

Ma coignée aujourd'hui fait d'étranges effets;
Quand elle abat du bois, elle en fait venir d'autre.

«O meu machado produz hoje os mais extranhos effeitos: quanto mais lenha abate, tanta mais faz vir...»

O senhor de Humières cantava tambem:

La douceur tesmoignée
Du son de ma coignée
Ravit tous les oiseaux,
Excepté les coucous.

«A provada doçura do som do meu machado encanta a todos os passaros, excepto aos *cucos.*»

Emfim, o senhor da Roche Guyon, no intermedio dos *Serradores,* dirigia-se directamente ás damas, dizendo-lhes com o maximo descaramento:

Ne méprisez point mon outil:
L'advantage qu'il vous présente,
C'est qu'il n'est rien de si subtil
A se loger dans une fente.

«Não desprezeis a minha ferramenta, porque tem a vantagem de que nada ha mais subtil para se alojar n'uma fenda.»

O *Bailado de Apollo,* dançado pelo rei em 1621, é aquelle em que o systema dos equivocos, trocadilhos e duplos sentidos, se encontra mais espalhado.

Bastará transcrever algumas passagens do mesmo para demonstrarmos até que ponto podia chegar esta linguagem disfarçada.

O conde de Allix, no papel de um fabricante de dardos, dizia ás bellas *obras primas da natureza.*

S'il arrrive que mes flesches
Se brisent, sans faire bresches,
Ou rebroussent devant vous,
Je n'en seray point en verve;
J'ay toujours pour les bons coups
Quelques flesches de reserve.

«Se acontecer que as minhas frechas se quebrem sem abrir brecha, ou se torçam diante de vós, nem por isso ficareis mal, porque tenho sempre outras de reserva para os bons tiros.

O conde de Rochefort, no seu papel de lavrador, dizia:

Si vous avez des laboureurs,
Qui, pour estre mauvais payeurs,
Ne contentent point vos envies:
Beautez, adressez-vous à moy!
Qui, mieux que moy, va desfrichant
. . . .
Ces terres neuves, qui du coutre
N'ont jamais senti le tranchant?

«Se algum dos vossos lavradores, por pagarem mal os seus compromissos, não vos encherem as medidas, bellas! dirigi-vos a mim; quem melhor do que eu poderá desbravar essas terras incultas, que nunca soffreram o corte do arado?»

O conde de La Rochefoucauld, no seu papel de limpa-chaminés, dizia:

Recevez-moi chez vous,
J'y trouveray, peut-estre,
Quelques trous à boucher.

«Recebei-me em vossa casa. Talvez por lá encontre algum buraco para tapar.»

De Liancourt, tambem vestido de limpa-chaminés, accrescentava:

Il n'est tuyau qui ne recherche
Les bonnes graces de ma perche,
Qui voltige de tous cotez
Et ramone de telle sorte,
Qui les plus farouches beautez
Ne me ferment jamais leur porte.

«Não ha cano que não appeteça os bons serviços da minha vassoura, que percorre todos os cantos e se meche com tal mestria, que a mais feroz beldade nunca me fechou a porta.»

Verdade seja que a presença dos limpa-chaminés nos diversos bairros despertava invariavelmente os mesmos obscenos equivocos.

No *Bailado dos que procuram impossiveis,* dansado pela primeira vez em 1620, um limpa-chaminés dizia ás damas:

Croyez-moi que vos cheminées
Seront promptement ramonées,
Si vous éprouvez ma façon.

«Acreditae, senhoras, que as vossas chaminés serão n'um abrir e fechar d'olhos limpas, se quizerdes experimentar a minha maneira de trabalhar.»

O papel de limpa-chaminés prestava-se tão naturalmente a allusões grosseiras, que entrava constantemente em scena nos bailados.

A *Mascarada da Feira de Saint-Germain* apresenta-nos tambem tres limpa-chaminés, que cantam em honra das damas:

Beautez, qui triumphez et mettez tout à bas,
Laissez-vous ramoner toujurs du haut en bas.

«Bellas, que triumphaes e derrocaes tudo, deixae-vos esfollinhar sempre de alto a baixo.»

De resto, n'estes bailados costumavam tomar parte actores representando classes de muito peior fama que a dos limpa-chaminés.

No *Ballet de Madame,* em que dansava o joven rei Luiz XIV, a 22 de janeiro de 1615, entrou um alcoviteiro e uma p...!

A unica desculpa que póde allegar-se em favor da licenciosidade dos bailados e sobretudo dos versos que n'elles se cantavam, é que eram destinados a suavisar as loucuras do carnaval.

Verdade seja que ás vezes excediam todos os limites.

No *Ballet de Monsieur le Prince,* que foi dansado em Louvre, no Carnaval de 1622, um jardineiro, representado pelo senhor de Vivier, pedia licença ás damas para trabalhar para ellas, dizendo-lhes:

Oui, marché fait, donnez des arrhes,
J'irai tondre tous les matins
Les bordures de vos parterres,
Consacrez au dieu des jardins.

«Sim, está ajustado, dae-me arrhas do nosso contracto. Eu irei todas as

manhãs tosquear as bordas dos vossos canteiros, consagrados ao deus dos jardins.»

No *Bailado do Azar,* cujos versos são de Bordier, assim como os do de *Apollo,* os operarios e os diversos artifices dirigiam incriveis equivocos ás espectadoras.

Por exemplo, o pescador diz:

On ne pesche que maquereaux
Et ne peut-on voir de pucelles?

«Apenas pescamos sargos (trocadilho: *maquereaux,* sargos e alcoviteiros) e ninguem apanha um peixe donzella (trocadilho: *pucelle,* peixe e donzella).»

O pedreiro:

Ne pouvant couvrir sur le toit,
Je couvre sous la couverture.

«Não podendo cobrir sobre o telhado, cubro debaixo do cobertor.»

E o cabouqueiro:

Nous sommes bien fournis de pics,
Pour bésogner à vos tranchées.

«Estamos prevenidos de boas picaretas para trabalharmos nas vossas trincheiras.»

O *Bailado dos Equivocos,* que foi executado no Louvre e no Hôtel de Ville, a 4 de janeiro de 1627, pelo principe irmão do rei, abunda, diz Gustavo Brunet, em imagens que não poderiamos livrar da censura de inconveniencia.

Os principaes personagens são Jocrise, o capitão Riflandouille, messire Aliboron, messire Mouche, messire Gonin, etc., etc.

Eis os ultimos versos de uma allocução de messire Gonin ao bello sexo:

Mais, avant, je vous avertis
De prendre garde à mes outils,
Car s'il faut que je vous approche,
Et s'il arrive quelque fois,
Que mon cadenas vous accroche,
Vous n'en serez que pour neuf mois.

«Mas antes devo advertir-vos, senhoras minhas, que tenhaes muito cuidado com as minhas ferramentas, porque se por ventura me approximar de vós, e succeder que o meu gancho vos apanhe, podeis crêr que não tereis para menos de nove mezes.»

Messire Mouche teve a ousadia de recordar o que toda a gente tinha obrigação de saber na assembleia:

Sans moi, ce drôle d'Aretin
N'eût pas inventé ses postures.

«Sem mim, esse patife do Aretino não teria inventado as suas posições.»

N'outro bailado da mesma indole, intitulado do *Valle de Miseria*, encontramos uma allusão similhante ás *Figuras de Aretino*, que andavam ao tempo em todas as mãos, e que o pintor Dumoustier tinha o desafôro de trazer no bolso :

Cet italien, qui mit ses postures en pratique,
Nous montrons qu'il n'y sçavoit rien :
Belles, si ce discours ne vous semble croyable,
L'experience en est aimable.

«Esse italiano, que poz em pratica as suas posições, era um parvo comparado comnosco. Bellas, se não daes credito ao nosso dito, será bom experimental-o.»

No mencionado bailado, que se dansou ante a rainha e em presença do cardeal de Richelieu, no Arsenal, em 1634, um truão nú dizia ás damas :

Si je suis dècouvert et nud de cette sorte,
Au besoin je seroy plus prest à vous couvrir.

«Se me vèem descoberto e nú d'esta sorte, é para quando chegar a occasião poder mais facilmente cobrir-vos.»

Varios tocadores de alaúde diziam, depois de terem annunciado que os seus alaúdes não eram os unicos instrumentos de que vinham munidos:

Nous pourrions beaucoup mieux charmer vos sentiments,
Par ailleurs que pas les oreilles.

«Nós poderiamos encantar muito melhor os vossos sentidos, por um sitio muito differente dos ouvidos.»

Um jogador de pau, depois de ter esgrimido durante algum tempo para mostrar a sua destreza, dizia :

Je jure desormais ne me servir partout,
Que du bâton qui n'a qu'un bout

«Juro não me tornar a valer d'aqui em diante, senão do pau que não tem mais do que uma ponta.»

A 11 de fevereiro de 1625, o rei dansou no *Bailado das Fadas da Selva de Saint-Germain*.

Basta citarmos duas coplas, para fazermos idêa da sua moralidade:

Um vendedor de filhozes :

Je cours Paris toute la nuit,
En criant et faisant du bruit
Pour débiter ma marchandise.
Tenez, en voulez-vous ? Je ne prends point d'argent :
Si vous aimez la friandise,
Belles pour y gouster, tendez votre devant.

«Ando toda a noite pelas ruas de Paris a gritar e a alvorotar a cidade, para vender a minha mercadoria. Vêde se quereis, bellas senhoras. Não vos levarei dinheiro. Se gostaes da goloseima, senhoras, para a provar apresentae-me a vossa dianteira.»

Jocrisse accrescenta:

Partout on m'appelle Jocrisse
Qui mène les poules pisser,
Chères beautez, faites cesser
Ce surnom rempli d'injustice,
Que chacune de vous dessus moi se repose.
Je lui ferai faire autre chose.

«Todos me chamam Jocrisse, o que leva as gallinhas a m... Ó bellas! fazei cessar tão injusta denominação. Cada uma de vós repouse sobre mim, e eu a obrigarei a fazer outra cousa.»

No *Bailado do Matrimonio de Pierres de Provence com a bella Magdalena*, que foi dansado por sua alteza real, em Tours, em 1638, o conde de Brienne e o marquez de Maulevier, disfarçados em cosinheiros, cantavam estes versos, acompanhados de uma indecente pantomima:

Nous ne parlons point tant de nous,
Que de ces faiseurs de ragouts,
Que trop de vanité transporte;
Mais nous dressons de bonne sorte,
Et lardons délicatement.

«Não exaltamos tanto os nossos meritos como esses fabricantes de guisados, a quem cega a vaidade. Sabemos adereçar com perfeição, assar como deve ser, e lardear com delicadeza.»

N'este bailado havia um intermedio de anões, que se apresentavam ás damas com este pomposo e incrivel annuncio dos seus merecimentos e mais partes:

Les dames sont averties,
Qu'au moins, en de si petits corps,
Nous avons de belles parties.

«As senhoras ficam sabendo, que pelo menos nos nossos pequeninos corpos, temos bellas partes.»

Os poetas dos bailados nem sempre se cingiam aos equivocos, chegando até a sua ousadia a pôr a palavra obscena em rima, como se vê no *Bailado dos encontros antipathicos*, que foi representado em 1626.

N'este bailado, uma regateira diz com a maior desfaçatez ás damas da côrte:

Et vous riez de voir mes chausses descoussues,
Je vois bien de quel air vous êtes atiffées,
Vous êtes, je le vois, bien mieux que moy coiffées
Mais vous n'êtes si bien ni si souvent f...

«Rides talvez de me verdes as meias descozidas? Bem sei que estaes bem compostas e preparadas; vejo perfeitamente que os vossos trajos são melhores que os meus, mas o que é certo é que nenhuma de vós nem é tão bem, nem tão a miudo f...., como eu.»

O *Bailado do Tempo*, dedicado a el-rei pelo poeta Balthazar du Buret, que o compuzéra em 1633, para ser dansado no *Petit-Jeu de Paume du Petit Louvre,* introduz em scena Lais e Lamia, as duas famosas cortezãs dos *Raggionamenti* do Aretino.

O *Bailado do Grande Demogorgon,* dedicado á rainha por Cesar de Grandpré, que o compozéra tambem no *Petit Jeu de Paume du Petit Louvre,* theatro publico de bailados, auctorisado por um privilegio do rei, terminava por uma grande dansa final, em que tomavam parte os *incubos* e os *succubos!*

O bailado que maior direito tem a occupar um logar proeminente na historia da prostituição, é o que se intitula — *O bailado das Morcellas.*

Esta composição a que sem duvida allude o abbade de Marolles, quando falla das *vis mascaradas*, que ás vezes se realisavam em casas particulares, é apenas conhecida pela seguinte nota do Catalogo da *Bibliotheca dramatica* de M. de Soleinne (tomo III, p. 91):

«Esta extranha mascarada, inspirada por um episodio de Rabelais, é a mais livre que teve a ousadia de se exhibir na côrte,(ou melhor no palacio de Gastão d'Orleans, em 1628); trata-se n'ella sem cessar do membro viril, que era apresentado em guisa de mimo, idolo, ou offerenda carnavalesca, ao senhor de la Rigaudière, fidalgo do logar, a quem todos os estados vinham adorar, cada qual por sua vez, celebrando mysterios ridiculos e obscenos.

Na antiga litteratura hespanhola ha uma composição analoga, de que vamos dar uma paraphrase.

Intitula-se:

VISÃO DELEITOSA

«A dor não se cansa de me affligir, pedindo-me estreitas contas de alguns curtos instantes de repouso; e não me deixando pregar olho em toda a noite.

«Fatigado da penosa insomnia, levantei-me de madrugada, para ver se encontrava algum remedio, e dirigi-me immediatamente a Capuana, apressando os passos, porque tinha necessidade de repousar.

«Triste, triste de mim! Apenas entrei no fosso, só Deus sabe o que passei! Se perdesse a fé, não deixaria de me matar!

«Julgando encontrar repouso, peior, mil vezes peior foi. Mal succedido na empreza, quanto mais perto estava do fogo, mais ardia e me queimava, e com esta infelicidade, soltava queixas dolorosas, por vêr tão mortos meus bens, quando tinha á dor tão viva.

«E estando n'esta paixão penando por causa d'ella, vi chegar, visão extranha! muita gente em procissão, que causava espanto vêl-a.

«Mas quando se approximaram de mim e ouvi as suas alegres risadas, perdi de todo o receio, porque logo conheci serem mulheres formosas todas as recem-chegadas.

«A procissão d'estas beldades trazia Matihuelo (o membro viril) n'um carro triumphal. Era tão avantajado e comprido que arrastava pelo chão.

«Atraz d'elle caminhavam muitas damas e donzellas, que diziam em altas vozes:

«Das que fogem de ti, foge tambem o prazer, que sem ti, poderoso e bello senhor, delicia das mulheres, não mana dentro das entranhas a doçura, não se sabe o que é o amor, nem se gozam os seus prazeres.

«Sem ti, Amor não nos recompensa os nossos serviços. E' comtigo que elle nos afaga, suavisando-nos a existencia.

«Se alguma, por desgraça, foi por ti olvidada, fica privada de um grande bem, e sendo tu a sua unica ventura, póde chamar-se desditosa...

«Dizendo estas palavras, andavam em volta d'elle, ardendo em amor, cobrindo-o de beijos, com vontade de o comer.

«Apenas me viram, deixaram de beijar o bem amado corpo do idolo, e sentadas em volta d'elle, cantaram em alta voz:

«Honremos a Matihuelo, nosso bem, nossa consolação!

«A primeira d'ellas, Dona Maria, cantou cheia de jubilo:

«Tão dentro de mim te queria, quão longe estou do ceu, Matihuelo!

«Em seguida, D. Leonor respondeu com a sua voz argentina:

«Se não goso a tua doçura, receio muito morrer, Matihuelo...

«Diana cantou em seguida com uma doce perturbação na voz:

«Quem fôra transformada em peixe, para cahir no teu anzol, Matihuelo!

«Mariquinhas disse por sua vez:

«Que grande prazer quando elle empurra! Como és bom n'esse momento, Matihuelo!

«Dona Joanna, voz em grita, disse:

«Como é pena quando é pequeno; é tal qual um mosquito que entra na pipa e sahe a voar, Matihuelo!

«Dona Izabel Castriote diz com grande alvoroço:

«Eu te te faria andar a trote, e chorar para minha consolação, Matihuelo.

«Dona Preciosa insiste em cantar que o queria:

«Tão comprido que podesse craval-o no chão!

«Munhosa quiz cantar:

«Se houveres de deixar o serviço activo, peço-te que venhas aposentar-te dentro do meu...

«E por ultimo, D. Ignez:

«Sou creança, é verdade, mas heide sempre teimar comtigo, até que me podes a vinha, e me regues esta horta, Matihuelo!...»

. . . .

O duque d'Orleans era o Mecenas dos poetas e dos dansarinos dos bailados. Depois d'elle desapparecem as obscenidades coreographicas.

«Chega Luiz XIV, diz Gustavo Brunet, e os espectaculos da côrte começam a ser mais discretos e decentes.»

No emtanto, encontram-se ainda algumas reminiscencias das jocosidades obscenas de outros tempos.

Assim, no *Bailado do Filho de Baccho,* a 2 de maio de 1657, o duque de Mercœur e o marquez de Montglas, disfarçados em amas de leite, offerecem-se n'estes termos para instrucção das meninas solteiras :

Il n'est pas mal aisé d'acquérir nos offices
Et pour y parvenir le chemin en est doux;
Mais vous ne saurez mieux vous adresser qu'à nous,
Si vous voulez apprendre à devenir nourrices.

«Não é lá muito difficil adquirir o nosso modo de vida, e para o conseguir, o caminho é agradavel. Mas, no caso de quererdes aprender, não podeis dirigir-vos a ninguem melhor do que a nós.»

Luiz XIV, assim como seu pae Luiz XIII, tinha feito por assim dizer a sua educação dansando bailados, e facilmente se comprehende que similhante systema de diversão não era o mais proprio para conservar puro o coração do rei.

No emtanto, Luiz XIII havia em parte dado um desmentido aos prognosticos que se fizeram a respeito da indole dos seus primeiros passatempos, e sobretudo da immoralidade do seu preceptor Vauquelin, senhor des Iveteaux.

Na obra intitulada : *Discurso apresentado á rainha-mãe em 1610,* lêem-se os seguintes periodos :

«Será proprio para a educação de um principe ensinar-lhe que a extensão dos dominios de Hespanha augmentou por causa da lança de carne? Será conversação digna de um rei o recitar-lhe a vida da corteză Flora e de Pomona, as intrigas de bastidores e mil outros discursos effeminados !»

A corrupção de costumes do preceptor não influiu tanto como se podia temer no seu real discipulo, que talvez nunca tivesse amante carnal, limitando-se apenas a fazer de galan romantico e apaixonado com Luiza de La Fayette e Maria de Hautefort, as quaes principiou por amar nos bailados, antes de as amar castamente, «só até á cintura», como elle proprio dizia.

Luiz XIV havia herdado de seu pae a paixão pelos bailados. Gostava de dansar entre os senhores e as damas da côrte, e queria que não se olhasse a despezas afim de que a representação dos bailados nada tivesse que invejar, quanto a magnificencia e esplendor, ao que se havia feito n'este sentido no reinado antecedente.

Os mais habeis e engenhosos pintores, os mais intelligentes mecanicos e os melhores poetas cooperavam de alma e coração, para o brilhantismo d'aquelles divertimentos coreographicos.

O *Bailado real de Flora,* representado em fevereiro de 1660, foi o ultimo em que o rei tomou parte, desempenhando o seu papel habitual de Sol.

Luiz XIV contava a esse tempo mais de trinta e um annos.

Os trajos, as pantomimas, as dansas e sobretudo os programmas em verso haviam chegado a ser de uma decencia tal, que a julgar pelo tempo antigo, difficil seria acreditar n'uma tal mudança.

Rarissimas vezes o poeta se permittia aqui e alli, algumas timidas reminiscencias das antigas liberdades dos bailados.

Benserade era n'aquella épocha o encarregado de escrever os versos de todos os *Bailados do Rei*.

Mas, ainda que a poesia das referidas composições, fiscalisada pelo duque de Saint-Aignan, director e superintendente geral do theatro de Versailles, fosse quasi sempre casta e decente sem deixar de ser terna e voluptuosa, nem por isso mesmo os bailados, tão frequentes na côrte, e que punham em jogo todos os artificios da garridice feminina, deixavam de ser menos perigosos para os costumes.

Citemos uma nota do *Catalogo da Bibliotheca dramatica* do senhor de Soleinne:

«Talvez ninguem saiba ainda que estes bailados, em que tomava parte Luiz XIV, foram favoraveis aos seus amores com Maria de Mancini, a Vallière e a Montespan, que entravam em scena com elle.»

Assim, pois, o poeta parece cumplice ou confidente do que se passava, quando applica estes versos a mademoiselle de la Vallière, que representava uma nimpha, no *Bailado das Estações,* dansado em 1661:

Cette beauté depuis peu née,
Ce teint et ses vives couleurs,
C'est le printemps avec ses fleurs,
Qui promet une bonne année.

«Esta belleza ha pouco tempo nascida, esta tez com as suas vivas côres, são a primavera com as suas galas que annunciam um anno feliz.»

No *Bailado das Artes,* dansado por el-rei em 1668, mademoiselle de Sévigné, depois madame de Grignan, dansou em companhia de mademoiselles de la Vallière e de Mortemart.

Esta ultima, que não havia casado ainda com o marquez de Montespan, appetecia já a herança amorosa da primeira, e o poeta diz:

Je sais qu'on vous en veut, et votre cœur sans doute,
Dites-nous à l'oreille à qui vous en voulez!

«Eu bem sei que ha quem vos ame, e vosso coração suspeita-o. Dizei-me ao ouvido quem é o vosso amado.»

Não póde, portanto, negar-se que o bailado da côrte influiu muitissimo na corrupção dos costumes, e facil é de calcular as intrigas e libertinagens que devia produzir aquella reunião de fidalgos, avidos de prazeres, e de juvenis damas, dedicadas á galanteria desde o alvorecer da vida.

A musica, a poesia e a dansa davam-se a mão para abrandarem os corações, exaltarem os sentidos, e arrastarem a um tempo actores e espectadores, seduzidos, embriagados, fascinados, a um labyrintho de desenfreada prostituição!

Podiamos levar mais longe ainda as transcripções, mas receiamos enojar o leitor, que tem a fortuna de viver n'uma épocha menos libertina, em que o respeito pessoal e a doçura dos costumes se revoltam contra estas enormes obscenidades.

Custa a crêr que a sociedade se atascasse por tanto tempo em taes torpezas, e que a côrte de França désse taes exemplos de dissolução de costumes!

O palacio do monarcha era um prostitulo vil, d'onde fugira espavorida a moralidade. As damas da côrte, creadas desde os tenros annos n'este seminario da crápula, não possuiam a menor nação de pudor e de virtude.

As artes cooperavam, abjectamente corrompidas, n'esta obra de perdição, e assim vemos os poetas e os pintores, competirem á porfia se tornarem celebres pela mais desaforada libertinagem.

Tristes tempos aquelles, que puzeram uma nodoa negra e obscena nas paginas mais brilhantes da historia da nação franceza!

No capitulo seguinte vamos devassar os mysterios de libertinagem da vida intima da côrte no reinado de Luiz XIII.

CAPITULO IX

SUMMARIO

Influencia pessoal do soberano nos costumes do seu tempo.—Antipathia de Luiz XIII pelas mulheres.—Uma phrase de Christina da Suecia.—Perniciosa educação do rei.—Seus primeiros favoritos.—Testemunho de Tallemant des Reaux.—As variantes das *Memorias da Senhora de Motteville*.—Retrato de Anna de Austria.—Temperamento frio do monarcha.—Os apaixonados da rainha.—O amor de Lord Buckingham.—Entrevistas e passeios nocturnos.—Adeus matinal ao pé do leito.—Luiz XIII finge emendar-se affastando de si Barradas.—As suas duas favoritas, as senhoras de La Fayette e de Hautefort.—Aversão do rei pelas mulheres gordas.—Uma perola.—Anecdota das tenazes.—O que mais admirava o rei n'uma mulher.—Mademoiselle de la Fayette, ao tomar o veu, determina el-rei a compartilhar o leito da rainha.—Nascimento de Luiz XIV.—O cardeal de Richelieu, amante ou namorado de Anna de Austria.—Um folheto historico.—*Parisitas e Statyra*.—O cardeal Mazarin, herdeiro e successor de Richelieu.—Suas cartas intimas á rainha.—Linguagem em cifra.—Divertimentos innocentes de Hortensia Mancini.—A bella galanteria e os prazeres honestos.—Gastão de Orleans conserva as tradicções do vicio na côrte de seu irmão.



Temos sempre procurado, ao escrever a historia dos costumes, investigar com imparcialidade o influxo que a conducta pessoal dos reis e o seu exemplo exerciam na moralidade social, durante cada reinado.

Vimos já o cuidado especial com que na côrte de França se procurava sempre seguir o exemplo dos reis, das rainhas e dos principes. Vimos tambem como a classe media se dava pressa em imitar a côrte, e com quanta facilidade o povo se deixava guiar pelo exemplo da classe media.

Não obstante, a honestidade começava a acentuar-se nos principios e a estabelecer-se nas ideias e nos sentimentos dos pessoas de bem, apesar da dissolução que continuava a deshonrar a vida privada dos mais elevados personagens.

Henrique IV, o grande rei, cujos vicios desenfreados jámais conseguiram eclipsar as suas bellas qualidades, havia por certo causado terriveis escandalos com os seus amores adulteros e com os seus innumeraveis galanteios. Forçoso é convir, porém, que os costumes sem serem menos corrompidos sob o seu reinado, revestiam-se, ainda assim, de apparencias mais honestas.

No tempo d'este glorioso rei, as desordens e as paixões sensuaes disfarçavam-se sob fórmas elegantes e cavalheirescas, e até a mesma prostituição encobria, sob uma mascara graciosa e decente, a sua face provocante e o seu sorriso obsceno.

«Luiz XIII, em assumptos de amor, diz Sauval nos *Amores dos Reis de França,* foi tão opposto aos principes de quem acabamos de fallar, que durante muito tempo poude com razão dizer-se d'elle: *Venator teneræ conjugis immemor.*

«Ouvi dizer a Christina, essa sabia rainha da Suecia, ao fallar do extranho receto do rei, que em todas as bellas damas que tinham participado das suas boas graças, nunca havia amado senão a especie.»

Não nos atrevemos, na falta do manuscripto original de Sauval a fazer uma errata, que possa pelo menos dar á phrase um sentido perfeitamente indicado pelo testemunho de Tallemant des Reaux, e confessamos ingenuamente que não podemos comprehender a significação do texto impresso, pois que demasiado provam os factos a aversão que Luiz, o *Casto,* como o cognominaram os satyricos, professava á especie feminina, em geral, sem que por isso deixasse de sentir certos amores platonicos por algumas creaturas privilegiadas da *especie* citada.

A detestavel educação, que aquelle principe recebeu, contribuiu muitissimo para as suas preoccupações contra a mais bella metade do genero humano.

Fallámos já do singular preceptor que seu pae lhe havia escolhido, o qual, segundo diz Pedro de l'Estoile, «não era o homem de Platão, quer dizer, o homem mais honrado da republica e da cidade.

«Pelo contrario, era um dos mais viciosos e corrompidos, reunindo todas as condições de um perfeito cortezão da sua épocha.»

Nicolau Vauquelin, senhor des Iveteaux, escolhido pelo proprio Henrique IV para preceptor de seu filho, foi despedido d'este cargo, logo depois de morto o grande rei.

Era já tarde, porém, para que o novo pedagogo, o sabio Lefévre, podesse corrigir os maus habitos desgraçadamente tão arraigados no joven principe, ao qual parecia que todos se obstinavam em corromper, sem outro fim, senão a culpada ambição das pessoas encarregadas de o educarem.

De ordinario, os reis, deixam-se dominar pelos seus vicios. Deram-lhe, portanto, vicios, ou por outra, procuraram desenvolver os que no joven principe se manifestavam.

O erudito editor de Tallemant des Reaux, o senhor de Montmerqué, lança em rosto ao auctor das *Historietas* o haver sido singularmente injusto para com Luiz XIII, e ter-lhe attribuido varios vicios de que até então ninguem o havia ainda accusado.

(V. a *Noticia,* que se acha á frente da edição in-12 das ditas *Historietas,* Paris, Garnier frères, 1861.)

O senhor de Montmerqué é de opinião que a antipathia e hostilidade da marqueza de Rambouillet contra Luiz XIII deviam reflectir-se nas *Memorias* de Tallemant, que a consultava e escutava como um oraculo.

A auctoridade da marqueza de Rambouillet, fossem quaes fossem os motivos da sua benevolencia, não nos parece dever invalidar a do escriptor, que se guiou ás cegas pelas confidencias da referida dama.

Transcreveremos, pois, sem commentarios tudo quanto disse Tallemant a respeito dos referidos costumes de Luiz XIII.

«O rei começou por dar provas de grande carinho ao seu cocheiro Saint-Amour. Em seguida mostrou uma certa boa vontade por Haran, o chefe da sua matilha...

«Conhecendo o eminentissimo (Richelieu) que era mister proporcionar alguma distracção ao rei, deitou os olhos sobre Cinq-Mars, que era já muito do gosto de Luiz XIII.

«Ao principio, o senhor de Cinq-Mars habituou o rei a certas orgias... Dansava-se, bebia-se, e o rei estava perdidamente enamorado d'elle.

«Fontailles contava que, tendo entrado uma vez bruscamente em Saint-Germain no quarto de Monsieur Le Grand, assim se denominava o Grande-escudeiro Cinq-Mars, o surprehendeu a untar o corpo, dos pés á cabeça, com oleo de jasmim, e depois, deitando-se no seu leito, disse-lhe um pouco perturbado:

—«Isto é mais limpo!

«Pouco depois, batem á porta.

«Era el-rei.

«Segundo parece, diz o filho do defunto Huillier ao poeta Chapelle, Cinq-Mars ungia-se para o combate!

«Asseguraram-me que n'uma das suas viagens, el-rei se deitou ás sete horas da noite.

«Dois enormes cães saltam para o leito real, sujam-no todo e começam a beijar sua magestade...

«Luiz XIII ordenou logo a Cinq-Mars que fosse despir-se, e o escudeiro entra d'ahi a pouco, enfeitado como uma noiva.

— «Deita-te, deita-te! disse-lhe el-rei, todo elle impaciencia.

«Enxotou os cães, sem mandar arranjar o leito, que elles haviam enxovalhado, e apenas o *mignon* se deitou começou a beijar-lhe as mãos.

«Notando que o escudeiro não correspondia sufficientemente áquellas ardentes demonstrações de amor, porque o seu coração estava muito longe d'alli, el-rei, muito triste, dizia-lhe:

— «Amigo, que tens? que queres? Estás triste! Estás frio! Deniert! — accrescentou elle, dirigindo-se a um dos camaristas, — pergunta-lhe qual é a causa do seu mau humor! Dize-me, querido, já encontraste quem te amasse como eu?

«Chegava a mandal-o espiar, para saber se ia em segredo a alguma parte...

«Antes de Cinq-Mars, havia amado violentamente Barradas, um dos seus pagens, e accusavam-no de ter feito mil obscenidades com elle.

«Barradas era um esbelto rapaz. Os italianos diziam:

«*La buggera ha passato i monti, passera ancora il concilio...*

«O rei não queria que Barradas se cazasse, mas o pagem, enamorado loucamente da formosa Cressias, dama da rainha, obstinou-se em ligar-se a ella.

«O cardeal valeu-se da indignação do rei, para affastar da côrte o *mignon*.

«Não obstante esta versão, a *Menagiana* attribue a causa muito differente a desgraça de Barradas:

«Andando um dia á caça com o rei, quiz a casualidade que o chapeu de sua magestade, impellido pelo vento, fosse cahir precisamente entre as patas do cavallo do *mignon*.

«Ora, n'aquelle momento o cavallo de Barradas lembrou-se de mijar, sujando completamente o chapeu de Luiz XIII, que se encolerisou tanto contra o dono do cavallo, como se elle o tivesse feito de proposito.

«Este caso, que para outro qualquer seria objecto de riso, foi tomado muito a serio pelo rei, que desde aquelle momento deixou de amar o pagem Barradas...»

Julgamos que o senhor de Montmarqué não admittiu na sua edição dois ou tres paragraphos do manuscripto original de Tallemant, por serem em demasia injuriosos para a memoria de Luiz XIII.

Paulin Paris pol-os de parte tambem na edição que fez das referidas *Historietas*.

A verdade é que nos escriptos contemporaneos não se encontra uma só auctoridade capaz de confirmar as accusações de que Tallemant des Reaux se fez editor responsavel, contra os costumes de Luiz, o *Casto*.

Não tentaremos, pois, apreciar qual a indole das paixões que Luiz XIII teve pelos seus favoritos, que se succediam rapidamente na sua estima, e que elle sacrificava sem grande pena ás necessidades ou caprichos do momento.

Apaixonou-se tambem igualmente por duas favoritas, as meninas de La Fayette e de Hautefort, mas ha quem pretenda que estas paixões excentricas não podiam chamar-se amor, e que nem uma nem outra das favoritas desempenhou o papel de amante do rei.

Dulaure, na sua *Historia de Paris*, diz o seguinte a este respeito:

«Uns attribuem isto a vicio de conformação, outros a timidez de caracter e a principios religiosos, mas o certo é que ninguem póde censurar-lhe o mais inoffensivo galanteio, no que, como em muitas outras cousas, differia essencialmente d'el-rei seu pae.»

Não ousaremos, todavia, affirmar que a sympathia de Luiz XIII pela menina de La Fayette, fosse sempre casta e incapaz de uma manifestação qualquer ardente e mesmo voluptuosa.

Basta dizer que a dama julgava não ser a clausura e a profissão n'um convento expiação bastante para a falta commettida.

El-rei nunca teve amor á rainha Anna de Austria, apesar d'esta princeza ser muitissimo bella e contar apenas quinze annos quando casou.

«O joven rei, diz a senhora de Motteville, nas suas *Memorias*, era tambem bonito, de gentil porte, e a sua physionomia trigueira não desagradou á juvenil rainha.

«A principio, Anna de Austria achou-o muito amavel, apesar de ser tartamudo.

«As fadigas da caça, as longas enfermidades e o seu mau humor natural chegaram a desfigural-o muitissimo nos ultimos tempos da sua vida. Ainda assim, creio a julgar pela maneira como a rainha me fallava d'elle, que o teria amado muito, se por má sorte de um e de outro, a fatalidade, inseparavel

de todos os principes, não o tivesse disposto de outro modo, pois que o rei, preparando a si proprio um destino funesto, nunca amou a rainha como ella merecia.

«Passava toda a vida na caça, e deixava-se governar pelos seus favoritos de maneira que os regios consortes viveram sempre em tão má intelligencia, como pouca ventura.»

Varios historiadores pretendem que el-rei e a rainha passaram vinte e tres annos sem se deitarem juntos, e até mesmo asseguram que não fôra consumado o matrimonio na primeira noite de nupcias.

O *Diario* do cardeal de Richelieu menciona, porém, que a rainha tivera um mau parto muito tempo antes de ficar gravida do delphim, que nasceu em outubro de 1638, mais de trinta e tres annos, effectivamente, depois do seu casamento com Luiz XIII.

«El-rei dormia rarissimas vezes com ella, diz Tallemant des Reaux. Quando dormia, chamava-se a isto *pôr o travesseiro,* porque a não ser assim, a rainha nunca o mandava pôr no seu leito solitario.

«Quando annunciaram a Luiz XIII que a rainha estava gravida, el-rei disse:

—«É preciso que seja de tal dia.

«Alguma rara vez que o fazia, precisava de recorrer a excitantes, e era sangrado a miudo, o que, diga-se a verdade, pouco bem causava á sua saude.»

E no emtanto a rainha era admiravelmente disposta para inspirar amor!

«Tinha os olhos grandes e formosos, diz a senhora de Bregy, no retrato que traçou de tão encantador original. A sua bocca podia servir de modello a todos os pintores. Dos seus braços e mãos, só direi que causariam inveja á mais perfeita esculptura.

«O resto do corpo só a modestia póde obrigal-o a occultar-se.

«Tantos thesouros são acompanhados de uma frescura e perfume, que dão logar a pensar que o ambar e o jasmim entraram na composição de tão formosa creatura.»

Deveremos suppôr, como as apparencias parecem indicar, que Luiz XIII era impotente, ou pelo menos que a sua potencia só se manifestava a rarissimos intervallos e de um modo bem pouco significativo?

A historia revelou-nos que o fim principal da conspiração de Chalais, em que Anna de Austria tomou indirectamente parte, consistia no divorcio e na deposição do rei, que teria sido declarado impotente, emquanto que seu irmão, Gastão d'Orleans, teria occupado o seu logar no throno, casando com a rainha.

Nada parece mais verosimil do que o amor do duque d'Orleans por sua cunhada, e este amor que a rainha parecia compartir foi provavelmente a causa das revoltas e sedições do irmão de Luiz XIII, a quem os ciumes do rei vigiavam sem cessar.

Gastão sabia de mais a mais que a esterilidade da rainha provinha tão sómente do temperamento frio, ou talvez da impotencia do rei.

«Durante a curta viagem que el-rei fez a Paris, em 1626, conta o redactor das *Memorias do duque d'Orleans*, o duque encontrou a rainha, certo dia em que ella voltava de uma novena que andava fazendo para ter filhos, e disse-lhe gracejando:

— Senhora, acaba vossa magestade de peitar os seus juizes contra mim. Consinto em que vossa magestade ganhe o processo, se el-rei tiver força para tanto!

Esta engenhosa allusão á incapacidade de Luiz XIII podia dar a entender que o duque d'Orleans não estava muito tranquillo a respeito da virtude da formosa rainha, á qual amava sempre, embora evitasse fazel-a cahir em tentação com receio de perder os seus direitos á corôa, dando um herdeiro a seu irmão que parecia destinado a morrer sem filhos.

Anna de Austria sentia ferver nas veias todo o ardor do seu sangue de hespanhola, mas estava guardada á vista pelas suas damas e officiaes, que tinham a missão de a espiar em proveito de el-rei ou do cardeal de Richelieu.

Disse-se que o cardeal se havia imposto á força como amante á rainha, e que sacrificára ao seu intransigente ciume quantos chegaram a merecer alguma parcella de amor áquella princeza, mais terna e cavalheiresca do que galanteadora ou desaforada.

«Pretende-se, diz nas suas *Memorias* a senhora de Motteville, que o cardeal de Richelieu sentiu pela rainha mais amor que odio, e que não a vendo disposta a corresponder ao seu carinho, ou para se vingar, ou para a collocar no apuro de ter de se valer d'elle, fez quanto poude para a tornar mal vista do rei.»

Anna de Austria chegou a confessar á referida dama que um dia o cardeal lhe fallára n'um sentido, galante em demasia da parte de um inimigo, e lhe fizera uma declaração muito apaixonada, á qual puzera termo, felizmente para ella, a chegada d'el-rei.

Lê-se nas *Memorias do Conde de Brienne* (Paris, Ponthieu, 1828, 2 vol. in-8.º) que o cardeal, para comprazer com a rainha, se disfarçara de *bailadim* e viera dansar em sua presença um bailado.

Ha um grande numero de factos e de dados, que concorrem para provar a perseguição amorosa da parte do cardeal, pelo menos, durante os ultimos annos da sua vida.

Deve notar-se que nunca faltaram adoradores á rainha.

A senhora de Motteville cita o duque de Montmorency e o velho duque de Bellegarde entre os que amaram aquella formosa princeza.

«Como era joven, diz esta dama, não comprehendia que a conversação entre damas e homens, a qual se chama *honesta galanteria*, podesse ser censuravel.»

O duque de Buckingham não se cingiu decerto a esta apregoada honesta galanteria, quando se apresentou na côrte de França, na sua qualidade de embaixador de Inglaterra.

Era o opulento fidalgo inglez galante e magnifico e ao mesmo tempo emprehendedor e ousado.

«A rainha, diz o duque de la Rochefoucauld, nas suas *Memorias*, pareceu-lhe ainda mais amavel do que a sua imaginação podia conceber, e elle pareceu á rainha o homem mais digno de a amar que havia no mundo. Passaram a primeira audiencia a fallar de negocios, que lhes interessavam mais vivamente que os das duas corôas...»

Tallemant des Reaux diz que houvera «muitas galanterias», durante a estada de Buckingham em França, mas o cardeal de Richelieu, cujos ciumes se tornavam de dia para dia mais furiosos, deu-se pressa em tomar as suas medidas para que o embaixador inglez tornasse a cruzar o mar, sem que os dois amantes tivessem ensejo de se encontrarem a sós.

Não poude, ainda assim, evitar que o encontro tão receiado por elle se não verificasse em Amiens, no jardim da casa onde se alojara Anna de Austria, quando acompanhou com toda a sua côrte a juvenil rainha de Inglaterra, a quem Buckingham ia conduzir a Londres.

A scena do jardim teve por aquelle tempo um grande echo, e referiu-se de muitas maneiras o que alli se passára.

A narração de Tallemant des Reaux é, senão a mais exacta, pelo menos, a mais *viva* de todas.

«Buckingham esteve a sós com a rainha n'um jardim, diz o malicioso chronista, e digo a sós, embora estivesse com elles uma tal senhora de Vernet, irmã do senhor de Lucques, hoje defunto, a qual sabia da intriga amorosa e por isso se affastou para uma distancia respeitosa.

«O galan deitou a rainha por terra e até lhe esfollou as pernas com as suas calças bordadas, mas nada conseguiu, porque a rainha tanto gritou, que a sua dama de honor que fingia não ouvir, não teve remedio senão accudir em seu soccorro.»

O duque de La Rochefoucauld não entra em pormenores tão offensivos da honra da rainha, mas chama a attenção para o perigo que a honra d'aquella princeza devia ter corrido em similhante lance.

«Uma noite, estando a côrte em Amiens, diz elle, e passeando a rainha *bastante só* por um jardim, entrou Buckingham com o conde de Holland, ao tempo em que sua magestade descansava n'um gabinete de verdura.

«Encontraram-se sós.

«O duque era ousado e emprehendedor, a occasião não podia ser mais propicia, e Buckingham quiz aproveital-a *com tão pouco respeito*, que a rainha se viu obrigada a chamar as damas, e a deixar-lhes vêr em parte a perturbação e desordem em que se encontrava.»

A senhora de Motteville attenúa algum tanto a insolencia que n'aquella aventura se attribue a Buckingham.

Segundo a primeira versão das suas *Memorias*, «os dois amantes encontraram-se uma noite n'um jardim, onde a rainha estava *com todo o seu sequito*.

«O escudeiro da rainha, Putange, affastou-se alguns passos, quando Buckingham se approximou de Anna de Austria para conversar com ella.

«Tendo chegado por acaso a um recanto, onde uma paliçada os occultava

a todos os olhares, a rainha surprehendida n'aquelle momento de se vêr só, e apparentemente importunada *por algum sentimento demasiadamente apaixonado do duque de Buckingham,* deu um grito, e chamando o seu escudeiro, reprehendeu-o severamente por se ter separado d'ella... com o que deu uma alta prova de honestidade e de virtude, preferindo a conservação da sua honra ao receio que tinha de ser censurada.»

N'outra versão, encontrada nos manuscriptos de Conrart, da Bibliotheca do Arsenal, a senhora de Motteville modifica a sua primeira narrativa, consoante as novas indicações que a rainha lhe déra pessoalmente.

A scena teve por theatro um jardim, cuja entrada el-rei prohibira a toda a gente.

A rainha, como mulher, entendia que o fructo vedado é o mais saboroso, e teve desejos de passear uma noite no jardim.

Pediu as chaves ao capitão das guardas, e tendo-as obtido com grande difficuldade, dirigiu-se uma noite ao jardim *prohibido* com a senhora de Chevreuse, sua confidente, e a sua pequena côrte.

Buckingham, advertido de antemão, foi tambem.

A rainha e o enamorado inglez conversaram durante algum tempo em presença dos circumstantes.

«Este caso foi considerado como uma entrevista, porque o passeio não era publico, e porque as acções dos reis não podem permanecer secretas, nem mesmo considerar-se como indifferentes, por causa do grande numero de pessoas que a respeito d'ellas querem dar a sua opinião.»

A seguinte versão, que transcrevemos do chronista popular Touchard Lafosse, accrescenta novos pormenores:

«Anna de Austria, diz elle, habitava em Amiens uma casa situada nas margens do Somme. O jardim, cortado como todos os da épocha por alguns renques de laranjeiras e varias ruas de arvores, estendia-se á beira do rio.

«A rainha e as damas da côrte passeavam alli ás sete da tarde.

«Fazia um calor suffocante, e todos desejavam respirar a deliciosa frescura, á sombra das arvores.

«O duque de Buckingham acompanhava a rainha. A senhora de Chevreuse pelo braço de lord Holland, caminhava a curta distancia de sua magestade. O cavalheiro de Putange, seu escudeiro, estava perto d'ella, e o resto da côrte passeava pelo jardim, a alguma distancia da rainha.

«De repente, quando a obscuridade começava a ser mais densa, Anna de Austria e o fidalgo inglez desappareceram n'uma das ruas do arvoredo.

«Fosse por uma certa delicadeza de cortezão, fosse por suborno, o que é certo é que o cavalheiro de Putange, se deixou ficar atraz.

«Ao mesmo tempo, a favorita voltou atraz tambem para mostrar ao seu cavalleiro uma flor exotica, cujo exame foi de alguma duração.

«Pode calcular-se em dez minutos o espaço de tempo decorrido até que um grito agudo, partindo do interior da rua de arvores, chamou a attenção de toda a côrte para o illustre par, extraviado sob aquelle arco de verdura, a esse tempo bastante escuro.



Não toqueis na Rainha!

«O escudeiro, dirigindo-se immediatamente para o ponto d'onde partira o grito, encontrou sua magestade, *mais do que sentada,* n'um banco de cortiça, e o duque de pé diante d'ella, commovido e desconcertado...

«Será conveniente explicar este caso, segundo um narrador contemporaneo. Em tão delicadas circumstancias, é dever do historiador, esclarecer o melhor possivel, a opinião do leitor:

«O senhor de Buckingham, diz nas suas *Memorias* o ingenuo Laporte, encontrando-se só com a rainha, e valendo-se da obscuridade que começava a ser um tanto densa, teve a insolencia de querer acariciar sua magestade, a qual n'este momento deu um grito que fez accudir todo o mundo.

«Putange foi o primeiro a chegar, e conteve o duque, que estava muito confuso. As consequencias d'esta inqualificavel ousadia teriam sido para elle bem funestas, se o escudeiro o não tivesse largado logo, pelo que o duque tractou immediatamente de se safar...»

Seja qual fôr a mais exacta d'estas versões tão differentes, o que é certo é que a scena do jardim deu abundante pasto á murmuração da côrte e da cidade, e ao repetil-a de bocca em bocca, accrescentavam-se-lhe tantas e tão singulares circumstancias, que a virtude da rainha, segundo se dizia, devia ter tido grande difficuldade para sahir sã e salva d'aquelle lance.

O cardeal de Richelieu, irritadissimo, fez despedir uma grande parte da creadagem da casa de Anna de Austria, porque suppunha toda a gente cumplice do duque de Buckingham.

Chegou até a querer fazer prender e julgar o embaixador como culpado de attentado de lesa-magestade, mas a reflexão e a prudencia de estadista aconselharam-no a não levar as cousas a tão extremos limites, cujas consequencias podiam acarretar deploraveis complicações.

Além d'isso, Buckingham ia partir para Inglaterra...

O duque partiu effectivamente, mas apenas chegou a Calais inventou um pretexto diplomatico para voltar atraz de improviso, e apresentar-se ante a rainha, *que foi encontrar na cama,* diz a senhora de Motteville.

A imaginação está de accordo com a verosimilhança para supprir o que a narrativa da senhora de Motteville deixou no silencio:

«Anna de Austria não se surprehendeu ao vêl-o, mas não poude deixar de se assustar, quando o duque teve o desembaraço de ir ajoelhar junto do leito, banhando com o seu pranto os lençoes, com tão extraordinarios transportes, que não deixavam de lhe agradar, vendo que a sua paixão era violentissima, e d'aquellas que privam do uso da razão aquelles a quem dominam.

«Estava no regio aposento uma velha dama de honor, a quem a rainha mandou que offerecesse uma cadeira ao duque de Buckingham, cuja audacia subiu de ponto, notando a commoção que a sua presença causára, e «disse em alta voz as maiores ternuras d'este mundo, mas ella apenas respondeu, lançando-lhe em rosto a sua ousadia, e talvez sem estar muito encolerisada, ordenou-lhe severamente que se levantasse e sahisse.»

Buckingham retirou-se lamentando amargamente a sua desgraça, e montando a cavallo, lá partiu de novo para Inglaterra.

Esta ultima entrevista dos dois amantes verificou-se diante de testemunhas, felizmente para a virtude da rainha, infelizmente para o amor de lord Buckingham.

A princeza de Conti, que tinha a bossa dos bons ditos, disse por essa occasião á rainha, em guisa de amavel censura pelos galanteios do duque, «que da cintura para baixo podia sua magestade responder a el-rei pela sua virtude; mas que não podia dizer o mesmo da cintura para cima, attendendo a que as lagrimas do apaixonado galan deveriam necessariamente ter-lhe commmovido o coração.»

(V. as *Memorias da senhora de Motteville,* com as variantes do manuscripto de Conrart na Collecção de Michaud e Panjolat.)

É sabido que Buckingham foi assassinado na occasião em que se dispunha a voltar novamente a França.

A senhora de Motteville diz a respeito da rainha o seguinte:

«A rainha tem uma virtude solida, sem hypocrisia. E' modesta, sem que a offenda a innocente alegria, e a sua pureza exemplar poderia servir de exemplo a todas as mulheres.»

Apesar d'este juizo, em que de certo influiu a amisade d'aquella dama para com a augusta personagem, tudo nos leva a crêr que Buckingham não partiu de França sem ter sahido vencedor d'aquella regia virtude.

A senhora de Motteville confessa, além d'isso, que a rainha era amiga do galanteio. Ora, uma disposição tal abre a porta a todo o esquecimento do dever.

Como, porém, Richelieu a mandava espiar de noite e dia, havia de ser difficil ao apaixonado lord conseguir o triumpho tão desejado. Para acabar com esta perseguição cruel, é que a rainha, algum tempo depois, não teve remedio senão cahir nos braços do cardeal.

Tallemant des Reaux diz-nos que a rainha-mãe escrevia a el-rei:

«Vossa mulher anda em constantes galanteios com o senhor de Montmorency, com Buckingham, com este e com aquelle.»

E o rei, por fim, resolveu mostrar-se ciumento, só por amor proprio, visto que tinha uma repugnancia manifesta por sua esposa, motivada pela gordura, que constituia uma parte da sua belleza.

É esta uma singular particularidade, deixada no olvido pelos historiadores, mas corroborada pelas revelações de Tallemant des Reaux.

Luiz XIII, que não gostava de mulheres, podia em certos casos esquecer a aversão que tinha ao bello sexo, dado que ellas tivessem certas condições de fórma com similhanças masculinas.

Causava-lhe, porém, repugnancia e podemos dizer até mesmo horror, uma mulher gorda, e a rainha era-o demasiado, diz um contemporaneo.

A senhora de Motteville, no retrato que nos deixou de Anna de Austria, na épocha em que os seus retratos em prosa e verso faziam as delicias dos *petit-salons,* não vacillou em prestar homenagem a essa caracteristica da rainha, que tanto desgostava o seu *difficil* esposo:

«O collo da rainha é bello e esplendidamente modellado, diz ella, e os

apaixonados do bello têem razão de queixa, porque ella tem um cuidado especial em occultal-o.»

Parece que Luiz XIII se resolveu a reconciliar-se com o sexo que tanto detestava, quando a ruidosa tentativa de Buckingham irritou, pela primeira vez, a sua susceptibilidade de marido.

Até então havia-se contentado com os seus favoritos, mas depois que Barradas incorreu no real desagrado, deu mostras de apetecer favoritas.

A primeira mulher que chamou a attenção d'el-rei, e que se deu certos ares de favorita, foi uma rapariga de quatorze annos.

Maria de Hautefort, collocada por sua avó, aos doze annos de edade, entre as damas de honor da rainha-mãe, promettia vir a ser com o tempo muito formosa, mas era ainda uma criança, quando interessou o coração de Luiz XIII, ou pelo menos, quando el-rei fingiu occupar-se d'ella em principios do anno de 1630.

«El-rei, diz Tallemant des Reaux, namorou-se d'ella e a rainha mostrou-se ciumenta, o que nenhum cuidado deu a seu real esposo...»

O amor d'el-rei pela joven Hautefort não era provavelmente tão casto nem tão platonico como poderia crêr-se.

«El-rei, diz ainda Tallemant, começava a requestar uma mulher, dizendo-lhe: «Longe de mim maus pensamentos.» Quanto a mulheres casadas, *vade retro!* Uma vez pediu a Bois Robert que lhe compuzesse uns versos. Bois Robert fez uns a respeito do amor que el-rei sentia pela menina de Hautefort:

—«Estão muito bons, disse sua magestade ao poeta, mas seria melhor que supprimisses a palavra *desejos*. Eu não tenho desejos de especie alguma!»

A propria rainha-mãe tinha protegido a menina de Hautefort, para se servir d'ella e da sua influencia no animo de el-rei, em harmonia com os seus planos.

O cardeal de Richelieu, porém, deu-se pressa a contrabalançar o ascendente que a favorita havia alcançado sobre o coração de Luiz XIII, e talvez até sobre os seus sentidos, e por isso apressou-se a descobrir uma nova favorita, que el-rei não tardou em preferir á primeira.

Luiza de La Fayette era dama de honor da rainha, contava a esse tempo vinte annos e conservava ainda, no seu aspecto e no seu todo, os caracteres da infancia, unidos aos de uma juventude nascente e tardia em florescer.

Luiz XIII teve um capricho por ella, vendo-a dansar um bailado vestida de pagem.

Amou-a dentro de poucos dias tanto quanto o seu temperamento era capaz de amar.

Quando Bassompierre regressou do exercito de Saboya, em fins de 1630, ficou altamente surprehendido de encontrar el-rei entre as damas, «galanteador e enamorado, tão contra o seu costume.»

A rainha e o cardeal seguravam e faziam mover, digamol-o assim, os fios d'estes amores.

A menina de Hautefort foi desde logo abandonada, el-rei evitava-a e parecia fugir d'ella. Fechava os olhos ou virava a cara para outro lado, se por

acaso a encontrava, apesar das ordens terminantes que havia dado para que a tivessem sempre bem longe d'elle.

Ainda assim, a menina de Hautefort voltou novamente a gosár por varias vezes as graças d'el-rei, quando se desligou do serviço da rainha-mãe, que foi desterrada em 1631, para passar ao serviço de Anna de Austria, sempre na qualidade de dama de honor.

Póde conjecturar-se sem grande difficuldade que as meninas de La Fayette e de Hautefort eram instrumentos, que a rainha e o cardeal se disputavam alternadamente, fazendo-os servir para os seus planos politicos.

A triumphadora foi, porém, a menina de La Fayette, que teve a fortuna de não engordar, emquanto que a gordura da menina de Hautefort tomava de dia para dia taes proporções, que chegava a igualar a da rainha:

«A sua garganta era perfeita, e constituia uma das bellezas, que mais a faziam admirada.»

(V. as *Memorias historicas criticas e anecdoticas, relativas ás rainhas e regentes de França*, t. VI, p. 294.)

Bois Robert, que não participava da antipathia do rei pelas bellas gargantas, fez o seguinte improviso, na occasião em que uma perola cahiu dentro do seio da menina de Hautefort:

Ne te plains pas du piège, ou je te vois tombée,
Riche perle, qui fais le plaisir de nos yeux;
La gorge, qui t'a derobée,
Fait des larcins plus précieux.

«Não te queixes da armadilha em que te vejo cahida, rica perola, que és o encanto dos nossos olhos; a garganta que te roubou, faz outros roubos mais preciosos ainda.»

Uma anecdota muito conhecida, e contada de diversos modos, prova-nos bem até que ponto Luiz XIII era inimigo do genero de belleza, que mais se admirava no seu tempo:

«Um dia, diz Tallemant des Reaux, a menina de Hautefort tinha um bilhete na mão.

«O rei quiz lêl-o, mas ella recusou-se a satisfazer-lhe a curiosidade.

«Luiz fez um esforço para se apoderar d'elle, mas ella que o conhecia de sobra, escondeu-o no seio, dizendo-lhe:

—«Se o quereis, sire, tirae-o d'aqui!

«Querem saber o que fez o rei?

«Pegou nas tenazes do fogão e armou-se com ellas, com medo de tocar no seio da juvenil dama de honor.»

Montglat cita o mesmo caso nas suas *Memorias*, mas sem fazer menção das tenazes auxiliares.

Segundo a sua versão, el-rei, descontente com a menina de Hautefort, ameaçava-a com a vingança do cardeal de Richelieu. N'essa occasião, foi escrever uma carta ao seu gabinete, e voltou com ella na mão, dizendo á Hautefort:

—«Aqui vem o elogio que faço a seu respeito ao cardeal!

«A dama de honor correu para elle, tirou-lhe a carta, e quiz fugir com ella.

«O rei deteve-a por um braço, para se apoderar da carta, ella resistiu, e tomou o expediente de a metter no seio. Em seguida, abrindo os braços, disse-lhe:

—«Tirae-a d'aqui, sire, se sois capaz!

«Conhecia-o perfeitamente, e sabia por isso que a carta estava em logar seguro.

«Não se enganou a astuta favorita. O rei affastou-se d'ella como do fogo, e deixou-a fugir.

«Pouco depois, encontrando o duque de Angoulême, contou-lhe muito encolerisado o que se havia passado.

«O duque riu-se, e deu-lhe o mesmo conselho que elle no seu logar haveria adoptado, dizendo-lhe que fizera muito mal em não lhe metter a mão no seio para se apoderar da carta.

«El-rei, porém, era incapaz de executar esta proeza.»

Dreux du Radier, nas suas *Memorias ácerca das rainhas e regentes de França,* dá outra physionomia a esta anecdota, que nos apresenta como um testemunho da innocencia das relações d'el-rei com a menina de Hautefort.

Segundo elle pretende, tendo a rainha recebido uma carta de Buckingham, dispunha-se a lêl-a, quando o rei entrou, e surprehendendo-a na leitura, quiz saber por força de quem era aquella carta.

Anna de Austria passou-a precipitadamente á sua dama de honor, ordenando-lhe que a escondesse em logar seguro.

A menina de Hautefort, n'este lance, metteu a missiva no seio, pensando de si para si não haver outro *cofre* mais ao abrigo da indiscrição d'el-rei.

Effectivamente, Luiz XIII não se atreveu a pôr mão no seio tentador da Hautefort, e nem sequer tornou a mostrar desejos de vêr a carta!

A aversão que o seio de uma mulher inspirava a el-rei manifestou-se publicamente de um modo mais original ainda, n'uma viagem que fez a Dijon:

«Uma joven dama da cidade havia sollicitado a honra de assistir ao jantar de el-rei.

«Sendo-lhe concedida esta honra, apresentou-se com o seio descoberto e permaneceu em pé na presença de sua magestade, «que se poz immediatamente em guarda, diz o jesuita Paulo de Barrey, carregando o chapéu até ás sobrancelhas, e descendo a aba direita do lado da curiosa dama, emquanto durou o jantar.

«Quando bebeu o ultimo copo de vinho, deixou ficar um gole na bocca, e cuspiu-o no seio descoberto da dama, enchendo-a de confusão.

«E bem merecida foi a licção, accrescenta o jesuita, que attribue esta acção tão brutal a uma intenção casta e louvavel, por se ter apresentado em tal estado diante de Luiz, o *Casto.* Digno foi na verdade o seu seio d'aquelle humilhante escarro.»

(V. as *Cartas de Paulin e Alexis sobre assumptos importantissimos,* Lyon, Borde, 1658, a carta II, *Da nudez do seio.*)

Luiz XIII, que tão escrupuloso se mostrava a respeito dos seios decotados, era em compensação um curioso admirador das bellas fórmas corporeas, que se revelavam sob umas saias de burel, ou que um feliz movimento do personagem punha em evidencia para o prazer dos seus olhares cubiçosos!

«Não sei em qual das suas viagens, diz Tallemant des Reaux, el-rei assistiu a um baile campestre.

«Uma rapariga, chamada Catin Gau, ao acabar o baile, subiu a um banco para apanhar um coto de vela de sebo de um dos candieiros da festa.

«El-rei disse que a rapariga fizera aquillo com tanta graça, que ficára doido por ella.

«Á partida ordenou que se lhe dessem dez mil escudos pela sua virtude.»

Dez mil escudos a uma camponeza por haver mostrado uma linda perna sem dar por isso, ou por ter revelado aos olhos do rei que era modelada pela Venus Callipygia, é forte de mais!

E, no emtanto, Luiz XIII era a avareza personificada!

A retirada da menina de La Fayette para o convento da Visitação permitte-nos suppôr que a favorita tinha alguma grande falta a expiar, falta a que Luiz XIII não era extranho. Demais a mais, a penitencia imposta ao rei foi o seu regresso ao leito conjugal, d'onde havia tantos annos andava affastado.

Houve quem attribuisse esta resolução da favorita ao desejo de escapar á tyrannia do cardeal de Richelieu, que a fazia espreitar até nas suas entrevistas com el-rei, empregando os mais infames ardis para a desprestigiar no animo do seu real amante.

Não julgamos este motivo sufficiente, ainda assim, para produzir a inesperada conversão d'aquella bella e espirituosa dama, que entrou no convento em principios de março de 1637, professando poucos dias depois, sem haver cumprido o noviciado prescripto pela regra religiosa.

Luiz XIII sentiu profundamente a resolução que tomara a sua amante, e fez inuteis esforços para a dissuadir de se consagrar a Deus.

A menina de La Fayette havia contado pessoalmente á senhora de Motteville (V. as *Memorias* d'esta dama), «que durante os ultimos dias da sua estada na côrte, antes de se haver de todo decidido a entrar no convento, aquelle grande rei, tão constante e persistente na virtude, havia tido momentos de fraqueza, nos quaes, deixando de ser o que fôra, lhe pedira com insistencia que fosse para Versailles, onde elle rei viviria sob as suas ordens e seria todo seu. Que esta proposta tão contrária aos seus sentimentos ordinarios a assustára, sendo causa de a determinar a sahir o mais breve possivel da côrte para contrahir votos, que podessem affastal-a de sentimentos d'aquelle genero.»

El-rei escrevia-lhe a miudo e visitava-a algumas vezes, depois que ella tomou o véu. As suas entrevistas duravam muito tempo, e as despedidas eram sempre acompanhadas de largo pranto.

Uma d'estas entrevistas, succedida em dezembro, prolongou-se mais de quatro horas.

A maioria dos historiadores estão de accordo sobre as consequencias d'ella.

A menina de La Fayette aconselhou o rei a que se reconciliasse com a rainha, e lhe pagasse o debito conjugal.

Luiz XIII havia chegado n'aquelle dia do castello de Grosbois, onde residia durante a épocha da caça. Quando sahiu do convento das *Filhas de Santa Maria,* descia a noite, e uma violenta tempestade inhibiu-o de regressar immediatamente a Grosbois.

Foi, portanto, passar a noite ao Louvre, e como a sua cama não estivesse preparada, partilhou o leito da rainha, depois de haver partilhado a sua ceia.

A esta reunião bem singular de imprevistas circumstancias attribue a historia o nascimento de um delphim, que veio ao mundo, nove mezes depois d'aquella noite memoravel.

Eis como registra este facto Vittorio Siri, nas suas *Memorie recondite,* (t. VIII, p. 665):

«*Quatro hore spese il Re in quel colloquio, si che l'hora trovatasi troppo tarda per ritornare, quella note novossissima (correndo il mese di decembro) á Grosbois; convenne per forsa necessitá dormir á Pariggi: é rimasto il letto del Re á Grosbois, la Regina colla cena le fece parte del suo. Notte fortunatissima per la Francia, perche, per un intrecciamento di circonstanze si stupende, s'infanto il Dolfino!*»

Assim, pois, foi quebrado o encanto: Luiz XIII deixou de ser impotente, e Anna de Austria de ser esteril.

Suspeita-se que o cardeal de Richelieu contribuiu para tão feliz successo.

As adulteras relações do cardeal e da rainha parecem-nos evidentes, visto que todos os auctores das Memorias contemporaneas adduzem em seu favor incontestaveis depoimentos.

Tallemant des Reaux, echo fiel dos rumores escandalosos da côrte, falla da intelligencia do cardeal com a rainha, como de uma cousa sabida de toda a gente.

Estas relações começaram por uma correspondencia secreta, cujos perigosos resultados a rainha não previu, «não podendo calcular que aquella correspondencia produzisse outra cousa mais do que um simples galanteio...»

Dentro em pouco foi o cardeal tomando maior ousadia, vendo bem encaminhado *o seu negocio,* e mandou propôr á rainha por intervenção da senhora du Fargis, que lhe consentisse occupar junto d'ella o logar de seu esposo. As razões fundamentaes d'esta proposta, eram que «se não tivesse filhos, se veria sempre desprezada por el-rei; que seu real esposo, por causa do seu estado valetudinario, não duraria muito tempo, e que por isso a mandariam para Hespanha.

«Accedendo, porém, aos seus desejos, e tendo um filho do cardeal, no caso de el-rei morrer cedo, ella governaria com o ministro, pois n'esse caso não podia ter o cardeal outros interesses que não fossem os seus, sendo pae de seu filho.»

Esta incrivel diplomacia da prostituição politica foi levada a cabo com summa habilidade pela senhora du Fargis, que era a creatura aprovcitada pelo cardeal para súa alcoviteira.

«A rainha, diz Tallemant, repelliu com enfado a principio esta proposta, mas não o quiz hostilisar. O cardeal fez quanto poude para a ver uma vez na cama, mas não chegou a conseguil-o. Nem por isso deixou de ter sempre uma pontinha de galanteria para com ella.»

O cardeal não se contentava com as complacencias passageiras que a rainha tinha com elle, e accusou a senhora du Fargis de o haver prejudicado nos seus amores, em vez de o favorecer.

Estava tão furioso contra ella, que chegou a compor uma prosa latina rimada, demasiado satyrica e licenciosa, em que lançava em rosto á dama alcoviteira o haver-se prostituido ao velho guarda-sellos Marillac:

Sancta Fargis dic nunc, sodes
Quantas fecit tecum sordes
Inter Primam et Laudes?
Dicunt boni, dicunt pravi,
Quod te, senex, vultu gravi,
Cauda mulcebat suavi.

Os exemplos da senhora de Fargis, da de Chevreuse, e de tantas outras que rodeavam a rainha, eram tão perniciosos como os seus conselhos, e parece-nos difficil de acreditar que a virtude de Anna de Austria podesse sahir sempre sã e salva das emboscadas que lhe armavam.

O cardeal não foi por certo o possuidor pacifico de uma conquista que a razão de Estado lhe entregára.

A maledicencia ou a calumnia attribuiam além d'elle outro pae ao delphim, que devia ser Luiz XIV.

Se dérmos credito a um auctor anonymo, este pae *ad hoc* foi um tal conde de Rochefort, ou de Rivière, o qual se introduziu secretamente no leito de Anna de Austria, em consequencia de uma intriga tramada pelo cardeal e por sua sobrinha.

A obra do mencionado auctor intitula-se: *Os amores de Anna de Austria, esposa de Luiz* XIII, *com o senhor C. de R., verdadeiro pae de Luiz* XIV, *hoje rei de França, onde se vê em todos os seus pormenores que manejos se puzeram em practica para dar um herdeiro á corôa, as molas que para esse fim se puzeram em jogo, e finalmente, todo o desenlace d'esta comedia.* (Colonia, G. Cadet, 1692, in-12.º)

Este pamphleto foi reimpresso por varias vezes na Hollanda, e n'uma das suas edições (Colonia, 1696) o livreiro ignorante substituiu as iniciaes C. de R. pelas palavras *Cardeal de Richelieu,* o que originou uma confusão, tanto mais extranha, quanto é certo ser o cardeal na mesma obra um personagem muito differente do conde.

O livreiro, porém, imaginára dar um golpe de mestre, explicando, segundo uma tradicção geralmente adoptada, o mysterio occulto sob as iniciaes do heroe de uma novella, que d'este modo elevava ao nivel da historia, dando-lhe visos de verdadeira.

N'esta novella, baseada talvez n'um caso authentico, vê-se Anna de Aus-



O conde de R***

tria namorada de C. de R. Todavia este amor da rainha conservava-se puro, e Anna procurava occultar no intimo do seu peito uma paixão culpada.

Parisitas, sua confidente, que não é outra senão a senhora de Combalet, quer vingar-se a um tempo de *Monsieur,* o irmão do rei, a quem amou, chegando a aspirar a ser sua esposa, e da rainha, para a qual o referido principe ousava erguer os olhos, na esperança de casar e reinar com ella, se as circumstancias assim o permitissem.

O cardeal de Richelieu approva a vingança da sobrinha e coadjuva-a nas suas maquinações.

Escolhe-se o C. de R. para affastar do throno o irmão do rei, pondo termo á esterilidade da rainha.

Parisitas declara a Anna de Austria que as pretensões de *Monsieur* não lhe deixam um momento de repouso, e que este principe chegára a ameaçal-a de entrar de noite na sua habitação, para triumphar d'aquella obstinada resistencia.

A rainha, indignada da audacia de seu cunhado, determina castigal-o, salvando a honra de Parisitas.

Offerece-se á timida menina para occupar o seu logar, e promette a si propria gosar o espectaculo da confusão do principe, ao encontrar-se com uma rainha irritada, em vez de ter de haver-se com uma donzella timida, e de antemão vencida.

Avisa-se o C. de R. para que se prepare.

A rainha deita-se no leito de Parisitas e adormece.

Parasitas estava á espreita, e apenas julgou a rainha adormecida, fez o signal combinado, e o C. de R. entrou no aposento em que repousava a virtuosa Statyra, pseudonymo adoptado pela rainha.

Transportado de amor, louco de desejos, vôa para os braços d'aquella que ha tanto tempo adora.

Statyra acorda sobresaltada, e olha para o atrevido que ousava pôr n'ella a sua mão profana...

Reconhece o C. de R., e ou fosse por causa d'aquella surpreza, ou pelo mesmo amor que ha tanto tempo a devorava, o certo é que não oppõe resistencia...

— Parisitas!...

Foi a unica palavra que lhe sahiu dos labios... e concedeu sem defeza a victoria ao C. de R., que já a esse tempo havia offerecido varios sacrificios á sua deidade!

Acalmaram-se emfim os seus transportes, e Statyra voltando a si, reconhece immediatamente toda a perfidia de Parisitas.

O nascimento do delphim foi o resultado d'aquella aventura.

Não temos á mão a edição original d'aquelle famoso pamphleto, que o governo de Luiz XIV fez supprimir com excessivo rigor, e que Bayle julgou digno de mencionar como um documento historico.

Tivemos de contentar-nos com o texto moderno, que um editor assás mal informado (Matter) publicou em 1803, em conformidade com um manus-

cripto do seculo XVII, com este novo titulo: *Intrigas secretas e politicas do cardeal de Richelieu.*

As novellas do seculo XVII eram, como às do nosso, um écho timido e longinquo da Historia.

O cardeal de Richelieu legou ao cardeal Mazarin não só o poder e o cargo de primeiro ministro, mas tambem o amor e a posse de Anna de Austria.

Nada ha mais averiguado em nossos dias que as relações galantes da rainha com o successor de Richelieu, depois da publicação das cartas intimas de Mazarin, dirigidas áquella princeza em 1651 e 1652. (Paris, 1836, in-8.°.)

N'estas cartas, que Ravenel deu á luz, segundo o texto original conservado na Bibliotheca Nacional, explicando os paragraphos da referida correspondencia escriptos em cifra, conhece-se á legua a ternura e a sollicitude de um amante respeitoso e discreto.

«Emfim, diz elle, varias confidencias sobejamente explicitas, apesar da sua apparente obscuridade, provam que entre Mazarin e Anna de Austria havia decerto relações carinhosas, que excediam os limites de uma simples amizade, e revelam ao mesmo tempo uma das causas que mantiveram no poder o habil ministro, a despeito da animadversão geral de que era objecto.»

Não é facil saber, porém, se aquellas ternas relações haviam começado antes da morte de Luiz XIII.

Na citada correspondencia, vê-se um signal ou cifra mysteriosa, que se encontra a miudo em cada carta de Mazarin, e que acompanha especialmente a formula do cumprimento final.

O editor Ravenel não poude fazer mais do que aventurar uma conjectura para a interpretação d'este signal, a cada passo repetido, e que elle considera como a expressão mais apaixonada do amor.

Este traço de penna extravagante, que affecta formas eroticas, significa: «*Amo-vos*», ou melhor «*Abraço-vos*», com todas as variantes que póde encerrar uma expressão mais energica.

Era então moda entre os amantes de elevada gerarchia, educados na eschola das *Preciosas,* a troca de um signal convencionado, que representasse as diversas phases do amor correspondido.

E' de presumir que este costume essencialmente peculiar d'aquella épocha, fosse auctorisado na côrte de Anna de Austria por alguma novella em voga, cujos heroes e heroinas empregavam talvez processo analogo para communicarem entre si os seus mais secretos pensamentos, sem receio de os descobrirem aos profanos.

O amor, assim como a politica, servia-se tambem da linguagem em cifras para exprimir o que desejava occultar.

Esta linguagem era sem duvida muito usada pela familia de Mazarin, pois sabemos que as sobrinhas do cardeal se aproveitavam do exemplo de seu tio.

«Desejando escrever a uma das minhas amigas, a quem estimava mui-

tissimo, diz a duqueza de Mazarin, nas suas *Memorias,* que foram a principio attribuidas a Saint-Evremont e que sahiram á luz n'um volume intitulado *As Aventureiras das côrtes dos principes de Italia, de França, de Hespanha e de Inglaterra,* Colonia, Marteau, 1701, in-12:—cansei-me de pôr tantas vezes «*Amo-te*» na mesma carta, que a preveni de que só empregaria uma cruz para indicar esta phrase.

«Com o uso de tão galante invenção, accrescenta ella,—aconteceu-me algumas vezes escrever cartas á referida amiga, nas quaes não se via outra cousa senão linhas de cruzes, umas atraz das outras.

«Uma d'estas cartas foi parar ás mãos de pessoas que tinham grande empenho em penetrar-lhe o mysterio, mas nunca ninguem poude encontrar motivo de censura em tão devota cifra.»

A duqueza de Mazarin, que mandava tantas cruzes ás suas amigas, não tinha mais de quinze annos, quando foi ensaiada, não se sabe por quem, na sciencia das cifras amorosas.

O joven Luiz XIV foi, provavelmente, a primeira pessoa a quem a formosa Hortencia Mancini ensinou a pratica d'esta sciencia occulta.

Anna de Austria devia necessariamente ser muito affeiçoada a estas invenções delicadas.

«A rainha, diz a senhora de Motteville, gosta muito d'esta galanteria, que sem offender a virtude, póde amenisar a vida da côrte. Desapprova em alto grau os modos rudes e incivis dos nossos tempos, e se os jovens d'este seculo seguissem as suas maximas, seriam mais honrados e cortezãos do que são.»

A rainha era, pelo que se vê, uma d'aquellas *précieuses galantes,* que o senhor de Saumaire caracterisa no seu *Diccionario das Preciosas,* Paris, Ribou, 1661, in-12, dizendo «que não podiam supportar aquelles que não sabem o que seja galanteria.»

Ainda assim, Anna de Austria não era hostil á franca jovialidade, apesar de ter mandado destruir os quadros e esculpturas obscenas que decoravam o palacio real de Fontainebleau, e seguia a miudo a corrente das suas cavalheirescas phantazias.

«Na sua mocidade, dizia a senhora de Motteville, traçando o retrato de Anna de Austria, todos os prazeres honestos que são uteis a uma rainha, tiveram para ella grandes attractivos.»

Nunca lia, frequentava pouco o theatro, e apesar d'isto, a sua influencia pessoal fez-se sentir nas obras de litteratura e de poesia, sobre tudo nas novellas allegoricas, heroicas e amorosas, echo fiel dos sentimentos e das intrigas galantes do Palais-Cardinal.

Em resumo, aquella formosa rainha, apesar da sua inclinação amorosa para seu cunhado Gastão, e da sua paixão por Buckingham, apesar da sua passiva ternura pelo cardeal de Richelieu, e da sua longa ligação com Mazarin, influiu muitissimo no que podemos chamar a reforma exterior dos costumes, e não contribuiu pouco para fazer realçar a verdadeira honestidade, sob o nome de *bella galanteria.*

Pelo que respeita a Luiz XIII, o seu exemplo, ou quando menos, a sua

frieza e indifferença contribuiram tambem para arraigar em França, e especialmente na côrte vicios nefandos, que todos os esforços de Henrique IV não haviam podido extirpar para honra e gloria das damas.

Seu irmão Gastão, que ás suas brilhantes e amaveis qualidades reunia os mais execraveis defeitos, manteve sempre em torno de si uma especie de academia de crapula, de libertinagem e de corrupção.

Os seus cortezãos, os seus pintores, os seus poetas, os seus truões, os seus musicos e os seus bailarinos pareciam ter empenho em corromper e deshonrar a boa sociedade franceza.

Póde dizer-se que todo o seu empenho era perpetuar e manter as tradicções escandalosas dos Valois no seio do reinado de Luiz XIII, a despeito de todas as reformas pudibundas da minoria, e a despeito mesmo dos progressos da mania de discrição affectada, de *preciosidade,* fomentada pelos auspicios da formosa rainha Anna de Austria.

CAPITULO X

SUMMARIO

Extractos de um capitulo da *Historia de Paris,* por Dulaure.— Corrupcção da côrte de Luiz XIII.— Machiavelismo do cardeal de Richelieu.—A espionagem politica, satellite da politica ambiciosa.—Os prelados-cavalleiros.— A iniqua provisão dos beneficios ecclesiasticos.— Venalidade dos funccionarios publicos.—Vida licenciosa da juventude fidalga e burgueza —As romarias, consideradas como um incitamento indirecto da libertinagem.— Os *coupe-bourses* e os *tire-laines*, imitados em guisa de divertimento pela nobreza e pela classe média.—Os *espadachins* —Os *duellistas.*— Os *raffinés.*— Luxo corruptor. --Modas extravagantes: *vertugardins, cache-batards, paniers.* — O *Cour de la Reine,* feira de impudicicia.— A feiticeria, de mãos dadas com a prostituição.—Monstruosa aberração do senso commum. — O diabo, homem de bem. — Considerações sobre o nó da agulheta. — Estupendas receitas para ligar e desligar.



' FACTO perfeitamente averiguado que, durante o reinado de Luiz, o *Casto,* apesar dos esforços constantes de uma pequena minoria, a immoralidade estabeleceu em larga escala o seu dominio por toda a França. Temos provas d'esta verdade nos escriptos contemporaneos, na tradicção, nas obras de arte e no senso moral.

Alguns paragraphos, extrahidos ao acaso da obra do celebre Dulaure, corroborarão perfeitamente tudo quanto n'este livro houvermos de dizer a respeito do estado moral da grande capital de França na épocha do frio monarcha, de quem tanto nos occupámos já no capitulo antecedente.

O reinado de Luiz XIII divide-se em duas partes distinctas. A primeira apresenta-nos onze annos de baixas intrigas, de questiunculas, de usurpações de auctoridade, de guerras civis e de anarchia. A segunda é caracterisada por dezoito annos de tyrannia de um homem atormentado pela mais desenfreada ambição, devorado por uma sede inextinguivel do poder, para satisfazer a qual se entregou aos manejos mais audazes e criminosos.

Leia-se, sendo possivel, a narração dos onze primeiros annos do reinado de Luiz XIII, e vêr-se-ha que entre os personagens eminentes que figuram na scena historica, nem um só se encontra que mereça o nome de homem probo, de boa fé, de caracter nobre e generoso. Encontra-se muito orgulho reunido a muita baixeza, uma espantosa ignorancia, e a arte de seduzir e corromper.

Subiu ao poder Richelieu... Que de intrigas, que de imposturas, que de

machinações torpes, por elle empregadas para escalar o poder supremo! Que de iniquidades para se sustentar nas alturas do seu invejavel cargo!

Os maiores crimes, quando os julgava necessarios, nunca eram obstaculo para a sua ambição desenfreada!

A violencia, a perfidia, a corrupção, todos os recursos infernaes do machiavelismo eram os instrumentos familiares por elle manejados com suprema habilidade.

Além do desterro, dos carceres e do cadafalso, a espionagem era um dos poderosos meios de que se valia.

Esta arte tão util e efficaz para os tyrannos, e tão funesta para a moral publica, foi levada pelo cardeal a um alto grau de perfeição, a que jámais havia chegado em França. Aquelle tenebroso homem de estado deu-lhe uma extensão fatal.

Rodeava-se sem cessar de satellites, attrahidos uns pelo terror, outros pela mira da recompensa promettida.

Duques, lacaios, marechaes de França, soldados, frades, esposas, amantes, confessores, tudo elle havia corrompido e comprado. Todos, para o servirem, atraiçoavam os seus deveres, os seus amigos, a sua consciencia!

(V. a *Vida do verdadeiro padre José* e as *Aventuras de barão de Foeneste.*)

A estes actos de tyrannia, a esta instituição corruptora da moral, Richelieu juntava ainda os seus costumes bem pouco edificantes.

Julgando-se poderoso bastante para transpor o limite das conveniencias, não se envergonhou de imitar em pleno seculo XVII os vicios dos prelados dos tempos barbaros.

Como elles, possuiu uma consideravel quantidade de beneficios, como elles desprezou os assumptos espirituaes para se entregar de alma e coração aos temporaes; como elles, fez ostentação de um luxo e magnificencia diametralmente oppostas ao espirito da religião de que era ministro; como elles, teve amantes e carrascos; e como elles, finalmente, usou capacete e cingiu espada, mostando-se á frente dos exercitos.

Este exemplo vindo de tão alto teve imitadores.

Viram-se no seu tempo monges, presbyteros, bispos e cardeaes, accumulando ao mister espiritual da classe a que pertenciam a profissão militar, e entregando-se o todo o genero de dissolução.

O cardeal de Guise era ao mesmo tempo prelado, brigão, militar e galanteador.

Tendo tido um bastardo da senhora des Essorts, uma das antigas amantes de Henrique IV, pretendeu que lhe fosse concedido o priorado da *Caridade!*

Sob o reinado de Luiz XIII, os bispados, as abbadias, os priorados, etc., concediam-se a pessoas leigas, a militares e até mesmo a mulheres!

«A maior parte dos beneficios de França, diz um escriptor contemporaneo, pertencem a pessoas indignas e incapazes, algumas d'ellas casadas... e até mulheres! Quem deixará de rir, quando um vigario, bom camarada, escreve cartas n'estes termos: «Ao meu querido e bom prior, o capitão Fulano, ou á Senhora de Tal, muito conhecida na côrte?!»

(V. a *Resposta a uma carta, enviada por um gentilhomem da Baixa-Bretanha a Rouen.*)

A vida crapulosa e miseravel de taes ecclesiasticos devia necessariamente diminuir o respeito devido aos ministros da religião e contribuir para manter a corrupção dos costumes.

Luiz XIII concedeu á viuva do duque de Lorena a abbadia de Saint-Germain-des-Prés. Assim como esta, varias outras mulheres tiveram beneficios ecclesiasticos, chegando até a haver uma que foi abbadessa de um convento de frades.

N'uma obra que veiu por aquelle tempo á luz da publicidade, o auctor passa em revista a maior parte das profissões da cidade de Paris, e lança em rosto a cada uma d'ellas os vicios que lhes eram peculiares.

Começa pelos ecclesiasticos, accusando-os da sua ignorancia, da sua vã presumpção e do desprezo que professavam pelas pessoas illustradas e de saber.

«Quantos d'elles não se vèem por ahi, vestindo em vez dos seus habitos o uniforme militar, ou o trajo da côrte, sem tonsura, com a barba á moda e elegante cabelleira, sustentando mulheres e rodeados da mais abjecta canalha?»

Falla depois dos magistrados, dos advogados, dos procuradores e dos notarios, censurando a cada qual a desmoralisação que preside ao desempenho dos seus cargos, tendo apenas em vista enthesourar cabedaes, em que pése ao direito e á justiça!

Accusa em seguida os esbirros de andarem por toda a parte á caça dos culpados, e quando encontram algum ladrão o largam, apenas elles lhes unta as mãos com algumas moedas do precioso metal.

Diz que vão aos maus logares e fingem querer levar para o Chatelet os que alli encontram, mas, se os presos durante o caminho se explicam por meio de algumas moedas, ficam livres no mesmo instante.

«Vereis, continua elle, os estudantes, mais prevertidos que nunca, usando armas, roubando, matando, andando pelos prostibulos, e commettendo toda a classe de picardias.

«Os mestres não tractam de pôr cobro aos seus desmandos, e por isso estas creaturas perdidas malbaratam o dinheiro de seus paes em orgias e obscenidades, e até ás vezes roubam os proprios mestres, indo logo tomar lições com outros...

«Vereis tambem varios filhos familias, vereis criados e criadas, desobedientes, licenciosos, brigões, mal educados, blasphemos, libertinos, ratoneiros, etc., frequentando tabernas, espeluncas, bordeis e outros logares *non sanctos*, armados de paus, espadas e punhaes...

«Assim se convertem em vagabundos, gente perdida, escravos de Satanaz, herdeiros do patibulo, tudo por falta de cuidado de seus paes.

«Cousa vulgarissima tambem vêr as filhas-familias e as criadas contrahir amisade com mulheres perdidas, procurarem amantes, enfeitarem-se para attrahirem os olhares dos homens, cantarem coplas deshonestas... namorarem, nas vesperas e nos sermões, rapazes dissolutos, ouvirem-lhes palavras obscenas, tolerarem-lhes toques impudicos, etc.»

O auctor affirma que é impossivel á mocidade, dada á crapula, occorrer a todas as suas despezas, sem descer a infamias e até mesmo a roubos frequentes:

«Não ha filho ou neto de procurador, tabellião ou advogado, que não queira competir na prodigalidade com os filhos dos conselheiros, presidentes, juizes e outros grandes dignatarios.

«Não se distinguem nem pelo seu modo de vestir nem pelas suas despezas superfluas. Tomam parte em banquetes a duas pistolas por cabeça, pedem emprestado, jogam os dados e a pella, fazem caçadas e vivem finalmente á larga como altos personagens.

«Empenham-se com os usurarios Traversier, Dubiller. ou com o italiano Jacomeni, e o que resulta por fim?

«Vêem-se obrigados a requestar uma velha ou a seduzir alguma filha de boa casa, fazendo-lhe primeiramente um filho para serem obrigados a casar.

«Não ha senão bastardos e raparigas prevertidas.

«Ás que têem força para se conservarem honradas, não lhes resta outro recurso senão a solidão do claustro.»

O auctor censura ás mulheres e ás raparigas as romarias devotas, que elle denomina erroneas, assim como todos os passeios e diversões em que o prazer se allia aos actos externos da religião.

Queixa-se das desordens e das questões que a ausencia d'estas devotas hypocritas, amas e criadas, origina no lar domestico.

Entregando-se ás suas ambulantes devoções, deixam desertas as egrejas parochiaes, chegando a ser pessoas quasi de todo extranhas aos seus curas.

Clama sobre tudo contra as devoções ou romarias, que a juventude de ambos os sexos costuma fazer a Nossa Senhora das Virtudes e a outras egrejas dos arredores de Paris, as quaes romarias as affastam da missa parochial e do sermão.

«Não vão alli senão para beber sem conta nem medida, comer á tripa forra, brincar com as raparigas, e outros escandalos. Não se sujeitam ao jejum, deitam-se nos trigaes, praticam mil extravagancias....

«Em resumo, levam a cabo um sem numero de malignidades, que são unicamente signal de liberdade insolente e a meudo venerea.»

(V. *Um passeio no Pré-aux-Clercs*, 1622.)

Nada tem de exaggerado este quadro. Poderia até dizer-se que o auctor occultou por vergonha muitas scenas escandalosas, em que ninguem já reparava, por isso que tinham entrado nos usos e costumes.

A prostituição imperava como soberana, e o exemplo das grandes não só arrastava a ella as classes infimas da sociedade, mas tambem a classe media, que ordinariamente se distingue das demais pela sua maior regularidade de costumes. As logistas, as mulheres dos procuradores e dos advogados não se envergonhavam de uma infamia que alimentava o seu luxo e vaidade.

Os roubos, os assassinios, todos os crimes levados ao excesso da iniquidade, praticavam-se não só de noite, mas em pleno dia nos sitios mais concorridos de Paris, á vista de uma multidão, que não manifestava o menor espanto por este horrivel espectaculo.

Havia duas classes especiaes de ladrões:—Os *coupe-bourses* e os *tire-laines*.

Os primeiros cortavam com uma habilidade extrema os cordões das bolsas, que tanto homens como mulheres continuavam n'aquella épocha a trazer pendentes da cintura.

Os *tire-laines* arrancavam violentamente a capa dos hombros dos seus possuidores.

O *Pont-Neuf* era o theatro habitual de similhantes proezas, o ponto considerado pelos gatunos como mais appropriado ao exercicio das suas habilidades. Frequentes vezes, os auctores de tão galantes proezas eram jovens estur-dios, pertencentes a familias de elevadas gerarchia, ou então vagabundos de differentes especies, que enchiam as tabernas e as espeluncas de Paris.

Havia casos mesmo em que os assaltantes da propriedade dos transeuntes do Pont-Neuf eram fidalgos sem dinheiro, ou principes que procuravam n'aquelles agradaveis exercicios uma distracção que os livrasse do tedio de uma existencia monotona.

O luxo era outra causa dos males que extraviavam a razão e prevertiam a moral....

Só obtinham a consideração e o respeito os que ostentavam numerosas e brilhantes equipagens, e vestiam trajos riquissimos.

As apparencias do poder e da opulencia obtinham todas as honras.

O merecimento real, que carecesse d'estas exterioridades, passava desappercebido.

Duas leis, promulgadas uma em 1633, e outra no anno seguinte, pretendiam oppôr um dique a similhante desordem.

Eram palliativos, porém, que os cortezãos, os prelados, e toda a outra gente de elevada gerarchia desprezou, e este desprezo da lei não tardou a ser imitado pelas classes inferiores.

Apesar de terem sido renovadas, não se logrou resultado algum, demonstrando apenas a facilidade com que estas leis podiam ser illudidas.

O que se dava com o luxo, acontecia do mesmo modo com outras instituições corruptoras.

As leis prohibiram os maus logares, as casas de jogo, as espeluncas, esses infernos de Paris, tão numerosos n'aquella épocha, verdadeiras pocilgas, receptaculos de assassinos e de espadachins, mas similhantes leis ficavam quasi sempre no papel, e os proprios agentes da justiça vendiam a sua complacencia e tolerancia aos culpados.

O rapto e os matrimonios illegitimos estavam na ordem do dia.

Um fidalgo sem fortuna tirava de sua casa uma viuva ou uma solteira rica, e levava-a violentamente a um sitio qualquer, onde apparecia um presbytero que celebrava a ceremonia do matrimonio sem consentimento do pae ou mãe da joven, ou mesmo do da viuva roubada, que muito embora protestasse, ficava indissoluvelmente ligada áquelle homem.

O conde de Chavaignac, nas suas *Memorias*, conta que, por seguir os conselhos de seu pae, casára assim de uma maneira violenta.

Estes casamentos eram muito frequentes na nobreza.

Um decreto de 19 de dezembro de 1639 tem por fim acabar com estes abusos e outros muitos, relativos ao matrimonio, mas ainda assim, este decreto, fornecendo pormenores demasiado immoraes sobre esta materia, só nos dá a conhecer o mal, sem tractar de o remediar.

Os espadachins, nobres frequentadores dos antros de Paris, exerciam a profissão de assassinar por conta propria ou pela dos outros.

A vingança ou o interesse guiavam-lhes o braço, indicavam-lhes as victimas e pagavam-lhes os crimes.

Os duellistas abundavam em Paris, e a sua fama era tanto maior, quanto mais consideravel o numero de individuos por elles mortos.

O assumpto principal das suas conversações era o numero de individuos que tinham enviado para o outro mundo no dia anterior.

Não fallavam nem se vangloriavam de outra cousa senão de assassinos.

Os *raffinés d'honneur* eram certos nobres, que levavam a palma na esquisitice das maneiras e na irritabilidade de caracter á mulher mais caprichosa e cheia de mimo.

«Uma olhadella, uma saudação, um indicio de frieza, uma capa que roçasse pela sua, eram motivos sufficientes para quererem logo combater, expondo-se a matar aquelles que se julgavam offendidos, ou a serem mortos por elles.

«As vezes os *raffinés* desafiavam em duello um homem qualquer que não conheciam, tomando-o por outro, e ainda mesmo que o erro se aclarasse, nem por isso deixavam de bater-se, de matar-se uns aos outros, como inimigos mortaes.»

Na côrte de Luiz XIII os mais notaveis *raffinés* eram Belagny, cognominado o *Bravo*, que perdeu a vida n'um duello em 1613; Pompignan, Vegelle, Suze, Monglas, Villemore, La Fontaine, o barão de Montmorin, Petris, etc.

Todos elles morreram sem utilidade e sem gloria, victimas das suas erroneas opiniões sobre a honra, victimas do desejo de se poderem attribuir proezas, «das quaes, como sensatamente escreveu D'Aubigné, a Historia só fará menção com o maior desprezo.»

(V. *Aventuras do barão de Foeneste.*)

A este mesmo reinado devemos os *petit-maîtres,* o mau gosto de estylo burlesco e de estylo pretencioso, inchado e pedantesco.

Devemos-lhe tambem o uso do tabaco, generalisando-se por essa épocha a mania de o cheirar e de o fumar, e os trajos estapafurdios denominados *vertugardins, vertugalles* e *vasquines,* que davam ás senhoras o aspecto de tonneis ambulantes.

As saias com os seus arcos tinham a fórma de um cylindro, que occultava os contornos do talhe, e ás vezes tambem as consequencias apparentes da incontinencia das damas. Por isso se denominava este modo de trajar *cache-bâtards* (occulta bastardos.)

A esta moda ridicula succedeu a dos *paniers,* que não era menos extravagante e destituida de gosto que a anterior.

Podemos invocar a respeito da *toilette* dos parisienses d'aquelle tempo

o testemunho de um capucho celebre, que falla nos seus sermões das mulheres mundanas, passeiando pelos sitios mais concorridos da cidade em carruagens brilhantemente douradas.

A pretexto de tomar ar, estas damas dirigem-se ao *Cours-la-Reine,* para verem e serem vistas.

«Para satisfazerem a sua curiosidade e a sua vaidade, invectiva o frade, para examinarem o luxo das outras e fazerem ostentação do seu...

«Dispõem os seus vehiculos em fileira, para melhor poderem exhibir a sua mercadoria, visto accudirem alli os peralvilhos mais gentis, e os galans mais presumidos...

«Ellas vão alli para venderem o corpo, ou pelo menos para o mostrarem, e fazerem nascer desejos, reservando-se para escolherem os que mais lhes agradam, empregando signaes impudicos, que patenteiam o seu descaramento, e indicam a grande estima que as damas têem pelos seus adoradores, e os homens pelas suas amantes...

«E, se me perguntardes agora, que signaes de impureza são esses, responder-vos-hei, que são varios laços de seda, de uma côr combinada, cada um dos quaes tem o seu nome e a sua significação.

«Um chama-se o *mignon* e colloca-se sobre o coração; outro um pouco mais acima, chama-se o *favorito;* outro ainda, posto no alto da cabeça, chama-se o *galan:* o que vae acompanhado de perolas, diamantes, ou bagos de ambar e assenta sobre o seio, é o *assassino.*

«Não esquecerei ainda o laço pendente do leque, que se chama o *bijou,* nem o pequeno livro de orações que se chama *joujou.*

«Dizem-me até que ha livros d'esta especie, que por unicos exercicios de devoção, não encerram senão figuras e discursos deshonestos!...

«Não é tudo ainda. O modo como dispõem o cabello sobre a testa tem um nome que não digo por deshonesto, e o pente com que o alisam tem tambem um nome horrivel.

«Os cabellos frisados nas fontes chamam-se *cavalheiros,* o buço que lhes ensombra os labios e a pelle amarellada das faces chamam-se *mancebos.*

«Os signaes na cara, no seio e até nas pômas de algumas mais libertinas chamam-se *assassinos,* quando têem uma fórma mais allongada, imitando uma tira de tafetá applicada sobre uma ferida.

(V. *A abominação das abominações das hypocritas devoções dos nossos tempos,* pelo reverendo padre Archangel Ripaud, guardião dos Capuchos, de Saint-Jacques, de Paris.)

Referimo-nos no tomo 2.º d'esta obra, capitulos XXV e XXVI, á parte que a feiticeria tivera na prostituição, e á severidade da jurisprudencia a respeito de tudo quanto se referia ás *obras de Satanaz.*

Os erros e as preoccupações do vulgo continuaram por largo tempo,—se alguns ainda hoje restam a respeito de tão ridicula crença!—e muitos processos celebres confirmam até que ponto se valia o *demonio da luxuria* da crassa ignorancia do povo para commetter, sob apparencias sobrenaturaes, os mais nefandos attentados contra a moral e a religião.

Alguns factos contemporaneos, de incontestavel authenticidade, vão demonstrar-nos, ampliando varios pontos d'esta pornographica compilação, as incriveis aberrações do senso commum n'aquelles tempos, em que a mais cega superstição corria parelhas com a mais desenfreada relaxação dos costumes.

Francisca Bos, natural de Gueille, foi accusada de haver tido commercio carnal com um *incubo*.

Esta mulher depoz o seguinte:

«Alguns dias antes da festa de Todos os Santos do anno de 1605, estando deitada com seu marido, que estava pregado no somno, atirou-se fosse o que fosse sobre a cama, acordando-a cheia de pavor. A mesma cousa tornou a atirar-se sobre a cama, estando ella acordada e o marido a dormir.

«O *espirito* tinha voz de homem, e como ella lhe perguntasse:

—«Quem está ahi?

O espirito respondeu em voz baixa:

—«Não te assustes. Sou o Capitão do Espirito Santo, que venho por ordem superior *estar comtigo,* por isso recebe-me na tua cama.

«Como ella não quizesse *consentir,* o *espirito* saltou para o chão, e dirigindo-se a ella, disse-lhe com voz cheia de meiguice:

—«És bem cruel, visto que não consentes que eu seja a consolação das pobres mulheres como tu.

«Ella respondeu-lhe que não precisava d'elle, e que se contentava com seu marido.

«Ao que o espirito respondeu:

—«Estás muito enganada. Eu sou o capitão do Espirito Santo, e como sei que és velha, vim ter comtigo para te consolar.»

O processo diz que a mulher cedeu e que duende retirou d'ahi a pouco.

Não obstante, ella julgava que o seu perseguidor nocturno era um espirito bom e santo.

Accrescenta que no primeiro dia do anno, estando deitada junto de seu marido, seria meia noite, ella acordada e elle a dormir, o mesmo espirito viera ter com ella á cama, e lhe pedira o mesmo que das outras vezes, ao que ella se recusára, mas tendo-lhe elle perguntado se queria ganhar o jubileu, a mulher respondeu que sim.

—«Pois então vamos a isto! dissera-lhe elle, mas recommendou-lhe que, na confissão, nada dissesse ao seu director espiritual.»

Perguntando-se-lhe se se tinha confessado de haver dormido com aquelle espirito, disse ignorar que fosse peccado o ter copula com elle, visto que o julgava santo e bom. Elle ia vêl-a todas as noites, mas que nunca a tinha conhecido, sem sua permissão, senão d'aquella vez. Quando ella se recusava, elle saltava logo da cama para o chão, sem que mais o ouvisse ou sentisse.

Oito dias antes de ser presa, já o espirito a não visitava, porque ella deitava agua benta sobre a cama e fazia o signal da cruz.

Diz-se tambem que na primeira noite em que o espirito a veio vêr lhe déra uma maçã, da qual ella déra metade a uma creança, guardando a outra metade no bolso.

O espirito pediu-lhe que lhe desse a dita metade, ao que ella respondeu:

—«Não a posso dar, porque a não tenho.»

No dia seguinte, notou que a referida metade lhe fôra roubada, etc., etc.

Ainda assim, parece que não confessou tudo, porque a sentença diz o seguinte:

«Francisca Bos, por haver convidado as suas visinhas a virem dormir com o espirito, assegurando-lhe que elle as satisfaria e lhes faria casar as filhas, tendo algumas d'ellas vindo e achado o espirito muito hediondo, foi condemnada a ser enforcada, e em seguida queimada, depois de ter feito penitencia, o que se verificou a 14 de julho de 1616.

Bassompierre conta que em 1612 fôra visitar o marquez d'Ancre a esse tempo enfermo.

Um individuo que estava em casa do marquez disse-lhe:

— Um frade meu amigo, conhece um sujeito que se compromette sob pena de perder a cabeça, a obrigar uma mulher a namorar-se da pessoa que a pretender, e encarregou-me de lh'o participar.

—Sendo assim, respondeu Bassompierre, será bom mandar o frade com a receita a casa de Monsieur le Grand, que está velho, a ponto das mulheres já não fazerem caso d'elle.

Em consequencia d'esta informação, o frade foi apresentar a sua proposta magica ao duque de Bellegarde.

O duque ouve-o com toda a attenção, deixa-se seduzir, e offerece uma razoavel quantia de dinheiro, no caso do segredo dar bom resultado.

Pergunta ainda o mesmo fidalgo se com o auxilio da magia poderia conseguir-se que uma mulher aborrecesse a pessoa que até ahi tivesse amado.

O frade e o feiticeiro affirmaram que era possivel.

Não cabendo em si de contentamento, o duque apressa-se a contar, confidencialmente, á princeza de Conti que possuia um segredo infallivel para se fazer amar da rainha, e para conseguir que sua magestade aborrecesse o marquez d'Ancre e a sua esposa.

Stultorum infinitus est numerus!

A noticia da famosa receita divulgou-se por toda a côrte, e tres dias depois o frade e o feiticeiro foram postos em logar seguro.

Em março de 1615, o diabo estrangulou dois bruxos em Paris.

Um d'elles, chamado Cesar, fazia chover, quando lhe dava na cabeça, raios e coriscos, tendo além d'isso um espirito familiar e um cão que lhe levava as cartas e lhe trazia as respostas.

Fez uma figura de cera para fazer morrer de languidez um certo fidalgo.

Compunha filtros para qualquer rapaz obter o amor de uma rapariga. Assistia ao *sabbat*, e jactava-se de haver obtido os mais secretos favores de uma dama da corte.

Estava preso na Bastilha, quando o diabo, fazendo uma bulha infernal, o vae estrangular á cama.

O outro era um florentino chamado Ruggiero, abbade de Saint-Mahé,

envenenador que vivia em casa de um marechal de França, e quatro dias depois da morte de Cesar, foi, segundo dizem, aggredido pelo diabo com um rumor espantoso, e foi estrangulado durante a noite.

No anno de 1643, uma rodeira do convento de Louviers, chamada Magdalena Bavan, foi accusada de haver feito entrar espiritos malignos no corpo das religiosas da referida cidade.

Metteram-na na Conciergerie, fizeram-na inspeccionar por medicos em presença dos magistrados do Chatelet, e encontraram-lhe vestigios de quatro facadas, que ella confessou ter recebido do diabo na prisão d'Evreux. Das facadas a mais extensa era uma que lhe fôra dada no baixo ventre.

Viram-lhe o peito, que acabava de ser curado de uma ulcera. O seio estava branco, duro e liso, as pômas pequenas redondas e encarnadas, como as de uma donzella de quinze annos, sem symptoma algum de ter tido n'aquelle sitio mal contagioso.

Os commissarios deram conta á rainha d'este exame da feiticeira, e o cardeal de Mazarin escreveu ao bispo d'Evreux, demonstrando-lhe quanto estava satisfeito com o zelo por elle desenvolvido n'este processo.

O bispo exorcismou Magdalena, e descobriu que ella fôra enfeitiçada, por Mathurin Picard, director do convento, o qual, como a esse tempo tivesse morrido, foi desenterrado, e o cadaver depois de excommungado, atiraram-no a um esterquilinio.

O juiz do crime, Rouvier, mandou em seguida conduzir á sua presença Magdalena para a interrogar. A feiticeira confessa que estando em Rouen, em casa de uma costureira, um magico a seduziu e levou-a uma reunião de bruxas, onde celebrou missa, dando-lhe depois uma camisa, que a impellia á libertinagem. Casára com Dagon, diabo do inferno, cuja copula não poude receber sem soffrer muitissimo.

Mathurino Picard elevou-a á dignidade de princeza da assembleia das bruxas, quando ella se comprometteu a enfeitiçar toda a communidade.

Commetteu com elle o crime de sodomia sobre o altar do diabo, compoz maleficios, servindo-se de hostias consagradas, misturadas com o pello do bode da assembleia dos bruxos.

N'uma enfermidade que teve, Picard fez-lhe assignar um pacto n'um livro magico.

Viu parir quatro bruxas na reunião, cujos filhos ajudou a degollar e a comer. Na quinta-feira santa havia celebrado a ceia, comendo uma creança. Em a noite de quinta-feira para sexta, Picard e Bouillé, seu vigario, haviam assassinado o santo sacramento, trespassando a hostia ao meio, e d'ella correra muito sangue.

Além de tudo isto, confessou haver assistido á evocação da alma de Picard, feita por Thomaz Bouillé n'uma quinta, para confirmar os maleficios da dioceze d'Evreux.

Segundo as suas declarações, todas feitas ante o parlamento de Rouen, David, primeiro director do mosteiro, era magico e havia dado a Picard uma caixinha cheia de feitiços, delegando-lhe todos os seus poderes diabolicos. Um

dia Mathurin Picard, na occasião em que ella se approximava da mesa da communhão, tocou-lhe no peito e disse-lhe:

— «Verás o que te vae succeder.»

Ella, ouvindo estas palavras, sentiu uma commoção tal, que teve de sahir para o jardim. Chegando alli, sentou-se, e um horrivel gato, muito negro e hediondo, poz-lhe as patas nos hombros, approximou-lhe o focinho da bocca e extrahiu-lhe a sagrada hostia, que elle não havia engulido ainda.

Compuzera maleficios com sapos, pós pestilentes, etc.

Magdalena Bavan estava um dia na capella do mosteiro de Louviers, quando Picard a conheceu carnalmente, commettendo esta acção criminosa com abominações que causa horror explicar.

Durante esta acção execravel, um diabo em forma de gato, que ella julgou ser o mesmo que lhe apparecera no jardim, apresentou-se alli, e Picard foi conhecido ignominiosamente por elle.

Disse tambem ter dansado e cohabitado com Bouillé e accrescentou que alguns diabos em fórma de gatos, lhe haviam prodigalisado caricias na sua cella, etc. etc...

Em 12 de março do referido anno de 1643, Magdalena Bavan foi condemnada a prisão perpetua n'uma gruta e a jejuar a pão e agua tres dias na semana por toda a vida, por haver vergonhosamente prostituido o seu corpo aos diabos, bruxos e outros, de cuja copula ficára gravida, e por haver conspirado com magicos e bruxos nas reuniões do *sabbat,* para perturbar e destruir todo o mosteiro e perder as religiosas e as suas almas.

Thomaz Bouillé, vigario de Picard e bruxo como elle, implicado no processo de Magdalena Bavan foi accusado de haver *ligado e desligado,* de haver seduzido casadas e donzellas, e de ter tornado louca uma devota, cuspindo-lhe.

Accusaram-no tambem de se haver posto sobre carvões accesos sem se queimar, e de haver inspirado sempre amor por magia ás suas penitentes.

Soffreu a tortura sem dar palavra, porque tinha a virtude da taciturnidade, como observa Bois Roger.

Não obstante, apezar de não ter confessado cousa alguma, porque tinha comsigo o sello dos bruxos e havia commettido peccado de luxuria e bruxaria com Magdalena Bavan e outras mulheres, foi arrastado sobre uma esteira pelas ruas de Rouen, depois de lhe haverem exigido uma crescida multa, e em seguida foi queimado vivo na praça do Mercado Velho, a 22 de agosto de 1647.

A's vezes, parece incrivel! attribuia-se ao espirito maligno uma influencia benevola na reforma dos costumes.

«Um homem, que não tinha motivo para se queixar de sua esposa, foi no emtanto bastante vicioso para deitar a uma visinha olhares adulteros.

«A visinha, casada tambem, e que não tinha senão louvores a dar de seu marido, um excellente moço extremoso e dedicado, foi no emtanto tão leviana e criminosa que acolheu favoravelmente as olhadellas cúpidas do visinho.

«Os dois amantes ajustam uma entrevista e não tardam a deitar uma nodoa nos respectivos contractos conjugaes.

«Mas o diabo, que não dorme, achava-se n'essa occasião proximo do logar da entrevista, e não quiz deixar impune aquella pouca vergonha.

«De que se havia de lembrar o casto diabo? Do mesmo ardil engenhoso de que se valeu Vulcano para se vingar de Marte e de Venus...

«Deu-se pressa em compôr um feitiço e pegou tão fortemente o visinho á visinha, que lhes foi impossivel separarem-se.

«Depois de muitos e inuteis esforços, resolveram pedir soccorro.

«Aos gritos, accodem muitas pessoas, que ficam, é facil de suppôr, escandalisadas da conducta dos dois libertinos.

«Assombrados d'aquella ligação tão compromettedora, querem desunil-os. Vãos esforços, porém! Foram precisas preces publicas e muitas e complicadas ceremonias para desfazer o feitiço, cujos resultados influiram notavelmente nos melhoramentos dos costumes da povoação, theatro de tão original e diabolica aventura.»

Não terminaremos este capitulo, sem accrescentarmos alguns pormenores, uma vez que vem tanto a pêllo, a respeito da absurda e arraigada crença do *nó da agulheta,* cuja invenção attribuida pelos rablinos a Cham, filho de Noé, foi em todo o tempo o terror dos recem-casados, que tanto temiam este feitiço.

Os gregos tinham uma lei muito terminante, determinando que todo o bruxo ou magico, o qual por feitiços, palavras, ligaduras, imagens de cera ou outro qualquer maleficio encantasse ou enfeitiçasse alguem, ou se servisse d'estes meios para fazer perecer os homens ou o gado, seria castigado com a morte.

Era tambem temido dos romanos este feitiço do nó da agulheta. (V. o tomo I d'esta obra, cap. XXI.)

Este costume passou dos magicos do paganismo para os bruxos christãos. e na Edade-Media teve uma grande voga.

Reconhecendo a Egreja a efficacia das ligaduras, que muitos concilios anathematisaram, o cardeal Perron mandou inserir no ritual de Evreux prudentes orações contra este feitiço, porque nunca este maleficio foi tão commum como no seculo XVI, o seculo dos exorcismos, das fogueiras, dos feitiços, da magia e dos bruxos.

«O *nó da agulheta* chegou a ser tão commum, diz Delancre, que quasi todos os casamentos se faziam ás escondidas.

«Os noivos achavam-se *atados,* sem saberem por quem, e de tantos modos que o mais astuto nada comprehendia.

«Umas vezes o maleficio era feito contra o homem, outras contra a mulher, outras ainda contra ambos.

«Durava este feitiço um dia, um mez, e ás vezes um anno.

«Na maior parte dos casos, o que amava, via-se aborrecido. Os esposos pelejavam e arranhavam-se, quando deviam acariciar-se, ou então o demonio collocava entre elles um phantasma, que os impedia de se juntarem.

«Extinguia-se o calor amoroso, o marido não podia consummar a sua obra, os principios da geração não se encontravam no seu logar...

«Todos estes maleficios são invenções do diabo e provêem de suas for-

ças ou de sua industria. Elle revela estes segredos aos seus sectarios, fazendo passar pessimas noites aos pobres enfeitiçados.»

Delancre explica doze modos de *atar a agulheta,* sendo a maior parte tão indecentes, que nos abstemos de os referir.

O mesmo auctor descreve o embaraço cruel de um marido, que não póde conhecer sua mulher, e diz que a mulher maleficiada póde ser insufficiente para a capacidade do marido, ou mesmo demasiado sufficiente.

(V. *A incredulidade do sortilegio plenamente convencido,* tractado VI.)

Quando o matrimonio não podia consummar-se, já porque o esposo era um ancião decrepito, já pela má conformação da mulher, já por mil outras circumstancias, e até mesmo pela impotencia temporal de que falla Montaigne, produzida apenas pela excessiva paixão, dizia-se immediatamente que *a pureza estava enfeitiçada,* attribuindo-se então aos bruxos todos os accidentes que não se podiam comprehender, sem ninguem se dar ao trabalho de investigar a verdade. Não obstante, frequentemente a impotencia só era occasionada pelo terror do maleficio, que feria os espiritos e debilitava os orgãos, e este estado só terminava, quando se suspeitava que o bruxo ou a bruxa estavam dispostos a curar o maleficio.

«Uma recem-casada de Niort, diz Bodin, accusou a sua visinha de a haver *atado.* O juiz mandou-a em seguida encerrar n'um carcere, onde passados dois dias começou a enfastiar-se, o que lhe fez dizer que os noivos já podiam dormir juntos.

«Desde logo ficaram desatados, e a bruxa foi posta em liberdade.»

Outra especie de ligadura era quando o demonio a quem o bruxo encarregava de fazer o nó atava as partes do homem com as da mulher, de tal modo que ficavam pegados, presos e atados um ao outro tão fortemente, que não se podiam separar.

«Este sortilegio era muito frequente na cidade de Trento, onde se expunham publicamente as pessoas atadas *more canino,* á maneira dos cães, para fazer rir a populaça.»

No seculo passado, castigavam-se ainda *os que atavam,* e o parlamento de Bordeus condemnou em 1718 a ser queimado vivo um infeliz «convicto, segundo dizia a sentença, de ter feito o sortilegio do nó, não só a um individuo de muito boa familia, mas tambem á esposa d'elle e a todas as suas criadas, o que causára grandes desgostos.»

Na Russia é rarissimo contrahir-se um matrimonio, sem que haja algum terror ou obstaculo que perturbe a união.

Um viajante conta a este respeito:

«Vi um mancebo sahir furioso do quarto de sua mulher, gritando que estava perdido e embruxado, e arrancando os cabellos no auge do desespero.

«O remedio de que se servem para estes sortilegios é dirigirem-se a algumas fadas brancas que quebram o feitiço por dinheiro, desfazendo o *nó* por outros *atado.*

«Era este mesmo o motivo do estado em que vi aquelle homem, que não podia *approximar-se* de sua mulher.»

Conta-se uma infinidade de factos d'esta especie de impotencia, que nas aldeias são ainda hoje considerados como obra do demonio, e os meios empregados para lançar ou destruir este sortilegio do *nó* provam exhuberantemente a tolice dos que o receiam.

Modo de fazer o nó: «Tome-se o membro sexual de um lobo morto de pouco tempo, dirijam-se á porta da casa d'aquelle a quem se quer atar e chamem-no pelo seu nome. No momento em que elle responder ate-se o membro sexual com um atilho de linha branca, e o homem ficará tão impotente para as luctas de Venus, como um eunucho».

Bodin assegura que ha mais de cincoenta meios de ligar, dos quaes vamos explicar um dos mais efficazes:

«Tome-se um cordão de couro, de seda ou de algodão, e faça-se primeiramente com elle um nó, e o signal da cruz, dizendo a palavra *Ribald.* Ao segundo nó, acompanhado igualmente do signal da cruz, dir-se-ha a palavra *Nobal* e terminar-se-ha com um terceiro signal da cruz e um terceiro nó, dizendo-se *Vanarbi.* Quando se faz isto, atam-se os esposos, e o feitiço está concluido.

«Em vez das tres palavras, que acabamos de indicar, póde tambem recitar-se um versiculo do psalmo cincoenta *Misere mei, Deus,* repetindo tres vezes os nomes e appellidos dos casados, apertando ligeiramente o nó da primeira vez, um pouco mais da segunda e de todo á terceira.»

Modo de desfazer o nó: «Destroe-se este maleficio, usando engastado no annel o olho direito de uma doninha, trazendo sal no bolso, ou soldos marcados nos sapatos, quando a pessoa se levanta da cama para ir ao altar, ou então, segundo diz Plinio, esfregando com banha de lobo o limiar e os gonzos da porta, que fecha o quarto de dormir dos dois esposos».

Hinomar, arcebispo de Reims, aconselhava aos esposos enfeitiçados de *ligamento* a confissão, como remedio muito efficaz; outros preceituavam o jejum e esmollas.

«Conheci alguns sujeitos, diz Wiers, que escreviam sete vezes n'um pergaminho virgem o psalmo: *Libera me de inimicis meis,* e atavam este escripto a uma das pernas do marido.»

Usava-se ainda outro meio, que era fazer a evacuação nos sapatos da consorte!

O *Pequeno Alberto* aconselha que se coma um picapau assado com sal bento, ou respirar o fumo de um dente de morto, assado no borralho.

N'alguns paizes, julga-se *desatar o nó,* passando tres vezes diante de um crucifixo sem o saudar.

N'outras partes, põem-se duas camisas do avêsso, uma sobre a outra, ou então fura-se com uma agulha um tonnel de vinho branco, fazendo cahir a primeira gota sobre um annel da desposada.

N'outras ainda, aconselha-se ao marido o urinar pelo buraco da fechadura da egreja em que se casou!

Finalmente ha paizes onde se emprega o meio seguinte:

«Quando alguem se vê ligado, sem ter procurado quebrar o encanto, deitam-se os noivos sobre a terra. O marido beijará o pollegar do pé esquerdo da

mulher, e esta o pollegar do pé direito do marido. Farão em seguida um signal da cruz com a mão e outro com o calcanhar.»

Ha ainda muitos outros processos, verdadeiramente singulares, mas menos faceis que os já citados.

Ninguem duvidava sahir dos sortilegios, empregando estes meios e a virtude d'estas ceremonias só era contestavel por uma imperdoavel incredulidade. No emtanto, ninguem poderia explicar a influencia de um laço de linha branca e de um membro sexual de lobo no acto conjugal, nem como podia succeder que um olho de doninha restaurasse completamente as forças perdidas!

Ridiculas superstições d'aquellas edades cegas!

CAPITULO XI

SUMMARIO

Apparição das *mulheres por conta de homens, mignones* ou *mancebas* no seculo XVII. — Causas da sua origem.—Suas differenças especiaes.— O concubinato ecclesiastico tolerado na Edade-Media.— O fòro civil prohibe-o a castiga-o no reinado de Luiz XIV.—Mandados de prisão d'este rei contra varios abbades dissolutos.— O concubinato protegido pelo direito civil.—Historietas de algumas *mignones*, recopiladas por Tallemant des Reaux.— Scenas de costumes.—As despezas do marquez de Saint-Ange.—O serralho do duque de Chevreuse.— Uma nova Helena.—Futuro das *mulheres sustentadas por homens.*—Preço corrente das grandes damas.— Origem das *Petit-maisons,* casas de recreio.—Bassompierre e Mademoiselle d'Entragues.— A modista do Petit-Pont.— Entrevistas nas egrejas e nas casas dos banheiros.—As tabernas.—Ultrages aos costumes.— Odiosas vinganças empregadas contra as mulheres dissolutas.—Cortar a roupa.—Os lacaios.—Propagação geral das enfermidades venereas.— Algumas das suas victimas.



O SECULO XVII, introduziu-se nos habitos da prostituição um costume completamente novo em França, onde até esse tempo só se havia manifestado por excepção e quasi secretamente.

Referimo-nos ao uso de *sustentar uma manceba ou barregã,* segundo a expressão empregada para caracterisar um facto, que em breve chegou a ser tão commum, quanto havia sido raro na sua origem.

Os sermões de Menot, de Maillard e dos prégadores criticos dos seculos XV e XVI, verberam severamente os sacerdotes concubinarios, que tinham creadas sustentadas á custa do altar, e com as quaes viviam de *casa e pucarinho,* segundo a qualificação expressa d'este genero de escandalos, mas não fazem ainda menção das mulheres mantidas maritalmente por leigos adulteros ou libertinos.

Inferimos, portanto, do silencio dos antigos sermonarios sobre este ponto da prostituição que nada era menos vulgar nem mais mysterioso, n'aquella épocha, do que o concubinato regular e permanente de um homem honrado com uma mulher por elle mantida n'um domicilio separado ou commum, e da qual só elle tivesse a posse, como se fosse sua legitima esposa.

Os concubinatos, que haviam tido na antiguidade e nos primeiros seculos da Edade-Media uma existencia reconhecida e protegida pela lei, eram então reprovados pela moral e nem sequer conservavam no seio da sociedade civil uma posição equivoca, declarada e tolerada.

Ter amantes, frequentar companhias suspeitas, andar pelas tabernas, tudo isso, e mais ainda se perdoava facilmente a um filho de boa casa, rico e prodigo, que se fartava de prazeres, antes de fazer penitencia da sua doida juventude, sob a mortalha do matrimonio.

O que jámais se perdoava a um homem casado ou viuvo, era ter uma amante certa, cohabitar com ella ou sustental-a em casa á parte.

Vimos já qual era n'essa épocha a reprovação geral contra uma concubina mantida publicamente por um homem casado, e vimos tambem que a Egreja corroborava n'este ponto a opinião do povo, recusando os seus consoladores soccorros na hora extrema ás concubinas, ao passo que não recusava reconciliar-se com as mais vis prostitutas, concedendo-lhes sepultura religiosa.

O procedimento da Egreja para com as concubinas e a opinião do povo a respeito d'esta cathegoria de peccadoras não haviam soffrido mudança no seculo XVII, quando as classes ricas começaram a habituar-se a este genero de prostituição, que parecia mais um ataque aberto e franco aos principios fundamentaes da sociedade, por isso que o concubinato nos seus differentes graus atacava a instituição civil e religiosa do matrimonio.

É difficil descobrir a causa principal d'esta subita e rapida multiplicação de mulheres amigadas, em França e especialmente em Paris.

A varios motivos individuaes deve attribuir-se esta moda estabelecida repentinamente, apesar de um sentimento quasi unanime de censura e de repulsão.

É fóra de duvida ter sido o receio das enfermidades contagiosas o que a principio induziu os libertinos a molharem os labios na taça envenenada do concubinato.

Estas enfermidades haviam chegado a ser companheiras inseparaveis de desordens, que não podiam evitar, mas cujo curso detinham a intervallos, porque, se bem que a syphilis havia perdido muito da sua primitiva força, embora os symptomas e accidentes de que ella se acompanhava tivessem successivamente diminuido de gravidade, o virus original havia-se inveterado por assim dizer na crápula, e infectava de um modo mais ou menos duradouro quantos ousavam aventurar-se n'aquella perigosa e culpada senda.

Havia, pois, motivo sufficiente para cada qual se corrigir do vicio, se o proprio vicio não tivesse offerecido uma especie de transacção, renovando os antigos costumes do concubinato.

O egoismo e a vaidade tomaram parte a miudo nos convenios d'esta indole com mulheres que podiam considerar-se como escravas, e talvez como moveis do que as sustentava, differindo unicamente dos bens materiaes pela conservação do seu livre arbitrio.

Para ter o direito de possuir assim uma amante, sem rival, contrahia-se com ella um compromisso reciproco.

O amante encarregava-se de a installar n'uma casa, de sustental-a, vestil-a, e dar-lhe uma mesada, mediante certas condições, que variavam até ao infinito, segundo a situação pessoal dos contrahentes.

O que sustentava assim uma mulher quasi nunca a tinha debaixo do mesmo tecto, e evitava geralmente apresentar-se com ella em publico. Não obstante, porém, tinha um grande prazer em que todo o mundo soubesse o papel que desempenhava para com ella, e teria escripto com grande satisfação na fronte d'aquella mulher deshonrada qual a somma que lhe pagava mensalmente.

Desde essa épocha a vida das mulheres amancebadas começou a deixar de passar-se no fundo dos bairros solitarios. As suas janellas e portas, antigamente fechadas com cadeados, abriram-se como que ao toque de uma varinha magica, e começou a ver-se nos passseios e nos espectaculos aquellas amantes, que faziam gala do nome dos que as sustentavam.

Data d'esse tempo uma revolução completa nos usos e privilegios do concubinato.

A auctoridade civil abstem-se de averiguações e de pesquizas em todas as desordens d'este genero, que não dão assumpto a escandalo. A policia fecha os olhos completamente a respeito da conducta privada de uma mulher amancebada, quando essa mulher vive de um modo conveniente em sua casa, quando não se entrega á prostituição publica, e quando se rodeia de uma decente obscuridade.

Ninguem inquietava tambem um homem, casado ou não, que mantinha uma ou varias amantes, e as punha em estado de ter um modo de vida modesto ou faustoso.

Mesmo no caso de se arruinar por causa d'ellas, não seria inquietado nem reprehendido, a não ser que tivesse um titulo ecclesiastico, fosse provido n'um beneficio, ou participasse do dinheiro da Egreja.

Differentes, bem differentes eram estes tempos d'aquelles em que se exigia que os parochos tivessem cada qual a sua barregã, para preservar dos seus ataques carnaes a virtude das mulheres e das raparigas da sua parochia!...

Nicolau de Clemangis dizia no seculo XV:

«*In plerisque parroquiis, non aliter velint præsbyterum tolerare, nisi concubinam habeat.*»

Differentes, bem differentes eram estes tempos d'aquelles em que as creadas dos presbyteros ostentavam descaramente o toucado das mulheres casadas: «*Cum apud clericos turpiter viverent,* dizia nos fins do seculo XVI o padre Ribadeneyra, na vida de Santo Ignacio de Loyola, *perindè caput obnudebant, ac si matrimonio legitimo eis junctæ fuissent, quibus fidem quasi maritis præstabant!*»

A policia dos costumes, que se abstem de penetrar no interior dos concubinatos leigos, e tem por systema não castigar senão as desordens escandalosas, arroga-se o privilegio de vigiar a vida mundana dos ecclesiasticos, e prohibe-lhes o terem concubinas em suas casas e fóra d'ellas.

A Egreja não se oppõe a esta usurpação do poder temporal que, no interesse da moral publica, se julga auctorisado a fazer cessar o mau exemplo e o escandalo.

Verdade seja que a ordem de reprimir e castigar os excessos dos presbyteros concubinarios emanava quasi sempre do conselho do rei.

Em 25 de junho de 1676, o marquez de Seignelay escrevia ao tenente de policia, o senhor de la Reynie:

«Informado el-rei do commercio escandaloso que o senhor Thoreau, conego de Dol, tinha desde algum tempo com Maria Chevel, chamada a *Beaucorps* (bello corpo), sua magestade fez expedir uma ordem para enviar o referido conego ao seminario de Poitiers e a mulher para o Refugio.»

O erudito Depping, que publicou esta peça na *Correspondencia administrativa sob o reinado de Luiz* XIV, teria podido reunir um grande numero de documentos analogos, se se tivesse especialmente proposto dar a conhecer a vigilancia que se exercia sobre os ecclesiasticos, sob o ponto de vista dos costumes. A severidade de Luiz XIV contra as desordens da gente da Egreja ia em progresso, á medida que os annos se agglomeravam sobre a sua cabeça. Em 1706, mandou encerrar na Bastilha o abbade Puysegur, que tinha um commercio escandaloso com a filha de um taberneiro de Viterne, e que arruinava completamente a sua abbadia de Saint-Epure para satisfazer a insaciavel ambição d'aquella creatura.

Apesar dos concubinatos e dos excessos escandalosos dos sacerdotes estarem então submettidos á jurisdicção civil, a auctoridade ecclesiastica reservava-se de certo modo a applicação dos castigos espirituaes aos leigos que viviam amancebados ou sustentavam mulheres.

A policia e a justiça seculares nunca intervinham n'aquellas desordens particulares, senão quando originavam um escandalo e perturbavam a ordem publica.

«Por determinação expressa do Direito Canonico, diz Lebrun de la Rochette, (*Processo criminal,* p. 9 da edição de 1647) o concubinato é prohibido, ainda que seja tolerado pelo direito civil (l. *in-concubinatu* ff. *de Connub.*)

Este axioma, formulado por um dos mais habeis criminalistas do seculo XVII, explica-nos a razão porque os magistrados, encarregados de velar pela moral publica, não tractavam com rigor as mulheres amancebadas, nem os seus amantes, a não ser que algumas circumstancias excepcionaes transformassem o concubinato em prostituição.

O direito francez, que se amoldava quasi constantemente á jurisprudencia romana, chegava até a conceder uma protecção indirecta ás concubinas em todas as suas variedades e especies.

Lebrun de la Rochette apresenta como principio que a creada e a concubina gravidas devem ser acreditadas, se accusam seu amo como pae do fructo que trazem nas entranhas.

Os jurisconsultos d'aquella épocha erigiam-se sempre em defensores do concubinato, nos casos em que a successão, ou paterna ou materna, dos filhos nascidos de uma união illegitima, se visse ameaçada pelas familias dos seus auctores.

Para nós é evidente que a legislação favoravel ao concubinato devia influir sensivelmente no systema de tolerancia que a policia de Paris adoptou em meiados do seculo XVII, com respeito ás mulheres amigadas, que foram então consideradas e tractadas como concubinas e não como prostitutas.

Foi talvez um acto de fraqueza e de imprevidencia da parte dos magistrados, que contribuiram assim para multiplicar um genero de prostituição mais nocivo que outro qualquer á sociedade e ao principio fundamental da familia.

Além d'isso, a maioria das mulheres amancebadas tinham uma vida em extremo licenciosa, e apenas se valiam da sua impunidade para se entregarem a todos os vicios, sem receio de serem equiparadas ás mulheres publicas, e como taes condemnadas á multa, á prisão e ao desterro.

Póde computar-se em muitos milhares o numero d'estas perigosas mulheres, durante o reinado de Luiz XIV, e só na cidade de Paris, onde não eram mais numerosas as prostitutas de profissão.

Quanto ás concubinas, creadas ou domesticas, que viviam em casa dos lojistas e entre a classe media, ellas só por si formavam uma parte notavel da população, que em geral não as repudiava, nem desprezava, nem costumava tão pouco incluil-as na cathegoria das prostitutas.

Tallemant des Reaux falla frequentemente das amancebadas *(mignonnes)* nas suas *Historietas*. Esquece-se, porém, de nos dar pormenores ácerca dos seus costumes, apesar de por mais de uma vez indicar as sommas enormes que custava o sustento d'estas *mundanas (filles du monde)*, como se denominavam em fins do seculo XVII.

Diz-nos, por exemplo, (tomo IX da ediç. in-12.º) que Francisco Charron, marquez de Saint-Ange, primeiro chefe da creadagem de Anna de Austria, «em logar de se affeiçoar a sua mulher, deshonrava todas as donzellas que encontrava, pondo-lhes casa, no que gastou oitocentos mil francos dos seus bens.»

Os grandes proprietarios e os altos funccionarios faziam gala de sustentar varias *mignonnes* ao mesmo tempo em differentes bairros da cidade, ou então reuniam-n'as todas n'um serralho.

O duque de Chevreuse alojava as suas no castello d'este titulo.

«Tinha alli um pequeno serralho», diz Tallemant.

O bravo Vandy, ao reunir-se ao exercito, fazia-se seguir por uma legião de raparigas, ás quaes pagava generosamente, conservando-as no seu sequito, emquanto durava a guerra, e costumava dizer aos seus chefes militares, quando elles lhe censuravam o prejuizo que similhante conducta occasionava á disciplina:

—«Onde não ha p... não ha Vandy!»

(V. *Historietas* de Tallemant, tomo VIII da citada edição.)

Geralmente fallando, porém, um homem honesto só sustentava uma mulher; podendo, no emtanto, substituil-a tantas vezes quantas lhe parecesse necessario.

O habito produzia o concubinato, o qual em determinados casos terminava com um matrimonio em fórma.

O senhor de Taloet, ainda que casado e pae de varios filhos, sustentava uma rapariga, á qual fazia tractar pelo nome de mademoiselle de Taloet, e teria casado com ella, se sua mulher, em vez de se retirar a um convento, tivesse morrido.

O celebre medico de Lorme ter-se-hia decidido a casar com uma joven

bastante formosa, á qual tomára por sua conta, se não fosse o receio que tinha de ser envenenado por ella, que nas horas vagas se entretinha a fabricar venenos e antidotos.

Um dia, em que experimentava as suas infernaes beberagens, esteve a ponto de morrer envenenada, sendo salva pelo medico, para quem se mostrou infamemente ingrata, casando de repente com um fidalgo chamado Montarbault.

Apesar de casada, não abandonou o seu antigo officio, até que a edade a obrigou a exercer outro muito menos honroso.

A Montarbault merece com justa causa ser incluida no catalogo das mais notaveis alcouvetas da sua épocha.

(V. *Historietas* de Tallemant, t. v.)

Os personagens de mais elevada consideração, pelo seu nascimento, pela sua fortuna, ou pela sua posição social, não se envergonhavam em certas occasiões de se apresentarem em publico com as suas mancebas.

Refere Tallemant que o presidente Amelot se deu a este vicio de concubinas de tal fórma, que andava com ellas no seu carro, sem mudar a libré dos trintanarios, a comprar peixe no mercado, mesmo em dia de Nossa Senhora de dezembro (1650).

As peixeiras diziam a este respeito :

—Bem se vê que a dama não é a senhora presidenta. Ella não viria fazer compras assim!

As mancebas em voga passavam do mão em mão. Eram compradas, por assim dizer, em leilão, e a sua posse era ás vezes disputada a punhaladas.

Eis uma anecdota, que nos dá a conhecer as rivalidades e questões que a cada passo se suscitavam no circulo das mulheres amancebadas:

«Marigny-Maleuve, diz Tallemant des Reaux, sustentava uma rapariga lindissima. Elle era um fidalgo bretão, e vivia com a sua nympha em Paris.

«Um dia, deixou-a na capital, e lembrou-se de ir dar uma volta pela Bretanha.

«Na sua ausencia, Girardin entabolou relações com a rapariga e pôl-a por sua conta.

«Quando o outro o soube, veio ter com o seu successor e disse-lhe :

—«Se dentro de quatro dias não me entregar a minha amiga, crivo-o com punhaladas.

«Girardin recusou.

«D'ahi a dois dias, Marigny vem ter novamente com elle e diz-lhe :

—«Meu caro senhor, venho dizer-lhe que só faltam dois dias. Acautelle-se, se quer, e se duvida, informe-se bem que qualidade de homem eu sou!...

«Girardin, afinal de contas, teve medo, e no dia seguinte logo de manhã foi dizer ao seu rival que estava prompto a ceder-lhe a amiga.

—«Ah! respondeu o outro, dá-se por vencido?! Era apenas o que eu desejava. Guarde lá a concubina, que eu, por minha fé, não tenho appetite d'ella! Mas para a outra vez tracte de ser mais delicado.

«Depois d'isto foram amigos.»

(V. *Historietas,* de Tallemant, t. x.)

O mesmo engraçado chronista, n'outra das suas historietas, explica-nos em poucas palavras no seu estylo vivo e pittoresco, o destino ordinario das mulheres amigadas, que sabiam conduzir-se com uma certa manha ou diplomacia:

«Uma lavadeira de Paris, diz elle (t. v.) tinha uma filha formosissima que vendeu a um commendador de Malta.

«O fidalgo tomou-a por sua conta algum tempo.

«Depois d'elle, um tal Gaillonet amigou-se com ella e fez-lhe uma filha, e para que as despezas não lhe fossem tão penosas, associou-se n'este concubinato, com um rapaz seu amigo, chamado Marbault.

«Passado algum tempo, os dois cederam-na a um tal senhor Chiart, irmão de um procurador do Châtelet.

«Afinal este Chiart, homem de pouca vergonha, que não ignorava a *vida e os milagres da donzella,* desposou-a.»

O malicioso chronista das *Historietas* não nos refere, ainda assim, tudo quanto sabia a respeito das concubinas que haviam encontrado maridos, nobres e distinctos ás vezes, a troco de um dote accumulado por meios vergonhosos.

As que não se punham em evidencia e até occultavam a origem impura dos seus rendimentos, eram muito procuradas para casamento pelos janotas da épocha.

Faziam-se passar por viuvas, e arrogavam-se cartas de nobreza, sem incorrerem no perigo de processos por usurpação de titulos e de estado.

Nada absolutamente tinham que temer do commissario, comtanto que a sua conducta exterior não viesse desmentir o estado social que se attribuiam.

Um homem que se respeitasse a si proprio, respeitando a opinião da sociedade, abstinha-se sempre de pôr em evidencia a mulher sua manteúda. Pelo contrario: empregava todas as precauções necessarias para que ninguem tivesse a menor suspeita da relaxação dos seus costumes.

Tomando um nome supposto, e ás vezes tambem recorrendo a um disfarce appropriado, dirigia-se no meio das trevas da noite ao domicilio da sua amante, cuja discrição era sempre uma das mais importantes clausulas do contracto.

Para maior segurança, aquella mulher ignorava muitas vezes o verdadeiro nome do amante que recebia diariamente, e que occorria ás suas necessidades com maior ou menor generosidade.

Ás vezes, o acaso descerrava o veu de algum d'estes mysterios de incontinencia, e o mundo sabia então com assombro que certo personagem de elevada distincção, que passava por um modelo de virtude e de auctoridade, tinha uma concubina a quem sustentava desde muitos annos.

Quando o padre Hobier morreu, soube-se quasi de repente que deixava uma especie de viuva.

O padre Hobier era um doutor da Sorbonna, em cuja reputação jamais a calumnia tivera occasião para cravar as garras. Não se lhe conhecia outra

paixão senão a das lettras, todos o consideravam completamente exempto das vaidades humanas, um santo varão em toda a accepção da palavra.

«No emtanto, diz Tallemant (*Hist.*, t. x), soubémos por um homem digno de credito que uma rapariguinha a quem o padre Hobier sustentava muito occultamente, confessára que nunca tinha conhecido um homem mais lascivo...»

Os editores de Tallemant não julgaram prudente imprimir os pormenores demasiado livres que a rapariga explicava a respeito dos gostos exquisitos d'aquelle douto sorbonnista, e as reticencias com que substituiram uma phrase obscena, dizem talvez mais do que querem occultar.

«Estava desesperada com a morte do doutor, accrescenta Tallemant, porque elle pagava bem.»

O malicioso narrador falla tambem de um abbade, que não fazia tantos sacrificios por causa dos juizos do mundo, o abbade de la Rivière, favorito de Gastão de Orleans.

Este abbade sustentava descaradamente uma tal mademoiselle Legendre, muito conhecida pelos seus galanteios.

Tinha-a comsigo no seu magnifico castello de Petit-Bourg, e como diz Tallemant, *concubinava com ella (concubinoit avec elle)*, sem pelo menos cuidar de salvar as apparencias.

Havia, além d'isso, outra cathegoria de mulheres amancebadas que escapavam naturalmente á vigilancia da policia. Referimo-nos ás mulheres casadas, que sem o saberem os maridos ou de accordo com elles, tiravam de um commercio adultero com que fazer face ás despezas da toilette, do trem ou da casa. Ajustavam-se convenios d'esta indole em todas as classes da sociedade, até mesmo nas mais elevadas.

Apontava-se a dedo uma enorme quantidade d'estas mulheres, que a exemplo das cortezãs estipulavam o preço dos seus favores, mediante uma tabella, que todos conheciam.

Vendiam-se ás vezes tambem por uma toilette luxosa, ou por uma joia de preço.

Nada mais vulgar na côrte do que estes contractos de prostituição, que se ajustavam e executavam acto continuo.

«Quando o senhor de Hocquincourt, filho do marechal de França, começou a namorar a senhora de Montbazon, que era uma das mais formosas mulheres do seu tempo, diz Tallemant, (tomo VI) declarou-lhe com a franqueza caracteristica dos homens do seu paiz, que não sabia o que era fazer o papel de namorado timido, e por isso que resolvesse, porque, de contrario, iria procurar fortuna a outro sitio. Bom resultado tirou d'esta coaretada, porque a dama cedeu, habituada como estava a receber dinheiro ou joias.»

A senhora de Montbazon havia casado muito nova com um homem de edade avançada, possuidor de enorme fortuna.

Esta dama era por sua natureza muito dada a galanteios, mas sendo ao mesmo tempo prodiga em luxo e atavios, queria extrahir dos galanteios com que se indemnisar das grandes despezas que fazia.

Desde o momento em que uma mulher era bastante desaforada para mercadejar assim com a sua honra, não havia meio de a suster no abysmo das engenhosas combinações de tão infame trafico.

Começava por dever a um homem só os vís productos da sua deshonra. Em seguida augmentava estes productos, pedindo a dois, tres, ou quatro *pagadores differentes*, que compartilhavam simultaneamente as suas venaes complacencias.

Assim, a dama havia-se tarifado a si propria em 500 escudos, e viesse d'onde viesse a offerta d'esta somma, ella acceitava-a com todas as suas consequencias, sem reparar na pessoa que a fazia. Não era mulher para se prender com similhantes bagatellas.

Tão conhecido era o preço corrente da senhora de Montbazon, que n'uma canção composta em sua honra se lia este verso:

Cinq cents écus bourgeois font lever sa chemise.

«Quinhentos escudos burguezes fazem erguer a sua camisa.»

Tallemant des Reaux diz que o senhor de Hocquincourt «gastou com ella muito dinheiro. Depois d'elle, Rouville deixou alli muitas pennas, e até se assegura que Bonnelle-Bullion, como se dissessemos o mais infimo dos homens, foi recebido tambem pelo seu dinheiro.»

As damas de qualidade faziam-se pagar em razão da sua prosapia, da sua posição na côrte e da posição que occupavam seus maridos.

A senhora de Bassompierre, que nem era joven nem formosa, e não tinha mais attractivos que as suas fórmas e as suas aristocraticas maneiras, não carecia de galans aos quaes trazia atraz de si como se fossem manequins.»

«Plessis Guénégand, diz Tallemant, comprazia-se em pagar a esse diabo, como se fôra uma boa moça, só porque era de elevada gerarchia.»

O nome de Bassompierre era o que mais valia n'aquella mulher, e por isso se fazia pagar tão caro.

Um dia, João Francisco de Gondi, tio e predecessor do famoso cardeal de Retz, no arcebispado de Paris, combinou com a impudica e regateira fidalga quanto lhe havia de dar por uma noite.

Foi ter com ella, levando o preço combinado, mas achando-se subitamente indisposto, voltou como tinha ido, ainda que sem dinheiro.

No dia seguinte, escreveu á dama, participando-lhe que estava já em estado de se desforrar, e ella respondeu, diz Tallemant, o que costumam dizer os taberneiros, «que o seu prato comera por elle.»

É provavel que João Francisco de Gondi não fosse ainda arcebispo, quando fazia tractados d'este jaez.

(V. tomo v das *Historietas*.)

Se a senhora de Montbazon se avaliava em 500 escudos, é de presumir que a senhora de Bassompierre não se venderia por uma somma menos elevada, visto que a sua nobreza era de melhor tempera que a da filha do conde de Vertus, e o bello nome que usava de seu marido cotava-se tão caro em

questões de amor como a triumphante formosura da senhora de Montbazon. A vaidade desempenha sempre um papel importante nos contractos de libertinagem.

Não era o amor, mas sim o orgulho quem se sujeitava a condições exhorbitantes.

Tallemant des Reaux falla-nos de um tal senhor Fabry, «que offerecia cincoenta mil escudos para se deitar com a marqueza de Brosses», da familia de Joyeuse de Champaone (tomo x), mas aquella dama, ainda que um pouco inclinada á luxuria, teve a honestidade de não acceitar as insensatas offertas do citado fidalgo,—que a tal ponto a amava, «que um dia não hesitou em devorar todo o conteúdo da sua *bacia de cama!*»

Nas *Historietas* de Tallemant, não encontramos mais exemplos de tão extremada prodigalidade da parte de um enamorado. Geralmente, é apenas questão de 100 ou de 50 pistolas por uma noite concedida por uma dama de alta gerarchia.

A senhora d'Espagnet, mulher de um conselheiro do parlamento, pedia 100 pistolas, quer dizer, 1:000 libras, o que equivaleria hoje a uns 3:000 francos.

Tallemant conta a chistosa historia (tomo x) de um monge de Bordeus, chamado o padre Romano, que passava por santo, e teve a fraqueza de gastar assim 100 pistolas.

Apenas as largou, porém, deram-lhe tentações de as tornar a embolsar.

A senhora de Espagnet teve, é claro, o cuidado de não lh'as devolver, e zombou d'elle quando lh'as foi pedir, dizendo que as tinha pedido emprestadas.

O padre Romano jurou vingar-se, e poucos dias depois convidou novamente a senhora d'Espagnet, que se apressou a ir ao logar designado, esperando ganhar algumas pistolas mais, provenientes do mesmo sacco.

O frade levava comsigo umas disciplinas.

Apenas se encontra só com a dama, brande as disciplinas e começa a dar uma soberba sova na sua companheira, dizendo-lhe:

—«Então tu, minha grande p... não queres dar-me o meu dinheiro?!...»

A senhora d'Espagnet suffocou os gritos para não amotinar a visinhança, e sujeitou-se á fustigação com paciencia evangelica, exactamente como se estivesse soffrendo o martyrio.

O padre Romano tinha-a segura pelo braço esquerdo com tal força, que lhe não era possivel mover-se, mas quem primeiro se cançou foi o flagellador, que nem assim reembolsou as cem pistolas!

A senhora d'Augennes, que era marqueza de Maintenon antes do seu marquezado ter sido transferido para a senhora Scarron com as suas terras de Maintenon, nunca teria exigido tão respeitavel somma, ainda mesmo que fosse de um frade com cheiro de santidade, como o padre Romano.

Tinha, é verdade, muitos amantes, uma respeitavel freguezia, que lhe dava apenas as suas *toilettes*. Um d'elles foi um tal senhor Troubet, de cuja morte foi causa, segundo dizem, por ter abusado muito com elle dos exercicios amorosos, que eram da sua parte tão violentos como repetidos.

Com os annos, esta lubrica dama adquiriu a experiencia que lhe faltava em questões de galanteios, e renunciando aos amores fixos e ás pensões mensaes, poz-se desde então ás ordens de qualquer, que lhe desse 50 pistolas.

(*Historietas,* tomo VI.)

O mesmo auctor cita ainda uma presidenta, «que mais parecia uma gorda cosinheira que uma dama de qualidade», a qual nem por isso mesmo deixava de ter quem a tivesse *por conta*.

Gallard, irmão da senhora de Novion, dava 4:000 escudos annuaes á presidenta de la Barre: «e na verdade não havia motivo de queixa, diz malignamente o auctor das *Historietas,* porque, palavra de honra!—estava muito bem paga!»

O marido sabia-o, e nada dizia a este respeito, nem sequer se lembrava de a contrariar nos seus arranjos.

Ás vezes, porem, zombava da sua cara metade, dizendo-lhe:

—«A senhora é feia, afinal de contas! Se alguem tem o mau gosto de a requestar, é apenas para me fazer enraivecer!»

A presidenta, ferida no seu amor proprio por este sarcasmo do esposo, vingava-se d'elle exhibindo-se com todo o descaramento, e apresentando-se em toda a parte com o seu amante.

Um dia foi, acompanhada de Gallard, visitar o presidente La Malmaison, que a esse tempo havia sahido.

«Fingindo que esperava o seu regresso, diz Tallemant, mandaram accender o fogão e *fizeram um pequeno negocio.*

«Os creados deram pela historia, e contaram-na, como é natural, ao amo.

«Da primeira vez que Malmaison os encontrou, disse-lhes:

—«Estou envergonhadissimo! Porque não me preveniram? Mandaria pôr lençoes limpos na cama!»

(V. *Historietas,* tomo IV.)

Na maioria dos casos, os maridos burlados fechavam os olhos a respeito da má conducta de suas mulheres, para não se verem obrigados a reprimir um escandalo com outro ainda maior.

Ás vezes tambem, como succede ordinariamente, eram os ultimos a saber que o mundo se ria á sua custa. Mas infelizmente eram quasi sempre cumplices da sua deshonra, e cobravam em segredo o producto d'ella!

A opinião, triste é confessal-o, não se pronunciava com bastante energia contra tão abominaveis transacções, que ultrajavam publicamente a honra conjugal!

Causa realmente assombro que a sociedade, denominando-se a si propria honesta, e não admittindo a menor duvida a respeito d'este qualificativo, haja admittido no seu seio tão grande numero de escandalos d'esta ordem!

«Singular matrimonio! exclama Tallemant des Reaux, fallando de Coulon e de sua mulher.

O financeiro Coulon, que sustentava, pelo menos em parte, a famosa Marion Delorme, consentia que sua mulher fosse por sua vez sustentada por d'Emery, subintendente das finanças.

Eis de que maneira Tallemant refere esta vergonhosa historia. Ninguem como elle conhecia as causas da má conducta da senhora de Coulon:

«Por meio do senhor d'Emery, que tendo exercido o cargo de sub-intendente de fazenda, começou a fazer-lhe a côrte, ganhou ella o cargo de seu pae e muitas outras cousas.

«O prior Camus arranjou esta *alcovitice.* D'Emery proporcionava á sua amante varios *negociosinhos,* que podiam dar-lhe ahi uns 8:000 escudos por anno.

«Coulon não sahia nunca de casa do amante de sua mulher, e offerecia o seu valimento a todo o mundo, acompanhava-o ao campo, assistia a algumas das entrevistas, deixando-as apenas quando a conversação começava a interessar mais aos dois amantes. Era um homem attencioso e serviçal, aquelle pobre Coulon!

«D'Emery fez um filho á mulher de Coulon, e o abbade d'Effiot, dizia por troça que o pequeno era muito *esmérilloné,* (*émery,* antiquado, *esmeril.*»

Um dia, Coulon, em presença de Tallemant, a esse tempo *maître de requêtes,* e de sua mulher, chamou a madame Coulon prostituta. Madame desatou a chorar, e lançou-lhe em rosto haver sido elle que a entregara ao senhor d'Emery, e com uma ingenuidade singular começou a contar todas as peripecias d'aquelle lance á senhora Tallemant, a qual, muito envergonhada, lhe dizia: «Basta, minha senhora, basta!»

A repetição incessante de tamanhos exemplos de immoralidade entre a magistratura, a nobreza e a opulencia, impellia fatalmente a classe media e o povo n'uma perniciosa senda de imitação.

Houve por essa épocha um grande numero de mulheres por conta de galans entre as esposas dos negociantes, e estes, occupados inteiramente dos seus negocios, eram ainda mais cegos que os grandes senhores e os magistrados, no que dizia respeito á sua honra conjugal.

Tallemant des Reaux, na sua historieta da Cambray, (tomo VI) faz um retrato original e mordaz d'aquellas bellas lojistas, que habituadas como estavam a vender os artigos do seu commercio, acabavam por se venderem a si proprias!...

A Cambray era casada com um ourives, que tinha a sua officina á entrada do Pont-au-Change, defronte do Châtelet.

Tallemant affirma que não poderia encontrar-se mulher mais bella e mais bem feita em toda a classe media.

O seu caracter jovial, o seu bom humor e o seu agudo engenho davam um encanto singular ás graças da sua pessoa.

«Estava por conta de um membro do Tribunal de Contas, diz Tallemant, Chamava-se Pec este maduro galan.

«O marido, embora ciumento, de nada desconfiava, por isso que o tinha na conta de amigo, e julgava, o pateta! que se o juiz lhe emprestava dinheiro para ajuda do seu commercio, era sómente graças á amisade que lhe tinha.

«Por este meio chegou a fazer uma fortuna regular, e viu-se senhor de 80:000 escudos.

«Quando a Cambray fez a fortuna de seu marido, graças ao amante, nem por isso renunciou ao seu amor, apesar de não tornar a tractar dos negocios do estabelecimento.

Continuava as suas relações intimas com Pec, sem querer acceitar d'ahi em diante o menor presente, pois que, segundo ella propria dizia ao fallar d'aquellas relações, que não a impediam de ter ao mesmo tempo outras não menos desinteressadas:

—«Fizéra aquillo a principio por interesse, e depois por gratidão.»

Tallemant assegura que ninguem poude jámais conseguir d'ella nada por interesse. O primeiro presidente Le Jay offereceu-lhe uma crescida somma de dinheiro por uma só vez, mas ella desprezou-o, dizendo que *só fazia aquillo por gosto.*

Um dia, o celebre advogado Patru, que era um dos moços melhores e mais sympathicos do seu tempo, foi surprehendido por uma forte batega d'agua no Pont-au-Change, tendo de recolher-se debaixo do balcão da casa do ourives Cambray.

A mulher do artista, que estava só na loja, supplicou com a maior delicadeza a Patru, que se sentasse um momento, até que passasse a chuva, e acolheu-o de modo tão provocador que Patru se julgou logo dono da praça, e começou a requestal-a:

—«Olha, meu filho, disse-lhe a Cambray, o amor é uma bella cousa, mas não deve fazer-se com qualquer. Eu não preciso, meu rico: tenho já o meu pequeno capricho!...»

Apesar d'este pequeno capricho, a Cambray estava disposta a ter outro com Patru, mas este que era *um pouco vaidoso,* diz Tallemant, não atacou a praça como devia atacar, faltou á primeira entrevista, e não se aproveitou, como pensava, de uma segunda, em que lhe permittiram todas as liberdades, excepto as ultimas.

A Cambray tivera tido tempo de reflectir sobre as consequencias da sua fraqueza; calculou que Patru era um rapaz espirituoso, bonito, que devia ter tido varios amores, e que, entregando-se a elle, talvez a *embruxasse,* segundo a sua expressão favorita, fazendo-lhe passar bem maus bocados, e talvez que a arruinasse, se ella perdesse a cabeça.

Estas reflexões influiram n'ella de maneira que logrou resistir á inclinação que a attrahia para os braços de Patru.

As lojistas de Paris eram tão galantes e tão dissolutas como as damas de elevada gerarchia, apesar de serem menos interesseiras, embora o habito do negocio devesse induzil-as á venalidade amorosa.

Muitas vezes encontrava-se n'ellas uma exquisita delicadeza de sentimentos, quando o seu coração não se havia manchado ainda com o habito da libertinagem.

Desde a formosa modista do Petit-Pont, amante de Bassompierre, até á boa senhora Michelin, amante do marechal de Richelieu, havia um grande numero de feiticeiras creaturas, que se elevavam pelo amor a uma esphera superior á sua posição social, dando muitas vezes maiores provas de grandeza d'alma,

do que os fidalgos que pensavam rebaixar-se até ellas, ao julgarem-nas dignas de satisfazer um passageiro capricho.

Bassompierre conta, nas suas *Memorias*, uma aventura, que apesar de não ter uma grande importancia, nem por isso deixa de ser em extremo agradavel.

O narrador havia observado que, de todas vezes que passava pelo Petit-Pont, e passava frequentemente, porque áquelle tempo não estava ainda completamente reedificado o Pont-Neuf, uma formosa mulher, modista, cujo estabelecimento tinha por taboleta os *Dois Anjos*, lhe fazia grandes reverencias, e o seguia com a vista tão longe quanto os olhos lh'o permittiam.

O auctor das *Memorias* não foi insensivel áquella galanteria da joven, e retribuiu-lh'a com complacencia.

Um dia, voltando de Fontainebleau, em 1606, atravessou o Petit-Pont, e viu que a modista se adiantava até ao limiar da porta.

—«Meu senhor, sou uma sua humilde creada,» disse-lhe ella a meia voz com um doce sorriso.

Bassompierre correspondeu ao cumprimento, e olhando varias vezes para traz, certificou-se que ella o ia seguindo com a vista, como de costume.

Atraz d'elle ia um lacaio a cavallo. Bassompierre chama-o e diz-lhe que vá dizer da sua parte á modista, que visto mostrar tanto empenho em vêl-o e saudal-o, estava disposto a contental-a, se ella o quizesse vêr mais em particular.

A rapariga apressou-se a acceitar a offerta, e respondeu que estava disposta a ir aonde o senhor de Bassompierre quizesse, com a condição *de se deitar entre dois lençoes com elle.*

A condição não desagradou a Bassompierre, apesar do muito amor que tinha a Mademoiselle d'Entragues, mas não podia descobrir um sitio proprio para a entrevista.

Perguntou ao lacaio se sabia de algum. O rapaz respondeu que conhecia muito bem uma alcoviteira, chamada a Noiret, e offereceu-se para levar lá colchões, lençoes, e tudo quanto fosse necessario para fazer uma boa cama.

A entrevista foi n'essa mesma noite. Bassompierre não teve razão de queixa de ter ido pela primeira vez a uma casa d'aquellas, por isso que muitos annos depois ao escrever as suas *Memorias*, declarava que nunca tinha visto mulher mais formosa, nem se recordava de ter passado uma noite melhor do que aquella.

Ao separar-se da sua amavel companheira, Bassompierre perguntou-lhe se a poderia ver outra vez antes de voltar para Fontainebleau, e ella respondeu que muito o desejava, mas que não podia dispor de si até domingo proximo.

Apesar de Bassompiere dever partir n'aquelle mesmo dia, resolveu ficar para aproveitar a noite de domingo, e pediu á complacente modista que viesse outra vez ter com elle ao mesmo sitio na referida noite.

A joven hesitava em acceder e parecia muito commovida. Elle pediu-lhe que se explicasse, e ella por fim disse-lhe com emoção:

—«Senhor, eu sei perfeitamente que estou n'um infame bordel, aonde vim de bom grado, por sua causa, porque estou tão apaixonada de si, que para o gosar até me parece que lh'o teria dado na rua para não perder a occasião. Apesar d'isso, uma vez não são vezes, e arrastada pela sua paixão, uma mulher póde entrar uma vez n'um bordel. Da segunda vez, é que mereceria ser taxada de prostituta. Eu nunca *conheci* no mundo senão meu marido e o senhor, Deus me condemne se minto! e não tenho desejos de conhecer mais ninguem. O que não se fará, porém, por uma pessoa amada, e sobretudo por um Bassompierre? Por isto e não por outro motivo, accedi em vir a um bordel, mas foi com um homem que honrou com a sua presença esta casa tão infame.»

Accrescentou que receberia o seu amante em casa de uma das suas tias, que morava na rua Bourg-l'Abbé, do lado da rua de Saint-Martin. Alli esperaria Bassompierre, no domingo á noite, das dez ás doze. A porta da rua ficaria aberta, e o seu amante só teria de atravessar um pateo e subir ao segundo andar, onde encontraria uma pessoa que muito desejava vêl-o.

Bassompierre acceitou a entrevista, e chegou quasi a esquecer mademoiselle d'Entragues.

Permaneceu, pois, em Paris até domingo.

Davam as dez, quando entrou na rua Bourg-l'Abbé.

Contou as casas, segundo a indicação que lhe fôra feita, reconheceu a que procurava, achou a porta aberta e entrou no pateo tenebroso, em cuja extremidade deu com a escada, a qual subiu ás apalpadellas até ao segundo andar. Todas as habitações estavam fechadas, mas como uma d'ellas parecesse illuminada por dentro, bateu docemente á porta.

Uma voz grossa e masculina perguntou lá dentro:

—«Quem é? Que quer?»

Bassompierre julgou que era o marido da modista, e emprehendeu a retirada com precaução.

Todavia, depois de ter vagueado durante algum tempo pelas ruas contiguas, voltou á casa onde julgava que o estavam esperando, e seguiu outra vez o caminho que já tinha andado ás escuras.

D'esta vez guiou-o a luz que partia do segundo andar, e entrou n'uma habitação onde a porta estava aberta de par em par.

A palha da cama ardia na chaminé e em cima de uma meza viam-se estendidos dois cadaveres cobertos com um lençol...

A tão horrivel espectaculo, Bassompierre deu-se pressa em affastar-se d'aquella casa mortuaria, e tropeçou ao pé da escada com dois *corvos* (*corbeaux*), assim se chamavam em tempo de peste os agentes da salubridade publica.

Os dois agentes procuraram embargar-lhe o passo.

Bassompierre era valente, lançou mão da espada, e abriu passagem, não duvidando que tinha entrado n'uma casa empestada.

Estava bem longe n'essa hora de pensar no amor; perguntava a si proprio se a modista do Petit-Pont seria talvez uma das victimas da epidemia, que elle vira debaixo da sua funebre mortalha.

Bebeu tres ou quatro copos de vinho para se preservar dos effeitos do ar pestilencial e partiu no dia seguinte, sem ter podido saber noticias d'aquella pobre rapariga, a quem nunca mais devia tornar a vêr.

De regresso a Paris, passados alguns mezes, informou-se do destino da modista do Petit-Pont, foi pessoalmente procural-a á sua loja, mas nada poude descobrir a respeito d'aquella encantadora joven, cuja perda o impressionou dolorosamente, embora se tractasse apenas de uma simples lojista, embora as suas relações intimas se tivessem apenas limitado a uma noite passada n'uma casa suspeita!

Esta anecdota prova-nos que os grandes senhores do tempo de Henrique IV não tinham ainda o costume de mobilar galantes casinhas de recreio, as celebradas *petites maisons* de tempos mais recentes, para levarem alli as suas amantes e fazerem crápula com ellas.

Bassompierre, que passava por homem muito procurado das damas, pelo maior corredor de aventuras galantes do seu tempo, e pelo heroe de mil intrigas amorosas, não sabia onde conduzir uma mulher *honesta,* que se lhe desejava entregar!...

Não só ousava comprometter-se a ponto de se dirigir a casa de uma infame proxeneta, mas até não se envergonhava de introduzir alli uma mulher da classe media, que nunca tinha dado um mau passo fóra de sua casa...

Apesar d'esta assombrosa falta de expedientes, o mesmo Bassompierre tractou de outra vez mais cortezmente uma bella dama, que não foi para elle mais cruel que a modista de Petit-Pont.

Mademoiselle d'Entragues, irmã da marqueza de Verneuil, uma das favoritas do rei, via-se constantemente rodeada de um tropel de adoradores, entre os quaes havia distinguido a Bassompierre, que chegou bem depressa a ser seu amante, emquanto que os rivaes d'este feliz vencedor imaginavam merecer-lhe as boas graças.

Uns aspiravam a casar com ella, outros não pediam tanto, e Bassompierre tinha alcançado em segredo o que todos elles se lisongeavam de chegar a obter. A familia d'Entragues morava n'uma casa da rua de Saint-Jacques.

Bassompierre havia alugado com um nome supposto um gabinete no terceiro andar d'esta casa, para o qual se dirigia por uma porta nas trazeiras do edificio, da qual só elle tinha a chave.

Mademoiselle d'Entragues, apenas sua mãe adormecia, levantava-se sem fazer o menor ruido, passava a um gabinete e ia reunir-se com o seu amante, junto do qual permanecia ás vezes até ao amanhecer.

Havia muito tempo que durava esta intriga amorosa, sem que ninguem tivesse ainda dado por ella, quando os espiões, collocados pelos amantes platonicos e desprezados de sentinella em torno da morada de mademoiselle d'Entragues, referiram que um homem, embuçado n'uma capa, entrava todas as noites na casa por uma porta trazeira, e só sahia ao romper d'alva.

Avisaram, portanto, a mãe para que vigiasse com a maior attenção a conducta de sua filha, e uma manhã, aquella senhora, ao affastar as cortinas do leito para escarrar, observou que mademoiselle não estava deitada.

Deixemos concluir a narrativa ao proprio Bassompierre:

«Levantou-se com o maior cuidado, e entrou no gabinete, onde encontrou aberta a porta da escada secreta, que imaginava tapada. Começou a gritar, e sua filha, ao ouvil-a, ergueu-se o mais depressa que poude, correndo para junto d'ella.

«Eu, n'este meio tempo, fechei a porta, e retirei-me muito atrapalhado por causa das consequencias que de tudo aquillo podiam resultar.

«A mãe sovou-a bellamente, e mandando derribar a porta do quarto do terceiro andar onde passavamos as noites, ficou pasmadissima ao vêl-o adornado com moveis riquissimos de Zamet e com varios candelabros de prata.»

(V. *Memorias do marechal de Bassompierre.*)

Aquelle quarto, destinado aos amores de Bassompierre e da menina d'Entragues, havia sido provavelmente alugado e mobilado por intervenção de Sebastião Zamet, que se prestava de boa mente a assumptos d'esta indole e estava sempre disposto a servir os galanteios dos seus amigos, como servia os do rei, que, chalaceando, o chamava *o rufião de sua magestade christianissima.*

Deve colligir-se que o exemplo e as lições de Zamet não contribuiram pouco para pôr em moda os *quartos mobilados* em casas particulares, e pouco depois as *petites maisons,* que a principio tiveram apenas uma existencia mysteriosa não chegando a revelar-lhe com todo o descaramento até á regencia do duque d'Orleans.

Antes de se adoptar o uso d'estes asylos secretos da galanteria e da libertinagem, não havia outros theatros de entrevistas senão as casas das alcoviteiras e as dos banheiros.

Estas ultimas offereciam pelo menos na apparencia um asylo mais tranquillo e decente aos amores de contrabando, e ordinariamente estava-se alli mais ao abrigo das importunas visitas da policia.

Dulaure escreve:

«Iam á missa, ao sermão e aos prostibulos. A Egreja dos Jacobinos da rua de Saint-Honoré e os banheiros de Paris eram os sitios frequentados pelos cortezãos. Passavam parte da manhã n'um dos taes logares e a noite n'outro, onde encontravam mulheres galantes.»

Dulaure conta em seguida, segundo uma carta de Bussy Rabutin, dirigida em 1671 á duqueza de Montmorency, a escandalosa contenda que houve nos Jacobinos, «onde se reune, diz Bussy, a flôr e a nata da cavallaria», entre a Dumenil, sustentada a esse tempo pelo marechal de Grancey, e uma tal senhora de la Baume, que apesar de ser dama de qualidade, nem por isso tinha uma conducta mais exemplar.

O lacaio da Dumenil esbarrou ao passar com a senhora de la Baume. Esta dá um bofetão no lacaio.

A Dumenil queixa-se altivamente da injuria que lhe foi feita na pessoa do seu lacaio.

A senhora de la Baume admira-se de que uma creatura d'aquella especie se atreva a dirigir-lhe a palavra.

A Dumenil toma calôr na discussão e responde com doestos. A senhora

de la Baume não fica atraz, sem se importar com a santidade do logar em que se encontra.

«La Baume ameaça-a de lhe fazer cortar a roupa, diz Bussy Rabutin, que foi testemunha de uma scena tão incrivel, e a Dumenil responde que, com a vida que a outra passa, já de ha muito lhe deveriam ter cortado o nariz...

«Grita la Baume que a fará desancar a pauladas, e a sua antagonista replica-lhe com o maior sangue-frio que não alvorote toda aquella gente, porque o publico demasiado as conhece, e sabe que, visto serem do mesmo officio, melhor fariam vivendo em perfeita intelligencia.»

Estas invectivas trocadas entre a manceba e a mulher de qualidade, provam que n'aquella épocha, reinando Luiz XIV, uma mulher de má vida estava ainda exposta a ser-lhe cortado o nariz, senão em virtude de uma sentença judicial, pelo menos em consequeucia de uma vingança de rufião, ou como castigo de um escandalo de prostituição publica.

É de suppor, todavia, que taes actos de vingança se foram cada vez tornando mais raros, por causa da severidade com que a justiça investigava e castigava os attentados d'esta natureza.

No emtanto, encontra-se um exemplo notavel d'isto nas *Historietas* de Tallemant (tomo VI). E' um facto que parece contemporoneo da épocha em que Tallemant escrevia as suas memorias, quer dizer, do anno de 1657.

A senhora de la Hillière, cuja filha havia casado com um bravo official do rei, chamado Amboise, affligia com as suas escandalosas desordens tanto a familia de seu genro como a de seu marido.

Concubinava por essa épocha com um grande esturdio, chamado Leroi, filho de um empregado do tribunal, e tão namorada estava, que se arruinava por elle. O tal Leroi punha e dispunha em casa, e affastava d'ella tanto o filho como o genro, ambos coroneis do exercito.

Os dois cunhados resolveram desembaraçar-se do inimigo commum, na primeira occasião que se apresentasse.

Leroi habitava ordinariamente na Lorena, onde havia obtido uma abbadia nas proximidades do castello da senhora de La Hillière. Um dia fez uma viagem a Paris e os dois coroneis começaram a seguir-lhe a pista.

Uma noite encontraram-no no Pont-Double, perto de Nôtre Dame, na occasião em que iam com elles quinze ou vinte dos seus soldados.

O sitio era magnifico para deitar o senhor abbade ao rio, em todo o caso, os dois não se atreveram a realisar o crime premeditado.

Leroi reconhecera-os e desnorteara-os com o seu sangue-frio.

D'Amboise e La Hillière conferenciavam a respeito do castigo que lhe haviam de dar. Decidiram cortar-lhe o nariz e encarregaram da execução do castigo um soldado, a quem deram uma faca.

—«Senhor, disse o abbade a La Hillière, tenho uma cousa a dizer-lhe: Quem é o offendido é o senhor, e por isso não deve outro castigar-me, e de mais a mais um soldado. Cumpra-se por sua mão o castigo.»

La Hillière pegou na faca, mas não teve coragem para se servir d'ella, e o abbade apanhou apenas uma insignificante arranhadura.

Já por outras vezes dissemos no decurso d'esta obra que nada era mais vulgar no seculo XVI do que vêr as mulheres dissolutas e os rufiões sem nariz, em consequencia de desordens e questões provocadas pela prostituição.

Com o tempo foi-se adoçando o rigor dos costumes, e ainda que o rancor popular fosse o mesmo, é certo que ao encontrar-se na rua uma prostituta surprehendida em flagrante delicto, os mesmos que mais vehementemente vociferavam em torno d'ella pedindo voz em grita que se lhe cortasse o nariz, teriam sido incapazes de levar a effeito este acto de deshumanidade, que foi por toda a parte substituido por uma execução symbolica.

A desventurada, designada por qualquer circumstancia a taes manifestações da vindicta popular, não perdia o nariz, mas sim a saia, que lhe cortavam ou rasgavam pela cintura.

Ameaçar uma mulher com o supplicio de lhe cortar o nariz, era a maior injuria que se lhe podia dirigir, executar essa ameaça, era querer deshonrar a victima de similhante castigo.

Não se encontra em diccionario algum francez a expressão *couper la jupe*, cortar a saia, consagrada por um uso que devia ter subsistido até ao seculo XVIII.

Filisberto José Leroux é o unico philologo que recolheu no seu *Diccionario comico, satyrico, critico, burlesco, livre e proverbial*, a referida expressão que Scarron, Saint-Amand e outros poetas burlescos empregaram a miudo.

Leroux diz o seguinte:

«*Couper la jupe près du cul* é uma phrase de desprezo e ultrajante que se diz a uma pessoa a quem se quer injuriar. É o *non plus ultra* das affrontas, e não se costuma ameaçar com tal castigo senão as *garses* (prostitutas).»

No emtanto, a princeza palatina Izabel Carlota de Baviera, esposa do duque de Orleans, empregava uma expressão ainda muito mais energica.

Refere ella propria n'uma das suas cartas ao primo, o duque de Brunswick, que se vingou desapiedadamente de duas raparigas de Strasburgo, que a senhora de Maintenon fazia passar por condessas palatinas, collocando-as entre a creadagem de suas sobrinhas, para vexar a Palatina a quem detestava.

A delphina, que era como ella uma princeza de Baviera, indignava-se de ver duas raparigas, filhas de um fidalgo pobretão da provincia, passando por condessas palatinas, e figurando entre as damas da sua côrte.

Queixou-se, portanto, com os olhos banhados de pranto á duqueza de Orleans, que lhe prometteu dar-lhe uma satisfação d'aquelle insulto feito á nobreza germanica.

Quando a Palatina viu as duas jovens allemãs passeiando pelo parque de Versailles com as sobrinhas da senhora de Maintenon, apressou-se a apear-se do carro e a dirigir-se ao seu encontro.

As sobrinhas da Maintenon tiveram a prudencia de a evitar, mas não poderam impedir que as suas damas obedecessem á Palatina, que as chamava com uma grande severidade na voz.

As pobres creaturas approximaram-se a tremer e a princeza perguntou a uma d'ellas quem era.

A joven respondeu sem vacillar que era condesssa palatina de Lutzelstein.

—«Da mão esquerda ?» perguntou com desdem a duqueza.

—«Não, senhora, respondeu a interpellada. Não sou bastarda. O joven conde palatino casou com minha mãe, que era da casa Gehlen.»

—«N'esse caso, minha querida, a menina não póde ser condessa palatina, porque entre nós, os condes palatinos, os casamentos deseguaes não teem valor algum. Direi mas ainda, proseguiu ella com arrebatamento, mentes como uma villã, quando dizes que o conde palatino casou com tua mãe. Essa mulher é uma p... com quem o conde palatino dormiu, assim como tem dormido com tantas outras. Eu sei perfeitamente que o seu verdadeiro marido é um fidalgote da provincia. Se d'aqui em diante tornas a querer passar por condessa palatina, far-te-hei cortar as saias junto ao c... Não quero ouvir fallar mais em tal, percebes? No emtanto, se seguires o meu conselho, e nunca mais usares senão o teu verdadeiro nome, palavra de princeza, que não te assacarei jámais a tua origem! Vae-te, e tem muito cuidado com a tua vida!»

Tal foi o terror que n'aquella desgraçada produziu a colera da duqueza, que adoeceu gravemente e poucos dias depois morreu.

Luiz XIV, ao saber o que se passára, disse unicamente á princeza palatina:

—«Pelo que se vê, não é bom brincar comsigo a respeito da sua casa; arrisca-se a vida!»

(V. as *Memorias, fragmentos historicos e correspondencia* da senhora duqueza d'Orleans, princeza Palatina.)

Estas injuriosas violencias não se exerciam só contra as prostitutas. As mulheres mais honradas podiam ser ultrajadas do mesmo modo, no meio da rua, pela brutalidade de alguns lacaios embriagados.

Na maioria dos casos, os lacaios eram os encarregados d'estas execuções, comtanto que lhes pagassem bem. Nada egualava a insolencia e a audacia d'aquella *valetaille*, lepra paralytica das casas dos grandes, que passavam o tempo, como os rufiões, nas tabernas e maus logares.

Os lacaios usavam espada, vestiam trajos de veludo e seda, davam-se ares de fidalgos e imitavam todos os vicios dos seus senhores, exaggerando-os.

Em vão os parlamentos empregavam o maior rigor contra os delinquentes e condemnavam grande numero d'elles todos os annos á forca.

Era impossivel conseguir domar e corrigir tão vil canalha, que pullulava em Paris e em todas as residencias da côrte.

Não se passava dia algum sem que novas e espantosas violencias e horriveis actos de libertinagem fornecessem novos exemplos da preversidade da *valetaille*.

Verdade seja que muitas vezes os mais illustres senhores eram os culpados da depravação da sua creadagem, tanto por causa do exemplo, como pelos pessimos conselhos que lhe davam.

Basta um facto:

Os *petit-maitres* tinham como divertimento predilecto, abandonar mulheres á lascivia dos lacaios!

Esta abominavel *razzia* tinha ordinariamente por theatro as tabernas, e a victima era alguma desgraçada creada.

Na maior parte dos casos, a victima era indemnisada dos prejuizos que soffrera no conflicto. Pagavam-lhe os cabellos arrancados, as feridas, as contusões, os vestidos em farrapos e os outros desastres da guerra. Ordinariamente, porém, a rapariga que havia sido pasto da luxuria de dez ou doze patifes não sobrevivia ás consequencias d'aquella orgia messalinica.

A auctoridade fazia a vista grossa a respeito d'estas saturnaes, que ás vezes degeneravam em verdadeiros assassinios.

Em determinadas circumstancias, entregava-se aos lacaios uma mulher de quem se queria tomar vingança, comtanto que não morresse na refrega.

A desventurada, depois de ter supportado a seu pesar tão atroz prostituição, abstinha-se ás vezes de ser a propria a reclamar a sua deshonra, pedindo vingança aos tribunaes.

De resto, esta vingança não poderia ter satisfeito a supplicante, porquanto a justiça cairia apenas sobre despreziveis lacaios.

Nas *Historietas* de Tallemant, cita-se apenas o odioso costume que empregava os lacaios n'estas cobardes e torpes vinganças.

Em novembro de 1658, a senhora de Champré e Ninon de Lenclos foram passar um dia no campo á quinta da senhora Burin.

Acompanhavam-nas vinte e quatro cavalleiros e o sequito do seu bom amigo, o senhor de Thermes.

O dito sequito compunha-se de uns vinte lacaios.

Uma phrase maliciosa de Ninon offendeu a senhora Burin, a qual se affastou bruscamente sob pretexto de uma caçada, deixando na quinta os seus hospedes, e prohibindo aos creados que lhes dessem de ceiar.

Os galans de Ninon e da senhora de Champré haviam chegado já. Toda a gente se queixava de fome e sede.

A governante, porém, obedecendo ás ordens da senhora Burin, annunciou aos convidados que não havia ceia.

A senhora de Champré esbofeteou a governante; esta, pela sua parte não lhe ficou atraz e pagou-lhe na mesma moeda, o certo é que a senhora de Champré se sentiu ferida no rosto.

Todos tomaram o seu partido e quizeram castigar exemplarmente a governante, que ousára erguer a mão contra uma dama de qualidade.

Os galanteadores de Ninon, diz Tallemant, são de parecer que a governante deve ser entregue aos lacaios.

Estes tiveram, porém, quem lhes fizesse rosto, porque a creadagem da casa, pegou em armas, e chamou em seu auxilio a gente das visinhanças.

A senhora de Champré esteve em perigo de soffrer a injuria que premeditára contra a governante da senhora de Burin.

«Por muito feliz se deu, diz Tallemant, em poder sahir a salvo com a sua companheira, os seus vinte e quatro cavalleiros e o sequito do senhor de Thermes.» (Tomo VI.)

Facilmente se comprehende até que ponto os lacaios deviam julgar que

todos os atrevimentos lhes eram permittidos, visto que se reclamava a sua intervenção impudica em contendas d'esta indole.

Poderia escrever-se um extenso capitulo a respeito do papel desempenhado pelos lacaios na corrupção dos costumes publicos. Os maiores crimes eram uma innocente brincadeira para aquelles infames.

Portanto não causará extranheza o saber-se que a filha de Tanier, juiz de Saint-Lazare, fora desflorada na edade de dez annos por um lacaio de seu pae.

«O pae, diz Tallemant des Reaux (tomo IX), cahiu na grande tolice de chamar aos tribunaes o lacaio, o qual foi enforcado defronte da porta da casa em que commettera o crime.»

De resto, na maior parte dos casos, um lacaio podia allegar como desculpa, que não tinha feito outra cousa senão copiar os vicios e defeitos de seu amo.

Ainda que varias ordenações do rei, decretos do parlamento e regulamentos de policia prohibissem aos lacaios o uso de armas defensivas e offensivas, sob pena de forca, nem por isso elles deixavam de cingir espada, desde o momento em que entravam ao serviço de algum fidalgo da côrte.

Andavam armados pelas ruas, de dia e de noite, e serviam-se bellamente das suas armas, ao verem-se envolvidos na menor contenda.

Se não tinham espada ou pistola, traziam sempre comsigo um páo ou bastão cheio de chumbo.

A sua presença nas tabernas e nos logares suspeitos, era quasi sempre acompanhada de graves desordens, por isso que, segundo tinham por costume, andavam em grupos e prestavam-se mutuo auxilio, maltractando as prostitutas, violando-as e roubando-as.

Vamos transcrever de Saint-Amand o chistoso retrato d'estes *pilares de taberna e de lupanar*:

Entrer dans le bordel d'une demarche grave,
Comme un coq, qui s'apreste à jouer de l'ergot,
Demander Jeanneton, faire chercher Margot,
Ou la jeune bourgeoise, à cause qu'elle est brave,

Fureter tous les trous, jusqu'au fond de la cave,
Y rencontrer Perrette et daubant du gigot
Danser le branle-branle au son do larigot.
Pour y faire festin d'une botte de rave.

N'y voir pour tout tableau que quelques vieux rebus.
Au bien quelque almanach, qui sema ses abus
L'an que Pantagruel déconfit les Andouilles,

Et du haut jusqu'en bas, pour tous meubles de prix,
Qu'une vieille paillasse, un pot et des quenouilles:
Voilà le passe-temps d'un sourdad de Cypris!

A continua crapula dos lacaios e a innumeravel turba de servidores que

constituia a creadagem das pessoas de qualidade e de alta posição, contribuiu realmente bastante para propagar as enfermidades venereas.

Estas enfermidades eram tão communs n'essa épocha, havia tantas probabilidades de as encontrar entre as duquezas como entre as creadas. Eram por assim dizer, as companheiras inseparaveis de todos os amores illicitos, e subiam e desciam sem cessar todos os degraus da escala social.

Não era já, é certo, o mal de Napoles do seculo XVI, com todo o seu asqueroso cortejo de chagas, ulceras e excrescencias cancerosas, mas embora o contagio obsceno se apresentasse no seu principio com symptomas menos horriveis, nem por isso deixava de ser tão incuravel como de antes, n'um sem numero de casos que illudiam e zombavam de todos os esforços da arte.

Os progressos do mal, ainda que lentos e latentes, chegavam muito a miudo á desorganisação completa do individuo, o qual segundo uma expressão usada n'aquelle tempo, «cahia pedaço a pedaço em completa putrefacção.»

Havia tambem uma multidão de affecções syphiliticas mais benignas, das quaes a cirurgia sahia com facilidade triumphante, pelo menos na apparencia, mas que tornavam a reapparecer periodicamente, sob diversas influencias, debilitando-se e metamorphoseando-se de modo, que chegavam a mudar completamente de caracter e de natureza.

O principio da enfermidade, o seu virus, não deixava por isso de se inveterar no sangue da pessoa por ella infeccionada, para se transmittir de geração em geração, sem deixar suspeitar a sua presença de outro modo, a não ser por enfermidades hereditarias.

D'aqui essas numerosas affecções denominadas lepras, escrofulas, dartros e outras enfermidades secretas, *incrustadas* nas familias e perpetuando-se com ellas.

A auctoridade não intervinha já n'estas questões delicadas de salubridade publica, por se considerar impotente para impedir o contagio do flagello que durante tanto tempo combatera. Chegára até a renunciar a todas as medidas de precaução em vigor, tanto em Paris como em todas as cidades da França nos ultimos quarteis do seculo precedente.

Já os desgraçados syphiliticos não eram expulsos do meio das populações. Podiam entrar livremente na capital, e até mesmo ninguem os recolhia em hospitaes particulares.

Pelo contrario: affastavam-se cuidadosamente do Hôtel-Dieu e dos outros hospitaes, não sendo admittidos senão sob a ameaça de uma fustigação correccional.

Não deve, pois, admirar-nos que aquella vergonhosa peste, abandonada assim a todos os azares do desregramento e da má conducta, tivesse franqueado desde longa data os limites da prostituição, introduzindo-se no sanctuario da sociedade honesta.

«Se fossem sómente os que se entregam a este vergonhoso peccado, os unicos contagiados d'este asqueroso mal, escrevia em 1689 o credulo e bonacheirão abbade Miguel de Saint-Martin, não fallaria d'isto, e mais conviria accrescentar os seus padecimentos do que vir em seu soccorro com remedios fa-

ceis e de pequeno despendio, como são os que proponho. A experiencia demonstra-nos, porém, que muitas vezes póde contrahir-se o venereo e a *chaudepisse* (blenorrhagia) por contagio innocente e imprevisto.

«Uma mulher honesta e piedosa póde recebel-o de seu marido dissoluto; um menino de peito da sua ama desavergonhada, uma ama innocente da creatura que amamenta, sahida de entranhas corrompidas.

«Outros ainda podem contrahil-a bebendo, comendo e deitando-se com pessoas ha muito infeccionadas e corrompidas, e entre esta gente encontram-se ás vezes pessoas pobres, que não têem meios para se curar, o que póde ser causa de graves transtornos sanitarios n'uma cidade inteira.»

O candido abbade, que aprendera com um famoso cirurgião de Paris, chamado Le Large, quaes eram os melhores remedios contra as enfermidades venereas, afim de poder tractar a imprudente juventude de Caen, sua cidade natal, estabelecia como axioma, que «qualquer pessoa tão facilmente se póde contagiar com o commercio das solteiras como com o das casadas», a tal ponto se haviam multiplicado n'aquella épocha os perniciosos fructos da libertinagem, quando só no Louvre, segundo diz um contemporaneo, havia mais syphilis do que em todos os logares suspeitos da rua de la Huchette.

(V. *Meios faceis e provados, dos quaes o senhor de Lorme, primeiro medico e ordinario de tres dos nossos reis... se valeu para viver cem annos,* por Miguel de Saint-Martin, escudeiro, senhor de la Mare du Désert, presbytero, doutor em Theologia da Universidade de Roma e protonotario da Santa Sede, 1683, in-12.)

A nosso vêr, nada demonstra melhor em quão larga escala a enfermidade venerea havia invadido e arruinado a saude dos libertinos e até a das pessoas mais recommendaveis, como o emprego tão frequente e tão pouco escrupuloso da palavra deshonesta, que caracterisa fundamentalmente este mal obsceno, palavra que foi mais tarde abandonada á linguagem livre e trivial.

Durante todo o seculo XVII, a palavra *vérole, venereo, gallico,* era proferida nas conversações da gente seria e illustrada, e ninguem escrupulisava em imprimil-a com todas as suas lettras, nas obras de poesia burlesca ou familiar.

Os medicos das comedias de Molière fallavam na *vérole* em pleno theatro.

Tallemant des Reaux nunca se soccorre de uma periphrase para citar esta doença na collecção das suas historietas.

As mulheres mais virtuosas e as damas mais recatadas ouviam a palavra sem córar nem baixar os olhos.

La Monnoye, na sua edição do *Menagiana* (Paris, 1715, in-12.º), offerece-nos um exemplo d'esta despreoccupação das mais rudimentares conveniencias:

«Conheci um homem que tinha feito uma chronologia das suas doenças venereas, de maneira que, quando se citava algum facto, algum successo memoravel acontecido na sua vida, costumava dizer:

—«Sim, agora me lembra, isso foi no tempo da minha terceira, quinta ou oitava data de venereo.»

La Monnoye refere esta originalidade, a proposito de uma anedocta analoga, contada por Mènage:

«O poeta Voiture, que por mais de uma occasião havia expiado as suas fortunas amorosas, as suas famosas conquistas, estava hospedado em casa de seu pae em Amiens, quando a côrte esteve n'aquella cidade. Como tinha muita voga, e era muito conhecido das damas, acontecia varias vezes ir uma ou outra visital-o.

«Apenas um trem qualquer parava á porta da casa, o pae chegava immediatamente á janella e dizia: «Meu filho sahiu.»

«E accrescentava em seguida, resmungando:

—«Estes coiros já pegaram por duas vezes o venereo a meu filho, e receio que lh'o peguem terceira vez!»

Ninguem se envergonhava de ter contrahido uma enfermidade que em toda a parte se encontrava, e que nem mesmo se attribuia sómente ás consequencias directas de uma copula impura, visto que se tinha a firme convicção de que para haver contagio, bastava beber-se por um copo tocado por um syphilitico.

«E perigoso beber ao pé de um syphilitico», diz Richelet, no seu *Diccionario da lingua franceza,* onde consagra como phrases geralmente admittidas e approvadas estes modos de dizer: *Ter a vérole até aos ossos;—suar a vérole,* etc. Um homem de elevada posição não fazia mysterio dos perniciosos presentes que devia a Venus.

«Petitlouis-Lebœuf, que era um libertino, segundo diz Tallemant, dansava um dia em Saumur com a presidenta da localidade, apesar de estar enfermo ainda dos resultados de um galanteio, que lhe havia proporcionado o que vulgarmente se chama *vaches à lait.*

«Um dos emplastos foi escorregando pelas calças abaixo até cahir no chão.

—«Senhor, apanhe o seu emplasto, disse-lhe mui serenamente a dama,

«Elle, porém, sem se perturbar mette as mãos nas calças, tira outro emplasto, e replica, perfeitamente a sangue-frio:

—«Oh! minha senhora, este é que é o meu. O outro deve naturalmente pertencer-lhe!»

Tallemant, n'outro logar da sua obra, attribue esta impertinente anecdota ao senhor de Vandy, cujo cynismo não cedia em cousa alguma ao de Diogenes, ou melhor dizendo, ao de Crates.

A respeito do mesmo descarado, conta elle ainda «que tendo ido a uma feira de certa aldeia, encontrou uma concubina, que elle já em tempo tivera por sua conta, e quiz ter copula com ella á maneira de Diogenes, que plantava homens na praça publica. (1)

---

(1) Já nos referimos n'outra nota á moral depravada de Diogenes, e de Crates, seu discipulo.

Tallemant attribue a Diogenes o acto obsceno de Crates, anteriormente referido aos leitores.

«A rapariga não esteve pelo ajuste, e Vandy, muito zangado, disse-lhe:

—«Para que demonio servem essas tolices? Olhem a grande cousa! Nem que todo o mundo não esteja farto de saber que tu (palavra obscena) e eu tambem!»

Referindo-se ainda n'outra parte ao mesmo Vandy, Tallemant accrescenta outro rasgo do seu proverbial descaramento:

«O cardeal de Richelieu quiz que elle fizesse testamento, ao que Vandy se recusava, pretextando que não tinha que testar.

«Richelieu tanto insistiu, porém, que chegou a vencer aquella teimosia.

—«Escreva, disse elle ao notario. Ahi vae o testamento de Vandy: Dou a minha alma a Deus, o meu corpo á terra, minha mulher e meu filho ao senhor cardeal (este filho foi *pagem* de Richelieu) e a minha filha ao publico!»

Acontecia ás vezes que um marido devasso levava para o leito conjugal estes vergonhosos testemunhos das suas desordens, e sua desgraçada esposa, não suspeitando o fatal estado em que seu marido a havia posto, deixava inveterar o mal e tornar-se incuravel, antes de consultar a medicina.

Outras vezes, era a mulher que em consequencia da sua má conducta se encontrava, sem o saber, atacada de uma vergonhosa enfermidade, que communicava, porque não a guardava por certo só para si.

Refere Tallemant da senhora de Gondran que esta dama, tendo-se entregado a um valente cavalleiro da Bretanha, chamado La Roche-Giffard, aproveitou a ausencia de seu marido para curar uma gonorrheia.

«Vivia a dama por essa épocha em casa de seu pae, diz o narrador, e sentiu um corrimento esquisito. Contou o caso a sua irmã, que foi logo participal-o ao joven Guenant, seu medico ordinario.

«O doutor, sabendo quanto o marido era doidivanas, suspeitou immediatamente qual era a causa do mal. A camisa acclarou-lhe as duvidas. Le Large veiu visital-a e curou-a antes que o marido regressasse.»

O marido e o amante tiveram tambem, cada um por sua parte, de pagar visitas ao medico.

La Roche-Giffard accusou a senhora de Gondran de ter envenenado os seus amores.

Ella muito indignada, escreveu-lhe:

«Diz-me que fui eu quem lhe pegou o mal, mas, por minha honra lhe juro, que foi o senhor que m'o causou a mim, pois foi o senhor o unico homem a quem concedi os ultimos favores!»

A famosa aventura de Francisco I com a bella Ferronière foi muitas vezes renovada no mundo da galanteria.

Houve em todos os tempos maridos e amantes zelosos da sua honra, que não hesitaram em *infeccionar-se*, para se vingarem de um rival, communicando-lhe a sua vergonhosa doença por meio do seu cumplice. Os resultados, porém, de tão odiosas vinganças eram menos serias do que no seculo XVI, visto que, na maior parte dos casos, ninguem morria por isso.

«Havia, diz Tallemant (tomo VIII), uma boa mulher, chamada a senhora de Nubé-Chezelle, mulher de um velho *coitadinho*, conselheiro de um tribu-

nal, a qual vendo-se abandonada por um dos seus amantes, para se vingar d'elle foi procurar de proposito o mal venereo, para lh'o communicar. E encheu o pobre homem de venereo!»

A enfermidade era ás vezes mortal.

O senhor de Chazeron, fidalgo do Bourbonnais, que casou com uma filha do marechal de Saint-Geron, quando a pobre senhora tinha apenas doze annos de edade, apanhára na Italia uma tão forte data de venereo, que apodreceu de todo, e tendo communicado o seu mal á esposa, a pobre senhora nunca poude obter uma cura radical.

Esta enfermidade devia ser por certo o mal de Napoles bebido na sua fonte.

O *mal francez*, ou *gallico*, tinha ás vezes a mesma energia, e symptomas mais aterradores ainda.

O pae e a mãe do presidente Tambonneau morreram ambos de um envenenamento venereo, que foram buscar á Italia.

O marido era muito libertino, e a mulher muito galanteadora, por isso nada tinham que censurar-se reciprocamente. No emtanto, o marido pedia perdão á mulher, e toda a gente dizia:

—«Que tolo! Quem lhe disse a elle que não era a mulher quem lhe devia pedir perdão?» (*Hist.* tomo IX.)

E' facil de suppôr que estas horriveis mortes, as quaes vinham de tempos a tempos atterrar a alta sociedade, eram muitissimo mais frequentes nas classes inferiores, onde a libertinagem tinha de haver-se com os elementos mais perigosos da prostituição.

As mulheres dissolutas e as prostitutas morriam do mal que haviam espalhado em torno de si, no decurso da sua existencia desregrada.

A princeza Palatina escreve em data de 27 de julho de 1700 (V. as *Novas cartas da Senhora Duqueza d'Orleans*):

«Succedeu aqui uma cousa verdadeiramente extraordinaria:

«A duqueza de Usez morreu de venereo. Era filha do principe de Monaco, e uma dama muito digna e muito respeitavel. O infame do marido, a quem ella adorava cegamente, communicou-lhe o contagio.»

Similhantes acontecimentos não eram raros na nobreza e na classe media, embora não se lhes ligasse grande importancia, e eram até considerados como bons assumptos de pilherias e de chalaças, quando a victima merecera o seu triste fim por uma vida de crápula e de depravação.

«Esta enfermidade chegou a generalisar-se tanto, diz Sauval na sua *Noticia sobre o mal de Napoles,* (V. *Memorias historicas e secretas relativas aos amores dos reis de França,* 1729, in-12.º), que serviu de thema para facecias. Um homem de boa familia conheci eu, sem respeito algum por seu pae e por sua mãe, victimas d'esta cruel enfermidade, que teve a impiedade e a desvergonha infame de querer dar como epitaphio aos desgraçados auctores de seus dias estes infames versos:

Ici dessous la Mort rongea
Deux corps, qui ont rongé Brouage:

Ils auraient rongé davantage,
Mais la Vérole les rongea.

«Debaixo d'esta lousa, a Morte roeu dois corpos, que tinham roido Brouage ; muito mais teriam roido ainda, mas a *Vérole* roeu-os antes d'isso.»

Sauval não conta quem foram os auctores de tão abominavel epitaphio, mas Tallemant des Reaux explica-nos (tomo v) que se trata de Timoleão d'Epinay, marquez de Saint-Luc, marechal de França, casado em 1627 com a viuva do senhor de Chazeron, infeccionada de uma doença que devia ao seu primeiro marido, e da qual morreu depois de sete annos de soffrimento.

Timoleão d'Epinay era, como seu pae, governador de Brouage. Ao casar em segundas nupcias com a senhora de Chazeron, disse :

— «Se ella me dá *feijões*, eu dou-lhe *favas*.»

Alludia aos diversos aspectos da enfermidade venerea.

No emtanto, d'Epinay sobreviveu doze annos a sua mulher e morreu em Paris em 1644.

E' escusado dizer que os taes versos attribuidos por Sauval ao filho do marechal de Saint-Luc, o conde d'Estelan, não foram gravados no tumulo do marechal e de sua segunda esposa, na egreja dos Celestinos.

CAPITULO XII

SUMMARIO

Commercio de libertinagem no seculo XVII.—Castigo d'este crime.—Modificação da jurisprudencia sobre este assumpto.—Os *proxenetes*.—O cabelleireiro Champagne.—Suas violencias e vergonhoso commercio.—Suas viagens pela Europa.—O «pequeno Grammont».—As *entremetteuses,* ou medianeiras.—A senhora Anna, governanta da mulher do presidente Tambonneau.—As fornecedoras do presidente de Chevry.—O logar habitual das entrevistas.—Rennevilliers enganado pela Bricolleuse.—Retrato, costumes e praxes das corretoras do amor.—Historia de Agatha e de Laurette.—Filha e mãe, tia e sobrinha.—Uma aventura da viuva de Molière.—A Toureile e a Ledoux.—A menina Molière.—Illusões do presidente Lescot.—A Chateauneuf.—Processo, condemnação e execução.—Algumas celebridades do mesmo genero.



' DIFFICIL fazer uma ideia da corretagem da prostituição no seculo XVII.

Em todas as classes da sociedade e especialmente nas mais elevadas, havia um commercio permanente e activo da prostituição, commercio exercido mais ou menos descaradamente por numerosos agentes de um e de outro sexo, de todas as edades e condições.

Segundo a expressão caracteristica de um contemporaneo, era como se metade do genero humano estivesse empenhada em seduzir e corromper a outra metade.

Não obstante, as antigas leis contra os entes infames e abjectos que viviam de tão vergonhoso trafico estavam bem longe de ter cahido em desuso. O rigor d'estas leis não fôra attenuado, e tanto em Paris como em todas as capitaes de provincia eram applicadas com bastante frequencia.

Verdade seja que nunca se applicava a pena capital, quaesquer que fossem as circumstancias aggravantes do delicto. Comtudo, a penalidade era bastante sevéra para ferir a imaginação dos miseraveis que se expunham a merecel-a.

«Os tribunaes superiores dos parlamentos d'este reino, diz Lebrun de la Rochette, no seu livro intitulado *O Processo Criminal* (edic. de 1647, in-4.º) e os inferiores, castigam-nos com mais brandura, limitando-se ao desterro e á previa fustigação nas encruzilhadas das cidades, onde exerceram o seu commercio, e onde foram presos, como se viu n'estes ultimos annos, depois de innumeraveis sentenças, no castigo da Desmoulin, celebre alcoviteira de Paris,

bem que *talia dæmonum abjectissima mancipia* sejam mais prejudiciaes á pudicicia que os proprios diabos do inferno, que não logram fazer vacillar tão facilmente a continencia de um devoto religioso, ou a casta fidelidade de uma mulher como estes abominaveis agentes de Satanaz com as suas caricias e sobornos.»

Todas as condemnações se baseavam na antiga jurisprudencia franceza, que havia assimilhado o commercio da honra das mulheres ao trafico dos escravos.

«Que fazem os alcoviteiros, dizia o famoso jurisconsulto Lourenço Bouchel, na sua *Bibliotheca* ou *Thesouro do Direito Francez*, senão pôr em pleno vigor toda a especie de detestaveis servidões abolidas pelas leis, e praticar mais que nas épochas remotas a venda dos homens?»

Parece, no emtanto, que os magistrados de policia, ao passo que perseguiam em certo grau os corruptores dos costumes, evitavam quanto possivel fazer d'elles objecto de escandalo e dal-os em espectaculo á curiosidade avida e cruel das multidões.

Umas vezes expulsavam-nos, depois de lhes haverem feito pagar uma multa, outras vezes mandavam-se para uma prisão qualquer, onde lhes era ministrada á porta fechada, uma correcção quotidiana.

Ás vezes, no emtanto, era preciso obedecer á opinião e dar uma satisfação publica ao desejo unanime dos visinhos de um bairro inteiro, que pediam justiça exemplar.

N'estes casos, a culpada era tractada, segundo os seu meritos, e segundo os termos da sentença. Passeiavam-na montada n'um burro, com a cara voltada para a cauda do animal, a cabeça coberta com uma mitra de papel, ou um chapeu de palha, e um cartaz preso no hombro.

Açoitavam-na núa em varios sitios, marcavam-na com um ferro candente, rapavam-lhe a cabeça, cortavam-lhe uma orelha, e desterravam-na por toda a vida.

Fallámos n'outra parte largamente d'estas execuções. Vel-as-hemos reproduzidas ainda, embora a longos intervallos, até meiados do seculo XVIII, mas só se verificavam em casos extraordinarios, e esta ceremonia, meio indecente, meio burlesca, não se effectuava geralmente fallando, sem previo pedido de algum personagem de consideração, que julgava dever tirar vingança particular de uma creatura de tão vil especie.

Era grande a repugnancia dos juizes e dos seus commissarios para com estas execuções, uma verdadeira festa para a baixa ralé.

Por este motivo, quando de todo em todo não podiam deixar de as ordenar, simplificavam quanto podiam todo aquelle apparato indecente de outros tempos mais remotos. Supprimia-se o burro, e a paciente, em vez de ir núa, era conduzida em camisa e com os pés descalços ao pelourinho, onde era açoitada, marcada e exposta á curiosidade dos transeuntes.

Ordinariamente o supplicio verificava-se na praça do mercado, de modo que todo o tumulto e escandalo ficava concentrado n'um centro populoso, longe dos olhares da cidade inteira.

No emtanto, estes castigos exemplares das medianeiras eram muito raros, se attendermos ao grande numero d'estas mulheres infames e á frequencia e gravidade dos actos infames por ellas commettidos impunemente.

Por outra parte, ás que haviam envelhecido no seu indigno mister, preferiam a vergonha de um castigo corporal ao pagamento de uma multa avultada. Por isso, preferia-se castigal-as com a pena da confiscação dos bens.

Forçoso é dizer tambem que aquellas detestavéis creaturas, tendo no decurso da sua funesta carreira prestado assignalados serviços a ricos e poderosos libertinos, encontravam entre elles secretos protectores, com auxilio dos quaes as mais perigosas e as mais culpadas obtinham a remissão da sua pena, ou sahiam do carcere antes da sentença.

Algumas das condemnadas, apesar de terem já passado a edade em que uma mulher póde ser mãe, pretendiam estar gravidas, para escaparem á fustigação e á marca infamante. Com esta escusa, iam ganhando tempo, e procurando descobrir protectores, emquanto a sua impostura não chegava a descobrir-se.

Outras, mas estas constituiam o menor numero, evitavam a troco de dinheiro a applicação da sentença, por isso que a maior parte dos parlamentos de França se limitavam a ordenar que as corretoras da prostituição não soffreriam, no caso de estarem gravidas, a marca ou a fustigação.

N'estes casos, eram atadas simplesmente a um poste, com as espaduas núas, e o carrasco, armado de varas passeava-as pelas ruas da povoação sem as açoutar nem maltractar.

A jurisprudencia tendia evidentemente a suavisar-se, não por fraqueza ou impotencia, mas sim para deixar á moral e á religião o cuidado de combater e corrigir um vicio, que só subsistia pelo concurso dos vicios interessados na sua existencia.

Eis o motivo por que, depois de se haver substituido o desterro perpetuo para fóra do reino, pelo desterro temporal fóra da jurisdicção do tribunal que dava a sentença, chegou a substituir-se o desterro pela reclusão n'um hospital ou n'uma communidade de *Arrependidas,* onde a reclusa recebia uma data de açoites varias vezes durante o dia.

Apesar d'isso, a miseravel ralé das alcoviteiras, longe de diminuir, multiplicava-se sem cessar, de tal modo que um auctor jocoso e hyperbolico chegou a computal-a na quarta parte da população, dizendo que toda a gente entrava n'este vil mister.

Os homens que durante tanto tempo haviam exercido este officio, em competencia com as mulheres, começavam a abandonal-o, e se o *nome* subsistia na linguagem usual, a *cousa* não se via já senão na côrte de França, como nos diz a historia comica de *Francion:*

«É fóra de duvida que os truões, os poetas e os musicos, aos quaes confundo na mesma cathegoria, não brilhariam tanto na côrte, se não fosse pelas suas *alcovitices.*»

Raras vezes a justiça tinha de occupar-se dos actos d'estes *proxenetes,* que eram os proprios a abdicar da sua vida infame, em presença da reprovação uni-

versal, e quando, por acaso, o tribunal de policia se via obrigado a julgar algum d'estes vis agentes da libertinagem, que o escandalo da sua conducta recommendava especialmente á severidade dos juizes, condemnavam-no a ser fustigado na prisão e em seguida mandavam-n'o sem fórma de processo, para as galés d'el-rei.

Já vimos n'outro logar, na peça satyrica e obscena intitulada *A Fome, ou as P. de c...* os nomes dos principaes corretores de amor, que na épocha da *Fronda, se jactavam de servir a gente honrada,* sem terem nada que ver com o tenente geral de policia.

A maior parte d'elles exerciam profissões que os punham naturalmente em relações com os libertinos e com as suas victimas.

Eram banheiros, barbeiros, cabelleireiros, sapateiros, etc. etc, que encobriam d'este modo, sob em pretexto plausivel os seus manejos, as suas intrigas e o seu escandaloso trafico.

A auctoridade deixava-os, pois, em inteira liberdade, e rarissimas vezes os inquietava, comtanto que elles pela sua parte não procurassem despertar-lhe a attenção com imprudencias ou escandalos deploraveis.

O typo mais singular e menos repugnante d'esta especie de homens sem vergonha foi o cabelleireiro Champagne, que, diga-se a verdade, reunia ao seu mister de fornecedor e complacente em questões de amores, um talento notavel na arte a que se destinara.

Apesar da sua infame reputação, aquelle homem tinha a honra de ser admittido ao toucador das mais elevadas damas da côrte.

Adivinha-se a facilidade que lhe dava a sua profissão de cabelleireiro, que exercia com muito gosto e mestria, para se tornar o mensageiro galante, levar bilhetes mysteriosos ao seu destino, sondar as disposições de um coração proximo a render-se, atacar o pudor nas suas ultimas trincheiras e estabelecer ntelligencias regulares entre os amantes.

Este feliz Champagne, que fôra lacaio, e que morreu secretario do rei, apesar de todos os serviços ignobeis que lhe atiravam á cara, não se contentava de auxiliar as intrigas alheias. Era tão bello, tinha tanto espirito e gentileza, que as damas morriam de amor por elle, e Luiz XIV, que ouvia fallar constantemente d'este Antinoo, quiz vêl-o e julgar pelos proprios olhos d'aquella maravilha.

A celebridade do impudente, que por mais de uma vez se tornara réu da pena de galés, auctorisou um poeta dramatico chamado Boucher a compôr para o theatro do Marais uma comedia em um acto, intitulada *O cabelleireiro Champagne,* em que se via um amante disfarçado entrando em casa da sua querida, sob o nome do cabelleireiro em voga.

Esta peça dramatica foi impressa e representada em 1668; mas o seu auctor foi obrigado para não crear no cabelleireiro Champagne um inimigo poderoso, a pôr em scena o falso Champagne, como um cabelleireiro turco.

Quem sabe se o disfarce não seria ainda uma maliciosa allusão aos costumes do original!...

«Este patife, diz Tallemant des Reaux, muito indignado contra os trium-

phos amorosos de Champagne, (tomo VII) fazia-se acariciar por todas as mulheres! A feminil fraqueza tornou-o tão senhor de si e tão insupportavel, que lhes dizia milhares de insolencias. Deixava algumas meio penteadas. A outras, depois de as ter penteado de um lado, dizia-lhes que não acabaria sem que lhe déssem um beijo. A's vezes ia-se embora, dizendo que nunca mais voltaria, se não cortassem as relações com um sujeito qualquer com quem embirrava, e que nada podia fazer tendo diante de si aquella figura.

«Tractava as damas por tu, quer fossem casadas, quer fossem solteiras. Um dia disse a uma das suas freguezas que tinha um nariz muito avantajado:

—«Vês tu? De qualquer maneira que te penteie, nunca poderás ficar bem emquanto tiveres esse nariz!»

Ganhava muito, embora não fizesse pagar os seus serviços mais intimos, mas em compensação recebia, em vez de dinheiro, presentes consideraveis em joias e alfaias, taes como, anneis, caixas de rapé, fivellas e botões de ouro.

Quando não ficava satisfeito com o presente que lhe davam, não só deixava de voltar a casa da pessoa que não o havia recompensado á medida dos seus desejos, senão que a desacreditava por toda a parte, accusando-a de avareza e de grosseria.

«Era maldizente como o diabo, diz Tallemant, e sem embargo as damas mais illustres tudo lhe soffriam para não deixarem de ser penteadas por elle, o o artista celebre, o cabelleireiro da moda.

«O patife julgava-se indispensavel e não conhecia freio nem moderação na linguagem.

«Um dia a princeza Maria de Gonzaga, que devia casar com o rei da Polonia, Ladislau IV, mandou chamar Champagne a Nossa Senhora das Virtudes, onde ella tinha ido tomar ar, a casa do seu advogado Montelon.

«Chega Champagne, não encontra creado algum no seu caminho, sobe ao andar nobre, entra no primeiro gabinete cuja porta vê aberta, e depara-se-lhe alli uma dama adormecida.

«Era a senhora de Choisy, recentemente nomeada dama de honor da nova rainha da Polonia.

«Houve então n'aquelle gabinete um incrivel escandalo, em consequencia do qual Champagne teve de homisiar-se durante algum tempo, porque um parente da senhora de Choisy o andava procurando para lhe moer os ossos a pau.

«Poucos annos depois, Champagne referia com o seu habitual descaramento que não tinha motivo de queixa da senhora Choisy, porque «tendo-a encontrado um dia na cama tivera a fortuna de aproveitar o momento opportuno -- *l'heure du berger*. Em todo o caso, a de Choisy não era grande cousa; tinha até as pernas muito magras!»

A insolente ousadia do cabelleireiro não foi ainda assim um obstaculo para que a rainha da Polonia o levasse no seu sequito. Foi elle até que na ceremonia do casamento da princeza ajudou a senhora de Senecé a pôr a corôa real na cabeça da noiva.

(V. *Memorias da senhora de Motteville.*)

Por isso tambem a presença e a intervenção de Champagne n'aquella ce-

remonia excitaram em alto grau o assombro e a indignação dos que conheciam bem o desaforado personagem.

Mestre Adam, o carpinteiro-poeta de Nevers, fez-se n'aquella occasião interprete do sentimento geral, n'uma composição poetica dirigida á princeza Maria:

La beauté, qui vous acompagne,
Étant digne de tous les vœux,
J'enrage quand je vois Champagne
Porter la main à vos cheveux.
Vous ternissez votre louange
Souffrant que cet homme de fange
Maîtrisse des liens qui font tout soupirer,
Et vous faites un sacrilège
De lui donner un privilège
De profaner ainsi ce qu'on doit adorer.

«Sendo a vossa belleza tão digna de geral admiração, causa-me raiva vêr Champagne pôr a mão nos vossos cabellos. Princeza! Entenebreceis os vossos louvores, consentindo que este homem de lama se assenhoreie dos laços que a todos fazem suspirar. Commetteis um sacrilegio, concedendo-lhe o privilegio de profanar assim o que deve ser adorado!»

Em todo o caso, o *homem de lama* nem por isso deixou de fazer parte do sequito da joven rainha da Polonia. Passou depois á Suecia, onde a rainha Christina o reclamava desde muito tempo.

De regresso a Paris, depois de uma ausencia de alguns annos, a sua chegada produziu uma viva sensação entre as damas da côrte, que não se consolavam de o haver perdido.

O poeta satyrico Loret annunciava n'estes termos na sua *Musa historica* (carta de 20 de outubro de 1650) uma das reapparições de Champagne em Paris:

Enfin le renommé Champagne,
Ayant fait quatre ans de campagne
En un pays assez lointain,
Est de retour entier et sain.
Déjà dans Paris il exerce
Son talent, science et commerce.
Quoiqu'il soit sec, maigre et menu,
Il est partout le bienvenue,
Et quantité de belles fées
En ont été déjà coiffées.

«Finalmente, o celebre Champagne, depois de uma campanha de quatro annos em um paiz longinquo, acha-se de volta inteiro e são. Já exerce em Paris o seu talento, a sua sciencia e o seu commercio, e apesar de estar secco e magro, em toda a parte o recebem perfeitamente, e um sem numero de bellas fadas teem sido penteadas pela sua mão.»

Devemos suppôr que Champagne n'aquella épocha havia renunciado á secção menos honesta do seu commercio, apesar do nome do desaforado ca-

belleireiro figurar ainda em 1649 na lista dos *bordeleiros* da capital, em companhia dos nomes de La Croupière, de La Verdure, e outros de boa qualidade.

Por outra parte, como dissémos ainda ha pouco, a impura corretagem ia deixando quasi de todo de ser exercida pelos homens, por isso que todos reconheciam a superioridade das mulheres em similhante officio.

Só os principes e os gran-senhores conservavam ainda proxenetes ao seu serviço.

Tallemant des Reaux cita nas suas *Historietas* varios fidalgos de qualidade, que se deshonravam exercendo este papel mais ou menos publicamente.

Fallando do senhor de Grammont, um dos camaristas de Gastão de Orleans, diz o seguite:

«Não era lá grande cousa a sua reputação. Passava por alcoviteiro, e era até o primeiro a vangloriar-se d'isso.»

N'um baile, onde este fidalgo estava, a senhora de Lescafopier, que estava dançando, gritou-lhe de longe:

— «Grammont, a *chabotte!*»

Era uma dança muito em voga que fôra inventada pelo senhor de Chabot-Rohan, e a dama pedia a Grammont que a fizesse tocar á orchestra.

— «Minha senhora, respondeu-lhe em alta voz o *petit Grammont*, como lhe chamavam na côrte, eu não sou musico, mas sim alcoviteiro, e como tal estou prompto a servil-a.»

(V. tomo VII das *Historietas* de Tallemant.)

Tal era effectivamente a sua reputação, e nem por isso era mal visto.

Um dia, indo a casa da senhora de Choisy, grande foi a surpreza d'esta dama ao vêl-o chegar n'uma esplendida carroagem, com uma libré magnifica.

— «Meu Deus! exclamou a duqueza, rindo como uma perdida, um alcoviteiro tão bem equipado! Pelo que vejo a cousa rende!»

Esta odiosa profissão acabou por ser abandonada ás mulheres depravadas, que a exerciam de diversas maneiras e com differentes resultados.

Encontramos nos poetas satyricos numerosos retratos d'estas velhas corruptoras do seu sexo. Pintamol-as aqui mais de uma vez no exercicio da sua infame profissão, mas como pertenciam pela sua origem, educação e habitos a tão diversas categorias sociaes, tinhamos elementos para escrever uma obra especial sobre os caracteres e physionomias multiplas d'esta classe de mulheres.

No seculo XVII, do mesmo modo que no seculo XVI, houve um grande numero de damas de qualidade e até de grandes senhoras, que não receiaram manchar-se no impuro trafico da prostituição.

Tallemant des Reaux, que costuma ter na sua exposição a maxima liberdade, porque se obstina em contar as cousas como ellas são, chega até a accusar a princeza viuva de Rohan de ter feito de alcoviteira em favor do presidente de Maisons e da presidenta de Tambonneau.

(V. tomo IX das *Historietas.*)

Na maior parte dos casos, porém, o proxenetismo era ao mesmo tempo uma arte e um commercio indigno, que se deixava exclusivamente ás mulheres impudicas. Algumas d'ellas chegavam a enriquecer com este obsceno trafico.

Havia tantos generos de medianeiras quantas eram as classes dos libertinos. Umas trabalhavam só para a côrte e para a nobreza, outras para a classe média. A plebe e a canalha tinham tambem uma multidão de antigas prostitutas, que não serviam senão para angariarem victimas á libertinagem popular.

Finalmente, os libertinos ricos e as grandes cortezãs tinham a soldo algumas mulheres ladinas, encarregadas particularmente, segundo a expressão technica «da caça galante para attrahirem o gado.»

A famosa presidenta de Tambonneau, tão conhecida pelas suas desordens dignas da romana Messalina, tinha tambem para este serviço uma tal senhora Anna, a quem dava uma pensão.

O presidente, seu esposo, dizia um dia com a maior seriedade a Ninon de Lenclos:

— «Minha mulher?! Affirmo-lhe que é tão modesta como qualquer outra, e afinal deve saber que tem a seu serviço a senhora Anna, tão honesta como qualquer das suas creadas.»

Tallemant accrescenta:

«Ninon refere esta anecdota e perde-se de riso, pois que a tal senhora Anna era a alcoviteira da presidenta.»

(*Historietas,* tomo IX.)

Estas medianeiras assoldadas desempenhavam com pequena differença as mesmas funcções que as *dueñas* hespanholas e italianas, que na maior parte dos casos costumavam favorecer os amores de suas amas e senhoras.

Havia em Paris um sem numero de mulheres despreziveis, muito habeis na arte do proxenetismo. Comtudo não apparecem os nomes d'ellas nas obras contemporaneas, e vimos já que o senhor de La Valise, nem sequer uma d'ellas designa na *mazarinade,* onde lemos os nomes dos homens que exerciam o mesmo trafico. Pode concluir-se d'aqui que esta especie de mulheres eram apenas conhecidas pelo nome da profissão.

O proprio Tallemant falla-nos de uma d'estas infames, que tinha o estabelecimento na rua da Verrerie, mas não nos diz o nome d'ella.

Cita-a na *Historieta* do presidente Tambonneau e de sua mulher, quando ao contar que o pae do presidente emprestava sobre penhores a *dois soldos por escudo ao mez,* diz que para isso se servia de uma insigne alcoviteira, que morava na rua de la Verrerie, a qual tinha isto por officio e modo de vida.»

N'outro logar das suas *Historietas,* Tallemant refere o juizo erotico proferido por uma illustre alcoviteira, cujo nome não diz tambem, a respeito de varios senhores da côrte.

A sujeita em questão costumava dizer «que o senhor de Guise era da melhor medida, o senhor de Chevreuse da mais bella corpulencia, o senhor de Thermes muito vivo, e o senhor de Bassompierre o moço mais vivo e mais trocista.»

(V. tomo IV das *Historietas.*)

Uma anecdota, referida por Tallemant com a sua habitual franqueza permittir-nos-ha apreciar bem quantos recursos de engenho era mister possuir para satisfazer os caprichos dos freguezes d'estas medianeiras.

«Um dia para abrir o apettite, diz o malicioso historiador, o presidente de Chevry pediu a uma alcoviteira que lhe apresentasse alguma belleza rustica, recem-chegada do valle de Montmorency.

«A alcoviteira vestiu uma perdida qualquer com trajos campezinos, e levou-a ao presidente, que passou com ella a noite.

«No dia seguinte, mandou-a levantar para que fosse á janella vêr como estava o tempo.

«A rapariga vem dizer-lhe que o dia estava *nebuloso*.

— «*Nebuloso!* exclamou o presidente. Ah! por vida minha! Tu não és camponia, e eu fui logrado! Tragam-me as minhas calças!»

(V. *Historietas,* tomo I.)

A maior parte d'estas mulheres complacentes tinham mais de uma corda no arco dos seus rendimentos. Não se limitavam a entrar em campanha e a bater o terreno para serem uteis aos que impudentemente chamavam seus amigos, mas até recebiam esses amigos em casa, e o seu domicilio estava aberto dia e noite para as entrevistas dos amantes.

Tallemant, no extenso capitulo das loucuras e fraquezas da presidenta de Tambonneau, diz, que «tendo o conde de Chatillon feito a côrte áquella mulher insaciavel, ajustaram logo encontrar-se em casa de certa mulher.»

O mesmo historiador falla ainda, nas suas *Historietas,* de certa especie de medianeiras, mais honestas, ou então menos falladas do que outras que apenas prestavam serviços ao amor adultero ou illicito.

Eram as *apparieuses*, chamadas mais tarde *appareilleuses,* que se dedicavam apenas a arranjar casamentos, prestando assignalados serviços ás pessoas que desejavam casar.

Estas casamenteiras, como lhes chama Tallemant, não desmereciam em maldade e preversidade das fornecedoras da libertinagem, e faziam muitas vezes a estas uma concorrencia tanto mais vantajosa, quanto era certo que este proxenetismo disfarçado, parecia apenas ter em vista promover entre dois amantes uma união conjugal.

Tallemant refere a engraçada aventura de um pobre rapaz chamado Rennevilliers, o qual de combinação com as *appareilleuses,* se dedicou durante dez annos a emganar em questões de matrimonio, como já o havia feito em questões de concubinato.

Uma das taes casamenteiras, conhecida pela alcunha de *senhora Bricolleuse,* propoz-lhe um partido vantajoso. A entrevista devia verificar-se em Saint-Gervais, freguezia da que procurava marido. O partido era dos mais brilhantes, por isso que a dama pertencia a uma boa familia e era rica e formosa.

A *Bricolleuse* aconselhou ao credulo Rennevilliers que não olhasse a despezas para fascinar a sua presa.

Rennevilliers pediu emprestado o trajo e a equipagem de um senhor da côrte, e á hora combinada entrou na egreja, sumptuosamente vestido, seguido de um pagem que levava uma almofada de velludo e franjas de ouro, e trazendo ainda no seu sequito quatro lacaios, vestindo uma riquissima libré.

A *Bricolleuse* approxima-se d'elle e mostra-lhe na nave uma mulher

nova ainda, de boa presença, elegantemente vestida, e atraz d'ella varios lacaios, que compunham uma comitiva bastante consideravel.

A dama já esperava Rennevilliers, e emquanto durou a missa não cessou de lhe lançar ternos olhares. Pela sua parte, Rennevilliers não a contemplava com menor curiosidade e ternura. Ficaram morrendo um pelo outro n'esta primeira entrevista.

Ao sahir da egreja trocam algumas palavras, e Rennevilliers, doido pela sua encantadora desconhecida, sollicita e obtem a permissão de a ver no dia seguinte.

O galan foi pontual, mas, coitado, teve de acordar d'aquelle sonho matrimonial, ao reconhecer que a *Bricolleuse* o havia enganado, do mesmo modo que á pobre senhora, que não era mais rica do que elle, e nem sequer podia offerecer-lhe uma virtude intacta!

«Por isso, não lhe foi difficil deitar-se com aquella creatura,» accrescenta Tallemant, que não nos diz, ainda assim, quanto a *Bricolleuse* ganhou n'aquella transacção.

A tactica das medianeiras no cumprimento dos seus impuros designios variava sem duvida até ao infinito, em razão da sciencia, experiencia e genio vicioso de cada uma d'ellas.

Algumas, que só se empregavam em servir pessoas de qualidade, eram excellentes embaixadoras do amor e sabiam admiravelmente pôr em jogo todos os recursos da diplomacia galante.

Ainda assim, mesmo as mais vis e despreziveis, empregavam approximadamente identica linguagem, ainda que em termos menos delicados, quando se propunham corromper uma rapariga. Promettiam-lhe tudo quanto lhe podia lisongear a vaidade, a garridice, a cubiça ou a preguiça.

Sorel, na sua *Historia comica de Francion,* não se esqueceu de nos iniciar nos processos de seducção que as medianeiras de Paris empregavam tão habilmente para perderem raparigas innocentes e simples.

Agatha, uma das heroinas de Sorel, um dos typos mais curiosos da sua interessante novella de costumes, deveu a sua preversão a uma das taes *linguas de ouro,* quando servia na qualidade de camareira em casa de uma honesta dama.

Um dia encontrou no mercado uma mulher desconhecida, que lhe disse estar na sua mão o ser feliz, se quizesse ir viver com um homem, que na vespera quizera dar-lhe um beijo e introduzir-lhe nas mãos algumas moedas de ouro.

Aquelle homem era precisamente um dos galans de sua ama, circumstancia que lisongeava em alto grau o amor proprio da estouvada Agatha.

—«Enchi-me de orgulho, confessa ella, e julguei-me muito mais formosa que minha ama, visto que um dos seus pombos vinha arrulhar para o meu pombal!»

A senhora Pierrette, era este o nome da desconhecida corruptora da pobre rapariga, não teve grande difficuldade para a convencer que lhe convinha sahir da casa em que estava.

N'essa mesma manhã, Agatha despediu-se de sua ama, e sobraçando a sua modesta bagagem, dirigiu-se a casa da senhora Pierrette, «cujas promessas, conta a propria victima d'esta seducção, me faziam entrever as delicias do paraizo.»

Eis a conversação que houve entre as duas:

—«Minha boa protectora, dizia Agatha, porque não aproveitou para si a fortuna com que me presenteia? Porque não vae mesmo a senhora servir esse homem, em cuja companhia se passa tão boa vida sem trabalhar, senão quando dá na vontade?

—«Tontinha! exclamou Pierrette, soltando uma gargalhada. E' porque gosto muito de ti! Já vejo que não percebes nada do mundo, e que tens de aprender muito na minha eschola, se quizeres vir a ser alguma cousa! Esse cavalheiro, de que te fallo, gosta immenso de ti, e já vês que eu n'estas circumstancias sou um mau bocado que não póde despertar-lhe o apettite. Elle quer uma boa moça como tu, que o sirva tão bem á meza como na cama!»

Agatha, a principio ficou muito pensativa, mas a velha para a arrancar d'aquella má impressão, começou a empregar os maiores ardis, e grandes artificios de linguagem para consolar a rapariga, que conta o resto do seguinte modo:

«Em seguida, Pierrette affastou do meu espirito a vergonha e a timidez, e tractou de me descrever as delicias do amor. Prestei attenção a quanto me dizia, agradaram-me as suas razões e segui os seus conselhos, imaginando que uma mulher como ella não podia enganar-se, visto que os annos e a experiencia deviam tel-a feito mestra em todas as cousas.»

Agatha aproveitou de tal modo as licções da senhora Pierrette, que se lançou abertamente na carreira da prostituição, em cujo exercicio, se é certo que não chegou a fazer fortuna, tirou pelo menos os recursos da sua subsistencia.

No emtanto, foi-lhe desapparecendo a mocidade, e com esta perda perdeu tambem os amantes, e a pobre vendo com tanta magua diminuir-lhe a sua clientella e os seus beneficios impudicos, teve por fim a desgraça de perder a sua protectora e conselheira, a prudente e sabida Pierrette, a quem devia tão bons conselhos e tão uteis licções.

Uma e outra tinham tido diversas altercações com os commissarios e esbirros, de maneira que lhes foi preciso mudar de bairro e de systema de vida.

Por fim Agatha, cansada de vegetar miseravelmente e de ganhar apenas para comer, lembrou-se de ir exhibir á provincia o resto da sua belleza, e em tão boa hora foi, que encontrou ainda alguns freguezes.

Mas, como a desgraçada se tornara, conforme ella propria dizia, *uma cavallariça para toda a classe de cavallos,* não tardou muito a apanhar uma enfermidade vergonhosa, que lhe acabou de arruinar o corpo alquebrado.

Os cosmeticos, as aguas e as essencias seguraram aquellas ruinas, durante alguns annos, que foram os ultimos da sua carreira amorosa.

Finalmente, fazendo justiça a si propria, dedicou-se exclusivamente á corretagem dos amores, imitando a sua fallecida protectora, a senhora Pierrette.

Teve então a ideia de criar e educar uma rapariga para a vender e revender, quando chegasse a edade propria d'esse vergonhoso trafico.

O acaso proporcionou-lhe o encontro de uma rapariga, a quem seus paes se viam obrigados a abandonar.

A creança era linda a mais não poder ser, «como o são ordinariamente todas as creaturas que devem a vida a amores livres.»

Agatha encarregou-se d'ella, e confiou-a a uma ama de Rouen, até que chegasse á edade de deixar a amamentação.

Laurette, que assim se chamava a menina, desde que deixou o peito da ama, nunca mais se separou da sua mãe adoptiva.

«Não me ficava muito caro o seu sustento, refere esta boa mãe, porque todas as raparigas da vida, da cidade, a achavam tão galante, que se disputavam o prazer de a terem alguns dias em sua casa, o que não lhes era decerto prejudicial, porque andando com ella pelas ruas, muita gente tomava-as por cousa muito diversa do que eram, e as julgava mulheres honestas e casadas.»

Cresceu a pequenita, não desmentindo a sua belleza as esperanças que a sua infancia havia feito nascer. Agatha deixou de a confiar ás raparigas da vida, e guardou-a cuidadosamente em casa, receiando que a rapariguinha deixasse por lá colher a bella flôr da sua virgindade, sem tirar o proveito que devia tirar.

Rouen não lhe pareceu digna de possuir similhante thesouro, e por isso Agatha partiu para Paris com a sua Laurette.

As suas posses não lhe permittiam atavial-a como uma senhora, conseguindo apenas vestil-a de modo que lhe dava o aspecto de uma joven operaria formosissima.

«Quando passeiava a meu lado pelas ruas, diz Agatha, proseguindo a sua narrativa, uns diziam que tinha rosto de anjo, outros elogiavam os anneis dos seus fartos cabellos louros, ou o encanto do seu seio juvenil, que pouco a pouco ia adquirindo um lisongeiro volume, do qual a pequena deixava ver uma parte razoavel.

«Eu ia notando sagazmente todos quantos para ella olhavam e a seguiam a nossa casa, onde, ao chegar, a fazia demorar-se um pouco á porta, a fim de que podesse ser vista e admirada em todo o esplendor da sua belleza promettedora.»

Sorel, apesar de ser chronista da côrte, conhecia perfeitamente os costumes e as praticas das medianeiras de Paris, e pela maneira como nol-as pinta póde conjecturar-se que devia tel-as estudado com consciencia.

Agatha continúa a revelar-nos os segredos da sua profissão.

«Parecia-me chegado, diz ella, o tempo de elevar Laurette a mais altas regiões e de lhe ensinar quanto para isso precisava de saber.

«Por isso, deixei de tractal-a como uma creança e comecei a ensinar-lhe o que devia saber para chegar a porto de salvação nos mares revoltos da existencia a que a destinava.

«Desde então a joven não foi avara em olhares cariciosos e seductores para quantos a contemplavam extasiados, e asseguro-lhes que era tão habil n'esta especialidade, que de cada vez conquistava um coração.

«Querem vêr o artificio que eu lhe ensinara, para que as pessoas que nos viam me suppuzessem uma mulher honrada? Cada vez que eu olhava para ella, a pequena baixava os olhos, como se não se atrevesse a olhar para os homens licenciosamente, olhando apenas, quando eu muito de proposito voltava as costas.»

O auctor da novella faz-nos assistir em seguida a varios *ensaios,* em que Laurette põe em pratica as excellentes licções de Agatha.

No primeiro, apparece um pintalegrete chamado Valderan, que passa por abastado, e que se introduz em casa de Agatha a titulo de visinho.

Agatha recommenda expressamente a Laurette «que tracte o apaixonado com um rigor invencivel, emquanto elle não se decida a derramar nas suas mãos um rio de ouro.»

Laurette começa a queixar-se da avareza de sua tia, que tal era o titulo do parentesco com que a sua protectora se apresentava.

—«Meu pae, dizia ella a Valderan, enviou-me uma somma avultada para me vestir dos pés até á cabeça, mas minha tia não quer gastar nada commigo, e até receio que tenha devorado todo esse dinheiro nas suas despezas particulares, apesar de que, graças a Deus, está muito bem paga de todas as despezas feitas commigo até agora.»

E aqui começava a pedir-lhe dinheiro para um vestido, ou para um casaco, mas Valderan fazia-se parvo, ou então inventava pretextos para não alargar os cordões á bolsa.

Só de quando em quando dava á rapariga um ou dois escudos, e ella pela sua parte mostrava-se tão pouco prodiga dos seus favores como elle dos seus escudos.

Tinha ao mesmo tempo um outro adorador, um commerciante pandego, um mãos-rotas, chamado Chastel, que captivou com as suas liberalidades as graças da tia e da sobrinha.

O commerciante pagou tudo quanto lhe exigiram e obteve as primicias de Laurette.

Na mesma noite em que a virgindade da rapariga dava a alma a Deus, o parvo do Valderan ia dar uma serenata debaixo das janellas da sua bella.

Que contratempo aquelle! A tia embirrou com a graça, e fez quanto poude para fazer calar a musica e mandar a serenata a todos os diabos.

Agatha projectava fazer de Valderan o marido de Laurette, e entretanto estava por conta do commerciante. Falharam-lhe os calculos, porém, porque o noivo foi preso por dividas e conduzido ao Fort-l'Evêque.

Pelo que respeita ao commerciante, depois de se ter saciado a dinheiro de contado, começou a aborrecer-se da rapariga, e um dia safou-se.

«Isto obrigou-me, diz Agatha, a dar entrada em minha casa a varios outros galans, aos quaes encontrava sempre meio de dar a entender as nossas necessidades.

«Uns lá nos ajudavam alguma cousa, outros nada absolutamente, mas estes ultimos eram tratados de tal modo por Laurette, que sahiam vivamente feridos no seu amor proprio. Não lhes faltavam troças e sarcasmos.»

A's vezes punha-se a jogar as cartas com elles, e pegando por distracção no dinheiro que levavam, embolsava-o com tanta graça, que ninguem se atrevia a mostrar-se offendido.

Outras vezes, se algum parvo lhe queria apalpar o seio, a pretexto de lhe mostrar um rico annel que trouxesse no dedo, deslumbrando-a com o seu brilho, ou com qualquer outro pretexto, agarrava a mão ousada, e dizia:

— «Olá! Como esta mão é atrevida! Não ha uma cousa assim! Vejam como ella percorre todos os sitios para onde a chamam os seus desejos, e o que é mais, como se estivessemos em tempo de guerra, põe-se a explorar o paiz inimigo! Na verdade, tenho-a por traidora, e como tal não a largarei sem lhe fazer pagar resgate!»

E em seguida, tirava o annel e nunca mais se lembrava de o entregar ao dono. Mas o que sobretudo Agatha lhe recommendava era que não se enamorasse da formosura, cortezia ou bonitas palavras de homem algum, para que não gostasse mais d'elle que de qualquer outro, e por conseguinte Laurette não se deixava embarrilar por estas tolices «que não fazem ferver a panella.» No emtanto, concedia as suas boas graças aos que pagavam bem, e apezar d'isso era mister que fossem modestos e discretos para alcançarem o supremo grau da felicidade do amor, pois tinha empenho em mostrar-se sempre casta.

Raras vezes sahia a passeio, permanecendo ordinariamente em casa, vestida de senhora.

Um fidalgo da côrte viu-a um dia á janella, ficou preso nas suas redes, e roubou-a, mas trez dias depois a senhora Agatha poude descobrir quem fôra o raptor.

Uma vez descoberto, dirigiu-se humildemente á sua presença e perguntou-lhe o que tinha feito de Laurette.

O fidalgo negou que a tivesse raptado. Agatha, no emtanto, disse-lhe:

—«Senhor, para que serve fingir? Não tem necessidade alguma de occultar essa rapariga, porque eu não venho aqui para a levar commigo. Sabendo como sei que ella não podia estar em melhores mãos, vim simplesmente para lhe dizer que não era preciso ter andado com esses enganos e violencias.

«Se m'a tivesse pedido, de boa vontade lh'a teria cedido!»

Ouvindo estas palavras, o raptor confessou quanto fizera, e depois de ter dado uma boa recompensa á velha proxeneta, permittiu-lhe que visse a sobrinha quantas vezes quizesse.

O fidalgo portava-se esplendidamente. Encheu de presentes Laurette, mandando-a de vezes em quando para a sua casa de campo, e trazendo-a quando lhe parecia para a capital, onde a installava n'uma casa não longe da sua.

«N'essas occasiões, diz Agatha, eu ia visital-a com a maior familiaridade, e fazia com ella os meus negociosinhos, sem que transpirasse cousa alguma. Tomara eu tantos milhares de escudos como de vezes alli levei alguns cavalheiros, que a gosavam muito á sua vontade, emquanto que o dono da casa estava muito descançado da sua vida, imaginando que a tinha bem fechada á chave, chave que elle apalpava de vezes em quando na algibeira!»

O fidalgo, tão infamemente enganado por Agatha e Laurette, não se separou da sua amante, sem a casar, previamente bem dotada, com um rapaz a quem desejava recompensar de varios serviços que lhe fizera.

Apesar de casada, Laurette não quebrou de todo as suas relações com a tia, que lhe arranjava de quando em quando algumas entrevistas muito lucrativas com sujeitos que tinham sempre a bolsa na mão, quando se tratava de negocios d'aquella ordem.

A velha Agatha procurava sem cessar estas transacções impudicas, ás quaes Laurette se prestava com a melhor vontade, pois que com o decorrer do tempo tornou-se interesseira e cheia de cobiça.

Um dia Francion, namorado de Laurette, e que julgava ser correspondido, encontrou n'uma hospedaria a medianeira, que conhecera dos bons tempos do seu primeiro officio de prostituta.

Agatha disse-lhe com toda a franqueza que ia vêr Laurette, para lhe fallar a favor de um capitalista, que estava perdido de amores por ella.

—«Tu trabalhas de certo com a mira n'uma gratificação?

—«Sim, senhor, respondeu ella com todo o descaramento.

—«E dize-me: Se outra pessoa sem ser o ricaço te pagasse bem, terias duvida em obsequial-o?

—«Decerto que não.»

Francion declara-lhe então que está apaixonado de Laurette, e que quer possuil-a a todo o custo.

—«Meu amigo, diz-lhe Agatha, esquecendo o seu papel de alcoviteira, para salvar o seu antigo amante,—faz mal em se apaixonar assim por mulheres como aquellas. Laurette seria capaz de o deixar afogar, se houvesse probabilidades de lhe ficar com o fato. O que ella quer é dinheiro! E' uma perdida!»

E contou-lhe a historia de Laurette, para lhe provar que a vida d'aquella rapariga não fôra senão uma serie ininterrompida de prostituições.

—«É tudo quanto lhe posso dizer a respeito da mulher que o senhor ama, disse a velha ao terminar a sua narrativa. Diga-me: Ama-a ainda como antes de saber isto?

—«Sou mais do que nunca seu escravo! exclamou Francion.

—«Ah! meu amigo, disse Agatha, lamento-o de todo o meu coração, mas em todo o caso já sabe quanto poder tem o dinheiro no animo de Laurette.

—«Sim, será verdade, disse Francion, mas é mulher, e não a julgo insensivel aos prazeres que lhe póde dar um homem como eu. Póde muito bem ser que para apanhar alguns ducados consinta em satisfazer os desejos de um imbecil, mas não o ama decerto, e quando lhe sentir a bolsa vazia, não terá coragem para continuar a ter affecto por elle. Commigo dar-se-ha outro caso. Agatha, faze tudo o que puderes em meu favor!»

A alcoviteira, vendo que todas as suas razões seriam inuteis contra a obstinação d'aquelle apaixonado, prometteu a Francion fazer tudo quanto pudesse para lhe atirar aos braços a pequena.

Tal é o retrato singular e repugnante que Sorel nos legou d'estas mu-

lheres infames, que pullulavam em Paris e nas grandes cidades, tendo todas o sello do seu officio degradante, ainda que differissem entre si na condição, nas maneiras, na linguagem e no modo de proceder.

Poderia escrever-se um grosso volume a respeito dos ardís e manhas que as Agathas e Pierrettes sabiam pôr em acção para desmoralisar e corromper uma rapariga.

Aquillo era a eschola mais perniciosa da prostituição.

Uma aventura escandalosa que fez um ruido enorme em 1675 e deu logar a um processo celebre, ao qual o nome de Molière augmentou muito a importancia, prova-nos exhuberantemente de quanto eram capazes aquellas infames alcoviteiras.

Esta aventura encontra-se n'um curioso folheto, intitulado: *A famosa comediante ou historia da Guérin, antigamente mulher e hoje viuva de Molière.*

Este folheto rarissimo, apesar de haver sido impresso na Hollanda pelo menos cinco ou seis vezes sob diversos titulos, attribue-se a uma tal senhora Baudin, a qual nos apresentam como uma comica, ainda que o seu nome não figure em parte alguma nos annaes do theatro.

Seja como fôr, a tal senhora Baudin estava perfeitamente informada das particularidades de uma causa, em que talvez tivesse desempenhado um papel equivoco, pois estamos quasi tentados a reconhecer a auctora do livro n'um dos personagens que alli figuram.

Havia então em Paris uma mulher galante, chamada La Tourelle que vivia com bem pouca honestidade e não obstante, não conseguia fazer fortuna.

Dizia-se mulher de um tal senhor Hervé de la Tourelle, a quem ninguem conhecia. O seu nome de familia era Maria Simonnet.

Não lhe faltava belleza, e de tal modo se parecia com a viuva de Molière que facilmente se podia tomar uma por outra.

Uma tão singular similhança inspirou decerto a Maria Simonnet o pensamento infame de se prostituir com o nome de Mademoiselle Molière.

Era assim que então chamavam a encantadora viuva do grande auctor comico, que a nação franceza acabava de perder havia apenas dois annos.

Em abono da verdade, devemos dizer que Armanda Béjart, a verdadeira viuva, pelo que respeitava aos seus costumes, não era digna do nome que usava e ao qual parecia disposta a abandonar, para contrahir novas nupcias com um *marido de carne e osso,* como diziam as coplas satyricas. Tinha tido e tinha ainda amantes, e um fidalgo, o senhor du Boulay, não estava muito longe de lhe offerecer a sua mão, quando teve de retirar-se perante um rival que Mademoiselle Moliére havia escolhido entre os seus collegas dramaticos.

Mademoiselle Molière era, pois, crédora de geraes murmurações por causa dos seus galanteios, mas a sua má reputação, longe de lhe prejudicar os triumphos theatraes, contribuia para augmental-os, creando-lhe um cortejo de pretendentes e admiradores, que disputavam á porfia os seus olhares e os seus sorrisos.

Molière, no seu *Bourgeois gentil-homme* (acto 3.º, scena 9), traçou o retrato de sua mulher com tanta delicadeza e graça, que só a leitura d'este dia-

logo dá uma ideia perfeita do indefinivel encanto que lhe assegurava a posse de todos os corações.

«Tem os olhos pequenos. — É verdade que os tem pequenos, mas são cheios de fogo, e brilham, ferem e revolvem o nosso ser como nenhuns outros.

«Tem a bocca grande.—Sim, mas descobrem-se n'ella graças e encantos que nenhuma outra possue. Só de vêl-a nascem os desejos. É a bocca mais attrahente, mais amorosa e seductora do mundo inteiro!

«Quanto á estatura, é pequena. — É verdade, mas tem symetricas proporções.

«Affecta um certo desalinho no fallar e nas acções.—Tem razão, mas em tudo isso ha uma tal graça, e maneiras tão seductoras, um *quid* tão encantador, que se insinúa nos corações...

«A respeito do seu talento...—Não lhe falta, não, e é da mais fina e brilhante qualidade.

«A sua conversação...—A sua conversação arrebata!...

«Mas, emfim, é caprichosa como ninguem. —Sim, é caprichosa, não o nego, mas tudo isso fica bem ás formosas, e tudo nas formosas se tolera.»

Molière, ao traçar do natural este delicioso retrato, esquecia a sua qualidade de marido e collocava-se na fileira extensissima dos amantes de sua mulher.

Um presidente do parlamento de Grénoble, Francisco Lescot, viu mademoiselle Molière na *Comédie Française,* namorou-se perdidamente d'ella, e informou-se dos meios de se introduzir em sua casa.

«Para isso valeu-se, diz a *Historia da Guérin* de uma tal senhora Ledoux, que exercia o vil officio de relacionar as pessoas que se amavam, vencer os obstaculos e procurar occasiões.»

Esta medianeira, a quem Lescot havia communicado a sua paixão, prometteu satisfazel-o, mediante alguns sacrificios que não se lhe afiguravam muito penosos.

Conhecia a Tourelle, e propoz-lhe que se prestasse a passar por mademoiselle Molière.

A mulher esteve pelo ajuste, sem apresentar a minima objecção, e prestou-se a contribuir para que a illusão fosse o mais completa possivel.

Devia receber uma boa gratificação, que a sua cumplice promettia darlhe do lucro d'aquelle bom negocio.

N'aquella mesma noite, a Ledoux apressa-se a annunciar ao presidente que os seus desejos iam ser coroados do mais lisongeiro resultado. A dama acceitára a entrevista, fixára o dia e marcára o local, prestando-se a viuva de Molière a ir a casa da Ledoux.

Imagine-se a alegria e o enthusiasmo do presidente!

Chegado o dia, apresenta-se a Tourelle, «vestida modestamente como uma pessoa que receia ser conhecida. Imita a tosse continua e o arrastado da falla da viuva do grande escriptor, falla dos seus nervos, do muito que andava enfastiada do theatro, e exaggera ao presidente a fineza que lhe fizera,

accedendo a vir ter com elle a um logar, cujo nome só por si a enchia de horror.

A victima respondeu-lhe que pedisse quanto quizesse para lhe provar o seu reconhecimento; tudo quanto n'este mundo possuia, estava desde já á sua disposição.

A Tourelle fingiu de rica e mostrou-se cheia de abnegação, pedindo apenas um collar para sua filha.

Dirijiram-se d'alli a casa de um joalheiro. A Tourelle contentou-se com uma joia de pouco valor, ficando o presidente estupefacto de encontrar tanto desinteresse n'uma mulher de theatro.

Adivinha-se facilmente que a Ledoux não se mostrou tão desinteressada.

O presidente não cabe em si de contentamento, por isso que nem sequer o fizeram esperar muito tempo, e vangloria-se de haver obtido tão barato os favores de uma actriz em voga, que era o alvo de tantos audaciosos galantes, e que se lhe entregou sem grande difficuldade, impondo-lhe uma só condição, que era nunca mostrar que a conhecia, fóra do logar marcado para as entrevistas.

Por este motivo, o presidente Lescot ficava obrigado a não confiar a um terceiro o segredo da sua ventura, e nem sequer lhe era permittido ter um logar no palco do theatro, como os jovens fidalgos, que sentados nos bancos lateraes do scenario, trocavam com as actrizes olhares, sorrisos e phrases galantes.

Encerrado no seu camarote, durante as representações a que concorria assiduamente, não podia fazer outra cousa senão admirar de longe e applaudir phreneticamente a Molière.

Representava-se então a *Circe* de Thomaz Corneille, tragi-comedia em que mademoiselle Molière, encarregada do papel principal produzia extraordinario effeito, pela magnificencia do seu trajo e sobre tudo pela excentricidade do seu penteado.

Succedeu então ouvir o presidente dizer aos frequentadores habituaes do theatro que a Molière namorava um dos seus collegas, chamado Guérin-d'Étriché, roubado por ella a uma das comicas da companhia.

Accrescentava-se que não seria para admirar que a viuva do grande Molière viesse a casar com o referido comico, que tinha seus laivos de poeta, mas que ainda assim era muito mais celebre pela sua gentileza do que pelo seu talento.

O presidente, irritado por uns ciumes em proporção com o amor que tinha á Molière, foi indiscreto. Procurou informar-se da conducta da Molière que julgava sua amante, e soube com indignação, que ella apesar dos seus amores com Guérin d'Etriché havia tido outro amante, o senhor de Boulay, que teria casado com ella, se uma boa alma não o tivesse advertido das infidelidades da ingrata por quem se estava arruinando.

Não foi tão discreto o presidente como o senhor du Boulay, que se retirou sem menoscabar a fama da Molière.

Na primeira entrevista que teve com a pseudo-Molière, o presidente

exige uma explicação. Começa por lhe dirigir as maiores exprobrações, accusa-a de traição, lamenta-se, geme as suas maguas, n'uma palavra, mostra-se o mais desgraçado dos mortaes.

A Tourelle, a principio ia perdendo as estribeiras pelo inesperado das censuras. No emtanto, readquiriu em breve a presença de espirito, e valeu-se de todos os recursos do seu talento para o tranquillizar e convencer, jurando-lhe que só o amava a elle, e queixando-se de ser victima de uma odiosa calumnia. Comprehendeu todavia que era tempo de eclipsar-se, visto que toda aquella artimanha estava prestes a ser descoberta.

Despede-se do presidente, mais enamorado do que nunca, e acceita uma proxima entrevista, á qual tem o cuidado de não comparecer. O presidente apressa-se a ir, espera, irrita-se, inquieta-se, encolerisa-se, e acaba por declarar á Ledoux que não está disposto a tolerar que zombem d'elle por mais tempo. O ciume reaccende-se-lhe no peito, e a Ledoux, a quem a Tourelle nada havia dito que lhe pudesse aclarar a situação, ficou aterrada quando viu partir o presidente, dizendo que ia á *Comedie* saber da Molière em pessoa os motivos que a haviam impedido de cumprir a sua promessa.

Se bem o disséra, melhor o fez o presidente. Chega ao theatro, presa da maior agitação, e a primeira pessoa que vê ao entrar em scena, foi a Molière, rodeada de um grupo de pintalegretes, que a galanteavam á porfia.

Senta-se n'uma cadeira, e emquanto durou a representação, nem um momento sequer deixou de ter os olhos cravados na famosa actriz, que não lhe prestava uma parcella sequer de attenção, por mais que elle a saudasse, sorrindo-lhe com amor, cada vez que ella voltava a cabeça para o seu lado.

Aproveitando um momento em que a Molière passava junto d'elle, que estava sentado nas bancadas lateraes do scenario, não poude conter-se, e exclamou:

—«Nunca me pareceste tão formosa como hoje, e se não estivesse já perdidamente namorado, fical-o-hia hoje inevitavelmente!»

A actriz não o ouviu, ou então fingiu que o não tinha ouvido.

O presidente, ferido na sua susceptibilidade, resolveu tomar uma estrondosa desforra.

A representação pareceu-lhe eterna n'aquella noite. Quando terminou, o presidente dirigiu-se ao camarim da Molière, que acabava de entrar, e entrou atraz d'ella. A creada da actriz pediu-lhe que sahisse, o presidente não fez caso do pedido, e deixou-se ficar, immovel no meio do quarto, como um poste.

A Molière estava assombrada d'aquella impertinencia, que lhe parecia inacreditavel da parte de um homem serio. Lembrou-se que teria endoidecido, e mais se convenceu d'esta ideia, quando viu o pobre homem a fazer-lhe signaes, para que ella fizesse sahir a creada de quarto.

A pantomima do bom do conselheiro exasperou a Molière, que não estava n'essa noite de feição para gracejos. Por isso, elevando a voz, em que traduzia todo o enfado que lhe causava aquella scena, disse-lhe:

—«Falle, senhor, diga o que tem a dizer! Parece-me bem que entre nós não existem mysterios de tal ordem que exijam tamanhas precauções!...»

—«Senhora, respondeu o presidente com amargura, esse procedimento teria alguma desculpa, se da minha parte tivesse havido alguma cousa que a podesse ter desgostado. Combina commigo uma entrevista, falta-me, enche-me de desespero, e quando, louco de amor, me apresso a vir inquirir da causa de tamanho rigor, tracta-me como o mais indigno e criminoso dos homens!»

Ao ouvir estas palavras, mademoiselle Molière fica plenamente persuadida de que está tractando com um homem falto de juizo.

Affirma-se n'elle para ver se o conhece, mas o seu silencio, e o seu lhar frio e desdenhoso acabam de exasperar o desventurado amante.

—«Vamos, senhora, diz elle sem se poder conter por mais tempo, dê-me uma explicação qualquer, boa ou má, por quem é!....»

A actriz nada responde, e encolhe os hombros.

—«Diga ao menos que me conhece!» exclama elle desesperado.

—«Eu, senhor?! Não sei quem é, não o conheço!...»

—«Oh, meu Deus! Isto é incrivel! Dizer que não me conhece, depois de tudo quanto se passou! Sinto verdadeiramente que assim me obrigue a sahir de mim, e a faltar ao respeito que se deve a todas as mulheres, mas a senhora assim o quer, a senhora que se tornou indigna de que se tenham para comsigo considerações de especie alguma! Como! Pois, tendo-me concedido mais de vinte entrevistas, n'uma casa infame, ousa dizer que não me conhece! Decididamente, a senhora é a mais miseravel das creaturas!...»

A similhante tirada, que estava bem longe de esperar, a Molière só respondeu ordenando á creada que chamasse alguem.

—«E que me importa! bradou o presidente louco de colera e de ciume, perante o que elle não podia deixar de considerar uma desaforada impudencia. Oxalá que Paris inteiro assistisse a esta scena, para ser mais solemne a sua confusão, descarada!»

—«Insolente! gritou a Molière, furiosa. Hade pagar-me todas as infamias que tem vomitado contra mim!»

O ruido d'esta altercação havia attrahido varias actrizes, que entraram no camarim da sua companheira.

A Molière contou-lhes o insulto que acabava de soffrer. Pela sua parte, o presidente incapaz de se dominar, referia todos os pormenores das suas secretas relações com aquella rainha do theatro.

Os circumstantes escutavam-no com prazer, e havia em todos os rostos sorrisos, que demonstravam não se estar muito longe de dar credito á narrativa.

—«Vejam! exclamou de subito o presidente, a ingrata tem ao pescoço um collar com que a presenteei! Ainda se atreverá a negar?!...»

A Molière, cujo furor chegára ao paroxismo, avança para o presidente, disposta a dar-lhe uma bofetada. O pobre homem segura-lhe o braço, e lançando-lhe a mão ao pescoço arranca-lhe o collar, de que pretende fazer uma prova irrefutavel.

Entretanto, ao ruido da contenda, accudiu a guarda, e houve quem mandasse chamar o commissario.

O presidente foi levado para a cadeia, d'onde sahiu no dia seguinte debaixo de fiança, sustentando sempre que lhe cabia o direito de diffamar uma cortezã, de quem era amante, e que levava o seu descaramento ao ponto de negar umas relações, que elle podia perfeitamente provar com boas testemunhas.

Este caso produziu um escandalo enorme, que já não era possivel soffocar.

A Molière, a quem as apparencias condemnavam, por isso que não passava por uma vestal, tinha o maior interesse em exigir uma satisfação á face do mundo inteiro.

O presidente vociferava por toda a parte que havia sido vilmente enganado por uma pecora, que tinha varios amantes ao mesmo tempo, e que nem sequer queria confessar que tinha pelo menos um.

No emtanto, a Molière hesitava em intentar um processo, que lançaria de certo um reflexo escandaloso sobre a sua vida privada. Antes de se decidir a tental-o, consultou uma tal senhora Chateauneuf, velha comica de bom conselho, que lhe havia prestado varias vezes serviços, do mesmo genero d'aquelles de que a Ledoux tirava a maior parte dos seus proventos.

Era esta Chateauneuf quem ajudava a Molière a arruinar o senhor du Boulay, e quem conduzia o pobre illudido ao abysmo de um casamento desastroso. Era ella quem alimentava as relações galantes da actriz com os financeiros e grandes da côrte, e quem estipulava as condições de certos contractos mysteriosos, que a Molière se encarregava de executar.

A astuta conselheira viu n'um processo intentado contra o presidente Lescot uma occasião magnifica para rehabilitar a virtude da sua cliente, e quiçá um meio de fazer realçar o seu valor. Apressou-se, portanto, a persuadir a actriz a que intentasse o processo.

Começou a instrucção do extranho caso. O presidente persistia nas suas affirmativas. A Molière foi acareada com o joalheiro que havia vendido o collar, e o homem affirmou tambem que fôra ella a pessoa que o comprára.

Não foi possivel a principio encontrar-se a Ledoux, que se havia eclipsado á primeira noticia do escandalo do theatro, e a opinião publica começava a pronunciar-se contra a Molière, que todos julgavam muito capaz de haver sido a heroina da romantica aventura, em que o presidente Lescot não tivera senão illusões.

A prisão da Ledoux veiu aclarar completamente o extranho caso, visto que a infame proxeneta nem sequer tentou negar o logro. O que mais custou foi descobrir a que fôra sua cumplice.

A Molière só ficou plenamente justificada, quando lhe puzeram frente a frente a Tourelle. A surprehendente similhança das duas mulheres acabou de desembrulhar aquella engenhosa meada.

O presidente Lescot viu tambem a Tourelle, podendo comparal-a então á sua vontade com a Molière. Caso extranho! Apesar da perfida intriga de que fôra victima, sentia-se ainda apaixonado, não da comica, mas sim da aventureira, que continuava a dominar-lhe o coração e os sentidos! Tudo lhe perdoava, e a sua afflicção era vel-a encerrada no Chatelet.

Empregou inuteis tentativas para a pôr em liberdade antes da sentença, e não tendo podido conseguir isto dos juizes, valeu-se do carcereiro.

Simulou-se uma evasão, e abriu-se a porta do carcere á Tourelle, que o presidente levou para fóra de Paris, indo escondel-a como um thesouro no fundo do Delphinado.

A ausencia da principal accusada e do presidente teria suspendido indefinidamente a sentença dos juizes, se a Molière não tivesse recorrido a altas protecções para obter uma sentença que devia patentear a sua innocencia.

Finalmente, uma sentença do Châtelet, de 17 de setembro de 1675, condemnou o presidente Lescot a declarar no tribunal, em presença da Molière e de quatro pessoas mais que ella quizesse nomear, «que por inadvertencia e engano havia usado de vias de facto contra ella, e proferido palavras injuriosas, mencionadas no processo, por a ter tomado por outra pessoa, de cuja declaração se lavraria uma acta, que seria entregue á referida Molière, sendo além d'isso o presidente obrigado a pagar a somma de 200 libras, por damnos e perdas, despezas e custas.»

Quanto ás duas accusadas, Joanna Ledoux, viuva de Pedro Ledoux, e Maria Simonnet, que usava o falso nome de esposa de Hervé de la Tourelle, a primeira devidamente confessa e convicta de haver apresentado, sob o nome da referida Molière a dita Simonnet, e a segunda de ter tomado o nome da referida Molière para se prostituir, foram condemnadas a serem açoutadas nuas diante da porta principal do Châtelet e diante da casa da Molière, e depois d'isto desterradas de Paris durante tres annos, sob pena de forca, no caso de infrigirem este desterro.

Alem d'isso, deviam pagar solidariamente 20 libras de multa ao rei e 100 libras de reparação civil, damnos e perdas, á viuva Molière.

Por esta sentença, o carcereiro das prisões de Châtelet era obrigado a fazer entrar novamente no carcere, no praso de quinze dias a fugitiva, sob pena de ser julgado como cumplice da evasão, que tinha succedido na noite de 15 para 16 de agosto.

A Ledoux, que estava só, quando se proferiu a sentença, appellou, pretendendo que a decisão do tribunal havia sido indevidamente tomada, na ausencia da unica e verdadeira accusada, a mulher de Hervé de La Tourelle, auctora da prostituição premeditada, que puzera por obra sob o nome de mademoiselle Molière.

A proxeneta persistia em declarar que não havia influido na dita prostituição, ou quando menos, que ignorara sempre as suas circumstancias aggravantes. Confessava sómente que o seu domicilio servira de ponto de reunião aos dois amantes.

Era facil, de resto, assacar todas as culpas á sua cumplice ausente, procurando tornal-a responsavel de tudo quanto havia succedido.

D'aqui originou-se um novo processo, e a Molière teve de comparecer outra vez, como parte civil, na sala do Châtelet.

A sentença de 17 de setembro foi confirmada, em todas as suas partes a 17 de outubro, e tres dias depois d'esta decisão inabalavel do tribunal, foi exe-

cutada o melhor que foi possivel, visto la Tourelle não ter votado ainda á prisão do Châtelet.

O presidente fez a sua retractação solemne em presença da Molière e das suas quatro testemunhas. A Ledoux soffreu a pena dos açoites diante da porta do tribunal e da casa da Molière, tendo previamente pago a multa de 20 libras e mais duzentas por perdas e damnos. Pediu ao tribunal que lhe sustasse na penhora dos moveis, ao que o tribunal accedeu, no caso dos referidos moveis não estarem sujeitos a outra divida.

A infeliz proxeneta, que havia soffrido só corporal e pecuniariamente todo o peso da severa condemnação, apressou-se a sahir de Paris, emquanto o tribunal fazia averiguações sobre averiguações a respeito da evasão da Tourelle, a qual, graças á protecção do presidente, poude livrar-se das investigações judiciaes.

Pódem consultar-se varias sentenças relativas a esta causa celebre na *Historia da vida e das obras de Molière,* por Taschereau. Os originaes conservam-se nos Archivos Nacionaes.

«Facilmente se comprehenderá, diz Taschereau, o triumpho que alcançou mademoiselle Molière, em consequencia d'esta causa, contribuindo para a sua maior satisfação a esperança de dar a entender á opinião publica, que não tinham maior fundamento outras murmurações e boatos, que haviam corrido anteriormente a respeito da sua conducta.»

A sentença do Châtelet passara-lhe, por assim dizer, uma certidão de bom comportamento. O publico, e sobretudo os frequentadores habituaes do theatro, haviam-se occupado calorosamente d'aquella mysteriosa causa, e os scepticos, que conheciam a vida intima das comicas, e muito particularmente a da viuva do grande Molière, não queriam acreditar n'aquella substituição de pessoa, tão maravilhosamente servida por uma similhança extraordinaria.

A fuga e a desapparição da Tourelle fizeram suppôr aos malevolos e maldizentes que esta mulher só existira nas declarações da Ledoux e nos protestos da Molière.

No emtanto, como esta mulher merecia, como actriz, a sympathia de todos os frequentadores da *Comédie,* a viuva do illustre escriptor recebeu uma especie de ovação, ao reapparecer em scena, depois da sentença que lhe rehabilitara a moral corrompida.

Representava-se n'essa noite uma tragi-comedia de Thomaz Corneille, intitulada *O desconhecido*, na qual a Molière desempenhava o papel de condessa, a quem uma cigana dizia, examinando-lhe as linhas da mão:

Cette ligne qui croisse avec celle de la vie
Marque pour votre gloire un moment très fatal;
Sur des traits ressemblants on en parlera mal,
Et vous aurez une copie.
N'en prenez pas trop chagrin;
Si votre gaillarde figure,
Contre vous, quelque temps, cause un facheux murmure,
Un tour de ville y mettra fin,
Et vous rirez de l'aventure.

O publico demonstrou com os seus applausos que comprehendera a allusão, e que felicitava a viuva do grande Molière, por haver sahido triumphante de um espinhoso processo, em que a sua honra correra grandes perigos.

Pouco tempo depois, a famosa comedianta, que se deixava guiar sempre pelos conselhos da Chateauneuf casou com o seu amante, Guérin d'Étriché, e segundo a expressão de um epigramma feito contra ella por um poeta anonymo, «para esquecer um marido de espirito a quem amava pouco, resolveu tomar um de carne e osso.»

Elle en prend un de chair qu'elle aime davantage.

Démos tanta extensão a este notabilissimo episodio da historia da prostituição, por causa da celebridade do nome que figurou no processo, em que a viuva de Molière teve de justificar-se contra os injuriosos manejos de uma cortezã e de uma alcoviteira.

Um seculo depois, veremos desenlaçar-se de modo identico uma outra intriga tambem analoga, fundada na similhança de duas mulheres e no adulterio de um libertino.

Em logar do presidente Lescot, apparecerá o cardeal de Richelieu, e em vez da Molière, a rainha de França, Maria Antonietta.

O famoso *Processo do Collar,* em que se reproduziu n'uma esphera mais elevada, a indigna astucia, que tão prejudicial foi á reputação de mademoiselle Molière, provar-nos-ha que o officio de medianeira foi o mesmo em todos os tempos, servindo-se sempre de iguaes meios para satisfazer os caprichos da libertinagem.

Por outro lado, concebe-se facilmente que o theatro em todas as épochas avivou e facilitou naturalmente esta especie de artimanhas, achando-se as actrizes expostas continuamente ás emprezas de galanteria, e offerecendo ao proxenetismo a mais rica das suas prezas.

Nada foi, nada devia ser mais frequente, do que estas substituições de pessoas nos amores mercenarios, que se dirigiam ás mulheres do theatro.

A similhança physica não era uma condição necessaria e imprescendivel para o bom exito, por isso que o homem mais cegamente namorado sabe perfeitamente que uma actriz é sempre muito differente fóra do palco, quando se lava de todas aquellas pinturas, que n'aquelle logar a transformam, quando larga todos aquelles ouropeis e galas.

Foi assim que houve entre duas companheiras de bastidores, entre duas irmãs, um equivoco, talvez filho só da inadvertencia, mas que podia passar perfeitamente por uma tactica de proxeneta.

As duas irmãs Moreau eram cantoras da Opera, sob a direcção de Lully, embora o seu talento n'esta especialidade, por maior que fosse, não lhes valesse tantas homenagens como a sua belleza, que a miudo as tornava rivaes.

A mais velha chamava-se Fanchon, e a mais nova Louison, e os fidalgos da côrte disputavam os favores, tanto de uma como da outra.

«Estas perdidas custam muito caro, escrevia a Princeza Palatina, em

1699. A Fanchon sabe-se perfeitamente que o seu preço é de mil pistolas, mas o grande prior tem-na por sua conta, e se elle chega a suspeitar de alguem, está arranjada!»

(V. *Novas cartas da senhora duqueza d'Orleans, mãe do regente.*)

O sabio editor e traductor d'estas curiosas cartas, Gustavo Brunet, refere-nos de que maneira a Fanchon foi supplantada por sua irmã:

«O delphim, filho de Luiz XIV, tivéra um capricho por ella. O seu primeiro camarista mandou-a chamar a Meudon. Por engano a carta foi entregue a Louison Moreau, irmã da actriz, que se apresentou e levou o engano até ao desenlace. Fanchon, irritada por haver dado um passeio inutil, e por Monseigneur a ter despedido sem a vêr, mandando-lhe dez luizes, atirou com elles á cara do *amigo do principe.*»

Esta aventura é provavelmente a que Saint-Simon refere como uma prova da delicadeza do grande Delphim (t. XVIII das suas *Memorias*), sem não obstante nomear as duas creaturas que n'ella tomaram parte.

«O grande Delphim havia desejado conhecer uma linda rapariga, que foi levada a Versailles, segundo as suas ordens.

«Esta rapariga ia acompanhada de uma sua amiga muito feia, que lhe servia de capa. Ambas foram introduzidas n'um primeiro gabinete.

«Advertido Monseigneur de que estavam alli, conta Saint-Simon, abriu a porta, e pegando n'um braço da que estava mais proxima attrahiu-a a si.

«Ella resistiu. Era a feia, e quiz fazer vêr ao Delphim que se enganava. O principe, julgando, porém, que a rapariga se defendia por um instincto de pudor, arrastou-a para um gabinete interior e fechou a porta. A outra, no emtanto, ria-se do engano, e da affronta que a sua companheira ia receber, quando fosse despedida e ella chamada.

«Dumont chega n'este momento e vê-a alli só. Fica muito admirado, e apenas ella lhe conta o *qui pro quo,* Dumont vae bater á porta da casa onde o Delphim se fechára com a outra.

—«*Monseigneur!* diz elle muito afflicto. Não é essa! Olhe que se engana!...

«Ninguem responde. Dumont torna a bater, e grita mais alto ainda.

«Por fim, *Monseigneur* abre a porta e deita cá para fóra a rapariga.

«Dumont apresenta-se com a outra, dizendo-lhe:

—«*Monseigneur,* é esta, foi engano!

—«O negocio esta concluido, disse o principe. Ficará para a outra vez!

«E fechou de novo a porta.

«Quem ficou toda confusa e despeitada?

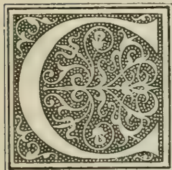
«A que a principio se ria, e Dumont ainda mais do que ella.

«A *feia* soubera approveitar-se do engano!»

CAPITULO XIII

SUMMARIO

Cortezãs celebres da França nos seculos XVI e XVII. — Sua influencia sobre a honestidade dos costumes. — Luiza Labé, cortezã lyoneza. — Suas complacencias para com os poetas. — Marion Delorme. — Sua origem. — Seu retrato. — As irmãs da cortezã. — Des Barreaux, seu primeiro amante. — Seus amores com Cinq-Mars, que pretende casar com ella. — Um capricho do cardeal de Richelieu. — As duas entrevistas de Marion Delorme com o cardeal. — O annel da senhora de Combalet. — De que maneira convertia Marion os seus galans. — Quem foram os seus preferidos. — Marion Delorme ciosa de Ninon. — O *Grande-Pan,* namorado de *Leucothoe.* — O Petit-Quillet e a *Callipedia.* — Uma distracção de Pedro Arnault. — Uma aventura do cavalheiro de Grammont. — As receitas e despezas de Marion. — O superintendente d'Emery. — Housset, thesoureiro dos beneficios ecclesiasticos. — As dividas de Marion. — Morte da famosa cortezã. — A elegia de Saint-Evremond. — As fabulas posthumas. — Carta de Marion Delorme aos auctores do *Journal de Paris* — Marion tres vezes viuva. — Marion macrobia.



Como a Grecia antiga dos tempos aureos das hetaíras famosas, a França dos seculos XVI e XVII teve tambem as suas cortezãs celebres, algumas das quaes lograram resuscitar as tradicções galantes da eschola de Sapho e de Aspasia, embora não podessem rehabilitar, por maiores que fossem os seus triumphos e o seu prestigio, a profissão escandalosa, que illustravam graças ao seu talento e ás suas brilhantes qualidades.

No emtanto, se fosse necessario, poderiamos facilmente provar que aquellas cortezãs, e especialmente Marion Delorme e Ninon de Lenclos, não exerceram uma influencia funesta nos costumes publicos, visto que, a exemplo das hetaíras, que eram as inspiradoras da sociedade culta dos poetas e dos philosophos gregos, ellas rodeavam-se tambem dos homens mais distinctos da sua épocha, e presidiam a uma especie de concilio do amor, em que a cortezia, chamada na linguagem do tempo *honestidade,* dictava leis facilmente acceites pela flôr da sociedade elegante da côrte e da cidade.

É fóra de duvida que Ninon de Lenclos, apesar da suas loucuras e escandalos, contribuiu mais e melhor que os mais austeros prégadores, seus contemporaneos, para o aperfeiçoamento dos costumes sociaes, bem como para a educação refinada da *gente honesta,* como então se denominavam as pessoas de boas familias e bem educadas.

As cortezãs famosas d'aquella épocha não foram mais do que uma cate-

goria das *Preciosas*, apesar de termos como certo haverem apparecido antes de Marion e de Ninon de Lenclos muitos outros typos d'esta alta prostituição, que conseguia abrir caminho para a fortuna e para a celebridade, graças aos direitos irresistiveis da intelligencia e do genio.

Em França, no seculo XVI, e talvez antes, houve algumas d'essas mulheres privilegiadas e superiores, que na propria vida escandalosa a que se haviam consagrado, sabiam elevar-se sobre um pedestal de consideração e de celebridade, no meio dos homens distinctos que constituiam ordinariamente a sua sociedade.

Esta especie de prostituição disfarçada era infinitamente mais rara e menos ostentosa que na Italia, onde a bella Imperia tinha tido numerosas rivaes, que não conseguiram fazel-a esquecer.

As mulheres francezas não permittiam que uma prostituta exercesse uma especie de dominio tyrannico sobre seus irmãos, seus filhos ou seus maridos.

Apesar d'isso, o seculo XVI apresenta-nos algumas d'essas cortezãs, dignas de serem comparadas ás famosas hetaíras gregas.

Luiza ou Loysa Labé, de Lyon, foi poetisa como Sapho, amavel como Aspasia, e libertina como Leontium.

Vamos transcrever aqui as palavras consagradas por Antonio Duverdier, senhor de Vauprivas, na sua *Bibliotheca Franceza*, a esta musa impudica, tão celebre por esse tempo em Lyon:

«Loysa Labé, cortezã lyoneza, denominada tambem a *Bella Cordoeira*, por ter casado com um cordoeiro bonacheirão, montava a cavallo com uma perfeição inexcedivel, em razão do que os fidalgos que lhe faziam a côrte a denominavam o capitão Loys.

«Era mulher de notavel talento e formosissima. Recebia graciosamente em sua casa fidalgos e homens distinctos, entretendo-os com saborosas praticas. Umas vezes passava-se a noite a *fazer musica*, tanto vocal como instrumental, no que era eximia. Outras, a poetisa entregava-se em alta voz á leitura de bons livros latinos e vulgares, italianos e hespanhoes, dos quaes tinha uma bibliotheca bastante copiosa. Em seguida á leitura, mandava servir doces e licores delicados. O resto da noite passava-se n'outra ordem de prazeres. A musa dignava-se escolher entre os convivas aquelles que mais generosos eram do seu dinheiro, e a esses no seu gabinete particular concedia-lhes os seus favores mais secretos.

«Quer dizer, Loysa offerecia o seu corpo áquelles que lhe pagavam bem, mas não a todos. Pessoas de baixa condição, artistas, gente ordinaria, por mais dinheiro que lhe offerecessem não conseguiriam desapertar-lhe os alamares do seu vestido licencioso.

«Tinha predilecção pelos sabios, e favorecia-os de tal sorte que lhes concedia as suas caricias mais sensuaes, e preferia-os aos grandes fidalgos, estimando mais entregar-se de graça a um homem de talento, do que vender-se a um ricaço por uma quantiosa somma de escudos, o que não é muito vulgar nas mulheres do seu officio e condição.»

Morreu na edade de quarenta annos, em 1566.

Nas suas poesias, que foram impressas duas vezes durante a sua vida, e que provavelmente foram compostas por Mauricio Seve, um dos seus mais fieis amantes, confessa que o amor era a sua mais grata occupação, embora não declare que devia ao amor o lisongeiro estado das suas finanças:

Le temps met fin aux hautes pyramides;
Finir aussi il a acoustumé
Le feu d'amour, tant soit-il allumé;
Mais helas! en moy il semble qu'il augmente
Avec le temps, et que plus il me tourmente!

«O tempo destroe as mais altas pyramides, e extingue tambem o fogo do amor, por mais vivo e intenso que elle seja; mas, ai! parece que o tempo augmenta em mim o amor, e que elle cada vez mais me atormenta!»

Não esconde que o ardor do seu temperamento e o capricho da sua garridice a arrastavam sem cessar a incriveis loucuras, mas ao mesmo tempo confessa que preferia este genero de vida a uma conducta mais honesta, que embora a tivesse tornado mais digna de estima, em compensação a teria morto de tedio.

N'um dos seus sonetos, exclama:

Permets-m'amour penser quelque folie,
Toujours suis mal, vivant discretement,
Et ne me puis donner contentement,
Si hors de moy ne fais quelque saillie.

«Deixa-me, meu amor, pensar n'alguma loucura! Se vivo recatadamente, sinto-me sempre mal, e não posso ter alegria, se perdendo a cabeça, não faço de vez em quando alguma loucura!»

Os sabios e os poetas que a tinham amado consideravam como um dever manifestar-lhe o seu reconhecimento pelos favores obtidos, dedicando-lhe versos gregos e latinos, hespanhoes e francezes, que foram compilados em continuação das suas obras.

Verdade seja que n'esta vasta collecção de panegyricos não tiveram cabimento certas poesias satyricas ou demasiado livres, nas quaes se prestava homenagem aos talentos secretos da cortezã. Sirva de exemplo o seguinte distico latino, cuja traducção nada accrescentaria á sua gloria litteraria:

Movet animos fertur Gallis cantata Labœa
Vatibus, at movit doctius ilia nates.

«Diz-se que a famosa Labé, cantada por tantos poetas francezes, move os animos. O que ella sabe mover muito melhor ainda, são as nadegas.»

O douto La Monnaye cita ainda um quarteto francez, cujo auctor não nomeia e que parece inspirado pelos zelos de um poeta:

La célébre Labé, qui des jeux et des ris
Dans ses vers et sa prose était toujours suivie,
Sur le mont des neuf sœurs ne coucha de sa vie:
Elle aima mieux concher avec leurs favoris.

«A celebre Labé, a quem os prazeres e os risos acompanhavam sempre o verso e a prosa, nunca poude conseguir deitar-se no monte das nove irmãs. Ella preferiu sempre deitar-se com os seus favoritos.»

Marion Delorme, que não teve como Loysa Labé a pretenção de entrar no sanctuario de Apollo, adquiriu, no emtanto, uma reputação de talento, que lhe valeu do mesmo modo que a belleza os seus ruidosos triumphos de cortezã.

Os contemporaneos, que não poderam deixar de a admirar apesar dos seus maus costumes, não tiveram o cuidado de nos dar pormenores da sua esplendida plastica. Em compensação, porém, contam-nos algumas das suas aventuras.

Dreux du Radier lamenta-se de que a vida d'aquella mulher notavel não tenha sido escripta por um historiador consciencioso e veridico, para poder ser posta em parallelo com a de Ninon de Lenclos, que os seus biographos nos apresentam atravez do prisma de uma novella sentimental.

«N'estes assumptos, diz Dreux du Radier (*Recreações historicas, criticas, moraes e eruditas*) o util pode alliar-se com o agradavel. A Grecia fallava com a mesma seriedade das suas Phrynés, das suas Lais, das suas Aspasias e de outras beldades cujo nome nos conservou, que dos seus heroes e dos seus philosophos.»

Marion Delorme, ou melhor de l'Orme nasceu em Châlons-sur-Marne, em 1611. Era filha de um individuo da classe média d'aquella cidade, algum tanto abastado e que a teria casado honestamente, se Marion tivesse querido sujeitar-se á cadeia conjugal. Ella, porém, queria conservar cuidadosamente a sua liberdade, e por isso ficou solteira.

Tallemant des Reaux, que provavelmente a conheceu, escreve a respeito d'aquella sereia:

«Era uma mulher formosa e cheia de graças e encantos. Cantava bem e tocava lindamente theorba. Ás vezes, o nariz tornava-se-lhe excessivamente vermelho, e por este motivo passava manhãs inteiras com os pés mettidos em agua. Era prodiga até á magnificencia e naturalmente lasciva.

«De tres irmãs que tinha, a mais velha casada com um fidalgo da Champagne, o senhor de Montagne, era tão ingenua que andava sempre a dizer:

—«Somos pobres, mas honradas!...»

«A segunda casou com Maugeron, thesoureiro da artilheria, e pouco depois teve relações com o duque de Retz, irmão do cardeal. Ambas ellas eram bellas, mas não tanto como Marion.

«Quanto á mais nova, essa não casou e seguia a mesma vida, apesar de ter o rosto picado das bexigas, o que não a impediu de ter muitos adoradores.

Marion foi muito nova para Paris com ideia de encontrar n'aquella ci-



Marion Delorne

dade um bom partido. É de crêr que tivesse sahido de Chalôns-sur-Marne em companhia de um amante.

Este amante não foi provavelmente outro senão Jacques Vallée, senhor des Barreaux, que antes de chegar a ser conselheiro do parlamento, como seu pae, era um excellente e perfeito rapaz, poeta apreciavel, libertino incorregivel e galanteador extrémamente franco e generoso, prodigo até, como geralmente constava.

«Foi elle o corruptor de Marion», diz Tallemant des Reaux, que nos ministrará os elementos mais importantes d'esta biographia da famosa cortezã.

E accrescenta:

«Des Barreaux esteve oito dias escondido n'um quarto escurissimo e mal ventilado da casa de Marion, o qual servia apenas para arrecadar a lenha, e á noite ia deitar-se com ella.

«Quando a rapariga se tornou mais atrevida, ia de noite ter com elle a uma casa do arrabalde de Saint-Victor, que o seu amante havia mobilado magnificamente, e na qual havia um grande jardim.

«Des Barreaux chamava a este sitio a ilha de Chypre.»

(V. a *Historieta de des Barreaux.*)

Apesar de Marion ter sentido por des Barreaux um grande e vivo affecto, não se deixou arrastar pelo seu companheiro de prazer ao atheismo e á impiedade d'aquelle philosopho epicurista, que apesar d'isso a educou perfeitamente na eschola da libertinagem.

Marion conservou sempre os religiosos sentimentos em que a sua familia a havia educado, e quaesquer que fossem as suas loucuras, nunca deixou até á morte de as alternar com as practicas de devoção, ás quaes se entregava com todo o furor da sua ardente fé.

Apesar d'isso, esses sentimentos religiosos não a impediam de procurar abortar quando estava gravida, e succedeu-lhe este percalço quatro ou cinco vezes, segundo affirma Tallemant des Reaux.

«Uma vez accudiu-lhe muito tarde, e apesar de ter tomado tal quantidade de drogas que teriam feito rebentar um suisso, se as tivesse armazenado no corpo, não logrou evitar dar á luz um rapazote, cheio de vida e que berrava como um cabrito.»

Esta fecundidade incommoda dava grandes cuidados a des Barreaux, que não tinha nenhum desejo de ser pae, e que provavelmente foi quem inspirou á sua amante aquella horrivel ideia dos infanticidios.

Além d'isso, a responsabilidade da procreação não cabia só a des Barreaux, visto que Marion, sem deixar de amar sempre o seu primeiro conquistador, concedeu os seus favores a muitos outros, prestando-se sempre da melhor vontade a entrar em intrigas amorosas.

Cinq-Mars, o grande escudeiro do rei, estava por essa épocha enamorado d'ella, que tambem o amava, embora n'esse sentimento entrasse mais calculo e ambição do que em todos os seus precedentes galanteios.

Marion pretendia que Cinq-Mars casasse com ella, e chegou até a celebrar-se um casamento secreto entre ambos, segundo se deprehende do processo

que madame d'Effiat, mãe Cinq-Mars, intentou contra Marion e os seus cumplices, para annullar este matrimonio, dado o caso que se tivesse realisado, sem conhecimento da familia do esposo.

Marion foi, portanto, accusada de rapto e de seducção, e o parlamento passou mandado de prisão contra ella, o qual não chegou a executar-se, graças á intervenção do proprio Cinq-Mars.

Este processo escandaloso, em que o grande escudeiro do rei era convicto, pelo menos, de ter dado palavra de casamento a uma cortezã tida e havida publicamente como tal, terminou em 1639 por uma ordenação real, que prohibia e annullava todos os casamentos secretos em geral.

Nem por isso terminaram as relações de Cinq-Mars com Marion. Prolongaram-se durante cinco annos com tanta ostentação e publicidade, que ninguem chamava a Marion senão *Madame la Grande*, por causa do seu amante, conhecido na côrte pelo epitheto de *Monsieur le Grand*, graças ao seu cargo de *Grande escudeiro* do rei.

Apesar d'isto, Cinq-Mars esforçava-se por que as suas visitas á amante fossem secretas, evitando que chegassem aos ouvidos de Luiz XIII, que o fazia espiar e tinha ciumes de Marion Delorme, em gráu muito mais subido do que de todas as outras amantes do seu grande-escudeiro.

Um dia em que Cinq-Mars se dirigia incognito a Brie, afim de passar alguns dias com Marion, foi tomado por um ladrão e preso pelos aldeãos, que o ataram a uma arvore, e o teriam levado á cadeia, se um d'elles o não tivesse felizmente reconhecido.

Lêmos, não podemos n'este momento precisar aonde, que Marion foi temporariamente desterrada de Paris, por ordem do cardeal, que se apressou a levantar a pena de desterro apenas conseguiu apasiguar o rei, promettendo-lhe que Marion não tornaria a vêr o *Grande*.

O auctor anonymo dos *Galanteios das reis de França*, um tal Vanel, que é provavelmente o pseudonymo de Sandras de Courtilz, conta n'este livro, onde a historia caminha de mãos dadas com a novella, a origem do amor que o cardeal de Richelieu sentiu durante algum tempo por Marion Delorme.

Esta anecdota, que deveria refutar o individuo que subiministrou dados para o artigo DES BARREAUX, do *Diccionario historico e critico*, de Bayle, não contém cousa alguma que se opponha á verosimilhança, e que não seja conforme aos costumes da épocha e aos caracteres dos personagens.

Vamos transcrevel-a textualmente:

«O cardeal viu Marion Delorme, sem ser visto por ella e pareceu-lhe mil vezes mais formosa do que imaginava.

«Quiz saber se Cinq-Mars era o eleito do seu coração, e encarregou Bois-Robert de o indagar.

«O abbade não tardou em vir dar a sua eminencia as informações que desejava, e participou-lhe que nas complacencias que Marion Delorme usava para com o favorito do rei, a vaidade occupava parte mais notavel do que o amor, porque toda a ternura, inclinação e affeição d'aquella bellissima rapariga era para des Barreaux, conselheiro do parlamento, joven de agradavel

presença, de muito talento e engraçadissimo na sua conversação, apesar de libertino e impio até ao ultimo extremo.

«O cardeal manda propôr a des Barreaux, por meio do Bois-Robert, que se queria ceder-lhe a sua amante e persuadil-a a corresponder aos seus bons desejos, elle cardeal faria pela sua fortuna mais do que elle podia calcular.

«Bois-Robert desempenhou a sua commissão como habil embaixador, mas des Barreaux respondeu apenas á proposta, como se a suppuzesse uma brincadeira do cardeal, fingindo que não podia suppol-o capaz d'aquella fraqueza.

«O ministro ficou tão irritado, que perseguiu com rancor a des Barreaux durante toda a sua vida, obrigando-o a demittir-se do seu cargo e a sahir do reino.

Póde ser que esta ultima circumstancia seja falsa, mas em todo o caso, os outros pormenores da anecdota mostram tantos visos de verdade, que a judiciosa critica de Bayle deu-se por satisfeita com ella, na falta da refutação que lhe offereciam, e que nunca lhe chegou ás mãos.

Não nos esqueçamos de accrescentar que a anecdota é toda em honra de les Barreaux, e testemunha, se não o seu amor a Marion Delorme, pelo menos a muita estima em que a tinha.

Marion Delorme (é facto averiguado) teve por mais de uma vez relações intimas com o cardeal de Richelieu, apesar de nunca ter sido sua amante titular e permanente.

Não obstante isto, Guy Patin disse, n'uma carta de 3 de novembro de 1649:

«O cardeal, dois annos antes da sua morte, tinha ainda tres amantes... a primeira, era a sobrinha, a segunda a Picard, quer dizer, a mulher do senhor marechal de Chaulnes; a terceira, uma certa rapariga formosissima, de Paris, chamada Marion Delorme... tão certo é que os taes senhores barretes vermelhos são boas bestas: *Verè Cardinales isti sunt carnales !*»

Tallemant des Reaux, porém, não nos deixa duvida alguma ácerca da indole passageira das relações que existiram entre Marion Delorme e o cardeal, «o qual não pagava muito melhor as mulheres do que os quadros.»

Tallemant falla d'isto na *Historieta do cardeal,* fundando-se no testemunho da propria Marion, a qual dizia ter apenas ido duas vezes a casa do cardeal:

«Na primeira visita, recebeu-a em trajo de setim *gris* de linho, bordado a ouro e a prata, calçado de botas e esporas, e com chapeu de plumas. Marion confessou que aquella barba ponteaguda e o cabello lançado por cima das orelhas faziam o mais burlesco effeito que se podia imaginar. Acariciou-a *due volte*...

«Ouvi dizer que da segunda vez a recebera vestida de homem, em trajo de correio, segundo dizem, e ella propria referiu.»

Na *Historieta de Marion,* Tallemant volta a fallar d'esta segunda visita, para fazer uma variante á sua primeira narrativa, Marion ia vestida de pagem e não de correio.

O resultado d'estas visitas não deu a Marion uma alta ideia da generosidade do cardeal-ministro.

Mandou-lhe entregar, por intervenção do seu ajudante de camara, des Bournais, o officioso medianeiro d'estes amores, a somma de cem pistolas.

«Marion atirou-as ao chão, e vociferou contra o cardeal, conservando apenas como tropheu, um annel, que não valia mais de sessenta pistolas, mas que provinha, confórme ella dizia, da senhora de Combalet.»

Pretendia que o cardeal lh'o déra em guisa de arrhas d'aquelle contracto amoroso.

E' mais provavel, porém, que lhe tivesse vindo parar ás mãos de outra parte, ou por meio de um fidalgo a quem a sobrinha do cardeal o tivesse dado, ou graças ao abuso de confiança de um lacaio que o tivesse roubado.

«Estes são, dizia ella, os opimos despojos da minha rival Combalet, á qual me ufano de haver vencido nobremente, apesar de que ainda se deita no campo de batalha.»

Quando lhe perguntavam se estava satisfeita com o acolhimento de sua eminencia, respondia ironicamente:

«Um cardeal, podem crêr, não vale cousa alguma, quando não traz o barrete vermelho e o manto de escarlate!»

E accrescentava que aquelles amores do cardeal lhe haviam de produzir muito boas indulgencias no resto da sua vida.

Era devota, como já dissémos, mas a sua devoção participava de singulares phantasias. Póde avaliar-se pelo que d'ella refere, nas suas *Memorias*, o conde de Chavagnac, marechal de campo dos exercitos do rei.

O conde tinha um irmão, homem de guerra como elle, e mais rico em galhardia do que em dinheiro.

A sua bella figura captivou as boas graças de Marion Delorme.

Chavagnac, a esse tempo, amigo inseparavel do joven Chatillon, seu companheiro de armas e de prazeres, nunca se teria perdoado o ter uma amante só para si. Quiz, portanto, que Chatillon partilhasse da sua boa fortuna, e Marion Delorme, consentiu n'isto de bom grado. Os dois amigos foram simultaneamente seus amantes.

Separaram-se d'ella para se reunirem ao exercito, promettendo vir vel-a ambos d'ahi a algum tempo.

Regressaram, depois da campanha do Piemonte em 1639, tão impacientes um como o outro de repousarem das fadigas da guerra nos braços da sua amante commum.

Marion recebeu-os com uma reserva que não era n'ella habitual, e declarou-lhes que durante uma grave enfermidade que tivera, fizera voto de renunciar á galanteria, salvo o caso em que podesse servir-se d'ella para restituir uma alma a Deus.

Julgaram os dois amigos que tudo aquillo não passasse de brincadeira, mas Marion não se ria, e disse-lhes cathegoricamente que, visto serem ambos protestantes, não queria tornar a ouvir fallar d'elles sem terem abjurado a religião reformada.

A resistencia de Marion augmentou, como é de suppor, o desejo que tinham de a possuir novamente, e por isso declararam logo alli á bella *conversora,* que por amor d'ella nenhuma duvida tinham em abraçar o catholicismo.

Marion fel-os instruir na fé da egreja romana por um industrial que não sabia ler nem escrever, mas que andava como ella empenhado em fazer conversões, e de reforço mandou-lhes um confessor accommodaticio.

Os dois neophytos deitaram sortes para saber quem se confessaria primeiro.

Tocou a vez a Chavagnac. Accusou-se de peccados tão collossaes, que o confessor ficou assarapantado.

Mais monstruosa foi ainda a confissão de Chatillon, porque os dois amigos tinham combinado illudir o sacrificio que a corteză d'elles exigia, pondo obstaculos invenciveis á sua absolvição. Mas o confessor havia promettido convertel-os de bom ou de mau grado, e deu-lhes a absolvição, de maneira que se viram obrigados a abjurar em presença da sua antiga amante, que devia ser a recompensa de tão singular conversão.

«Depois d'isto, accrescenta o conde de Chavagnac, Marion Delorme levou-os a sua casa e cumpriu honradamente a sua palavra, com toda a generosidade que pedia um caso d'esta indole.»

O conde de Chavagnac, que talvez recorresse á pena de Sandras de Courtilz para a redacção das suas *Memorias,* nas quaes se notam todos os exaggeros da Gascunha, faz um grande elogio de Marion Delorme, e observa, a proposito da referida anecdota «que o Senhor se vale de todos os meios para nos chamar a si.»

Marion tinha muito mais que fazer do que converter protestantes, nem o tempo lhe chegaria para isso, ainda que se dedicasse sem treguas nem repouso a conversões d'esta especie.

Póde suppor-se que, se fez abjurar o senhor de Chatillon, um dos seus predilectos, foi para não se vêr separada d'elle no outro mundo. Era esta uma das suas ideias de boa christã.

«Confessava, diz Tallemant, que tinha tido apenas inclinação por sete ou oito homens e não mais. Des Barreaux foi o primeiro. Succedeu-lhe Rouville, que não era lá muito gentil. Este bateu-se por ella com La Ferté-Senecterre. Os outros foram: Miossens, a quem escreveu por ter tido de repente o capricho de dormir com elle; Arnauld; o *Grande* (Cinq-Mars); o senhor de Chatillon, e finalmente o senhor de Brissac.»

A respeito dos outros, apenas satisfazia as condições dos seus contractos, se te vi não te conheço, como vulgarmente costuma dizer-se.

«Nunca acceitava dinheiro, diz Tallemant, mas sim apenas toilettes. Ás vezes exigia tantos marcos de baixella de prata.

A sua aventura com o cardeal de Richelieu prova sufficientemente que não era de modo algum interesseira, por isso que até deixava de fixar previamente o preço dos seus favores. Talvez o cardeal fosse o primeiro a arrepender-se da sua miseria, que Marion lhe fez sentir com tanto desdem.

O conde de Chavagnac affirma nas suas memorias que Marion Delorme

chegou a ser a favorita e ao mesmo tempo a *medianeira* do cardeal, que um dia a encarregou de offerecer da sua parte 50:000 escudos a Ninon de Lenclos, a qual os recusou, dizendo:

—«Quando se ama, é demasiado, e quando se não ama, é pouco!»

N'aquelle dia, Marion devia lembrar-se com amargura das cem pistolas que havia atirado á cara do ajudante de camara de Richelieu.

Esta circumstancia explica uma phrase, que Tallemant não devia ter escripto sem motivo:

«Marion tinha ciumes de Ninon.»

Parece effectivamente que o cardeal esteve por algum tempo devéras enamorado de Marion, a julgar pelo que diz Conrart, n'uma carta sem data, impressa entre as que publicou em 1655:

«Será certo, segundo querem persuadir-me, que o nosso grande Pan se enamorou de *** (Marion Delorme), elle que é os olhos do seu principe, que véla sem cessar pela salvação do estado, e que governa os destinos e a fortuna da Europa? Será possivel que elle, devendo fixar a vista em tanta quantidade de assumptos, só a fixe em Leucothoe, e que não affaste de um lindo rosto uns olhos que devem servir a todo o mundo, olhos destinados a mudar a face do universo?

Quique omnia cernere debes,
Leucothoen spectas et virgine figis in una,
Quos mundo debes occulos!

«Não vos admireis, Senhor, ao ler a palavra *virgine.* O nome de virgem applica-se ás vezes a uma mulher qualquer. Sirva de exemplo Pasiphae, a respeito da qual Virgilio emprega estas palavras:

Heu! virgo infelix! etc.

«Ora Pasiphae tinha marido, e além d'isso um amante, que era, por tal signal, segundo nol-o affirmam antigas chronicas, um dos mais formosos touros da ilha de Creta...

«Mas, Senhor, teimarão ainda os nossos poetas em sustentar que a paixão de que fallamos é uma doença exclusiva das almas ociosas, depois de verem que a vossa, tão nobremente occupada, encontra ainda tempo para se dedicar a galanterias?

«Na minha opinião, digam o que disserem os especulativos, creio que este grande ministro pensa em fazer uma escrava da sua amante para a pôr ao serviço do seu interesse e da sua ambição.»

Esta curiosa carta, em que Conrart faz uma allusão maligna aos amores de Cinq-Mars com Marion, fallando de Pasiphae e do seu amante quadrupede, circulou de salão em salão na épocha em que foi escripta, e quantos a leram reconheceram facilmente o *Grande Pan,* e a celebre *Leucothoe.*

Nem por isso deve concluir-se, como suppõe Dreux du Radier, (*Recreações historicas,* etc.) que a tragica morte de Cinq-Mars fosse a consequencia de uma rivalidade amorosa entre elle e o cardeal, por causa de Marion Delorme.

Esta *bella nympha,* como lhe chama o cavalheiro de Grammont, tinha sempre, além dos seus amantes de coração, um tropel de adoradores que esperavam a sua vez e lhe formavam a côrte.

«O sabio humanista Claudio Quillet, auctor do famoso poema latino a *Callipedia,* era tambem um dos seus intimos, diz Tallemant, embora fosse um homunculo feio e immundo.»

Mais de uma vez mereceu a dita de a vêr núa, por isso propalava por toda a parte que era uma mulher de corpo admiravel, o mais bello que podia haver no mundo.

E a este respeito, entrava em pormenores taes, que os editores das *Historietas* de Tallemant des Reaux não ousaram dal-os á estampa.

Elle costumava dizer frequentemente a Marion:

—«Assim como n'uma orgia, dá as vezes vontade de comer porcarias, talvez chegue um dia em que tenhas o capricho de cahir nos meus braços!»

Marion ria-se e permittia-lhe saborear com a vista todos os prazeres que podia dar-lhe. Ás vezes, dava-lhe licença para applicar os labios sobre as partes do seu corpo que elle observava extasiado!

A famosa cortezã habitava n'um esplendido palacio da Place-Royale, segundo se vê n'uma passagem das *Memorias de Grammont,* ou no boulevard, á esquina da rua des Tournelles, segundo resa a tradicção.

Era prodiga até á magnificencia e recebia nos seus salões a sociedade dourada da côrte.

«Com que respeito era aquella mulher tractada! exclamava Tallemant, indignando-se d'esse respeito, que elle difficilmente podia conciliar com a conducta da dama.

Era a *bella galanteria* da épocha, como então se dizia, e Marion a quem Tallemant julga muito injustamente, pelo que respeita á intelligencia, não podia deixar de ser espirituosa, amavel e conhecedora do mundo, muito melhor que as mais elevadas damas do seu tempo, visto que vivia rodeada dos homens mais considerados pelo seu nascimento, posição, fortuna ou talento, e ainda que não fosse senão para rivalisar com Ninon, attrahia para junto de si os poetas, os sabios e os escriptores que melhor reputação tinham na sociedade das *Précieuses.*

Saint-Evremond era o seu admirador-confidente, desde que a encontrára nas aguas de Bourbon. Falla d'ella n'uma das suas cartas á duqueza de Mazarin:

Passons à Marion, chef d'œuvre de beauté,
Le plus grand, après vous, qui ait jamais été;
Je prenoïs mes eaux avec elle,
Et souvent je passois le soir
A l'ouïr chanter, à la voir:
Enfin, je la trouvois si belle,
Que, sans égard au médecin,
Je m'en souvenoit au matin.

«Passemos a Marion, obra prima de formosura, a maior que excepto a du-

queza, tem existido n'este mundo. Eu tomava as aguas em sua companhia, e passava a miudo as noites a ouvil-a cantar e a contemplal-a. Emfim, tão bella me parecia, que sem fazer caso das prescripções do medico, só me lembrava d'ellas na manhã seguinte.»

A familia dos dois Arnauld não se envergonhavam de frequentar o salão (*la ruelle*) d'esta famosa cortezã, que tantos attractivos tinha para a gente illustrada.

«Passámos por Bayes, casa de Marion Delorme, diz o abbade Arnauld, nas suas memorias, onde nos detivémos um dia, recebendo um acolhimento admiravel. Encontrámos lá uma sociedade escolhida, da qual a propria Marion não era um dos menores ornamentos.»

Verdade seja que um dos irmãos Arnauld, Pedro Arnauld de Courbeville, que foi mestre de campo general dos Carabineiros tinha um logar na meza e no leito de Marion Delorme.

«Depois de des Barreaux, diz Tallemant, foi este o amante de Marion.»

O cavalheiro de Grammont, que sem jámais ter escripto em verso ou em prosa tinha em logar distincto entre os melhores talentos do seu tempo, havia conhecido muito particularmente Marion Delorme, e a impressão agradavel por elle conservada d'estas relações amorosas, apparece a miudo na relação que faz das suas aventuras na côrte de Inglaterra, dez ou quinze annos depois da morte de Marion:

«A creatura dotada de maiores encantos, dizia elle ás damas e ás donzellas que o ouviam com curiosidade, era ella, e apesar de ter um coração de anjo, era caprichosa como o diabo!»

Um dia Marion marcou-lhe uma entrevista, e logo em seguida teve o capricho de lh'a recusar, escrevendo-lhe, dizia elle, um lindo bilhete, em que se mostrava verdadeiramente desesperada de se vêr obrigada a conservar-se no leito, em consequencia de uma violenta dôr de cabeça.»

Esta enxaqueca, tão subita e tão importuna, pareceu suspeita ao cavalheiro de Grammont, que pôz logo espiões em campo para descobrir quem podia ser o seu afortunado rival.

Não tardou muito a saber que, apesar da tal violenta dôr de cabeça que a privara do prazer de o vêr até ao dia seguinte, o duque de Brissac devia passar a noite com ella.

Grammont monta a cavallo e dirige-se á Place-Royale. Fica de sentinella á porta da casa onde morava a dama dos seus pensamentos, e vê chegar um homem a pé, que vem cuidadosamente embuçado n'uma capa. Grammont reconhece o duque de Brissac, e approximando-se d'elle bruscamente:

—«Brissac, meu amigo! diz-lhe elle. E' preciso que me faças um favor importantissimo. Tenho uma entrevista pela primeira vez com certa pessoa, a quatro passos d'aqui, e como o nosso fim é pormo-nos de accordo, é um momento apenas. Empresta-me a capa, e passeia um bocado o meu cavallo que, eu d'aqui a pouco estou de volta. Não te affastes d'aqui!»

Dizendo isto, apodera-se da capa de Brissac sem esperar resposta, e o duque toma a redea do cavallo.

Grammont segue por debaixo da arcada até á casa da nympha, cuja porta lhe abrem immediatamente. Entra, muito bem embuçado na capa de Brissac, ante a qual se abrem todas as portas.

Chega ao quarto da dama, e encontra-a reclinada n'um leito confortavel, no mais seductor e delicioso *deshabillé* que póde imaginar-se.

Julgue-se da surpreza da dama!

—«Que é isto, minha bella? diz elle vendo-a muito perturbada. Sabe que encontro a sua enxaqueca muito bem disposta? Talvez lhe passasse já, não é assim?

—«Não, meu amigo, responde ella, não posso com a cabeça, e vae fazer-me o obsequio de se retirar e de me deixar deitar!...

—«Quanto a deitar-se, concedido, diz-lhe Grammont, sorrindo, agora quanto a retirar-me, isso não, minha querida! O cavalheiro de Grammont não é um imbecil, e sabe perfeitamente que uma mulher nunca se dá ao trabalho de se preparar d'esse modo sem motivo! Querer que me retire depois de me ter convidado a vir aqui! Isso nunca, querida Marion!

—«E porque não? diz ella encolerisada. Que importa ter ajustado comsigo uma entrevista, se não estou disposta a concedel-a!

—«Minha senhora, replicou friamente o cavalheiro, não levemos as cousas para esse difficil terreno. Eu sei perfeitamente o que a incommoda. Receia que Brissac me encontre aqui, mas póde estar descançada a esse respeito! Encontrei-o aqui perto, e graças a Deus, arranjei as cousas de modo que elle não virá tão depressa!»

Marion, pelo tom verdadeiramente tragico dado por Grammont ás suas palavras, imaginou que tivesse havido algum duello entre elles, e que Brissac tivesse ficado gravemente ferido. Perturbou-se.

—«Que succedeu ao duque de Brissac?» perguntou ella com emoção.

—«Nada de assustador, minha senhora, respondeu Grammont sorrindo. Deixei-o á esquina a passear o meu cavallo, e se não quer acreditar nas minhas palavras, mande um criado lá fóra, apesar de que talvez baste vêr a capa do duque, que eu deixei na ante-camara.»

Marion solta uma estrepitosa gargalhada.

—«Meu querido cavalheiro! exclama ella enlaçando-o nos braços, não resisto mais! És demasiado amavel e original para que te recuse o perdão!»

Pediu que lhe contasse toda a aventura, que contribuiu para augmentar a sua hilaridade, e separaram-se *muito bons amigos,* assegurando Marion ao cavalheiro que o seu rival podia andar a passear cavallos toda a noite, porque não lhe abriria a porta da sua casa!

Esta divertida anecdota, que Hamilton conta com toda a delicadeza e bom gosto, dá-nos a conhecer perfeitamente o caracter de Marion Delorme, caprichosa, ardente, apaixonada, e ao mesmo tempo inicia-nos nos mysterios da sua alcova.

O cavalheiro de Grammont, o proprio duque de Brissac, Saint-Evremond e Arnauld de Courbeville, n'uma palavra, os que ella amava especialmente, não podiam dar-lhe senão presentes para a sua toilette; não eram sufficiente-

mente ricos para se metterem em grandes despezas. De resto, Marion, não só deitava o dinheiro pela janella fóra,— «as luvas só lhe duravam tres horas!» diz Tallemant, mas além d'isso sustentava os parentes, que em toda a parte eram bem recebidos, graças a ella.

Assegura-se que, para pagar as dividas de seu irmão Baye, encarcerado pelos crédores, não recorreu á sua bolsa nem á dos seus amigos, mas recorreu directamente ao presidente Mesmes, a quem pediu a liberdade de seu pobre irmão.

O presidente, maravilhado das suas graças e attractivos, disse-lhe:

— «É possivel, senhora, que eu tenha vivido até hoje sem nunca a ter visto?»

Tallemant accrescenta talvez por maledicencia:

«Acompanhou-a até á porta da rua, deixou-a no carro e satisfez o seu desejo mesmo n'aquelle dia.

«Que vos parece isto? Outra qualquer, fazendo o que ella fazia, teria deshonrado a familia, e não obstante com que respeito era tractada!»

Marion, que só acceitava *toilettes* e peças de baixella de prata dos fidalgos que com ella tinham relações, via-se obrigada a recorrer aos financeiros e a velhotes ricos para sustentar o seu estado de princeza.

O superintendente de fazenda, Miguel Particelli, senhor d'Émery, não lhe regateava o dinheiro. Este gordo sujeito, que o cardeal de Retz, nas suas memorias, stigmatisou, denominando-o *o ente mais corrompido do seu tempo,* não costumava, no emtanto, ser muito liberal, mesmo com as suas amantes, «e Marion, diz Tallemant, só vivia dos negocios que elle lhe proporcionava.»

Um dia deu-lhe um collar de perolas de elevado preço, que ella se viu obrigada a empenhar para occorrer ás necessidades da sua casa, montada em tal pé, que a sua magnificencia em adornos e equipagem fazia com que Marion fosse denominada *a senhora superintendente.*

(V. *Recreações historicas, etc.* de Dreux du Radier.)

Envergonhava-se algum tanto de se ver obrigada a conceder os seus favores áquelle rechunchudo e obtuso financeiro, que se ensoberbecia com aquella boa fortuna e fazia constar *urbi et orbi* que não era o menos favorecido dos amantes de Marion. A cortezã, para se desculpar de tão humilhante condicção, costumava dizer que o gorducho «sabia conversar agradavelmente, era muito limpo *et faisait bien la petite chose.*»

(V. *Historieta de Marion,* de Tallemant des Reaux.)

No ultimo quartel da vida, achava-se cheia de devidas, e d'Émery, a esse tempo, deixava-a entregue aos seus apuros. O collar continuava empenhado, e um tal Housset, thesoureiro de beneficios ecclesiasticos, tirou-o da casa de penhores, na intenção de o restituir a Marion, por estar apaixonado d'ella. Reflectindo, porém, maduramente, não se julgou em condições de pagar tal loucura, e affastou-se da bella, guardando o collar.

Marion, nos seus apuros, que os tinha frequentes vezes, não olhava á fonte d'onde tirava o dinheiro:

«Chévry era o seu ultimo recurso, diz Tallemant, quando não sabia a que porta ir bater.»

Este Chévry (Carlos Duret) era inspector geral da fazenda e presidente do tribunal de contas. Não regateava, como d'Émery, mas era demasiado velho, pois havia começado a fazer fortuna no tempo de Henrique IV.

Marion procurava um financeiro ou fidalgo rico, de barba grisalha, ou mesmo branca, que lhe reparasse as desordens financeiras da sua casa. O primeiro presidente do tribunal de subsidios, Amelot, «estava em transacção com ella», quando a famosa corteză morreu.

Pouco tempo antes, La Ferté de Senneterre, marechal de França, havia intentado leval-a á Lorena, para a livrar dos seus credores. A corteză retirou-lhe, porém, a palavra, quando soube que aquelle fidalgo libertino tencionava encerral-a no seu serralho, onde teria perdido completamente o seu prestigio.

Esse prestigio começava já a declinar, quando a morte veio feril-a quasi repentinamente.

Contava a esse tempo, não quarenta e cinco annos como pretendem varios escriptores, mas sim apenas trinta e nove, como affirma positivamente Tallemant des Reaux, accrescentando «que n'aquella edade estava mais formosa do que nunca».

A propria fecundidade não lhe havia alterado aquella formosura, que teria por certo conservado até aos sessenta annos, se a morte a não surprehendesse em metade da sua carreira.

Foi uma gravidez que a matou.

Havia tomado uma forte dose de certa droga para abortar, segundo o seu costume, e foi victima d'aquella culpavel imprudencia.

A enfermidade durou dois ou tres dias apenas, mas durante este curto período, Marion confessou-se pelo menos dez vezes. «Tinha sempre alguma cousa nova que dizer,» diz Tallemant.

Comprehende-se que não devia ser pequena aquella tarefa de se desembaraçar de todos os peccados da sua vida galante e escandalosa!

Morreu no mez de junho de 1650. O cadaver esteve exposto durante vinte e quatro horas no leito mortuario, «tendo a cabeça cingida com uma corôa virginal.»

O sacerdote que lhe assistiu aos ultimos momentos, e que não lhe negou a absolvição disse em voz alta, que esta corôa era ridicula, e fez proceder á inhumação da defunta, que as multidões vinham vêr desde as ultimas extremidades de Paris, como se fôra uma santa.

Loret, que havia emprehendido desde 4 de maio d'aquelle anno, a publicação de uma gazeta em verso, que apparecia todas as semanas com o titulo de *Musa Historica*, annunciou a morte de Marion, na sua carta de 30 de junho, dirigida como todas, á duqueza de Longueville.

La pauvre Marion Delorme,
De si rare et plaisante forme,
A laissè ravir au tombeau
Son corps si charmant et si beau!

Quand la Mort avec sa faucille
Assassine une belle fille,

J'en ay toujours de la douleur,
Et tiens cela pour grand malheur.

«A pobre Marion Delorme, de tão bellas e seductoras fórmas, permittiu á tumba que lhe tragasse o seu corpo tão bello e encantador. Quando a Morte com a sua fouce funesta assassina uma joven formosa, não posso deixar de o sentir vivamente, e de o considerar como uma grande desventura.»

A morte edificante de Marion Delorme foi promptamente esquecida, ficando apenas a recordação dos seus galanteios.

O seu amante Saint-Evremond compoz em sua honra um epitaphio, cujas estancias de um sabor epicurista nos descrevem a sombra da formosa cortezã, atormentada ainda de desejos amorosos.

Estas quadras alambicadas têem um verdadeiro interesse para nós, por descreverem a maneira como *Philis* exercia a sua profissão de cortezã, e as doces recordações que deixou aos seus amigos.

Philis n'en est plus ; tous ses appas
Aussi bien que toutes nos larmes
Contre la rigueur du trépas
Ont été d'inutiles armes !

Ici les Amours sont en deuil,
Et la Volupté desolée
Cherche à l'entour de son cercueil
Où son âme s'en est allée.

On l'entend gémir quelque fois,
Comme une misèrable amante,
Qui, du triste accent de sa voix,
Se plaint du mal qui la tourmente.

En des lieux inconnus au jour,
Loin du soleil qui nous éclaire,
Les seules peines de l'amour
Font sa douleur et sa misère.

Bien loin de ces grands criminels,
Dont le sort est si déplorable,
Bien loin de ces feux eternels
Dont le ciel punit un coupable,

Philis n'a pour tout rigueur
Que le supplice de sa flamme,
Et rien qu'une triste langueur
Ne consume cette belle âme.

Tantôt elle veut retenir
L'image des choses passées,
Et le plus tendre souvenir
Entretient ses molles pensées ;

Tantôt, excitant ses désirs,
Son âme encore voluptueuse,

Qui soupire aprés les plaisirs,
S'attache à quelque ombre amoureuse.

Dans ses inutiles desseins,
Elle va chercher une bouche,
Elle pense trouver des mains,
Et ne trouve rien qui la touche.

L'esprit veut imiter le corps,
Et parmi ces faux exercices,
Les dèsirs, qui sont ses efforts,
Aspirent aux mêmes délices:

Cependant elle aime toujours,
Son soin est se satisfaire,
Et la vigueur de ses amours,
De vouloir et de ne rien faire!

«Philis já não existe! Todos os seus attractivos, todas as nossas lagrimas, foram armas inuteis contra o rigor da morte!

«Os Amores estão de lucto aqui: a voluptuosidade, desolada, procura saber em torno do seu tumulo, para onde terá ido a sua alma.

«Ouvimol-a ás vezes gemer, como uma infeliz amante, que com uma voz magoada se queixa do mal que a tortura.

«Em regiões onde jámais brilhou o dia, longe do sol que nos illumina, só as penas do amor causam a sua dôr e miseria.

«Bem longe d'esses grandes criminosos, cuja sorte é verdadeiramente deploravel, longe d'esses fogos eternos com que o ceu pune os culpados.

«Philis não soffre outra pena, que não seja o supplicio do seu amoroso ardor. Apenas uma triste languidez consomme aquella alma tão bella!

«Umas vezes, quer reter a imagem das cousas passadas, e a mais doce recordação absorve os seus ternos pensamentos.

«Outras, excitando-lhe os proprios desejos, sua alma ainda voluptuosa, que suspira pelo prazer, abraça-se a um amoroso phantasma.

«Em tão inuteis desejos, procura beijar uns labios, julga encontrar a mão de um ente querido, e não encontra o que deseja.

«O espirito quer imitar o corpo, e n'estes falsos exercicios, os desejos, que são os seus esforços, aspiram a eguaes delicias.

«Ama ainda como amava, o seu desejo é saciar o fogo que a devora, e o vigor dos seus amores, é querer e não poder!

Apesar de milhares de curiosos terem visto Marion Delorme, exposta no leito mortuario com a sua corôa de virgem na cabeça (!) espalhou-se entre o povo o boato de que a famosa cortezã vivia ainda, e de que havia arranjado uma morte simulada para escapar aos seus credores, que desapiedadamente a perseguiam.

Tão absurda ballela encontrou pessoas credulas, que a acceitaram como coisa averiguada.

Pretendia-se que Marion, de accordo com os seus amigos, tinha feito en-

terrar um pedaço de madeira em vez do seu corpo, emquanto que se affastava de França com todo o dinheiro que pudéra realisar.

Segundo esta fabula que nem sequer tinha visos de probabilidade, Marion fôra fixar a sua residencia em Inglaterra com um nome supposto, casando até com um opulento lord, que a deixou viuva ao cabo de poucos annos, e senhora de uma fortuna immensa.

Posta em circulação similhante fabula, cada qual procurou augmentar-lhe novos pormenores, que a iam tornando cada vez mais inverosimil.

O maravilhoso chegou ao extremo de apresentar Marion Delorme viva ainda em meiados do seculo XVIII.

Dizia-se que regressara a França para contrahir segundo matrimonio, e que por fim morrera mais que centenaria.

Todas estas lendas foram recopiladas e contadas muito a serio por Benjamin de la Borde, primeiro ajudante de camara do rei, na *Carta de Marion Delorme aos auctores do Jornal de Paris,* em 1780.

Segundo a narrativa attribuida por Benjamim de la Borde á sua heroina macrobia, Marion Delorme, viuva do lord inglez e de regresso a França, foi assaltada por ladrões na estrada de Paris, em consequencia do que, veio a ser concubina do capitão da quadrilha.

Viuva e livre pela segunda vez, vemol-a, na novella de la Borde, casar com um procurador fiscal do Franche-Comté, chamado Lebrun.

Em 1682, volta a Paris, indo viver para o Marais não longe da sua antiga morada. Alli vê-se a braços com a maior penuria, vindo a fallecer em 1741, na edade de cento e trinta e quatro annos!

Em appoio d'esta veridica historia, Benjamin de la Borde apresentou uma certidão de obito, tirada dos registros da parochia de Saint-Paul, nos quaes se não tractava de Marion Delorme, mas sim de Maria Anna Oudette Greppin, viuva em terceiras nupcias de Lebrun, nascida em Giez, no Franche Comté, e fallecida em Paris, a 5 de janeiro de 1741, na edade de 134 annos. Esta pobre Marion, no dizer do seu biographo, havia encontrado em 1682 a sua rival Ninon de Lenclos tão velha e decrepita como ella, mas não se havia dado a conhecer para se não envergonhar dos estragos que o tempo havia causado na sua belleza.

Como Lais, não se atrevia a olhar-se a um espelho!

Pobre e abandonada, devia recordar-se com saudade da épocha em que tivéra a singular ideia de se fazer passar por morta, em que possuia ainda o valor de vinte e cinco mil escudos em roupas, como assegura Tallemant des Reaux.

Nós preferimos crêr que Marion morreu devéras em 1650, e que as extraordinarias aventuras, que depois se lhe attribuiram, não passaram de uma fabula inventada talvez por Ninon de Lenclos, e repetida pelas *boas linguas* da gente do sequito da não menos celebre e gentil cortezã!

Contámos anteriormente o casamento secreto de Marion Delorme com Cinq-Mars. O favorito de Luiz XIII devia em parte a sua fortuna ao cardeal de Richelieu, que tencionava casal-o com uma mulher da sua escolha.

Quando se espalhou a noticia do casamento do favorito com a cortezã, a colera do cardeal foi terrivel. Annullar o casamento, não era lá muito facil, visto que Marion resistia a todas as ordens do ministro. Houve entre ellas e Richelieu scenas violentissimas. O protegido levantou-se tambem contra o protector, e d'este principio de odio o trajecto não foi difficil até á conjuração fatal, cujo desenlace espantou a França.

Cinq-Mars foi executado em Lyon.

Marion, louca de dôr, só teve coragem para viver, alentada pela ideia da vingança. Quando o cardeal no leito de morte, havia recebido já os ultimos soccorros da Egreja, Marion Delorme entrou no quarto do moribundo, e n'esse momento solemne, a bella cortezã, como o anjo cahido, foi lançar-lhe em rosto os seus crimes, a sua hypocrisia odíosa, annunciando-lhe ao mesmo tempo que o aguardavam na outra vida os mais terriveis e espantosos castigos.

Foi uma vingança verdadeiramente espantosa, e que escriptores contemporaneos archivaram como um traço da energia de caracter da famosa cortezã.

CAPITULO XIV

SUMMARIO

Ninon de Lenclos, cortezã grega do seculo XVII. —Parallelo entre Ninon e Marion.—A infancia da menina de Lenclos.—Sua educação.—Seu retrato.—Seus primeiros amantes : o cardeal de Richelieu, Saint-Étienne, Baray —O que deve pensar-se do seu desinteresse.—Pessoas que a sustentavam : o presidente Coulon e o conde d'Aubijoux.—Etymologia de Ninon.—Como ella amava.—Viagem a Lyon.—Villars-Orondate e Perrachon.—Os *pagãos*, os *martyres* e os *favoritos*.—As ceias e os concertos de Ninon.—Versos de Saint-Évremond.—Ninon e a senhora Paget.—A philosophia de Epicuro.—Lista dos amigos e amantes da cortezã.—Chapelle despedido e suas canções.—Versos de um erudito hollandez.—Outros pagãos : Rambouillet, Fourreau e Moreau.—Os amantes e os caprichos.—Miossens e o conde de Chatillon.—O cavalheiro de Méré.—Aventura do senhor de Navailles.—O brilho dos olhos de Ninon.—Intriga contra ella.—A ordem de prisão.—Ninon nas Madelonnettes.—Mudança de vida da cortezã.—A casa amarella.—O bilhete de la Chatre.—Villarceaux.—Os filhos de Ninon.—Seus ultimos amantes.—Rehabilitação da cortezã.—Sua morte.



INON de Lenclos, mais do que Marion Delorme, sua contemporanea e sua rival, foi uma verdadeira cortezã grega em plena sociedade franceza do seculo XVII.

A amiga de Saint-Évremond e da senhora Scarron haveria renovado em França a brilhante épocha das cortezãs de Athenas, se esta moderna Aspasia tivesse encontrado em torno de si algumas dezenas de mulheres formosas e cheias de espirito, que lhe ouvissem as licções, seguissem os exemplos e a reconhecessem como rainha.

Cousa extranha, porém! Ninon, rodeiada de uma especie de culto pelos homens mais considerados e mais distinctos, só encontrou animadversão e desdens da parte do seu sexo, e nem sequer poude formar uma discipula digna d'ella.

Algumas mulheres que arrostaram os improperios da opinião para a verem e manterem relações com ella, por causa do seu espirito encantador e do seu excellente coração, tiveram só o valor de deitar um veu sobre os seus caprichos em favor da sua *honestidade*, quer dizer da sua educação aprimorada, que fazia até certo ponto esquecer o escandalo da sua vida licenciosa.

Por isso, costumava tolerar-se á Lenclos um sem numero de irregularidades de conducta e de audacias de libertinagem, que teriam deshonrado outra qualquer.

De resto, á sua louca e prodiga juventude succedeu uma outra phase

cheia de bom senso e de bom gosto, durante a qual a cortezã desappareceu gradualmente para dar logar á philosopha.

Ninon teve a gloria de prolongar, mais talvez que todas as mulheres, o reinado da sua belleza e a edade dos seus amores.

Amou e foi amada, quando havia completado já os seus oitenta annos!

Ninon e Marion caracterisam de uma maneira notavel os dois typos mais salientes da grande cortezã.

Dreux du Radier fez a respeito d'ellas um engenhoso parallelo, que põe em relevo as suas qualidades e os seus defeitos reciprocos.

Este parallelo interessa-nos sobremaneira, por isso que nos demonstra o que chegariam a ser as grandes cortezãs francezas, se a moda do seculo não as tivesse convertido em *Précieuses:*

«O genio de Ninon era vasto, elevado, nobre, n'uma palavra, o de um verdadeiro philosopho. Marion era apenas viva, espirituosa e divertida.

«A primeira havia creado um systema e raciocinava até mesmo nos braços da voluptuosidade. A segunda deixava-se arrastar apenas pelo seu temperamento.

«Em Ninon, o espirito guiava o sentimento: em Marion, o sentimento era o guia do espirito.

«Os encantos de Marion seduziam, mas qualquer conseguia libertar-se d'elles por meio da reflexão, e quanto mais se reflectia no merito de Ninon, menos disposição havia para qualquer se separar d'ella.

«As infidelidades de Marion entristeciam e affastavam os amantes; Ninon era infiel com tanta delicadeza, que até nem havia coragem para a censurar.

«Ninguem se teria apaixonado de Marion, se não tivesse sido tão bella; era este o seu merito principal. Em Ninon, a belleza era uma coisa secundaria, e mesmo sem ella, teria creado em volta de si uma côrte de adoradores.

«Esqueciam-se quasi os seus encantos em favor do seu espirito, do seu caracter, e da sua conversação. Em Marion, porém, não se via outra cousa senão uma creatura encantadora, que tinha espirito e bom humor, porque era bella.

«Um homem sensato podia amar Ninon, sem paixão; bastava passar, a seu lado, para se lhe prestar homenagem.

«A Marion, porém, só a amavam, porque era joven e formosa, e junto d'ella esquecia-se a sensatez e a philosophia.

«A natureza devia ter esgotado os seus recursos para crear o rosto de Marion Delorme.

«Ninon, menos bella que a sua rival, abundava apenas nos dotes de caracter e do espirito.

«Accrescentemos, como ultima pincelada ao seu retrato, que uma d'ellas era, com excepção do comportamento decente que se exige ao seu sexo, o que todas as mulheres deviam ser, e a outra o que ellas costumam ser, quando se nos mostram amaveis e galanteadoras.»

(V. *Recreações historicas*, etc. etc.)

Estes dois retratos, tão finamente delineados, apesar do estylo do auctor

deixar bastante a desejar pelo que respeita á elegancia e á exactidão da expressão, dão-nos a conhecer e a apreciar Marion e Ninon, muito melhor que todas as biographias novellescas, que a seu respeito se tem escripto, e que nol-as apresentam sob um falso prisma.

Dreux du Radier, ao pintal-as, segundo o testemunho dos seus admiradores, lembrou-se sem duvida de Aspasia e de Leontium.

Anna de Lenclos, nascida em Paris, a 15 de maio de 1616, era filha de um bom fidalgo da Turenne, que não tinha fortuna, apesar de ter casado com uma tal senhora de Ranconis, cuja familia possuia alguns bens no Orléanais.

Este fidalgo foi aggregado á casa d'Elbeuf, e como fosse um habil tocador de alaúde, chegou a imaginar-se que era esta a sua profissão.

A verdade, porém, é que era um valente official que se viu obrigado a sahir de França, depois de um duello com o marquez de Chabans, ao qual feriu mortalmente, por inadvertencia, no momento em que se punha em guarda.

Tivera, no emtanto, tempo de cuidar da educação de sua filha, ensinando-lhe não só a tocar alaúde com tanta perfeição como elle proprio, mas fazendo-lhe além d'isso lêr os grandes escriptores e principalmente Montaigne e Scarron, que foram os mestres d'aquella esperançosa discipula.

O senhor de Lenclos fôra sempre um philosopho epicurista, que a respeito de principios de moral, se presava unicamente de ter probidade. Foi por isso que o seu empenho durante a educação de sua filha se limitou apenas a fazer d'ella, como elle mesmo dizia—«um homem de bem.»

As ultimas palavras que lhe dirigiu antes de morrer deveriam ter influido gravemente na vida da bella philosopha:

«Approxima-te, Ninon, disse-lhe elle. Vês bem que tudo quanto me resta n'este momento, é a triste recordação dos prazeres que me abandonam. A sua posse não foi para mim de larga duração, e é a unica cousa de que tenho de queixar-me para com a natureza. Mas, ai! inuteis são os meus tormentos! Tu, que me sobrevives, approveita esse tempo precioso, e nunca sejas escrupulosa, quanto ao numero, mas sim quanto á escolha dos teus prazeres!»

Estas palavras, algum tanto levianas e impudentes, que não recordam muito as de Socrates moribundo, pertencem provavelmente ao historiador que foi o primeiro a cital-as.

Ainda assim, é de notar que o discurso paterno não incitava Ninon a entregar-se á prostituição propriamente dita, visto que lhe aconselhava unicamente que tivesse o maximo escrupulo na escolha dos seus prazeres.

Tal era certamente a theoria das cortezãs gregas.

Mais sensatos e prudentes foram os conselhos que a joven Lenclos recebeu de sua mãe, que a levava todos os dias á egreja, emquanto que ella ia alli apenas para reler e meditar os celebres *Essais*, de Montaigne, mesmo na presença de madame Lenclos, sem que esta boa senhora suspeitasse quaes eram as orações, que sua filha devorava com tanto interesse, em vez de ouvir o sermão.

Durante o desterro do senhor de Lenclos, a creança fez-se mulher. Contava quatorze annos, quando seu pae obteve permissão de voltar a França,

onde no anno seguinte morreu, ficando a joven só com sua mãe, que tinha immensa vontade de a casar, apesar da sua curta edade, para a salvar do seu proprio temperamento.

Não poude infelizmente levar a cabo o seu plano, ao qual a parte interessada se prestava de muito mau grado.

Não era o matrimonio a vocação da discipula de Montaigne.

Tallemant des Reaux affirma que a menina de Lenclos «nunca foi um prodigio de belleza, mas possuia muitos encantos, e como tinha viveza de engenho, tocava magistralmente o alaúde e dançava admiravelmente. As damas da visinhança, no Marais, desejavam tel-a sempre em sua companhia.»

Devemos suppôr, apesar d'isso, que os encantos d'aquella moderna Aspasia, que não teve menos amantes que a primeira, tiveram tanto prestigio e poderio como os das beldades mais perfeitas e incontestaveis.

Crêmos, pois, que Walckenaer tinha diante dos olhos um bom retrato, copia do natural, quando traçou, nas suas *Memorias relativas á vida e aos escriptos da senhora de Sévigné,* este delicioso *croquis*, que parece haver-se reflectido na imaginação de um amante:

«Era de estatura bastante alta, sem peccar por excesso; havia uma rigorosa proporção em todas as partes do seu corpo. A perna, deliciosamente torneada, a mão pequena e aristocratica. O braço, o pescoço, o collo e o seio, admiraveis pelos graciosos contornos. A pelle branca, de uma tez ligeiramente rosada.

«A cabeça apresentava um ovulo regular, o cabello era castanho escuro. Tinha as sobrancellas negras, separadas por largas e sedosas pestanas, que modificavam suavemente o brilho dos olhos formosissimos.

«O nariz e a barba, perfeitamente modelados, estavam em harmonia com o resto. Os labios vermelhos, algum tanto pronunciados, e os dentes do mais precioso esmalte, dispostos com admiravel symetria, davam-lhe á bocca e ao sorriso indisiveis attractivos.

«A sua physionomia era ao mesmo tempo aberta, fina, terna e animada.

«Quando cousa alguma a impressionava, parecia fria e indolente. Ao menor pretexto, porém, que lhe fizesse sahir a alma d'aquelle estado de repouso, tão necessario á multiplicidade das suas emoções, operava-se uma indescriptivel transformação em todo o ser d'aquella mulher encantadora. Lia-se-lhe o ardor da paixão na physionomia, a voz penetrava nos corações. A graça dos seus gestos e attitudes, a expressão do olhar, tudo n'ella encantava os sentidos e excitava o ardor da paixão.»

Walckenaer cita, como auctoridades incontestaveis, Tallemant des Reaux, que segundo vimos, não se deu ao incommodo de traçar minuciosamente o retrato de Ninon, e Douxmesnil, que nas sua *Memorias e cartas para servirem para a historia de Ninon de Lenclos,* não escreveu talvez senão uma agradavel novella.

Conservam-se ainda varios retratos pintados e gravados, que nos representam Ninon, tal como Walckenaer a pretendeu ver nas cartas de Madame de Sévigné e de Saint-Evremond. Quanto ao esplendor do seu talento, á extensão

da sua cultura litteraria, á nobreza dos seus sentimentos, á excellencia do seu coração, todos os escriptores que se tem occupado d'ella são concordes em reconhecer e admirar essas qualidades, que não se tinham tornado a encontrar n'uma cortezã depois do seculo de Pericles.

Assim, Saint-Evremond, cuja opinião gosava de tamanho credito entre a sociedade elegante do seu tempo, não hesitou em escrever estes versos ao pé do retrato da sua divindade:

L'indulgente et sage Nature
A formé le cœur de Ninon
De la volupté d'Épicure
Et de la vertu de Caton.

Valtaire, que na sua infancia foi levado a casa de Ninon, a esse tempo nonagenaria, e que poude colligir a tradicção dos proprios labios dos antigos amigos d'aquella illustre cortezã, diz positivamente, na sua qualidade de historiador, que o cardeal de Richelieu obteve os primeiros favores de Ninon, a qual, por sua vez obteve tudo quanto quiz d'aquelle grande ministro...

E accrescenta:

«Creio que foi esta a ultima vez em que aquella mulher celebre se entregou sem consultar as suas predilecções. Contava então dezeseis a desesete annos.

«Seu pae era um tocador de alaúde, chamado Lenclos, a quem esta habilidade não produziu grande cousa. A filha foi mais feliz. O cardeal de Richelieu estabeleceu-lhe duas mil libras de renda vitalicia, o que era alguma cousa n'aquelle tempo.»

Tallemant des Reaux, ao passo que observa com a sua habitual exactidão que o cardeal teve tambem a sua hora na vida gelante de Ninon, não admitte que a celebre cortezã esperasse a edade de dezeseis annos para se dar e não para se vender.

«Saint-Etienne foi o primeiro que a requestou. Tinha grande liberdade na casa. A mãe esperava que elle casasse com Ninon, mas por fim as sua res-lações acabaram, segundo se affirma, sem que a pequena fosse deshonrada.»

Legrais, nas suas *Memorias e Anecdotas,* diz que Saint-Etienne estava encarregado de levar a Ninon os bilhetes amorosos do cardeal, operando, porém, por sua propria conta, ao desenpenhar o papel de embaixador galante.

Ninon estava guardada á vista por sua mãe, que sabia perfeitamente de quanto a filha era capaz, e esta sujeição violentava-a.

Um dia vê passar na rua o seu amante. Desce a escada, n'um abrir e fechar de olhos, abre a porta-cocheira, e entabola inmediatamente com elle saborosa pratica.

Approxima-se d'elles um mendigo, e começa a importunal-os. O galan esforça-se por affastal-o d'alli, o mendigo obstina-se em pedir. Ninon não tinha n'aquelle momento dinheiro consigo, mas tinha na mão um lenço ricamente bordado.

—«Deixa-nos em paz!» diz ella dando-o de esmola ao pobre.

Fica plenamente provado que Ninon tinha já uma experiencia consummada, quando foi induzida, mais por orgulho e curiosidade do que por interesse, a incluir na lista das suas conquistas o cardeal-ministro.

O conde de Chavagnac affirma, porém, nas suas memorias (V. o capitulo antecedente) que Ninon de Lenclos recusara 50:000 escudos, que lhe foram offerecidos por Marion Delorme, em nome do cardeal.

O motivo allegado por Ninon, para explicar a sua recusa, foram as suas relações com um conselheiro do parlamento a quem amava, na opinião do conde de Chavagnac.

Pretendeu-se que Ninon jámais tivera dois amantes ao mesmo tempo. Tallemant sustentava o contrario, embora se arrisque a perder a reputação de imparcialidade, que a maioria dos biographos de Ninon se empenhou em attribuir-lhe.

Se dermos credito a Tallemant, Ninon teve constantemente, pelo menos durante oito ou nove annos, dois *tenants*, tal era o nome que se dava aos amantes effectivos de uma cortezã, por uma expressão delicada que recorda os torneios da antiga cavallaria. Estes effectivos occorriam a todas as suas despezas, sem impedirem, nem estorvarem os seus amores ou os seus caprichos.

O primeiro d'estes *tenants* era o conselheiro do parlamento, a quem allude nas suas *Memorias* o conde de Chavagnac.

Chamava-se Coulon, era homem rico e muito generoso, e dizia-se que havia estipulado esse vergonhoso contracto com a propria mãe da menina de Lenclos. Chegava-se até mesmo a citar o sitio onde o ajuste se realisára.

Tallemant des Reaux assegura que fora em Mesnil-Cornuel, terra que pertencia ao presidente Cornuel.

«A senhora de Coulon, accrescenta Tallemant, que, segundo parece, estava bem informada, descobriu tudo. Desde então todas as mulheres honradas, ou tidas como taes, abandonaram Ninon e deixaram de a vêr.

«Coulon deitou fóra a mascara e amancebou-se descaradamente com ella. Dava-lhe quinhentas libras por mez, continuando assim até 1650, durante oito ou nove annos, não obstante algumas desavenças que houve entre elles durante este periodo. Pouco tempo depois, Aubijoux associou-se com Coulon, contribuindo para as despezas com a quota previamente combinada.»

Ninon tomava amantes, deixava-os e tomava outros novos, mas apesar de tudo, «a subvenção de Coulon continuava a correr.»

Temos de confessar que Ninon, com este comportamento, collocava-se ao nivel das mulheres vulgares, sustentadas por sujeitos ricos, moda a esse tempo muito vulgarisada, e que pela maior parte sahiam ainda mais da nobreza do que da classe media. Ninon sobresahia, porém, em tão humilhante condição pela altaneria e independencia do seu caracter, pela delicadeza das suas maneiras, pelos seus sentimentos e pela distincção do seu tracto.

Rodeiavam-na e prostravam-se diante d'ella os personagens mais illustres. Tinha uma verdadeira côrte, que não admittia nas suas fileiras senão a fina flôr da côrte de Saint-Germain. N'uma palavra, concediam-se-lhes incessantes homenagens e adorações, como rainha da belleza, da graça, do espirito e do coração.

«Era a moderna Leontium, diz Walckenaer, nas *Memorias da senhora de Sévigné*. Na sua juventude brilhante e desordenada, é para os seus immensos adoradores *a encantadora Ninon*, mas pouco a pouco, especialmente para a senhora de Sévigné, para a senhora de Longueville e para as damas de alto cothurno e especialmente para o gazetilheiro Loret, seu parente e seu écho (*Musa Historica*, lib. II, p. 14) é a *Ninon*, a *perigosa Ninon*, *Ninon*, a *cortezã*.»

A historia esqueceu-se de nos dizer como Anna de Lenclos veio a chamar-se Ninon. Devemos suppor que foi uma transformação familiar do seu nome de baptismo, e que na sua infancia, seus paes lhe chamariam assim, mudando *Anna* em *Nanina* e successivamente *Nanina* em *Ninon*, como de *Maria* se havia feito *Marion Delorme*.

Lêmos tambem a este respeito n'uma compilação de anecdotas, que tendo a Lenclos formulado o axioma de que no amor nunca se devia dizer *nem sim, nem não (ni oui, ni non)* o axioma déra origem á alcunha que lhe foi dada, e que recordava esta sua interessantissima theoria do amor.

Esta theoria era digna de ter sido imaginada e professada por uma cortezã grega.

«Considerava apenas o amor como uma necessidade dos nossos sentidos, á qual a natureza concedeu o mais vivo de todos os prazeres, só para nos privar da vontade de lhe resistir.

«Segundo ella, esta necessidade não produz em nós senão uma cega sympathia, que nem se funda em merecimento algum do objecto amado, nem obriga ao menor reconhecimento.»

O abbade de Chateauneuf, que expoz esta galante theoria de Ninon, no seu *Dialogo sobre a musica dos antigos*, ouviu-a dos labios da nossa philosopha, com quem teve grande intimidade na sua velhice.

«Entregue a si propria desde a edade de quinze annos, accrescenta Walckenaer, depois de ter citado o precioso testemunho do abbade de Chateauneuf, o seu ardente temperamento fez d'esta licenciosa doutrina uma necessidade, e o grau de intensidade com que esta necessidade pesou sobre a sua vida inteira explica bem as phases de Ninon, nos tres periodos de que tanto se tem fallado.

«No primeiro, vemol-a dominada pelos desejos; no segundo, entra em transacção com esses desejos, e no terceiro livra-se completamente d'elles.»

Inteiramente, não, porisso que teve amantes, depois de completar os oitenta annos.

De resto, nunca foi escrupulosa, quanto ao numero dos amantes, sendo, porém, de uma delicadeza difficil em extremo na escolha d'elles.

Tudo o que pertencia ao vulgo, tudo quanto se affastava da fina galanteria e da *bella honestidade*, só lhe causava asco e repugnancia.

Em consequencia de uma viagem que fez a Lyon em 1648, contando por essa épocha trinta e dois annos, originou-se a sua philosophia amorosa.

Já na mesma cidade tivera tido occasião de a pôr em pratica, visto que «um advogado da localidade, chamado Perrachon, namorado d'ella, supplicou-lhe a graça de a vêr algumas vezes, e presenteou-a com uma casa no va-

lor de oitenta mil escudos, mas, como depois pretendesse certas cousas que ella não quiz conceder-lhe, uma manhã, o que é prova evidente do seu desinteresse, restituiu-lhe o donativo.»

Tallemant des Reaux, que nos conta este episodio da viagem a Lyon, não soube explicar a causa d'ella, apesar de Ninon a attribuir á sua paixão por Villars, conhecido por *Orondate,* na sociedade das *Précieuses,* e mais tarde embaixador em Hespanha.

Ninon fez a jornada pela posta, como um correio, vestida de homem, e não logrou apanhar Villars, que parecia fugir d'ella.

Esteve quasi sempre encerrada, emquanto permaneceu em Lyon, e chegou mesmo a entrar n'um convento, para ter o direito de não receber pessoa alguma. O convento, porém, não poude livral-a das visitas do cardeal de Lyon, que estava namorado d'ella e do seu genio alegre, chegando a fazer por sua causa algumas loucuras, loucuras, que Tallemant não especialisa.

Espalhara-se em Paris o boato de que Ninon de Lenclos havia emprehendido aquella viagem de Lyon para se curar secretamente de *certa doença,* que lhe proviéra de uma aventura escandalosa.

«Quando regressou, resolveu não se entregar senão a quem lhe cahisse em graça. N'estes casos, era ella a primeira a declarar-se aos escolhidos, verbalmente ou por escripto.»

Até essa épocha o numero dos seus amantes não tivera conta.

Quando estava cansada de um amante, refere Tallemant, dizia-lhe com toda a franqueza:

—«Acabou-se! Não estou para mais, procure fortuna n'outra parte!»

Os seus amantes dividiam-se em tres classes: Os *pagãos,* dos quaes não fazia grande caso, e a quem soffria unicamente, emquanto precisava dos meios necessarios para poder passar sem elles, os *martyres* e os *favoritos.*

Os martyres alimentavam-se de illusões, esperavam o *capricho* de Ninon, sem que elle jamais chegasse, mas nem por isso perdiam a coragem, por isso que sabiam quanto ella era caprichosa, e quando menos, gosavam com ella o prazer de a verem e ouvirem.

«Um dia, em Rambouillet, Ninon exclamou:

—«Digam-me uma cousa: Fulano é bonito? Eu preciso hoje de um homem!»

«E ainda assim fazia *la petite chose* com todas as cautellas. Nunca abusava demasiado, e rarissimas vezes se arriscava a ficar gravida.»

Além dos *pagãos* e *martyres,* tinha sempre para os seus pequenos prazeres um favorito, mas não tardava em dar-lhe um successor.

«Durante a sua paixão, ninguem a conhecia senão o favorito. Verdade seja que concorriam muitos outros homens a sua casa, mas tudo se reduzia a conversação e algumas vezes a uma ceia.»

As paixões mais prolongadas da cortezã duravam tres mezes.

Tallemant diz que a casa de Ninon estava perfeitamente mobilada. Não tinha equipagem, a não ser a dos seus amantes e amigos. Póde presumir-se que não precisava d'ella, porque na maior parte das vezes contentava-se com uma cadeirinha, muito elegante, com creados de libré.

Os melhores e mais distinctos talentos do reino visitavam-na, diz Voltaire, e como ella não era rica, permittia que cada qual levasse o seu prato.

«Era uma especie de pic-nic entre pessoas de elevada gerarchia, e cada convidado levava um prato, de maneira que a mesa era fornecida ao acaso e apresentava um mixto de differentes cosinhas.»

A conversação scintillante de espirito fazia as honras d'aquellas ceias encantadoras, que muitas vezes se prolongavam até muito tarde.

Era alli que Ninon pronunciava os seus discursos como uma deusa, e dictava leis como uma soberana. E' pena que Saint-Evremond, Charleval, ou qualquer outro dos convivas habituaes das ceias de Ninon, não tivesse recolhido religiosamente todas as phrases engenhosas, finas e alegres, que brotavam dos seus labios.

Acontecia ás vezes, que, tendo rompido as suas relações com um amante de manhã, tomava um novo favorito n'essa mesma noite, e este ultimo não encontrava a menor difficuldade em ceiar ao lado do seu predecessor, porquanto Ninon, ao renunciar a um amante, tinha empenho em conserval-o como amigo, e todos estes amigos, crysalidas de antigos amantes, compunham a sua sociedade habitual, «de maneira que aquella mulher encantadora, diz Valkenaer, sabia captivar com o attractivo da sua conversação, tal era o poderio exercido sobre quantos com ella tractavam.»

Dizia que em toda a sua vida nunca dirigira a Deus, senão esta supplica:

—«Meu Deus! Fazei de mim um *homem honrado,* mas não me façais nunca uma mulher honrada!»

Não julgava menos necessaria a amisade que o amor, e cultivava-a com paixão.

Assim o declara Saint-Evremond, nos seguintes versos, que fazem o retrato moral de Ninon:

Dans vos amours on vous trouvoit legère,
En amitié toujours pure et sincère;
Pour vos amants les humeurs de Vénus,
Pour vos amis les solides vertus.
Quand les premiers vous nomoient infidèle,
Et qu'asservis encore à votre loi,
Ils reprochoient une flamme nouvelle,
Les autres se louoient de votre bonne foi.

Tantôt, c'étoit le naturel d'Hélène,
Ses appetits, comme tous ses appas;
Tantot, c'étoit la probité romaine,
C'étoit honneur, la régle et le compas.
Dans un couvent, en sœur dépositaïre,
Vous auriez bien ménagé quelque affaire,
Et dans le monde, à garder les depôts,
Ou vous êut justement préférée aux dévots.

«Nos amores achavam-vos leviana, e na amisade sempre firme e sincera. Para vossos amantes os caprichos de Venus, para os vossos amigos solidas virtudes.

«Quando os primeiros vos accusavam de infiel, e sujeitos ainda ao vosso poder vos lançavam em rosto a vossa nova paixão, os segundos congratulavam-se da vossa boa fé.

«Uma, vez, julgavam-nos uma nova Helena com eguaes appetites e com os mesmos attractivos. Outras, dotada de uma probidade, romana tudo em vós era honra, regra e compasso. Soror depositaria n'um convento, é indubitavel que terieis levado a cabo algum negocio, e o mundo para guardar um deposito ter-vos-hia com justiça preferido aos devotos.»

Ninon era já velha, quando Saint-Evremond lhe escrevia de Londres, dizendo-lhe que a sua probidade, solidamente fundada, a tornára crédora com justo motivo do epitheto de *bella depositaria de cofres*.

D'onde provinha esta extravagante alcunha? De um rasgo de probidade de Ninon, succedido em 1661, e que bastante contribuiu para a rehabilitar na opinião do mundo, purificando-a até certo ponto da mancha original de cortezã.

Um amigo seu, o senhor de Gourville, achava-se gravemente compromettido na desgraça de Fouquet, e temendo ser enforcado em pessoa, como o fôra em effigie, resolveu não esperar que se pronunciasse a sentença.

Antes de fugir de França, deixou dois cofresinhos cheios de ouro, um a Ninon e outro a um falso devoto.

Era de presumir que não voltasse do desterro; não obstante, ao cabo de dez annos foi chamado pelo rei, que lhe perdoou o ter sido amigo de Fouquet.

Gourville foi visitar Ninon que lhe restituiu intacto o seu coffre, sem querer acceitar a menor parte do thesouro que encerrava.

Quanto ao outro cofre, o devoto depositario não o restituiu, pretextando haver empregado o seu conteúdo em esmolas pela salvação da alma de Gourville.

Esta aventura fez muito ruido na côrte, sendo desde essa épocha a formosa Ninon estimada e apreciada como o homem mais honrado.

Assim foi satisfeita a unica ambição da cortezã.

«A sua philosophia, diz Voltaire, era verdadeira, firme, invariavel, superior a preoccupações ou investigações vãs.»

Tanto se assimilhava á de Epicuro a philosophia da cortezã, que os inimigos de Ninon a accusaram muitas vezes de atheismo.

O que é certo é que não se presava de uma grande devoção, e em sua casa nem em plena quaresma se observavam vigilias ou jejuns.

Succedeu na quaresma de 1651 um escandalo notavel a este respeito. Da janella da cortezã atiraram um osso de gallinha sobre um padre de Saint-Sulpice, que ia passando n'aquella occasião.

O padre foi queixar-se immediatamente ao seu parocho, o qual se dirigiu logo á presença do bailio de Saint-Germain-aux-Prés, porque Ninon morava a esse tempo na parochia de Saint-Sulpice.

Esta denuncia poderia ter acarretado graves desgostos a Ninon, se os seus amigos não se apressassem a pôr uma pedra sobre o caso.

Ninon era accusada, não só de comer carne na quaresma, mas tambem de ter permittido que dois homens se matassem em sua casa.

Esta segunda accusação, mais ridicula que a primeira, haveria originado um processo criminal, se os senhores de Candale e de Martenart não tivessem ido procurar o bailio, «que era um pandego», diz Tallemant, e lhes prometteu não inquietar a cortezã.

Apesar de ser accusada de atheismo, Ninon não deixava de ir ao sermão, embora não fosse senão para se exhibir e tornar-se notada. Ao que parece, não devia ser muito conhecida das damas de gerarchia, que assim se reuniam com ella, sem talvez darem por isso.

Um dia na egreja ficou perto da senhora Paget, mulher de um dos mais celebres *maîtres de requêtes*. Esta dama conversou largo tempo com ella, sem saber quem era, e ficou encantada da sua brilhante conversação. A senhora Paget voltou-se para um cavalheiro que estava junto d'ella, e perguntou-lhe quem era aquella dama, que tão discretamente sabia conversar.

—«É a senhora d'Argencourt, da Bretanha, disse o interpellado, um certo Dupin, thesoureiro da casa real. Uma nobre senhora, que veiu a Paris por causa de uma demanda!»

A senhora Paget voltou-se logo para Ninon, e disse-lhe:

—«Tem uma demanda, minha senhora? Porque não m'o tinha dito já? Póde contar commigo! Terei até o maior prazer em poder ser util a uma pessoa tão amavel e tão sympathica.»

Ninon, que para conter o riso estava mordendo os labios, deu á dama os mais sinceros agradecimentos pela sua amavel offerta, e vendo n'aquella occasião Bois-Robert, que a saudava de longe com o maior respeito, correspondeu ao cumprimento com uma leve inclinação de cabeça.

—«Conhece aquelle homem? perguntou a senhora Paget, muito admirada.»

—«Sim, minha senhora, sou sua visinha. Móro no arrabalde.»

—«Ah! exclamou a dama. Nunca lhe perdoarei ter-nos deixado por uma mulher indigna!»

—«Minha senhora, replicou maliciosamente Ninon, não se deve dar credito a tudo quanto se ouve. Talvez essa mulher não seja o que se diz. A calumnia não poupa ninguem, e o mesmo pode vociferar da senhora ou de mim!»

Acabado o sermão, as duas damas separaram-se com affabilidades e cumprimentos reciprocos.

Bois-Robert esperava a senhora Paget á porta do templo e felicitou-a por ter conversado tão affavelmente com Ninon de Lenclos...

A senhora Paget ficou envergonhada e furiosa. Não obstante, a tal ponto espirituosa tinha achado Ninon, que teve desejos de a tornar a ver e de fallar com ella outra vez ainda, embora já com conhecimento de causa.

A entrevista realisou-se no jardim do occulista Thevenin, e d'esta vez Ninon desenvolveu todas as seducções do seu espirito para fazer esquecer a pessima opinião que a seu respeito formulavam as mulheres, e ao mesmo tempo para deixar a senhora Paget subjugada sob o encanto da mais incondicional admiração.

«Confessa todas as tuas paixões, para fazeres valer todas as tuas virtudes.»

Docil a este conselho, Ninon nem sequer pretendia lançar um veu sobre as suas fraquezas.

Tallemant censura a tres dos seus amantes, Charleval, d'Elbène e Miossens, «o terem contribuido em alto grau para a tornarem libertina.»

Qualificando-a de libertina, Tallemant não quer dar a entender que houvesse libertinagem na sua conducta particular, mas sim nas suas ideias moraes e religiosas; *libertinagem,* segundo a accepção que o seculo XV dava a esta palavra, significava apenas irreligião e impiedade, resultantes dos desmandos da liberdade de pensar.

Tallemant explana em seguida em que consistia a libertinagem de Ninon:

«Ella sustenta que não ha mal algum em fazer o que faz. De ha muito que a sua profissão de fé é não acreditar em cousa alguma, e gaba-se de haver permanecido firme e inquebrantavel n'uma enfermidade que a levou ás portas da morte, e durante a qual, só para evitar escandalo, recebeu todos os sacramentos.

«Foram elles (Charleval, d'Elbène e Miossens), quem lhe infiltrou certa maneira de dizer e de apreciar as cousas á maneira dos philosophos. Lê apenas Montaigne e decide tudo, conforme lhe dá na cabeça.»

Aquella enfermidade, em que recebeu os sacramentos, sómente em attenção ás vozes do mundo, e para evitar escandalos, foi sem duvida a que lhe poz a vida em perigo, na edade de vinte e dois annos.

Voltaire cita uma phrase altamente philosophica e delicada, que a cortezã disse por essa épocha aos seus amigos, que deploravam vel-a sahir da vida na flôr da edade e no apogeu da sua belleza juvenil:

— «Meus amigos, consola-me a ideia de que vou morrer, quando vejo que só deixo na terra moribundos!»

Montaigne não teria dito melhor.

Seria difficil distinguir hoje entre os homens que frequentavam a casa de Ninon quaes eram os seus amantes ou os seus amigos. A lista d'estes ultimos é talvez tão numerosa como a dos primeiros.

Entre uns e outros, basta citar os mais conhecidos e nomear o duque d'Enghien, que foi depois o grande Condé; o conde de Miossens, que foi mais tarde o marechal d'Albret; o conde de Palluau, ao diante marechal de Clerambault; o marquez de Crequi; o commendador de Souvré; o marquez de Vardes; o marquez de Souvré; o conde de Guiche; o duque de Candale; o conde de Chatillon; o principe de Marsillac: o conde de Navailles e cem outros.

Provavelmente nem todos os amigos citados haviam percorrido os differentes graus dos favores de Ninon, mas *favoritos ou martyres,* eram sempre bem vindos em casa d'aquella sereia, que estabelecia uma especie de egualdade amavel entre os membros da sua sociedade intima.

«Sabe fazer-se respeitar de todos os que a visitam, diz Tallemant, e não toleraria que o mais empavezado personagem escarnecesse de qualquer das suas visitas, fosse qual fosse a sua condição.»

Ainda que os seus costumes nada offerecessem de exemplar, cousa que nenhum empenho tinha em occultar, mostrava-se apesar d'isso muito severa, pelo que respeitava ás conveniencias, e exigia que o seu salão fosse tão decente como o das mais refinadas *Précieuses*.

Não podia tolerar, por exemplo, as faltas de educação. Os entes grosseiros, os ébrios e os cynicos causavam-lhe horror. Viu-se obrigada a affastar de sua casa, bem a seu pesar, o poeta Chapelle, a quem amava e apreciava pelo seu talento, porque se apresentava nos seus salões bebado e com os trajos em completo desalinho, ao sahir d'alguma orgia de taberna.

Ninon, antes de o excluir das suas reuniões, procurára, mas em vão, corrigil-o do seu vergonhoso defeito.

A expulsão feriu vivamente Chapelle, que para se vingar jurou que durante um mez inteiro não se deitaria uma só noite sem estar bebado a cahir, e sem ter escripto uma canção contra Ninon.

O poeta cumpriu a sua palavra e eis uma das coplas, que nos permitte facilmente calcular o que seriam as outras:

Il ne faut pas qu'on s'étonne,
Si toujours elle raisonne
De la sublime vertu,
Dont Platon fut revetu;
Car, à bien compter son âge,
Elle doit avoir f...
Avec ce grand personage.

«Não devemos admirar-nos de a ouvirmos constantemente raciocinar ácerca da sublime virtude que revestia Platão, por isso que, attendendo bem á sua edade, ella podia muito bem ter... com aquelle grande personagem.»

Quando alguem foi apresentar esta insolente canção a Ninon de Lenclos, ella achou-a bem feita e com muita graça, embora peccasse pela torpeza da linguagem do auctor, e accrescentou tranquillamente:

— «De resto, eu gostaria immensamente mais de me deitar com Platão do que com Chapelle!»

Ninon, apesar de ter perdido, por causa d'este incidente, um dos seus poetas, ficou ainda com vinte outros: Saint-Evremond, Charleval, La Menardière, etc., cujas musas não cessavam de cantar os seus louvores.

Bastava vel-a e ouvil-a para qualquer pessoa se sentir presa e fascinada dos seus encantos. Nem os proprios anciãos podiam evitar o enamorarem-se da cortezã e os sabios metamorphoseavam-se de repente, ao fallar com ella, em poetas galantes e enamorados.

O grande astronomo Huyghens, que tinha vindo a França, unicamente com o fim de observar os astros, esqueceu as constellações por Ninon de Lenclos, e desceu das celestes alturas até aos pés d'aquella maravilha da natureza.

Um dia ouviu-lhe tocar alaúde e cravo. Enthusiasmado de todo pela bella, o astronomo offereceu-lhe os seguintes versos, que Voltaire qualifica de algum tanto geometricos:

Elle a cinq instruments, dont je suis amoureux,
Les deux premiers ses mains, les deux autres ses yeux.
Pour le dernier de tous, et cinquième qui reste,
Il faut être galant et leste.

«Ella tem cinco instrumentos, de que me confesso apaixonado; os dois primeiros, as mãos, os outros dois, os olhos. Para o outro que resta, o quinto instrumento, é preciso ser vivo e lesto.»

Este singular improviso, que o enthusiasmo havia inspirado ao illustre estrangeiro, Ninon só o perdoaria a um mathematico e a um hollandez. Acceitou-o, como se fôra digno de Charleval, e recompensou, segundo dizem, Huyghens, que sem ser bonito, era no emtanto «*vivo e lesto.*»

Tallemant des Reaux cita nas suas *Historietas,* decerto como simples amostra, alguns dos amores de Ninon. Mas, ao passo que elogia o desinteresse da bella, compraz-se em levantar o veu que encobre a origem dos seus rendimentos.

Além do presidente Coulon e do conde d'Aubijoux, que elle nos mostra muito cuidadosos em compartilhar o direito de occorrer ás despezas de Ninon, cita varios outros *pagaõs* que forneciam as despezas extraordinarias.

Vemos em primeiro logar Vassé, successor de Rambouillet, como *capricho*, o qual d'ahi a pouco teve de descer para a cathegoria dos *pagaõs.*

«Ninon recebia d'este, porque era rico, diz Tallemant, e não deixou de continuar a pagar, ainda que o seu tempo havia passado, mas como Coulon e Aubijoux, não tinha *relações* com ella, senão quando a bella estava de muito bom humor.»

Em seguida, vem Fourreau, gordo mocetão, que não tinha outro talento senão o de ser *conhecedor de carnes* (talento singular!) Este era, como se dissessemos o banqueiro de Ninon. A cortezã saccava contra elle letras de cambio, que começavam: *O senhor Fourreau pagará*, etc. etc.

Fóra d'isto, tractava-o com o maior desprezo, até ao ponto de chegar a dizer d'elle que não era homem, mas sim cavallo.

«Suppõe-se que Fourreau não conseguiria muito d'ella,» diz Tallemant.

O presidente Coulon foi o primeiro a cansar-se de pagar por todo o mundo. Em 1650, rompeu as suas relações com Ninon, a qual, depois da ruptura, deixou o Marais para transferir a sua residencia para perto do conde d'Aubijoux, que morava no arrabalde de Saint-Germain.

Apesar d'isso, Aubijoux não foi o unico a pagar as despezas da nova installação.

Um joven, quasi imberbe, filho do intendente de policia Moreau, havia mettido requerimento para herdar os encargos e os privilegios que o presidente Coulon deixára vagos.

O rapaz estava furiosamente apaixonado de Ninon.

«Apresentava-se diante d'ella como diante de uma rainha, diz Tallemant, pagava, mas não se sabe se dormia com ella.»

Sabia-se apenas que havia correspondencia entre elles, e póde muito bem ser que o apaixonado donzel nunca obtivesse outra boa fortuna senão a de re-

ceber as cartas da sua amada, que tinha fama de saber escrever tão agradavelmente, como fazia tudo o mais.

«Nas suas cartas, diz Tallemant, ha fogo, mas carecem de ordem e de bom senso.»

Saint-Evremond fez imprimir algumas d'ellas nas suas obras, mas é de presumir que não escolhesse as melhores para não prejudicar as suas.

Fossem quaes fossem as prerogativas concedidas aos seus *pagaõs*, o que a astuta cortezã não confessava, como fazia a respeito dos seus amantes, temos de concordar que o caso se passava sempre com tanta decencia e mysterio, que Ninon nunca tinha a receiar um escandalo, e por conseguinte os seus amores vagabundos não se viam de modo algum embaraçados pelas suas transacções de prostituição clandestina.

Dos seus amantes fazia gala e ostentação, e não levava a mal que elles fizessem a mesma cousa a seu respeito, dentro dos limites da mais honesta galanteria, visto que a palavra *honesto* servia muitas vezes para encobrir o que estava longe de o ser.

Ninon, como já dissemos, não obedecia senão ao capricho nos seus amores multiplos e passageiros, bem como as cortezãs gregas ás quaes se prezava de imitar.

Um dia, Charleval, que a esse tempo era ainda *martyr,* pediu-lhe encarecidamente que puzesse termo áquelle estado de soffrimento em demasia prolongado. Ninon riu-se e respondeu:

—«Espere pelo meu capricho!»

Poucos dias depois, sentiu-se fatigada das suas relações com o marquez de Sévigné, relações que haviam durado tres mezes sem custarem ao marquez senão um annel de pouco valor, e escreveu ao conde de Rambouillet:

—«Creio que te amarei tres mezes, o que equivale ao infinito para Ninon.»

Charleval veio á noite, como costumava, e viu que Rambouillet occupava o throno em logar de Sévigné. O poeta approxima-se de Ninon, e diz-lhe ao ouvido em tom de gracejo:

—«Querida, ahi está um homem, que tem cara de ser um dos seus *caprichos!*»

Ninon gostou da phrase, e desde aquelle dia os seus amores passageiros foram denominados os seus *caprichos*. Ella propria usava espontaneamente esta expressão:

—«Estou no meu *vigessimo capricho,*» dizia, para designar o seu vigessimo amante.

Charleval teve tambem a sua vez, apesar da asserção em contrario de Tallemant, que pretende não ter este *primeiro martyr* de Ninon obtido jámais d'ella cousa alguma, assim como tambem Brancas.

Foi de curta duração esta phase das relações de Charleval com a cortezã. D'ahi a pouco o poeta voltava novamente ao seu primitivo posto de amigo de Ninon, e envelheceu sem obter nova promoção.

Quando morreu, na edade de setenta e tres annos, em 1693, Ninon escreveu a Saint-Evremond:

«Via-o todos os dias. A sua alma conservava todos os encantos da juventude, e o seu coração toda a bondade e toda a ternura, tão apreciaveis nos verdadeiros amigos.»

Valkenaer procurou estabelecer alguma ordem chronologica na serie dos amores interminaveis de Ninon. No ponto de vista em que nos estamos occupando aqui da famosa cortezã, é inutil, porém, entretermo-nos em esmerilhar obscuras questões de data.

De resto, como seria possivel chegar a saber com certeza, se Rambouillet precedeu a Marion, e se ao conde de Miossens succedeu o cavalheiro de Meré!

Estes dois ultimos não tiveram um reinado mais duradouro que os outros, mas em todo o caso cada um d'elles se distinguiu no trabalho, fazendo-a mãe.

Ninon havia subtrahido Miossens a Marion Delorme, e bem castigada ficou.

Disputou tambem a Marion Delorme o joven conde de Chatillon, mas este que não se distinguia pela sua constancia, deixou-a para voltar á sua primeira amante.

Ninon de Lenclos, que no dizer de Tallemant, «gostava mais de deixar os amantes do que estes a deixassem», não poude devorar aquella affronta, e não poupou meio algum para attrahir novamente o fugitivo, o qual se apressou d'ahi a pouco a deixar tambem.

As más linguas accusaram-na por essa épocha de empregar um processo, que não era lá muito conforme aos seus costumes, por isso que até então nunca fôra nem ciumenta nem vingativa.

Dizia-se que, seguindo o exemplo do marido da bella Ferronière, que tão funesto presente fizéra a Francisco I, Ninon «havia procurado contrahir um mal», para ter o prazer infernal de o communicar ao pobre Châtillon, que bem longe estava de esperar similhante presente.

No emtanto, apesar de Tallemant sustentar a verdade d'esta odiosa traição, pela nossa parte não podemos acreditál-a. Similhante vingança não podia de fórma alguma entrar nos calculos de uma cortezã, a qual, se é certo que expõe a miudo a saude, necessita demasiado d'ella, para a sacrificar assim com conhecimento de causa.

O reinado de Châtillon foi no emtanto mais brilhante que o dos seus predecessores, e Saint-Evremond chega até a dizer que, embora aquelle joven fidalgo tivesse tido um grande numero de *boas fortunas,* nunca soube o que era o amor até ao dia em que viu Ninon.

Pela sua parte, a cortezã, muito joven ainda na épocha d'estas relações, affirmava que, apesar do grande numero de amantes que até então tivera, não conhecera o amor até que o conde de Châtillon se lhe déra a conhecer, como diz Saint-Evremond:

Et les plaisirs, sans cesse renaissants,
Troublèrent l'âme et comblèrent les sens.

«E os prazeres renascendo sem cessar, perturbaram a alma e saciaram os sentidos.»

Aquelle amor teve, porém, tanto de fugaz, como de ardente, e Ninon que jurára ser constante pela primeira vez na sua vida, não tardou muito a voltar aos seus gostos e aos seus habitos. Tomou novos amantes, que duravam tanto como as phases da lua, *(par quartiers)*.

O cavalheiro de Méré, homem pretencioso e effeminado, que era muitissimo apreciado na sociedade das *Precieuses*, deveu á sua reputação immerecida o favoravel acolhimento que obteve de Ninon.

Havia-a encontrado de visita em casa da duqueza de Feuillade, e obteve sem difficuldade a permissão de frequentar os seus salões.

Durou um trimestre o reinado d'este favorito, cuja fatuidade e insupportaveis pretensões de conquistador e de homem de talento, acabaram por enfadar Ninon, que o cedeu sem pesar á sua amiga, a senhora de Scarron.

A sua aventura com Navailles foi talvez a causa do brusco desenlace d'aquelles amores.

A cortezã passeava um dia no Cours-la-Reine, quando viu passar a cavallo o cavalheiro de Navailles, depois marechal de França, que era uma das mais arrogantes e esbeltas figuras da côrte.

Reparou n'elle e seguiu-o com a vista.

O cavalheiro approximou-se de uma carroagem em que ia o marechal de Grammont, e apeando-se, entregou as redeas a um lacaio para entrar na carroagem do amigo.

A graça e a ligeireza de Navailles ao apear-se, a sua bella figura e a sua formosa physionomia seduziram Ninon, que encarregou logo um lacaio de lhe ir dizer da sua parte que teria muito gosto de fallar com elle.

Navailles acceitou immediatamente o convite, e despedindo-se do marechal approximou-se da carroagem de Ninon.

A cortezã offereceu-lhe um logar a seu lado e levou-o para casa.

Ceiaram esplendidamente em doce *tête-à-tête,* prolongando-se a ceia pela noite fóra.

Convinham um ao outro, amavam-se, e uma terna e reciproca declaração poz-lhe os corações no melhor accordo.

Ninon conduziu-o depois a um quarto, onde estava preparado o leito, e disse-lhe que se deitasse, que não esperaria muito tempo por ella.

Navailles havia bebido e achava-se prostrado de fadiga. Não tardou por isso a adormecer como uma pedra.

Quando Ninon voltou, não foi pequena a sua surpreza ao vêr profundamente adormecido o homem que esperava encontrar em bem differente disposição.

Um tanto resentida, não quiz acordal-o. Levou-lhe o fato e retirou-se para outro aposento.

Na manhã seguinte, quando o bom do Navailles dormia ainda, entra no seu quarto um joven cavalheiro, de espada na mão, gritando, derrubando os moveis e praguejando como um gendarme. Navailles acorda sobresaltado e pensa que pretendem matal-o.

—«Olá, cavalheiro! exclama elle. Modere as suas iras! Por Deus! Sou homem de honra e vou dar-lhe satisfação de qualquer aggravo!»

Fallando assim, procurava o fato e a espada para se pôr em guarda. Mas n'isto, o adversario solta uma gargalhada. Era Ninon, vestida com o fato de Navailles, que a obrigou a restituir-lhe tudo sobre o campo de batalha, não tardando muito a tranquillisar-se do susto que lhe haviam causado.

Aquelle capricho não durou tanto como Navailles teria desejado, e os amigos da corteză não tardaram a descobrir que os seus bellos olhos brilhavam mais que de ordinario, o que era sempre indicio da existencia de um novo capricho.

Saint-Evremond, n'uma das suas cartas, falla do brilho dos olhos de Ninon:

«Aquelles olhos, diz elle, indicavam sempre a conquista de um novo amante, quando brilhavam mais que de costume...»

No emtanto a louca e escandalosa existencia que passava com os seus amantes e os seus *pagãos,* levantara contra ella uma poderosa intriga. Accusavam-na de introduzir a ruina nas familias e entre varios conjuges. Todas as damas da côrte, a quem tinha roubado os amantes, ou que viam seus maridos, seus filhos e seus irmãos subjugados por aquella perigosissima sereia, clamavam indignadas em altos gritos, e pediam que se posesse cobro ao escandalo da sua conducta.

Dirigiram-se queixas aos magistrados, ao tenente geral da policia, ao preboste de Paris, etc., supplicando-lhe que interposesse a sua auctoridade em nome da moral publica ultrajada.

Ninon ria-se d'aquellas tempestades do ciume, e nem por isso deixava de continuar no mesmo modo de vida.

Afinal conseguiu-se fazer entrar a rainha n'aquella conspiração de *Précieuses,* de beatas e de rivaes, que conspiravam para deshonrar Ninon aos olhos do publico.

As *Précieuses*, não podemos precisar agora, se já o dissémos alguma vez no decurso d'esta obra, era o nome porque eram conhecidas n'aquella épocha essas heroinas *enragées* de affectação na linguagem e de falsa delicadeza no sentimento.

Com o seu absurdo systema de *apurar o amor,* despojavam-no do que elle tem de mais natural, transportavam a paixão do coração para o espirito, e convertiam os movimentos em ideias.

Talvez este systema proviesse de uma *repugnancia cheia de honestidade* pela satisfacção toda material das necessidades dos sentidos, mas essas pobres loucas affastavam-se tanto como as mais voluptuosas da verdadeira natureza do amor, que reside menos ainda na especulação do entendimento que na brutalidade do appetite.

Estas damas faziam consistir o seu principal merito em amarem ternamente os eleitos da sua alma sem gosos materiaes, e em gosarem solidamente seus maridos com aversão.

O grande Molière descreve nas *Prècieuses ridicules,* com uma fidelidade e

coragem verdadeiramente assombrosas essa burlesca mania das damas do seu tempo.

Quando esta pequenina obra prima de malicia e de originalidade appareceu, houve entre as damas a que ella se referia um verdadeiro temporal desfeito de indignações, de lagrimas, de coleras, de gritos de reprovação e de protestos de vingança. Mas, por outro lado, o bom senso reagiu contra as estupidas cegueiras da moda, e uma franca explosão de gargalhadas saudou em toda a França a resurreição do bom senso, do atticismo e da boa e consoladora galanteria franceza, ha tanto tempo submergida n'um mar tenebroso de ridiculas e burlescas subtilezas platonicas.

Mas, voltando novamente á perseguição movida pelas *Précieuses* contra Ninon:

Dizia-se á bocca pequena que o motivo que mais pesou no espirito da rainha para tomar o partido das *Précieuses* contra Ninon, fôra o odio pessoal da soberana pela cortezã, odio proveniente da suspeita de que Mazarin gostava da bella peccadora, e procurava entrar em galanteio com ella.

Seja como fôr, uma noite Commingues e Guitaut, capitães das guardas de Anna d'Austria, foram inesperadamente a casa de Ninon.

—«Minha senhora, disse Commingues á peccadora, vimos a sua casa em desenpenho de uma missão verdadeiramente penosa!»...

—«De que se tracta, meus senhores?» perguntou a cortezã algum tanto perturbada, por isso que o rumor da tempestade, que ha tempos se andava lá fóra accumulando contra ella, já lhe havia chegado aos ouvidos.

—«A rainha ordena-lhe, minha senhora, que se retire para um convento.»

—«Oh! exclamou a cortezã, visivelmente perturbada por aquella noticia imprevista. Mas que fiz eu para merecer esse castigo da rainha, tem a bondade de me dizer?»

—«As nossas instrucções não nos auctorisam a responder a essa pergunta!»

—«Mas eu não me sinto com vocação para o claustro, meus senhores! Dou-lhes a minha palavra!»

—«Acreditamos piamente, sem a menor difficuldade! Infelizmente Sua Magestade não julgou a proposito estudar a vocação mais ou menos pronunciada que a senhora podesse ter para a vida claustral.»

Commingues fallava com aspereza, e Ninon comprehendeu que d'aquelle lado nada poderia obter.

Por isso voltou-se para Guitaut, que conhecia perfeitamente, e disse-lhe com o seu sorriso mais seductor:

—«Por favor não me deixe na incerteza! Este caso tem relação com o cardeal, não é assim?»

—«E' verdade, respondeu o capitão das guardas. Os espiões da rainha viram-n'a entrar em casa do ministro, e arranjaram as cousas de modo que ouviram tudo quanto alli se passou.»

—«Tem a certeza d'isso?»

— «Uma certeza mathematica. Houve entre Mazarin e Anna d'Austria uma explicação terrivel, na qual sua eminencia a sacrificou.»

— «Covarde!»

— «Acabemos com isto, minha senhora, interrompeu Commingues. A rainha deixa-lhe a escolha do convento, e concede-lhe vinte quatro horas para se recolher á sua nova morada.»

— «Vinte e quatro horas! Como Sua Magestade é generosa para commigo!... Realmente a anecdota é curiosa, e digna de uma alta publicidade. Pela minha parte não deixarei de lh'a dar...»

— «Póde fazer o que quizer, minha senhora. Mas, por agora, tracta-se apenas de cumprir a nossa missão. Que convento escolhe?»

Ninon ria ás gargalhadas.

— «Queiram dizer a Sua Magestade, disse ella por fim, que me decido pelo convento dos *Grandes Franciscanos (des Grands Cordeliers.)*»

Os capitães das guardas foram levar esta bella resposta ao *Palais-Royal.*

— «Que descarada!» disse Anna d'Austria.

Mas, em todo o caso, a rainha não poude deixar de rír.

A marechala de Grammont, que Tallemant qualifica de creatura maligna, e cujo marido dizia d'ella que daria sota e az ao proprio Belzebuth, oppoz-se a que a rainha se mostrasse indulgente, accrescentando que era preciso mandar *aquella villã,* como lhe chamavam na côrte, para as *Donzellas Arrependidas.*

— «Minha senhora, disse-lhe Bautru, que estava presente, queira notar que Ninon nem é *donzella,* nem está *arrependida!*»

A senhora de Vendôme, sem reparar no equivoco de Bautru, objectou que as *Madelonettes* eram o convento mais adequado ás mulheres d'aquella especie.

Decidiu-se, pois, que Ninon iria para as *Arrependidas.*

Os amigos da bella perseguida aconselhavam-lhe que se ausentasse e desapparecesse da capital até que serenasse aquella tempestade. Promettiam-lhe uma protecção efficaz junto da rainha, á qual haviam predisposto contra ella, por lhe asseverarem que a cortezã prevertia a juventude da côrte e a induzia á libertinagem.

Ninon não queria mostrar medo, e precisamente no momento em que corria de salão em salão a noticia de que a peccadora ia ser mandada para as *Arrependidas,* apresentava-se ella de carroagem no Cours-la-Reine.

Adregou de passear por alli n'aquelle dia o principe de Condé, que apenas avistou Ninon, deu ordem ao cocheiro para parar, e apeando-se, approximou-se da portinhola da carroagem da sua antiga amante, cumprimentando-a muito affectuosamente á vista de todo o mundo.

Aquella publica prova de attenção para com uma mulher, que se pretendia tractar como uma prostituta, produziu uma especie de reacção entre os inimigos da illustre cortezã.

A rainha havia, porém, assignado a ordem de a conduzirem ás *Madelonettes,* e mister foi executal-a, sem que a victima intentasse subtrahir-se ou oppôr-se a ella.

Chegada a noite, grande foi a consternação dos amigos de Ninon, ao saberem que a famosa cortezã estava presa. Alguns d'elles, os mais audazes, conceberam logo o projecto de a porem em liberdade á viva força, e dirigiram-se em tropel para os arredores do convento para lhe porem sitio.

Tractava-se nada mais e nada menos do que de incendiar o edificio, o que se teria levado a effeito, se não fosse a intervenção inesperada de uma patrulha que os dispersou.

No dia seguinte, esperava-se um ataque em fórma contra a prisão de Ninon.

Durante o dia haviam sido visto muitos cavalheiros, com trajos dourados, ás janellas das casas contiguas ao convento, os quaes tomavam as alturas dos muros, preparando tudo para um assalto.

A prioreza das *Madelonettes* assustou-se, e mandou pedir soccorro ao preboste de Paris, que lhe mandou uma companhia de arcabuzeiros. Ao mesmo tempo a superiora pedia á rainha que lhe tirasse de sobre os hombros a enorme responsabilidade de guardar a celebre Ninon de Lenclos.

Emquanto isto se passava, os amigos de Ninon agitavam-se sem cessar, planeando o meio de lhe darem a liberdade.

A rainha comprehendeu emfim que Ninon tinha muitos amigos e que as suas relações eram de demasiada importancia para que a conservasse por mais tempo presa com mulheres d'aquellas, encerradas alli por sentença judicial. Deu-se pressa a assignar uma nova ordem, permittindo-lhe que sahisse das *Madelonettes,* e convidando-a ao mesmo tempo a que fosse passar algum tempo n'um convento de Lagny, até que o escandalo d'aquelle caso tivesse terminado.

Obedeceu Ninon, sem se queixar e partiu para Lagny, mas apenas se havia installado no convento, que se lhe havia designado como retiro temporario, começou uma procissão continua de pessoas que iam visital-a, uns a cavallo, outros de carroagem, de maneira que a gentil reclusa recebia no locutorio e até mesmo na sua cella toda a sociedade elegante de Paris, todas as visitas habituaes da sua casa da capital.

Finalmente concedeu-se-lhe licença de voltar para casa.

A sua entrada na sumptuosa habitação da Place-Royale foi um verdadeiro triumpho, e Scarron, que a esse tempo compunha o seu *Adieu au Marais,* aproveitou o ensejo para prestar um publico testemunho da sua homenagem á sua *divina amiga:*

Adieu, bien que ne soyez blonde,
Fille dont parle tout le monde,
Charmant esprit, belle Ninon!
La maitresse d'Agamemnon,
N'eût jamais rien de comparable
Á tout ce qui vous rend aimable,
Étoit sans voix, étoit sans luth,
Et mît pourtant les Grecs en rut;
Tant est vray que fille trop belle
N'engendre jamais que querelle.

«Adeus, embora não sejas loura, joven de quem todo o mundo falla, espirito encantador, bella Ninon! A amante de Agamemnon, nada teve digno de ser comparado a tudo quanto te torna tão amavel. Não tinha voz nem alaude, e apesar d'isso encheu os gregos de ciumes. Tanto é certo que uma rapariga demasiado bella não póde originar senão disputas!»

O poeta alludia a uma questão que originou um duello entre dois amantes de Ninon, e á qual muita gente attribuiu a causa do seu encerramento n'um convento.

Voltaire affirma-o positivamente, apesar de que nada mais se sabe d'esta questão, que Ninon se encarregou por certo de ser a primeira a conciliar, por isso que possuia o segredo de conservar uma excellente harmonia entre os seus amantes.

Estes não tinham rivaes mais perigosos que os seus proprios amigos, segundo a feliz expressão do abbade de Chateauneuf, e Ninon conservava uns e outros pela emulação, que n'elles despertava, e que os incitava continuamente entre si.

«O favor de um rival, diz Walckenaer, que parece haver conhecido Ninon na sociedade da senhora de Sévigné, não impedia de se conceber a esperança de o supplantar tarde ou cedo. A questão era não desamparar a praça, porque o dia da victoria podia muito bem chegar.»

O prior de Vendôme não teve tanta paciencia, como muitos outros.

Acolhido com distincção, julgou-se com direito de exigir uma fidelidade, que ninguem lhe promettera.

O despeito do prior chegou ao cumulo, quando, por unica resposta, se viu substituido por outro individuo, que nem sequer era fidalgo.

Quiz queixar-se, pretendeu impor-se. Ninon recusou-se a tornal-o a receber.

Antes de se retirar, furioso e ameaçador, improvisou o seguinte quarteto, enviando-o como cartel de desafio, á sua voluvel ex-amante:

Indigne de mes feux, indigne de mes larmes,
Je renonce sans peine à tes faibles appas,
Mon amour te prêtait des charmes,
Ingrate, que tu n'avais pas!

«Indigna da minha paixão, indigna das minhas lagrimas, renuncio sem pena a teus debeis attractivos. O meu amor attribuia-te encantos, ingrata, de que tu carecias!»

Ninon, sem pedir auxilio á musa de Charleval, ou de Saint-Évremond, respondeu em seguida ao Gran-prior, devolvendo-lhe modificadas as rimas do seu improviso:

Insensible à tes feux, insensible à tes larmes,
Je te vis renoncer à mes faibles appas,
Mais, si l'amour prête des charmes:
Pour quoi n'empruntois tu pas?

«Insensivel á tua paixão, insensivel ás tuas lagrimas, vi-te renunciar aos meus debeis attractivos. Mas, já que o amor presta encantos, porque não lhe pedias alguns para ti?»

Ninon tinha por tantas vezes tido relações com principes, que por fim acabou por não os tractar com maior consideração do que a uns simples mortaes. Sentia-se não obstante inclinada por natureza a não admittir senão pessoas de qualidade aos seus favores.

Apesar da volubilidade dos seus caprichos, nunca se aviltava nos seus amores, segundo a expressão de Chapelle, que a censurava de não saber amar fóra das regras do brazão.

Só uma vez desceu Ninon de Lenclos a amores vulgares, mas não permaneceu por muito tempo n'esses amores, nem nunca mais desceu.

Tivera o extravagante capricho de dar como rival ao duque de Choiseul um bailarino chamado Précourt, que se recommendava pela sua bella e attrahente figura.

Ninon acolhia-o ás mil maravilhas, e viu-se com assombro o bailarino tomar ares de Satrapa em casa de Ninon, e altercar arrogantemente com os grandes senhores da côrte.

O duque de Choiseul encontrou-o um dia no salão da senhora de Lenclos, mas Précourt nem se levantou á sua chegada, nem se mostrou muito disposto a ceder-lhe o logar.

O duque fez enormes esforços para conter a sua colera, pois havia reconhecido o celebre dansarino dos *ballets* d'el-rei.

—«Senhor, disse-lhe o duque sardonicamente, fingindo julgar que se dirigia a um official, em que corpo serve?»

—«Senhor duque, respondeu descaradamente o insolente Précourt, tenho o commando do corpo em que vossa excellencia serve ha muito tempo!»

Outra versão d'este engraçado sucesso diz o seguinte:

Ninon, tão escrupulosa de ordinario na escolha dos seus amantes, teve a infelicidade de se enganar com o duque de Choiseul. Conhecia o duque do Cours-le-Prince, onde fallára com elle algumas vezes, mas d'aquella vez a sua habitual perspicacia não lhe deixára ver os defeitos d'aquelle orgulhoso fidalgo. Senhor do coração da bella cortezã, o duque tornou-se um tyranno insupportavel em casa de Ninon, e no dia em que a amavel philosopha lhe deu a entender que a sua presença o desgostava, o duque fez ouvidos de mercador.

Ninon, quando deixava de amar, dizia-o com toda a sem-ceremonia. Choiseul, porém, passava por muito brutal, e receiando um escandalo enorme, a cortezã não se atreveu a romper abertamente com elle.

O fidalgo obstinava-se a não querer comprehender cousa alguma. Costumava impor-se aos creados da cortezã com os seus ares de grandeza e procurava produzir o mesmo effeito em Ninon, fallando-lhe do seu merito e das numerosas qualidades que o distinguiam.

Ninon um dia respondeu-lhe com este verso de Corneille:

Ah! Dieu! que de vertus vous me faites hair!

Perdendo a esperança de o despedir sem escandalo, Ninon recorreu a Précourt, o celebre dansarino, que se servia tão bem da espada como das pernas.

Uma manhã Choiseul estava no toucador de Ninon. Précourt entrou, préviamente ensaiado pela cortezã, e resolvido a fazer escandalo, ao primeiro signal. O conde contava n'esse momento uma anecdota picaresca, em que um tal senhor de Villeroi tinha desempenhado para com sua propria mulher um papel bem ridiculo, tendo sido obrigado a tragar a affronta por falta de provas, o que Choiseul censurava duramente.

—«Meu Deus, o que ahi vae! disse Ninon. E'sempre difficil a um marido, ou mesmo a um amante certificar-se de fidelidade de sua mulher...»

—«Não é tanto assim, querida Ninon. A mim por exemplo, bem fina havia de ser a que me enganasse! Com um bocado de prespicacia ou de attenção, a presença de um rival feliz tudo explicará n'um momento.»

Ninon olhou para elle com uma especie de espanto, e disse-lhe:

—«Ora essa! Como póde o senhor estar tão seguro d'essas cousas?»

—«Receio muito, senhor conde, que v. ex.ª não peque por excesso de amor proprio!» accrescentou Précourt com um sorriso significativo.

Choiseul estremeceu e tornou-se medonhamente pallido, mas não ousou fazer explosão n'aquelle dia. No dia seguinte, á hora do almoço, vendo dois talheres, foi sentar-se sem ceremonia á meza. Précourt, sahindo no mesmo momento de um quarto visinho, disse-lhe:

—«Perdão!... Estou devéras vexado... mas esse talher é para mim!...»

—«Senhor!» exclamou o conde, com o olhar o scintillante de colera.

—«Senhor conde, peço a v. ex.ª que tenha a amabilidade de não elevar assim a voz. Dir-se-hia que estamos zangados!»

Choiseul estava furioso. Olhando então para o trajo do seu interlocutor, trajo meio burguez e meio militar, perguntou-lhe com ironia:

—«Em que corpo serve, senhor?»

—«Sirvo n'um corpo, onde v. ex.ª tem servido muito tempo, respondeu Précourt. De resto, não é diante d'esta senhora que lhe deverei contar as minhas campanhas. O *boulevard* não é longe. Se v. ex.ª quizer... estou ás suas ordens.»

Choiseul poz orgulhosamente o chapeu na cabeça e respondeu com desdem:

—«Não me bato com um bailarino!»

—«Tem razão, senhor conde. O bailarino podia fazel-o dançar!»

Ninon não poude deixar de se rir das bellas respostas de Précourt, mas não tardou em despedir o bailarino, e evitou d'ahi para o futuro introduzir na sua sociedade elegante e escolhida, um elemento extranho, que não tardaria em desorganizal-a.

Esta sociedade, como já temos dito, compunha-se exclusivamente de homens a quem o nascimento, a posição, o talento e a fortuna abriam a porta do salão ou da alcova de Ninon.

Quanto a mulheres, havia apenas cinco ou seis, que desprezavam bastante a opinião para frequentar a casa de Ninon.

Entre ellas, contavam-se Marion Delorme, cuja belleza e vida escandalosa a tornavam digna de figurar ao lado de Ninon de Lenclos, a senhora Scarron, que continuava fiel á sua antiga amisade, e que apesar d'isso soubera conquistar uma reputação de severidade honesta e inexpugnavel, a condessa de Suze cujos escandalos haviam excedido todos os limites, e finalmente algumas *Précieuses*, que tinham atirado com a vergonha para traz dos moinhos, e que eram demominadas *Falsas Preciosas*, em opposição ás *Verdadeiras Preciosas*.

Estas damas tinham tambem os seus amantes, ou quando menos os seus adoradores. Ninon roubava-lh'os ás vezes, mas não os conservava por muito tempo, e devolvia-lh'os bem a pesar d'elles.

Foi assim que ella se apoderou do espirito d'Émery, considerado por Marion como um bom sujeito amavel que pagava muito e era pouco exigente. E como este, mais alguns, chegando a ferir vivamente a vaidade de Marion, arrebatando-lhe dois ou tres dos amantes mais estimados por aquella *boa rapariga*. Era assim que ellas se tratavam uma á outra.

Ninon não tardou, porém, em despedir Miossens, Chatillon e outros que tinham encontrado em Marion, se não maior fidelidade, pelo menos mais duradoura complacencia.

Relativamente á condessa de Suze, que não era nada difficil na escolha dos seus galanteios, Ninon sentia não ter tido occasião de lhe disputar nem um só dos seus apaixonados, e costumava dizer com muita graça, que a condessa podia fazer um banquete de rei, alimentando-se com os seus restos.

Á senhora Scarron não faltavam adoradores, mas os pobres nunca passavam do papel de *martyres*, se exceptuarmos o cavalheiro de Meré e Villarceaux, que segundo parece tiveram artes para encontrarem a porta do coração da bella.

Devemos suppor que Ninon teve artes para abrir a porta da fortaleza, até ahi inexpugnavel, da sua amiga.

Dissémos já algumas palavras a respeito das relações equivocas, que existiram entre Ninon de Lenclos e a senhora Scarron. Fallámos tambem, ainda que com a maior reserva dos mysterios da *camara amarella*.

Voltaire, que nas suas *Cartas sobre Ninon de Lenclos*, recolheu todos os boatos que a tradicção repetia ainda em torno d'aquella octogenaria celebridade, não revelou tudo quanto sabia a respeito das duas amigas.

Diz apenas:

«Quando a menina d'Aubigné, depois madame de Maintenon, julgou ter feito um bom negocio, casando com Scarron, Ninon tornou-se a sua melhor amiga.

«Dormiram juntas durante alguns mezes, o que era n'aquelle tempo um evidente signal de amizade.

«O que não era, porém, tanto da moda, foi terem ambas o mesmo amante, sem por isso deixarem de ser amigas. O senhor de Villarceaux deixou a senhora de Maintenon por Ninon.»

Tallemant des Reaux nem mesmo menciona esta amisade, apesar de indicar explicitamente os perigos que ella poderia acarretar á senhora Scarron.

«Um dia, diz elle, em que se censurava Bois-Robert, em presença de Ninon, por amar dois formosos mancebos:

— «Ora adeus! disse elle. Não é bonito dizer cousas d'estas em presença de mademoiselle de Lenclos.»

— «Deixe-se d'isso, objectou Ninon. Eu talvez não seja tão mulher como o senhor imagina!»

«Bois-Robert contava que Ninon lhe havia escripto do convento, fallando do bom tempo que passara alli com as religiosas.

— «Penso bem, dizia ella, que seguindo o exemplo do meu caro Bois-Robert, não tardarei a amar o meu sexo.»

Faltam-nos sufficientes provas de accusação contra os gostos depravados de Ninon, e ignoramos até quem foi o primeiro a allegar um facto, que só adduzimos como prova da fama europeia da famosa cortezã, á qual Saint-Évremont escrevia:

«Ninon é de todos os paizes. Tão estimada é em Londres como em Paris. É de todos os tempos, e quando eu fallo de si para fazer honra á minha patria, a juventude falla com enthusiasmo da minha querida amiga, como se fosse tambem sua compatriota. Senhora do presente e do passado, os fados lhe concedam incontestaveis direitos ao porvir!»

A famosa cortezã mereceu a honra de ser amavelmente distinguida pela rainha Christina da Suecia, por occasião da sua estada em França.

Vamos apresentar aos leitores esta famosa rainha, cuja reputação e maneira de pensar tão discutidas foram em todo o mundo civilisado. A amiga de Descartes é digna d'esta apresentação.

Um bello dia, Paris teve um alvoroto enorme. A rainha da Suecia entrava na grande capital, como um temporal desfeito.

Na historia das grandes recepções da côrte de Luiz XIV, a da rainha Christina foi por muito tempo considerada como uma das mais curiosas e das mais burlescas.

Os salões do Louvre estavam apinhados. Havia uma multidão enorme.

Sentado entre sua mãe e o cardeal, ao fundo da sala do throno, Luiz XIV esperava a real visitante, que para commetter a primeira inconveniencia, não chegava precisamente á hora indicada.

Finalmente a amazona do Norte appareceu, e veio saudar o rei com modos precisamente de um mosqueteiro.

— «Olá, olá, meu primo! exclamou ella, dando-lhe um retumbante beijo em cada face. Tinham-me dito que não era bonito... *Sacrebleu!* se eu apanhasse aqui o patife que me pregou esta mentira, havia de lhe cortar as orelhas mesmo na sua presença!...»

Sacrebleu não foi precisamente a praga de que ella se serviu. Empregou outra muito mais energica e muito conhecida!

Luiz XIV, que tinha em alta conta a dignidade da sua côrte, mordeu os labios, mas Anna de Austria e Mazarin soltaram uma estrepitosa gargalhada, que todos os circumstantes repetiram em côro.

Sua magestade sueca exclamou:

—«Co'a breca! Que quer dizer isto? De que se riem? Sou corcunda? Acham-me a perna mal feita?»

O riso redobrou. Foi preciso um olhar severo do rei para pôr termo ás risadas e aos murmurios da côrte.

—«Por minha fé, primo! disse a estrangeira furiosa. Esta gente cá da sua côrte é bem mal educada!»

—«Minha prima, respondeu Luiz XIV com muita gravidade, os seus costumes são um pouco differentes dos nossos, mas eu não reconheço a ninguem o direito de zombar d'elles. Eu quero que a filha de Gustavo Adolpho seja honrada no Louvre como eu proprio.»

—«Bravo! *Sacrebleu!* Isso é que se chama fallar como um rei!» disse Christina.

Depois, voltando-se para os que riam, disse-lhes:

—«Ouviram? Pois tenham-se como advertidos, e não continuem.»

O soberano estava longe de gracejar, e a côrte, comprehendendo-o perfeitamente, esforçou-se por tomar a sério a rainha da Suecia.

A toilette da rainha era verdadeiramente incrivel. Usava uma cabelleira levantada sobre a fronte, com anneis cahidos em desordem de cada lado das fontes. O vestido, que era o meio termo entre um *pourpoint* de homem e uma *hongreline* de mulher, ajustava-se-lhe ao corpo de um modo tão deploravel, que deixava a descoberto uma espadua inteira.

Em logar de usar cauda, como era moda n'essa épocha, Christina trazia uma simples saia, tão curta que se lhe viam perfeitamente as pernas. Accrescentem a tudo isto, uma camisa de homem e sapatos de homem, e farão uma ideia do bom gosto e decencia com que a filha de Gustavo Adolpho se exhibiu em pleno Louvre aos olhares de suas magestades christianissimas.

Ninon cultivava n'esse tempo a amisade da condessa de Choisy, sua protectora, que a apresentára no Louvre. Um dia em que estava longe de esperar a visita da condessa, viu-a entrar em sua casa com a rainha Christina.

—«Tenho a honra de apresentar a vossa magestade a *illustre Ninon,* que tanto desejava conhecer», declamou gravemente a condessa de Choisy, pegando na mão da corteză, e conduzindo-a para junto de Christina.

A rainha collocou familiarmente ambas as mãos nos hombros de Ninon, depois de a examinar com muita curiosidade, disse-lhe:

—«Agora comprehendo eu, querida, todas as loucuras que os homens teem feito e hão de fazer por si. Vamos! Abrace-me!»

E sem mais ceremonias deu nas faces da corteză outros dois beijos, tão sonoros e estrepitosos como os que tinha dado em Luiz XIV.

Ninon estava muito perturbada, e não podia esboçar nem o mais banal dos cumprimentos.

No limiar da porta ficavam immoveis como estatuas dois homens de comprida barba, que ella despediu com um gesto, dizendo-lhes:

—«Esperem-me!»

Eram o conde de Monadelschi, seu grande escudeiro, e o cavalheiro Santinelli, successor de Desmousseaux no cargo de capitão das guardas.

Christina havia recebido já alguns conselhos para reformar o ridiculo da sua *toilette*. Trazia n'aquelle dia um vestido perola, algum tanto mais comprido, bordado a ouro e prata, um redingote de camelot còr de fogo, um lenço de renda de Genova e uma cabelleira loura. Na mão trazia um chapeu de feltro, guarnecido de plumas negras. Não era feia. Tinha a pelle muito branca, bonitos dentes e o nariz aquilino.

A conversação da rainha com a cortezã foi longa e curiosissima. Prodigalisou os mais rasgados elogios a Ninon, que não lhe correspondia senão por monosyllabos. Depois poz-se a fallar de tudo, a torto e a direito, do rei, da rainha, do cardeal, de Versailles, do theatro italiano, da Suecia, da sua abdicação em favor do seu primo Carlos Gustavo, do philosopho Descartes, que morrera na sua côrte, de Monaldeschi e das suas relações intimas com elle, de que ella não fazia mysterio para ninguem.

A real visitante de Ninon fallava pelos cotovellos, e não se mostrava muito disposta a dar a visita por terminada, quando a porta do salão se abriu, e um homem entrou por alli dentro, correndo a deitar-se aos pés da peccadora, soltando um grito de alegria.

—«Não me conhece, minha bella protectora!»

—«Poquelin!... És tu, meu caro Poquelin!»

Ninon abriu-lhe os braços, nos quaes elle se precipitou extremamente commovido.

—«Como tu estás mudado! Estás um homem! Dá-me outro abraço, meu querido!»

E Ninon abraçou-o repetidas vezes, esquecendo-se de que a rainha da Suecia observava aquella scena, devéras estupefacta.

Terminadas aquellas expansões, Ninon fez sentar o recem-chegado junto de si. Era João Baptista Poquelin de Molière, o grande Molière!

—«Tu em Paris, meu bom João Baptista! E ficarás muito tempo comnosco?»

—«Sempre, minha bella protectora!»

—«Devéras!»

—«Devéras. Não partirei mais!»

—«Ainda bem, meu amigo, ainda bem!»

—«Tenho a protecção do rei. Vamos representar em Paris!»

—«Como eu estou contente! Meu pobre amigo! E dize-me: Aborreceste-te muito lá pela provincia?»

—«Não! Tivemos por lá muitos triumphos. Ha tempos em Montpensier tive a fortuna de dar uma representação á qual assistiu Colbert. Foi elle que me chamou a Paris.»

—«Graças a Deus que te fizeram justiça! E dize-me: Representavas talvez uma peça da tua composição.»

—«Eu nunca represento outras.»

—«Qual era o titulo d'ella?»

—«O *Dépit amoureux*.»

Christina assistia áquella scena com muita curiosidade. Não podendo conter-se por mais tempo, passou por traz da cadeira de Ninon, e perguntou-lhe:

—«É um dos seus amantes sem duvida? Bonito homem!»

—«Não, senhora, disse-lhe a cortezã com dignidade, sou mãe d'elle!»

—«É verdade! É a minha bemfeitora, a minha segunda mãe, aquella a quem devo tudo!» exclamou João Baptista, muito commovido.

Ninon fôra realmente a protectora das primeiras tentativas dramaticas do grande poeta.

—«Meu amigo, disse-lhe Ninon, reparando o seu esquecimento. Está em presença da rainha da Suecia.»

Molière abriu muito os olhos e julgou a principio que a cortezã estava brincando.

Ninon levou-o pela mão para junto de Christina, e disse-lhe:

—«Senhora, permitta-me vossa magestade qae lhe apresente um auctor, que em minha opinião ha-de levar bem alto o theatro francez. Dentro em pouco, a meu vêr, dir-se-ha Molière, como hoje se diz Corneille.»

—«Bravo! disse Christina. Eu adoro os auctores!»

E lançando os braços ao pescoço de João Baptista, deu ao celebre auctor dramatico o mais vivo e energico dos abraços.

Não cabia em si de espanto o grande homem de lettras, que, inclinando-se para o ouvido de Ninon, perguntou:

—«É uma doida?»

—«Não, palavra! É uma rainha!»

A conversação assim invadida por Christina tornou-se bem depressa geral. João Baptista annunciou que lhe tinham concedido uma sala no Petit-Bourbon, onde devia representar n'essa mesma noite com a *élite* da sua companhia.

—«Nós havêmos de ir, sim, minha boa amiga?» exclamou a rainha.

—«Senhora, respondeu Ninon, inclinando-se profundamente, vossa magestade dá-me muita honra. Acceito. Qual é o espectaculo, João Baptista?»

—«Primeiramente o *Cocu imaginaire.*»

—«O titulo é bastante fresco,» disse Ninon sorrindo.

—«Ora adeus! exclamou a rainha. Eu acho-o soberbo!»

—«E acabará com as *Précieuses,* accrescentou Molière, a peça que foi causa do meu exilio.»

—«O que vem a ser as *Précieuses?*» perguntou a rainha.

—«Vossa magestade, disse Ninon, deve ter ouvido fallar por certo d'esse bispo d'Ypres, cujas proposições acabam de ser condemnadas pela curia romana, cousa na verdade bem deploravel para os solitarios de Port-Royal, que sustentavam a sua doutrina!»

—«Sim, falla de Jansenius.»

—«Precisamente. Elle e os seus discipulos desnaturam o dogma religioso, exaggeram tudo e são com razão accusados de intolerancia. Pois bem! Senhora, as *Précieuses* eram as jansenistas do amor!»

—«Eis uma definição admiravel de precisão e de verdade!» exclamou Molière.

O grande escriptor prometteu a Ninon e á rainha enviar-lhes um camarote para o Petit-Bourbon, abraçou ternamente a cortezã, e retirou-se.

—«Acho isto bem singular na verdade! Fazerem um ao outro tantas caricias, e serem apenas amigos!»

—«Senhora, é esse precisamente o doce previlegio da amisade,—poder mostrar-se expansiva e cheia de encanto fóra da entrevista a sós. E no fim de contas, quer vossa magestade saber uma cousa? O amor não é a meus olhos uma cousa lá muito respeitavel, ao passo que tenho pela amisade a maior veneração. Os meus amantes não teem rivaes mais perigosos a temer do que os meus amigos!»

A rainha estava extasiada. Deu a Ninon o setimo ou oitavo abraço, e pediu-lhe que a incluisse no numero dos seus amigos.

A cortezã soubera captar inteiramente o espirito de Christina, que quiz ficar com ella até á hora do espectaculo. Prodigalisou-lhe os maiores testemunhos de affeição, e disse-lhe que o seu projecto, quando sahisse de França, era ir viver em Roma, offerecendo-se até mesmo para a levar na sua companhia.

Ninon mostrou-se devéras reconhecida a tanta amabilidade. Quanto a partir para Roma, a bella peccadora confessou ingenuamente á rainha que tinha um numero demasiado grande de amigos, para poder viver longe d'elles.

A tarde ia avançando, e Ninon mandára servir á rainha uma collação de carnes frias e doces. Depois de ter comido como um ogre, Christina lembrou-se do seu grande escudeiro e do seu capitão das guardas. Pediu a Ninon permissão para lhes enviar um perú, que elles devoraram no buffete.

N'este momento chegou o bilhete do logar promettido por Molière. Ás cinco horas, Ninon e a rainha estavam no Petit-Bourbon.

No theatro os modos e attitudes da rainha foram ainda mais extraordinarios do que em casa da cortezã. Não era uma rainha, era uma mulher do mercado! Durante a representação do *Cocu imaginaire,* soltou gargalhadas convulsas, contorcendo-se, jurando, praguejando, deitando as pernas para cima das cadeiras, mostrando sem ceremonia o que todas as outras mulheres costumam esconder. Em vão Ninon lhe dirigia respeitosas observações, fazendo-lhe vêr que estava causando escandalo... A rainha de nada queria saber, e dizia á cortezã:

—«Deixe-me rir á minha vontade! Que diabo! Isto agrada-me, e eu não quero constranger-me!...»

Trivolin e Jodelet, os dois truões da *Comedie française*, e da *Comedie italianne* não tinham nas suas farças posições mais grotescas e mais ridiculas!

Durante seis mezes que esteve em Paris, Christina honrou a cortezã com a sua visita quasi todas as semanas, e a cortezã chegou a enfastiar-se d'aquella rainha dos Godos.

Um dia Christina mandou chamar a sua amiga.

Ninon bem desejaria declinar aquella nova honra, mas lembrando-se que de nada lhe valeria recusal-a, porque a rainha não deixaria de vir procural-a, dirigiu-se ao Palais-Royal, que fôra destinado por Luiz XIV para habitação de sua real prima.

Quando Ninon chegou, encontrou-a debulhada em lagrimas, deitada sobre um leito bem pouco sumptuoso.

Em vez de touca de dormir, a rainha atara um guardanapo em volta da cabeça, na qual não tinha um só cabello, porque na vespera tinha-a mandado rapar á navalha.

Quando a cortezã a viu n'aquelle extravagante costume, foi-lhe extremamente difficil conservar a seriedade, apesar da consternação que se divisava no rosto de Christina.

A rainha pegou nas mãos de Ninon, e attrahindo-a para junto de si, disse-lhe:

—«Julgo-a minha amiga sincera. Engano-me?»

—«Senhora, magoar-me-hia em extremo, suppondo o contrario.»

—«Tenho um desgosto, minha boa Ninon, um desgosto horrivel!»

—«Que lhe aconteceu?»

—«Mais tarde o saberá. Preciso que me dêem coragem; que me alentem. Fique a meu lado, supplico-lh'o!»

Sentinelli entrava n'aquelle momento. Approximou-se sem ceremonia do leito de Christina, e disse-lhe algumas palavras em voz baixa.

—«Impedir-me! exclamou ella. Ousariam impedir-me de satisfazer o meu desejo? Não sou eu rainha? Não tenho o direito de alta justiça?»

O capitão das guardas inclinou-se outra vez ao ouvido da rainha.

Christina respondeu-lhe:

—«Pois bem! Dissimulemos. Dentro de uma hora estarei em Fontainebleau. Alli, pelo menos, seremos livres!»

Sentinelli fez um gesto de approvação, e em seguida sahiu do quarto.

Ninon estava estupefacta. Que queria aquillo dizer? *Direito de alta justiça!... Alli, pelo menos, seremos livres!...*

A cortezã, sem saber porque, sentia-se estremecer. Ia interrogar a rainha a respeito d'aquelle mysterio, quando de repente a viu fazer o signal da cruz e bater no peito.

Em seguida, tocou uma campainha.

Appareceram algumas damas.

—«Vão buscar-me um confessor, disse-lhe Christina, nervosa, e tragam-m'o immediatamente.»

—«Quem deseja Vossa Magestade que venha?»

—«Seja quem fôr, o primeiro que apparecer, comtanto que seja um bispo!»

As damas affastaram-se. Sua Magestade pediu a Ninon que a ajudasse na sua toilette, que não foi muito demorada. Vestiu um redingote já rafado, uma saia horrenda de côr amarellada e poz na cabeça uma especie de touca. Sob aquelle extravagante costume, com os olhos vermelhos de chorar, a rainha estava medonha, tanto mais que na sua physionomia atravez da afflicção profunda que a dominava notava-se uma especie de ferocidade, que fazia tremer.

Ninon tentou fazer-lhe algumas perguntas, mas Christina apenas respondia com estas palavras:

—«Mais tarde! Mais tarde!»

Dois minutos depois, accrescentou com uma voz supplicante:

—«Venha commigo a Fontaibleneau, minha querida Ninon! Por Deus, não me deixe!...

Chegou o confessor. Era monsenhor d'Amiens, que tinham ido buscar aos Feuillants. Entrou com o seu barrete ecclesiastico e o seu roquete. Ninon quiz retirar-se. Um gesto de Christina significou-lhe que se affastasse apenas para a extremidade do aposento.

Em seguida a rainha poz-se de joelhos diante do bispo, que acabava de se sentar. A confissão durou cinco minutos, em voz tão baixa que a cortezã nada poude ouvir. Fallando com o bispo nunca deixou de o olhar fixamente, o que perturbava bastante o bom do prelado. Emfim, monsenhor deu-lhe a absolvição e partiu.

A rainha pediu a sua carroagem. Fomos ambas aos Feuillants, onde commungou.

A curiosidade de Ninon estava altamente interessada por aquelles preliminares extraordinarios, e por isso foi com a rainha a Fontaibleneau.

Monaldeschi e Sentinelli iam com as duas mulheres na carruagem. Durante a viagem, a rainha não dirigiu ao primeiro uma unica palavra.

Chegaram a Fontainebleau depois do anoitecer. D'ahi a pouco ceiava-se. Em seguida, Christina disse ao grande escudeiro com voz sombria:

—«Senhor conde, queira dirigir-se á galeria dos Cerfs, onde bem depressa irei ter comsigo!»

E voltando-se para Sentinelli, murmurou:

—«É mister que se executem desapiedadamente as minhas ordens. Segue-o!»

Os receios de Ninon renasciam. Em vão esperou a cortezã que a rainha lhe desse a explicação d'aquelle mysterio. Ella tratou de mudar de toilette, e vestiu-se toda de preto. Depois d'isto, tomou o braço de Ninon, sem lhe dizer palavra. Á porta esperavam vinte suissos, igualmente vestidos de preto, com as suas alabardas guarnecidas de crepes. Dez d'elles precederam as duas mulheres, os outros dez seguiram-nas até á galeria, onde Christina tinha ordenado ao conde que a esperasse.

—«Em nome do ceu, Senhora, balbuciou Ninon, que se vae passar aqui? Perdôe vossa magestade o meu terror, dir-se-hiam os preparativos de um supplicio!»

Christina respondeu apenas com um sorriso, bem terrivel na verdade, porque Ninon estremeceu.

A galeria estava illuminada por oito pagens que sustentavam nas mãos grandes archotes. Ao fundo, Monaldeschi, ajoelhado diante de um frade, tinha as mãos atadas atraz das costas.

Em pé, á direita d'elle, Sentinelli, estava de espada desembainhada.

—«Misericordia! exclamou Ninon, pondo as mãos. Vossa magestade vae fazer morrer esse homem?»

Nos labios de Crhistina desenhou-se novamente o mesmo sorriso sinistro. A rainha estava medonhamente pallida, mas no olhar scintillava-lhe a colera e o odio. Quando Monaldeschi a viu, ergueu-se, correu para ella, e rojou-se-lhe aos pés supplicante.

—«Perdão! perdão!» gritava elle com um grande desespero na voz, e rojando-se aos pés da rainha.

—«É verdade, perguntou-lhe a rainha, que durante a ultima viagem de Sentinelli a Roma, tu abriste as cartas que elle me dirigia, e as que eu escrevera em resposta?»

—«É verdade... Sou culpado... mas piedade, senhora! não me mande tirar a vida!»

—«Covarde! disse Christina. Mostra, pelo menos, alguma força de animo, e sê homem em face da morte!»

A rainha, acabando de proferir estas palavras, tirou do bolso uma especie de brochura, e chegando-lh'a mesmo ao pé dos olhos, disse-lhe:

—«Foste tu que pagaste ao auctor d'este libello infame, em que sou accusada de ter tido trinta amantes, e de ter envenenado vinte!»

—«Piedade! piedade!» exclamou o desgraçado, cujo rosto livido e desfeito pela angustia causava horror.

—«Foste tu? Responde!»

—«Perdôe-me vossa magestade! O ciume devorava-me o coração!... Em nome da minha antiga dedicação, em nome de seus antepassados, Senhora, deixe-me viver!»

—«Confessaste-te?» perguntou ella com uma tranquillidade horrivel.

Monaldeschi cahiu por terra, soltando um grito abafado. Comprehendia que não havia esperança alguma.

Christina fez um signal aos guardas, que levantaram o conde e o conduziram ao logar onde elle primeiramente estivera.

—«Senhora, senhora, perdôe-lhe! exclamou Ninon. Para que me obrigou a assistir a este espectaculo espantoso? Não, não, vossa magestade não hade mandar matar esse homem! Uma mulher não póde dar assim uma ordem de morte!»

—«Eu não sou uma mulher, respondeu ella. Sou rainha, e tenho o direito de punir um traidor!»

E dizendo isto, estendeu o braço. Viu-se então á luz dos archotes brilhar a espada de Sentinelli. Uma lucta horrivel começou n'aquelle momento entre o carrasco que feria e a victima que se debatia!

Ninon, completamente horrorisada, perdera os sentidos.

Quando voltou a si encontrou-se novamente na sala da mesa. Christina estava junto d'ella, e disse-lhe o mais serenamente possivel:

—«Minha amiga, fez mal em se affligir assim. Mandar cortar a cabeça a esse miseravel na Suecia ou aqui não é absolutamente a mesma cousa?»

A corteză estremeceu, e disse á rainha:

—«Senhora! por tudo quanto ha de mais sagrado, supplico-lhe que me mande dar uma carroagem! Quero voltar a Paris!»

—«A estas horas! Quem pensa em tal! Durma aqui, minha amiga, amanhã partiremos juntas!

—«Não! não!... N'este castello... depois d'este assassinio!... Quero partir immediatamente!»

Christina passeou durante algum tempo no quarto com grande agitação; de subito, parou, encolheu os hombros e murmurou:

—«Que piegas!»

E voltando-lhe as costas, sahiu do aposento.

D'ahi a pouco, uma carroagem estava á disposição de Ninon, que voltou a Paris, e contou esta sinistra aventura a alguns dos seus amigos.

Mazarin, quando teve noticia da execução do grande escudeiro da rainha da Suecia, expediu immediatamente um correio a Christina, prohibindo-lhe que voltasse a Paris.

Voltemos á biographia da corteză.

Não teriam causado escandalo os amores de Ninon, apesar d'ella propria os confessar e da sua sociedade os acceitar, se o despeito, as lagrimas e a colera das mulheres ciumentas não tivessem attrahido sobre aquelles amores, tantas vezes adulteros, os olhos e as condemnações da opinião publica.

Mais de uma vez se renovaram as ameaças de perseguição á cortezã, que a todos os momentos apresentavam aos magistrados como perturbadora do repouso das familias e delapidadora de muitas fortunas.

Não era sufficiente o appoio e a protecção dos seus amigos para a defender contra tantos inimigos, tantas calumnias e tantas conspirações.

Não se pensava já em a fazer recolher n'um convento, porque seria muito mais difficil retel-a do que leval-a para lá. A raiva e a colera das suas rivaes não se satisfazia tão pouco com essa reclusão nas Madelonettes; o que ellas desejavam era fazel-a expulsar de Paris e até mesmo do reino, por causa do mau exemplo que dava ao publico ha tantos annos com o seu viver dissoluto e escandaloso.

Esta intriga teve probabilidade de chegar a realisar-se, e Ninon esteve muito ameaçada de ser presa durante a noite, mettida n'uma carroagem, e conduzida com uma forte escolta á fronteira, antes que nenhum dos seus protectores naturaes podesse ter conhecimento da sua expulsão. Uma vez fóra de França, ser-lhe-hia difficil regressar, e longe dos seus amigos, talvez não podesse contar com o exito dos passos por elles dados em seu favor.

Apparentou, pois, resignar-se com a sua sorte, e annunciou que estava prompta a desterrar-se voluntariamente e a partir para a America.

Fundava-se a esse tempo uma colonia em Cayenna, e alguns aventureiros, pertencentes a todas as classes da sociedade, tinham-se offerecido para irem tentar fortuna ao Novo Mundo.

Ninon declarou que se dirigiria a Cayenna e fez os preparativos da partida.

Não faltou quem dissesse que Ninon tinha a ideia de se fazer proclamar rainha entre os selvagens.

A astucia da cortezã deu bom resultado, e a tempestade que rugia na côrte contra a Lenclos, dissipou-se como que por encanto. As suas antagonistas ficaram desarmadas ante a resolução que a illustre cortezã se jactava de haver tomado, a fim de escapar a todas as intrigas e calumnias. Não ousaram, pois, continuar os seus ataques e fecharam os labios, com receio de exaltarem mais

a raiva e o desespero de todos os que consideravam a partida de Ninon como uma calamidade publica.

No anno de 1654, sahiu do Hâvre o primeiro comboio de colonos, mas Ninon não figurava no numero dos emigrantes. Disséra-se que não partiria só, e que os principaes membros da sua sociedade a acompanhariam a Cayenna. Affirmara-se que Scarron e sua mulher figuravam na lista dos seus companheiros de viagem, mas Scarron e sua mulher e todos os outros permaneceram em Paris, e com elles Ninon.

Uma mudança houvera apenas no trem de vida da cortezã. Havia-se visto obrigada a reduzir o pessoal da sua casa, por causa da deserção do seu *pagador* habitual Coulon, que havia rompido com ella.

Além d'isso, como a sua residencia na Place-Royale não havia contribuido pouco para exasperar as *Précieuses* do Marais, que não podiam perdoar-lhe o ter a sua côrte alli nas visinhanças dos seus salões e das suas reuniões, abandonou a morada que occupava havia quinze annos, á esquina da rua des Tournelles, e veio installar-se no arrabalde de Saint-Germain, perto do conde d'Aubijoux, que era bastante rico para occorrer por si só ás suas despezas, e que se regosijava de não ter de repartir com Coulon os beneficios do seu papel de *pagador* amoroso.

Não obstante, apesar de ter mudado de morada, não mudou de genero de vida, mas ainda assim aquella sua retirada para o arrabalde de Saint-Germain foi considerada como uma concessão amavel feita aos desejos das *damas do Marais,* as quaes, a partir de então, se mostraram menos furiosas contra Ninon.

Cessou a perseguição e deixaram-na dar livre curso a seus caprichos. Não obstante, as suas relações com o marquez de Sévigné haviam alvorotado profundamente o Marais, onde a encantadora mulher d'aquelle marido libertino se havia tornado por seu talento e virtude objecto de tantos adoradores como a sua rival.

Um dia o marquez disse ao conde de Bussy-Rabutin, primo da senhora de Sévigné, que havia passado a noite mais feliz da sua vida, não só para elle, mas tambem para a dama com quem a tinha passado.

E accrescentou:

—«Póde suppôr em vista d'isto que não me refiro a sua prima, mas sim a Ninon.»

—«Tanto peior para si, replicou Bussy-Rabutin, que estava enamorado de sua prima. Sua mulher vale mil vezes mais, e estou persuadido que se não fosse sua mulher seria sua amante.»

—«Bem poderia ser», disse o marquez com fatuidade.

O conde de Bussy-Rabutin não desperdiçou a confidencia. Dirigiu-se a toda a pressa a casa da senhora de Sévigné, participando-lhe a infidelidade de seu marido, e convidando-a a vingar-se. Ao mesmo tempo, offereceu-se para a coadjuvar n'essa vingança.

A marqueza fez vêr a Bussy-Rabutin a pouca delicadeza do seu procedimento. No dia seguinte, o marquez encontrou o conde de Bussy no Cours-la-

Reine, e lançou-lhe em rosto o haver contado o caso de Ninon á senhora de Sévigné.

Bussy negou com o maior descaramento, e assegurou-lhe que a marqueza havia advinhado o que se passára.

Sévigné tornou então a fallar da sua boa fortuna, «e, diz o indiscreto auctor da *Historia amorosa dos Gaulezes*, depois de haver referido as numerosas vantagens que o amor concede aos seus favoritos, acabou por me dizer que o seu desejo era amar toda a sua vida. Que n'aquella occasião estava enamorado de Ninon a mais não poder ser. Por tal signal que n'essa noite ia com ella para Saint-Cloud, juntamente com Vassé, de quem os dois queriam zombar.»

O conde de Bussy persistiu na sua traição, e escreveu á prima uma carta em que continuava a supplicar-lhe que se vingasse com elle das infidelidades do marquez.

A carta, em vez de ir parar ás mãos da marqueza, cahiu nas de seu esposo, e occasionou uma completa ruptura entre o primo e a prima.

Sévigné, persuadido de que «não póde ser homem honrado aquelle que não estiver namorado,» affrontou as represalias com que o ameaçava Bussy, e continuou a ser amante de mademoiselle de Lenclos, em quanto a illustre cortezã lhe concedeu as honras d'este cargo.

Walckenaer observa com muita razão que a senhora de Sévigné deveria ter desejado que seu marido conservasse por muito tempo uma amante tão desinteressada como Ninon, por isso que o marquez, no dizer de Tallemant, não era homem de bem, e arruinava sua esposa para enriquecer as amantes; mas Ninon, como já dissémos, nunca acceitou d'elle outra cousa, que não fosse um pequeno annel, apenas como recordação.

Os tres mezes, durante os quaes Ninon se entregou ao marquez de Sévigné, foram indubitavelmente os mais gratos da sua vida, por quanto, ainda depois de lhe ter recusado os seus direitos de amante, lhe deu algumas entrevistas. A peccadora começava a ressentir-se de vêr que Sévigné a esquecera completamente pela senhora de Gondran, quando aquelle marido conquistador foi morto em desafio pelo cavalheiro d'Albret, em fevereiro de 1651.

Ha quem pretenda que Ninon não fôra de todo extranha a tão desgraçado lance, que se verificou precisamente junto á sua casa de Picpus, e cujo vencedor era irmão de um dos seus amantes, o conde de Miossens.

Seja como fôr, Ninon conservou sempre uma terna recordação do marquez de Sévigné, e talvez esta recordação fosse o que a determinou mais tarde a acolher tão favoravelmente o amor do filho de Sévigné e a amisade da sua viuva.

Ninon era demasiado epicurista, para não conceder ampla participação aos seus sentidos na escolha dos seus caprichosos amores.

Bernier, a quem Saint-Évremond chama um *lindo philosopho*, porque a sua figura, as suas maneiras e sua conversação o haviam tornado digno d'este epitheto, dizia um dia ao referido Saint-Évremond:

—«Vou fazer-lhe uma confidencia, que eu não seria capaz de fazer a ma-



Ninon de Lenclos e la Châtre

dame de La Sablière, ou mesmo a mademoiselle de Lenclos, apesar de fazer d'ella um conceito superior :—a abstinencia dos prazeres parece-me um peccado gravissimo.»

Tal era a doutrina de mademoiselle de Lenclos, e nunca ella deixou de a pôr em pratica.

Confessava ingenuamente, que ainda mesmo no caso dos seus principios se não opporem á fidelidade exclusiva, não se sentia capaz de aguardar nem vinte quatro horas, depois de ter despedido um amante.

Por conseguinte, nunca promettia a ninguem ser-lhe fiel, temendo sempre tornar-se perjura apesar seu.

«É bem conhecida a aventura do bilhete de La Châtre,» diz Voltaire. Igoramos, porém, em que auctoridade contemporanea se funda essa aventura, que era demasiado conhecida, para que Voltaire se désse ao trabalho de nol-a contar.

O marquez de la Châtre amava Ninon, e julgava-se correspondido, quando recebeu ordem de se reunir ao exercito.

Terrivel, bem terrivel foi para elle esta ordem, por isso que não lhe restava duvida de que Ninon lhe daria um successor aos seus amores, no dia seguinte ao da partida!

Que fazer? Como conciliar as susceptibilidades do seu amor com as exigencias da honra?

Lembrou-se de fazer assignar a Ninon um bilhete-compromisso, em forma, mediante o qual a cortezã se obrigasse a ser-lhe fiel até ao seu regresso. Em vão mademoiselle de Lenclos se empenhou em demonstrar-lhe que similhante compromisso era illusorio e desarrazoado. La Châtre insistiu, e quando teve nas mãos o bilhete, beijou-o repetidas vezes, pol-o junto ao coração como um precioso talisman, e partiu tranquillo.

Dois dias depois, esquecendo Ninon a sua promessa, cahia nos braços de um novo amante.

No momento do prazer mais intenso, accudiu-lhe de novo á imaginação o bilhete que havia assignado, e a cortezã vibrante de prazer poz-se a exclamar duas ou tres vezes:

—«Ah que valente bilhete, que valente bilhete... que valente bilhete tem la Châtre!...»

Havia apenas uma testemunha d'esta chistosa exclamação, mas foi quanto bastou para ella se divulgar, e chegar mesmo a ser proverbial.

Aquella testemunha era talvez o marquez de Villarceaux, o predilecto entre todos os amantes de Ninon, aquelle cujo reinado foi mais duradouro e menos disputado.

Apesar de casado, Villarceaux havia-se enamorado d'ella a tal ponto que nem sequer cuidava de respeitar as conveniencias, e a sua paixão explodia a cada instante, com loucos arrebatamentos, que eram a afflicção de sua esposa e do resto da sua familia.

A propria Ninon chegou a mostrar-se contrariada e esteve a ponto de o despedir mais depressa do que desejaria, se Villarceaux a tivesse amado um pouco menos delirantemente.

Ia ter com elle, para gosar á vontade os seus amores, a casa de um dos seus amigos, chamado Varicarville, que possuia um castello no Vexin.

Era aquelle o logar habitual das suas entrevistas, e Villarceaux regressava a Paris cada vez mais apaixonado, mais fogoso e mais exigente. Ninon via com inquietação compromettida a sua liberdade. Villarceaux chegára mesmo a installar-se defronte de sua casa, e passava os dias e as noites á janella para ver quem entrava e sahia.

Um dia vê uma véla accesa nos aposentos de Ninon. Imagina logo que a sua bella está escrevendo uma carta a um amante. Manda em seguida pedir explicações á cortezã, mas ella responde com indifferença.

Villarceaux persuade-se que não são infundadas as suas suspeitas. Apoderam-se d'elle os mais violentos zelos e decide dirigir-se pessoalmente ao encontro de Ninon, e confundil-a. Meio doido, julga pegar no chapeu, e enterra a cabeça n'um jarro de prata, que se vê parvo para tirar.

Livre emfim, embora com a cabeça um pouco amolgada, cahe como um raio em casa de Ninon, e pede-lhe contas da sua conducta indigna.

Ninon não era para estas scenas. Impacienta-se e despede-o com bastante dureza.

O pobre amante fica em desolador estado. Acommette-o uma febre terrivel. Mette-se na cama e os medicos declaram que a vida do desgraçado corre grande perigo.

Ao ouvir esta noticia, Ninon accusa-se de injustiça e de crueldade, e tanto a commove o excesso do amor do pobre Villarceaux, que n'um extase de sentimento, corta os famosos cabellos e manda-os ao enfermo, para lhe provar que não queria amar senão a elle.

«Este sacrificio poz termo á sua enfermidade, accrescenta Tallemant des Reaux. A febre desappareceu como que por encanto. Ella apenas o sabe, vae ter com elle, deita-se a seu lado... e alli permaneceu agarrada a elle oito dias inteiros!»

Póde calcular-se que a senhora de Villarceaux devia estar furiosa contra Ninon!

Uma anecdota vae dar-nos a medida d'este odio intransigente da consorte ludibriada.

É Scarron quem a conta, Scarron, o delicioso escriptor, cuja veia caustica tão apreciada é ainda hoje nas suas poesias.

Um dia Scarron entra em casa da peccadora.

—«Não ha que vêr, Ninon, a senhora é a minha fatalidade!»

—«O que foi, meu amigo?» pergunta-lhe a peccadora deveras assustada.

—«Por sua causa acabo de perder o meu logar em casa da senhora de Villarceaux!»

—«Em casa de Villarceaux! Mas que fazia n'essa casa?»

—«Era professor de seu filho... Uma pessoa tem de viver!»

—«Mas porque o despediu ella?»

—«Em primeiro logar, eu tinha de ouvir todos os dias as suas extensas diatribes contra a senhora. E tinha de me calar, sem me atrever a tentar se-

quer a sua defeza, porque a verdade é esta, a senhora estava com o marquez no Vexin!»

—«Sim, realmente, a causa era má!»

—«Ainda assim, eu sempre lá ia ás vezes attenuando os seus defeitos. A nobre dama ficava furiosa, e a tal ponto que me deu ordem formal de nunca pronunciar o seu nome, sob pena de ser posto no meio da rua!»

—«Ah! meu amigo, disse a cortezã sorrindo-se. Eis o inconveniente de de se terem más relações!»

—«A ameaça era seria, disse Scarron, e eu não estava muito resolvido a deixal-a realisar. Mas veja a que ponto sou desgraçado! Hontem, diante de umas quinze ou vinte pessoas reunidas em sua casa, a senhora de Villarceaux ordenou-me que interrogasse seu filho, a fim de mostrar a todo o auditorio os progressos maravilhosos que elle fazia sob a minha direcção.»

—«E depois? Não me parece que essa resolução da illustre dama podesse compromettel-o!»

—«Um instante, um instante apenas! Eis o meu discipulo a soffrer uma especie de exame. Depois de muitas experiencias satisfatorias, dirigi-lhe esta pergunta:

—«*Quem habuit successorem Belus, rex Assyriorum?*»

—«*Ninum,* responde a creança.»

«Madame de Villarceaux, ao ouvir a resposta, entra n'uma especie de raiva medonha, e exclama:

—«Oh senhor! Eu não lhe tinha prohibido que pronunciasse este nome diante de meu filho? Para que ousa o senhor fallar a esta creança das loucuras de seu pae?»

—«Mas, senhora marqueza...»

—«Silencio! O senhor é um preceptor indigno, um homem preverso... Rua! rua, no mesmo instante!...»

—«Mas, senhora marqueza, entre mademoiselle de Lenclos e o successor de Belo ha uma enorme distancia!»

«Todos os circumstantes tomam em vão o meu partido e procuram fazer-lhe comprehender o seu absurdo *qui pro quo.* A marqueza, porém, não quer reconhecer o seu erro, e eu fui posto na rua!»

Esta extranha anecdota funda-se na consonancia da palavra latina *Ninum,* que os francezes pronunciam quasi como *Ninon,* com o nome da famosa cortezã, rival da marqueza de Villarceaux.

Nos tempos de maior volubilidade da cortezã, havia quem viesse cantar-lhe debaixo das janellas esta bonita copla:

Tous les blondins chez moi vont à l'école
Pour faire leur salut:
Je veux sauver Duras, Dangeau, Briolle,
Et c'est là mon seul but.
Honni soi qui mal y pense!
Je fais pénitence,
Moi,
Je fais pénitence!

Com a edade tornou-se mais constante e não foi ella que se separou de Villarceaux. «A Ninon galante succedeu Ninon a philosopha, diz o abbade de la Porte, na sua *Historia litteraria das mulheres francezas*. Para distinguir uma da outra, deixaram de lhe chamar Ninon. Este nome convinha bem á loucura dos seus primeiros annos. A reforma dos seus costumes requeria outro mais respeitavel. Desde então até á sua morte não lhe deram senão o de mademoiselle de Lenclos.»

A corteză mudára para perto da Place-Royale e occupava na rua des Tournelles uma casa simples, commoda e confortavel, que alugou ou melhor comprou para alli passar o resto dos seus dias.

Empregou igualmente em titulos vitalicios tudo quanto possuia em dinheiro de contado, para ter um rendimento que podesse occorrer ás suas predilecções elegantes e voluptuosas.

«A sua casa, diz Voltaire, que a vira, tornou-se uma especie de pequeno palacio de Rambouillet, onde se fallava com muito maior naturalidade, e onde havia mais philosophia que no outro. As mães enviavam cuidadosamente á sua eschola os jovens que queriam entrar no mundo *comme il faut*. Mademoiselle de Lenclos comprazia-se em educal-os.»

A sua convivencia era por esse tempo tão desejada pelas mulheres como pelos homens.

Não vá por isto julgar-se que mademoiselle de Lenclos tivesse resolvido emendar-se dos seus antigos erros. Embora custe a explicar o extranho caso, o que é certo é que Ninon conservava ainda a sua aureola de corteză, e o que é mais, continuava a ter amantes, substituindo-os a cada passo, sem deixar por isso de prestar um culto ardente á amisade.

«Asseguro-lhe, escrevia ella a Saint-Évremond, que o amo sempre, e mais ternamente do que o permitte a philosophia.»

Ao que o exilado respondia:

«Se não tem agora tantos amantes, como n'outros tempos, em compensação, tem muito maior numero de amigos... Ninon nasceu para amar toda a sua vida. Os amantes, os jogadores e os ebrios n'isto se parecem: *Quem amou, amará!* Se me tivessem dito que Ninon havia dado em devota, acreditai-o-hia, porque n'esse caso passava de uma paixão humana para o amor de Deus. Não amar é uma especie de vacuo, a que o seu coração nunca poderá habituar-se.»

A Lenclos não era devota, não podia mesmo sel-o.

Entre os seus adoradores, havia um grande numero de abbades, e ardua teria sido a sua tarefa se tivesse de corresponder a todas as suas declarações amorosas. Um d'elles, o abbade de Pons *servia-a muito bem*.

«Era um grande hypocrita, segundo diz Tallemant des Reaux, filho de um capellão da provincia, que se obstinava em apparentar uma alta prosapia. Quando declarou a sua paixão á corteză, disse-lhe que não devia admirar-se de o vêr apaixonado por ella, por isso que os maiores santos eram susceptiveis de paixões. Que o proprio S. Paulo havia amado, e que nem o mesmo S. Francisco de Salles, podéra livrar-se do amor.»

Foi este abbade quem inspirou a Molière a ideia do *Tartufo*.

O ultimo amante de Ninon foi tambem um abbade.

Havia sete annos que a cortezã deixára de ter amantes. Renunciára ao amor não sem pesar, mas, pelo menos com uma grande resignação.

Um dia o diabo foi assoprar aquella cinza quasi fria, e reavivar as scentelhas de um fogo que a cortezã julgava de todo extincto.

Um joven abbade, vivo, elegante, cheio de espirito e de *verve,* o abbade Gédoyn, lembrou-se de recomeçar a historia dos suspiros e galanteios junto da cortezã, que tantas vezes ouvira essa historia encantadora, no decurso da sua longa carreira.

A principio, Ninon julgou-se victima de uma *partida,* e repelliu o apaixonado com toda a sua severidade.

Elle, porém, não desistiu. Lançou-se de joelhos a seus pés, chorou verdadeiras lagrimas, jurou que estava profundamente apaixonado pelas graças d'aquelle espirito encantador, e que os rigores da mulher amada o fariam morrer. Disse-lhe todas as phrases usadas n'aquelles casos, desde o principio do mundo. Chegou mesmo a dizer-lhe que ella era formosa ainda.

Tão apaixonado se mostrou o abbade, que soube agitar no fundo do coração da velha peccadora os restos da inclinação dominante que ella tivera sempre para o prazer.

—«Tome sentido, senhor abbade, dizia-lhe ella. Tome sentido! Se insiste, eu sou capaz de me render!...»

—«Oh Ninon! exclamava elle pondo as mãos. Não me engane! Seria crueldade zombar do meu amor!»

—«Não o engano! Desejo sómente experimentar a sua coragem!»

—«Falle, oh, falle! Nenhum sacrificio pouparei para lograr o seu amor!»

—«Pois bem! Se a sua loucura durar ainda tres mezes, a datar de hoje, quer dizer no dia 15 de março... fallaremos então!»

—«Tres mezes, Ninon! Mas é uma crueldade! Tres mezes serão para mim tres seculos, e antes d'esse prazo, estarei morto!...»

—«Não é provavel, meu amigo!»

—«Ninon, piedade! Estou certo de que não viverei até lá!»

—«Tanto peior, se não tiver paciencia. Isto é uma resolução irrevogavel. Não transijo, por mais que o abbade proteste!»

O abbade não morreu e os tres mezes passaram.

No dia marcado, o fogoso ecclesiastico foi precipitar-se aos pés da cortezã.

—«Ninon! querida Ninon! exclamou elle. Não morri, porque a esperança me alimentou a coragem! Contei com angustia todos os minutos que me separavam d'este dia feliz. Porque demorou tanto a minha felicidade, cruel!...»

—«Desculpe-me um pequeno impulso de vaidade. A primeira vez que me pediu que correspondesse á sua ternura, eu não tinha ainda senão *setenta e nove annos, oito mezes e alguns dias!*»

O abbade estremeceu, e olhou assombrado para a cortezã.

—«Acredite, meu querido abbade! Uma mulher é incapaz de mentir em cousas d'estas. Quiz que se dissesse um dia esta cousa espantosa:—Que Ninon de Lenclos, aos oitenta annos de edade havia tido uma boa fortuna!»

—«Oitenta annos! murmurou elle assombrado.»

—«Sim meu amigo! Completei-os esta manhã!»

Havia n'esta terrivel confissão prosa sufficiente até de mais para matar a paixão mais forte, mas a de Gédoyn resistiu. O olhar do abbade scintillou de novo. Cobriu de beijos as mãos da velha cortezã, e exclamou com enthusiasmo:

—«Que importa?! O espirito e a belleza não tem edade!...»

N'essa mesma noite, como alguem mettesse a ridiculo esta conquista octogenaria, o abbade respondeu com esta quadra:

Ah! mes amís, lorsque une tonne
A contenu d'excellent vin,
Elle garde un parfum divin,
Et la lie en est toujours bonne!

«Ah, meus amigos! Quando uma cuba conteve um vinho excellente, conserva um perfume divino, e a borra é sempre magnifica!»

Gédoyn festejou, portanto, os oitenta annos de Ninon com o mesmo enthusiasmo com que lhe teria festejado o vigessimo quinto anniversario.

Voltaire affirma que foi o abbade de Chateauneuf e não o abbade Gédoyn quem obteve os ultimos favores de Ninon. Não nos será permittido suppor que os dois abbades nada tiveram que invejar um ao outro, e que Ninon tratou a ambos com egual bondade com dez annos de intervallo, por isso que contava setenta annos, quando recebeu as homenagens do abbade de Chateauneuf?

Chateauneuf, no dizer de Voltaire, era um d'esses homens que não necessitam dos attractivos da juventude para sentirem desejos, e os encantos da companhia de Ninon suppriam n'esse temperamento ardente os effeitos da formosura.

Voltaire parece duvidar que mademoiselle de Lenclos fosse capaz de inspirar desejos na edade de setenta annos. Que diria elle aos oitenta? A belleza de Ninon fôra tanta, que conservou alguns restos d'ella até ao fim da sua carreira. Precisava de usar oculos, mas não lhe ficavam mal, porque, como ella dizia, «sempre tivera um semblante grave.»

Um dia escreveu a Saint-Évremond, confidente dos seus mais secretos pensamentos:

«O corpo, em boa verdade, já não é digno de attenção, mas a vida tem ainda uma chamma que a sustenta.»

N'outra occasião, escrevia sem duvida depois de ter consultado o seu espelho:

«Toda a gente me diz que tenho menos razão de queixa do tempo do que outra qualquer. Seja como fôr, se me tivessem dito que havia de viver como vivo, ter-me-hia enforcado fatalmente. Apezar d'isso, tanto apego se tem a um corpo feio como a um corpo bonito, e todos nós queremos gozar a commodidade e o repouso!»

Saint-Évremond, que contava mais tres annos do que ella, respondia áquella sereia octogenaria:

«Apezar da sua severidade, agrada ainda, minha amiga. Dá a Seneca attractivos que elle não costumava ter. Quer passar por velha, e conserva todas as graças do bom humor, e todo o espirito da juventude. Desculpe uma pergunta que lhe faço: Quando lhe vem á memoria a sua mocidade, a recordação do passado não lhe dá certas ideias tão distantes da languidez da indolencia, como da inquietação da paixão? Não sente no seu coração uma opposição secreta á tranquillidade que pensa haver dado ao seu espirito?»

Mais aimer et vous voir aimée
Est une douce liaison,
Que de votre cœur s'est formée
De concert avec la raison.
D'une amoureuse sympathie
Il faut, pour arrêter le cours,
Arrêter celui de nos jours,
Sa fin est celle de la vie.
Puissent les destins complaisants
Vous donner encore trente ans
D'amour et de philosophie!

«Mas amal-a e vel-a amada, é um doce enlace que o seu coração formou de accordo com a razão. Para interromper a corrente de uma sympathia amorosa, é mister interromper ao mesmo tempo a de nossos dias. O seu fim é o da nossa propria existencia! Que o destino complacente lhe conceda ainda trinta annos de amor e de philosophia!»

A carta, em que vinha este amavel cumprimento de annos, chegou de Londres, quando mademoiselle de Lenclos ia entrar nos oitenta annos de edade. Póde suppor-se, sem lhe irrogar injuria, que ainda não havia dado o ultimo adeus ao amor. N'aquella épocha da sua vida, tinha perdido pouco a pouco a melhor parte das mulheres celebres que se haviam relacionado com ella, e que tinham tido a honra de constituir a sua sociedade habitual, desde que deixára de passar por cortezã, ainda que por isso não tivesse renunciado aos seus caprichos.

Já n'essa épocha se haviam ausentado de junto da Lenclos a condessa d'Olonne, a marechala de la Forté, a condessa de Castelnau, a duqueza de Sully, a condessa de Fiesque, a duqueza de Mancini, a de Sandwich, a senhora de Sévigné, a senhora de Lambert, e tantas outras illustres amigas da sua edade madura e da sua velhice. O seu salão, porém, reunia ainda a mais escolhida sociedade e as suas palavras mais simples eram acolhidas como oraculos.

Não obstante, a maledicencia não esquecia o que a famosa octogenaria havia sido, no tempo das fogosas paixões da sua vida de cortezã, e frequentemente uma alluvião de versos e de coplas satyricas vinham perturbar a paz triumphante, de que gosava.

Um dia em que déra mostras de enfado na Academia, ao assistir á recepção de um novo socio, o seguinte epigramma vingou dos seus bocejos o amor proprio dos quarenta immortaes:

Dans un discours academique
Rempli de grec et de latin,
Le moyen que Ninon trouve rien qui la pique!
Les figures de rhétorique
Sont bien fades après celles d'Aretin!

«Como hade Ninon achar cousa que lhe chame a attenção n'um discurso academico, cheio de citações gregas e latinas! As figuras de rhetorica são bem enfadonhas em comparação das do Aretino!»

Em compensação, um grande numero de composições poeticas, escriptas em louvor de mademoiselle de Lenclos e firmadas pelos nomes mais illustres da litteratura contemporanea, compensavam amplamente os ataques anonymos da satyra!

—«Ha pessoas, dizia ella com muita graça, que não me perdoam o haver-lhes recusado cousas que tão prodigamente concedia a outras! Coitados! Não conhecem que é impossivel, por mais liberal que se seja, contentar a todo o mundo!»

Ninon teve a desgraça de inspirar amor a seu proprio filho!

A cortezã estava na sua casa de recreio de Picpus. Reunia-se alli uma sociedade elegante, e Ninon contractára até um excellente cosinheiro, que sahia n'aquella occasião de casa de Colbert.

O marquez de Gersay, seu antigo amante, devia dentro de quinze dias apresentar em Paris o cavalheiro de Villiers. Era o nome que elle tinha dado ao fructo dos seus amores com a peccadora.

Ninon preparava tudo para receber seu filho. Nunca se sentira tão feliz!

Prohibira formalmente a todos os seus adoradores que lhe fizessem a côrte. Se até alli se havia mostrado decente nas suas exterioridades, queria d'ahi em diante apparentar a mais decente compostura e affastar de sua casa a mais leve apparencia de escandalo. Tractava-se de educar seu filho, de lhe fazer conhecer o mundo, de despertar n'elle instinctos delicados, de o affeiçoar aos costumes amaveis, ao bom gosto, ás bellas maneiras da sociedade elegante.

O marquez escrevera-lhe estas palavras:

«Nosso filho é um nobre e bello rapaz, cheio de intelligencia! Um verdadeiro coração de ouro!»

A cortezã cobria mil vezes ao dia de beijos e de lagrimas a carta do marquez para illudir a impaciencia que a devorava. Contava os dias, que lhe pareciam seculos. Algumas vezes tinha tentações de ir n'uma carroagem de posta ao encontro de Gersay e de seu filho!

Mas o marquez recommendara-lhe a maxima prudencia. Não queria por fórma alguma que o amor maternal de Ninon se trahisse.

A condição era realmente dura.

Ninon amaldiçoava o seu triste passado, que auctorisava o marquez a manifestar similhante exigencia. Verdade seja que o marquez entrara a este respeito em alguns pormenores francos e sinceros. Dizia elle que, tendo educado o cavalleiro de uma maneira muito digna e quasi solemne, não queria aniquillar de um golpe o fructo das suas lições, deixando-lhe descobrir que elle, marquez

de Gersay, seu pae, não tinha sido na sua mocidade exemplo dos erros e fraquezas contra os quaes prégara constantemente a seu filho.

Havia muito que oppor a estes argumentos, mas o marquez nem sequer admittia o direito da discussão. Era homem para separar irremediavelmente Ninon de seu filho, se ella se revoltasse contra a menor das condições impostas.

Chegaram emfim, e aquelle dia foi o mais bello da existencia de Ninon.

Carlos, assim se chamava o joven cavalheiro, era um pouco acanhado, mas o seu ar timido e embaraçado, no meio de uma sociedade nova para elle, não eram destituidos de uma certa graça, que o tornava interessantissimo e lhe conquistava todas as sympathias. Tinha a fronte espaçosa, cabellos pretos, olhos de uma expressão ao mesmo tempo doce e altiva, mãos finas e nervosas e uma estatura elegantissima.

Nada mais facil effectivameute, do que fazer d'aquelle elegante rapaz um cavalheiro distinctissimo.

Calcula-se sem grande esforço quanto foi penosa a lucta sustentada por Ninon, para em vez de abrir a seu filho os braços maternaes ter de o receber ceremoniosamente.

O marquez era inflexivel. Observando-a sem cessar, detinha com o olhar os impulsos affectuosos da mãe de Carlos. Esta vigilancia intransigente tornára-se para Ninon um verdadeiro supplicio. Decididamente, a pobre mãe achava Gersay ridiculo com as suas ideias de puritano e as suas pretenções a julgar-se infallivel quando decidia uma cousa, ou tomava uma medida qualquer. Convencida de que não o faria mudar de opinião, Ninon recorreu á dissimulação e á astucia, para romper emfim aquella barreira de gelo, que se elevava entre ella e seu filho.

Fingiu appoiar incondicionalmente o seu plano, os seus principios austeros, e chegou mesmo a fazer os maiores elogios á alta sabedoria e prudencia de que Gersay dava tantas provas. N'uma palavra, tranquillisou-o a respeito de qualquer indiscrição da sua parte.

Deu excellente resultado este expediente.

Pouco a pouco, o marquez deixou-a mais livre, e a cortezã soube de tal modo comportar-se, que o marquez desistiu completamente da sua primitiva vigilancia. Chegou mesmo a deixar ir o cavalheiro só a Picpus.

Ninon conversava com seu filho horas inteiras e essas horas innundavam-na da mais deliciosa alegria.

Carlos era encantador, tinha espirito e *verve*. A sua timidez provinciana ia pouco e pouco desapparecendo. Ninon dava-lhe interessantissimas lições a respeito da cidade e da côrte. Elle e a cortezã eram os melhores amigos do mundo, e quando ella lhe dava um conselho a respeito de toilette ou de outro assumpto qualquer, o rapaz seguia-o com um interesse que testemunhava o vivo desejo de lhe agradar e de aproveitar as suas lições.

Pobre mulher! Entregava-se sem receio e sem perturbação áquella affeição tão pura!

Ninon, nas suas longas conversações com Carlos, permittia-se todas as doces familiaridades que a differença da edade parecia auctorisar. Collocava a

mão nas d'elle, e ás vezes Carlos ajoelhava junto d'ella para conversar mais á vontade. A cortezã agradecia reconhecida á providencia aquella felicidade, de que jámais lhe fôra dado gosar.

Carlos acompanhava-a a toda a parte: ao Cours-la-Reine, á Place-Royale, á egreja, ao theatro.

Percorriam Paris de um ao outro extremo. Elle tinha para com ella as mais delicadas attenções, lia-lhe no pensamento, adivinhava-lhe os desejos, estudava-lhe os habitos, afim de lhe poder prestar todas essas delicadezas, esses pequenos nadas tão agradaveis ao bello sexo.

E Ninon nada adivinhava. Estava cega! N'ella, a mãe absorvia a mulher. Quando abriu os olhos, o mal era irremediavel. Era muito tarde!

Um dia, ella e Carlos estavam no jardim de Picpus. De subito, a cortezã disse-lhe rindo:

—«Uma cousa, cavalheiro... Ha seis semanas que está em Paris, como é possivel que não tenha tido ainda um pequenino caso de amor?!»

Elle estremeceu vivamente e olhou para ella.

—«Admira-se de lhe dizer isto? Acho-o impagavel, sabe? As damas da côrte teem a seus olhos tão poucas seducções que não se digne suspirar por nenhuma d'ellas, meu gentil coração insensivel?!»

—«Oh! Engana-se, disse elle, tenho uma paixão dentro d'alma, uma paixão profunda!...»

—«Jesus! Com que modo me diz isso! Não acredito!»

—«Acredite! Fallo sinceramente. Amo com todas as forças do coração!»

—«N'esse caso, receba os meus cumprimentos... Não o suppunha tão habil em occultar as suas impressões, e estou devéras surprehendida! Mas onde demonio teve occasião de vêr a sua Armida e de a requestar, meu caro Renato?»

Carlos cobriu-se de rubor.

—«Diga, ande! Está aqui quasi todo o dia! Quando sáio acompanha-me; não o vejo assiduo senão commigo!... Confesso-lhe que não entendo, é um enigma!»

—«Ah! murmurou elle, eu nunca revelei este amor á pessoa que amo!...»

—«E porque não? Olhe, tem feito muito mal!»

—«É verdade! Isso mesmo tenho eu pensado varias vezes!»

—«As cousas não se fazem muitas vezes, por não se fallar!»

—«Sim, mas eu não me atrevo a começar!»

—«Vamos, vamos, candido amante! Esporeie a sua ousadia! Permanecendo assim nos limites de uma escrupulosa discrição, bem vê que é difficil corresponderem-lhe a esse grande amor... Mas diga-me, ao menos... É linda?»

—«Como Venus e as Graças!»

—«Oh! oh! que prodigio! Aposto, porém, que é destituida de espirito!»

Carlos tomou as mãos da cortezã e disse-lhe com ardor:

—«Não! É a mulher mais espirituosa do mundo!»

—«Ora adeus!»

—«Acredite! Junto d'ella, todas as outras empallidecem!»

— «Sabe, meu querido cavalheiro, disse Ninon rindo ás gargalhadas, que isso é quasi uma impertinencia?! Sim, eu digo isto, porque, afinal de contas, tenho umas certas pretenções a esse respeito! Muitas pessoas, que sabem o que dizem, teem tido a bondade de me declarar que... que... não sou precisamente idiota!»

Carlos ajoelhou aos pés de Ninon, ergueu para ella uns olhos cuja expressão a fez estremecer, e murmurou em voz apenas intelligivel:

—«E se essa mulher se parecesse comsigo!»

—«Que ideia! Mas, parecesse em que?»

—«Emfim, supponhamos que...»

—«Nada, nada! Vejo que pretende reparar a sua falta!... E' habil, mas infelizmente isso não vem a tempo, cavalheiro!»

Ninon começava a suspeitar a terrivel verdade... Uma commoção violenta agitava-lhe o peito, um clarão febril passava-lhe diante dos olhos. Carlos continuava a segurar-lhe as mãos, mas o olhar do adolescente assustava-a!...

O cavalheiro accrescentou:

—«Se essa mulher... fosse a senhora!»

—«Eu!» exclamou a cortezã, erguendo-se horrorisada.

—«Sim, bella Ninon! minha bella Ninon! É a senhora que eu amo, que eu amo com delirio! ..»

—«Grande Deus!»

—«Sim, a senhora a quem eu quero consagrar a minha vida inteira!... Oh! não fuja de mim! Dê-me a sua mão, que quero cobril-a de beijos!... Mas que é isto, Ninon? Porque se perturba? Não tinha ainda adivinhado o meu segredo?!»

—«Ah! desgraçado! desgraçado! que acaba de me dizer!»

E Ninon fugiu desvairada, tomada de espanto e de dôr. O cavalheiro seguiu-a, e foi bater-lhe á porta do quarto, onde se ouviam os amargos soluços da desgraçada.

—«Ninon! dizia elle. Abra, eu lh'o peço!... Mas para que chóra? Que significa esse desespero? Preciso de uma explicação!... Tenho o direito de a pedir, exijo-a!... Ninon, se não abre a porta, mato-me.»

A cortezã foi abrir. Carlos entrou no quarto, e foi novamente deitar-se-lhe aos pés.

—«Senhor! disse Ninon, tomando uma resolução extrema. Acaba de me ultrajar de um modo bem cruel!»

—«Como! Pois póde suppor tal?»

—«Silencio! Não procure aggravar o ultraje, e levante-se! Ordeno-lh'o eu!»

Carlos levantou-se. Duas lagrimas lhe corriam lentamente pelas faces juvenis. O coração da pobre mãe sangrava, mas pedia a Deus mentalmente que lhe désse coragem.

—«Eis aqui a paga que eu devia ter da minha amisade por si!... É indigno, senhor!... Tinha-o julgado de um modo muito mais lisongeiro, e o senhor fez-me arrepender singularmente da minha ingenuidade.»

—«Minha senhora...»

—«Foi uma lição que me dará d'ora ávante mais alguma desconfiança! Fazer de mim o ludibrio do seu mau coração, tornar-me victima de uma zombaria indecente, d'uma aposta talvez!... Sim, foi uma aposta que o senhor fez!...»

Carlos tornou-se de uma pallidez medonha. Nas suas feições sympathicas, retratava-se a mais dolorosa surpreza. Teve de se encostar a um movel para não cahir para traz fulminado.

—«Se acredita o que acaba de proferir, não me resta senão morrer!...»

—«Ora, senhor! Tracta-se agora bem de mortes! Deixe lá, peço-lh'o, essas grandes phrases! Pedia-me ainda agora uma explicação... Pois bem! tenhamol-a franca e leal!...»

—«Sim, murmurou elle, franca e leal, juro-lh'o!...»

—«A hypocrisia e a mentira são indignas do senhor e de mim! Como quer o senhor que eu acredite que aos vinte e dois annos se podesse apaixonar de uma mulher de sessenta, que tem rugas, e de quem o senhor até podia ser neto?... Oh! nem uma palavra! Não diga mais uma palavra, se quer tornar a vêr-me! O senhor faltou-me ao respeito, calle-se! Eu não quero desculpas! Tudo quanto lhe posso prometter é fazer por olvidar completamente a scena escandalosa de ainda agora... Retire-se, senhor, e procure merecer o meu perdão!»

A pobre mãe tinha esgotado todas as suas forças para poder proferir aquellas palavras.

Elle, porém, não a ouvia, e passeava a passos largos pelo quarto, presa de uma agitação horrivel.

De subito, parou diante da cortezã, e batendo na fronte com desespero bradou:

—«Desgraçado de mim! desgraçado de mim! Pois ousa accusar-me de similhante indignidade? Ah! Ninon! A senhora é que me ultraja! A senhora é injusta e cruel! Oh! eu quero fallar! quero-me defender!... A senhora não tem o direito de me dizer que sou um covarde, um homem sem fé, sem delicadeza, um miseravel que quiz escarnecer de uma mulher!... Não foi tudo isto o que a senhora acabou de me dizer?...»

E os soluços despedaçavam-lhe o peito! Ninon tinha a cabeça perdida, não sabia a que meio recorrer para terminar aquella discussão perigosa, e para curar aquelle pobre moço, cujas lagrimas lhe cahiam no coração.

—«Carlos, meu amigo, fiz mal talvez... mas confesse tambem que a sua loucura é imperdoavel!»

Elle levantou para a cortezã as mãos tremulas, e tornou a approximar-se d'ella.

Ninon sentia-se desfallecer.

—«Oh! Ninon! Ninon! juro-lhe em presença de Deus que a minha paixão é séria! Amo-a com toda a ternura, com todos os transportes da minha alma!...»

—Meu Deus! Meu Deus! elle vae começar novmente!...»

—Não chores! Por Deus t'o peço! Enxuga as lagrimas! Deixa-me ajoelhar diante de ti, como se ajoelha diante de um anjo!... Sim, amo-te! Sim, és bella! Ouve: este amor, se tu o não partilhares, hade custar-me a vida!...»

—«Meu Deus! vinde em soccorro d'esta pobre mulher, esmagada pela dôr!...»

—«Sessenta annos, dizes tu! E que me importa a mim isso, se nunca mulher alguma conservou mais seducções, mais irresistiveis attractivos! Rugas! Não as tens, é mentira! ..»

—«Carlos... meu amigo... tu matas-me!...»

—«Oh! dá-me a tua mão, a tua mão querida! Não desvies os olhos de mim, minha querida Ninon! Eu tenho necessidade do teu sorriso!...»

—«Tem compaixão de mim, Carlos! Em nome do ceu!... Piedade! piedade!...»

—«Dize-me:—«Amo-te!»—Dize-m'o, anda! Peço-te que m'o digas!...»

—«Vae-te, desgraçado!...»

—«Não! Não! o teu coração commove-se... sinto que te treme a mão dentro das minhas! Bem o dizia eu, querida! E' impossivel que as nossas almas não cheguem a identificar-se!...»

—«Por Deus! meu amigo, por Deus!...»

—«Vem, meu anjo! Vem!... Juro-te um amor eterno!»

—«Mas, insensato, tu não queres comprehender cousa alguma! Tu não vês o meu terror? Não vês o estado em que as tuas palavras me deixaram?» exclamou a cortezã repellindo-o e torcendo os braços com desespero.

—«Amo-te! exclamou elle. Amo-te!...»

—«Entre nós ha um abysmo!»

—«Hei de transpôr esse abysmo! Tenho coragem para isso!»

—«Vae-te! gritou Ninon desvairada. Vae-te, não tornes a apparecer na minha presença! Oh meu Deus! restitui-lhe a razão e dae-me a coragem do sacrificio!...»

E a cortezã chorava amargamente.

—«Lagrimas! Sempre lagrimas! Ninon sou eu que te peço agora que tenhas piedade de mim! Tu queres que eu morra a teus pés!...»

—«Ah! Este segredo, este fatal segredo, é preciso dizer-lh'o!...»

—«Um segredo! Falla, Ninon, falla!»

—«Sim, teu pae tinha-me feito jurar que nunca t'o revelaria!»

—«Que nunca m'o revelarias!»

—«O marquez vae separar-nos! Nunca mais te verei!...»

—«Oh! Calla-te, calla-te! Não me digas nada... eu nada quero saber! Amo-te... amo-te! Eis tudo quanto me importa!...»

—«Renuncia á tua paixão funesta, desgraçado!»

—«Nunca!»

—«Carlos! Peço-t'o, por tudo quanto ha de mais sagrado!...»

—«Não! É impossivel!»

—«Meu adorado Carlos, não me faças morrer de dôr!»

—«Ama-me! Oh! Obrigado, obrigado, meu Deus!...»

—«Affasta-te, desgraçado! Eu não posso amar-te!... Carlos, meu pobre Carlos, seria um crime, entendes tu? Seria um crime!...»

—«E porque?»

—«Porque eu sou tua mãe!...»

....

....

Carlos ergueu-se pallido, fremente, com o olhar desvairado. Dir-se-hia que um raio o fulminára. Vendo-o vacillar, Ninon correu para elle. O desgraçado repelliu-a, porém, com um gesto horrivel. Depois, voltando para o ceu as mãos crispadas, exclamou com uma voz em que o desespero e a dôr se misturavam com uma raiva sombria:

—«Sim, comprehendo tudo! É horrivel! Por que não m'o disse mais cedo! É o inferno encarniçado contra a minha felicidade! Fatalidade! Fatalidade!»

—«Carlos, meu filho! Volta a ti, sê homem!...»

—«Ninon é minha mãe!...»

—«Mas, Carlos, sê meu filho! Nada mais que meu filho! Esqueçamos um momento de delirio!»

—«Não! Não! Maldito seja o ceu! Maldito seja Deus!...»

E correndo para fóra do quarto, desappareceu.

Ninon cahiu sobre uma cadeira, despedaçada pelas commoções d'aquella horrivel scena.

Tinha a cabeça perdida. A sua razão estava prestes a despenhar-se no abysmo da loucura.

De repente, a cortezã ouve grandes clamores em toda a casa. Os criados correm pelas salas e corredores. Abre-se a porta do quarto de Ninon, e o jardineiro, suffocado, offegante, n'uma consternação inexprimivel, corre para a cortezã:

—«Misericordia! Que tens tu, Jeronymo?!» perguntou Ninon com assombro.

—«Ah! minha senhora! minha senhora! Uma grande desgraça! Lá em baixo, ao fundo do jardim, o cavalheiro...»

Ninon soltou um grito penetrante e correu para o jardim seguida do creado...

—«Minha senhora, por aqui, foi alli em baixo na avenida das tilias...»

—«Mas o que foi? Falla! exclamou Ninon, procurando enganar-se ainda. Dize-me o que se passou, meu bom Jeronymo!... Oh! não! não! cala-te!... Tremo de adivinhar!... É horrivel! Vem commigo, Jeronymo, havemos de salval-o, havemos de salval-o!»

—«Oh! minha senhora! está perdido!...»

—«Não! não! É impossivel, porque n'esse caso, tambem eu amaldiçoaria Deus!»

Chegaram. O primeiro objecto que feriu o olhar da cortezã foi seu filho, estendido sobre a relva, hirto e ensanguentado. Tinha-se atravessado com a espada.

Espectaculo horrivel! Ninon, ajoelhada junto de seu filho, procurava estancar o sangue que corria em borbotões das suas largas feridas. Inuteis esforços! Uma pallidez livida invadira já o rosto do desventurado. Foi então que levantando para ella o olhar moribundo, o pobre moço lhe disse com uma voz quasi extinta:

—«Minha mãe, perdão! Eu tinha medo de a amar ainda, e... bem comprehende... não podia viver assim!»

E expirou!

Seccos por uma febre ardente, os olhos de Ninon não derramavam uma unica lagrima. Não podendo crêr ainda em toda a extensão do seu infortunio, a cortezã collocava a mão sobre o peito de Carlos, mas o coração do infeliz havia deixado de bater.

Ao lado do mallogrado rapaz, estava a espada sangrenta do suicidio.

Ninon apanhou-a e ia dirigil-a contra o peito, mas os creados, que se tinham a esse tempo reunido no logar da catastrophe, arrancaram-lh'a das mãos, e impediram-na de realisar o seu intento.

Durante oito dias, esteve entre a vida e a morte, presa do mais horrivel delirio. Quando recuperou o uso da rasão, tentou novamente suicidar-se. Parecia-lhe odiosa a existencia, depois d'aquella espantosa desgraça. Cobria Gersay de imprecações. Fôra elle o causador d'aquelle drama horrivel, elle que prohibira á pobre mãe dar-se mais cedo a conhecer a seu filho!

Paris inteiro conheceu esta desgraça da cortezã e a deplorou commovido.

Fénelon, a esse tempo simples padre de Saint-Sulpice, lançou sobre o coração despedaçado da peccadora o balsamo d'estas consoladoras palavras:

—«As paixões teem sobre as naturezas privilegiadas uma acção terrivel cuja vivacidade póde extinguir o livre arbitrio e tornar por isso mesmo o seu excesso desculpavel aos olhos do Senhor. Creia que o desespero de seu filho terá por certo merecido o perdão da misericordia divina, mas, podendo ser tambem que elle esteja expiando no purgatorio a sua falta, antes de ser recebido no numero dos eleitos, abrevie-lhe esse tempo de soffrimentos. Faça orar pelo seu repouso eterno, e procure ir ter com elle mais tarde a um logar, onde o amor terrestre se purifica ao contacto do amor divino.»

Ninon deu vinte mil escudos a Fénelon, pedindo-lhe que mandasse dizer em Picpus e em Saint-Sulpice missas todos os anniversarios da morte de seu filho.

A cortezã teve ainda outros filhos, que nem reconheceu como taes nem admittiu nunca na sua sociedade. Provavelmente a bella cortezã não queria expol-os aos perigos da paixão que inspirava a todos os homens, que d'ella se approximavam, fosse qual fosse a sua edade.

Os novos nem sequer reparavam que a cortezã era velha, os velhos sentiam-se rejuvenescer junto d'ella.

Como foi que Ninon conseguiu escapar aos estragos dos annos?

Uma lenda encantadora diz a este respeito o seguinte:

Um dia apresentou-se em casa de Ninon, a esse tempo em todo o esplendor da sua radiante formosura, um velho, de extranho aspecto, vestido de

veludo preto, com uma bengala de ébano n'uma das mãos e um pequeno cofre na outra.

Declarou que desejava fallar com a cortezã sobre um assumpto urgente.

Recebido por Ninon, o singular personagem disse-lhe :

—«Minha senhora, venho propor-lhe um contracto. Está disposta a ouvir-me ?»

A bella Ninon não poude deixar de estremecer ouvindo aquellas extranhas palavras do velho. No emtanto, apressou-se a responder, embora tivesse na voz um leve fremito:

—«Falle, senhor, vejamos as bases do seu contracto.»

—«Pois bem, começou o desconhecido. Não lhe digo quem sou. Provavelmente não me tornará a ver mais durante a sua vida, embora se sinta disposta a viver um grande numero de annos, cousa devéras facillima, e que está na minha mão conceder-lhe!»

—«Como! Creio que está zombando de mim!»

—«Eu não zombo nunca, minha senhora. Não tenho tempo para isso. Como tive a honra de lhe dizer, está na minha mão fornecer-lhe o meio de prolongar por muitos annos a sua bella existencia destinada ao prazer, e digo a sua bella existencia, porque a senhora, acceitando o meu contracto, será bella até ao dia em que morrer, terá amantes até esse dia, embora a morte venha cortar-lhe o fio da vida lá para os oitenta ou noventa annos!»

—«As suas condições! Vejamos!» exclamou Ninon, cheia de curiosidade.

—«Não são difficeis. Limitam-se a assignar o seu nome n'esta carteira vermelha.»

E dizendo isto apresentou á cortezã uma carteira, flammejante como um brazeiro vivissimo.

Ninon estremeceu. Seria o diabo?

—«E ficar-lhe-ha pertencendo a minha alma, não é verdade?

—«Talvez! murmurou o desconhecido com um sorriso infernal, mas que importa isso! Não acha que vale a pena privar-se da bemaventurança, cujos prazeres ignora, a troco de um prestigio immorredouro, que lhe dará durante uma longa existencia triumphos enormes e lhe proporcionará os maiores prazeres, que o seu temperamento sensual póde desejar?»

Ninon hesitou durante algum tempo. O desconhecido tinha, porém, uma eloquencia arrebatadora, e a cortezã acceitou o contracto.

A sua mão alva e delicada assignou na carteira do velho todas as lettras do seu nome já tão celebre!...

O desconhecido teve um sorriso de triumpho, e retirou-se deixando ficar o coffre, que era, disséra elle á cortezã, o talisman da eterna belleza de Ninon.

A peccadora ficou durante muito tempo sob a impressão da extranha visita que recebera. De duas uma, pensava ella, ou o homem vestido de preto tinha zombado d'ella, ou o contracto que celebrára era uma cousa seria. N'este caso, não teria que se arrepender da sua imprudencia?

A curiosidade afugentou-lhe do espirito estas ideias negras. Foi abrir o o mysterioso coffre e achou dentro d'elle doze frascos cheios de um liquido côr

de rosa vivo, com uma folha da famosa carteira vermelha, em que se liam estas palavras:

«Ha em cada um d'estes frascos duas mil gotas de essencia de vida e de belleza.»

«Este liquido é inalteravel. Póde usar d'elle emquanto fôr viva.

«Uma gota todas as manhãs, n'um copo de agua, depois de um banho frio.»

Se o desconhecido era Satanaz, o espirito mau representava até certo ponto o papel de charlatão, e a cortezã teve por alguns momentos uma confiança mediocre nas suas predicções. No emtanto, seguiu-as á lettra, entregando-se d'ahi em diante sem reserva á sua propensão para o prazer, sem receio das consequencias que de qualquer excesso poderiam resultar para os seus encantos. De resto, obedecia cegamente aos impulsos do seu temperamento, e a cortezã costumava objectar aos que lhe censuravam o seu systema de vida!

—«O que ha n'este mundo mais digno das nossas preoccupações do que o prazer? A gloria? As riquezas? As honras? Tudo isso nada vale. Eu rirei sempre da bolsa de um avarento, do escudo de Achilles, do bastão de um marechal e da cruz de um bispo!»

—«Mas a religião?» objectavam-lhe os mais escrupulosos.

—«Eu julgo dignos de lastima, dizia ella, os que teem necessidade da religião para se conduzirem. Essa necessidade é sempre indicio de um espirito limitado, ou de um coração corrompido.»

«Sem ser completamente incredula, diz um illustre escriptor, Ninon tractava sempre de resto tudo quanto se referia ao dogma christão. Entregava-se ás praticas religiosas por habito, como tantas outras, mas não julgava pessoa alguma completamente esclarecida a respeito do mysterio dos nossos destinos futuros.

«N'uma doença grave, em que Saint-Évremond recusava os soccorros da religião, Ninon teve o cuidado de lhe levar um padre á cabeceira. Esta acção foi, no emtanto, bem depressa desmentida pelas palavras da cortezã, que disse ao confessor, conduzindo-o ao leito do seu amigo:

—«Cumpra o seu dever, reverendissimo. Asseguro-lhe que o enfermo, por mais que raciocine, não sabe mais d'essas cousas da religião do que o senhor, ou do que eu!»

Voltando ao celebre pacto de Ninon com o diabo: a 9 de abril de 1701, a famosa cortezã escrevia de Paris ao seu velho amigo Saint-Évremond, ainda a esse tempo exilado em Londres:

«Ah! meu amigo, que susto horrivel que tive! Ainda agora me sinto estremecer!

«Como é triste e cruel virem estas loucuras do passado collocar-se a tão longos intervallos no nosso caminho, para nos envenenarem a hora presente!

«Tornei a vêr o homem negro, sabe? O homem negro da minha mocidade, o homem da carteira vermelha e dos doze frascos!

«Tinha o mesmo fato de velludo negro, a mesma bengala d'ébano, os mesmos modos, o mesmo sorriso terrivel! Meu Deus! nem sei como não morri de terror!

«Julga-me louca, não é assim? Mas olhe, meu amigo, que o caso não é para rir! Deixe-me pôr em ordem a minha narração.

«Magdalena de Scuderi adoeceu gravemente em minha casa. Quando uma enferma tem noventa e quatro annos, poucas esperanças ha de a salvar. No emtanto, madame Sandwick tomou uma carroagem de praça e correu a casa de um charlatão muito em voga, cujas curas admiraveis toda a gente preconisava.

«Ao cabo de uma hora, a minha amiga entra com o homem. Levanto a cabeça, olho para elle, e cáio aniquillada sobre a cadeira, exclamando:

—«É elle!... é o diabo! Meu Deus! Meu Deus! protegei-me!...»

—«O que é isto? Esta senhora é a sua doente? perguntou elle.

—«Piedade! exclamava eu, deitando-me aos pés do mysterioso personagem. Eu assignei a fatal carteira, mas não quero vender a minha alma!»

—«Ah! ah! É então mademoiselle de Lenclos?»

—«Sim!» murmurei aterrada.

—«E arrepende-se de ter dado a sua assignatura?»

—«Arrependo! arrependo!»

—«Tranquillize-se. Eu não sou tão diabo como pareço, e talvez nos possamos pôr de accordo!»

«O homem mysterioso approximou-se do leito da enferma, mas durante este dialogo, Magdalena tinha exhalado o ultimo suspiro.

—«Não a teria salvo! disse o homem negro. Agora, mademoiselle, se quer, passemos a outro aposento para regularmos o nosso negocio!»

—«Oh, minha boa condessa! peço-lhe que não me abandone!» exclamei eu, erguendo para madame de Sandwick as mãos supplicantes.»

—«Perdão! o que tenho para lhe dizer não deve ser ouvido de ninguem. Do contrario, não direi uma palavra!» disse o homem negro.

«Eu estava gelada de terror, e não ousava conferenciar a sós com o homem fatal. De repente, lembrei-me de que tinha recebido, na vespera, do meu confessor, um relicario contendo uma parcella da vera cruz, fui buscal-o á minha secretaria, e metti-o precipitadamente no peito.

—«Pois bem, senhor, disse-lhe. Venha. Estou prompta a ouvil-o!»

Entrámos no salão.

«Faça-me justiça, meu amigo. Nunca me conheceu medrosa, conservo ainda todas as minhas faculdades. Pois bem! Juro-lhe que para ficar alli só com um tal interlocutor, foi-me preciso reunir toda a minha energia e força de animo. Depois de ter cuidadosamente fechado a porta, o homem negro disse-me:

—«Mademoiselle, é um acto de homem honrado o que vou cumprir. Não lhe peço segredo a respeito da revelação que lhe vou fazer, mas julgo-a muito *homem de bem*, para prejudicar uma pessoa, cujo unico fim é ser-lhe agradavel.»

«Este preambulo era bastante animador. Mas eu continuava a desconfiar do mysterioso personagem, e tinha a santa reliquia apertada ao peito, para contra ella naufragarem todas as tentativas do espirito do mal.

«O homem negro offereceu-me uma cadeira, e sentou-se n'outra defronte de mim.

—«Não sou o diabo, mademoiselle, proseguiu elle. Não sou mesmo aquelle que teve n'outro tempo a honra de a visitar.»

«Estremeci, e olhei para elle algum tanto menos assustada.

—«O que?! Pois não é...»

—«Não, disse elle sem me deixar concluir, era meu pae!»

—«Seu pae!...»

—«Sim, um judeu portuguez, que fez a respeito da arte de curar estudos profundos. Pareço-me muito com elle, mademoiselle!»

—«Se parece! É uma similhança assombrosa, terrivel, senhor!»

—«E tanto mais, mademoiselle, que eu tenho o cuidado de usar o mesmo trajo. Esta similhança é a minha fortuna. Muitas pessoas se teem enganado como a senhora, mas o seu erro podia produzir consequencias mais graves, e é por isso que eu me lembrei de lhe dizer a verdade.»

«Comecei a respirar mais livremente.

—«Mas é verdade o que me diz?» murmurei.

—«Ah! duvida ainda?! Tanto melhor! Se a mulher mais espirituosa do seculo acreditou na immortalidade de um homem, qual será a opinião dos outros? Assim posso, e bem o sabe a senhora, attribuir-me uma bella edade, ahi uns cento e trinta annos, pouco mais ou menos. Meu filho d'aqui a meio seculo poderá dizer que tem o dobro d'esta edade. Mais feliz do que eu, que não tive senão tradicções oraes, elle terá tradicções escriptas. Legar-lhe-hei um bom numero de segredos, juntamente com a historia das familias. Não hade faltar gente que me tome por elle, assim como a senhora me tomou por meu pae. A unica differença é a seguinte: Como a nossa fortuna cresceu notavelmente, quero que elle tenha um titulo. Será o conde de Saint-Germain.»

—«Causa-me assombro tudo isso! E para que serve essa astucia? Para que perpetuar assim de paes para filhos uma tão extranha similhança?»

—«E pergunta-m'o a senhora? Mas então não calculou ainda todo o prestigio que isto nos dá? Reflicta bem na cega confiança que deve inspirar o homem que descobriu o segredo de não morrer. Ignora que a fé do enfermo é muitas vezes a causa principal da sua cura? Opere-se fortemente sobre o moral, o physico hade resentir-se no mesmo instante. A senhora é até uma prova d'esta minha theoria!»

—«Eu!?»

—«Não se conservou bella até aos oitenta annos?»

—«É verdade!»

—«Sabe o que continham os doze frascos destinados a eternisar os seus encantos? Continham agua pura!...»

—«Pois é possivel!?»

—«Sim, mademoiselle, agua pura misturada com algumas gotas de uma substancia chimica innoffensiva, para a tornar incorruptivel e para a colorir levemente. A experiencia deu um resultado magnifico. Todavia meu pae foi talvez longe de mais, fazendo-lhe crêr n'um pacto com o diabo. Ainda ha pouco, julgando re-

conhecer-me, a commoção poderia muito bem ter-lhe causado um abalo terrivel. Não lhe disse elle, recorda-se? que no dia em que o tornasse a vêr, teria apenas tres dias de existencia?»

—«É verdade! Tinha-me dito isso!» exclamei eu, estremecendo ainda, bem a meu pesar.

—«Que edade tem?» perguntou-me o empirico.

—«Oitenta e nove annos.»

—«Deixa-me ver o seu braço?!»

«Apresentei-o immediatamente. O mysterioso personagem tomou-me o pulso.

—«Pois bem! disse elle, não sómente não morrerá dentro de tres dias, mas posso assegurar-lhe ainda cinco annos de existencia. Agora, adeus, mademoiselle. Para acabar de lhe tranquillizar o espirito, vou mandar-lhe immediatamente a folha da carteira de meu pae, em que ha tantos annos a senhora traçou a sua assignatura!»

«O homem negro cumpriu a sua palavra. Uma hora depois, recebi a maldita folha vermelha, e confesso-lhe que a queimei com uma satisfação enorme.

«Aqui tem, meu amigo, o desenlace da minha historia com o diabo. Deixe-me dizer-lhe com franqueza que preferi este desenlace a outro qualquer.»

NINON.»

Aquella mulher celebre, durante os ultimos annos da sua vida, quer dizer até 1706, cultivou preciosamente a sociedade do pequeno numero de amigos que lhe restavam ainda, procurando tornar-se querida de todos, e privando-se algumas vezes do necessario para dar esmolas mais ou menos abundantes, ou para deixar legados importantes áquelles que tinham ficado junto d'ella.

Vendo approximar-se a morte, nada perdeu da sua serenidade. Conservou até ao ultimo suspiro a sua liberdade de espirito e as graças amaveis da sua conversação.

—«É quasi doce morrer, dizia ella, porque na outra vida encontraremos sem duvida as pessoas que amamos!»

Um instante antes de morrer, improvisou a seguinte quadra:

Qu'un vain espoir ne vienne point s'offrir,
Qui puisse ébranler mon courage;
Je suis en âge de mourir,
Que ferais-je ici davantage?

Um padre de Saint-Sulpice entrou n'aquelle momento para lhe administrar os ultimos sacramentos da Egreja. Ninon recebeu-os com grande devoção. Em seguida exclamou:

—«Adeus, meus amigos, adeus!»

Approximaram-se do leito. A cortezã estava morta.

Mademoiselle de Lenclos foi sem duvida uma das mulheres mais dignas e mais estimaveis do seculo XVII. Se o seu gosto pelo prazer excedeu um pouco os li-

mites, resgatou esses erros pelas qualidades mais preciosas e mais raras. Não houve espirito mais fino, mais delicado, coração mais nobre e mais generoso. Ninon viu toda a sua épocha de joelhos diante d'ella, e no dia em que deixou de ser bella, não perdeu nem um amigo, nem um admirador!

É o maior elogio que se póde fazer de uma mulher.

É indubitavel que a posteridade, sempre justa nas suas apreciações, não teria elevado mademoiselle de Lenclos sobre um padestal, se ao lado da vida amorosa da cortezã não tivesse encontrado a energia de caracter, o merito superior, a probidade, o bom senso, o espirito, e tudo quanto distingue as almas superiores.

Foi Ninon de Lenclos a unica mulher que em França elevou a prostituição ao mesmo pé em que ella florescia na Grecia antiga. Foi um astro brilhante, que fez comprehender á flôr da aristocracia franceza o que haviam sido as cortezãs athenienses do seculo de Pericles, esplendor e gloria das escholas philosophicas.

«Para se adquirir a arte de saber viver na côrte, era preciso estudar na eschola de Ninon (V. *Historietas,* de Tallemant des Reaux), e no emtanto Ninon era uma verdadeira *cortezã.* Não só tinha tantos amantes, como lhe inspirava o seu capricho, mas até se entregava sem gosto e sem paixão aos que chamava seus *pagadores,* e que acceitavam de bom grado esse injurioso qualificativo.

Testemunhos comtemporaneos affirmam-nos todavia que os galanteios da cortezã eram cohonnestados aos olhos do mundo por um austero pudor, que os salvava do escandalo. Ninon tudo fazia perdoar, graças á exquisita delicadeza de que usava nas suas relações sociaes. Os homens eminentes ou distinctos, que frequentavam a sua sociedade elegante e culta, haviam sido educados nas licções e exemplos da cortezã, que estabelecera como principio:

«Não basta observar os preceitos essenciaes da probidade, que constituem o homem de bem, é preciso ainda observar os da sociedade, que formam o homem *honesto.*»

(V. *Traité des Études,* pelo abbade Fleury.)

Assim, só se era homem honesto *(honnête homme)* decente, bemquisto, fino, delicado, cortez, etc., desde que se lograva ter entrada na sociedade d'aquella cortezã, que foi na sua épocha o arbitro da *honnêteté,* decencia, delicadeza, polidez, urbanidade, etc.

Indubitavelmente devia ter havido por aquelle tempo confusão nos nomes e nas cousas; de outro modo, seria impossivel explicar a admiração e apreço geraes que rodeiaram sempre mademoiselle de Lenclos, sem que na sua reputação fizessem mossa as desordens e extravios da sua fogosa juventude.

Entre as suas visinhas da Place-Royale havia tambem varias mulheres da mais illustre origem, e mais nobremente aparentadas do que ella, que tinham ainda uma vida mais escandalosa que a sua, sem se inquietarem com a opinião publica. Chamavam-lhes as *galantes de la Place,* ou as *coquettes,* e Ninon zombava d'ellas, dizendo que não entendiam uma palavra do seu officio.

Póde facilmente calcular-se o enorme descredito a que por vezes chega-

vam as grandes damas, que se teriam altamente indignado de as chamarem cortezãs, e que nunca souberam fazer-se respeitar tanto como Ninon.

Uma d'ellas, que a côrte expulsou do seu seio, apesar do seu elevado nascimento e da sua enorme fortuna, só encontrou asylo na sociedade de Ninon, e nunca poude rehabilitar-se completamente para com o seu sexo. A senhora de Suze nunca passára de leviana e inconsequente, e não obstante julgaram-na e tractaram-na como uma mulher perdida.

Mademoiselle de Lenclos costumava dizer-lhe:

—«Minha querida, obstina-se em dar-se ares de Sardanapalo, e no fundo é tão devota como uma freira carmelita.»

Curioso contraste era vêr a lucta da opinião publica entre Ninon e a senhora de Suze, que verdade, verdade, não merecia similhante reputação!

Esta dama, filha segunda do marechal de Chatillon, havia casado em primeiras nupcias com um fidalgo escocez, o conde de Adington, o qual perdeu logo ao cabo do primeiro anno de casamento.

Regressou a Paris com dez mil libras de renda, e como a sua imaginação ardente e novellesca, ainda mais que o seu temperamento, a impellisse a aventuras, apressou-se a familia a casal-a com o conde de Suze, «apesar de ser vesgo e borrachão», diz Tallemant des Reaux.

Apenas se apanhou protegida pela capa matrimonial, deu livre curso aos seus galanteios, e comprometteu-se em centenares de aventuras, levada pelo seu espirito romanesco.

Não tinha talvez maior prazer que o de compor versos amorosos e escrever bilhetinhos apaixonados, pois, segundo a theoria das *coquettes da Place-Royale*, «não escrever, equivalia a *fazer amor* á maneira das creadas.

A senhora de Suze escrevia todos os dias, muito mais em verso que em prosa, porque tinha sempre escondido atraz da cortina algum poeta, que limava as suas poesias alambicadas...

As extravagancias da condessa de Suze puzeram-na ao nivel das mais despreziveis peccadoras.

—«Vês tu? dizia ella um dia a um antigo amigo da sua familia, que a censurava pela sua maneira de viver; pensas uma cousa, e é outra. Tudo isso que dizem não passa de brincadeira. Se me tivesse casado ao meu gosto, não faria o que faço.»

O *gosto* d'aquella aristocratica doidivanas seria casar com o primeiro poeta que tivesse á mão, por feio e velho que fosse.

Era uma namorada insaciavel, sempre em procura de um ideal que não poude realisar. Tinha a mania do amor, fallava n'este assumpto predilecto a cada passo, viesse ou não viesse a proposito, e com tal exaltação que sua cunhada, a senhora de Normanville, lhe dizia ingenuamente:

—«Quando te ouço, mana, chego a crêr que se te visses a sós com o homem que amasses, lhe concederias tudo.»

—«Póde ser,» respondeu a ardente compositora de elegias.

Namorou-se subitamente de um dos Rambouillet, e lembrou-se de lhe pedir, sem mais ceremonias a *cortezia*. Era esta a phrase singular empregada

n'aquelle tempo para exprimir em linguagem de salão o que os homens pedem sempre e as mulheres nunca.

(V. *Historietas de Tallemant,* t. II.)

Com esta ideia, escreveu varios bilhetes ao senhor de Rambouillet, marcando-lhe uma entrevista.

«O fidalgo accedeu um dia, em presença de tantos convites, diz Tallemant, que soubera a anecdota da bocca do proprio Rambouillet, e encontrou-a de cama. A eterna namorada usou de tal estratagema, que mesmo em presença das creadas, que nunca lhe sahiam do aposento, correu sobre elle a cortina, de maneira que se apresentou aos olhos de Rambouillet completamente núa! Poucos dias depois, foi visital-o a sua casa, de cadeirinha, e entregou-se logo alli áquelle rapaz, com quem fallava pela segunda vez, e que a castigava duramente da sua prostituição, dizendo-lhe:

—«Muito humilhado está o sangue de Coligny!»

Varios casos d'este mesmo genero, alguns dos quaes são referidos por Tallemant com uma liberdade de expressões, que não nos atrevemos a transcrever, desprestigiaram a sua reputação, chegando mesmo ao extremo de ser considerada por toda a gente como uma mulher de má vida, com quem todos podiam ter relações sexuaes, se lhes désse na cabeça.

Considerada d'este modo, tendo descido a similhante abjecção, todos os homens se julgavam auctorisados a obter d'ella o que, segundo se dizia, a ninguem recusava.

Por este motivo, o poeta Bertaut, irmão da senhora de Motteville, logo da primeira vez que a viu, lançou-lhe os braços ao pescoço, ficando altamente surprehendido da sua resistencia.

A condessa, devéras encolerisada, chamou os creados, mas quando elles accudiram, disse-lhes apenas:

—«Deitem mais lenha no fogão.»

Apressaram-se elles a cumprir esta ordem, e retiraram-se.

—«Está arrependido do que fez? disse-lhe a condessa. Creia que se não fosse por consideração para com a senhora de Motteville, era um homem perdido!»

Bertaut não se atreveu a repetir a tentativa, e despediu-se, confundido e cabisbaixo. Ella, pela sua parte, deu-se pressa em contar a aventura a todo o mundo.

Ninon, por mais que se esforçasse, não conseguiu tornal-a discreta, porque a condessa nunca soube distinguir o que se devia dizer do que devia callar-se. Tinha manias insupportaveis, fallava só a determinadas pessoas, mal se dignava acabar uma phrase, e só despregava os labios com esforço e languidez.

Accusavam-n'a dos mais vergonhosos caprichos de libertinagem, e não obstante, nunca o amor fôra para ella uma questão dos sentidos, pois que até se jactava de ser tão fria como uma pedra.

Ninon ria-se de a vêr fazer tão pouco caso do seu corpo, e aconselhava-lhe que se refugiasse nas visões do amor platonico.

Apesar d'isso, a condessa de la Suze continuava a procurar a pedra philosophal do prazer, dirigindo-se a amantes de todos os matizes, que nunca sabiam corresponder ás snas imaginarias esperanças.

No ultimo periodo da sua vida, tornou-se sensata, desprendeu-se completamente das cousas terrenas, para se enamorar de Jesus-Christo.

Nas suas ridiculas visões, apparecia-lhe o divino amado como um varão alto, formoso, de esbelta figura.

—«É louro?» perguntava-lhe Ninon, escarnecendo d'estes absurdos.

—«Não, querida, enganas-te, respondia-lhe a senhora de la Suze com um sangue-frio imperturbavel. Sei positivamente que é moreno!»

CAPITULO XV

SUMMARIO

Parallelo de Marion Delorme e de Ninon de Lenclos.—Comparação d'estas duas celebres cortezãs com as suas contemporaneas.—Biographia das grandes cortezãs do seculo XVII.—A Lenoble.—A Dalesso.—A Sandrier.—A Charpentier.—A Toussine.—A Neveu.—Uma aventura do conde de Rochefort.—A Blondeau.—A Duryer. — A França no tempo da Fronda.—A taberna de Saint-Cloud.—A fome de 1649.—A Nichon.—A Liance.—A Saint-Amour.— As comicas.—A Chambonneau.—A Toinville.—A Cardeau.—Ainda Ninon e Marion: *á tout seigneur, tout honneur.*



D UQUE DE Saint-Simon, que nas suas *Memorias* consagrou algumas paginas a Ninon de Lenclos, desculpa-se d'esta insistencia allegando uma razão bastante attendivel. «A singularidade d'esta illustre personagem, diz elle, exigia que a respeito d'ella eu fallasse com uma certa complacencia.»

De resto, julga-a com a maior severidade:

«Ninon, diz elle, cortezã famosa, depois que a edade a obrigou a deixar o officio, foi conhecida com o nome de mademoiselle de Lenclos. Esta mulher foi um novo exemplo do triumpho que póde alcançar o vicio, quando é dirigido com talento e ornado com algumas virtudes.»

(V. *Memorias completas e authenticas,* do duque de Saint-Simon.)

Esta opinião de Saint-Simon, grave e austero em demasia para não ter indulgencia para com o vicio brilhante e fascinador, foi ainda assim modificada e temperada por historiadores e moralistas, que em parte perdoaram a Ninon as suas loucuras e excessos, em favor do prestigio extraordinario que a illustre cortezã exerceu na sociedade franceza do seculo XVII.

«Ninon, diz Poulain de Sainte-Foix, era uma mulher de má conducta, mas de dotes apreciabilissimos. A nossa patria possuiu tão raras Ninons como Corneilles. Estava reservado ao seculo de Luiz XIV produzir o grande e o maravilhoso em todos os generos.»

(V. *Essais historiques sur Paris.*)

N'esta delicadissima apreciação d'aquella especie de gloria nacional, vê-se a prova da immensa fama que a Lenclos soubéra conquistar, fama que não lograva escurecer o titulo de cortezã, que a historia jámais separou do seu nome.

Effectivamente, Marion Delorme e Ninon de Lenclos são as unicas que

mereceram n'aquella épocha o titulo de celebres nos annaes da prostituição. Houve muitas outras cortezãs em voga, que attrahiam tambem a juventude da côrte e viviam como princezas, mas nenhuma d'ellas soube como Ninon sobresahir da propria abjecção, e fazer perdoar os seus abominaveis costumes, em troca das suas grandes qualidades de talento e coração.

Ninon e Marion, sob este ponto de vista, não tiveram rivaes. Tiveram apenas imitadoras, mas essas tristes e deploraveis copias foram sempre eclipsadas pelos modellos.

Possuimos alguns pormenores, na maior parte extrahidos das *Historietas* de Tallemant des Reaux, os quaes nos servirão para demonstrar quanto differiam as mulheres galantes de profissão das famosas Marion e Ninon, que por certo se envergonhariam de se verem postas ao nivel d'aquellas creaturas.

Observaremos ainda que Ninon e Marion, especialmente a primeira, adquiriram, como diz Saint-Simon, «uma reputação e consideração singulares», sem terem necessidade de passar a esponja do matrimonio sobre os seus devaneios juvenis, emquanto que outras cortezãs, muito menos afamadas do que ellas, casaram honestamente, sem alcançarem a mesma rehabilitação, e sem conseguirem fazer esquecer o seu vergonhoso passado.

É que de Ninon e Marion, ao passo que despejavam constantemente a bolsa dos seus amigos, ao passo que recebiam todos os dias presentes de vulto, nunca poude dizer-se que se vendiam, ou manchavam os seus amores com apparencias de venalidade. Tinham tantos amantes quantos o seu capricho lhes inspirava. No emtanto, nunca abdicavam a liberdade da escolha, e pareciam guiar-se quasi completamente pelos impulsos do coração.

A posse d'estas duas cortezãs era sempre o resultado de uma conquista amorosa, e não de uma conquista pecuniaria.

Eis o que lhes permittia andar de fronte erguida, soberbas e desdenhosas ás vezes, entre as grandes damas da côrte, que nem sempre eram tão desinteressadas nas suas fraquezas.

Entre as cortezãs de Paris, que não apparecem na *Canção das mulheres de prazer* nem na *Mazarinade,* do senhor de la Valise, devemos mencionar em primeiro logar a Lenoble, que esteve em voga desde o anno de 1649, e a quem o seu escandaloso modo de vida fez condemnar á deportação.

Tallemant des Reaux, que a qualifica de *famosa cortezã* (*Histor.* tomo II), diz-nos que a rainha Anna de Austria, que já vimos por mais de uma vez intervir na policia dos costumes da côrte, fez embarcar á força aquella perigosa sereia, para a mandar para o Canadá.

Felizmente para ella, a Lenoble tinha-se mostrado cheia de rigor para um italiano de Brescia, chamado Joannino, *que nunca obtivera cousa alguma d'aquella cortezã,* diz Tallemant.

Apenas o arresto da sua cruel inimiga chegou ao conhecimento do enamorado italiano, poz-se immediatamente a caminho para se reunir com ella, fosse onde fosse.

Embarca e vae seguindo a esteira do vaso de guerra, destinado a transportar ao Canadá um numeroso carregamento de mulheres. Alcança o navio do

estado algumas leguas pelo mar dentro, e resgata a peso de ouro a desgraçada Lenoble, que não esperava voltar mais em sua vida a França, e muito menos a Paris.

Apenas a cortezã passa para o barco de Joannino, o navio do estado d'onde acabava de sahir abre-se e desapparece nos abysmos do oceano!

«Podem imaginar se ella deixaria ou não de ser cruel com o seu salvador!» exclama Tallemant, que segundo parece, conhecia a Lenoble, por isso que a censura de não ser *cuidadosa,* isto é, limpa na sua pessoa, ou no seu trajo.

O italiano, que não só a tinha salvado do desterro, mas tambem da morte, continuou, não obstante a falta de asseio da bella, subjugado por muito tempo aos seus encantos. Um dia cançou-se de a sustentar, e acabou por lhe roubar tudo ao separar-se d'ella.

É provavel que a Lenoble fosse uma d'essas mulheres de industria (V. a *Historia dos Francezes de differentes estados e condições,* por A. Monteil.)

O italiano era provavelmente do mesmo estofo.

Uma das companheiras da Lenoble portou-se com muito mais prudencia e habilidade.

Chamava-se a Dalesso, nome, que a pertencer-lhe, nos indicaria por certo a origem hespanhola ou italiana da sua possuidora.

«Foi, por assim dizer, a unica que teve senso commum» diz Tallemant des Reaux, que provavelmente costumava frequentar as *coquettes* de Paris.

«Quando logrou ajuntar algum peculio, começou a fazer vida de mulher de juizo, governando-se menos mal. A sua casa iam de visita muitos homens distinctos, e tudo se passava o mais decentemente possivel. Tinha talento e a sua conversação era encantadora.»

(V. *Hist.,* t. II.)

N'outro logar das suas *Memorias,* Tallemant, que n'essa passagem a chama a *Dalesseau* e não *Dalesso,* diz que ella fôra das de mais infimo preço, e que até á edade de trinta annos não fôra estimada.

Desde então a famosa cortezã foi sustentada opulentamente por varios homens de distincção.

«Era viuva, não sei de que miseravel, observa Tallemant des Reaux, e Dalesseau era o nome de um dos seus amantes.»

Foi o senhor de Retz um dos amantes que lhe deu celebridade, e desde aquella épocha tornou-se o alvo dos libertinos da côrte e da classe média. Saint-Preuil, que havia conquistado um nome terrivel entre os duellistas do seu tempo, roubou a amante ao bonacheirão de Retz, e teve-a algum tempo por sua conta.

Um pagador, chamado la Barre, moço, rico e dado aos prazeres, diz Tallemant, não teve grande trabalho para a roubar a Saint-Preuil, que tinha mais generosidade que dinheiro.

La Barre dava mil libras por mez á Dalesso, somma então consideravel, por isso que representa o quadrupulo do seu valor actual, e ainda assim a Dalesso realisava outros proventos de varios outros amantes.

«O conde de Harcourt, diz Tallemant, deitava-se *gratis* com ella, e como tinha o privilegio de a gosar sem dispender, tinha tambem o desgosto de ter de ceder o logar a La Barre, quando o illustre financeiro se apresentava de subito para reclamar os seus direitos.

«N'essas occasiões, o conde de Harcourt, que era um dos mais bravos capitães da sua épocha, e cujos gloriosos feitos de armas lhe tinham merecido a alcunha de *Perola,* via-se obrigado a bater em retirada, á chegada do financeiro, indo occultar-se n'alguma despensa. Uma noite teve de dormir sobre uma pouca de palha.»

A Dalesso, que a esse tempo contava trinta e quatro annos e continuava a ser festejada pelos grandes senhores, devia ter sido tão notavel pelo seu talento como pela sua belleza.

O advogado Patru enthusiasmára-se por ella, e elogiava o seu estylo, dizendo que escrevia razoavelmente.

«Esteve sempre por conta de homens, diz Tallemant des Reaux, até que deixou o officio, e como conseguira arranjar uma boa fortuna, começou a viver com uma certa decencia. Concorriam a sua casa varias pessoas de qualidade, que a tratavam com a maior delicadeza e consideração.»

O *savoir-vivre* era n'aquelle tempo accessorio indispensavel dos maus costumes.

Um conselheiro, chamado Leroux, enamorou-se d'ella e da sua fortuna, sem querer saber dos meios que empregára para a grangear. Casou com ella, e desde então a Dalesso passou a ser a senhora conselheira.

A Sandrier, que, para dizer a verdade, teve sempre uma vida menos dissoluta que a Dalesso, terminou a sua carreira aventureira com um casamento.

Já por varias vezes temos dito que o casamento era o alvo das raparigas de mediocre virtude e o desenlace ordinario das suas aventuras amorosas.

A Sandrier, filha de um procurador, era linda, mas muito *coquette.* Tinha varios amantes, que occorriam simultaneamente ás suas despezas Um d'elles, o academico Claudio de l'Estoile, imaginava ser o unico favorecido, porque pagava mais alguma cousa que os seus rivaes.

«A Sandrier, porém, diz Tallemant, acceitava-lhe o dinheiro, zombava d'elle e *amava* outros.»

É verdade que aquelle pobre poeta academico, pensionista do cardeal de Richelieu e seu collaborador de comedias, era feio até metter medo. No emtanto, julgava-se formoso e pretendia ser amado como um Adonis.

Desconfiava de Beaulieu-Picart, que começou a galantear a Sandrier, e que, segundo se dizia, esperava tão sómente *l'heure du berger*, para a possuir.

Este tal Beaulieu-Picart era *honestamente insolente,* segundo a expressão de Tallemant. Tivera um grande numero de conquistas que nunca lhe deram senão o trabalho de se aproveitar d'ellas.

Um dia, acompanhado do advogado Patru, vae bater á porta da Sandrier. Respondem-lhe que a dama não está em casa, porque l'Estoile havia-lhe prohibido que o recebesse.

Beaulieu pede licença para descançar um momento na ante-camara, en-

tra com o seu amigo e começa a soltar pragas sobre pragas, e quer a todo o custo quebrar os vidros.

Para o dissuadir d'este louco proposito, Patru diz-lhe:

—«Beaulieu, que te parece esta ideia que agora me occorreu? se nós respondessemos aos versos gravados por l'Estoile no alaúde da sua amante?»

Esses versos, em que o poeta lançava a luva a todos os seus rivaes, circulavam de salão em salão, e iniciavam os criticos na historia dos seus amores:

Je dois faire bien des jaloux,
Lors que je baise devant tous
Le sein de ma belle maîtresse;
Aux amants qui sont sous sa loi
Elle fait bien quelque caresse;
Mais n'embrasse jamais que moi.

«Devo inspirar bastantes ciumes, quando beijo diante de todos o seio da minha formosa amante. Ella concede ás vezes uma caricia aos amantes que se alistam sob as suas bandeiras, mas os seus abraços são exclusivamente para mim.»

Em continuação d'estes versos, gravados no alaúde da bella, Beaulieu-Picart escreveu outros seis, servindo-se da mesma rima, mas tão obscenos que os editores de Tallemant des Reaux não ousaram publical-os.

Quando leu aquellas desaforadas rimas, l'Estoile ficou cego de ciumes, e teria desafiado Beaulieu-Picart em duello, se não receiasse ser victima da espada d'aquelle rude adversario. Limitou-se, por isso, a responder com um epigramma.

No emtanto, a venda havia cahida dos olhos do amante, e conheceu emfim que a Sandrier, deixando-o passar algumas noites á porta, não tractava tão rigorosamente os seus amantes, como elle imaginava.

O senhor de Thou era um dos chichisbeus da sereia. Um secretario de Estado, chamado Saint-Thomas, namorou-se d'ella e levou-a para a Saboya, para se livrar de competidores.

Tinha-lhe promettido desposal-a, mas não cumpriu a promessa, e a Sandrier regressou a Paris, envelhecida e cheia de arrebiques, depois de uma larga ausencia.

Durante a sua estada em Turim, havia aprendido a cantar á italiana. Deu por isso alguns concertos em Paris, e «chamou bastante a attenção,» diz Tallemant, embora o seu successo não fosse duradouro. Dizia-se que cantava mal, e fazia umas caretas horriveis, como se estivesse acommettida de convulsões.

Continuou, portanto, a sua vida escandalosa, embora já não fosse nova. Apodavam-na de erudita e pretenciosa, e apesar d'isso não bastavam o amor e a musica para lhe darem de comer.

(V. *Historietas,* t. VI.)

Esta cortezã é designada pelo nome da Saint-Thomas, na canção das *Mulheres de prazer*.

Tallemant falla de uma rapariga, que, segundo elle diz, uma especie de Marion Delorme, e que recebia em sua casa os senhores da côrte.

O nome d'esta rapariga está, porém, quasi illegivel no manuscripto original, e os editores, dizendo que póde ser *d'Amy*, observam que esta interpretação é bastante duvidosa.

Refere Tallemant que o presidente Amelot se encontrou em casa d'aquella peccadora com um gentil-homem da casa do duque d'Orleans, chamado Vieux-Pont, e que tendo ouvido mal a pronuncia do nome do alludido gentil-homem, julgou que fosse Dupont, o operador.

Vieux-Pont, dando conta do *qui pro quo,* quiz aproveitar-se d'elle para fazer uma pequena partida. Para isso, disse em alta voz que vinha examinar os dentes de mademoiselle d'Amy. O presidente teve então a infeliz ideia de lhe mostrar os seus, que eram magnificos. Vieux-Pont examina-os e pretende encontrar um queixal careado. Offerece-se para o arrancar no mesmo instante, e tracta de fazer esta operação com umas pinças depilatorias, pretextando não trazer comsigo n'aquella occasião os utensilios da sua arte.

O pobre presidente ficou com a bocca ensanguentada, e o pseudo-dentista retirou-se, dizendo que concluiria a operação quando sua senhoria o desejasse.

Tallemant não nos dá muitos pormenores a respeito d'esta cortezã famosa, que era uma das discipulas de Ninon, e cujo nome figura na *Canção das Mulheres de prazer.*

«Estava com a cortezã Ninon, uma tal rapariga Charpentier, á qual Tambonneau olhava com bons olhos e presenteava com cidra de vez em quando.

«A bella costumava dizer ao seu amante:

—«Presidente, manda-me toda a cidra que quizeres, mas não venhas tu, que me aborreces!»

(V. tomo IX das *Historietas.*)

E' provavel que Ninon se cançasse de uma educação, que tão pouco aproveitava, e que a Charpentier fosse cahindo de amante em amante, até ao tremedal da prostituição publica.

«Esta rapariga, diz Tallemant des Reaux, estivera tres mezes em casa de Ninon, para se educar, mas nunca abria a bocca, porque a illustre professora detestava os disparates.

«Um dia em que alli se fallava em historiadores, ella disse a seguinte barbaridade:

—«Quanto a mim prefiro *Rodoto* (Herodoto).»

Esta historieta permitte-nos suppôr que Ninon procurava rodear-se de raparigas tão bellas e talvez tão graciosas como ella. Eram, porém, tão ignorantes, tão rudes e tão mal educadas, que a sua presença não podia deixar de contribuir para fazer realçar o seu talento e instrucção com os encantos da sua conversação e da sua sociedade.

A Toussine, citada nas poesias de Maucroix, era, no dizer de Tallemant, uma pequena cortezã de Paris, que o senhor de Joyeuse sustentava publicamente.

Carecemos absolutamente de dados a respeito da origem d'esta alcunha, que parece indicar ser a cortezã affectada de uma tosse continua. O senhor de Joyeuse, logar-tenente do rei no governo da Champagne, fazia-se acompanhar por toda a parte pela sua amante, á qual os habitantes da Champagne tributavam certas honras, como se fosse legitima esposa do senhor governador da sua provincia.

Quanto á senhora de Joyeuse, que tinha pela sua parte mais de um galan, nem sequer se dignava pensar na Toussine, ou demonstrar que tinha ciumes d'ella.

Francisco de Maucroix, conego de Reims, dedicou á governadora uma bonita composição poetica, na qual verbéra o cabido, de que fazia parte, por acolher com distincção e respeito uma cortezã que o senhor de Joyeuse honrava com as suas bondades.

Deve, no emtanto, dizer-se que o senhor de Joyeuse, ao qual Tallemant apresenta como um infame, capaz de desflorar sua propria filha, recebia no seu leito a Toussine, com consentimento de sua mulher, apezar de ter o descaramento de dizer «que não peccava, porque nada lhe fazia.»

É provavel que o senhor de Joyeuse tivesse tirado do lodo da prostituição publica parisiense a Toussine, que se jactava de ser uma senhora, e mesmo uma fidalga. A Toussine tornou de novo a cahir na cathegoria das cortezãs, quando o governador da Champagne deixou de a ter por sua conta.

A Neveu, nomeada na *Fome ou as p... de c..., Mazarinade* de 1649, esteve por muito tempo em em voga em Paris, apesar de Tallemant não fazer menção d'ella.

São conhecidos os dois versos de Boileau, aos quaes a Neveu deve a sua celebridade:

Et combien la Neveu, devant son mariage,
A de fois au public vendu son pucelage,

«E quantas vezes a Neveu, antes do seu casamento, vendeu ao publico a sua virgindade.»

Estes dois versos da *Satyra* IV, ao abbade Le Vayer, composta em 1664, são commentados por uma nota em todas edições das obras de Boileau.

Eis essa nota, impressa n'uma edição que parece ser muito pouco conhecida, e cujos commentarios são devidos ao proprio Boileau (Amsterdam, Pedro Brunel, 1721, 2 vol. in-8.º):

«A Neveu, famosa cortezã em extremo desacreditada pelas orgias estrepitosas e escandalosas, que celebravam em sua casa os fidalgos da côrte.»

Uma d'estas orgias acha-se diffusamente descripta n'uma obra celebre, que sem ter o valor de um documento historico, nem por isso deve ser tida como uma novella.

Referimo-nos ás *Memorias de Rochefort,* redigidas e publicadas pelo famoso compilador Sandras de Courtilz, com o seguinte titulo, que ficou sempre anonymo nas numerosas edições que se fizeram de tão agradavel livro:

Memorias de M. C. D. R., contendo quanto de mais particular occorreu durante os ministerios de Richelieu e Mazarin.

Saudras de Courtilz, que se nomeia a si proprio, e chega a esboçar o seu retrato nas referidas *Memorias*, apesar de provavelmente não ter ainda nascido na épocha em que apparece como testemunha ocular, tinha vivido na intimidade dos personagens notaveis d'aquelle tempo, e possuia importantissimos manuscriptos, dos quaes soube tirar grande partido nas suas obras.

Nada melhor podemos fazer do que transcrever aqui na sua integra a passagem que se refere á Neveu e ás orgias que havia em sua casa, durante a Fronda.

Gastão, duque de Orleans, é o heroe d'esta aventura, que fôra buscar a Paris, depois de uma orgia monstruosa, de que foi theatro uma taberna de Chaillot.

«O principe teve o capricho de comer e fazer comer aos seus convivas uma omelette sobre o ventre do coronel Vallon, que estava entre elles. Accedeu de bom grado o coronel a esta loucura. Despiu-se, deitou-se ao comprido sobre a meza, e poz a descoberto a enorme protuberancia do seu abdomen.

«A omelette foi collocada immediatamente sobre a pelle do ventre do coronel, o qual, ou por excesso de embriaguez, ou por heroismo, não deu mostras de sentir o calor, e nem um gemido soltou. Acabado o festim, e para variar de prazeres, sahiram de Chaillot, e dirigiram-se a Paris, onde os principes e a sua comitiva entraram em casa de uma famosa cortezã, chamada a Neveu, cujo nome e notavel astucia Boileau tão celebres tornou.

«Fizeram-se alli mil loucuras, travou-se uma lucta infernal, e acabaram por quebrar os moveis mais preciosos.

«O principe, para distrahir e tranquillisar a Neveu, lembrou-se de uma cousa verdadeiramente original. Manda chamar um commissario, sob pretexto de desordem, e ordena que se prepare tudo para o receber.

«Chega o funccionario publico, e encontra a Neveu deitada no mesmo leito entre o principe e Wallon. O resto da comitiva havia-se occultado n'um aposento proximo.

«O commissario ordena áquelles dois homens, que vê na cama e que não conhece, que se levantem immediatamente. Os dois zombam do commissario e da ordem. O magistrado irrita-se e manda subir a escolta, que o havia acompanhado, para que os agentes da segurança publica façam sahir da cama aquelles dois insolentes.

«Emquanto os da escolta se apressam a cumprir o seu mandato, os personagens que estavam na camara contigua sahem, saúdam respeitosamente o principe, ficam deante d'elle de cabeça descoberta e preparam-se para o vestir.

«O commissario não sabia o que pensar d'aquellas honras que via prestar assim áquelle homem. Em breve, porém, é presa do maior espanto, apenas reconheceu o principe pelas insignias da sua dignidade.

«Prostra-se aos pés de Sua Alteza, implorando indulgencia:

—«Socega, disse o principe, o teu castigo não será duro!»

Em seguida, ordena que se apresentem todas as raparigas da casa, colloca-as elle mesmo em fileira, de modo que apresentem aos agentes da ordem publica os competentes trazeiros nús, e ordena ao commissario e á escolta, que

vão, um a um, e de vela na mão pedir perdão ao trazeiro de cada rapariga, o que foi rigorosamente levado a effeito.»

Os dois versos de Boileau accrescentam a estes pormenores pornographicos uma particularidade, que não vemos consignada n'outra parte. A Neveu, depois de ter grangeado o seu dote á maneira das filhas de Chypre na antiguidade, abandonou o officio que a havia enriquecido, para casar á face da Egreja com um homem, ao qual a sua vergonhosa reputação não fez hesitar, e que talvez até pensasse, graças á astucia da Neveu, que casava com uma donzella.

A maior parte das cortezãs em voga, que não eram muito dissipadoras nem estragavam quanto ganhavam, tiveram um fim analogo, passaram ao poder de um marido.

No emtanto, nem todas as que casavam renunciavam por este facto á prostituição. Umas, abriam casas de jogo, outras, dirigiam um serralho de *coquettes;* algumas, emfim, estabeleciam tabernas, hospedarias, ou jardins publicos.

A Blondeau havia fundado uma especie de academia na Place-Royale, e os seus salões, ricamente mobilados e atapetados, reuniam uma brilhante sociedade de jogadores e jogadoras, aos quaes o amor servia muitas vezes de lenitivo ás importantes perdas do jogo.

(V. *Historietas,* de Tallemant. t. IX.)

A Duryer tinha uma taberna em Saint-Cloud, e este estabelecimento que favorecia as entrevistas galantes e cobria sob uma discreta penumbra as mais torpes intrigas, gosava de tão má fama e de tão boa freguezia, que Ménage, referindo-se a ella, dizia muitas vezes:

«O pequeno Scarron pensa estabelecer um bordel de raparigas em Saint-Cloud, para ganhar mais que a Duryer.»

(V. *Historietas,* t. VII.)

Tallemant concedeu as honras de uma historieta inteira á Duryer, que d'este modo se vê em companhia dos principes, princezas, damas e gentis-homens, que frequentavam a sua taberna.

«A Duryer, diz elle no tomo IX, era uma pobre rapariga de perto de Mons, no Hainaut, bastante formosa na sua juventude.

«Entregou-se a Saint-Preuil, que lhe fez ganhar dez ou doze mil libras n'uma campanha em que foi vivandeira. Casou depois com um tal Duryer, e abriu uma especie de estalagem. Ao seu officio juntava tambem o de alcoviteira.»

«Um dia pediu dinheiro a Saint-Preuil.

«Este Saint-Preuil, Francisco de Jussac de Ambreville, era um dos mais bravos gentis-homens da sua épocha. Puchava, porém, mais depressa pela espada do que pela bolsa, e não gostava que lhe lançassem em rosto a sua pobreza.

«O pedido da Duryer indignou-o a tal ponto, que chegou mesmo a maltractal-a.

«Ella, em vez de o odiar, confessou tel-o insultado, pedindo-lhe o que não tinha, e suplicou-lhe que lhe perdoasse a sua impertinencia.

«Amava com grande paixão o pobre Saint-Preuil.

«Quando elle foi decapitado em Amiens, a 9 de novembro de 1641, por se haver batido em duello, desprezando os editos reaes, a Duryer sahiu expressamente de Paris para assistir á sua execução e tributar-lhe as ultimas honras.

«O *Journal du Cardinal de Richelieu* refere que a cortezã subiu ao cadafalso com uma mortalha em que envolveu a cabeça e o tronco da victima. E, como ao descer, a cabeça tornasse a cahir sobre o cadafalso, ella apanhou-a e collocou-a na saia, e depois de ter descido, tornou novamente a envolvel-a com o tronco dentro do lençol mortuario, collocando depois os tristes despojos na carroça funebre!

«Os espectadores de tão triste scena ignoravam quem era aquella mulher, que tivera a coragem de cumprir tão triste dever em presença de todo o mundo, e que banhava com suas lagrimas o cadaver do nobre condemnado. Correu o boato de que fôra n'outro tempo amante de Saint-Preuil, mas ninguem chegou a suspeitar sequer qual fosse o seu nome e a sua condição.

Ficou viuva e não tardou a contrahir segundo enlace com o seu cosinheiro em chefe, cujo nome nunca usou.

O seu estabelecimento de Saint-Cloud estava muito em voga.

«A principio, diz Tallemant des Reaux, as damas não queriam alli entrar. Contiguo á taberna havia um jardim, onde se lhes servia quanto pediam. Por fim, habituaram-se a frequentar a casa.»

N'uma *Mazarinade,* intitulada *As Lamentações da Durié* (sic) *en Saint-Cloux* (sic) *relativas ao cerco de Paris* (Paris, 1649), um poeta de agua doce, põe-na em scena, carpindo-se por esta fórma:

Celui qu'une amoureuse flamme
Rendait de mes charmes épris,
Ce cher et fidèle Seinprix, (sic)
Qui régnait jadis sur mon âme;
Alors qu'il servit de butin
Á la cruauté du destin,
Je n'en fus pas tant affligée,
Que je le suis de voir Paris,
Cette bonne ville, assiégée,
D'où venait tous mes favoris.

«Aquelle que uma chamma ardente e amorosa tornára apaixonado dos meus encantos, esse querido e fiel Seinprix (em vez de Saint-Preuil), que reinava outr'ora em minha alma; quando serviu de presa á crueldade do destino, não fiquei tão afflicta como o estou agora, ao vêr Paris, esta boa cidade sitiada d'onde vinham todos os meus favoritos.»

Aquella casa e o jardim de Saint-Cloud tinham varios pontos de similhança com a taberna de Renard nas Tulherias. Ia-se alli fazer conquistas, ou levar conquistas feitas n'outros pontos. Alugavam-se quartos mobilados, celebravam-se orgias, fazia-se musica, dansava-se, n'uma palavra, grande era o divertimento d'aquella afamada taberna.

Aller chez la Duryer, ir a casa da Duryer, era um proverbio muito usado na côrte e na classe media, para caracterisar todos os generos de orgias e de

prazeres defezos, que só se permittiam n'aquelle famoso ponto de reunião de amantes e de libertinos.

«Um dia, diz Tallemant, a senhora de Champré, estando em Saint-Cloud, em casa da Duryer, durante uma violenta tempestade, applicou por curiosidade os olhos á fechadura de um gabinete, e viu um homem e uma mulher que se divertiam:

—«Jesus! exclamou ella, muito assustada, — com um tempo d'estes!»

O editor de Tallemant absteve-se de nos communicar o resto das reflexões d'aquella dama, que, diga-se a verdade, não era das mais escrupulosas por sua propria conta.

(V. *Historietas,* t. VI.)

A Duryer havia enthesourado enormes lucros n'este trafico obsceno de albergar os amores de Paris. Queria todavia alargar o estabelecimento, e acabava de comprar tres ou quatro casas adjacentes, que não teriam contido menos de noventa quartos mobilados, quando morreu, em 1652.

Era generosa e professava a maior sympathia pelos fidalgos e militares, porque julgava honrar assim a memoria de Saint-Preuil.

Um dia chegou-lhe aos ouvidos que um fidalgo, tendo acabado de se bater em duello perto da ponte de Saint-Cloud, ficára abandonado, ferido, no campo de batalha.

A Duryer corre immediatamente ao local do duello, manda transportar para sua casa o moribundo, faz com que se cure em segredo, tracta ella mesma d'elle, e quando o viu restabelecido, offereceu-lhe cincoenta pistolas para que podesse regressar ao seu paiz.

Passado algum tempo, volta o fidalgo a Saint-Cloud para manifestar o seu reconhecimento á boa dama, que lhe salvára a vida, e apresenta-lhe uma bolsa com quatrocentas pistolas:

—«Minha senhora, diz elle á sua salvadora, aqui tem este dinhero, e se quizer mais, mais lhe trarei, porque tudo lhe devo.»

A Duryer nada quer receber, nada absolutamente, e declara que está sobejamente remunerada da sua philantropia com a gratidão que o seu hospede se digna manifestar-lhe. Como, porém, o fidalgo insistisse, ella tirou duas pistolas, e dando-as aos lacaios, disse-lhes:

—«Ahi têem esse dinheiro, que seu amo lhes dá, pela minha mão!»

Vendo-se rica e sem filhos, pediu ao barão des Essarts, um dos seus antigos amantes, que lhe désse um dos dois filhos que tinha. O barão deu-lhe o segundo, e a Duryer fel-o educar como um grão senhor. «Vestiu-o, diz Tallemant, de uma tela bordada de prata, de um peso tal, que difficilmente podia com o trajo. Pensava até em fazel-o seu herdeiro.»

Nunca o estabelecimento da Duryer esteve tão prospero como no tempo da Fronda.

Deixem-nos abrir aqui um pequeno parenthese a respeito d'essa alegre revolução, em que as mulheres com os seus orgulhos e fraquezas, com a sua galanteria e com os seus vicios, representaram um papel tão importante.

A terrivel revolução de Londres achára um echo em França. O respeito

pela magestade real parecia desapparecer, desde que o braço de Cromwell se preparava para fazer rolar no cadafalso a cabeça do desditoso Carlos I.

Os reis eram tambem susceptiveis de ser justiçados pelo braço plebeu!...

Começaram então a publicar-se em Paris libellos odiosos contra a rainha.

Accusavam-na de ter com Mazarin um commercio adultero, verdadeiramente escandaloso. Ideias republicanas germinavam em todas as cabeças. A impiedade entrava tambem n'aquella ousadia nunca vista, e n'um enterro a imagem do Christo fôra publicamente insultada.

Os descontentes tiveram o nome de *Frondeurs*. Eis a origem d'esta denominação:

Um grupo de estudantes, jogando a pedra nos fossos da cidade, vasaram um olho a uma mulher, que ia passando proximo do local do jogo.

O parlamento publicou immediatamente uma ordenação para prohibir o jogo, o que originou um temporal desfeito de chistes e gracejos. Um joven conselheiro, fallando poucos instantes depois, interpella o seu adversario, gritando:

—«*Allez! Allez! je vous fronderoi bien!*

O parlamento desatou a rir estrondosamente, e Barillon Senior improvisou logo alli uma copla, que toda a cidade cantava n'essa mesma noite:

Un vent de Fronde
S'est levé ce matin;
Je crois qu'il gronde
Contre le Mazarin.
Un vent de Fronde
S'est levé ce matin!

Os *frondeurs* reunem-se primeiro no hotel de ville, mas o presidente Molé receia que elles estabeleçam uma *chambre des communes*, e expulsa-os o mais depressa que póde. Expulsos d'aquelle lado, não tardaram a reunir-se no jardim das Tulherias, nos salões do famoso Renard. Alli bebe-se, canta-se, disputa-se, e chega-se a vias de facto ao grito de *viva Mazarin!* ou de *viva a Fronda!*

A côrte, em vez de se pôr em guarda contra os seus inimigos, occupa-se nesciamente de questões ridiculas de etiqueta.

Retz, o arruaceiro por excellencia, tornado coadjuctor de seu tio, toma parte em todas as intrigas, prêga a revolta no pulpito e ganha pela sua liberalidade as sympathias da populaça vil.

Retz é realmente um extranho caracter. Cheio de coragem e de elevação de espirito, eloquente, magnifico, viram-no então desenvolver a par d'estas qualidades brilhantes, os defeitos mais oppostos.

N'uma republica, o coadjuctor teria sido Cesar, n'uma monarchia, foi menos ainda do que Catilina.

Tendo abraçado o estado ecclesiastico sem vocação, deshonrou-se por uma vida licenciosa. O seu empenho era tão sómente salvar as apparencias e occultar a libertinagem, sob o veu da mais ardente piedade.

Serviu-se alternativamente da galanteria, da politica, do vicio e da virtude, do sagrado e do profano, para realisar os seus desejos ambiciosos. Havia ao mesmo tempo n'aquelle homem o estofo precioso de um heroe, e a massa grosseira de um bandido.

O duque de Beaufort, filho natural de Henrique IV e de Gabriella d'Estrées, mostrou-se digno émulo de Retz, e secundou-o com todo o seu poder.

Preso na fortaleza de Vincennes, conseguiu fugir de lá e veiu collocar-se sob a protecção do povo. Cognominaram-no *o rei das Halles.*

O parlamento declarou-se em lucta com o Palais-Royal, e não perdia occasião alguma de se lhe mostrar hostil. Nas suas sessões de maior apparato, alguns conselheiros mais ousados, chegaram a dirigir censuras publicas á rainha e ao seu ministro.

D'aqui á revolta aberta e franca, distava apenas um passo.

O espirito de facção apoderava-se de todas as classes. Por toda a parte luctas escandalosas entre os *Mazarins* e os *Frondeurs.*

Cincoenta jovens realistas, decididos a arrostar com a *Fronda,* encommendam um jantar em casa de Renard. Mandam vir uma orchestra, bebem á saude do ministro, e gritam *Viva Mazarin! Viva a rainha! Abaixo Beaufort!*

Durava ainda este enthusiasmo, quando *o rei das Halles,* seguido de duzentos gentis-homens e de toda a canalha, que trazia havia dois mezes a seu soldo, ataca os realistas, quebra os instrumentos da orchestra, e derrota completamente os pobres partidarios do cardeal, que se retiram precipitadamente, o melhor que podem, maldizendo da sua temeridade.

Qual dos dois contendores cederia — o parlamento ou a côrte? Anna de Austria jurava que não seria ella, e não se mostrava disposta a fazer a menor concessão.

Aproveitando-se da batalha de Lens, ganha por Condé, a rainha ordena a prisão de dois dos mais violentos conselheiros do parlamento, Blancmenil e Broussel. Prendem-nos no meio dos seus collegas, que tinham vindo assistir em corporação ao *Te-Deum* cantado em Notre-Dame.

Este golpe arrojado consterna os da *Fronda* mas retomam bem depressa a coragem e a ousadia, e appellam para o povo. Pega-se em armas. O tambor resoa por todos os bairros. Levantam-se barricadas ao longo das ruas visinhas do Palais-Royal, e n'outros pontos da cidade. Em menos de duas horas havia mil duzentas e sessenta.

Para os lados da porta de Nesle, os revoltosos obteem um primeiro triumpho.

Retz colloca-se á frente da populaça. O seu genio multiplica-se. Vê-se por toda a parte. Aquece ao rubro o enthusiasmo das multidões, e sobe com ellas aos aposentos da rainha, que se lança para elle cheia de furor, quando lhe ouve pedir a liberdade de Broussel. Se não fôra Commingues, que deteve o braço de Anna d'Austria, o coadjuctor teria recebido da mão real uma bofetada magnifica, e verdadeiramente real tambem!

O tumulto augmentava a cada instante. Paris tinha o aspecto de uma cidade tomada de assalto.

Beaufort excitava ao mesmo tempo a sua populaça. Viam-se por toda a parte rostos sinistros, que pareciam sahir da terra e apparecerem n'aquelle dia pela primeira vez.

Anna d'Austria e o cardeal fugiram para Saint-Germain, emquanto que Condé, o vencedor de Lens, marchando sobre a capital rebelde, lhe punha cerco com todo o seu aguerrido exercito.

Houve nos arredores de Charenton uma escaramuça, onde o bravo Coligny foi morto ao lado do principe.

Madame de Longueville, cedendo ás suggestões de Retz, fizera-se a rainha da Fronda. Seu irmão, o principe de Conti, fora nomeado generalissimo. A côrte da improvisada rainha era no hotel de ville. Desde então Marsillac abraçou calorosamente a causa a que a sua bella amante concedia a sua protecção, embora não tivesse contra a côrte nenhuma especie de rancor.

O principe explicava a sua conducta pelos dois versos seguintes:

Pour mériter son cœur, pour plaire à ses beaux yeux,
Je fais la guerre au roi, je l'eusse faite aux dieux!

«Para merecer o seu coração, para agradar áquelles bellos olhos, faço guerra ao rei; tel-a-hia feito aos deuses.»

De resto, a Fronda era uma revolta singular, que trazia Paris em festa desde pela manhã até á noite.

Ria-se, dansava-se, amava-se, cortejava-se constantemente as bellas. Batalhas a sério, a tiro, ou a metralha, poucas; batalhas a canções e a epigrammas, a toda a hora. Os generaes levavam ás paradas da Place-Royale soldados almiscarados e cobertos de rendas. Do alto das varandas, as damas applaudiam estes illustres guerreiros, ou então zombavam d'elles, segundo lhes dava na cabeça.

Sua alteza, o duque de Bouillon, outro generalissimo, ouviu muitas vezes cantarolar aos ouvidos coplas, pouco mais ou menos como esta:

Le brave monsieur de Bouillon
Est incommodé de la goutte.
Il est hardi comme un lion
Le brave monsieur de Bouillon.
Mais, s'il faut rompre un bataillon,
Et mettre Condé en déroute,
Le brave monsieur de Bouillon
Est incommodé de la goutte!

Comprehende-se que a lucta não podia ser a sério, quando os chefes dos dois campos inimigos estavam ligados pelos laços de um estreito parentesco.

Madame de Longueville, a formosa sereia, teve artes para aflastar Condé do partido da côrte, e o heroe tornou-se *frondeur*.

Anna d'Austria ficou furiosa. Ia morrendo asphyxiada a pobre rainha, ao vêr aquella deserção!

Afinal, a côrte cansada do seu longo amúo, e depois de ter andado suc-

cessivamente por Rueil, Saint-Germain, Amiens e Compiègne, entrou solemnemente em Paris a 8 de agosto de 1649. A paz parecia decididamente feita. Condé vinha no mesmo carro com Mazarin, o que enraiveceu singularmente os *Frondeurs*.

Dois dias depois, todos cantavam esta engraçada canção:

La reine a dit, en sortant de la ville :
«Ah! je me souviendrai!
«Sachez, Français, que je suis de Castille,
«Et je me vengerai,
«Ou bien j'aurai la mémoire perdue!»
Elle est revenue,
Dame Anne,
Elle est revenue!

La reine a dit: «J'ai souffert en chrétienne
«Un si sensible affront;
«Je gagerais qu'avant que je revienne
Ils s'en repentiront!»
Elle a, ma foi, sa gageure perdue!
Elle est revenue,
Dame Anne,
Elle est revenue!

Mas aquella harmonia entre Condé e Mazarin não devia durar muito tempo. O cardeal quiz casar uma das sobrinhas com o duque de Mercœur, da familia de Condé. O principe ficou furioso, e exclamou:

—«As sobrinhas de Mazarin! Só se forem boas para casar com os meus lacaios!»

E accrescentou:

—«Vão dizer-lhe isto da minha parte, e se esse patife se zangar, eu ordenarei a Champfleury, seu capitão das guardas, que m'o traga pela barba ao palacio de Condé!»

Mazarin devorou o ultrage. Levou até mesmo a baixeza ao ponto de offerecer ao principe o bastão de condestavel, mas Condé recusou. Madame de Longueville não fazia senão excital-o a nova ruptura, e Marsillac coadjuvava-a n'esse plano.

Outra pequena questão de etiqueta originava d'ahi a pouco a ruptura.

Mazarin d'esta vez comprehende melhor o espirito da revolta e manda fazer canções contra o seu inimigo, dá festas sumptuosas, incita a paixão do jogo, alimenta as intrigas amorosas, n'uma palavra, desenvolve toda a sua astucia de italiano para triumphar.

É tambem um bem curioso caracter o d'este ministro, miseravel, sordido e avarento. Tão habituado se estava a vêl-o prostituir as dignidades, que uma dama, sollicitando o titulo de duque para seu marido, ousou dizer em pleno Louvre, e na presença da rainha, que não desejava o titulo tanto pela honra de o ter, como pela vergonha de ainda o não haver obtido.

Avaro até ao excesso, mais facil lhe seria dar o bastão de marechal de

França do que uma gratificação de seiscentas libras. Recusava ás vezes á rainha o necessario, e apesar d'isso encontraram-se cincoenta milhões em casa de sua sobrinha Olympia Mancini, condessa de Soissons.

O cardeal de Santa Cecilia, irmão do ministro, dizia muitas vezes a respeito d'elle:

—*«Il mio fratello è un coino; fati rumore, egli avra poura!»*

Durante estas luctas da Fronda, como dissémos, o estabelecimento da Duryer medrava a olhos vistos. Era como que um campo neutro, onde *Frondeurs* e *Mazarins* se reuniam á mesma meza de taça em punho. Havia alli banquetes homericos, dansava-se freneticamente e *fazia-se amor,* emquanto que a guerra civil e a fome assolavam Paris.

A fome, essa grande calamidade publica de 1649, nunca se fez sentir em casa da Duryer. A antiga cortezã, longe de se aproveitar d'aquelles tempos malfadados, preferiria poder alimentar gratuitamente quantos tinham fome.

Mostrava-se mais affeiçoada ao partido da côrte, recusando ás vezes o dinheiro que lhe offereciam os *Mazarins,* depois de terem gosado os seus bellos aposentos e a sua mesa esplendida.

Não foi pequeno o assombro do senhor de Tubeuf, superintendente da fazenda da rainha, quando soube que a Duryer nada quizera acceitar pelo alojamento de creadagem de todos os membros do conselho de Regencia, que estavam em Saint-Cloud. Enviou-lhe uma ordem de cem escudos, em vez dos quarenta que se lhe deviam.

Tão humilhada se sentiu por isso a Duryer, que até chorou de despeito. Déra ordem para que se distribuisse gratuitamente pão a todos os pobres soldados, que passassem pela sua porta.

Os disturbios da Fronda, se dérmos credito á *Mazarinade,* já tantas vezes citada do senhor de la Valise, foram funestissimos, sobre tudo ás infelizes que viviam da prostituição, porque o pão escasseava e estava carissimo, e cada qual, inquieto pela fome, que em 1649 reinava em Paris e nos seus arredores, evitava alimentar boccas inuteis, e fazer despezas desnecessarias.

A questão mais importante, o assumpto capital para todos, consistia em não morrer de fome, e o amor considerava-se como uma superfluidade ruinosa, que ninguem razoavelmente podia admittir, emquanto as padarias estivessem exhaustas.

Ainda assim, é licito suppor que o senhor de la Valise fosse um pouco hyperbolico, quando nos diz que todas as mulheres de prazer de Paris se viram na dura necessidade de venderem os moveis para comprarem o pão de cada dia.

As suas observações a este respeito são dirigidas a Nichon.

Ainda que o nome de Nichon se encontre em varias *Mazarinades,* julgamos que pertenceu a uma cortezã d'aquella épocha, e que não caracterisa as mulheres dissolutas em geral.

No emtanto, é sabido que este nome veio a ser na linguagem da prostituição o epitheto generico da prostituta, que tem um amante, e além d'isto a qualificação terna e carinhosa que esse amante dá á prostituta.

Comtudo, póde quasi assegurar-se que a genuina e authentica Nichon, primeira, floresceu no tempo da Fronda, quando a libra de pão custava quarenta soldos, e a dissolução publica estava paralysada pela fome, como nos diz o senhor de la Valise na sua poesia de taberna e de lupanar:

Mais, Dieu merci! notre disette
Nous a renoué l'aguillette,
Et, s'il fallait fournir des pains
A un million de putains,
Et tant d'autres honnêttes filles
On affamerait les familles.

«Màs, graças a Deus! a nossa fome fez-nos *apertar a agulheta*, e se fosse preciso fornecer pão a um millhão de p..., e a tantas outras *raparigas honestas,* as familias morrerião á mingua.»

Em seguida, o obsceno poeta cita os nomes das cortezãs notaveis e dos principaes *bordeleiros* de Paris; citámos já os ditos nomes n'um dos anteriores capitulos.

Depois, dirigindo-se em particular á pequena Nichon, á qual sem duvida conhecia mais a fundo que ás outras, lamenta-se da decadencia do officio d'aquella cortezã:

Nichon, quelle étrange misère
Vous cause une petite guerre,
Qu'il faille pour un peu de lard
Vous soumettre à quelque pendard!
Que, pour un bon sac de farine,
Il faille faire bonne mine
Á un qui, auparavant,
N'aurait pu voir votre devant,
Qu'avec beaucoup de pistoles!
Chacun est assez bon galant
Pourvu qu'il ait un pain chaland;
Nichon, souffrez que je vous die
De quels moyens on remedie
Au mal qui vous presse à present:
C'est de recevoir tout venant,
Riche ou non, vilain ou honnette,
Homme d'esprit, ou une bête,
Pourvu qu'il apporte en sa main
Quelque bon gros... morceau de pain.

«Nichon, que estranha miseria te causa esta guerra insignificante! Triste cousa seres obrigada por um pouco de toucinho a entregar-te ao primeiro patife que appareça! Triste cousa seres obrigada a mostrar boa cara por um bom sacco de farinha, a um sujeito a quem ainda ha pouco só mostrarias os thesouros do amor por uma boa mão cheia de pistolas.

«Não ha ninguem que te não sirva, com tanto que possa dispôr de um pão! Nichon, deixa que te diga por que meio se pode obstar á calamidade de

que és victima. Recebe todo o que vier, rico ou pobre, villão ou fidalgo, homem de espirito ou imbecil, contanto que elle traga na mão um grosso . . . pedaço de pão fresco!»

O senhor de la Valise acaba por consolar a peccadora, dizendo-lhe que é grande o numero das desgraçadas, que não teem mais do que a camisa e se vêem até obrigadas a vendel-a.

Tallemant des Reaux fallou talvez da Nichon, nas suas *Memorias da Regencia*, que não chegaram a nossos dias. Não a menciona, porém, nas suas *Historietas*.

O mesmo escriptor consagra um artigo a uma cigana, chamada Liance, ou Leance, que vimos conduzir á Salpètrière em 1686, por ordem expressa do rei.

«A Liance é a perola de França, diz elle, (t. IX). Depois da bella Gitanilla de Cervantes, sou de parecer que não houve outra mais amavel. Nasceu em Fontenay-le-Comte, no baixo Poitou. É alta, nem muito gorda nem muito magra. O rosto é uma maravilha. Tem muito espirito e dança admiravelmente.

«Se não se pintasse, seria de um moreno claro, e apesar de ter uma vida libertina, ninguem se póde gabar de lhe ter tocado nem n'um cabello.»

Benserade, que a havia encontrado varias vezes em casa da princeza de Condé, teve a ousadia de a tractar como uma cigana, e tocar-lhe n'um joelho. Ella respondeu-lhe immediatamense com uma valente bofetada, e tirando do cinto um punhal, disse-lhe encendida em colera:

—«Se não attendesse ao sitio em que estamos, cosia-o a punhaladas!»

—«Foi então uma grande cousa para mim estarmos aqui», respondeu Benserade.

Tinham-lhe sido feitas as mais brilhantes propostas, para sahir da má vida em que andava.

—«Sem a minha dança, dizia ella, meu pae e minha mãe morreriam de fome.»

Repellia com indignação todos os galans que lhe faziam offertas de dinheiro.

Houve até quem dissesse á rainha que aquella rapariga era tão cordata e recatada, que parecia ter nascido para o convento.

Foi por isso que algumas pessoas piedosas tomaram o proposito de a converter, e convenceram-na a entrar n'um recolhimento. Foi, mas pouco faltou para não tornar loucas as pobres freiras, porque apenas lhe fallavam em orações, punha-se a dansar e a brincar, não querendo ouvir os fraternaes conselhos, que debalde procuravam dar-lhe.

La Roque, capitão das guardas do principe de Condé, apaixonou-se loucamente por aquella bella dansarina, mas só poude obter d'ella que se deixasse retratar por Beautrun.

Não receiava encontrar-se a sós com os mais ousados conquistadores, porque sabia fazer-se respeitar a punhaladas.

Houve alguns que sahiram do ataque, cheios de medo e de vergonha.

Ceiava ás vezes, de boa vontade, em casa de la Roque, em companhia

dos seus amigos, que diziam não terem visto nunca mulher alguma que comesse tão graciosamente, ou se soubesse apresentar tão bem como ella.

Um dia casaram-na com um homem da sua tribu. N'uma das suas correrias, os ciganos fizeram um roubo importante na estrada real. Foram presos e postos a bom recato, nos calabouços da abbadia de Saint-Germain.

A Liance não ficára compromettida n'aquelle desastre dos homens da sua raça, mas apesar de empregar todo o credito das suas poderosas relações, não poude conseguir o perdão dos criminosos.

Ella e as suas companheiras foram ter com o rei, pedindo-lhe graça para seus maridos.

—«Vossos maridos, respondeu-lhe o monarcha, estão muito arriscados a ser rodados vivos!»

E assim lhes succedeu.

A pobre Liance, a quem aquella execução deixára viuva, vestiu-se de lucto para sempre, e nunca mais tornou a dansar. Precisava, no emtanto, de ganhar a vida, e como nada possuia, inclinamo-nos a crêr que veio a domesticar-se, e deixou de ameaçar com o punhal os que a tractavam como uma cigana.

Deve notar-se que n'aquelle tempo, dansarinas e comicas eram classificadas pelo seu proprio estado na cathegoria das prostitutas, por quanto, casadas ou não, todas viviam o mais escandalosamente possivel, tirando na maior parte dos casos mais proveito da sua vida dissoluta, do que da carreira theatral.

Succedia frequentemente uma mulher dissoluta contracta-se n'uma companhia de comicos, e desempenhar papeis em scena para se pôr em evidencia, e attrahir a si os galans.

Ás vezes, tambem uma comica abandonava a scena para se consagrar exclusivamente á prostitução.

Tallemant des Reaux, fallando de Catharina des Urlis, da companhia do Marais, não tem escrupulo em classifical-a de «prostituta e comedianta.»

(*Hist.*, tomo VII.)

É mais severo ainda a respeito da joven Saint-Amour Frèrelot que tinha figurado algum tempo na companhia de Mondory, e que diga-se a verdade, não passava de ser uma mulher muito frequentada.

Quando os ensaios da *Mirame,* tragi-comedia, que o cardeal de Richelieu havia composto com auxilio dos seus poetas pensionados, se realisaram, Bois-Robert estava encarregado da policia da sala, e não tinha ordem de convidar senão comicos, comicas e auctores, a cujo juizo previo o cardeal queria submetter a sua obra.

Bois-Robert deixou entrar secretamente, conta Chapelain, duas mulheres de reputação equivoca. Uma d'ellas era a Saint-Amour, que vendo chegar o duque d'Orleans, a quem não se haviam atrevido a recusar a entrada, não poude deixar de fazer signaes de intelligencia, ao principe, muito seu conhecido.

Esta manobra não passou desapercebida aos olhares malevolos de alguns dos inimigos de Bois-Robert.

Na noite da representação de *Mirame,* Bois-Robert, que estava encarre-

gado especialmente dos convites, distribuiu bilhetes a grande numero de mulheres suspeitas, que Tallemant designa por «mulheres de pouco mais ou menos», as quaes entraram na sala, sob os titulos suppostos de condessa ou de marqueza.

A presença d'estas mulheres escandalisou em tão alto grau as damas da côrte, que no dia seguinte foram queixar-se a el-rei.

—«Segundo parece, disse o monarcha ao cardeal, aproveitando o ensejo de o mortificar um pouco, houve bastante gado na representação da sua comedia?»

—«Se houve! exclamou o duque d'Orleans, que tambem não perdia a occasião de ferrar o dente no cardeal. Quando se ensaiou a comedia na sala, onde bem me custou a ser admittido, vi entre os espectadores a Saint-Amour, que é uma das mais astuciosas e bellas pequenas de Paris!»

O cardeal, surprehendido, apenas poude murmurar:

—«Como esta gente me serve!»

E, voltando ao seu palacio, tractou de averiguar se a Saint-Amour havia assistido ao ensaio, conforme lhe disséra o duque d'Orleans.

—«Monsenhor, disse-lhe Cavoie, seu capitão das guardas, posso asseverar a vossa eminencia que, se essa mulher esteve no ensaio, não entrou pela porta que eu guardava.»

—«Entrou pela porta onde eu estava, respondeu logo um fidalgo, que tinha uma pontinha de rancôr a Bois-Robert, mas o senhor de Bois-Robert foi quem a deixou passar.»

O cardeal irrita-se contra o seu favorito.

—«Em que demonio pensava o senhor! pergunta-lhe elle furioso, para deixar entrar assim uma prostituta!»

—«Monsenhor, respondeu o increpado, eu conheço-a apenas como comica, e só a vi no palco em que vossa eminencia a fez representar. De resto, não sei quem é. Precisa-se acaso de um attestado de bom comportamento para se ser comica? Quanto a mim, tenho-as todas por prostitutas, e entre mulheres de theatro não deve haver outra cousa.»

—«Bem respondido, disse o cardeal a sua sobrinha, a senhora de Aiguillon. Bois-Robert não é tão culpado como eu julgava.»

No emtanto, para dar uma satisfação ás damas da côrte, que se haviam escandalisado, ordenou a Bois-Robert que se retirasse para a sua abbadia de Chatillon, ou de Rouen, onde aquelle licencioso poeta tinha uma conezia.

As comicas, pelo menos na sua maior parte, não tinham uma vida muito exemplar, apesar de só um pequeno numero d'ellas se degradarem a ponto de se tornarem prostitutas de profissão.

Quando as suas desordens eram escandalosas em demasia, viam-se obrigadas a retirar-se do theatro. Era mister que o amor fosse a desculpa de uma fraqueza n'aquellas mulheres, naturalmente sensiveis e galantes, uma vez que a sua arte consistia no estudo da pintura do rosto, e no estudo das paixões.

Só as grandes actrizes, como por exemplo a Champemeslé tiveram o privilegio de arranjar uma côrte de adoradores e de pretendentes, na qual se

distinguiam os mais illustres poetas, os mais ricos financeiros e os mais nobres fidalgos.

Eram tractadas com um respeito nada inferior ao que se tributava ás damas do grande mundo, e se tomavam amantes, cousa de que nunca se descuidavam, nem por isso as censuravam.

Sob o reinado de Luiz XIV, a vida privada das comicas foi mais honrosa do que no tempo de Luiz XIII, e é preciso confessar que o exemplo de Molière não contribuiu pouco para manter uma especie de dignidade entre as mulheres do theatro.

Só mais tarde foram as comicas appetecidas com uma especie de phrenesi pelos libertinos de alta prosapia, quando a moda interveio n'isto.

«Tinham, diz Saudras de Courtilz, nos seus *Annaes da Côrte e de Paris, annos de 1697 e 1698*, o defeito de preferir ás suas mulheres, por mais bellas que ellas fossem, as comicas ou mulheres da Opera (bailarinas). Assim, pois, para obterem *os restos* de uma infinidade de pessoas, abandonavam a que podiam possuir exclusivamente, tornando-a ás vezes dissoluta, porque nada ha que induza mais uma mulher a affastar-se dos seus deveres, do que vêr-se desprezada. Os grandes senhores, assim como os demais, não eram exemptos d'este defeito.»

Saudras de Courtilz, n'esta divertida galeria de retratos e aventuras, não cita nominalmente nenhuma das comicas, que de tão bom grado se prestavam aos negocios da prostituição.

Indica, no emtanto, uma grande cortezã, que deu muito que fallar n'aquelle tempo, e que não poude occupar um logar nas *Historietas* de Tallemant, pela simples rasão de que este infatigavel rebuscador de anecdotas havia fallecido antes que ella tivesse encetado a sua carreira.

«A libertinagem dos jovens cortezãos, diz Saudras de Courtilz, havia dado celebridade a varias mulheres, e entre outras ás comicas e bailarinas da Opera, embora, além d'estas, houvesse outras que não gosavam de melhor reputação, e particularmente uma tal senhora Chambonneau.

«Filha de um fidalgo de Poitou, e conhecendo-se dotada de grandes disposições para o amor, não quiz viver sepultada no fundo da sua provincia. Veio, por conseguinte, para Paris, onde exhibiu as suas perfeições aos olhos da mais bella cidade do mundo e da mais bella côrte do Universo.»

Um dos seus primeiros adoradores foi um principe, o duque d'Orleans. É provavel que outros principes e altos fidalgos succedessem ao irmão do monarcha.

Dentro em pouco tempo, a Chambonneau estava sufficientemente rica para casar com um homem de distincção, do qual não tardou a ficar viuva, mas, como entendesse que o casamento era a capa mais apropriada para encobrir as suas loucuras e fraquezas, contrahiu em breve segundas nupcias com um homem, que sabia viver, e lhe permittia receber, mesmo na sua alcova, quem quizesse.

A sua casa foi o ponto de reunião dos libertinos, entre os quaes a dama escolhia os seus favoritos.

Aquelles libertinos, jogadores, borrachões e blasphemos pertenciam ás mais illustres familias de França.

Um d'elles, filho mais velho do duque de Nevers, havia-se enamorado de Chambonneau, e seu pae, receiando as consequencias d'estes amores, mandou prevenir a peccadora de que a faria encerrar nas Madelonnettes, se não despedisse o joven conde de Donzi, que começava a individar-se por causa d'ella.

Dois fidalgos, o cavalheiro de Caylus e o bailio de Auvergne, bateram-se por aquella Helena, que não se decidia nem por um nem por outro.

O rei soube que a Chambonneau havia sido causadora da questão, e desterrou-a para Rouen. A infeliz não poude esquecer, na sociedade dos jovens conselheiros do parlamento de Rouen, a enorme côrte de fidalgos de distincção e de brilhantes senhores, que haviam formado o esplendor da sua casa de Paris.

Adoeceu de tristeza, de nostalgia do viver ruidoso da capital, e na sua convalescença, para se distrahir, procurou o recurso de amar varios peralvilhos da cidade em que se via obrigada a residir.

Não sabemos com certeza em que épocha lhe foi permittido regressar á capital, embora tenhamos como certo que n'esse regresso a haviam de encontrar bem mudada, estando o seu antigo throno já occupado por novas rivaes.

Tallemant des Reaux faz comparecer no tribunal de historia uma tal quantidade de grandes damas e de mulheres do grande mundo, cuja conducta em nada differia da das prostitutas, qun apenas teve tempo para se occupar das cortezãs propriamente ditas, e que em ultima analyse não viviam mais escandalosamente do que a duqueza de Rohan e a presidenta Tambonneau.

Contentou-se com apresentar-nos um modello do genero, escrevendo as historietas de Marion e de Ninon.

É sómente de passagem, e a proposito de alguns dos personagens da sua galeria de retratos, que faz ás *mignonnes* a honra de as citar.

Assim, concede apenas duas ou tres linhas á Tourville, que foi uma das mais bellas cortezãs de Paris, a qual depois, grangeando uma fortuna de quatro ou cinco mil libras de renda, convertida em terras no paiz de Chartrain, a trouxe em dote ao conde d'Elbe, casando com elle.

(V. *Historietas*. t. VIII.)

Tallemant era talvez o unico a recordar ao publico que a condessa d'Elbe devia mais a sua fortuna ao seu officio de alcoviteira, do que aos seus peccados pessoaes.

Menciona tambem, muito ligeiramente, a famosa Cordeau, filha de uma celebre florista da côrte, a qual não perdia o sen tempo, como a mãe, fazendo ramilhetes. Era isto o que ella propria dizia.

Tinha ao mesmo tempo varios galanteadores, que não lhe consenttiam faltas de dinheiro, e por isso vivia com um estado de princeza.

Apesar d'isso, nada mais vulgar que os seus gostos depravados.

«Ha dias, escreve Tallemant, estando a senhora Scarron, deitada sobre algumas almofadas junto da sua cama, por estar accommettida de diarrheia, chegou a Cordeau, e deitando-se ao lado d'ella, pretendeu metter-lhe na mão

uma grande bolsa cheia de luizes, emquanto lhe prodigalisava ardentes osculos. A Scarron levantou-se, e pôl-a fòra.»

Quanto distam estas cortezãs de segunda ordem dos dois astros da prostituição que brilharam no seculo XVII, e deixaram apoz si pelos seculos adiante a esteira luminosa da sua belleza, do seu espirito e da sua illustração! Marion, a bella e soberba cortezã, que teve durante a vida um cortejo mais imponente que o de todas as rainhas de França, e Ninon, a formosissima philosopha, dotada de uma belleza eterna e de um espirito inexgotavel, são dignas da fama, que as elevou ao pinaculo da celebridade, e deixou os seus nomes para sempre vinculados nos annaes das grandes mulheres de todos os tempos.

Qual foi a cortezã de quem podesse dizer-se com verdade o que de Ninon escreveram o marquez de la Fare e o duque de Saint-Simon?

O marquez de la Fare dizia da formosa Ninon:

«A casa de mademoiselle de Lenclos era então (1649) o ponto de reunião de todas as pessoas da côrte, notaveis pelo seu espirito. As mães mais sensatas e virtuosas desejavam que seus filhos fossem admittidos n'essa sociedade amavel, que se considerava como o ponto obrigado da boa companhia. Mais ainda, a casa de Ninon era talvez, n'estes ultimos tempos da sua vida, a unica de Paris onde se ousava fazer espirito, e onde se passavam dias inteiros sem enfado. Emfim, até á edade de oitenta e sete annos, Ninon foi sempre procurada pela melhor sociedade da sua épocha.»

O duque de Saint-Simon diz pouco mais ou menos a mesma cousa n'outros termos:

«Ninon teve amigos illustres em todas as espheras, e deu tão evidentes provas de espirito que os conservou todos, bem avindos uns com os outros, ou pelo menos, sem grande escandalo.

«Em casa d'esta mulher celebre, tudo se passava com um respeito e uma decencia exterior, que difficil se torna mesmo ás mais elevadas princezas conservar nas suas fragilidades.

«Ella teve d'esta arte por amigo tudo quanto ha de mais elevado e distincto na côrte, de fórma que se tornou moda ser-se admittido em sua casa, havendo mesmo razão para o desejar por causa das relações que alli se obtinham.

«Nunca havia jogos n'aquella casa, nem risadas estridulas, nem disputas, nem polemicas religiosas ou politicas. Espirito quasi sempre, historietas antigas e modernas, galanteios, e no meio de tudo isto nunca se abria a porta á maledicencia.

«Tudo alli era delicado, cortez, urbano; conversações interessantissimas, que ella soube sustentar pelo seu espirito e pela grande copia de factos que ella sabia de todos os tempos.

«A considaração que ella havia adquirido, o numero e a distincção dos seus amigos e dos seus conhecimentos continuaram a attrahir a sua casa a boa sociedade, quando os seus encantos desappareceram, e quando o bem estar e a moda lhe tornaram defezo misturar o corpo com o espirito.

«Conhecia todas as intrigas da antiga e da nova côrte, tanto as serias

como as obscenas. A sua conversação era encantadora. Dssinteressada, fiel, discreta, segura até ao extremo. Até mesmo na fraqueza, podia dizer-se que Ninon era virtuosa e cheia de probidade.

«Auxiliou muitas vezes os seus amigos com o seu dinheiro e com o seu credito, entrou por causa d'elles em cousas importantes, e guardou fielmente os depositos de dinheiro e os segredos importantes, que lhe eram confiados.

«Tudo isto lhe grangeou uma reputação e uma consideração verdadeiramente sigulares.»

Tornaremos ainda n'este volume a referir-nos ás duas mais illustres cortezãs do seculo XVII, depois de havermos esboçado varios quadros da historia da prostituição na sua épocha.

CAPITULO XVI

SUMMARIO

Prostituição da arte dramatica, antes de Corneille e Molière.—Opinião de Boileau sobre o fim moral do theatro. —Obscenidades da comedia.—O *Eugenio*, de Jodelle.—A *Thesoureira*, de Grévin.—O epithalamio da Universidade, dedicado ás princezas de França.—O *Mudo insensato* e a *Nephelococugie*, de Le Loyer.—As comedias de Larivey. —Analyse da *Viuva*.—Origem dos banquetes em scena.—Os proverbios dos *Enganos*.—A tragedia no seculo XVI.— O *Holophernes*, de P. Heyns.—A *Isabel* e o *José*, de Nicolau de Montreux.—A *Clythmnestra*, de Mathieu.—O theatro de Hardy.—A prostituição posta em scena.—A *Santa Ignez*, do senhor d'Aves.— A *Santa Theodora*, de Pedro Corneille.—As *Felizes Fortunas*, do senhor Bernier de la Brousse.—Os *Portuguezes Infortunados*, do senhor Des Croix.—Actrizes núas em scena.—A *Madonte*, d'Auvray.—A *Pastoral erotica*.—As *Sombras*, de Nicolau Filleul.— O *Juizo de Páris*, de Florente Chrestien.—A *Castidade arrependida*, de La Valletrye.—Os *Amores contrariados*, de Isaac Duryer.—Os satyros em scena.—Os *Redis*, de Bernier de la Brousse.—Quadro pintado sobre uma tibia pastoril.—As *Paixões exaggeradas*, de Richemont Banchereau.—A *Impotencia*, de Verronneau.—Reforma moral da comedia.—Corneille, Molière e outros auctores comicos do seu tempo.—Censura e policia do theatro.



ESTUDÁMOS as origens do theatro francez, sob o ponto de vista do seu influxo sobre os costumes publicos e das suas relações com a prostituição. Resta-nos agora dar a conhecer quaes foram, até á épocha de Corneille e Molière, as escandalosas indecencias da tragedia, da poesia pastoril e da comedia, que constituiram tres generos distinctos a partir de meiados do seculo XVI, e que deviam, aperfeiçoando-se e depurando-se cada vez mais, chegar a constituir uma diversão procurada pela gente honesta.

«Ser-nos-ha facil demonstrar, escrevia Boileau a Brossette, que são necessarios ao estado os espectaculos para depurar as paixões. Esta depuração das paixões não é chimerica.

«Homens ha que, tendo passado tres horas, attentos á representação de uma comedia, teriam talvez, entregues aos seus pensamentos na solidão, concebido algum funesto designio, já de suicidarem-se, já de matar o proximo. A propria natureza quer que haja espectaculos.»

(V. *La Boiléenne, ou Agudezas de Boileau*, editor Montchesnay, 1742.)

Muito tempo e muitos esforços foram precisos, todavia, para se conseguir a depuração das obras dramaticas, que pareciam mais depressa compostas para desmoralisar, do que para moralisar o publico.

Até ao reinado de Luiz XIV, o theatro, não obstante as apparencias reli-

giosas dos mysterios, e as philosophicas tendencias das *moralidades*, não havia tido outro fim, mórmente no ultimo quartel do seculo XVI, senão lisongear e sobreexcitar as paixões sensuaes.

A alta comedia, que se vangloriava das sympathias da classe aristocratica e illustrada, não era muito mais decente e recatada que a farsa, destinada especialmente ao povo.

Ao esboçarmos a historia da arte dramatica, nas suas relações com a prostituição, não podemos dispensar-nos de dar a conhecer algumas das peças licenciosas que compunham o reportorio do Hotel de Borgonha, antes de Corneille e Molière haverem, por assim dizer, creado um theatro para as pessoas decentes.

Tem-se por varias vezes dito, e com muita razão, que os costumes de uma épocha não têem espelho mais fiel e mais ingenuo que as obras theatraes contemporaneas, porque os espectadores nunca teriam acceitado como uma pintura dos seus vicios e dos seus defeitos, a pintura que tivesse sido feita sobre erroneos fundamentos, ou segundo modelos ficticios e desconhecidos.

Será conseguintemente permittido affirmar que a depravação do theatro foi, em todos os tempos, o inicio mais seguro da depravação dos costumes contemporaneos.

Veremos, por exemplo, como a comedia, que se intitulava heroica ou pastoril, foi constantemente, desde a sua origem até ao que podemos chamar a sua reforma, sob o reinado de Luiz XIII, e sob a inspiração do cardeal de Richelieu, uma especie de obscenidade, em que havia tão sómente scenas de corrupção e de libertinagem, recheiadas de torpes equivocos ou de palavras obscenas, exactamente como as farsas, que a sociedade seria deixava exclusivamente para divertimento da canalha.

Fallámos já d'estas farsas, bem como dos bailados, que tanto contribuiram para a desmoralisação das côrtes de Henrique IV e Luiz XIII.

A primeira comedia que se julgou digna d'este nome em França, e que não pareceu n'essa épocha muito inferior ás de Terencio, o *Eugenio*, de Jodelle, foi representada pela primeira vez na presença de Henrique II e de toda a côrte, n'um theatro levantado de proposito para esse fim, no palacio de Reims.

«Esta comedia, diz Dulaure, *Historia de Paris*, é uma peça extremamente immoral, em que figuram um abbade rico e libertino e um capellão, o qual, seduzido pela esperança de obter um beneficio, consente de bom grado em servir vergonhosamente para a dissolução do abbade, chegando a entregar-lhe sua propria irmã.

«O mesmo abbade obtem de um marido parisiense a auctorisação de partilhar o leito de sua mulher. As nossas comedias costumam terminar por um casamento. N'aquella, porém, ninguem se casa. Os amantes, presbyteros e seculares, dão fim á peça, indo sem ceremonia ceiar e deitar-se com as amigas. Se o theatro é o espelho dos costumes, julgue-se por esta amostra quaes deviam ser os costumes do seculo XVI.»

É verdade que Jodelle era tido pelo mais desprezivel libertino do seu tempo, apesar de se vêr honrado com o favor de el-rei e com a amisade dos grandes.

O seu contemporaneo, Estevam Grévin, medico e favorito de Margarida de França, duqueza de Saboya, fez representar poucos annos depois do *Eugenio,* uma comedia que não foi menos celebre e que não obteve menos applausos na côrte.

Intitula-se a *Thesoureira,* imitada sem duvida de uma comedia italiana, pois encontra-se n'ella o sello da maior parte das peças do theatro italiano, tal como o haviam creado Machiavel, o Ariosto e o Aretino.

A heroina da comedia é a mulher de um thesoureiro, chamado Constance, a qual está amancebada com um protonotario, especie de abbade mundano, que encontraremos desempenhando o mesmo papel de galan nas comedias do seculo XVIII.

De resto, aquella mulher impudica e interesseira recebe os presentes de um fidalgo que a corteja, e que obtem por fim a promessa de uma entrevista, mediante uma quantia que pede emprestada ao marido.

Este ultimo, o pobre!—vê-se obrigado a emprehender uma viagem. Durante a sua ausencia, a culpada metade do bonacheirão deve passar a noite com o protonotario. O fidalgo, advertido por um creado, accode com toda a sua creadagem armada, para surprehender os dois amantes.

N'este comenos, o marido, que ninguem esperava, regressa de subito, entra em casa, dirige-se ao quarto de sua mulher e encontra-a com o protonotario

Eis de que maneira a creada, que estava a esse tempo deitada com o lacaio do protonotario, refere a melodramatica scena de que fôra testemunha:

Encore, si Mademoiselle
N'eust esté prise en ce delit
Avec Monsieur dessus le lit,
L'on eust pu couvrir cette affaire!
Mais comment? Le protonotaire.
La tenoit dejà embrassée,
Quand le mary l'a devancée
Comme elle se pensoit cacher,
Et si ne le pouvoit lacher!

«Ainda se a senhora não tivesse sido apanhada em flagrante, com o senhor por cima do leito, poder-se-hia encobrir este negocio!

«Mas como? O protonotario tinha-a já abraçada, quando o marido entrou! Como havia ella de pensar em esconder-se, se não o podia largar!»

O protonotario e a sua cumplice são apanhados em flagrante, como diz a creada. O thesoureiro enche-os de improperios e censuras. Chega a esse tempo o fidalgo, e accusando a thesoureira de o haver enganado, vinga-se d'ella obrigando-a a restituir-lhe o dinheiro e os presentes que recebera das suas mãos.

Esta comedia, que pinta com vigor a prostituição das mulheres casadas, termina com as seguintes reflexões, postas pelo auctor na bocca de um dos lacaios, e que vêem a ser a *moralidade* da peça:

Puis j'ay entendu bien souvent
Que d'une femme le devant

Ressemble ceste lampe ardente,
Qui est dans l'Église pendante,
A fin d'allumer les chandelles
De toutes les offrandes nouvelles;
Elle en allume infinites,
Sans perdre rien de sa clarté.
Ainsy la femme a beau changer
Un familier, à l'estranger,
L'estranger au premier venu,
Toujours son cas est mantenu
En son entier, si d'aventure,
Elle n'y mesle quelque ordure;
Et si, dit-on communement,
Qu'après le doux esbattement
Du feu d'amour, ny appert plus,
Le tablier rabaissé dessus.

Pouparemos o leitor, que não entender o francez, á indecencia da interpretação d'esta obscena tirada.

Estevam Grévin tinha realmente talento e uma grande veia comica. Permittiu-se as mesmas liberdades de invenção e de estylo n'outras comedias ainda.

Nem por isso deixou de ter a maior estima na côrte de França, que não tinha grandes escrupulos de pudor na apreciação de uma obra litteraria.

Assim, em 1559, por occasião do casamento das princezas de França, Izabel e Margarida, a primeira filha e a segunda irmã de Henrique II, pôz-se em scena no Louvre uma comedia allegorica em honra d'aquella dupla alliança, e n'essa comedia, original de um medico picardo, Estevam Dubois, a Universidade de Paris, symbolisada por uma mulher, dirigia aos noivos um epithalamio, no qual lhes ensinava os deveres do thalamo nupcial, que iam occupar.

Damos, a titulo de curiosidade, duas estrophes d'essa inconvenientissima composição:

Puis jetterez les mains doulces
Sur les tétins qui repulsent,
Halletants, d'amour tout pleins,
Les blanches pommes jumelles,
Au petit bout rouge points,
Comme cerises vermeilles.
Après, les tendrettes hanches,
Maniant de vos mains blanches,
Et le surplus doulcement,
La place sera rendue;
Car la main est l'instrument
De la joye pretendue.

«Depois, poreis suavemente as mãos sobre as pômas que palpitam, arfando, cheias de amor, as alvas pômas gemeas, tendo nos biquinhos a côr das bellas cerejas vermelhas.

«Depois... manejando as tenras ancas com as vossas alvas mãos, e o

resto docemente, a praça render-se-ha, porque a mão é o nstrumento do prazer que se pretende!...»

E era á Universidade de Paris, á casta filha de reis, a quem se prestava tão libidinosa linguagem, que parecia recordar uma elegia de Catullo!

E os ouvintes de tão eroticas tiradas eram os mais altos e poderosos senhores das côrtes de França, de Hespanha e Saboya!

Tanto é certo que n'aquelle tempo não se conheciam ainda, mesmo nas côrtes mais adiantadas, nem o sentimento da verdadeira decencia, nem o instincto da honestidade!

Um auctor comico ahi dos primeiros annos do reinado de Henrique II, Pedro Le Loyer, a quem o seu *Tractado dos Espectros,* (Angers, 1586 in-4.º) está muito longe de nol-o apresentar como escriptor pornographico, deu a lume duas comedias que foram em extremo applaudidas, quando postas em scena.

Intitulam-se o *Mundo insensato* e a *Nephelococugie,* e não passam de simples imitação dos theatros grego, latino e italiano. A segunda é até uma imitação de Aristophanes, não podendo comprehender-se hoje, ao lel-as, como podiam tolerar-se, fosse em que tempo fosse na scena franceza.

No *Mundo insensato,* veja-se, por exemplo, em que termos celebra um creado as numerosas proezas de um estudante:

Si une fille de Tolose
Sçavoit quel est le traitement,
Que fait un écolier amant,
Á sa nymphe qu'il tient et baise,
Je crois qu'elle seroit bien aise,
Et bien heureuse de se voir
Estre reduicte en son pouvoir:
Jamais il ne fait pire trongne
Áprés qu'il a fait la besongne,
Il n'est ni recru ni deffaict;
Ainsi, il est un coq en effect,
Tant de femmes qu'on lui present,
Antant sur l'heure il en contente,
Et, ayant fait, il va chantant,
Tout prest d'en faire encore autant,
Ores, il touche et idolastre
Le front et le beau sein d'albastre,
Il presse et talonne, de rang,
Le ventre, la cuisse et le flanc;
Et gaillardement il furette
La partie la plus sécréte,
Et, estant une fois lié,
Le fait cinq fois d'arrache-pié,
Puis en peu d'heures il rebrousse,
Et met sa boule en la belouse.

Não nos daremos ao trabalho de traduzir estes versos pornographicos, para pouparmos a delicadeza e a susceptibilidade dos leitores que não conheçam a lingua em que foram escriptos.

Tal era o tom da alta comedia n'aquella épocha.

Convém sobretudo observar que, segundo a poetica do theatro, os plebeismos, os equivocos e as obscenas imagens caracterisavam especialmente os papeis dos creados.

A *Nephelococugie* é uma excepção d'esta regra, por isso que todos os seus personagens se servem á porfia de uma linguagem, demasiado grosseira para que ninguem se lembre de pedir contas d'ella a Aristophanes, a quem o auctor se jacta de haver imitado.

Genin e Cornard, antigos coitadinhos, encontram-se um dia, e choram juntos o seu infortunio. Decidem-se a emprehender uma viagem ao paiz dos seus congeneres, os coitadinhos.

—«Para lá chegarmos, dizem, é preciso marchar sempre em frente!»

—«Ah! exclama o outro:

Si nous eussions, malheureux et infâmes,
Cheminé droit sur le corps de nos femmes,
Ayant le manche et l'outil toujours prompt,
Nous n'aurions pas deux cornes, sur le front!

Chegam finalmente ao termo da sua viagem, e entabolam conversação com João Coitadinho, fazendo-lhe a narração das suas desventuras.

Celebra-se um conselho, propõe-se reunir todos os coitadinhos, que serão transformados em passaros, e construir uma cidade nos ares para a pôr ao abrigo das perseguições de Priapo, seu implacavel inimigo. Cornard zomba d'aquelle deus, que é muito feio e até corcovado:

Il est aimé toutesfois des pucelles,
Non pas pour lui, mais pour le profit d'elles;
Car en sa hanche il a deux grands témoins,
Qui sont plus gros que pilons pour le moins,
Et un beau manche assez roid et qui pousse
Bien roidement sa puissante secousse,
Gentil, nerveux, bien nourry, bien charnu,
Et, par sus tout, le plus brave tenu.

Estas obscenidades, que transcrevemos da famosa comedia de Pedro Le Loyer, são o mais triste documento da relaxação dos costumes da épocha em que foram proferidas em scena, diante de um publico realmente bem dissoluto!

Decide-se que não serão admittidos na nova cidade senão os verdadeiros coitadinhos, e que se prohibirá especialmente a entrada a Jupiter, se elle alguma vez tentar ir lá, por quanto Jupiter, com auxilio de Priapo, fez desgraçados um grande numero de maridos.

Um dos tres interlocutores, menos indulgente que os outros, é de opinião que se deve dar um exemplo, tractando o rei dos deuses do mesmo modo que o conego Fulbert tractou o amante de Heloisa:

Il vaudra mieux l'arrêter à la porte,
Et luy couper, raz le cul, ce qu'il porte,
Afin qu'il soit de son membre escouillé,
Dont fut jadis son père despouillé,
Et que, sans mort, souffrant mille misères,
Il soit puni de tous ses adultères.

João Coitadinho segue o conselho dos outros dois e funda a cidade de *Nephelococugie.*

A mensageira dos deuses, Iris, quer descançar n'ella ao baixar á terra, mas é insultada e expulsa brutalmente.

—«Se te apanho,» diz um dos coitadinhos:

Je te feray, sans que ruer tu puisses,
Á mon plaisir escarquiller les cuisses,
Et, te rangeant au montoir devant moy,
Pour voir plus loin, je monteray sur toy.

Nephelocugie chega a ser uma cidade rica e prospera. Todos os homens, para lograrem entrar n'ella teem satisfação em chamar-se coitadinhos; até os proprios deuses aspiram á dita de habitarem no paraiso dos maridos ludibriados, onde se celebram com grande pompa as bodas do rei Coquart com a deusa Zelotypia.

Nada ha que iguale a extranha licença e obscenidade d'esta comedia aristophanica, que pretende provar ser o destino das mulheres enganar seus maridos, fazendo por isso estes mal em se queixarem.

Pedro Larivey, que não era menos versado que Pedro Le Loyer no conhecimento do theatro antigo, e que não fazia da litteratura theatral o seu estudo favorito, dá a entender, nos prefacios das suas comedias, que se esforçava tambem por imitar os mestres dos theatros grego, latino e italiano.

«Os assumptos de que tracta, diz o erudito Weiss, *(Biographia universal,* artigo *Larivey),* não são muito a proposito para nos darem uma ideia favoravel dos costumes do seu tempo.

«Em todas as suas peças, vêem-se apenas velhos ou maridos enganados, mulheres e raparigas perdidas, creados velhacos e traidores. O seu dialogo não carece de naturalidade nem de vivacidade, mas abunda em expressões grosseiras e indecentes, que repugnariam hoje aos mais delicados espectadores.»

As suas comedias, que são effectivamente notaveis e forneceram modellos ao proprio Molière, parecem calcadas sobre as do Aretino, e o seu dialogo, muito vivo, muito chistoso e muito livre, é colhido, como o auctor declara, «do baixo povo, que é o principal personagem da scena.»

Segundo este systema dramatico, que Larivey em vão se empenhou em fazer adoptar em França, não hesitou em apresentar aos olhos do poblico, não só libertinos e mulheres dissolutas, mas até cortezãs, alcoviteiros e alcoviteiras, como elle proprio os chama com todas as lettras, na primeira edição completa das suas obras, cujo primeiro tomo foi impresso em 1579 e o segundo em 1611.

A analyse da *Viuva*, que extrahimos da *Bibliotheca do Theatro Francez* (Dresde, Groell, 1760) supprirá perfeitamente as citações que poderiamos extrahir da comedia, traduzida ou imitada da *Vedova*, de Nicolo Bonaparte, e provará que o theatro francez offerecia n'aquella épocha uma monstruosa eschola de prostituição.

«Um navio, trazendo a bordo Boaventura e sua mulher Clemencia, naufraga.

«O marido salva-se e vê sossobrar o navio. Julga que sua mulher encontrou a morte no fundo das aguas, mas a companheira dos seus dias tem a fortuna de salvar-se tambem.

«Passado largo tempo, Clemencia e Boaventura encontram-se em Paris, e não se reconhecem.

«O marido enamora-se de sua mulher e faz-lhe propostas de casamento, valendo-se como intermediarios, primeiramente de um sacerdote, e depois de uma alcoviteira.

«Clemencia recusa essas propostas, em consequencia da fidelidade que quer absolutamente guardar a seu marido, por ella julgado morto no naufragio.

«Outra Clemencia, celebre cortezã, que sabe a historia de Boaventura, finge ser sua mulher, dá-se-lhe a conhecer e passa com elle a noite.

«Ao mesmo tempo a verdadeira Clemencia descobre que Boaventura é aquelle cuja perda deplora, e apresenta-se em sua casa.

«O marido, que ainda na vespera não tinha mulher, encontra-se agora com duas ao mesmo tempo. Por fim, reconhece a verdadeira e não cabe em si de contente, ao saber que é sua propria mulher a que elle desejava tornar sua esposa, por a julgar morta.

«Abundam n'esta peça varias intrigas, e episodios habilmente conduzidos pela alcoviteira Guilhermina. Consegue fazer deitar dois amantes com as mulheres que cubiçavam, e ella deita-se com um velho, fazendo-se passar por Clemencia, mulher de Boaventura. A creada passa tambem a noite com o lacaio, e todos estes lances preparados produzem differentes casamentos.»

Esta analyse que não deixa de ter uma certa ingenuidade, convidará talvez o leitor a procurar na *Bibliotheca do Theatro Francez* a analyse das outras oito comedias Larivey, que têem todas o mesmo ar de familia muito obsceno.

«Os personagens que introduz em scena, diz o seu commentador, são na sua maior parte obscenos. A intriga offerece pouca variedade. Não conhece outro meio de chegar ao desenlace, senão introduzir o amante no leito da sua querida.»

Accrescentemos a estas observações, que o nicho atraz da cortina dos antigos *mysterios* e das *farsas* do theatro primitivo não existia já desde remotas eras, e que a decoração, que figurava varios logares ao mesmo tempo, abria os seus bastidores a todos os jogos de scena, que deveriam ter sido escondidos aos olhos do espectador.

Quanto aos comicos, já não se sentavam nos bancos situados a cada lado da scena, como nos bons tempos dos *Confrades da Paixão*.

Esses bancos haviam sido occupados desde logo por espectadores privi-

legiados, que aproveitavam esta concessão para se approximarem das comicas. Aos bancos succederam-se cadeiras dispostas em filas, á direita e á esquerda dos actores, e occupadas, durante a representação por personagens que se envergonhavam de se confundirem com o publico do theatro.

Facil é de suppor os discursos licenciosos, os lubricos olhares e até os toques lascivos que se permittiriam os habituaes frequentadores d'aquelles logares do palco, especialmente quando uma actriz sahia da scena com um d'aquelles deshonestos pretextos, que os auctores de comedias, e especialmente Larivey, não se envergonhavam de empregar incessantemente na acção das suas peças.

As cortezãs e as alcoviteiras, que apparecem invariavelmente no theatro de Larivey, foram por certo os ultimos papeis de que as comicas francezas consentiram encarregar-se. Desempenhavam-nos homens, que occultavam o rosto debaixo de uma mascara, e que não receiavam accrescentar a mais infame pantomima a maximas e proverbios rimados, tão livres, como os seguintes, que o auctor semeou profusamente na sua comedia dos *Enganos,* onde a alcoviteira e a cortezã porfiam em impudencia:

Pour un plaisir qui tant peu dure,
Tout à beau loisir se reprend,
Celle qui se fait la monture,
D'un chacun, et qui rien n'en prend.

Plus tost se taira la cigale,
Et la grenouille fuira l'eau,
Que ne suit, d'une putain sale,
L'amant plumé jusque à la peau.

Si à la renverse on vous jette,
N'en dites rien, ma Godinette,
Mais souffrez qu'un gentil garçon
Fouille sous votre pelisson.

Não se supponha que a tragedia, pela magestade e sublimidade do genero, e pelo caracter solemne dos seus personagens, sahisse incolume do contagio do theatro licencioso. Os auctores que compunham tragedias ou comedias não sabiam evitar a queda no defeito da sua épocha, e misturavam expressões baixas e imagens indecentes no dialogo dos heroes e dos deuses.

Ignorava-se absolutamente, em todos os generos de litteratura, aquella discrição, recato, esmero de linguagem, e escolha de ideias e expressões que constituem o bom gosto, e que um critico poderia muito bem denominar a *honestidade litteraria.*

É certo que a tragedia não admittia os typos populares de que a comedia se havia appropriado, e que fazia comparecer perante o jocoso tribunal das plateias, com os seus vicios e os seus ridiculos, com os seus tregeitos, os seus esgares e a sua gyria escandalosa.

No emtanto, a tragedia, embora destinada a representar os grandes feitos da historia e a resuscitar os reis e os homens illustres do passado, reflectia

muito a miudo os costumes dissolutos do presente e a linguagem obscena do povo.

Os primeiros poetas tragicos, que iam buscar os seus modellos á antiguidade grega e latina, e que procuravam com empenho traduzir ou imitar Sophocles, Euripedes e Seneca, tiveram o maximo cuidado de não incorrer, como os seus successores, em taes anachronismos e incoherencias.

Jodelle, Garnier, Lataille e os seus contemporaneos evitam transportar para as suas tragedias a desvergonha e o impudor do genero comico, e quando chegam a empregar certas palavras grosseiras, taes como, *p...*, *cóia, alcoviteira,* etc., que desde muitos seculos se desterraram para o vocabulario da gente ordinaria, estas feias expressões ennobrecem-se até certo ponto pelo tom geral da phrase que as emmoldura, chegando ás vezes mesmo a propria ingenuidade a dar-lhes um certo realce.

Em breve, porém, a tragedia se deixa invadir pelos escandalos das outras peças theatraes, e o cothurno tragico, envergado pelos mais infimos dos poetas, enloda-se na lama immunda das viellas e beccos suspeitos.

Foi a este impuro esterquilinio que Hardy foi procural-o, para o envergar tambem, sem que podesse desembaraçal-o inteiramente das immundicies que o manchavam, e que não eram senão provindas da farsa e da comedia.

Algumas vezes estas inconveniencias e obscenidades só logravam insinuar-se n'uma tragedia por causa da inexperiencia demasiado innocente do auctor, incapaz de distinguir o estylo elevado do trivial.

Foi assim que o pobre diabo d'esse Pedro Heyns, que não passava de um mediocre ministro protestante e mestre-eschola em Harlem, tendo, ainda assim cultivado as musas o bastante para dar á scena varias tragedias edificantes em Ambéres, em 1580 e 1582, introduziu, sem mal cuidar, uma cortezã, a *Pellaca,* na tragedia-sacra, Holophernes, e poz na bocca da mesma, ao dirigir-se á creada de Judith, emquanto a heroica viuva de Bethulia está nos aposentos do general assyrio, estas palavras:

—«Tenho-a por p... falsa, hypocrita e muito fina. Mulher que não pede homem, deve ficar em casa. Fallo comtigo, bella dama, desaforada alcoviteira! Não soubeste encontrar outra feira onde vendesses a tua gentil senhora? Ah, que se estivesse na minha mão, não hesitaria em arrancal-a do leito por aquellas vis tranças vendidas ao general!»

O digno mestre-eschola, que com tal verdade sabia manejar a rhetorica dos logares suspeitos, não suspeitava sequer que a *Pellaca* do Holophernes podia corromper a sua discipula, ou mesmo as discipulas de seu genro Offermans, mestre-eschola como elle, e como elle tambem extremamente affeiçoado ao theatro.

A maioria dos auctores francezes, porém, que queriam que a tragedia levasse a palma á comedia na licença e na immoralidade, não eram tão innocentes como Pedro Heyns.

Por exemplo, Nicolau de Montreux, fidalgo do Maine, conhecido pelo anagramma de *Ollenix du Mont-Sacré*, não temia escandalisar os seus espectadores, apresentando-lhes a princeza Isabel, debatendo-se com todas as suas forças para

evitar ser violada, e a mulher de Putiphar, querendo fazer entrar no seu leito o casto José.

Na tragedia *Isabel*, impressa em Tours em 1592, embora tivesse sido representada dez annos antes, a heroina defende-se com excellentes razões contra um barbaro vencedor, Rodamonte que lhe dicta este *ultimatum*, apertando-a de uma maneira extremamente brutal:

Je veux avoir de vous ce que la loy de Mars
Me permet de ravir, seule loy des soudards.

Isabel resiste e foge, exclamando com angustia:

Un plaisir si léger vous sera peu durable.

Rodamonte, que continúa os seus ataques com redobrada energia, responde:

Un plaisir n'est léger, qui nous est secourable.

Isabel não póde luctar; grita, chora, mas de subito, mudando de tactica intenta fazer entrar na razão o monstro que quer deshonral-a. N'este intento, dirige-lhe a seguinte censura, que não podia deixar de enternecer um coração menos empedernido:

Est-ce bien que forcer une simple femelle?

A ponto de alcançar o seu desejado intento, Rodamonte não está disposto a renunciar a elle, e replica descaradamente, fazendo da violação um principio da arte de amar:

Oui bien, quand on ne peut vivre sans joyer d'elle!

Na tragedia do *Casto José*, Alinda, mulher de Putiphar, namorada de José, encontra a melhor vontade de lhe ser util na sua ama de leite, que em abono do officio de alcoviteira, exclama:

C'est le métier à celles de mon âge
De s'adonner à l'amoureux message...
Ainsi toujours on se rend necessaire,
En le faisant, ou en le faisant faire.

Alinda, a sós com o casto José, pede-lhe que *a console e se promptifique a dar-lhe o prazer*, mas o timido José resiste, e consegue alfim fugir, no momento critico em que a perigosa sereia lhe diz com a maxima doçura:

Baise-moi donc! Quoi! Tu fais du farouche
Et ne veux pas que je baise ta bouche?

Um poeta tragico, Mathieu, a quem segundo se conta, Racine fez a honra de aproveitar alguns versos, qne se encontram na *Esther*, não tinha a menor

ideia da honestidade do estylo, quando poz na bocca da sua *Clythmnestra,* impressa em 1589, as seguintes injurias dirigidas á pobre Cassandra:

Maquerelle des Grecs, bordelière putain!

Do mesmo modo attribue esta grosseira imprecação á ama, que se indigna ao saber do amor adultero da rainha por Egistho:

Madame, qui poussée ainsi qu'une Ménade,
Ou un chastré curette, envie l'embrassade
De cet effeminé! Ce paphien mignon
Fera donc un tel tort au grand Agamemnon!
Et j'y consentirois! Je serais maquerelle
De ce paillard complot, qui pour tesmoing m'appelle!
Oh! Quel monstre de voir les grandes putasser!

O theatro tragico em França havia aberto a porta a todas as licenças da comedia, quando Alexandre Hardy, que se inspirava especialmente nas litteraturas italiana e hespanhola, tentou infundir na arte dramatica o respeito dos bons costumes.

No emtanto, apesar d'estes bons desejos, como o auctor frequentava a companhia dos comicos, e estava mesmo contractado por elles para lhes subministrar tantas peças quantas podessem representar, viu-se varias vezes obrigado a sacrificar como os outros nas aras do mau gosto do publico, e a conservar em algumas das suas obras as tradicções da libertinagem theatral.

Em muitas das suas tragedias, ou tragi-comedias (compoz oitocentas, apesar de terem apenas chegado aos nossos dias quarenta e uma na collecção das suas obras, impressas em Paris por Quesnel em 1627 e 1628, 6 vol. in-8.º) em muitas das suas obras, diziamos, o auctor não vacilla em pôr em scena as acções mais indecentes, e n'este caso a linguagem do poeta desce ao nivel do assumpto.

A tragi-comedia *Dorisa,* que parece haver sido representada em 1615, faz assistir o publico ao espectaculo de um adulterio.

Um fidalgo hespanhol, chamado Telemaco, descobre uma intriga de sua mulher Lucrecia, á qual surprehende em flagrante delicto, e mata junto do seu cumplice.

Devemos suppôr, apesar de tudo, que o flagrante delicto estaria occulto pelo menos por uma cortina, quando o pobre marido foi testemunha da sua deshonra. Em todo o caso, vê o sufficiente para adivinhar o resto, e exclama com furor, assistindo indignado aos transportes dos dois amantes, que se julgavam sós:

O cieux! O cieux! La louve à son col se pendant
Et de lascifs appas provoque l'impudent,
Lui chatouille le sein, lui baisote la bouche;
D'un clin de teste, au lit l'appelle et l'escar mouche...
La patience m'eschappe!

Lança mão da adaga e atravessa com ella a mulher nos braços do rival, dizendo-lhe:

Execrable putain!
Tu mourras à ce coup, tu mourras de ma main!

O publico era então muito guloso d'estas eroticas pantomimas, que deixavam adivinhar o que não mostravam e que traduziam em scena os segredos do leito dos amantes.

A descripção e a narração pareciam frias para iniciar os espectadores nas peripecias mais delicadas de um drama amoroso. Queria-se *ver* e *via-se* o que hoje encheria de rubor até mesmo um publico de libertinos e de mulheres perdidas!

Pedro Troterel, senhor d'Aves, foi um dos auctores dramaticos d'aquelle tempo, que mais longe levou a audacia e a immoralidade n'este escabroso terreno.

A *Bibliotheca do theatro Francez* diz que o senhor d'Aves abusa singularmente «da liberdade que no seu tempo tomavam os auctores de pôr na bocca dos seus prosonagens indecentes discursos, apesar de quasi sempre entre os seus espectadores estar o rei e a rainha.»

Na tragedia *Santa Ignez,* que é uma imitação dos antigos *Mysterios,* Pedro Troterel apresenta em scena o interior de um lupanar romano, sem se importar muito com a côr local.

Ignez, filha de paes christãos, declarou que não quer outro esposo senão Jesus-Christo. Sempronio, governador de Roma, cujo filho está louco de amor por aquella santa virgem, condemna-a a ser levada a um lupanar.

O governador exclama furioso:

Sus! doncques, vous irez de ce pas au bordeau!
Qu'on me fasse venir un fanfareur de trompe,
Á fin de l'y mener avec plus grande pompe;
Mais, par avant, je veux, à fin de la souiller,
Et diffamer du tout, la faire despouiller:
Arrachez ses habits, mettez-la toute nue,
Á fin qu'en la menant, de tous elle soit vue!

A *Bibliotheca do Theatro Francez* continúa n'estes termos a analyse do drama:

«Emquanto os algozes a despojam das suas vestiduras, Ignez invoca o Senhor, pedindo-lhe que salve a sua castidade e a sua pudicicia.

«As supplicas da virgem lacrimosa são ouvidas, e n'um momento os cabellos crescem-lhe tão prodigiosamente por diante e por detraz, que ella fica assim muito mais velada do que com os vestidos.

«Apesar d'isso, conduzem-na ao lupanar, e o pregoeiro que a conduz grita pelas ruas fóra:

Qui veut, qui veut venir? Le prix est grand et beau,
Moyennant que l'on vise au milieu de l'anneau!

«Chega por fim ao lupanar infame, recebendo-a á sua chegada as alcoviteiras, que a mimoseam com estas phrases:

Nous allons vous mener dedans un cabinet,
Le quel est bien gentil, bien agréable et net.
Il est fort bien meublé de lit et de couchette;
On vous y monstrera comment vous fustes faite!

«Marciano, filho do governador de Roma, deseja aproveitar a occasião, e dirige-se ao lupanar para onde levaram a sua amada, afim de a gosar ou por vontade ou á força. Quando intenta deshonral-a, cáe morto.

«Mas Ignez consente em o resuscitar, antes de partir para o supplicio, sem que os luxuriosos, que pretenderam desfloral-a, possam manchar-lhe o seu virginal pudor.»

Parece que a exhibição em scena de um lupanar tinha um singular attractivo para os frequentadores do theatro tragico.

Até Corneille, o grande Corneille, obedeceu ao gosto da épocha, prostituindo a sua musa no quinto acto da *Santa Theodora*, em que apresenta embora com mais alguma decencia o espectaculo de um d'eses logares infames.

Conhecemos uma tragi-comedia, cuja acção se passa quasi toda n'um bordel, e que, constando de cinco actos em verso, só é anterior uns quinze annos á primeira obra de Corneille.

É a segunda parte das *Felizes Fortunas*, do senhor Bernier de la Brousse.

Eis a analyse d'esta tragedia, como a encontramos na *Bibliotheca do Theatro Francez:*

«Uma joven princeza, chamada Tarsea, é raptada por um corsario e vendida a um alcoviteiro, que a destina aos prazeres do publico.

«O theatro representa o repugnantissimo espectaculo de uma casa de prostituição. Vae alli um principe para se divertir. Tarsea oppõe-se ás suas tentativas e refere-lhe o seu nascimento e as suas desventuras.

«O principe não quer abusar do seu estado, e respeita-a, mas ou fosse por não dar inteiro credito á sua historia, ou por ser pouco generoso, o caso é que a deixa continuar n'aquella infame morada, dando-lhe apenas algum dinheiro.

«A dona da casa offerece-a a muitos outros libertinos. Tarsea encontra sempre meio de se oppor aos seus desejos, e nenhum d'elles consegue gosar os seus favores. A infeliz ganhava o seu sustento com as suas canções em que se acompanhava ao alaúde. De resto, recebia ainda algumas, embora bem magras, esmolas do principe.

«Por fim, Apollonio, rei de Tyro, o mesmo de quem se faz menção na peça anterior, a primeira parte das *Felizes Fortunas*, chega, e depois de uma larga conversação com ella, reconhece-a por sua filha, e casa-a com o principe que a respeitou. Assim, Tarsea passa do bordel ao throno.»

Nem auctores, nem actores, nem espectadores faziam de certo ideia dos

perigos a que similhantes espectaculos deviam expor a moral publica, por quanto não só as representações d'aquellas indecentes tragi-comedias eram mais concorridas e agradavam mais, do que posteriormente succedeu ás obras-primas do theatro francez, mas até mesmo os comicos iam frequentes vezes á côrte e aos palacios dos grandes dar representações.

Além d'isso, as peças dramaticas que tantos escandalos encerravam, encontravam poderosos protectores, que não desdenhavam acceitar a sua dedicatoria.

Nicolau Chrétien, senhor des Croix, dedicou d'este modo, em 1608, ao reverendo padre em Christo, Claudio du Bellay, abbade de Savigny, a tragicomedia: Os *Portuguezes Infortunados,* que a analyse da *Bibliotheca do Theatro Francez* nos dará a conhecer sufficientemente:

«Sepulveda, viso-rei das Indias, embarca com sua mulher Leonor, seus filhos e os creados da casa para regressar a Portugal.

«Leonor era uma mulher formosissima.

«O marido amava-a loucamente.

«Naufraga o navio, e a equipagem consegue salvar-se n'uma ilha habitada por um rei barbaro.

«Os naufragos imploram a humanidade d'aquelle principe. Leonor tem uma entrevista com a rainha, a qual lhe pergunta, á queima roupa, se as suas tetas são redondas ou ponteagudas:

Les femmes blanches ont petites les mamelles:
Que je taste pour voir si vous les avez telles!
En ce pays icy, longues nous les avons,
Mais les vostres encor plus belles nous trouvons:
Je les voudrais bien voir!...

«De pouco serve a Leonor serem bellos aquelles ornamentos da sua juvenil formosura. Em vão intercede a rainha pelos desventurados naufragos. O rei é inflexivel. Quer apoderar-se de seus fatos, e obriga-a a despir-se e juntamente com ella a sua familia e as suas creadas. Ha mudança de scena, e realmente não deixaria de ser um espectaculo singular ver actores e actrizes em scena completamente nús. Leonor é a unica que se cobre de areia até á cintura, mas as suas damas, que eram muito mais jovens não têem a mesma modestia que sua ama.»

Tal é o assumpto da famosa peça de Nicolau Chrétien, tal é a fórma porque o auctor dramatico francez tractou a commovente tragedia do naufragio de Sepulveda, de que o nosso poeta épico Jeronymo Côrte-Real fez um bello poema, tão diverso das obscenidades de mau gosto d'aquella composição franceza.

Manoel de Souza de Sepulveda e sua mulher D. Leonor de Sá e seus filhos, vindo da India para o reino, na nau chamada o galeão grande S. João, naufragaram no Cabo da Boa Esperança, na terra do Natal. Percorreram mais de trezentas leguas pelas terras dos cafres até á sua morte.

Eis como o nosso grande poeta descreve a morte da famosa e infeliz esposa de Sepulveda:

«Entregam-se a morrer aquelles olhos,
Que mil mortes já tinham dado a muitos,
Uma mortal angustia lhe rodeia
Aquelle alegre e angelico semblante,
Já de todo lhe foge a côr de rosa
Do rosto tão formoso, já s'esfria,
Já fica a branca mão sem movimento,
O peito eburneo fica sem sentido.
Qual da casta Diana a casta imagem
Se viu por mãos de Phidias esculpida,
Que o soberbo edificio enobrecendo,
Sentiu do tempo avaro a força e a ira.
Entre antigas ruinas jaz a illustre
Admiravel figura despojada,
E, ainda que perdeu estado e gloria,
Desenho lhe ficou, valor e estima.
Alli mostra um perfil, medido e justo,
Nos hombros proporção perfeita e rara,
Mostra formosos olhos, mostra graça,
Mostra tudo formoso, mas sem vida.
Tal na deserta praia o corpo fica,
Mais que marmore, ou branca neve branco,
De crespas febras de ouro soccorrido,
Que com intento casto alli defendem.
Alça-se um alarido até ás estrellas
Das creadas, que em torno d'ella estavam,
Ferem com duros punhos rosto e peitos,
Fazendo um triste som, que rompe as nuvens.
Dos gritos e lamentos outra vez torna
O concavo rochedo uma voz escura,
E correndo por baixo do arvoredo
Miseraveis accentos vae formando;
Quantas vezes o nome amado chamam,
Com palavras do choro interrompidas,
Tantas Echo chorosa lhe responde
Co'a mesma dôr, co'o mesmo sentimento.
O varão infelice, trespassado
De uma terrivel dôr, já sem remedio,
Tremendo as fracas pernas, não podendo
Soffrer a grave carga e peso triste,
Junto do amado corpo se reclina
Com semblante affligido, e os tristes olhos
Com intrinseca pena os tinha postos
N'aquella já defuncta formosura.
Cuida no duro termo a que seus gostos
E a que todos os seus bens se reduziram.
Cuida em contentamentos já passados,
Que agora muito mais o entristeciam.
Alli, para mais dôr, se lhe apresenta
O vario proceder de seus amores,
O principio alterado e o successo
Tão prospero, jocundo e tão felice.
Cuida como passou em sombra o tempo
Ligeiro e tão amigo de mudanças.

E quando imaginava estar mais alto,
Viu da mudavel roda a volta dura.
Depois que um grande espaço está pasmado,
Opprimido de dôr o peito enfermo,
Alevanta-se, e vae, mudo e choroso,
Onde a praia se vê mais opportuna.
Apartando co'as mãos a branca areia,
Abre n'ella uma estreita sepultura,
Torna-se atraz, alçando nos cançados
Braços aquelle corpo lasso e frio,
Ajudam as creadas as funestas,
Derradeiras exequias com mil gritos.
—Ai! duro tempo, dizem, como apartas
Para sempre de nós tal formosura?!—
  Na perpetua morada tenebrosa,
A deixam, levantando alto alarido,
Com salgado licor banhando a terra,
Aquelle ultimo vale todas dizem.
  Não fica só Leonor na casa infausta,
Que de um tenro filhinho se acompanha,
Que a luz vital gosou quatro perfeitos
Annos, ficando o quinto interrompido.
Alli, co'a morta mãe o filho morto,
Ambos com o morto amor em terra jazem,
Ella lhe nega o branco amado peito,
E elle o doce, materno, amado gosto.
Ambos na solitaria praia ficam,
Junto das grossas ondas sepultados,
Deixando ao mundo um triste raro exemplo
Da preversa, cruel, impia fortuna.
  O misero Sepulveda rodeia
Os olhos com effeito de saudade,
Em lagrimas desfaz o bulcão turvo
De que assombrado tinha o triste sprito.
Com voz do triste choro embaraçada,
Palavras diz de lastima e piedosas,
Nos braços toma um filho que alli tinha,
De tenra edade e vista miseravel.
Por estreita vereda entra no matto,
De bravos leões e tigres povoado,
A morte vae buscando!...
                    Elles, doídos
Do seu mal, lh'a darão em breve espaço!

Naufragio de Sepulveda, por Jeronymo Côrte-Real. Lisboa, 1840.—Tomo II, pag. 199.

Não é possivel duvidar, em presença do irrecusavel testemunho de varias peças tragicas e comicas, do principio do seculo XVII e das estampas e desenhos que representam as suas scenas e trajos, que a apparição de uma mulher completamente núa no theatro não era rara, e que todas as comicas, «infamemente vestidas», segundo a expressão de Tallemant des Reaux, traziam o peito de tal modo descoberto, que lhes seria impossivel descobril-o mais.

É até muito provavel que a necessidade de exhibir essa nudez, de que incessantemente se fallava com tão pouco resguardo, na maior parte dos poemas dramaticos, havia determinado as mulheres a supprir a insufficiencia dos homens, que não podiam acceitar-se em certos papeis, onde com elles a illusão seria impossivel.

Assim, por exemplo, na *Dorinda,* tragedia de João Auvray, poeta satyrico muito notavel, que teve a desfaçatez de dedicar á rainha de Anna de Austria outra tragedia não menos licenciosa, intitulada *A Madonte,* a scena começava pelo seguinte extranho dialogo, entre o principe Segismundo e Dorinda, sua amada, «com a qual já se havia permittido algumas liberdades», como diz o redactor da *Bibliotheca do Theatro Francez.*

SEGISMUNDO

—«...Estes bellos seios, ou de orgulho, ou por amor, sinto-os entumecidos sob a minha mão!...»

DORINDA

—«Esteja quieto!»

SEGISMUNDO

—«Tenho-os na mão, e possuo dois mundos!»

DORINDA

—«Olhe que transpõe os limites de todas as conveniencias!»

SEGISMUNDO

—«Meu coração, eu quero morrer, com a honra de os haver tomado e conquistado!»

DORINDA

—«Emfim, senhor, estas liberdades chegam a ser uma offensa!»

SEGISMUNDO

—«Os amores correram em defeza d'esse raro thesouro, que alfim me arrebataram! Que prodigio vêr, no seio que idolatro, brilhar duas cerejas em pleno alabastro!»

Facilmente se comprehende que o papel de Dorinda só podia ser desempenhado por uma mulher, que modificaria a inconveniencia d'esse papel, graças a um accionado casto e a um porte modesto, cousas que difficilmente poderia representar um homem disfarçado de mulher, sob pena de se tornar ridiculo e até repugnante.

Evidentemente foi a apparição de mulheres em scena, que deu logar a um novo genero dramatico, cuja voga e acceitação fez oscillar por algum tempo a da comedia e da tragedia.

A pastoril, ou pastorella, participava a um tempo de ambos estes generos, mas o que mais a distinguia, além do logar ordinario da scena e da con-

dição dos personagens, era o caracter geral da concepção, que versava exclusivamente sobre o amor e a voluptuosidade, como se os pastores e as pastoras não tivessem outra cousa de que se occupar n'este mundo.

Não sabemos dizer bem se a affeição pelas pastorellas começou em França pelas novellas, se pelas peças theatraes.

Já de tempos bem antigos, do reinado de Carlos IX, fôra introduzida nos divertimentos da côrte a scena pastoril, com dois ou tres personagens, á maneira de Theocrito ou de Virgilio.

Mais tarde, a scena chegou a ter cinco actos, affectando a grandiosidade da tragi-comedia. Designava-se ás vezes com o nome de *peça* ou *poema de amor,* porque o seu objecto unico era mover o coração e inflammar os sentidos do publico.

Na pastorella, que obteve a preferencia e as sympathias de um publico escolhido, até ao fim do reinado de Luiz XIII, todas as indecencias dos trajos em scena, todas as demasias do gesto e da linguagem foram toleradas, e o que é mais, applaudidas.

De mais, ninguem teria o direito de se escandalisar do espectaculo inaudito que offerecia frequentes vezes uma pastorella, por isso que toda a peça theatral, que se representava com este titulo, era ou devia ser consagrada á pintura dos costumes dissolutos e á livre pratica entre os amantes.

Por outro lado, o trajo prestava-se maravilhosamente ás invenções galantes. Os pastores tinham o privilegio de se apresentarem muito ligeiramente vestidos. As pastoras usavam fatos ligeiros e transparentes, sem prejuizo da nudez que a côr local auctorisava, e que chegava, nada mais e nada menos, a pôr a descoberto os peitos, os braços e as pernas!...

Havia, pois, n'esta especie de espectaculos um empenho decidido em comprazer com as imaginações libertinas, que não sonhavam com outra cousa senão com pastoras, nymphas, fadas e satyros, ao sahir d'aquellas representações lascivas e obscenas!...

Nunca o theatro havia offerecido uma eschola mais perigosa de impureza e de prostituição, por isso que os poetas attribuiam á simplicidade campestre todos os refinamentos da lubricidade, e os actores, com a sua desaforada pantomima, davam maior realce ás indecencias do poema, que deixava unicamente na memoria do espectador preceitos de libertinagem e imagens impudicas.

A primeira pastorella, em que se accentua esta tendencia para afagar o lado sensual da paixão no theatro, foi representada em 29 de setembro de 1566, no castello de Gaillon, na presença de Carlos IX e da côrte.

O auctor, Nicolau Filleuil, de Rouen, havia-se estreiado antes d'esta pastorella, que elle chama *comedia,* por algumas eclogas, dotadas de acção dramatica, consistindo em conversações insipidas e frias entre tres ou quatro personagens fabulosos ou allegoricos.

Na pastorella das *Sombras*, uns pastores namorados de algumas pastoras insensiveis querem vingar-se do amor, que lhes é hostil, e prendem-no com laços de flores. Mas o traidor Cupido, quebrando estes frageis laços, fere com as frechas os imprudentes que ousaram affrontar o seu poder.

As pastoras appareciam semi-núas, os pastores quasi nús; e as suas attitudes, os seus movimentos e os seus gestos, que pareciam estudados de proposito para fazer realçar as fórmas dos corpos, contribuiam para dar uma physionomia indecentes ás scenas voluptuosas, e uma deshonesta intenção á recitação e ao canto dos versos amorosos.

Veja-se como uma pastora renegava a sua frieza e o seu desdem, no fim da peça:

Je veux de mes troupeaux ores prendre le soin,
Cueillir avec Thyrsis ce qu'ils ont de besoin;
Au soir aveques luy les mener à l'estable,
M'esgayer toute nuit dans le lict delectable,
Nous entre-dérobant les baisers, sçavoir ceux
Que Vénus seulement apprend aux amoureux,
Tels qu'elle donne à Mars, sous les myrtes d'Erice,
Sur luy, pour l'esveiller, quand elle estend la cuisse.
Puis le demain à l'ombre, aux plus gentils bergers,
De Thyrsis et de moy raconter les baisers;
Car, bien que le plaisir de soy mesme recrée,
Pourtant le souvenir de tant plus nous agrée,
Qu'il vient, pour ne laisser nos aises sommeiller,
Du plaisir dejà passé le désir resveiller.

No mesmo anno em que Nicolau Filleuil creava em França a pastorella galante, que desde longa data era conhecida em Italia, um poeta calvinista, Luiz de Masures, tentava contrabalançar o escandalo que esta invenção poetica havia produzido nas almas pias e castas, compondo a sua *Pastorella espiritual*, cujos personagens, em vez de pastores e zagalas, que se amam, e manifestam o seu amor, são unicamente allegorias pesadas e monotonas.

Luiz de Masures conserva o estylo das *moralidades* e dos *Mysterios*.

Por exemplo, quando põe na bocca do *Erro*, na sua lucta de facundia contra a *Religião* e a *Verdade*, esta imprecação, não está longe da linguagem obscena dos logares suspeitos:

... Allez, méchantes garces!
Qu'en flamme ardente et vive estre puissiez-vous arses!

As pastorellas allegoricas e innocentes levaram a palma durante algum tempo ás primeiras.

Não obstante, estas pastorellas, que podiam facilmente ser adaptadas a theatros de collegios ou de sala, onde os espectadores não eram mais depravados que os actores, não convinham de modo algum á côrte de França, onde as paixões queriam ser lisongeadas e satisfeitas.

Assim, pois, nas festas que se realisaram em Nogent-le Rotrou, em 1567, por occasião do nascimento de um filho do duque d'Enghien, principe de Condé, poz-se em scena uma pastorella, baptisada com o nome de *Dialogo*, cujo assumpto era o juizo de Páris, e o seu auctor, que se julga ser Florent Chrestien, que se occulta sob as iniciaes N. D. R. H., não deixou de empregar todos os

elementos de *lubricidade moral*, que lhe ministrava aquelle famoso episodio da fabula.

É escusado dizer que as tres deusas, submettidas ao juizo do pastor Páris, se mostraram a elle e a publico que enchia a sala, no trajo mais adequado para pôrem em evidencia as vantagens da sua belleza.

Os conselhos de Venus a Paris, que não resiste a tão poderosa seducção, não passam das mais insidiosas excitações á luxuria.

Eil-os, segundo o original d'esta famosa pastorella:

Donne-toy du bon temps, avant que la tempeste
De ton hyver, chéry, fasse blanchir ta teste;
Fais l'amour! Est-il rien qui plus te rende heureux
En ce monde, que d'estre un gaillard vigoreux,
Que jouir à souhait d'une belle maitresse,
Qui ta reyne sera, ta nymphe et ta déesse,
Ton cœur, voire ton âme et ta felicité;
Car la felicité ne git qu'en volupté,
Et la condition des dieux est très-heureuse,
Parce que leur vie est du tout voluptueuse.

A galanteria e a libertinagem da côrte favoreciam um genero de espectaculo, que fallava aos sentidos muito mais que á alma, e que servia por assim dizer de iniciação ao amor carnal e ao adulterio.

O exito de tal espectaculo, nas representações das Tulherias e do Louvre, incitou os *Confrades da Paixão* a introduzil-o no seu repertorio popular, e um d'elles, Etienne de Fontenay, escreveu tres pastorellas, que foram acolhidas com enthusiasmo no theatro do hotel de Borgonha.

Desde então a pastorella, acceite com tanto prazer pelos frequentadores d'aquelle theatro, veio a ser o mais picante attractivo da scena, e progrediu sempre na senda de depravação a que a havia arrastado a desmoralisação da épocha.

As peças de Fontenay, a *Casta Pastora,* o *Lindo Pastor* e a *Galathêa,* não eram mais do que pudicos ensaios, em comparação das pastorellas licenciosas que lhes succederam. O pastor *Cunivasilos* e o seu satyro *Melampigo,* cederam em breve o logar a satyros mais desvergonhados e a pastores mais desenvoltos.

Nos ultimos annos do seculo XVI veio tudo a dar na pastorella lubrica, que parecia adrede inventada para ensinar publicamente a prostituição.

Na *Castidade arrependida,* que o senhor de la Valletrie ousou dedicar em 1602 ao austero Sully, o amor junge ao seu carro triumphal a deusa Diana e obriga-a a confessar-se vencida. Diana renuncia á sua antiga e lendaria frieza, e declara que está disposta a desfazer-se da sua virgindade, sem ruido e sem escandalo:

Car on me pensera toujours vierge aussi bien,
Comme si je l'estois, quand on n'en saura rien.

O Amor convida os espectadores a seguirem em tudo e por tudo o exemplo da deusa, e dirige-lhes esta impudica allocução :

Faites de vostre honneur, comme elle fait du sien,
Qui toujours est entier, mais qu'on ne sache rien ;
Et par elle apprenez que les plus fines dames
De pareilles douceurs entretiennent leurs âmes
Dedans leurs cabinets, et que bien sottes sont
Les filles d'aujourd'huy, qui comme elles ne font.

O thema quasi obrigado de todas as pastorellas era a rivalidade entre os pastores e os satyros. A victoria ficava sempre, diga-se a verdade, a favor dos primeiros, apesar dos satyros, como diz Isaac Duryer nos *Amores contrariados,* serem muito melhor dotados physicamente, que os seus rivaes :

Qu'ils ne se rendent point pour deux, ny pour trois coups,
Et qu'ils ont plus de courage et d'adresse,
Pour contenter de nuit une maîtresse.

Os *Amores contrariados* foram tão extraordinariamente applaudidos e admirados, quando se representaram pela primeira vez em 1610, que o auctor considerou a sua obra digna de um additamento, com algumas scenas mais e um grande numero de versos livres em demasia, e fel-a representar, quatro annos depois na grande sala da egreja do *Temple,* de Paris.

Deu-lhe então por titulo *A vingança dos satyros,* e com este titulo a peça não obteve menos successo que da primeira vez.

Terminava por uma canção, na qual a heroina entoava umas coplas para zombar dos satyros, que a haviam deixado sahir dos bosques com a sua virgindade inteira.

A *Bibliotheca do Theatro Francez* cita apenas uma das ditas coplas, e ao cital-a, apesar de não ser ainda assim a mais energica da peça, foi preciso supprimir um dos versos, indigno da approvação da censura do seculo XVIII :

Helas! faut-il tromper
Les filles de la sorte!
On devroit luy couper...
....
Non! ne luy coupez pas!
Laissez-luy son pauvre cas!

Isaac Duryer era secretario do duque de Bellegarde e punha na bocca dos seus pastores e dos seus satyros os equivocos e os ditos obscenos que ouvia aos cortezãos.

Seu filho, Pedro Duryer, um dos melhores poetas dramaticos do seu tempo, aproveitou as licções paternas, tomando para modello *A Vingança dos Satyros,* quando escreveu a sua pastorella *Amarillis,* em que photographou as ardentes inspirações da sua juventude.

Philidor, pastor que Amarillis prefere a todos os outros seus companhei-

ros, encontra-se a sós com ella e rouba-lhe um beijo. Enfada-se a bella zagala, e o pastor para a acalmar, recita-lhe um trecho, imitado de Anacreonte, que a rapariga escuta suspirando:

Vois de tous les cotés, que la nature mesme
Nous enseigne à baiser les objects que l'on aime:
L'herbe baise la teste au bord de ces ruisseaux,
Au dessein de baiser les nymphes de ces eaux;
Les bois baisent les bois, et ces roches cornues
Ne semblent s'eslever que pour baiser les nues...
Ce sont les doux baisers des rayons de l'esté
Qui disposent la terre à la fecondité;
Mais, si de ces baisers les preuves te déplaisent,
Cent fois á tous moments tes paupières se baisent,
Et tu ne peux parler, en voulant m'accuser,
Que tes lèvres alors ne semblent se baiser.

Acceita a formosa zagala esta justificação, e sorri, pedindo-lhe outros versos anacreonticos. É provavel que o sorriso anime Philidor a tomar novas liberdades, porque a zagala exclama:

Ote ta main de là

PHILIDOR

L'amour, comme un enfant,
Recherche le teton, que ta main lui défend;
Mais le bruit de cette eau qui lave ces lieux sombres,
Appelle le sommeil qui régne dans ses ombres.
Dormons en cet endroit, et pour mieux sommeiller,
Que ton sein amoureux me serve d'oreiller,
Et lors tu connaitras que ma veine plus forte
Donnera de beaux vers au feu qui me transporte,
Et qu'ils ajouteront à la grace qu'ils ont,
Puisque j'auray dormy dessous le double mont.

Era uma especie de *concetti* á italiana, e inspiravam-se menos nas odes de Anacreonte do que na *Amynta* e no *Pastor fido.*

Estas longas tiradas de amor refinado, que Boileau qualificou com tanto acerto de *logares communs de moral lubrica,* formavam o fundo das pastorellas, mas, se é verdade que os pastores se exprimiam ás vezes com bastante moderação, em compensação os seus creados só se serviam das mais grosseiras expressões.

Um dos pastores de Pedro Duryer, querendo desembaraçar-se de uma amante ciumenta e iracunda, resolve mandal-a matar, e diz ao seu creado Guilherme:

Porte-luy promptement le couteau dans le cœur!

O creado responde a esta ordem tão cruel com uma facecia brutal:

Il vaudrait mieux porter le coup un peu plus bas,
En un certain endroit, qu'elle n'en mourrait pas!

Não pretendemos passar em revista as numerosas pastorellas, que tão bem caracterisam a licença do theatro em fins do seculo XVI e principios do seguinte.

Basta havermos designado algumas, que démos a conhecer por varias citações.

Crêmos que não restará a menor duvida de que os costumes estavam singularmente compromettidos n'aquelle mistiforio amoroso de pastores, zagalas e satyros. Estes ultimos, cuja lubrica figura nos representam as obras da arte plastica, tal como deviam apresentar-se em scena, faziam gala da mais selvagem impudicicia.

Na *Lycaris,* de Gervasio Basire, senhor de Amblainville, uma das pastorellas mais estimadas do hotel de Borgonha, que foi representada em 1614, o satyro Arcadin explica com bem pouca delicadeza qual a indole do amor que confessa á pastora:

Pour un rival je n'entre en jalousie;
Un tel mortel n'est en ma fantaisie;
Qu'un Doralis, qu'un amoureux Hylas
L'aillent pressant toute nue en leurs bras,
Ce m'est tout un: je ne trouble leur aise,
Pourvu qu'en fin à mon tour je la baise.

Na *Philine,* do senhor de la Morelle, que dedicou a sua obra á princeza de Guemenée, e a publicou em 1630, tres annos sómente depois da primeira comedia de Pedro Corneille, um satyro, attrahido pelos lamentos do pastor Leandro, disfarçado em mulher, e julgando approveitar uma occasião amorosa, pretende fazer violencia á fingida pastora. Esta repelle com indignação as caricias do impudente, e ao resistir põe em evidencia o seu sexo.

O satyro, attonito ao reconhecer o seu erro, exclama á parte:

Dieux! s'il fût advenu...
Je ne sçais que Sylvain fût alors devenu,
Tant l'aise l'eut transy!... J'eusse fait une école
De bien jouer au trou et de user de bricolle,
Pour gagner la partie...

O pastor Leandro, que a principio tomára o satyro pelo proprio Cupido, dirige-lhe uma diatribe desdenhosa, dizendo-lhe que a sua figura está bem em harmonia com o desprezo que inspira ás pastoras.

O satyro pretende que a figura é o menos, e que as suas qualidades occultas compensam sufficientemente todos os outros defeitos:

Pourquoi, donc, penses-tu que l'on recherche tant
En amour ces mignons? Cypris aimoit autant
Son Mars que son Adon, bien qu'il eut le visage
Douillet et affeté, et l'autre plus sauvage.
De nuit on ny voit rien, et ceux qui sont plus forts
Semblent estre meilleurs aux amoureux efforts.

Algumas vezes, todavia, os pastores não eram mais delicados que os satyros, terror das pastoras e delicias dos espectadores. P. Dupeschier, que publicou em 1609 um poema sylvestre allegorico, intitulado o *Amphitheatro pastoril,* ou o *Tropheu Sacro da Flôr de Liz,* dedicado ao duque de Bellegarde, enthusiasta acerrimo de pastorellas e de bailados, põe em scena pastores atrevidos e lubricos, a mais não poder ser.

Flores encontra França nos bosques, perto do templo do Amor, agarra-a e dispunha-se a violental-a, não obstante a sua tenaz resistencia:

Non, non, il faut, ou de force, ou de gré,
Que j'ay ce jour ce que j'ay tant cherché;
Oui, je le veux, ne fais plus la rebelle!
Rien ne te vaut de te monstrer cruelle,
Sous ses ormeaux je m'en vais te jetter,
Car je te veux anjourd'hui déflorer.

Por fortuna, Flor de Liz accode ao ruido da lucta, afugenta Flores e salva França, que cheia de gratidão, exclama:

Helas! que je te baise,
Cher Lys-de-Fleur, dans ce bois, à mon aise!
Tu m'as sauvé du peril, où j'etois:
Sans ta valeur, mon honneur je perdois!

Os dois amantes entendem-se ás mil maravilhas. Em seguida, n'um extasi de amor, começam a elogiar os dotes physicos um do outro.

Flor de Liz responde assim a um elogio lisongeiro da sua amada:

Mais ton beau sein, vray paradis d'amour,
Où en tout temps les graces font séjour,
la beauté des beautés la plus belle:
rmets un peu que je te touche, ma belle?

«Tudo lhe permitte a bella, diz o redactor da *Bibliotheca do Theatro Francez*, e o terno amante cáe por terra com o excesso do prazer.»

Verdade seja que nem todas as pastoras são tão conplacentes como França; sabem perfeitamente dizer que não, mas tambem os pastores nunca se limitam ao beijo que se lhes concede.

Philidon, no *Endymion,* do senhor de la Morelle, sente-se inflammado por um beijo, que Rosella commetteu a imprudencia de lhe dar, e persegue-a exclamando:

Ce neamoins je baiseray ta bouche,
Touchant ton sein et quelque peu plus bas.

Rosella, coberta be rubor, replica-lhe com vivacidade:

Tout beau! causeur, vous n'y toucherez pas!
Est ce la foy que vous m'avez promise?

Tout beau, berger! car dedans ma chemise,
Il n'y a rien qui appartienne à vous,
Si ce n'estait en qualité d'espoux!

PHILIDON

Sera-ce pas toujours le mesme chose?

ROSELLE

Après l'œillet, ou peut cueillir la rose.

A essencia da pastorella era quasi sempre o amor, amor tão audaz nos actos, como desaforado nas palavras.

Cada poeta, que tentava este genero dramatico, por vezes galante, voluptuoso e obsceno, dava-lhe de bom grado todas as disposições naturaes do seu talento, e permittia-se maior ou menor numero de ultrages á moral, visto que o theatro pastoril desculpava as mais incriveis liberdades.

Um poeta de eschola de Ronsard, Francisco Bernier de la Brousse, já anteriormente aqui citado, imaginava por certo que escrevia para gregos ou latinos, quando punha na bocca dos seus pastores Annet e Francion, a minuciosa descripção dos singulares personagens insculpidos n'um tibia pastoril:

D'un autre coste, la bordure
Au rif décourrait la figure
D'une belle nymphe à l'envers.
Qui dormoit sous les chênes verts;
La cotte en rond estoit troussée,
Et sur ses genoux repoussée,
Des doux zéphyres amoureux,
Qui, de leurs souffles doucereux,
Soulevant sa molle chemise,
Presque sur les yeux l'avoient mise,
Mais, au bout, je ne sçay quoi noir,
Non pour estre emmuré d'epines,
Mais de deux colonnes marbrines,
Attiroit à soy maints amours,
Faisant prés d'elle mille tours,
Pour armes, d'arcs et de sagettes,
Garder ce fort sur les herbettes.

«A pastora, continúa o redactor da *Bibliotheca do Theatro Francez*, que se julga obrigado, por decencia, a supprimir alguns versos d'esta descripção demasiado campestre, parece escandalisar-se a principio, ao ouvir esta lubrica tirada.

«O pastor desculpa-se, dizendo que não lhe era possivel explicar-se de outro modo, para dar a entender os differentes assumptos pintados n'aquelle instrumento.

«A pastora roga-lhe então que continue:

Un peu plus haut, son sein ouvert
Releroit tout à descouvert

Un double mont de pur laitage:
Cupidon lave son plumage
Mignardement dedans ce lait,
Du petit ruisseau sacrelet,
Qui coule entre cette montagne;
Sa mère Venus l'accompagne,
Qui cueille les lys et les boutons,
Et les roses de ces tetons.

Estas incriveis audacias da poesia erotica, os gestos e movimentos scenicos, mais incriveis ainda, que lhe serviam em certo modo de commentario, acabaram por incommodar aquelles espectadores, que não haviam ainda perdido de todo em todo o sentimento do pudor.

Resultou d'aqui o descredito completo da pastorella, que afinal até foi abandonada pelos proprios comicos, por verem que o espectaculo já não era do gosto do publico.

A sociedade franceza estava realmente cansada de toda aquella turba licenciosa de satyros e pastores.

Não havia quem não soubesse de cór toda aquella torpe rhetorica amorosa.

A moda, depois de um longo e singular extravio, voltou novamente á tragi-comedia, cujo nome a ninguem assustava.

De resto, em caso de necessidade, havia ainda o recurso de escolher n'essa enorme multidão de pastorellas algumas, que não fossem tão escandalosas, como as que citámos.

Quando a tragi-comedia substituiu a pastorella, depois do extenso reinado d'esta ultima, aquella fórma dramatica pretendeu tambem rivalisar com esta no desafôro e na lascivia.

Dominava por essa épocha a influencia moralisadora do reinado de Luiz XIII e do governo de Richelieu, mas, ainda assim, nunca até alli o theatro levara mais longe o impudor e a obscenidade.

Praticavam-se em scena, á luz das velas, e aos olhos de um publico immoral e enthusiasta da licença e da desvergonha, os actos mais censuraveis do amor e do adulterio!

Nas *Passions égarées,* ou *Le Roman du Temps,* tragi-comedia de Richemont Baucereau, advogado do parlamento, que foi elogiada em verso por Mairet, Racan, Gabaud e outros poetas, quando o auctor a publicou em 1632, ha esta lubrica passagem, e passa-se o seguinte:

Agaritte finge dormir, ao vêr approximar-se d'ella o seu amante, e esquece, de combinação com elle, de certo, que tudo se está passando aos olhos dos espectadores.

Ella diz comsigo:

Je languis doucement d'une chose insensée,
Que je n'oserois dire à ma propre pensée!

«Enche-me de languidez uma ideia louca, que nem ousaria confiar ao meu proprio pensamento.»

Philandro, que vem deitar-se a seu lado, termina assim a sua canção:

Ah! beau sein, je me meurs! L'amant de Cléopatre
Eût un mesme tombeau de martre et d'alabastre!

«Ah! que bello seio! Eu morro!... O amante de Cleopatra teve um tumulo egual, de marmore e de alabastro!»

E... mais adiante, morre de prazer no seio da sua amada!

O grande Corneille, fazendo representar a sua *Melite*, deu finalmente o modello da comedia nobre, que devia chamar de novo ao theatro as pessoas honestas.

Mas, ainda depois d'este exemplo digno, um outro auctor dramatico, Veronneau de Blois, teve a coragem de fazer representar e imprimir uma tragicomedia pastoril, intitulada *A Impotencia!*

Ao dar conta d'esta obra, o redactor da *Bibliotheca do Theatro Francez* diz o seguinte:

«Já por mais de uma vez proveni os meus leitores da simplicidade de nossos avós, que consideravam ingenuidade e candura o que actualmente os nossos costumes nos fazem julgar grosseiras e torpes obscenidades.

«Verdade seja que o theatro déra os primeiros passos no caminho da moralidade, mas infelizmente para nossos avós, não chegára ainda á decencia em que hoje o vemos.»

Isto dizia o ingenuo redactor ha muitos annos. Se tivesse assistido em nossos dias á representação das operetas e comedias do repertorio da maior parte dos theatros, por certo que nos julgaria novamente em pleno reinado da licenciosidade theatral do seculo XVI!

E ainda assim, a ingenua reflexão do duque de la Vallière, em presença da monstruosa comedia de Veronneau, teria podido applicar-se talvez ás peças do theatro primitivo. Mas, applicada á *Impotencia* de Veronneau, representada e impressa n'uma época, em que a candura dos tempos aureos não existia já nem nos espectadores, nem nos actores, é de uma flagrante injustiça!

Os personagens d'esta famosissima tragi-comedia pastoril são principes e pastoras, princezas e zagalas.

Eis algumas passagens:

Lessimon, confidente do principe da Tartaria, explica os desdens da princeza da Ethiopia para com o seu futuro esposo, dizendo «que as raparigas têem de ordinario um espirito artificioso, fingindo que não amam o que precisamente mais lhes agrada, mas, se todos os desejos d'este sexo tão voluvel se lhes podessem vêr desenhados no rosto, muito admirados ficariamos, e grande prazer nos causaria o vêr apparecer-lhe na cara uma certa cousa, muito mais comprida que o nariz.»

Tal é, pouco mais ou menos, o sentido d'estes versos da tragedia:

Les filles ont l'esprit trop artificieux,
Faignant de n'aimer pas ce qui leur plait le mieux;

Mais, si tous les desirs de ce sexe volage
Se pouvoient en effet voir dessous leur visage,
Sans doute avec plaisir nous serions éstonnez
D'y voir je ne sçait quoy bien plus long que leurs nez.

Este engraçado e jovialissimo confidente indaga logo a causa dos obstaculos que a princeza oppõe a uma união, já de ha muito approvada pelo auctor de seus dias, e que o principe da Tartaria tanto deseja ver consummada.

Depois de muito reflectir, o confidente, homem perspicaz e conhecedor do coração das donzellas, chega á conclusão de que toda aquella tristeza, arrebatamento e mau humor da rapariga, provém da pobre princeza se andar despedindo da sua virgindade. Muito lhe queria, pelos modos, e tanto que só a ideia de a perder lhe azedou o humor d'aquella maneira. O confidente, um verdadeiro culteranista da épocha, desfaz-se em arrebiques de estylo, a proposito d'estas singularidades feminis. Quantas vezes as raparigas, diz elle, fingem enfados, que não sentem, e apesar d'isso, n'um corpo aberto possuem almas occultas... Ellas são assim, mas tambem, quando as cortinas do leito põem aquelle bello sol á sombra, então gosando delicias innumeraveis, a mais esquiva de todas procurará com beijos o agradavel estimulo d'um bocado, do qual só o nome brutal lhes desagrada...

Lubrico exactamente como um satyro, aquelle bom confidente, que na peça exprime tão licenciosos dizeres n'esta linguagem dos deuses :

Ne vous estonnez pas de son humeur revesche,
Car de son pucellage elle fait la despeche,
Et en congédiant un bien si précieux,
Il lui faut quelque temps à faire les adieux.
Les filles bien souvent contrefont les faschées,
Et dans un corps ouvert ont des âmes cachées...
Les rideaux, ayant mis ce beau soleil à l'ombre,
Lors elle goustera des délices sans nombre,
Cherchant par ses baisers le plaisant interest
D'un morceau, dont le nom seulement lui deplaist.

Dois pastores, Phileno e Ismin, sendo este ultimo um principe disfarçado sob aquella apparencia humilde, disputam acaloradamente a respeito dos meritos e predicados de Baccho e do Amor.

Um d'elles, Phileno, diz ao companheiro que, se despreza Baccho, é simplesmente porque não o conhece, porque elle é um deus muito maior e mais avantajado que o outro:

Vous mesprisez Bacchus, le prenant pour un autre,
Car, c'est un dieu plus grand et plus gros que le votre.

Ao que Ismin replica ser o Amor subtil e Baccho um gorducho; o amor sabe atirar ao arco e o deus do vinho não sabe:

C'est que l'Amour est subtil, et que Bacchus est gras,
Et l'un tire de l'arc, et l'autre ne tire pas !

Phileno continúa a elogiar o deus, e fazendo um trocadilho obsceno, accrescenta que para acertar vivamente na brecha amorosa, quando o deus atira ao arco, os pastores mettem-lhe a frecha:

Pour donner vivement dans l'amoureuse bresche,
Quand il tire de l'arc, nous y mettons la flesche.

Ismin pasma das razões do companheiro, mas não quer ficar atraz em questões de subtileza de espirito, e faz-lhe a seguinte pergunta:

Vous faites de l'amour un discours tout nouveau:
Sçavez-vous bien pourquoy l'on luy donne un bandeau?

Phileno é mil vezes mais gracioso e a sua malicia supplanta completamente a do companheiro. Ora, se elle não havia de saber por que motivo se dá uma venda ao Amor? Trocadilho por trocadilho, companheiro! lá vae a resposta de improviso:

Du bandeau de l'Amour la raison est bien grande
Quand on est amoureux, «c'est qu'il faut que l'on bande»!

Todos estes discursos, porém, não nos deram ainda a chave do mysterioso titulo da peça.

Onde está a *impotencia?*

O pastor Sylvano, victima d'esta fatal enfermidade, é casado.

Sua esposa, a bella companheira de seus dias, é a pastora Charixena.

Mas a bella pastora não é feliz, e o culpado da sua infelicidade é seu marido.

Pelo menos, Charixena queixa-se amargamente d'elle.

A accusação, segundo o depoimento da aggravada, reduz-se a este facto: seu marido é um desgraçado a quem o Amor não julgou digno de ser subdito e servo dos seus dictames!

Por isso a esposa se queixa sem cessar.

Seus olhos derramam o mais amargo pranto, seus ais magoados acordam toda a noite os ecchos adormecidos!...

Eis como na tragi-comedia os dois esposos encetam o *dize tu, direi eu* das suas interminaveis contendas:

Charixena censura amargamente Sylvano de nunca lhe haver *perturbado* ou *impedido* os seus castos somnos de esposa abandonada.

Sylvano confessa a sua culpa, mas apresenta attenuantes. O pobre rapaz esforça-se por dar á sua companheira consolações ficticias, taes como estas, cuja indecencia deixaremos apenas apreciar aos que tiverem a fortuna de conhecer a lingua em que o auctor da *Impotencia* se exprime:

Ma main, sans que cela vous pique,
Touche toutes les nuits vostre bel instrument.

Charixena é cruel, e vinga-se da insufficiencia do marido com este bello epigramma, acerado como um estylete:

Vous pouvez l'appeler instrument de musique,
Où vous n'avez joué que des doigts seulement.

O pobre marido procura justificar-se. São vãos os seus esforços, mas comtudo as suas paixões são fortes. Porque é tanta censura aos seus sentidos adormecidos?

Si mes efforts sont vains, mes passions sont fortes:
Vous donnez trop de blasme à mes sens refroidis.

Charixena é incorregivel. Em vez de se compadecer da affeicção do esposo, continúa a mettel-o desapiedadamente a ridiculo:

Vous avez bien la foy, mais vos œuvres sont mortes;
Ce n'est pas le chemin d'aller en paradis!

Sylvano queixa-se de tanta crueldade, e conta á bella insensivel as maguas do seu peito:

Absent de vos beaux yeux, où je reçois ma flamme,
Mon âme qui travaille en dure mille efforts.

Nova esfusiada de ironias da parte da esposa irritada! Novas alfinetadas na pelle do pobre esposo; querem ouvir?

Vous avez bien raison de travailler de l'âme,
N'ayant pas le pouvoir de travailler du corps!...

Sylvano começa a zangar-se, e receiando vêr n'aquella attitude hostil da esposa o desejo de quebrar os deveres matrimoniaes, apressa-se a lembrar-lhe muito a serio a santidade d'esses deveres:

Le mariage sainct vous retient asservie:
Ses liens ne sont pas rompus facilement!

A incorregivel esposa até d'isto mesmo zomba! A morte destroe os laços do hymineu, diz ella, e Sylvano está morto, porque os mortos são, como elle, privados de movimento:

La mort rompe ses liens, et je vous crois sans vie,
Car les morts, comme vous, n'ont point de mouvement.

Tudo soffre o esposo resignado, com tanto que ella guarde fidelidade á fé jurada, e não seja voluvel como o vento:

Á moins, que ma priére à la foi vous retienne,
Et n'imitez pas l'air, ce leger element!

Charixena replica immediatamente que só Sylvano se assimelha ao ar, cuja região central, como a d'elle, é extremamente fria :

C'est vous que l'imitez : sa region moyenne,
Aussy bien que la vostre, est froide extremement.

Sylvano recorre novamente á supplica, e por uma arrojada metaphora, pede á esposa, o seu sol, que o deixe subir ao seu carro, de que elle só é o cocheiro :

Mon soleil, voulez-vous empescher que je monte
Sur vostre chariot, dont je suis le cocher?

Charixena aproveita a comparação para novo epigramma. Para que? Para ter a mesma vergonha de Phaetonte, que subiu como elle, e como elle não sabia guial-o?

Ouy, car de Phaeton vous recevrez la honte,
Qui montoit comme vous, ne sçachant pas toucher!

O marido, excitado pela resistencia de sua mulher, propõe-lhe irem juntos a casa de um famoso magico consultal-o para ficar apto para as funcções do matrimonio.

Ella acceita, e vão ambos a casa do magico.

O pastor pede ao feiticeiro que lhe venda o philtro restaurador das forças perdidas, o grande despertador dos sentidos adormecidos.

E exclama, desesperado :

Otez-moy de l'estat où mon malheur m'a mis,
Á fin qu'en embrassant Charixène, je puisse,
Faire antre chose au lict, que luy gratter la cuisse!

Ora, o feiticeiro não era senão o principe Ismin, que se disfarçou d'aquelle modo, para obter de Charixena o que deseja.

O auctor da *Bibliotheca do theatro Francez* resume a analyse d'esta scena, que é de um ao outro extremo uma obra-prima de indecencia.

«Ismin, para poder mais facilmente expulsar os demonios, manda pôr os conjuges em camisa, ordenando-lhes que deixem ficar á porta os vestidos.

«Em seguida, leva Sylvano para um gabinete e Charixena para outro . . .

«Sob pretexto de uma ceremonia magica, beija a esposa de Sylvano, e mexe-lhe e remexe-lhe nos peitos . . .»

Paremos aqui. Deixemos n'este logar a licença e a impudicicia do theatro tragi-comico pastoril, até Corneille e Molière.

Já transcrevemos um grande numero de trechos das peças que se representavam na côrte e na cidade, e que eram publicadas até mesmo com a approvação do rei.

E não só isto, que eram dedicadas a grandes damas, a altos personagens e a veneraveis magistrados da mais severa austeridade de costumes! . . .

Que prova isto?

Que a scena franceza, como a italiana e como a hespanhola n'aquella épocha, eram as conselheiras, as excitadoras, as mais importantes auxiliares da prostituição.

Chega a parecer incrivel que a abominavel tragi-comedia de Veronneau encontrasse actores que a representassem e espectadores que não se envergonhassem de a ouvir!

Reflectindo, porém, um pouco, deixa de parecer extranho o caso, desde que se sabe terem sido os tribunaes ecclesiasticos os julgadores dos processos sobre impotencia, processos tão frequentes n'aquella épocha.

Não vimos já como a infame prova do *Congresso* se realisava tambem em presença de um official de justiça, rodeiado de medicos, de matronas, de peritos e de procuradores? Não assistimos a varios exemplos d'este indecentissimo processo, a maior aberração da justiça, a mais violenta infracção do decoro e da honestidade?

A justiça pede que se declare uma cousa, que a muitos desagradou sempre. Os moralistas e os theologos, que condemnavam os espectaculos profanos tinham motivos de sobejo para elevarem a sua voz indignada contra aquelle deploravel aviltamento dos costumes publicos!...

Luiz XIII, na sua ordenação de 16 de abril de 1641, tentou erguer os comediantes do aviltamento em que haviam cahido, principalmente quando representavam peças dramaticas, como por exemplo *A Impotencia*.

O monarcha declarava muito sensatamente que o fim do theatro era:

«Divertir honestamente o povo das suas diversas occupações, no caso em que os comediantes regulassem de tal modo as acções do theatro, que fossem exemplos de impurezas, de palavras lascivas, ou de duplo sentido.»

Além d'isso, Luiz XIII queria:

«Que a profissão de comico nunca podesse ser tida como aviltante, nem prejudicar-lhe a sua reputação na vida social.»

Apesar d'esta solemne declaração, emanada do throno, e que tinha por fim rehabilitar a profissão do comediante, prohibindo-lhe a representação de peças deshonrosas, o emprego de palavras lascivas ou de duplo sentido, sob pena de serem declarados infames, foi extremamente difficil ás companhias dos theatros do hotel de Borgonha, do Marais e do Palais-Royal submetterem-se ás leis da decencia.

Mas não eram ellas sós as culpadas d'este recalcitramento nos velhos usos licenciosos do theatro.

Os principaes auctores d'esta decadencia, o seu sustentaculo, a causa primaria da sua duração, eram os espectadores, que preferiam o divertimento obsceno á comedia mais fina e mais delicada!

O publico precisava dos mais grosseiros chistes e trocadilhos para se divertir, quando ia ao theatro!...

Dissémos que a culpa não era exclusivamente dos actores, e já alludimos aos motivos que até certo ponto nol-os fazem absolver.

No emtanto, são ainda dignos de censura.

Porque? perguntará o leitor.

Pelo abuso que faziam dos seus esgares e tregeitos licenciosos, para excitarem a hilaridade dos espectadores.

Mesmo quando o dialogo era já de si excessivamente impudico, elles augmentavam e faziam realçar o impudor, sublinhando, por assim dizer, com as suas obscenas pantomimas a obscenidade e os equivocos das phrases mais frescas. Rotrou, Corneille, Scarron e a maior parte dos poetas dramaticos que precederam Molière, deram um passo avantajado na reforma da dissolução theatral, a que nos temos referido.

Mas, ainda assim, estes auctores não podiam de todo evitar o escolho da impureza da phrase, e em muitas das suas obras lá apparecem as chufas obscenas, que haviam sido até alli as delicias dos frequentadores do theatro!...

Sorel diz, no seu tractado *De la connaissance des bons livres,* ou *Examen de plusieurs aucteurs,* que o cardeal de Richelieu havia purificado o theatro, expurgando-o d'esses obscenos gracejos.

Mas o mesmo auctor accrescenta tambem:

«Alguns annos depois, estes desmandos recomeçaram com mais liberdade do que antigamente.

«Ha pessoas tão ingenuas que acreditam ainda hoje na duração d'essa reforma benefica, porque já em nossos tempos se não ouvem essas farsas impudicas, que apenas constavam de ditos immundos, e cujas palavras mais simples não passavam de impertinentes trocadilhos.

«Foi muito acertado condemnarem-se essas verdadeiras monstruosidades do mau gosto e da impudencia.

«Mas, se dizemos que já não temos em nosso tempo grosserias similhantes, é certo tambem que ouvimos ainda hoje nos nossos theatros cousas parecidas, embora sejam mais esquisitamente dissimuladas.

«N'outras épochas, todas as mulheres se retiravam, quando a farsa começava.

«Hoje em dia, nenhuma se retira, occultando-se tão habilmente a antiga malicia d'essas peças de theatro, que auctor e actores são unanimes em asseverar que todas as mulheres a podem escutar sem o pejo lhes subir ao rosto!

«Ha peças inteiras escriptas n'este estylo, e recheiadas de uma indecencia disfarçada e perigosissima, por isso que se insinúa perfidamente em todos os espiritos.

«Ha outras, que não são menos perigosas pelo desprezo com que tractam as leis do matrimonio e dos bons costumes, desprezo que é quasi sempre o argumento e fim principal de similhante litteratura insalubre.

«E para demonstrar a quem lê estas linhas que não estou fallando de farsas burlescas e miseraveis, feitas pouco mais ou menos como as que os saltimbancos e arlequins representam nas praças publicas, advertirei desde já que são escriptas expressamente por auctores de talento, cujos nomes se dá ao publico.

«Chegam a ser impressas, como se quem as faz contasse obter gloria d'ellas, e encontram-se por este teor bellissimas e desavergonhadissimas obras, tanto em verso como em prosa.»

Carlos Sorel, que n'esta amarga critica alludia ás obras de Molière, era velho ao tempo em que maneiava d'este modo o latego do critico, e renegava provavelmente tambem as obras da sua mocidade, o seu *Berger extravagant*, a sua *Histoire comique de Francion*, na qual teve o arrojo de pintar do natural os costumes dos libertinos e das mulheres perdidas.

Na edade avançada, o pobre Sorel teve uma grande fraqueza.

Elle, o auctor da immoral e libertina historia de Francion, entrou na formidavel liga dos beatos contra Molière.

Á frente d'essa liga collocára-se um espirito culto, o grande Bossuet, pronunciando esta especie de exorcismo singular:

«É mister desterrar do meio dos christãos as prostituições que se vêem a nú nas obras de Molière.»

E, não obstante, a verdade é esta:

Molière, dando á comedia uma alta transcendencia moral, que não tinha antes d'elle, mostrou-se mais escrupuloso observador das conveniencias e do decoro social do que todos os seus antepassados e contemporaneos.

As censuras que podessem fazer-se-lhe, ácerca de algumas liberdades de linguagem, mais depressa cahiriam sobre os costumes e gostos da sua epocha.

Bem o demonstraram a approvação e os applausos da côrte mais civilisada do mundo, que não se escandalisava de certos jogos de palavras bastante atrevidas.

A *Tarte à la crème*, a *École des femmes* e o *Tartuffe* desencadeiaram contra o glorioso auctor largas tempestades de iras dos beatos e das *Précieuses* do seu tempo.

«Será necessario emfim, exclamava Bossuet, a famosa aguia de Meaux, que tenhamos como honestas as infamias e impiedades de que estão cheias as obras de Molière?»

A aguia prégava no deserto. As comedias de Molière nem por isso deixavam de fazer a admiração dos seus contemporaneos.

Mesmo pelo que respeita á accusação de deshonestidade, que Bossuet lhes assacava, temos de confessar que estas comedias, por mais alegres e picantes que fossem, podiam ainda assim passar por verdadeiras obras primas moraes e edificantes, comparadas com muitas outras, que se representavam ao mesmo tempo, e que nunca excitaram tamanhas indignações.

O *Pédant joué*, comedia excentrica de Cyrano de Bergerac, na qual se encontram expressões livres, que nunca mais se haviam ouvido em scena, desde os bons tempos da farsa, foi representada e impressa em 1654.

Tolerava-se, applaudia-se e acolhia-se com uma esfusiada de gargalhadas o incrivel dialogo, que começa por esta phrase:

—«Póde ir passear o seu carro por outro sitio, e não pelo campo virginal de minha filha!»

Os comicos, animados pelo bom humor do publico, sublinhavam todas as indecencias dos seus papeis, encarregando-se de explicar por meio de gestos descarados, o que o grosseiro estylo do poeta deixára ás vezes ficar na obscuridade.

Afim de se pôr cobro á immoralidade das obras theatraes, creou-se um magistrado que as examinasse, ou mesmo as fizesse examinar por peritos.

A ordenação dizia até:

«...Para que a representação das peças a ninguem prejudique.»

Mas esta censura preliminar não podia pôr cobro á mimica obscena dos actores, nem á ousadia com que elles, para disputar a hilaridade, accrescentavam cousas de sua casa.

O principe de Conti, que fôra sempre um grande amador de theatro, antes de o atacar e condemnar n'um livro, onde nem sequer perdoou ao seu antigo condiscipulo Molière, teve uma idéa bem singular, diz Sorel.

Era nada mais e nada menos que fundar uma academia de jovens, escolhidos com cuidado e mediante provas da sua aptidão para a scena, aos quaes devia d'ahi ávante confiar-se o desempenho de todas as comedias do theatro francez; e isto, para que os comediantes não fossem d'ahi em diante homens a quem a libertinagem e a pobreza houvessem arrojado áquella profissão, tendo além d'isso uma vida demasiado reprehensivel.

O principe tinha grande confiança n'esta sua idéa. Parecia-lhe certo o resultado conseguido em favor da arte e da moral por aquelles rapazes, bem educados e muito instruidos, que, demais a mais, deviam ter uma grande compostura no porte e o maior commedimento nas representações.

João Jacques Rousseau, disse um dia n'um accesso de febre parodoxal:

«As comedias de Molière são a eschola dos maus costumes.»

Se o philosopho de Ermenonville as tivesse visto representar pelos comicos contemporaneos do auctor, talvez houvesse descoberto verdadeiras razões para justificar esta rigorosa proposição.

Eram ainda mais os actores do que as comedias que precisavam de ser submettidos a uma censura rigorosa.

Digamos todavia que a policia chegou a vigiar effectivamente os theatros, para impedir que o jogo scenico, a mimica e os esgares dos actores sahissem dos limites impostos pelo pudor, ultrajando os olhos e os ouvidos de todas as pessoas honradas que assistiam ao espectaculo.

Quando um d'aquelles histriões se permittia alguma ousadia, demasiado escandalosa, mandavam-n'o dormir ao Fort-l'Evèque, ou então impunham-lhe uma multa em beneficio do Hospital Geral.

Mas, ao outro dia, o actor reapparecia novamente no tablado, e o publico sabia apenas de outiva as desventuras do seu actor favorito.

A condemnação e o castigo nunca deixavam vestigios de especie alguma, e eram sempre demasiado benignos.

É preciso chegarmos ao anno de 1696 para encontrarmos um documento historico, que faça menção das susceptibilidades da policia urbana relativamente ás representações dramaticas.

A 9 de janeiro de 1696, o conde de Pontchartrain, chanceller de França, escrevia ao tenente de policia o seguinte:

«Tendo el-rei sido informado de que os comediantes italianos fazem representações indecentes e dizem muitas necedades e demasias nas suas co-

medias, S. M. prohibiu-lhes por intervenção do senhor de la Tremoille, que façam ou digam de futuro cousas similhantes.

«Ao mesmo tempo, el-rei ordenou-me que escrevesse a v. ex.ª, para que os mande chamar a sua casa e de novo lhes explique, que se tornarem a exhibir algumas posições indecentes, ou a dizer palavras equivocas, S. M. os castigará e mandará para a Italia.

«Para o conseguimento do mesmo fim ordena S. M. que v. ex.ª mande em todos os dias de comedia pessoa da sua confiança, que se apresse a relatar-lhe tudo quanto se passar, afim de que á primeira contravenção do que fica disposto, v. ex.ª se apresse a fazer fechar o theatro.»

Os comicos italianos haviam-se estabelecido em Paris em 1659, sob a protecção do cardeal Mazarin, qne os mandára vir de Italia, concedendo-lhes o privilegio de representar alternadamente com os comediantes francezes no Hotel de Borgonha.

Estes artistas conservavam nas obras do seu repertorio o cynismo do antigo theatro.

A originalidade da sua representação consistia sobretudo na sua extrema e incrivel indecencia,

A sua pantomima lasciva ou lubrica parecia não ter outro fim senão provocar a libertinagem e excitar os sentidos do espectador.

De resto, a companhia d'estes actores era magnifica.

Tiberin Fiorelli, chamado *Scaramouche,* e Dominico, denominado *Arlequim,* foram durante muito tempo os seus primeiros actores.

No emtanto, a incrivel immoralidade d'aquelles italianos, que viviam na mais infame promiscuidade, attrahiu-lhes a animadversão das auctoridades, que aproveitaram o pretexto de uma obra satyrica que representaram em 1697, para os expulsarem de França.

A longa estada da companhia italiana em Paris havia influido certamente nos costumes dos comediantes francezes, porque estes soffreram severissimas admoestações por causa da sua mimica deshonesta.

A 31 de março de 1701, o chanceller de França escrevia ao senhor Voyer d'Argenson, que havia succedido a La Reynie na intendencia geral da policia, o que vae lêr-se:

«Chegou ao conhecimento de S. M. el-rei que os comediantes se excedem frequentes vezes; que as expressões e posições indecentes começam de novo a apparecer nas suas representações, e que, n'uma palavra, se desviam da pureza que o theatro havia attingido.

«S. M. ordena-me que participe estes factos a v. ex.ª para que os mande sem perda de tempo chamar á sua presença, e lhes explique, em seu real nome, que no caso de não se corrigirem, á menor queixa que contra elles chegue aos seus reaes ouvidos, S. M. tomará in continenti medidas, que por certo não lhes serão muito agradaveis.

«Quer tambem S. M. que v. ex.ª lhes observe que não é do seu real agrado representarem os referidos comicos obra alguma nova, sem que ella seja previamente examinada por v. ex.ª

«A vontade de S. M. é que nenhuma obra possa representar-se, sem que seja da mais extremada pureza.»

Aqui temos, pois, definitivamente creada a censura theatral.

O que admira, é que Luiz XIV adoptasse no ultimo quartel da vida esta resolução.

O monarcha havia cahido n'aquella épocha sob o terrivel jugo do seu confessor e de Madame de Maintenon.

Qual foi o resultado da censura?

Era de esperar. A existencia da comedia foi mais uma vez ameaçada pelos falsos devotos, muito embora nunca as peças theatraes do Hotel de Borgonha tivessem sido mais decentes e mais recatadas, do que no anno em que Luiz XIV havia decretado energicamente a censura dramatica.

Entre outras:

L'Esprit de contradiction, de Dufresny;

Les trois cousines, de Dancourt;

Le capricieux, de J. B. Rousseau;

Les trois gascons, de Boindin e de Lamotte, representadas por esse tempo, não eram, nem podiam ser culpadas dos excessos que se imputavam aos actores que as interpretavam.

Os artistas, representando o seu antigo repertorio e sobre tudo as comedias de Molière, permaneciam fieis á tradicção, quaudo conservavam os jogos scenicos e as *posições indecentes,* que remontavam á creação d'aquelles papeis.

Não era isto, ainda assim, motivo sufficiente para condemnar tão severamente o theatro como fizera Bossuet.

Fléchier, que era bispo tambem, teve a coragem de defender a comedia, sob o ponto de vista dos costumes, dizendo:

«Que esta diversão póde ser indifferente, quando é discreta.»

A defeza, porém, mais sabia e mais racional da comedia encontra-se no prefacio do *Tartuffo.*

O grande Moliére falla nos seguintes termos:

«Eu sei muito bem que ha caracteres, cuja exquisita delicadeza não póde na verdade tolerar nenhuma comedia.

«Sei tambem de muitos que dizem que as comedias mais honestas são precisamente as mais perigosas.

«Sei que as paixões que n'ellas se descrevem são tanto mais commoventes, quanto mais virtuosas, e que as almas chegam a enternecer-se profundamente n'este genero de representações.

«Perfeitamente de accordo.

«Mas onde está o crime?

«Eu não o vejo.

«Não creio, em boa verdade, que seja grande crime enternecer-se uma pessoa de bem em presença de uma paixão honestissima!...

«Será um alto grau de virtude a completa insensibilidade, que desejam fazer reinar em nossos corações?

«Mas isto é impossivel!

«Duvido que tão grande perfeição caiba nos limites da razão e da justiça.

«Duvido até mesmo que ella caiba nas forças da natureza humana!

«E, francamente, eu não sei o que é melhor:

«Se trabalhar por adoçar e corrigir, pouco a pouco e com habilidade, as paixões dos homens:

«Se querer contel-as de subito e completamente!»

Tal era a opinião franca e desassombrada de Molière sobre o grave litigio da moralidade no theatro.

Era assim que o grande auctor se declarava no prefacio de uma das suas mais notaveis creações.

Parece-nos haver dito o bastante sobre o assumpto.

CAPITULO XVII

SUMMARIO

Investigações ácerca da linguagem empregada pelas pessoas honestas no seculo XVII.—Da liberdade de publicar e escrever *obras galantes*.—Classificação das obscenidades escriptas.—Condemnação do auctor ou impressor de *l'École des Filles*.— Sentença dictada pelo intendente da policia contra os *Contos* do senhor de La Fontaine.— A confissão do grande Pedro Corneille.—Prescripção das palavras grosseiras.—Pergaminhos nobiliarchicos da palavra p...—Apologia d'esta palavra vergonhosa por Bayle.—Reforma do pulpito.— Reforma dos tribunaes. — O estylo burlesco e satyrico. — Influencia das *Preciosas* na linguagem. — Conspiração para evitar as syllabas asquerosas. — Os grandes escriptores condemnados e censurados. — A gritaria das *Preciosas*.— Publicação da *Aloysa Sigœa*, de Chorier.—O latim exceptuado.—Liberdade da linguagem nas conversações.



EVIA caber ao seculo XVII a gloria de introduzir a honestidade nos costumes publicos, e de a estabelecer definitivamente em França, como base e signal caracteristico da sociedade culta, fina e verdadeiramente elegante.

Coube tambem ao mesmo seculo a gloria de purificar e submetter ás regras da discrição e da urbanidade, não só o theatro, mas tambem os escriptos de todos os generos, destinados á impressão.

Assim se creou e propagou a linguagem especial e caracteristica das pessoas honestas.

Temos, por mais de uma vez, indicado as relações intimas e as analogias inevitaveis que existem sempre entre os costumes, a linguagem e a litteratura de uma épocha.

Poderia escrever-se um grande livro ácerca d'este assumpto, tão novo como curioso.

N'este ponto da nossa historia, devemos, porém, tractar tão sómente de investigar por que fórma e devido a que motivos se chegou, gradualmente, no reinado de Luiz XIV aos verdadeiros principios da decencia oratoria e litteraria.

Estudaremos tambem de que maneira interveio o governo em tão delicadas questões de moralidade, castigando o delicto de ultrage aos costumes nas obras do pensamento, da imaginação e da intelligencia.

É difficil, realmente, descobrir a verdadeira causa d'esta depuração geral da linguagem fallada e escripta.

Em nossa humilde opinião, toda a gloria d'esta profunda e salutar reforma

deve ser attribuida ás mulheres, do mesmo modo que quasi todas as grandes cousas realisadas n'este mundo.

Os costumes contribuiram tambem para o mesmo resultado.

Eram mais reservados, mais discretos, mais hypocritas, deixem-nos dizer tudo, e por isso começaram a exigir a mesma reserva, as mesmas conveniencias, tanto na linguagem habitual, como nos livros.

No emtanto, houve alguns moralistas, que, n'um excesso de mysticismo, pretenderam que em França estava irremediavelmente perdida a honestidade dos costumes e das palavras.

Bayle diz a este respeito:

«Ouviram-se em todos os tempos as mesmas lamentações, e isto deve fazer-nos algum tanto desconfiados.

«Eu confesso que me custa muito a crêr não haver differença alguma entre a corrupção da nossa épocha e a dos reinados de Carlos IX e Henrique III.»

«Já vimos, por occasião do processo de Théophile, que o parlamento de Paris interviera pela primeira vez na questão de perseguir e condemnar um escriptor como culpado de haver commettido um attentado contra os bons costumes, escrevendo e publicando um mau livro.

A jurisprudencia relativa ás obras licenciosas ficára desde esse momento confundida.

Faltava apenas uma nova occasião de a pôr em pratica.

E essa occasião não faltou em todo o seculo XVII, mas os magistrados não se dignaram aproveital-a.

No fim d'aquelle seculo, Bayle julgou-se auctorisado a dizer, apesar da sentença de Théophile, que transcreveu para o seu *Diccionario,* o seguinte:

«Houve sempre na republica das lettras o direito ou a liberdade de publicar escriptos d'esta natureza.

«Nunca se deixou prescrever esse direito.

«Muitas pessoas de merecimento impediram a sua prescripção, pela liberdade com que fizeram esta especie de obras, sem que isto lhes causasse nenhuma nota de infamia ou as tornasse menos dignas de gosar todas as honras e privilegios devidos á sua condição.»

O mesmo auctor accrescenta, fallando dos poetas e dos auctores de obras obscenas que estas se imprimiam diariamente e publicamente se vendiam nas livrarias, e até mesmo nas galerias do palacio da justiça:

«Tracta-se unicamente de saber se usaram de uma liberdade condemnada, sob pena de prisão, pelos estatutos da republica das lettras, pelos regulamentos da policia civil e pelas leis do estado.»

Bayle, que atacava a sua propria causa ao atacar a liberdade de escrever e publicar, dividiu em nove categorias ou classes os auctores a quem indistinctamente se accusava de obscenidade, mas só assignala os da primeira classe ás perseguições da magistratura, considerando-os, diz elle:

«Como perturbadores da honestidade publica, e como inimigos declarados da virtude.»

Esta engenhosa classificação dos auctores obscenos relaciona-se de tantos modos com a historia da prostituição, que julgamos util traduzil-a quasi textualmente, para mostrarmos quaes podiam ser os differentes graus de culpabilidade do escriptor sob o ponto de vista dos costumes, e por conseguinte os differentes graus de penalidade contra as obras immoraes.

Diz assim:

«I. — O auctor desenvolve em termos torpes a descripção de cousas immoraes, que pratica.

«Applaude-se e felicita-se por estes extravios.

«Incita os seus leitores a refocillarem-se no vicio e na torpeza.

«Recommenda-lhes a crápula, como o meio mais seguro de gozar bem a vida:

«Diz-lhes que é preciso não fazer caso da opinião dos outros e tractar de contos estupidos e massadores as maximas das pessoas virtuosas.

«II. — O auctor conta n'um estylo livre e descarado algumas aventuras inventadas a capricho.

«Faz entrar na sua narração alguns incidentes impuros, que são descriptos com vigor, afim de se tornarem peripecias divertidas e proprias para inspirar o desejo de uma intriga de amor, fim a que naturalmente visam.

«III. — O auctor, desejando vingar-se de uma amante infiel, ou desculpar os transportes da sua paixão, ou invectivar alguma velha cortezã, solta as azas á sua inspiração e emprega-a em epigrammas, satyras, etc., cujos versos conteem uma verdadeira alluvião de obscenidades.

«IV. — O auctor faz invectivas contra a impudicicia, descreve-a com demasiada nudez, vivacidade e grosseria.

«V. — O auctor, n'um tractado de physica, medicina, ou jurisprudencia, explica-se torpemente ou sobre a geração, ou então sobre as causas e rememedios da esterilidade, ou mesmo sobre os motivos do divorcio, etc.

«VI. — O auctor, querendo explicar o texto latino de Catullo, Petronio ou Marcial, propaga obscenidades a esmo, sem as commentar.

«VII. — O auctor, fazendo a historia de uma seita, ou de uma pessoa, cujas acções foram infames, conta singelamente uma porção de factos que ferem os ouvidos castos.

«VIII. — O auctor, tractando de casos de consciencia, e particularisando as differentes especies do peccado da carne, diz cousas que o pudor não póde digerir facilmente.

«IX. — O auctor conta factos historicos, que lhe foram subministrados por outros auctores qne tem o cuidado de citar.

«Estes factos são deshonrosos e torpes.

«Accrescentando um commentario a esta narrativa, para a illustrar por meio de testemunhos, reflexões e provas, allega, de quando em quando, algumas palavras de escriptores que fallaram livremente, uns como medicos e jurisconsultos, outros como cavalheiros ou poetas, mas nunca diz nada que contenha, ou explique, implicita, ou explicitamente, a approvação da impureza, contida nas suas palavras.

«Pelo contrario, o auctor procura em muitas passagens vingar a pureza e refutar a moral relaxada.»

Bayle, depois de haver definido todos os caracteres de obscenidade que pódem existir n'um livro, observa com razão que cada uma das classes citadas póde conter muitas subdivisões.

Estabelece, por outra parte, como principio, «que, se uma multidão de pessoas se posessem de accordo para condemnar as obras obscenas, não poderia, ainda assim, citar uma unica decisão que tivesse a auctoridade dos casos julgados, e com a qual os poetas e os commentadores tivessem a obrigação de se conformar, sob pena de perderem, no caso negativo, a qualidade de homens honrados.»

Reconhece que é necessario, por exemplo:

«Que a liberdade dos versos lascivos seja uma cousa muito má, visto que é desapprovada por aquelles mesmos que d'ella vivem impudicamente.»

«Assim, pois, em fins do seculo XVII, como Bayle declara, não existia contra os livros, e sobretudo contra os auctores obscenos:

«Uma decisão, que tivesse a auctoridade dos casos julgados.»

A sentença, dictada pelo parlamento contra Théophile, não atacou por certo, nem por sombras, o poeta licencioso.

A sanha das juizes fôra sómente punir o poeta impio e blasphemo, na opinião dos escriptores que se julgavam com direito a publicar obras manchadas de obscenidade, tanto mais que as ditas obras nunca haviam servido, diz Bayle:

«Para distinguir as pessoas honestas das libertinas.»

Além da sentença pronunciada contra Théophile, poderiam citar-se ainda outras menos celebres, mas não menos terriveis, emanadas da mesma jurisprudencia e castigando os auctores obscenos com tanto rigor, como os que se atreviam a pronunciar heresias em materias religiosas ou politicas.

A mais memoravel d'estas sentenças foi a que o parlamento dictou em 1668 contra o auctor da *École des filles ou la Philosophie des dames*.

Este auctor, chamado Helot, que era filho de um tenente dos Cem Suissos do rei, deu o seu manuscripto a um livreiro de Paris, «que o fez imprimir, segundo conta Charpentier.»

«Foi vendido occultamente, mas tendo chegado á noticia da justiça a existencia de um livro tão escandaloso, fizeram-se varias pesquizas para lhe descobrir o auctor, que, logo que teve conhecimento d'ellas, sahiu de França.

«O livreiro declarou o nome da pessoa que lhe tinha vendido o manuscripto.

«Helot foi enforcado em effigie.

«Todos os exemplares do seu livro foram queimados ao pé da forca, e o livreiro não deixou tambem de soffrer uma pena afflictiva.»

Aqui temos, pois, um auctor obsceno queimado em effigie, como Théophile, em pleno seculo de Luiz XIV.

Encontramos, porém, apenas um unico queimado em pessoa, emquanto que grande numero de escriptores e de livreiros foram queimados e enfor-

cados na mesma epocha, por haverem publicado obras que atacavam a existencia de Deus, a immortalidade da alma, a religião catholica, o rei, os seus ministros e as suas favoritas.

Quando a obscenidade do livro não era tanta que podesse causar um escandalo publico, os magistrados evitavam intrometter-se na questão, e não perseguiam o livro.

Muitas vezes os exemplares apprehendidos eram destruidos a occultas, sem que o auctor ou o livreiro soffressem outra pena, além da de uma multa arbitraria, ou uma simples reprimenda.

Algumas vezes, pronunciando uma sentença contra o livro, chegava-se a permittir que circulassem os exemplares, e não se perseguia nem o livreiro nem o auctor.

O intendente de policia, La Reynie, quiz proceder d'este modo com La Fontaine, quando se viu obrigado, pelas queixas dos grandes personagens, a prohibir a venda da primeira edição dos *Contos* e *Novellas*.

«Attendendo, dizia elle, na sua sentença de 5 de abril de 1675, a que esse livrinho se acha impresso sem licença ou privilegio de especie alguma, concedido pelas vias competentes;

«A que se encontra cheio de palavras indiscretas e deshonestas;

«A que a sua leitura, finalmente, não póde ter outro effeito senão corromper os bons costumes e inspirar a libertinagem.»

Julgamos que Bayle não se engana, quando affirma que La Reynie convidou o poeta a jantar com elle, no mesmo dia em que condemnava os seus *Contos*.

Correu por essa épocha o boato de que o escandaloso livrinho do auctor das *Fabulas* fôra condemnado ao fogo por sentença do Châtelet, mas esta sentença nunca passou de projecto, e La Fontaine, cuja obra, apesar de prohibida, corria de mão em mão, era procurado com empenho, festejado, applaudido e admirado pela sociedade dos grandes fidalgos e pelos mais robustos talentos do seu tempo.

Fazia-se então uma distincção radical entre o auctor e o seu livro.

Ninguem julgava o homem pelos seus escriptos.

Bayle dizia a este respeito:

«Ha poetas que são castos nos seus versos e nos seus costumes.

«Ha outros, que nem o são nos costumes nem nos versos.

«Ha-os tambem que são apenas castos nos versos.

«E outros ha, finalmente, que não o são nos versos, e o são nos costumes, porque n'estes homens todo o fogo e ardor reside apenas na cabeça.»

E' claro que La Fontaine não estava n'este ultimo caso.

Mas ninguem lhe pedia contas da sua vida, applaudindo-se-lhes apenas os versos, tão pouco recatados e castos como os seus costumes.

Em determinadas circumstancias, o nome respeitavel e respeitado de um auctor fazia com que se lhe perdoasse uma tirada licenciosa, ou mesmo um pequeno gracejo um pouco fresco.

Corneille, o grande Corneille, cuja vida era tão regular, e que não per-

deu a pureza dos seus costumes na vida do theatro, havia composto uma peça de versos obscenos, intitulada:

L'occasion perdue et retrouvée.

Esta obra, que talvez nunca fosse impressa, chegou ainda assim, ás mãos do chanceller Séguier.

Este homem austero, quando a leu, ficou tão surprehendido como desgostoso.

Mandou immediatamente chamar Corneille.

Apenas o grande auctor chegou, o chanceller disse-lhe:

—«A sua obra, meu querido poeta, causou um grave e terrivel escandalo entre o publico, dando por toda a parte ao seu auctor a reputação de um homem libertino. Os meus ouvidos escandalisaram-se tambem com ella, e por isso, quero que ambos nós nos reconciliemos com Deus. Está disposto a isto?»

—«Ordene vossa excellencia, e obedecerei. Que reparação lhe parece adequada á gravidade da minha culpa?»

—«É preciso que ambos nós nos confessemos, meu amigo!»

Corneille não podia recusar esta satisfacção ao chanceller, que fôra sempre o seu protector mais seguro e inquebrantavel.

Foi, pois, confessar-se em companhia do illustre magistrado, com o reverendo padre Paulin, do convento da Nazareth.

Confessou-se de haver escripto versos libidinosos, e o reverendo padre ordenou-lhe, decerto por instigação do chanceller, que traduzisse em verso a *Imitação de Jesus-Christo,* como penitencia da sua funesta obra *L'occasion perdue et retrouvée.*

Esta singular anecdota permitte-nos provar que até o grande Corneille, n'um momento de ocio, compoz versos lubricos, destinados provavelmente a alegrar algum festim familiar. Fôra uma excepção nos costumes exemplares do poeta, que havia sempre observado as leis da decencia nas suas obras dramaticas, mesmo na *Santa Theodora,* onde se viu obrigado a apresentar o interior de um lupanar.

Corneille, assim como Bayle, era de opinião sem duvida que as obscenidades do theatro deviam ser rigorosamente castigadas.

Bayle diz:

«As peças immoraes nunca poderão ser mais do que uma eschola de perigosa corrupção.»

Este mesmo auctor, que talvez possa ser accusado de uma indulgencia algum tanto exaggerada, em favor das obscenidades escriptas, apresenta uma lista formidavel de auctores obscenos, que nem por isso deixaram de ser singularmente estimados e considerados pelos seus contemporaneos, embora fosse grande a licenciosidade dos seus escriptos.

Fallando do auctor dos *Contos e Novellas,* o alegre e bom La Fontaine, diz com uma pontinha de malicia:

«O senhor de la Fontaine, auctor de uma infinidade de contos lascivos, não deixou por isso de ser apreciado por todo o mundo, tanto na côrte, como na cidade.

«Os grandes senhores e os principes, as damas da mais alta gerarchia, as pessoas mais illustres, acariciaram-no e admiraram-no sempre.

«Não foi mesmo admittido na Academia Franceza?»

Mais tarde veremos que Piron nunca poude entrar no numero dos quarenta immortaes, por causa da sua ode a Priapo, que nos envergonhariamos de comparar aos *Contos* de La Fontaine.

A honestidade da linguagem, nos escriptos, assim como na conversação, estabeleceu-se ao mesmo tempo que a honestidade dos costumes, e póde dizer-se que esta honestidade civil, que foi a alma da boa sociedade no seculo XVII, traçou de uma vez para sempre os deveres dos escriptores com relação ao publico.

A linguagem repelliu, para a vasa dos mercados e para o lodaçal das viellas suspeitas, todas as palavras baixas e grosseiras, que havia ido buscar a esse lodo infecto, e não conservou para uso das conversações sensatas e dos livros approvados, senão uma severa escolha de expressões que não offendiam nem a imaginação nem os ouvidos castos.

Foi necessario um seculo para que este trabalho de depuração grammatical fosse consagrado no Diccionario da Academia Franceza, onde ainda se descobriam n'alguns pontos as manchas da antiga impureza de bom e franco *gaulois*. Apesar d'isto, certas palavras, que hoje nos parecem intoleraveis, e que não têem curso senão entre o vulgo mais sordido, achavam-se admittidas ainda no estylo comico e na conversação familiar.

Por isso não deve causar surpreza que a palavra p..., por exemplo, que pertence essencialmente ao assumpto de que com toda a reserva e circumspecção estamos tractando, se encontrasse sem cessar, não sómente na bocca dos homens e das mulheres de distincção e qualidade do seculo XVII, mas tambem nas obras comicas e burlescas.

Esta sordida palavra, que ha muito tempo abandonamos á linguagem usual da prostituição, dizia-se então na côrte, fosse diante de quem fosse.

Estava nos habitos do tempo. Tinha curso de linguagem como qualquer dos seus synonymos mais doces e delicados.

E assim devia ser, visto que Molière a empregou n'uma das suas comedias, representadas perante o rei e as côrtes.

A comedia *M. de Pourceaugnac,* foi representada em Chambord, no mez de setembro de 1669, e ninguem se escandalisou de que o heroe comico da obra, assaltado por uma nuvem de creanças, que lhe chamavam papá, exclamasse enfurecido:

—«Vão para o diabo, filhos da p...!»

O proprio Luiz XIV desatou a rir; a côrte, como era de esperar, associou-se de boa vontade á hilaridade do rei-sol.

Todos os espectadores celebraram o sordido gracejo.

Basta abrir as *Historietas* de Tallemant des Reaux, escriptas ao correr da penna, pelo homem do mundo mais fino e melhor educado do seu tempo, para se vêr quanto era auctorisado e frequente o uso de uma palavra proscripta para sempre da boa linguagem.

Esta palavra apparece em cada pagina do fiel historiador dos costumes do seu tempo.

As grandes damas pronunciavam-na sem o menor rubor.

As burguezas mais honestas empregavam-na a torto e a direito.

Os maridos serviam-se d'ella com muita frequencia para qualificarem a conducta de suas esposas adulteras.

O senhor de Turin, conselheiro do parlamento de Paris, chamava ao seu secretario *cavallo*, ao seu lacaio *mula*, e a sua mulher *p*..., sem duvida por allusão ao nome de familia d'esta dama, Jeanne Coguet.

A rainha-mãe Maria de Medicis, cuja vida privada esteve quasi sempre ao abrigo das suspeitas e da calumnia, não tinha, apezar d'isso, o menor escrupulo, em usar d'este termo baixo e grosseiro, que ninguem tambem se pejava de empregar na sua presença.

Tallemant conta que a rainha zombava algumas vezes de Bassompierre, que andára bastante enamorado d'ella, sem ter obtido outra cousa, a não ser a permissão de lhe fallar com toda a liberdade.

Bassompierre acabava de tomar o commando da capitania de Monceaux, afim de alli preparar um logar de recreio para a côrte.

—«Levará para lá muitas p...?» perguntou-lhe a rainha.

«Assim se fallava n'aquelle tempo», accrescenta Tallemant des Reaux, em fórma de commentario.

—«Creio, respondeu elle, que vossa magestade ainda hade levar para lá mais do que eu!» respondeu Bassompierre.

Outro dia, Bassompierre, n'um accesso de ciumes, ou de mysantropia, disse a Maria de Medices, que, na sua opinião havia bem poucas mulheres que não fossem p...

—«E eu?» perguntou Maria de Medicis.

—«Vossa magestade, senhora! respondeu elle maliciosamente. Vossa magestade é a rainha!»

Teriamos realmente que fazer, se quizessemos procurar nas memorias historicas todas as passagens em que figura com todas as lettras esta palavra insolente, que afinal não deixa de ter cabimento na historia de que nos estamos occupando.

Recordaremos tão sómente que na *Correspondencia original* da princeza Palatina reapparece a cada momento e particularmente, quando se falla de Madame de Maintenon, *la bête noire* da duqueza d'Orleans.

De resto, nas canções e villancetes satyricos, que tão apreciados eram nas intrigas da côrte de Luiz XIV, e que se elaboravam a miudo no segredo da malicia feminina, esta palavra tinha tão numerosas applicações, que teria sido difficil substituil-a por outra.

Vêmol-a tambem em todas as paginas do *Diccionario* de Bayle.

Mas isto não deve causar assombro.

Este habil critico tinha declarado no prefacio que o seu estylo bastante descurado, não era exempto de *termos improprios e archaicos*, mas que isto não lhe causava escrupulo algum.

E levou a sua negligencia n'este ponto até ao extremo de não perdoar o emprego da palavra que julgava util, e que persistia em repetir nos seus livros, apezar da proscrpção geral.

N'uma pequena dissertação muito curiosa, que se refere algum tanto ao assumpto de que nos occupamos, lê-se:

«Visto que a palavra p..., de que nossos paes se serviam nos livros mais graves, tão francamente como os latinos de *meretrix,* começa actualmente a cahir n'um descredito geral, é necessario que todos os auctores comecem a abster-se de empregal-a, substituindo-a pela palavra *cortezã,* uma vez que esta é a moda.

«Ora isto, no fundo, é uma delicadeza mal entendida.

«Querem saber porque?

«Ou a palavra cortezã indica uma ideia tão forte como a outra:

«Ou indica uma ideia mais fraca.

«No primeiro caso, nada se ganha, por isso que a substituição da palavra a ninguem evita o ter no espirito uma ideia indecente.

«No segundo caso, diminue-se o odio que o publico deve ter por uma prostituta.

«Mas merecerá esta creatura similhantes cuidados?

«Será necessario represental-a por uma ideia favoravel?

«Não valeria mais aggravar a noção infame do officio que exerce?

«Dir-se-hia que se receia fazel-a mais odiosa!

«Vae dar-se-lhe um nome commodo e decente, que antigamente significava apenas uma dama da côrte.

«Dir-se-hia que se receia offendel-a, e que se procura tranquilisar os espiritos, designando-a sob um nome discreto.

«Para se ser logico, devia tambem substituir-se a palavra *cortezã,* logo que pela sua frequencia parecesse tão obscena como a outra, e tractar-se de lhe encontrar equivalentes mais agradaveis.

«Seria necessario inventar, por exemplo:

«Uma mulher que se porta mal.

«Depois d'este, quando a periphrase se tornasse tambem indecente, passariamos a usar:

«Uma mulher de quem se falla.

«Depois:

«Uma mulher suspeita.

«Mais tarde:

«Uma mulher que não se porta muito regularmente;

«Uma mulher duvidosa;

«Uma mulher cahida;

«E, finalmente, seria mister pedir ás *Precieuses* que inventassem alguma nova periphrase.»

A despeito d'esta vigorosa defeza da palavra condemnada, a condemnação nunca foi revogada pelas sentenças do bom gosto grammatical.

Nos ultimos annos do seculo, que consolidou, por assim dizer, a hones-

tidade da linguagem, o rigido grammatico Urbano Chevreau fazia esta observação:

«Ha sessenta annos que o nosso idioma é tão discreto e moderado, que já ninguem diz seccamente as palavras p... e bordel, que os sermonarios antigamente prostituiam sem escrupulo algum nas suas mais bellas orações.»

Effectivamente estas palavras condemnadas e muitas outras manchavam numerosas vezes os sermões dos fins do seculo XVI, mais impertinentes e licenciosos, que os de Menot, Maillard, Pepin e outros prégadores macarronicos de 1500.

Pierre de l'Estoile, nos seus registros diarios, conservou-nos algumas citações curiosas dos abominaveis sermões da Liga.

O pulpito catholico romano, n'aquella épocha, parecia querer luctar em desmandos de linguagem com os lupanares, que lhe forneciam o seu auditorio ordinario.

Havia, no emtanto, uma certa candura na eloquencia livre e obscena dos prégadores do reinado de Carlos IX, até mesmo no audaz bispo de Valence, João de Montluc, que definia assim os voluptuosos:

«Homens, que alimentam o seu corpo, para fazerem d'elle um navio de luxuria e patifarias deshonestas.

«A casa d'estes desgraçados é um bordel, e ao mesmo tempo a séde das suas assembleias malditas, onde se combinam partidas, onde se seduzem as mulheres, e, para dizer tudo, são a peste do paiz!»

A reforma oratoria do seculo XVII começou pelos sermões que chegaram a ser graves, decentes e solemnes, antes de experimentarem a influencia regeneradora dos Bossuet e dos Massillon.

O padre André não foi senão uma excepção originalissima e divertida, que não prejudicou os bons costumes, porque as suas indecentes truanices não tinham consequencias perigosas, nem peccava pela intenção, até quando punha na bocca de Christo estas palavras dirigidas á Samaritana:

«Eu te darei outra agua, e por certo a encontrarás muito melhor do que a que tu me déste.»

O padre comparava as mulheres com uma macieira plantada á beira de um caminho:

«Os transeuntes appetecem as maçãs, dizia elle.

«Uns apanham-nas.

«Outros tiram-nas.

«Outros sobem a cima da macieira e meneiam as maçãs com um movimento levado de todos os diabos!»

Mas, se os sermões que se pronunciavam em publico chegaram a observar as regras da mais austera decencia, não succedeu o mesmo com os livros de theologia canonica e mystica.

Os casuistas continuaram a tratar com inteira liberdade muitas questões de moral, que podiam passar por monstruosas obscenidades, e causar grave escandalo no publico.

O auctor da *Dissertation sur les œuvres de M. de Saint-Evremond* não

justifica completamente este proceder, commum a todos os examinadores de casos de consciencia.

«Não se vê, porventura, em Theologia, diz elle, no tractado dos actos humanos, a explicação de todas as desordens, immoralidades e excessos, tanto por pensamentos como por obras, que a concupiscencia póde suggerir-nos?

«Não devemos crêr que estas explicações escandalisem o pudor.

«São necessarias aos que Deus destina á direcção das consciencias, e que devem applicar-se a conhecer os peccados em todas as suas circumstancias, para descobrir aos peccadores o estado em que se encontram, e com o fim de conduzir á penitencia os que quizerem verdadeiramente converter-se.»

Um auctor allemão teve a ideia de fazer uma collecção das perguntas obscenas, que os confessores podem e devem dirigir aos seus penitentes.

O titulo d'esta recopilação, bem pouco edificante, redigido em latim, em attenção ao respeito devido ás damas, era o seguinte:

«Sacra pontificiorum Priapeia seu obscenæ papistorum in auricularibus confessionnibus quæstiones, quibus innocentes puellas fœminasque ad lasciviam sollicitant.»

E' justo pensar que o annuncio d'esta obra publicado nas *Nova litteraria maris Baltici,* 1699, não passou de uma facecia protestante.

Quanto ás obras de mysticismo religioso, chegaram á mais impia obscenidade, apesar de não tractarem senão de coisas santas.

Os extases de quietismo de Madame de Guyon são realmente uma desaforada prostituição ideal.

Esta visionaria, n'um dos seus sonhos hystericos, foi recebida no alto de uma montanha pelo proprio Jesus Christo, que lhe disse:

—«Filha, vou conduzir-te a um quarto, queres?»

E o Salvador introduziu-a n'um aposento onde havia dois leitos.

A visionaria perguntou ao divino mestre qual era o destino d'aquelles leitos.

—«Este é para minha mãe, respondeu o Salvador, e este é para ti, esposa minha!»

Depois accrescentou, suspirando ternamente:

—«Escolhi-te para estares aqui commigo.»

Concebe-se depois d'isto a razão porque Bossuet, tendo citado esta passagem, exclamou n'um accesso de sublime indignação:

«Meu Deus, se me atrevesse, pedir-vos-hia um dos vossos seraphins com o mais ardente dos seus carvões, para estes meus labios manchados por tão infame narrativa!»

Razão de sobra tinha Bayle, quando dizia que «as loucuras do amor mystico são mais monstruosas que as do amor physico».

A linguagem do fôro havia-se submettido egualmente á reforma pedida pelo bom gosto, e os discursos dos advogados, que ordinariamente não esperavam por causas obscenas para se entregarem a todas as licenças da palavra, encerraram-se nos limites da mais estricta decencia.

Deve attribuir-se esta revolução nos costumes forenses á alta magistra-

tura, por mais que muitos magistrados antigos não se impozessem por sua propria conta a reserva que exigiam ante os tribunaes.

O antigo presidente de Nesmond pronunciou um dia esta sentença:

«O tribunal põe a appellação para o bordel.»

Já não se ouviam nas audiencias discursos cheios de chistes grosseiros e de expressões em extremo triviaes.

Já não se publicavam memorias de advogados, crivadas de obscenidades e inconveniencias, como as dos jurisconsultos dos seculos precedentes.

Os tribunaes não permittiam que os advogados pronunciassem palavras mal soantes, quando pleiteavam contra pessoas, que se haviam servido das ditas palavras para injuriarem o proximo.

«Querem que na audiencia se respeite o pudor publico, diz Bayle, mas quando julgam por escripto, não só permittem ao relator que diga os mesmos termos do offensor, por mais asquerosos que sejam, mas até o exigem.»

Um conselheiro do parlamento de Paris, tendo querido servir-se de uma periphrase, n'um processo d'esta especie de que era relator, o presidente observou-lhe que podia fallar sem reticencias, porque a questão não era ponpar castos ouvidos, mas sim julgar a qualidade da offensa.

Ainda não se adoptára n'esse tempo o expediente de reservar para sessões secretas certos negocios, que podiam pela sua mesma natureza offender o pudor do auditorio.

A verdade é que o auditorio d'esse tempo não costumava compôr-se senão de juizes, procuradores e advogados.

A curiosidade do publico e sobretudo das senhoras não se havia dedicado ainda a seguir os debates da justiça criminal, procurando n'elles emoções de escandalo.

Os tribunaes ecclesiasticos, aos quaes pertenciam de direito todos os processos de dissolução de matrimonio por impotencia, ou qualquer outra cousa não menos delicada, não renunciaram, ainda assim, a formulas indecentes e a discursos tão indecentes como essas mesmas formulas.

Havia, no emtanto, generos de litteratura que não participavam d'esta depuração geral da lingua franceza, e que conservaram durante muito tempo toda a sua obscenidade original.

A poesia burlesca e satyrica, a novella comica, os contos e todos os escriptos designados pelo nome de galantes, escaparam á censura e á reforma do purismo. Foi n'estas obras ligeiras e alegres, onde se entrincheirou como n'um derradeiro asylo, o antigo genio gaulez, que nunca fôra muito cuidadoso na escolha dos meios de que se servia para provocar o riso.

Sorel, na sua *Historia comica de Francion*, que fez as delicias da côrte e da cidade sob o reinado de Luiz XIII, prefacia o seu livro oitavo, onde reune uma especie de galeria de pinturas licenciosas, com esta advertencia, que julgou do seu dever apresentar:

«A vós, rapazes e raparigas, que lograis guardar ainda o vosso pudor virginal, advirto-vos desde já que não passeis adiante! Escusaes de lêr este livro, que só póde dizer-vos cousas que não estaes habituados a ouvir.

«Dir-me heis que podia ter deixado de as escrever . . .

«Não tendes razão.

«A historia não seria perfeita sem estes pormenores.

«Aos livros satyricos succede o mesmo que aos homens.

«Tornam-se o alvo de todas as zombarias e sarcasmos, quando estão castrados!

«Todos os desprezam.

«De resto, eu já o disse n'outra parte:

«Pretendendo criticar todos os vicios dos homens, pretendendo rir-me e fazer rir os outros á custa das suas tolices, preciso de escrever as cousas, exactamente como elles as dizem e fazem, para vol-os apresentar com todos os seus ridiculos.

«Depois, sabei uma cousa, se é que a ignoraes ainda:

«Nada ha, por mais extraordinario e exquisito que seja, que os mundamos não tenham feito, dito, e augmentado desaforadamente.

«Esta é a verdade, meus amigos!

«Por isso, tudo direi, não com o fim de dizer mal, mas simplesmente para vos fazer passar, alegremente algumas horas.»

Tal era a opinião dos magistrados mais austeros com respeito ás composições novellescas ou poeticas, que não tinham outro fim senão distrahir o leitor, sem preoccupações torpes, e que até pondo ante seus olhos imagens obscenas, e murmurando-lhe ao ouvido ditos piccarescos, não tendiam a corromper-lhe os costumes nem a excitar-lhe os sentidos.

Os moralistas, sem approvarem de todo obras similhantes, eram todos de accordo em consideral-as menos perigosas que as obras eroticas.

Pelo menos, julgavam-nas de invenção mais delicada e de estylo mais refinado.

«Eu sei muito bem, dizia o auctor anonymo da *Resposta á Apologia do padre Bonheurs*, que não se chamam obscenidades senão ás palavras grosseiras e sujas, e que teem o nome de *galanterias* e *ditos engraçados*, as que são proferidas de uma maneira fina, delicada e engenhosa, embora sejam tão torpes como as primeiras.

«Em todo o coso, as obscenidades, embora vão envolvidas n'um trocadilho finissimo, como dentro de um transparente e fino veu, obscenidades são do mesmo modo, e nem por isso deixam de ferir os ouvidos christãos, nem de manchar a imaginação, nem de corromper a alma.

«Um veneno subtil e imperceptivel dá a morte, exactamente como o toxico mais forte e mais violento.»

Fallando dos poetas satyricos do tempo de Luiz XIII, fizemos vêr a que excessos de impudor e descaramento se entregavam esses vates eroticos, sob pretexto de criticar e corrigir os maus costumes.

No emtanto, esses poetas dedicavam os seus livros, cheios de obscenidades triviaes e asquerosas, a altos e poderosos senhores, a veneraveis magistrados, a damas de grande fama, n'alguma occasiões a princezas, e ás vezes á propria rainha!...

Á vista d'isto, comprehende-se que o illustre Lamoignon, primeiro presidente do parlamento de Paris, louvasse por varias vezes Boileau:

«Por ter expungido, por assim dizer, a poesia satyrica das torpezas e immundicies que até á sua épocha lhe pareciam inherentes.»

Apezar d'isso, o proprio Boileau foi censurado tambem n'algumas reuniões de *Preciosa*, por haver empregado palavras pouco honestas, como *embrião, voz luxuriosa, moral lubrica*, sem se lembrarem as esquisitas damas de que fôra este auctor que substituira a expressão *bordel, onde Régnier conduzia a sua musa*, por esta, muito mais *preciosa*:

«*Logares que o auctor frequentava.*»

As *Preciosas*, segundo já dissémos, exerceram um salutar influxo, tanto na linguagem, como nos costumes do seculo XVII.

Força é agradecer-lhes este serviço.

Á ellas se deve, pelos seus preceitos e pelo seu exemplo, a creação, ou melhor, o restabelecimento da *honestidade civil*, que a esse tempo carecia ainda de existencia social, se assim póde caracterisar-se a nova ordem moral, cuja iniciativa pertenceu ás *Preciosas*.

Raederer, nas suas picantes *Memoires pour servir à l'histoire de la Société polie en France*, provou que a honestidade se appoiava na alta sociedade, que sabia unir o bom gosto á delicadeza dos costumes.

«Esta sociedade, accrescenta elle, fazia causa commum com os bons costumes da *preciosidade*, contra a licença da côrte e contra a dos modernos escriptores.»

Não obstante isto, o purismo que as *Preciosas* haviam inventado, não tardou a cahir na exaggeração e no ridiculo.

D'aqui a distincção que foi preciso estabelecer entre as *Preciosas*.

Dividiram-nas em *falsas* e *verdadeiras*.

Molière só atacava as primeiras, na comedia em que ellas eram as ridiculas heroinas.

É conhecida a tempestade de colera e de injurias que contra o grande auctor se desencadeou.

Molière, depois de haver declarado que não fôra sua intenção atacar as verdadeiras *Preciosas*, continuou a perseguir com os seus sarcasmos as recatadas e hypocritas que o censuravam de attentados contra o pudor publico, e de manchar a cada momento a imaginação nas suas obras theatraes.

O grande auctor dramatico zombou sobre tudo de um incrivel projecto, que havia começado a realisar-se n'algumas reuniões, e que tractava, nada mais e nada menos, que de supprimir a lingua franceza com o pretexto de a depurar.

Li, não sei onde, diz Bayle, que a hypocrisia chegára a tal extremo, que já não se dizia:

— «*Je mange des confitures!*»

Mas sómente:

— «*Je mange des fitures!*»

Será inintelligivel a mutilação da phrase, se não se attender a isto:

As *Preciosas* supprimiam todas as syllabas que podiam recordar-lhes obscenidades. Assim a syllaba, *con*, da palavra *confitures*, era sacrificada, porque *con* era uma palavra obscena.

Era como se em portuguez se mutilassem as palavras *conato, connubio, cone* e *conoide*, ou a palavra *putativo*, por terem syllabas, que, isoladas, poderiam ser indecentes!

Bayle accrescenta:

«Se esta moda pegasse, seria preciso mutilar mais de metade das palavras que contém o Diccionario da Academia.

«E, no fim d'isto, as outras não serviriam de nada, porque lhes faltaria correspondencia.

«De maneira que seria mister fallar por signaes, o que seria causa de obscenidades mais escandalosas e perigosas, do que as que entram só pelos ouvidos.»

Chega a causar dó que tamanha extravagancia ousasse revestir-se d'estes pruridos de moralidade!

Molière, na sua *Critica da École des Femmes*, apresenta a marqueza Aramynta como auctora de uma d'estas reformas grammaticaes:

«A perspicacia dos seus escrupulos, diz elle, descobre torpezas, onde nunca ninguem as viu.

«Estes escrupulos chegam a desfigurar a nossa lingua, e não existem, na verdade, palavras, a que a severidade da referida senhora não quizesse cortar a cabeça ou a cauda, por causa das syllabas deshonestas que n'ellas se encontram.»

Foi no mez de junho de 1663 que a *Critica da Écoles des Femmes* denunciava ao bom senso e ao bom gosto da França a incrivel reforma que se preparava na linguistica das *Preciosas*, e nove annos mais tarde, no mez de março de 1672, Molière dava o golpe de misericordia a essa idéa impertinente, que os maniacos do purismo não haviam ainda abandonado.

A *Philamista* das *Sabichonas* propunha á academia, que queria fundar em sua casa, uma *empreza nobre, a mutilação de todas as syllabas torpes, que manchavam as mais bellas palavras.*

Ouçamol-a expôr a sua idéa cerebrina:

«Un dessein plein de gloire et qui sera vanté,
Chez tous les beaux esprits de la posterité;
C'est le retranchement de ces syllabes sales,
Qui, dans les plus beaux mots, produisent des scandales;
Ces jouets éternels des sots de tous les temps,
Ces fades lieux communs de nos méchants plaisans,
Ces sources d'un amas d'équivoques infames,
Dont on vient faire insulte à la pudeur des femmes!»

Sem julgarem que a mutilação das palavras fosse necessaria ou mesmo possivel no interesse dos costumes, um grande numero de *Preciosas* eram de opinião que se repellissem, como impuras, todas aquellas que representassem um objecto ou uma acção obscena.

Esta cruzada contra uma multidão de palavras e de locuções, que até então nunca haviam offendido nem mesmo a susceptibilidade mais exquisita, foi prégada com enthusiasmo nas assembléas da *Preciosidade,* dedicando-se aquella sabia e recatada seita feminina a *depennar,* sob o ponto de vista dos costumes, o estylo dos poetas e escriptores, que passavam geralmente como irreprehensiveis.

Diz Bayle, a este respeito:

«O recatado e polido Voiture, quem havia de suppôl-o? foi accusado de obscenidade!

«Voiture, aquelle homem de espirito e de imaginação distincta, que conhecia tão notavelmente as maneiras do mundo, do grande mundo!»

Costaz, que tomou a defeza de Voiture, respondeu á accusação:

«Não ha dama que deixe de recitar e cantar, quando chega a occasião, os versos que Voiture fez ao c .. de uma menina, e não conheço nenhuma que deixe de pronunciar atrevidamente:

«*Un cul d'artichaut.*

«*Un cul de sac.*»

Não podiam perdoar a Voiture o ter dito n'uma das suas cartas:

«Consinto, pois que assim o desejais, que se castre Ulpiano e o proprio Papiniano. Assim como assim, esses dois auctores não engendram senão processos.»

O defensor de Voiture exclama, muito surprehendido:

«Este pensamento é o mais precioso do mundo!

«Até hoje ouvi sempre dizer que um livro estava *castrado*, para se dar a entender que se lhe tinha tirado alguma cousa, que não estava completo.

«Se o nosso adversario tivesse credito na Academia, faria supprimir esta licenciosa maneira de fallar, substituindo-a por esta honestissima phrase:

«*Este livro foi feito eunucho.*»

O proprio senhor de Balzac, diz Chevreau, que se havia convertido em carrasco das obras litterarias por conta das *Preciosas*, não attendia muito á honestidade, nem aos preceitos antigos dos que elle chamava frequentes vezes os seus mestres, quando escrevia, a respeito de certo homem:

«Que todo elle era feito de partes vergonhosas.»

Sob o dominio de um tão feroz purismo, poucos escriptores havia que escapassem á censura, e obtivessem approvação em todas as expressões, que empregavam frequentemente sem nenhuma especie de intenção má.

O historiador Mezeray foi vivamente reprehendido e criticado, por ter dito que alguns fidalgos, condemnados como adulteros, «haviam sido mutilados nas partes por onde tinham peccado.»

O poeta Malherbe, que tão pouca indulgencia havia tido sempre para com os seus rivaes em poesia, foi accusado de haver feito ou admittido equivocos obscenos nos seus versos, comprazendo-se de mais a mais em pintar imagens deshonestas.

Imputaram-lhe como um feio crime a palavra *umbigo.*

«Esta palavra, diz Chevreau, no seu sentido proprio, não pertence senão

aos medicos e ás parteiras, que chamam as cousas pelo seu nome, e n'este ponto a decencia e a honestidade não nos permittem imital-os.»

Apesar d'isto, Chevreau, que tão rude guerra fazia ás obscenidades da lingua, e que dizia ser preciso estar cego para não ver similhantes cousas, era obrigado a reconhecer que a lingua estava assim formada, e que em certos casos deviam acceitar-se-lhe as suas inconveniencias.

Conta, a este respeito, que uma dama de muito talento, mas que era *Preciosa*, se gabava de não empregar nunca palavras que podessem inspirar uma ideia obscena.

Esta dama dizia, por exemplo:

Em vez de:

Un cul d'artichaut,

Un fond d'artichaut.

Em vez de:

Un cul de chapeau,

Un fond de chapeau.

Em vez de:

Un cul de sac,

Une rue qui n'a point de sortie.

Cul era a palavra obscena, de que a *Preciosa*, fugia como o diabo da cruz, por significar além do fundo de qualquer cousa, de um sacco, de um chapeu, etc. uma ideia grosseira — *o sitio onde as costas mudam de nome,* — para imitarmos a linguagem seraphica das *Preciosas*!...

Chevreau objectou á dama que havia occasiões em que era preciso fallar como toda a gente.

Ella negou.

E desafiou-o a que lhe apresentasse um exemplo.

—«Pois bem, minha senhora, como chama a lettra que no alphabeto segue immediatamente o **P**?»

—«Oh, senhor! exclamou ella cobrindo-se de rubor, nunca suppuz que me causasse esta vergonha!»

A lettra **Q** em francez pronuncia-se como a palavra *cul,* cuja traducção facilmente se perceberá.

Sorel, no seu tractado *De la connoissance des livres,* zomba de uma *Preciosa,* que desejando dizer o mais honestamente possivel que uma das suas amigas estava casada e tinha tido filhos, se sahira com esta tirada:

—«A minha amiga usou do amor permittido, e não sei bem como, resolveu-se a *brutalisar* com um homem, provavelmente para *deixar vestigios* de si propria no mundo.»

A Cathos das *Preciosas ridiculas* fallava approximadamente a mesma linguagem.

Dizia:

—«O matrimonio é uma cousa que me faz uma grande impressão! Como póde uma mulher habituar-se á ideia de dormir com um homem completamente nú!!...»

Molière deteve, felizmente, estes progressos assustadores de tão estupido recato, que ameaçava sepultar até mesmo os bons costumes no pélago da hypocrisia.

«Acreditem, dizia elle, as que fallam d'esse modo não pódem ser consideradas como mulheres honestas.

«Pelo contrario, a sua mysteriosa severidade, e os seus gestos affectados irritam a censura de toda a gente contra as acções da sua vida.

«Inspiram desejos de se lhes descobrir defeitos.

«Por exemplo, outro dia havia algumas d'estas mulheres na minha comedia, ao lado do palco onde nos achavamos, que taes gestos e attitudes affectaram durante toda a representação, que muita gente, até mesmo lacaios, fallaram da sua conducta, havendo até quem dissesse que eram mais castas nos ouvidos, do que em todas as outras partes do seu corpo.»

Voltando á reforma da linguagem.

Nem o governo pelas suas leis, nem a auctoridade judicial pelas suas sentenças, nem a administração publica pelas suas ordens tomavam parte alguma n'este trabalho incessante da moralidade grammatical e litteraria.

«O escandalo de um livro, que não era mais do que obsceno, submettia-se apenas ao tribunal da critica.»

. Os parlamentos, tão dispostos a assustar-se com toda e qualquer publicação que tivesse um caracter de controversia religiosa ou politica, não se importavam de vêr nas obras de simples litteratura um ultrage aos costumes, digno de repressão e de castigo.

Assim foi que Nicolau Chorier encontrou não só um impressor em Grenoble para publicar a sua ignobil *Aloysiæ Sigeæ Toletanæ, Satyra sotadica de Arcanis Amoris et Veneris,* mas tambem um Mecenas, rico e poderoso, que lhe pagasse as despezas da impressão.

A primeira edição d'este infame tractado sotadico, inspirado pelos sonetos e figuras do Aretino, e attribuido malignamente ao honrado João Meursius, que diziam havel-o traduzido de um original hespanhol para o latim, foi publicado em Grenoble, em 1678, pelo livreiro Nicolas, a expensas do senhor de Mey, advogado geral do parlamento do Delphinado.

A obra teve uma extracção rapida, embora a venda fosse feita occultamente. Mas o caso é que nenhum magistrado a prohibiu, ou incommodou o livreiro.

Reimprimiu-se clandestinamente, no mesmo anno, com addicções e com este novo titulo, destinado a enganar a policia:

Joannis Meursii Elegantiæ latini sermonis, seu Aloysia Sigæa Toletana.

Depois d'isto as edições secretas multiplicaram-se, tanto em França como no estrangeiro, e a justiça fingiu ignorar sempre a existencia d'esta vergonhosa composição, que os sabios passavam de mão em mão, occultamente, attribuindo-a a João Westrene, a Isaac Vossius e a outros.

Chorier morreu sem ter sido incommodado por causa d'aquelle livro obsceno, que elle teve o pesar de ver traduzido em francez pelo filho do seu livreiro, que publicou audazmente a traducção com este titulo:

Académie des dames, où les Entretiens galants d'Aloysia.

Nem o traductor foi jámais perseguido na sua profissão de advogado, depois de ter feito tão escandalosa publicação.

Todo o mundo, não obstante, conhecia o auctor, o editor e o traductor de tão obscena obra.

A pretendida Aloysia Sigæa de Toledo, fallecida em 1580, e o douto João Meursius, fallecido em 1639, eram innocentes da infamia posthuma que se havia publicado com o seu nome.

Assim como é incomprehensivel que a *Académie des Dames* não fosse perseguida e condemnada, ninguem deve admirar-se tambem de que a *Aloysia Sigœa* escapasse á vindicta dos tribunaes.

Porque?

Era cousa de ha muito tempo assente, que se devia permittir fosse o que fosse em latim.

Os poetas, os criticos e os commentadores latinos tinham o privilegio de tractar frente as obscenidades mais brutaes, e de as descobrir impunemente aos olhos do publico, comtanto que fosse em latim.

Seguiam a phrase de Boileau:

Le latin dans les mots brave l'honneteté.

E isto mesmo, que devia tornal-o mais culpado aos olhos da moral, fazia-o absolver das suas liberdades mais torpes.

Havia livros, taes como:

Os Commentarios de José Scaligero sobre Catullo;

Os Commentarios de Janus Douza sobre Petronio;

E uma multidão de obras eruditas, que não eram menos obscenas que os *Raggionamenti,* do Aretino, e a Aloysia, de Chorier.

Os moralistas menos indulgentes deixavam de condemnar as obscenidades escriptas em latim, attendendo a que, segundo elles diziam:

«Os que entendem o latim não são em tão grande numero como os que entendem o francez, e estão além d'isso mais preparados contra o maligno influxo das cousas torpes e asquerosas.»

A razão mais forte contra a impunidade dos latinistas obscenos era que as mulheres não tinham com que ruborisar-se das suas eruditas torpezas.

O respeito a que as mulheres tinham direito, na sociedade das pessoas honestas, servia ordinariamente de regra á liberdade da linguagem.

Bayle sustenta que esta liberdade devia ter mais extensão no livro que no discurso.

«Uma obscenidade dita em presença de mulheres honradas n'uma boa sociedade, embaraça-as em extremo.

«Não podem preservar-se contra aquelle golpe.

«Não está na nossa mão ouvir ou não ouvir o que se diz em linguagem vulgar.

«O encontro casual de um homem nú, ou de um quadro impudico póde ainda ter remedio.

«Póde-se de repente fechar ou desviar os olhos.

«Mas não se póde do mesmo modo fechar a bocca a uma pessoa que falla.

«A vergonha que póde excitar uma ideia obscena, é muito mais forte, quando estamos rodeados de testemunhas que observam o nosso aspecto.

«A confusão e o embaraço em que se encontra uma mulher honesta, são em extremo incommodas.

«A natureza padece.

«Eleva-se tambem na alma um movimento de colera, por isso que não é costume fallar-se assim ás mulheres que se respeitam, e que têem reputação de honestidade, mas sim ás mulheres de má conducta e de má fama.»

De tudo isto se conclue que a conversação familiar, mesmo a que se trava com damas virtuosas, tinha ás vezes liberdades, que degeneravam em licença, e que certamente não incommodavam a consciencia de pessoa alguma.

Madame de Sévigné era o typo d'estas mulheres muito falladoras, que se deixavam ás vezes arrastar de bom grado aos prazeres prohibidos de uma conversação alegre e picante.

Seu primo Bussy-Rabutin dizia a este respeito no retrato satyrico da grande escriptora:

«Ella ouve e comprehende tudo quanto dizeis.

«Tudo adivinha, e ás vezes, vae muito mas longe do que queriamos dizer.

«O calor do dialogo arrebata-a, e n'este estado, acceita de bom grado tudo quanto se lhe diz, por mais livre que seja, com tanto que não se digam as cousas muito pelo claro.

«Responde até mesmo com usura, e gosta de fazer sobresahir a reposta á pergunta.»

Esta liberdade de conversação, que Madame de Sévigné e algumas outras mulheres de talento, tão virtuosas ou tão recatadas como ella, levavam algumas vezes até á licença, não existia ordinariamente senão na intimidade das pessoas que lhe eram dedicadas.

Apesar d'isso, La Bruyère observa, surprehendido, na primeira edição dos seus *Caractères*, 1688, que o gosto e a moda das conversações livres havia penetrado na alta sociedade, e não hesita em condemnar esta intemperança de linguagem, como contraria á honestidade.

«Dizem-se por graça, e na liberdade da conversação cousas indifferentes, que tomam realmente esse caracter, e que só se julgam boas, porque são reconhecidamente más.

«Este baixo e soez costume de gracejar passou do povo, a quem exclusivamente pertencia, para uma certa parte da mocidade da côrte, que se deixou contaminar d'esta indecencia.

«O que vale é haver n'este costume demasiada insipidez e excessiva grosseria, para receiar que se propague demasiadamente, e que faça largos progressos no meu paiz, que é o centro do bom gosto e da urbanidade.

«Deve-se, no emtanto, inspirar o desprezo d'estes costumes aos que os têem.»

La Bruyère, o mais casto dos moralistas, absteve-se de manifestar com maior clareza o excesso de desvergonha e de impudor a que os homens e até as mulheres mais honestas se entregavam em certas conversações intimas.

Não era pelo emprego de palavras obscenas, chamadas *mots de gueule,* que estas conversações offendiam o pudor.

Pelo contrario, procuravam-se sempre rodeios e periphrases tão honestas quanto possivel, para exprimir ideias infames.

Bastava que as expressões fossem, segundo elles diziam, *bem encobertas.*

Bayle faz a este respeito uma observação finissima e muito justa.

Diz elle:

«Muitas vezes, as mulheres galantes zangavam-se mais furiosamente que as mulheres honradas, contra os que lhes diziam indecencias.

«Consideravam-nas como um insulto e como uma affronta sangrenta.

«Não era o amor da castidade que as animava.

«O orgulho e o desejo da vingança é que excitavam a sua colera.

«Ás mulheres honradas, que se irritam por uma obscenidade grosseira, guia-as um amor proprio muito razoavel; porque a razão quer que ellas sejam sensiveis a uma injuria, que as ataca na posse do respeito que se deve ao seu sexo.

«A razão exige tambem que estas mulheres conservem uma boa reputação.

«E não a teriam, se soffressem com paciencia que se lhes fallasse exactamente do mesmo modo que se falla a mulheres de má vida!...»

CAPITULO XVIII

SUMMARIO

Estado da linguagem obscena no seculo XVII.— Corneille de Blessebois e as suas obras satyricas.— *La Comédie galante, de M. D. B.*— Projecto de uma lingua polida.— Palavras escandalosas.— As canções licenciosas.— O Saboyano do Pont-Neuf.— Perseguições contra os impressores e vendedores de maus livros.—As livrarias clandestinas de Rouen.— As caixas de rapé pintadas.— O gabinete secreto do pintor Du-Moustier. — O do duque de Roannes —As *Horas,* de Bussy-Rabutin.— As gravuras indecentes.—O gravador Chauveau.— Porque se publicavam sem gravuras os livros lubricos.— O *Moyen de parvenir* e a rainha da Suecia.— Sandras de Courtilz na Bastilha.— O poeta Le Petit, queimado na praça de la Grève.— O seu poema infame.— Os censores e os privilegios do rei.— O *Chapeau pointu de Merinde* e o padre Chevrier.—As traducções classicas do cura de Marolles.— Henrique Sauval e o seu tractado sobre os logares de prostituição.—Destino d'este tractado curioso.—As poesias galantes do conde d'Estelan.



LINGUAGEM obscena propriamente dita não havia mudado muito nos ultimos cento e cincoenta annos.

Augmentára apenas com palavras tiradas de todos os idiomas estrangeiros, que de certo modo depositavam as suas immundicies n'aquelle esterquilinio.

Havia, além d'isso, adquirido uma prodigiosa variedade de synonymos, de locuções e de phrases feitas, que só a ella pertenciam.

O *Diccionario comico,* de Felisberto José Leroux, não encerra nem metade das vergonhosas riquezas que o auctor havia recolhido n'um pequeno numero de escriptores dos seculos XVI e XVII.

Leroux nada fôra buscar, por exemplo, á *Académie des dames,* traducção do latim, de Chorier, redigida por um joven libertino, no mysterio de uma casa de prostituição.

Não chegou nem sequer a citar as obras em verso e em prosa do impudico e libertino escriptor, Corneille de Blessebois, que foi expulso d'Alençon, em consequencia de uma aventura escandalosa, e que foi á Hollanda fazer imprimir pelos Elzevires as suas indecencias rimadas.

Este Corneille de Blessebois parece ter sido o inventor das comedias picantes, cheias de lubricidade, que se representavam algumas vezes, occultamente, nas academias de libertinagem.

Marthe, le Hayer, ou *Mademoiselle de Sçay, le Bretten et Filon réduit à mettre cinq contre un,* são indubitavelmente as comedias mais antigas d'este genero, que foram impressas, senão escriptas e representadas.

Ainda que a nova edição Elzeviriana tem a data de 1676, póde julgar-se que estas obscenidades dramaticas são anteriores muitos annos á sua publicação.

Escasseia-nos a coragem para examinarmos aqui detidamente, sob o ponto de vista moral e litterario, as obras do cynico auctor, que se atrevia a dedical-as publicamente ao seu amigo Elzevir, capitão da armada.

Cobrir-nos-hiamos de rubor ao analysarmos a pretendida comedia do seu theatro, que talvez fosse representada nos *Musicos* de Amsterdam.

Limitar-nos-hemos a dizer que é a mais vergonhosa e ignobil das suas obras...

Filon réduit a mettre cinq contra un tracta exclusivamente da masturbação.

Crêmos sufficientes estas palavras para provarmos a influencia perniciosa que taes comedias deviam causar na lingua franceza, que se manchava d'este modo no vil e torpe calão dos lupanares.

Na sua *Historia comica de Francion*, Sorel lamenta-se consternado d'este envilecimento da linguagem, que repercutia, como um echo, mais ou menos duradouro, as phrases empregadas nas suas conversações pelos libertinos e prostitutas.

Em meio da collossal orgia, que occupa todo o setimo livro, Raymond, *que acabára o combate do vinho,* vae chalacear com as mulheres, «e ao abraçal-as, dizia-lhes phrases obscenas, que não posso expressar d'outro modo, senão usando de uma locução vulgar, quer dizer, dizia-lhes quanto lhe vinha á cabeça.

«Estas senhoras, que, segundo parecia, não tinham nem sequer vislumbres de pudor, não se escandalisavam d'aquelles descomedimentos de linguagem, porque sabiam de antemão que não sahiriam tão castas como tinham entrado.

«Francion mostrou-se mais delicado do que ellas:

—«Conde, disse elle a Raymond, tenho dó de si e de todos os que usam tão repugnantes palavras!»

—«Ora essa! replicou o conde. Pois é algum mal atrever-se a gente a fallar em cousas, que nunca se tem escrupulo de fazer? Parece-lhe acaso este assumpto tão sagrado, que não devamos fallar n'elle, quando e como nos parecer?...»

—«Não quero dizer isso, atalhou Francion, póde-se fallar de tudo sem escandalo, o que eu desejava é que fosse com palavras escolhidas e menos grosseiras do que essas que ahi tem empregado!»

«Parece que mesmo os homens de merecimento e circumspecção, quando se querem mostrar divertidos em assumptos eroticos, costumam fazer uso de termos parecidos com os que, a cada momento, sahem da bocca da gente mais baixa, dos moços de esquina, dos lacaios, e de todos os patifes d'esta classe, que não sabem nem querem dizer outra especie de palavras.

«Pela minha parte, sinto-me furioso quando vejo, ás vezes, que um poeta julga ter feito um bom soneto, por haver empregado n'elle uma palavra feia.

«A maioria dos collaboradores da *Nova recopilação de poesia franceza* fizeram assim.

«Além d'isso, fizeram imprimir canções indecentes, que os voluntarios do Louvre e os moços de taberna cantam; e fazem ler a toda a gente, versos infames, que nada recommenda, a não ser o nomearem a cada passo as partes e as acções naturaes.

«Ha muito quem diga:

— «Só por isso esses versos teem maior belleza, do que se fallassem de braços, de pés, de pernas, de comer, ou de outras cousas pelo mesmo teor.»

«Bem sabemos de ha muito que os espiritos acanhados e idiotas se acham dispostos á gargalhada, quando ouvem isto.

«Eu desejaria que homens da nossa classe fallassem de outra fórma, para se differençarem do vulgo, e que inventassem algumas palavras mais decentes para as cousas em que tanto gostam de fallar.»

Não nos parece que este estranho projecto de Francion se realisasse, nem que se inventasse uma lingua polida, destinada a exprimir honestamente as cousas e os actos mais deshonestos.

O que é certo, porem, é que mesmo nas reuniões menos viciosas, assim das pessoas nobres como das da classe media, a conversação tomava a miudo um caracter livre e entrava sem escrupulo nos assumptos menos decentes.

«Estou persuadido, dizia Bayle, que hoje, seja qual fôr o sexo a que se pertença, logo que se tenha vivido no mundo quatro ou cinco annos, conhecem-se perfeitamente de outiva uma infinidade de cousas obscenas.

«Isto é perfeitamente verdadeiro em todos os paizes onde os ciumes não são tyrannicos.

«Vive-se alli n'uma grande liberdade.

«As conversações alegres, as partidas de campo, os festins são uma especie de pão quotidiano.

«Ninguem pensa senão em divertir-se, em distrahir a imaginação. A presença da mulher é causa de que as obscenidades não entrem a rosto descoberto, mas nem por isso deixam de apparecer mascaradas.

«Apesar de todos os disfarces, isso não impede que se gravem na imaginação, como se tivessem sido ditas nos termos mais rudes.

«O receio de se tornarem ridiculas, como acontece ás recatadas e ás *Preciosas,* faz com que as mulheres não se atrevam a zangar-se com as expressões que se lhes dirigem.

«E' tudo uma simples questão de nome.

«Uma verdadeira disputa de palavras.

«A cousa significada passa, mas nem todas as palavras que a significam.»

A policia dos costumes em Paris até nas épochas da sua maior severidade, nunca se importou de impedir as palavras livres nem de vigiar pela decencia das conversações.

A mulher de um tal Bandoneré, n'um momento de exaltação colerica, pronunciou em publico palavras obscenas e escandalosas, em 1703, e foi detida pelo commissario, que intentou contra ella immediatamente um processo.

O intendente de policia, Voyer d'Argenson, queria castigar esta mulher, mandando-a para a Salpêtrière.

Mas o conde de Pontchartrain lembrou ao magistrado que esta medida era demasiado rigorosa.

E escreveu a este respeito o seguinte:

«Não se póde d'este modo deshonrar uma mulher, por causa de palavras que não produziram o menor damno.

«Convem mais que a intimideis:

«Que a façais entrar no caminho do dever.

«Mandae-m'a ámanhã para Paris, e eu fallarei com ella.»

Apesar d'isso, quando as palavras livres eram acompanhadas de blasphemias ou de impiedades, a auctoridade não se mostrava tão tolerante.

Em 1678, o rei mandou sahir de Paris o senhor de la Chapelle, que n'uma casa de jogo havia proferido juramentos e blasphemias escandalosas.

Além d'isso, para tornar os jogadores mais reservados nas suas imprecações contra a fortuna, o intendente de policia Defita foi obrigado a apresentar-se em pessoa nas espeluncas onde se jogava publicamente, para participar a todos os jogadores a causa d'aquelle desterro.

E o magistrado accrescentou:

—«Se estes escandalos continuarem, sua magestade está disposto a tratal-os muito mais severamente.»

Quanto ás canções licenciosas, nunca ninguem pensou em prohibil-as antes do seculo XVII.

Até ahi eram toleradas.

Onde o não eram completamente, pelo menos fazia-se a vista grossa, quando não chamavam muito a attenção da policia pelas suas personalidades satyricas.

Havia por exemplo no Pont-Neuf cantores ao ar livre, que reuniam em torno de si um circulo apinhado de espectadores, aos quaes divertiam, durante dias inteiros, com canções, gestos e truanices obscenas.

E nem as ordens do parlamento, nem as sentenças do Chatelet podiam fazer desapparecer este abuso.

Era a tradicção de Tabarin, sempre rediviva.

Tabarin fôra substituido pelo *Saboyano,* que cantava as canções de Guedron e de Boesset, antes de haver offerecido as suas ao publico.

Chamava-se Filipot, e tinha um filho, o qual cego como Homero, magro como um osso, e vermelho como um borrachão, que era, continuou no officio de seu pae, compondo tambem canções, que se imprimiram com este titulo:

Recueil nouveau des Chansons du Savoyard, par lui seul chantées à Paris.

Estas canções eram uma collecção de asquerosas indecencias.

O povo deleitava-se com ellas, e a policia não fazia caso.

Carlos Coypeau, senhor d'Assonnay, na sua viagem de Châlons a Lyon, travou conhecimento com o *Saboyano*, que o tractou como um collega.

—«Eu sou poeta e cantor famoso, disse-lhe o rapsodo do Pont-Neuf, mas um cantor dotado de um orgão tão potente e de uma voz tão brilhante e tão forte, que, se depois de ter bebido dois dedos de aguardente cantasse no caes dos Agostinhos, o rei ouvir-me-hia no seu palacio do Louvre!»

Assonnay quiz saber o nome d'este original.

—«Chamo-me Filipot, para o servir...»

—«Filipot?...»

—«Por outro nome, o Saboyanno!...»

—«Ah!»

—«Se o meu fidalgo alguma vez passar pelo Pont-Neuf, nas escadas da ponte encontrará o meu Parnaso.»

E o Saboyano accrescentou:

«O cavallo de bronze é o meu Pégaso;

«A Samaritana, a minha fonte Heliconia!»

O Saboyano, assim como d'Assonnay, fazia viajar as suas canções e a sua musica, todas as vezes que expunha a musa do Pont-Neuf ás iras da policia.

«Como havia nas canções do Saboyano uma candura grosseira, que não deixava de ter alguma graça, diz o redactor do *Mercurio galante,* a côrte e a cidade cantavam-nas.»

Madame de L'Heritier accusava por esse tempo a boa sociedade de haver degenerado da exquisita urbanidade, que reinára na côrte de Luiz XIV durante o favor de La Vallière e da Montespan.

Madame de L'Heritier, que nunca perdoou ás canções obscenas e á linguagem grosseira, consignou entre as suas queixas esta singular copla:

Comme l'on se retire loin
De la galanterie,
On suit en sa place avec soin
La polissonnerie.
On dit des bons mots plus grossiers,
Que les goujats des officiers ...
De Jean de Vert, de Jean de Vert.

No emtanto, apesar da voga das canções do Pont-Neuf, que corriam de bocca em bocca, o governo lembrou-se de pôr cobro á licença dos cancioneiros populares.

O conde de Pontchartrain escrevia a 17 de janeiro de 1703, a Filipeaux, intendende da Champagne o seguinte:

«Os cantadores de trovas do Pont-Neuf vozeiam e distribuem de certo tempo a esta parte por toda a cidade canções infames.

«Alguns d'elles foram apanhados.

«E soube-se por elles:

«Que estes atrevimentos e impertinencias se imprimiam clandestinamente em Senlis!

«A este respeito os agentes da policia têem sido de uma infelicidade extrema.

«Nada sabem, nada poderam saber até agora!

«Por isso el-rei me ordena que escreva a v. ex.ª, recommendando-lhe que adopte as medidas que julgar mais convenientes, para impedir que similhantes impressões se tornem a fazer em Senlis.

«Este encargo é, precisamente, o que torna mais preciosa e difficil a missão da policia.»

Esta carta prova que o intendente de policia e os outros funccionarios não eram muito inimigos das liberdades do *vaudeville*, «creado pelo *francez*, que nasceu *maligno*», como diz Boileau na sua *Arte poetica*.

Começaram as perseguições.

As victimas mais dignas de lastima foram, primeiramente os impressores.

Em segundo logar, os vendedores de canções obscenas.

Descobriu-se mais alguma cousa:

Que as impressões tanto se faziam em Senlis, como em Troyes.

E que as referidas canções tinham um consumo espantoso em Paris, onde se vendiam no principio de cada mez caixas inteiras d'esta preciosa mercadoria.

Procedeu-se a buscas minuciosas nos escriptorios das *messageries* e nas proprias carruagens.

O resultado foi o melhor possivel: aprehendeu-se grande porção de caixas e de pacotes.

Mas não havia senão canções da mesma fabrica.

A imprensa provinciana encarregava-se apenas de impressões de edições subrepticias.

E isto sómente, quando se tractava de as fazer ás escondidas sem privilegio e sem approvação.

Nas capitaes das differentes provincias, era onde se encontravam depositos dos livros prohibidos que se publicavam na Hollanda e entravam em França de contrabando.

A maior parte d'estas obras eram satyrico-politicas, ou folhetos de controversia religiosa, mas juntamente com esta especie de mercadoria vinham tambem muitas obras licenciosas, cuja venda se fazia sem a menor publicidade.

A principal imprensa clandestina teve sempre a sua séde em Rouen, e como a inspecção das livrarias d'esta cidade esteve sempre confiada ao cuidado do parlamento da Normandia, todas as queixas e accusações da policia de Paris só encontravam alli ou indifferença ou má vontade.

Em 1704, o conde de Pontchartrain escrevia a Sanson:

«Nada posso dizer a respeito do livro que mandou apprehender n'uma imprensa de Rouen, senão que n'esta cidade se está de ha muito habituado a fazer com toda a liberdade um vasto commercio de maus livros, e por mais cuidados e attenções que haja, tanto da sua parte, como da dos agentes de policia, ser-lhes-ha difficil, senão impossivel, castigar os livreiros incursos n'estas faltas.»

Tres annos antes, haviam sido recolhidos e inutilisados todos os exemplares de uma nova edição das *Damas galantes*, de Brantôme, que haviam sido encontrados nas livrarias de Rouen.

N'aquella épocha, a impressão de obras d'esta especie fazia-se n'aquella cidade com tanta liberdade, que tocava as raias do cynismo o procedimento dos livreiros, alentados tanto pelo exito como pela impunidade.

Chegou por fim, no reinado de Luiz XIV, uma épocha, em que os interesses moraes foram mais protegidos.

As pesquisas incessantes e bem dirigidas da policia deram finalmente resultados praticos, ainda que o rigor da justiça cahisse apenas sobre os livros.

No emtanto, estes livros sem gravuras ou pinturas obscenas, industria que se havia desenvolvido espantosamente, bem depressa perderam a extrema publicidade da sua circulação.

No mez de julho de 1692, o presidente do parlamento de Paris, Achilles d'Harlay, recebeu uma denuncia minuciosa e circumstanciada a respeito d'este infame commercio.

«Fabricam-se e vendem-se em segredo, dizia textualmente a denuncia, caixas de rapé com figuras indecentes, pintadas ou esculpidas, que não só offendem a moral publica e os bons costumes, mas até mesmo ridicularisam as pessoas, cujas caricaturas abundam em tão grotescos desenhos.»

Apenas o senhor d'Harlay recebeu esta communicação anonyma, começou sem largar mão do assumpto a dictar ordens sobre ordens, para que tamanho desacato não ficasse por mais tempo impune.

Não sabemos se n'esta occaião foi só o zelo pela sã moral e bons costumes que moveu o presidente, ou se lhe despertou a austeridade a ideia de que qualquer morosidade da sua parte lhe poderia muito bem acarretar a vingança dos altos personagens offendidos nas caricaturas.

Commetteu, portanto, sem a minima delonga o facto ao cuidado e zelo do intendente de policia, ordenando-lhe que procedesse a activas investigações, afim de descobrir e castigar os auctores de tão vergonhoso negocio.

O intendente era o senhor de la Reynie, homem pratico em astucias cortezãs, que, pelas suas relações com os grandes, sabia perfeitamente em que mão se encontravam as condemnadas caixas de tabaco.

Receiava o escandalo, receiava contrahir grandes inimisades, e por isso, ao ouvir o presidente do parlamento, mostrou uma grande repugnancia em emprehender as investigações por elle ordenadas.

Muitas d'aquellas caixas haviam sido aprehendidas por acaso, mas a policia limitou-se a aprehendel-as e a queimal-as, ameaçando e atemorisando tão sómente aquelles em cujo poder haviam sido encontradas.

O senhor de la Reynie respondeu, por isso, ao presidente:

—«Apesar de ter tomado algumas medidas geraes sobre o assumpto a que v. ex.ª se refere, confesso francamente que estou convencido de uma cousa: quanto mais se fizer para evitar a circulação d'esses objectos, mais augmentará a vontade de os possuir.»

O presidente, impellido sem duvida por elevados pensamentos, ou talvez por altas influencias, repetiu a ordem, exigindo o seu immediato cumprimento.

O intendente, vencidos os seus razoaveis escrupulos, não teve remedio senão obedecer ao seu superior, e ordenou em seguida novas visitas domiciliarias em casa dos operarios e commerciantes, onde haviam sido anteriormente encontradas.

Esta busca não produziu resultado algum.

Novamente se participou a la Reynie que se fosse a quatro pontos indicados, o mais minuciosamente possivel, não seriam infructiferas as suas investigações.

Mandou immediatamente o intendente de policia quatro agentes, escolhidos entre os mais habeis, com ordem expressa de deter todos os operarios, cuja attitude se tornasse suspeita.

No dia seguinte, la Reynie escrevia ao senhor de Harlay:

«Os agentes que hoje mesmo procederam a buscas minuciosas em casa dos operarios que fabricam as caixas de rapé pintadas, encontraram em dois dos locaes d'estas pesquizas muitas d'estas caixas, contendo pinturas indecentes, as quaes foram logo aprehendidas, embora parecesse á primeira vista que nada tinham que vêr com as que haviam dado logar a um escandalo recente.

«Esta manhã o agente Le Marier veio communicar-me que um pintor miniaturista se occupava n'este trabalho e que estava tractando de pintar a ultima anecdota, que escandalisou o publico, apresentando o retrato de todos os personagens, e tudo o mais que podia illustrar o assumpto.

«Tomei na devida consideração este aviso, e procedendo em harmonia com elle, consegui fazer prender o indigno pintor.»

Houve em todas as épochas muitos pintores de merito, que não se envergonharam de prostituir a sua nobre arte, pintando figuras obscenas, e até mesmo scenas pouco edificantes, quando não eram completamente indecentes.

N'aquelle tempo, assim como n'outros mais remotos, e assim como nos que se lhe succederam, estas obras especiaes, em que ás vezes a intenção suppre o merecimento, vendiam-se por mais elevados e convidativos preços do que os mais bellos quadros da historia e da religião.

Daniel du Moustier, pintor da casa real, durante o reinado de Henrique IV, foi um d'estes artistas impudicos mais notaveis, que deshonravam o pincel por amor do lucro, ou por inclinação á libertinagem.

Tallemant des Reaux, ao fallar d'este mesmo Du Moustier, diz que elle sabia de cór todas as canções libertinas, e accrescenta que tinha em casa um pequeno gabinete reservado, cheio de posições do Aretino, a que elle chamava *tablatures*.

Os editores não quizeram publicar a descripção d'este gabinete celebre, que a *Menagiana* nos faz conhecer mais minuciosamente:

«Havia, diz Menage, um gabinete curiosissimo de pinturas e desenhos, na maior parte obra da sua mão, mas eram figuras e posições indecentes, que deram pretexto ao cardeal Mazarin para se apoderar d'elle.»

Esta collecção de obscenidades foi destruida pelo duque de Mazarin, herdeiro do cardeal, implacavel e fanatico inimigo da indecencia plastica, chegando até a mutilar com um martello as bellas estatuas antigas que adornavam as galerias do palacio Mazarin.

De resto, houve n'aquelle tempo muitas collecções do mesmo genero, tanto em Paris, como na provincia.

Tallemant des Reaux, diz:

«Um homem de Châlons, muito desbocado nas suas palavras, tinha um

gabinete cheio de obscenidades, e á porta da rua tinha um phallo, servindo de aldraba.»

O mesmo auctor falla tambem do gabinete secreto do velho duque de Roanez, que morreu em 1642. O lubrico fidalgo mandou compôr a Gilberto Saulnier du Verdier, poeta sotadico d'aquelle tempo um mappa do reino de *Sperma,* onde havia o rio de *Gonorrha* e a cidade de *Phallopolis*.

Mais ainda: O duque mandou pintar todas as posições do Aretino, pondo nas figuras os rostos dos principaes fidalgos e damas da côrte, e tambem com grande malignidade os beatos e beatas do seu tempo nas posições mais lascivas.

O conde de Bussy-Rabutin fez uma proeza do mesmo genero.

Mandou compôr um livro de Horas, como elle proprio lhe chamava, no qual uma collecção de pinturas livres representava as pessoas mais dadas á galanteria na côrte, de um e outro sexo.

Estas famosas horas foram destruidas, quando Luiz XIV ameaçou com os raios da sua colera o auctor d'esta brincadeira licenciosa.

Bussy-Rabutin pretendeu fazer crêr que apenas havia colleccionado n'aquelle livro, «encadernado exactamente como os de devoção,» os retratos em miniatura de alguns fidalgos da côrte, cujas esposas eram suspeitas de uma certa propensão para o galanteio.

Boileau, por instigação do proprio Bussy, fallou do famoso livro das *Horas*, que o poeta ainda assim não quiz comparar ás celebres *Priapeias* do Aretino.

Eis o que elle dizia na sua satyra ás mulheres:

Moi! j'irois épouser une femme coquette!
J'irois, par ma constance aux affronts endurci,
Me mettre aurang des saints qu'a célébrés Bussy!

«Eu! Pois eu havia de ir casar com uma mulher *coquette*! Iria assim entrar, pela minha constancia endurecida á força de affrontas, no numero dos santos celebrados por Bussy!»

Um dia a senhora de Scuderi escrevia ao conde de Bussy:

«Não sei se sabe, meu amigo, que Despreaux falla de si n'uma das suas satyras.

«Ouvi dizer que o rei perguntára o que queria dizer aquella referencia ao seu nome, e que houve quem lhe respondesse de modo, que decerto o incommodaria, se soubesse o que a sua magestade disseram.»

Bussy apressou-se a responder á sua amiga:

«O logar onde Despreaux me citou na sua satyra prejudica-o mais a elle do que a mim.

«Elle disse:

... des saints qu'a célébré Bussy;

«Ora, evidentemente, o poeta fallava dos *coitadinhos*.

«A metaphora é ridicula.

«Quanto a mim, quer-me parecer que isto nem me fez bem, nem mal, e ao mesmo tempo que a resposta dada ao rei não póde prejudicar-me.

«De resto, Despreaux é um moço de talento e de merito, que eu estimo muito affectuosamente.»

A senhora de Scuderi, que via as cousas de mais perto e que temia o horrivel resentimento contra o inventor do famoso livro de Horas aphrodisiacas, replicou:

«Despreaux fez muito mal. Não posso conformar-me com a ideia de que um homem como o senhor, por mais que me diga em contrario, possa ser citado tão levianamente como o foi pelo poeta.

«O rei, segundo me dizem, perguntou o que queria dizer aquella historia dos *santos, que o senhor havia celebrado.*

«Houve então quem contasse a sua magestade a sua brincadeira um tanto impia . . .

«Ao que el-rei disse logo, bastante zangado:

—«Não acho graça nenhuma a isso!»

Effectivamente este facto prolongou a desgraça que a *Historia amorosa das Gallias* já havia acarretado ao seu imprudente auctor.

Os gabinetes de pinturas e de gravuras obscenas eram quasi sempre destruidos depois da morte das pessoas que os haviam formado.

Foi assim que desappareceram completamente as gravuras originaes de *Marc-Antoine,* representando as figuras do Aretino.

O cura de Marolles possuia ainda um exemplar d'estas estampas preciosas, quando vendeu o seu gabinete ao rei.

Crêmos que actualmente não se conhece um unico exemplar sobrevivente áquella destruição obstinada e successiva.

As copias feitas em França e na Italia, no seculo XVII, segundo os desenhos de Julio Romano, não se salvaram tambem.

A policia impedia cuidadosamente a distribuição de gravuras obscenas.

Quando se apoderava d'ellas, inutilisava-as completamente.

Algumas vezes, todavia, eram depositadas nos archivos da Bastilha, onde se encontraram muitas d'ellas em 1789, por occasião da tomada d'aquella famosa prisão.

Os desenhadores e gravadores, convictos de haverem trabalhado em obras d'esta natureza, eram encarcerados e condemnados a uma multa, e ás vezes expulsos de Paris.

Francisco Chaveau esteve a ponto de ser envolvido no processo a que deu logar a publicação da *L'École des Filles*, em 1672, por haver gravado a figura do frontespicio.

Helot levou-lhe o desenho do referido frontespicio, sem lhe dizer o uso que queria fazer d'elle.

Chaveau cahiu na imprudencia de o gravar.

Eis como Charpentier refere as consequencias d'esta imprudencia do gravador:

«O intendente de policia mandou prendel-o a casa, mas como elle não tivera conhecimento da *École des Filles*, não soffreu castigo algum.

«Assistiu unicamente á destruição da lamina por elle gravada, sendo-lhe formalmente prohibido tornal-a a gravar, ainda que algum impressor lh'o pedisse.

Geralmente fallando, os livros impudicos publicavam-se sem gravuras, a fim de não despertarem as suspeitas da policia.

Foi assim que se publicou o *Moyen de Parvenir*.

Este livro, reimpresso cinco ou seis vezes em Rouen, teria causado muito maior escandalo, se fosse acompanhado de gravuras.

Por outro lado, é muito provavel que as gravuras fizessem reflectir as pessoas que o liam despreoccupadamente e que nem sequer attendiam á sua horrivel licença.

O douto Saumaise era um dos leitores assiduos da alegre compilação de Beroaldo de Verville.

Menage diz a este respeito :

«Quando o senhor de Saumaise estava doente na côrte da Suecia, a rainha Christina, que para alli tinha convidado o illustre homem de sciencia, foi visital-o.

«Ao entrar no quarto do enfermo, encontrou-o deitado, e muito entretido a lêr um livro, que fechou precipitadamente apenas viu sua magestade.

«Curiosa como todas as mulheres, a rainha perguntou-lhe :

—«Que está lendo, meu amigo?»

«Elle confessou-lhe francamente que aquelle livro continha alguns contos bastante livres, mas que, como estava doente e precisava de distracção, gostava de os lêr.

— «Oh! disse a rainha. Deixe ver!»

— «Mas, real senhora! Eu não ouso!...»

— «Deixe-se d'isso! Quero vêl-os!...»

— «Uma vez que vossa magestade tem tanto empenho!...»

— «Olhe, diga-me quaes são os melhores!»

«O senhor de Saumaise assim o fez.

«A rainha leu primeiramente em voz baixa.

«E sorria a cada passo durante a leitura!...

«Depois, querendo prolongar o divertimento dirigindo a palavra á sua dama favorita, disse-lhe:

— «Queres vêr, Sparre?»

— «O quê, real senhora?»

— «Este bello livro de orações?»

— «Como se intitula?»

— «O *Moyen de parvenir*.»

— «É bonito?»

— «Verás como gostas d'elle!»

«Apenas a bella dama leu duas ou tres linhas, embaraçada pelas palavras obscenas, callou-se e cobriu-se de rubor.

«A rainha, que ria ás gargalhadas, ordenou-lhe que continuasse a leitura.

«Apesar do pudor, a pobre rapariga não teve remedio senão obedecer.

«E a rainha só deixou de rir, quando ella o leu de uma ponta á outra, e em voz alta, com grande gaudio tambem do velho e libidinoso erudito.»

O *Moyen de parvenir*, que fazia as delicias da rainha da Suecia, nunca foi illustrado com gravuras, como o foram no seculo XVIII as obras de Rabelais, os contos de Boccacio, os da rainha de Navarra e os de La Fontaine.

Não temos noticia de um unico livro publicado com gravuras obscenas em França no seculo XVII.

O que prova que o gosto dos amadores do genero lubrico ainda não se havia estendido n'aquelle tempo a esta especie de livros illustrados.

No tempo da regencia do duque d'Orleans, foi que a arte da gravura começou a empregar-se como adorno impudico dos livros obscenos.

Um dos primeiros d'esta especie é sem duvida uma edição da *Académie des dames*, que appareceu em 1710, trazendo esta designação do local onde fôra impressa:

Veneza: Em casa de Pedro, o Aretino.

Quando um auctor ou um livreiro immoraes queriam publicar uma obra obscena, que não se occupasse de politica, nem atacasse personagens poderosos, encontrava sempre um impressor disposto a prestar os seus prélos a uma publicação d'esta classe.

E porque?

Porque o impressor tinha a certeza absoluta de não ser incommodado pela policia nem castigado pela auctoridade.

Acabada a impressão, acabava toda a sua responsabilidade.

O proprio livreiro não corria outro perigo senão a perda dos exemplares.

Succedia tambem a miudo que alguns dos impressores anonymos, d'esses que trabalhavam em subterraneos, ou em reconditos celleiros e davam sempre como designação de imprensa a Hollanda, ou alguma cidade da Allemanha, ás suas edições clandestinas, apoderavam-se de obras ineditas, que corriam manuscriptas, e davam-nas á luz sem consentimento dos seus auctores.

O conde de Bussy-Rabutin foi uma das victimas d'esta inacreditavel insolencia.

A sua *Historia amorosa das Gallias* appareceu repentinamente impressa, segundo uma das numerosas copias que a infidelidade de um amigo, ou melhor de uma amiga, havia multiplicado na côrte de Luiz XIV.

Não se descobriu, ou melhor não se procurou nunca o impressor.

O auctor, porém, expiou com a prisão, com o desterro, e com uma desgraça de trinta annos, a audacia que tivera de escrever a historia secreta dos amores do rei com mademoiselle de la Vallière.

O famoso Gratien Saudraz des Courtilz, que compoz um grande numero de memorias anecdoticas e satyricas do mesmo genero, sobretudo as *Intrigas galantes da côrte de França*, teve a fortuna de sahir são e salvo de muitas emprezas arriscadas em que se havia mettido, publicando libellos politicos e novellas licenciosas.

Em 1699, estava preso na Bastilha, accusado de *compositor de manuscriptos*.

N'esta conjunctura, mandou entregar um memorial ao intendente de policia, sollicitando a sua liberdade.

O memorial chegou a ser lido pelo rei.

Em consequencia d'isto, o conde de Pontchartrain escreveu ao senhor de la Reynie:

«O rei ordena-me que o encarregue de ir vêr o prisioneiro.

«E sua magestade deseja ao mesmo tempo que lhe pergunte o que faria, se fosse posto em liberdade.

«Em que sitio se iria estabelecer;

«De que viviria;

«E, finalmente, que segurança poderia dar da sua conducta no futuro e da fidelidade que deve ao seu soberano.»

O resultado de tudo isto foi o prisioneiro ser posto em liberdade.

Saudraz des Courtilz apressou-se a partir para a Hollanda.

E alli, em plena segurança, continuou na sua antiga profissão de auctor de livros escandalosos, ao soldo dos livreiros editores da Haya e de Amsterdam.

Desgraçados dos escriptores, que deixavam transparecer o atheismo ou a irreligião nas suas obras licenciosas!

O clero não lhes perdoava.

A justiça era de uma severidade terrivel contra os impios e libertinos!

Era assim que se denominavam sempre os livres pensadores e os philosophos scepticos.

Mas estes percalços, bastante sérios e temiveis, jámais aconteciam aos auctores dos livros mais infames, comtanto que n'esses livros de nada mais se tractasse do que da corrupção dos costumes.

O triste fim de um poeta atheu e immoral inspirou a Boileau, o severo legislador do Parnaso, os seguintes versos, inintelligiveis para nós sem as notas dos commentadores da obra de Despreaux:

Cet enfant du plaisir veut naitre dans la joie.
Toutefois, n'allez pas, goguenard dangereux,
Faire Dieu le sujet d'un badinage affreux.
À la fin, tous ses jeux que l'athéisme éléve,
Conduisent tristement le plaisant à la Grève!

Cet enfant du plaisir é o *Vaudeville.*

Alguns annos antes da publicação da obra de Boileau, um mancebo de agradavel e gentil presença, de nome Petit, foi surprehendido a fazer imprimir canções impias e libertinas.

Instaurou-se-lhe immediatamente processo, e foi condemnado a morrer na forca e a ser em seguida queimado, apesar das poderosas influencias que se puzeram em campo para o salvar.

Claudio Petit era filho de um alfaiate de Paris.

Não tinha ainda vinte cinco annos, quando se estreiou na carreira das lettras com duas obras que o collocaram ao nivel dos escriptores mais conceituados.

Intitulavam-se estas obras:

L'heure du berger, demi-roman comique, em prosa e verso;

École de l'interêt, ou l'Université de l'amour.

Foram estes livros publicados e vendidos francamente nas livrarias das galerias do Palais.

Apesar d'isso, nunca estas duas obras lhe teriam dado o renome que o auctor obteve com o seu *Paris ridicule*, impresso clandestinamente, sem trazer o nome de Petit.

Paris ridicule era um quadro pittoresco e satyrico dos principaes edificios da capital, semeado a cada passo de epigrammas picantes, que não perdoavam aos costumes dos habitantes, e que chegavam mesmo a atacar todas as grandes corporações do Estado.

A publicação clandestina d'este atrevido poema não provocou, apesar d'isso, perseguições contra o auctor.

Mas, em todo o caso, muitos vendedores que o traziam occultamente, foram presos e encerrados na Bastilha.

Claudio Petit obtivera com este livro uma perigosa reputação, porque o seu poema feria muita gente.

Os comediantes do *Hotel de Bourgogne* não lhe perdoaram o terem sido por elle diffamados n'esta passagem, em que o poeta fallava do seu theatro:

Célèbre théatre, ou dix garces
D'intrigues, avec dix cocus,
Donnent autant de coups de culs,
Qu'elles répréséntent de farces!
Vieux jeu de paume deguisé,
Bordel public royalisé!...

Todas as coleras e rancores que o poeta havia excitado contra si não pediam senão um pequeno pretexto para o aniquillarem.

Petit havia-se lançado nos braços dos libertinos, como Saint-Amand, Linidres, Saint-Pavin, Des Barreaux e os seus acolytos.

Tinha bebido na fonte das suas impiedades.

Compunha, como elles, canções libertinas, que cantava nas suas reuniões bacchicas.

Ora, entre muitas outras, compoz uma canção infame, em que zombava dos mais santos mysterios do christianismo.

Esta canção, cujas coplas se multiplicaram rapidamente teve grande voga e foi denunciada á policia.

Um dia, durante a ausencia do poeta, o vento arrebatou os papeis espalhados sobre a sua mesa de trabalho, e fel-os cair na rua, onde foram apanhados por um sacerdote.

Eram os rascunhos das horriveis canções que circulavam manuscriptas.

E estes compromettedores rascunhos eram todos da mão do pobre Claudio Petit.

O poeta foi d'ahi a pouco preso, condemnado e executado!...

O desenlace d'este drama lugubre verificou-se no anno de 1666.

Ha tambem graves suspeitas de que a verdadeira causa da condemnação de Petit foi uma obra satyrica contra Colbert.

O ministro, que fez condemnar Fouquet a prisão perpetua, era bastante vingativo para castigar um poeta insolente, fazendo-o morrer na fogueira.

Apesar d'isto, o corpo de delicto de atheismo existe contra a memoria de Claudio Petit.

É um poema em que a mais atroz impiedade vae de mistura com os gracejos mais obscenos!

Intitula-se: *O Bordel celeste!*

O auctor de um livro obsceno tinha sempre o cuidado de o não submetter ao exame dos censores reaes, designando-o d'este modo á attenção da policia.

Houve, ainda assim, alguns escriptores bastante desaforados que pediram a approvação e o privilegio do rei para publicarem livros escandalosos.

Os censores nem sempre liam os manuscriptos que eram submettidos á sna approvação.

Por mais de uma vez commetteram a leviandade de auctorisar a impressão de obras indecentes, que foi preciso supprimir em seguida, apesar d'aquella permissão legal concedida ás cegas.

Tal foi o destino de um livrinho, intitulado:

Le Chapeau pointu de Merinde.

Este livrinho foi impresso em 1699, com todas as licenças exigidas pela lei.

Pouco depois, porém, foi tão cuidadosamente retirado da circulação, que hoje não existe um unico exemplar.

O conde de Portchartrain escreveu ao intendente de policia, Voyer d'Argenson, o que vae ler-se:

«O rei admirou-se sobre maneira de ter sido auctorisada por v. ex.ª a publicação de similhante livro.

«Effectivamente, se v. ex.ª possue algum exemplar, poderá ver em muitas passagens e particularmente nas paginas 12 e 25, onde ha maximas tão perigosas, como as que continha a *correcção* fraternal.

«Deseja sua magestade saber como foi que v. ex.ª se deixou surprehender, ao dar similhante licença, e a que pessoas confiou o exame da referida obra.»

O cura Chevrier, sacerdote que só é conhecido por uma outra obra do mesmo genero, intitulada — *Polissonnienne, ou Recueil de Turlupinades,* tentou defender o *Chapeau pointu de Merinde,* por elle approvado.

Deu-se ordem, porém, para que o livro fosse aprehendido, e o conde de Pontchartrain aconselhou o intendente de policia a que fosse mais circumspecto de futuro com as licenças que por ventura concedesse para a impressão de manuscriptos.

Quanto á publicação das obras latinas mais licenciosas, taes como as de Marcial, Petronio, Catullo, só havia o obstaculo das traducções.

Houve, no emtanto, quem as fizesse, e não eram, por certo, menos obscenas que os originaes.

O infatigavel traductor dos classicos latinos, Miguel de Marolles, cura de Villeloin, nunca teve que ver com a policia por causa das suas traducções, que fazia publicar á sua custa, e que distribuia com profusão, sem se preoccupar com as enormes obscenidades, que havia trasladado do latim ao francez, com a maior candura d'este mundo.

«Deu-me vontade de rir, escreve Adriano Baillet, no seu Prefacio sobre os poetas, o ler n'um livro de um critico moderno que o senhor de Marolles havia passado por Tibullo, Catullo, Propercio, Marcial, etc., sem se corromper ao traduzil-os, assim como o sol passa sobre o lodo e as sentinas, illuminando-as sem se corromper!...

«O senhor de Marolles não podia corromper-se, porque lhe succedia quasi sempre estar tão longe do sentido d'estes auctores obscenos, como o sol o está do lodo e das sentinas!

«Oxalá que todos os poetas que publicam obscenidades imitassem o bom do senhor de Marolles!

«Oxalá que elles, como este auctor, não entendessem o que escreviam, nem o fizessem entender aos leitores!

«Só este duplo *galimatias* poderia preservar do perigo tanto a uns como aos outros!»

Um auctor que não só não escrevia habitualmente obscenidades, mas até passava por um douto e grave archeologo, nem por isso deixou de adquirir, no tempo de Boileau, uma reputação burlesca de escriptor licencioso, apesar de nada haver publicado n'este genero.

Era Henrique Sauval, advogado do parlamento.

Ao escrever a *Historia archeologica e moral de Paris,* não esquecera o capitulo da Prostituição.

N'esse curiosissimo capitulo, conseguira o erudito auctor colligir os documentos mais singulares e authenticos sobre este escabroso assumpto.

Comprazera-se até, por assim dizer, em comparal-os, discutil-os e commental-os. E puzera n'esta parte da sua obra um estylo sobrecarregado de metaphoras e de epithetos redundantes.

Logo que concluiu este seu trabalho, a que deu o titulo de *Tractado dos Bordeis,* todos os seus amigos, todos os homens de lettras do seu tempo, foram convidados a dar a sua opinião a respeito da sua obra.

Para esse fim, Sauval prestou-se a fazer leituras publicas nas academias litterarias, em casa de Renaudot, de Menage e de Costar.

Sauval dava a estas leituras uma emphase solemne, que maior relevo causava ainda ás phrases empoladas e ás imagens extravagantes.

Boileau, o famoso legislador do Parnaso, que havia assistido a uma d'estas leituras, lembrava-se sempre de uma passagem, que era um completo modelo d'aquelle escabroso genero.

Dizia assim a famosa passagem:

«Essa gente impudica foi procurar asylo na rua de Brisemiche.

«D'alli, poude contemplar com segurança as tempestades que se desencadeavam continuamente na rua Chapou.»

Boileau ficou tão assombrado da fatuidade e impudor de Sauval, que não poude deixar de o citar, com uma ligeira variante do seu nome, na satyra VII:

Faut-il d'un sot parfait montrer l'original?
Ma plume au bout d'un vers d'abord trouve Sofal.

Sauval, cujo nome se escrevia então *Sauvalle,* não se contentava de ler ao primeiro que encontrava no seu caminho a sua *Historia das antiguidades de Paris,* mas chegava mesmo a emprestar de boa vontade o manuscripto aos litteratos, que não tinham podido assistir ás suas leituras.

Foi assim que o douto hebraizante Richard Simon, apesar de se haver consagrado completamente aos estudos e controversias religiosas, conheceu, não sómente o *Tractado dos Bordeis,* mas até todos os trabalhos de Sauval ácerca da *Historia e antiguidades de Paris.*

«Um dos seus amigos, escrevia Richard Simon a M. B. em 1698, veiu ver-me hontem da sua parte.

«O senhor disse-lhe por certo que eu tinha lido o manuscripto de M. Sauval sobre as *Antiguidades de Paris,* que me foi entregue pelo proprio auctor para que eu désse sobre elle a minha opinião.

«Eu não sabia o que fôra feito d'essa obra, na qual se encontra um grande numero de documentos curiosos, uma grande parte dos quaes não tinham visto ainda a luz da publicidade.

«Suppunha-a completamente perdida, e chegára até mesmo a crêr que se julgara prudente supprimil-a por certas razões, que á vista lhe communicarei.

«O seu amigo disse-me, porém, que ella estava em mãos de um homem habilissimo, Rousseau, auditor do Tribunal de Contas.

«Accrescentou que haviam sido postos de parte uns documentos que não me atrevo a nomear, e que constituem um *Tractado dos Bordeis,* antigamente existentes em Paris.

«A mim quiz-me parecer este *Tractado* tão infame e vergonhoso para a nação, que aconselhei o auctor a que fizesse d'elle um bom sacrificio a Vulcano.

«Julgo que elle seguiu o meu conselho, visto que esta obra não appareceu depois da sua morte com os outros documentos que encerrava a sua *Historia.*»

Henrique Sauval teria decerto publicado este Tractado, que elle não considerava *infame nem vergonhoso para a nação,* se por parte do governo tivesse encontrado mais protecção e sympathia para a grande obra que havia emprehenido.

Desde o anno de 1654, obteve um privilegio para a impressão da dita obra e foi comprehendido no numero dos escriptores que Chapelain indicou como dignos dos beneficios do rei.

Costar, na sua *Memoria ácerca dos homens de lettras celebres em França*, recommenda nos seguintes termos a *Historia de Paris e dos seus Bordeis*:

«Sauval é um escriptor de grande criterio e que soube dar perfeição aos trabalhos que emprehendeu ácerca das *Antiguidades de Paris*, nos quaes descobre mil curiosidades, que sem a sua constante actividade teriam permanecido occultas.

«O estylo é um pouco indeciso.

«Muitas vezes torna-o empolado, em logares onde caberia melhor a singeleza.

«Por isso vae muita distancia de Sauval a um perfeito escriptor, por mais que se diga e exaggere em todos os elogios que a seu respeito se tem escripto.»

A enorme vaidade de Sauval foi ferida ao vivo, quando não logrou obter mais que uma pensão de terceira classe.

Annunciou, em consequencia d'este desastre, que não publicaria o seu livro antes de haver alcançado mais digna recompensa.

E pedia uma pensão de mil escudos e o logar de archivista no Hotel de Ville.

Colbert, a quem o auctor offendera, recusando-se a prestar-lhe os seus serviços n'uma questão genealogica, recusou-lhe o logar e a pensão.

«Como Sauval era em extremo susceptivel, diz Richard Simon, não poude supportar estas contrariedades.»

Morreu em 1699 ou 1670, deixando nove volumes in-folio, que só appareceram 64 annos mais tarde, abreviados e mutilados.

O *Tractado sobre a Prostituição* havia sido completamente supprimido.

«Um homem menos susceptivel e menos interesseiro que M. Sauval, escrevia Richard Simon, em 1698, teria dado á luz esta obra que honrava o seu auctor.

«Seria, no emtanto, mister arrancar d'ella esse tal *Tractado dos Bordeis*, que merecia ser enterrado, para que nunca mais fallasse.»

Esse tractado não fôra, no emtanto, *sacrificado a Vulcano*.

Pelo menos, se o original não existia, conservavam-se copias nos gabinetes de alguns amadores.

Estas copias foram successivamente destruidas, e só se conhece uma, fechada a cem chaves na bibliotheca de um sabio academico.

A perda de tão preciosa obra seria penosa para a historia dos costumes e dos usos parisienses, porque se julga, ao ler diversos trechos das antiguidades de Paris, que Sauval se guiara pelos estatutos e archivos da corporação das prostitutas da capital.

Não pudémos apreciar pelos nossos olhos a importancia d'este manuscripto.

N'uma copia que deve ter sido destruida ha trinta annos e que procedia do *Tableau de Paris*, havia-se ajuntado ao tractado de Sauval um poema intitulado *A origem do bordel*.

Este poema obsceno, que os poetas contemporaneos de Sauval sabiam de cór, era do conde d'Estelan, filho do general de Saint-Luc, cura de Chartrice

em Champagne, depois arcebispo de Bordeus, morto em 1644, seis semanas depois de seu pae, a quem o venereo corroeu o organismo durante toda a vida.

Menage, no seu Anti-Baillet, incluiu o conde d'Estelan, no numero dos ecclesiasticos que escreveram *versos galantes*.

Os seus versos nunca se imprimiram.

Tallemant des Reaux diz que o conde d'Estelan mandou queimar antes de morrer «muitas obscenidades que havia escripto», taes como a *Origem do Bordel*, e outras...

«Eu, accrescenta elle, obtive uma copia de sua irmã, freira em Reims.

«Seu irmão tem tambem uma copia, que deu a Espeisses e a Chatelet, para possuir a sua satyra contra Laffemas.»

As pessoas mais honestas e recatadas não tinham o minimo escrupulo de guardar nas suas bibliothecas manuscriptos d'esta especie, que compunham o que ao tempo se chamava um *sottisier*.

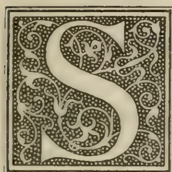
Só por morte dos seus proprietarios eram destruidas pelo fogo estas obscenas collecções.

Muitas vezes elles proprios, movidos pelo remorso, destruiam-nas, ou então entregavam-nas aos seus confessores nas proximidades da morte.

CAPITULO XIX

SUMMARIO

Vergonhosas depravações da côrte de Luiz XIII.—O principe Gastão d'Orleans e os seus familiares.—Obscenidades do duque de Bellegarde e do senhor de Rostaing, segundo o testemunho de Tallemant des Reaux.—Uma aventura de Luiz XIV no banho.—Disputa entre o cardeal Mazarin e Laporte, ajudante de camara do rei.— Casamento secreto de Anna d'Austria com o cardeal.—Horror de Luiz XIV para com o *vicio contra a natureza.*—Os grandes capitães no exercito.—Os viciosos da familia real.—O duque d'Orleans, o grande Delphim, o conde de Vermandois, o principe de Conti.—Deploraveis aberrações das damas da côrte.—A princeza de Monaco.—A segunda Delphina.— Ainda a rainha Christina da Suecia.—Associação de libertinagem.—A França *italianisada.*—A *Ordem dos Templarios.*—Horriveis escandalos nas tabernas.—Canção celebre.—Pesquizas policiaes para descobrir os corruptores da juventude.—O *Bando dos infames.*—As casas assignaladas.—Asquerosidades e torpezas nos pateos do Louvre.



omos obrigados a attribuir ao deploravel influxo dos costumes e dos gostos depravados de Luiz XIII a vergonhosa desmoralisação, que reinava na corte, e que manchára torpemente, digamol-o assim, a antiga e celebrada *galanteria franceza!...*

O horror e desprezo que Henrique IV sempre havia mostrado pelos costumes infames e tão diversos dos seus, não conseguira destruil-os, mas simplesmente refreial-os, obrigando-os cautellosamente a occultar-se.

Depois da morte do monarcha, reappareceram mais desaforadamente do que nunca.

E não tiveram, n'esta nova phase do seu impuro dominio, apenas por theatro a côrte, mas a sua influencia torpissima estendeu-se bem depressa a todas as classes da sociedade.

No reinado de Luiz XIII, a obscenidade campeava por toda a parte. Felizmente que este trasbordar de impureza não conseguiu envenenar o coração da França.

Esse bello e generoso paiz devia dentro em pouco purificar-se d'aquella epidemia estrangeira.

Devia caber a Luiz XIV a gloria de combatter com o seu exemplo, e com os seus honestos esforços um vicio abjecto, que o rei-sol desde a sua infancia de tal modo vira desenvolver-se em torno de si, chegando a causar espanto que elle proprio nunca se tivesse deixado contaminar por esse vicio.

Seu irmão Filippe d'Orleans não teve desgraçadamente a mesma força de vontade.

É impossivel deixar no escuro, n'uma obra dos elevados intuitos da nossa, uma das chagas mais horriveis da corrupção do seculo XVII, porque nos cabe o dever de declarar como ella encontrou por parte da administração publica uma energica e salutar opposição, que obrigou a diminuir os seus estragos e acabou por a supprimir pouco a pouco.

Veremos, por isso, que o seculo XVIII, tão ardente e arrebatado na sua libertinagem, não cahiu, como o seu predecessor, no lodo dos vis e infames processos, que aprendera a detestar.

Os horriveis escandalos da sodomia detiveram-se e cessaram quasi completamente, quando o sentimento da honestidade civil se poz de accordo com os principios da honestidade moral, e quando a opinião fulminou ruidosamente o que durante muito tempo havia desculpado ou tolerado, fingindo ignoral-o, ou não crêr na sua existencia.

Não era infelizmente entre pagens e lacaios que este execravel vicio fizera maiores progressos.

Onde elle mais se havia desenvolvido, onde elle dominava mais enraizado, era entre a mocidade nobre, e até mesmo entre os principes e grandes senhores da côrte.

Gastão de Orleans parecia ser o chefe da vergonhosa e torpe heresia, que os *mignons* de Henrique III haviam tido a audacia de professar á vista da França inteira.

O principe, imitando aquelle seu real antepassado, não tinha escrupulos alguns a este respeito.

E, graças á sua posição excepcional, podia entregar-se a esse vicio obsceno, mais seguro da impunidade, que outro qualquer.

De tal modo os costumes italianos haviam torpemente infeccionado os francezes!

O palacio do irmão do rei converteu-se no foco principal da mais inepta e criminosa das prostituições.

Já fallámos bastante de Bautru, de Bois-Robert e de alguns outros servidores e acolytos d'aquelle templo da impureza.

Gastão, ao escrever a Bautru, punha ao alto da carta esta carinhosa e torpe denominação:

Au petit b...

Bois-Robert era chamado o *Burgo-mestre de Sodoma*.

Francisco Brulart de Boulay, um dos officiaes favoritos do principe, honrava-se de ter recebido o titulo de *b... de campo do duque*.

Tallemant des Reaux, que colligiu um tão copioso numero de anecdotas, relativas á triste aberração, que temos o difficil encargo de registar ao fallarmos dos costumes do seculo XVII, conta algumas curiosas, que reproduziremos, por mais repugnantes que sejam, como a ultima pincelada d'esta asquerosa pintura

Tallemant diz, fallando a respeito do duque de Bellegarde:

«Parecia exactamente dotado dos mesmos caprichos de Henrique III, que de uma vez correu atraz de um velho postilhão sujo e feio!...»

Roger de Saint-Lary, duque de Bellegarde, monteiro mór de Henrique IV,

passava por ter sido amante de Gabriella d'Estrées, antes do rei e ao mesmo tempo que elle.

Outra das anecdotas contadas por Tallemant é ainda mais torpe.

«Vimos ha pouco, diz elle, em 1651, uma cousa ainda mais extranha.

«O senhor de Rostaing, na edade de oitenta annos, mandou chamar um pintor flamengo, chamado Justo Van Egmont, homem grave e que tinha mais de cincoenta annos.

«Depois de o ter elogiado pelo seu grande talento e reputação, pediulhe»... mas dêmos a palavra a Tallemant, no proprio original, para não termos de contar estas cousas em portuguez:

«*Il lui demanda la courtoisie, en lui disant que c'est le fin d'expédier comme cela des gens graves, et ajouta que dans ce temps là une grande barbe grise était un morceau de roi.*»

Custa devéras a comprehender a indifferença das damas relativamente a tão execravel defeito, que tendia unicamente a arrebatar-lhe os direitos inherentes ao seu sexo.

Mas, longe de se estimularem contra aquelle asqueroso vicio, eram as primeiras a cantar uma canção, composta contra os seus inimigos, que ellas, ainda assim, não odiavam demasiado.

Eis uma copla da referida canção, relativa ao duque de Vendome, bastardo de Henrique IV, o qual foi sempre, diz Tallemant, accusado do que então se dizia:

Un ragout d'Italie:

Monsieur de Vendome,
Monsieur de Vendome,
Va prendre Sodome,
Va prendre Sodome;
Les Chalais, les Courtanvaux,
Seront premiers à l'assaut.
Ne sont—ils pas vaillants hommes?
Chacun leur tourne le dos!

Não é para admirar que os homens completemente pervertidos, os infames devassos que rodeavam Luiz XIV antes da sua maioridade, tivessem tentado corrompel-o nos seus costumes, para o poderem dominar sem terem de recorrer á influencia de uma amante.

Tal foi sem duvida a origem da aversão profunda que o moço rei nutriu desde aquelle tempo contra os infames corruptores, que se atreveram a erguer contra elle mãos impudicas.

Pedro de Laporte, primeiro ajudante de camara do rei, não receiou accusar d'este incrivel attentado o proprio cardeal Mazarin, e a famosa aventura do banho, que elle conta nas suas *Memorias,* atravez de mysteriosas reticencias, foi a verdadeira causa da sua desgraça, porque o accusaram logo em seguida de ser o auctor do crime por elle imputado ao cardeal, e que elle depois quiz attribuir a muitos cumplices desconhecidos.

Limitemo-nos a transcrever para aqui, sem commentarios a singular passagem das *Memorias* de Laporte, em que os historiadores pretenderam descobrir a verdade.

«No dia de S. João do mesmo anno de 1652, conta o vingativo adversario do cardeal Mazarin, o rei jantou em companhia de sua eminencia.

«Estiveram juntos até ás 7 horas da noite.

«El-rei mandou-me dizer que desejava banhar-se.

«Preparado o banho, chegou triste...

«Conheci logo o motivo.

«Não era preciso que elle m'o revelasse.

«O caso era tão grave, que me collocou essa noite no maior embaraço que tenho tido na minha vida.

«Estive cinco dias sem saber se o havia ou não de dizer á rainha.

«Mas, considerando que era um caso de honra e de consciencia não prevenir com uma revelação feita a tempo a repetição talvez de attentados d'aquella especie, fui participar-lh'o.

«Primeiramente, sua magestade ficou satisfeita, e disse-me até que nunca eu lhe prestára um favor de tanta consideração.

«Mas, como eu, por não ter a certeza, não lhe nomeava o auctor do attentado, isto foi a causa da minha perda.»

Luiz XIV tinha perto de quinze annos, quando se deu o atroz attentado que Laporte quiz attribuir ao cardeal de Mazarin.

Voltaire, no seu *Seculo de Luiz XIV*, não está muito longe de justificar o cardeal, explicando de uma maneira bastante plausivel as circumstancias que tinham enganado o primeiro ajudante de camara do rei.

«Parece, diz elle, que Laporte foi demasiado escrupuloso ou então muito mau physico.

«Ignorava que ha temperamentos demasiado precoces.

«Devia sobretudo callar-se.

«Perdeu-se por ter fallado demais e por haver attribuido á libertinagem um accidente demasiado natural.»

Effectivamente Anna de Austria deixou passar quatro mezes, sem querer dar maior importancia á terrivel confidencia que Laporte lhe havia feito.

Depois, repentinamente, mandou-lhe a sua demissão do cargo de primeiro ajudante de camara e despediu-o bruscamente.

A primeira ideia de Laporte foi julgar-se ameaçado de um processo de lesa-magestade.

Tanto assim foi, que fez testamento no mesmo dia em que o demittiram do seu cargo.

O cardeal Mazarin não era, porem, cruel.

A sua vingança contra o indiscreto creado não foi mais longe.

Emquanto viveu o ministro, Laporte não pensou senão em fazer-se esquecer. Appareceu, no emtanto, á beira do leito do cardeal á hora da sua morte, para o obrigar em nome da sua salvação eterna a declarar o que havia succedido no dia de S. João do anno de 1652.

O cardeal morreu sem haver rehabilitado Laporte.

O velho servidor teve então o atrevimento de escrever á rainha mãe, recordando com circumstanciados pormenores a monstruosa aventura do banho.

«Já em tempo avisei vossa magestade, dizia elle na sua impertinente carta de Melun, em 1652, de que no dia de S. João o rei, depois de ter jantado em companhia do senhor cardeal, me ordenou que lhe preparasse um banho.

«Assim o fiz.

«El-rei, ao chegar, parecia mais triste e pesaroso que de ordinario.

«Ao despil-o, o attentado manual que acabava de commetter-se sobre a sua pessoa, era tão evidente, que Bontemps e Moreau o viram como eu.»

Laporte não se contentou com isto.

Nada omittiu que podesse contribuir para corroborar a sua extranha narração.

«Vissa magestade recordar-se-ha, se fôr do seu agrado, que eu lhe disse que el-rei parecia mais triste e pesaroso, signal evidente de que não havia consentido no que se havia passado, e de que não estava muito contente com o auctor do attentado.

«Eu não quiz accusar a ninguem, porque receiava enganar-me.

«Mas o que é certo é que, se eu não tivesse dado este aviso a vossa magestade, ainda hoje estaria ao serviço d'el-rei.»

O passo dado por Laporte não teve exito algum, apesar de ter evitado citar o nome do cardeal n'um assumpto em que já tinha sido accusador do ministro.

Mas Anna de Austria não se dignou corresponder áquella sollicitude e delicadeza do indiscreto e imprudente servidor.

Sua magestade continuou a dizer ás pessoas, que se aventuravam a interessar-se em favor do pobre desterrado, que aquelle infeliz se tornára culpado de uma falta consideravel.

Laporte, desesperado, dirigiu-se directamente a Luiz XIV.

Supplicou-lhe que intercedesse com a rainha para livrar do castigo uma victima innocente coberta de opprobrio.

«Vossa magestade, dizia elle, sabe que eu não commetti falta alguma.

«Não desejo outro juiz da sua propria conducta senão vossa magestade.»

Luiz XIV tinha n'essa épocha vinte seis annos.

Indignou-se da imprudente obstinação do desgraçado cortezão, e mandou-lhe dizer officiosamente que não o obrigasse a recordar-se do passado.

Laporte renunciou, portanto, a voltar ao favor real, mas escreveu as suas *Memorias*, a fim de justificar-se, accusando o cardeal ante a posteridade.

N'estas *Memorias*, que só foram publicadas muito tempo depois da sua morte, teve o cuidado de pôr em relevo tudo quanto podia incriminar os costumes de Mazarino, e por este meio tractou de provar o crime infame de que havia accusado o cardeal na sua carta a Anna de Austria.

Pretendeu que Madame de Hautefort disséra um dia á rainha-mãe:

—«Senhora, o cardeal é muito joven, e póde ser que o mundo ache que dizer da sua intimidade com a rainha.»

A rainha respondeu:

—«Elle não gosta das mulheres, e é de um paiz muito proprio para ter inclinações de outra natureza!»

Assim, Anna de Austria, no intuito de repellir uma suspeita da sua honestidade, não duvidára avançar uma hypothese singularmente deshonrosa para os costumes do cardeal, a quem amava, e com quem até mesmo chegou a casar, se havemos de dar credito á princeza Palatina, que falla muitas vezes nas suas cartas a respeito d'este matrimonio secreto.

«Não era sacerdote, diz ella, e nem tinha ordens que podessem impedil-o de contrahir matrimonio.

«Por fim enfastiou-se horrivelmente da pobre rainha, e chegou mesmo a tractal-a com aspereza.

«O que é sempre a consequencia d'esta especie de matrimonios.»

A princeza, cunhada de Luiz XIV, não teria citado um facto tão grave, baseando-se apenas nos ditos e boatos da côrte.

Dá mesmo como auctoridade no assumpto, a velha Beauvais, primeira camarista de Anna de Austria e Madame de Bregie, ou melhor de Bregis, que havia sido amante do cardeal.

«Relativamente ao casamento da rainha de França, diz elle n'outro logar, conhecem-se todas as suas circumstancias.

«O caminho secreto por onde o cardeal se dirigia todas as noites a sua casa, vê-se ainda hoje no Palais-Royal.»

Se Anna de Austria já era esposa de Mazarino, quando Laporte lhe revelou o attentado commettido na pessoa de seu filho, pódem bem calcular-se os dolorosos combates que se travaram no fundo da sua alma, e explica-se perfeitamente o implacavel resentimento que conservou toda a sua vida contra o homem imprudente ou mal intencionado, que havia perturbado o seu repouso e a sua ventura!

Todos os historiadores estão de accordo em affirmarem a virtuosa indignação que produziam em Luiz XIV os excessos libidinosos chamados á italiana.

El-rei manifestara por diversas occasiões o desejo de extirpar um vicio que detestava, e que estava arraigadissimo na mocidade da nobreza.

A princeza Palatina narrou n'uma das suas cartas á familia Brunswick particularidades muito extranhas ácerca dos motivos que determinaram o rei a não pôr em execução os seus severos projectos contra os delinquentes.

El-rei chegára a ter ideias de fazer applicar a antiga lei que castigava com a morte a sodomia.

Luiz XIV nunca tivera a menor inclinação para o vicio contra a natureza.

Se tivesse seguido os seus instinctos, teria castigado severamente este crime.

Mas Louvois, cujos amigos se davam ao vicio contra a natureza, disse ao rei para os salvar, que mais valia para serviço do monarcha que os seus vassallos fossem sodomitas de que dados á paixão das mulheres.

Porque, n'este caso, quando era necessario ir á guerra e entrar em campanha, não podiam separar-se das suas amantes.

Além d'isso, voltavam antes da campanha acabar, e quando ás vezes se queria dar uma batalha, não se encontravam officiaes.

Citava até muitos exemplos d'isso.

E accrescentava:

«Tendo outras inclinações era-lhes facil deixar as damas, e entrar em campanha, acompanhados dos seus *mignons*.

«E, por isto mesmo, não tinham pressa de voltar á capital.»

Foi assim que Louvois fez com que o rei fôsse indulgente, o que não desagradou ao seu confessor.

Effectivamente, se se quizesse castigar este vicio, deveria ter-se começado pelo collegio dos jesuitas.

Causa-nos pena ter de tomar a serio as monstruosas theorias que a princeza Palatina se empenhou em attribuir gratuitamente ao ministro da guerra, de quem não era muito amiga.

Apesar d'isso, temos de confessar que a maior parte dos generaes e officiaes de Luiz XIV justificavam bastante os pormenores immoraes que estamos citando.

O duque de Vendome, o primeiro capitão do seu tempo, vivia no exercito, immerso na mais profunda libertinagem com os seus familiares e favoritos, sem se envergonhar dos seus costumes asquerosos, e sem mesmo ter o pudor de os occultar.

O grande Condé, esse outro illustre capitão, teve que soffrer igualmente a perniciosa influencia do exemplo.

Tendo ido para o exercito, no tempo dos seus amores com mademoiselle d'Épernon, *tomou alli outras inclinações*, segundo conta a princeza Palatina.

Quando voltou, não podia soffrer as damas. E allegava em sua defeza, como para se justificar d'aquella infame depravação:

«Que tendo estado doente, o tinham sangrado de tal modo que havia perdido todas as suas forças e todo o seu amor.»

A sua amante não se deu por satisfeita com esta razões.

Pediu informações e descobriu n'um momento a verdadeira causa da inconstancia do seu amante.

A vergonha, o pesar e o despeito obrigaram-na a entrar no convento das Carmelitas.

O general Villars, que foi tambem um grande militar, contrahiu do mesmo modo habitos odiosos, que Louvois não se envergonhava de proteger sob o ponto de vista militar.

«O vicio contra a natureza, diz a princeza Palatina, foi a maior paixão do general Villars.

«O gentil principe d'Eisenach quiz um dia mandar-lhe dar uma grande sova, por causa de uma declaração lubrica que elle lhe fizera!»

Grandes e frequentes motivos de colera devia ter Luiz XIV, que não comprehendia estas aberrações dos sentidos e da alma, ao vêl-as sem cessar na sua propria familia, e ao sentir-se a cada momento ferido nos seus sentimentos pessoaes e nos seus nobres instinctos, pela brutal depravação de quantos o cer-

cavam! Seu irmão, o duque d'Orleans, cujas tristes desordens e excessos não eram um segredo para ninguem, difficilmente se sujeitava a occultal-os no interior da sua vida privada.

Apparentava ter uma amante, como os outros fidalgos da côrte.

Fingia mesmo estar apaixonado d'ella. . .

Mas a princeza Palatina diz malignamente o que vae lêr-se:

«Se sua mulher não tivesse tido outro amante senão elle, não teria perdido, como perdeu, a sua reputação.

«Nunca se passou entre elles cousa digna de censura.

«O principe nunca se resolveu a ficar só com ella!»

Saint-Simon, que não poude deixar de concordar com o gosto abominavel do principe, conta que Madame de Grancey havia durante muito tempo governado o *Palais-Royal* «por meio do esteril personagem da amante do duque, que tinha outros gostos, os quaes, ainda assim, conseguiu disfarçar durante muito tempo sob certas apparencias.»

A duqueza d'Orleans evitou nas suas cartas diffamar a memoria de seu marido, a quem amava sinceramente, apesar da vida execravel que a affastava do seu lado.

Mas deixou adivinhar tudo o que não disse, fallando dos seus despreziveis favoritos, e sobretudo do cavalheiro de Lorena, que exercia um imperio absoluto sobre o seu companheiro de libertinagem.

A senhora de Fermes ousou um dia dizer ao duque:

—«Vossa alteza não deshonra as damas, que fallam comsigo.»

—«Que quer isso dizer?» replicou elle.

—«Ellas é que se deshonram!»

O duque d'Orleans, sem nunca se enamorar, passava uma parte do dia em companhia de mulheres, e isto «para comprazer ao rei.»

Pediu por amor de Deus a sua mulher que não o amasse, «porque o seu amor lhe pesava demasiado.»

Só estimava e presava as pessoas que manifestavam carinho e respeito ao seu favorito, o cavalheiro de Lorena.

Tinha, além d'isso, no seu exterior, na sua maneira de andar, nos seus adornos e nas suas occupações a vergonhosa mania de se parecer com as mulheres. Luiz XIV procurára inutilmente corrigil-o d'este defeito inveterado, que o tornava a um tempo ridiculo e desprezivel.

Expulsára ignominiosamente o cavalheiro de Lorena.

Chegára mesmo a ameaçal-o com o desterro. Mais, ainda assim, nada conseguiu. O duque, na vespera da sua morte, era um peccador mais endurecido do que nunca.

O grande delphim, filho de Luiz XIV, foi tambem suspeito d'estas inclinações contra natureza.

Julgou-se que participava dos horriveis costumes de seu tio.

O principe defendeu-se, porém, tenazmente d'estas suspeitas, e de tal modo que não deixou propagar uma murmuração, que o teria exposto á colera do rei, seu pae.

A princeza Palatina assegura, porém, que esta murmuração corria pela côrte.

Eis o que ella diz a este respeito:

«Tendo um dia certo personagem da côrte ousado chalacear com o delphim a respeito da sua inclinação para os homens, o principe encolerisou-se desmedidamente, e disse:

—«Se ha por ahi algum atrevido impertinente, que se vanglorie de similhante infamia, digam-me quem é, e eu lhe provarei pelo meu tractamento que o desprézo e odeio a sua presença!...»

Um dos filhos naturaes de Luiz XIV e de Mademoiselle de la Vallière, o conde de Vermandois, na edade de quatorze annos havia sido corrompido pelo cavalheiro de Lorena, e por seu irmão, o conde de Marsan.

«Foram elles, diz a Palatina, que lhe ensinaram esta depravação.»

O rei desterrou da côrte aquelle desgraçado rapaz e fel-o partir para o exercito sem lhe haver perdoado.

Um dos sobrinhos de Luiz XIV, o principe de Conti, entregava-se com tanto excesso ao vicio contra a natureza, que morreu victima d'elle, em 1709.

A duqueza d'Orleans escrevia a respeito d'este joven principe aos seus parentes da Allemanha:

«Tomou em Fontainebleau cantharidas, que acabaram de o arruinar.»

Não é tudo ainda.

As damas da côrte, vendo-se desprezadas e esquecidas pelos homens, haviam formado entre si uma liga para passarem sem elles.

Houve por essa epocha numerosos e escandalosos exemplos d'essa nova depravação, que se havia propagado na côrte tão desaforadamente, que até as mulheres mais irreprehensiveis fallavam d'ella, como da cousa mais simples e natural.

A princeza Palatina escrevia tambem ácerca d'isto o que se segue:

«Que a senhora de Monaco gosta de mulheres, é cousa de todo o ponto verdadeira.

«A mim já ella quiz tornar-me sua amante, mas não o conseguiu, o que lhe causou tanta magua, que derramou amargo pranto.

«Depois d'isto, quiz que eu me enamorasse do cavalheiro de Vendome, obtendo o mesmo resultado.

«Dizia muitas vezes que não sabia como eu era formada, porque não me interessavam homens nem mulheres.

«E accrescentava que forçosamente o temperamento allemão era mais frio que os outros.»

A Palatina, que fallava com tanta ingenuidade de assumptos tão escabrosos, e que nem sequer manifestava o horror, que elles deviam causar-lhe, disse tambem que corria na côrte o boato da segunda delphina Adelaide de Saboya ser inclinada a mulheres.

E accrescentava que a senhora de Maintenon podia muito facilmente não ser alheia ás desordens, que durante tanto tempo havia praticado.

Era evidentemente uma atroz calumnia que a duqueza d'Orleans se comprazia em propagar contra a favorita de el-rei.

Mas, ainda assim, não fazia mais do que repetir a calumnia que havia sido espalhada na côrte, quando a rainha Christina da Suecia alli estivera em 1657.

Dizia-se que esta excentrica rainha se entregava a todo o genero de desordens, mesmo com as mulheres.

Apesar d'isso, não se conheciam as particularidades, que foram recolhidas pelos historiadores da rainha Christina.

A Palatina assegura:

«Que a rainha devia aos francezes aquella sua libertinagem, apesar das pessoas que a rodeavam em Stockolmo serem muito perigosas.

«O velho Bourdelot, sobretudo, pedagogo do grande Condé, havia-lhe ensinado os seus vicios.

«Assim, ella podia fallar de cousas, que só podiam ser conhecidas pelos mais desenfreados libertinos.

«Apoderou-se um dia á força de Madame de Bregie, que quasi não poude defender-se dos seus bruscos ataques.

«Chegou a acreditar-se que esta rainha era hermaphrodita.»

A corrupção havia feito taes progressos entre as mulheres da côrte, que havia associações femininas secretas do genero mais infame.

Essas mysteriosas associações nunca foram descobertas, e chegaram até a illudir as minuciosas pesquizas da astuta policia particular d'el-rei.

Os cortesãos, pela sua parte, especialmente os jovens, estabeleceram tambem associações da mesma especie.

Estes factos chegaram ao conhecimento de Luiz XIV.

E uma vez descobertos, não perdoou aos auctores de tão abominaveis reuniões, que se celebravam secretamente mesmo no castello de Versailles.

Um libello celebre, intitulado *A França italianisada,* e que foi accrescentado *á Historia amorosa das Gallias,* nas edições da Hollanda, que encerram outros libellos analogos, que por essa epocha se attribuiam ao conde de Bussy-Rabuteau, dava pormenores circumstanciados da fundação de uma *Ordem dos Templarios,* que não tinha outro fim senão a mais torpe libertinagem.

O duque de Grammont, o cavalheiro de Pilladet, o marquez de Biran, eram os grãos-mestres d'aquella ordem vergonhosa, que havia escripto nos seus espantosos estatutos que «os irmãos deviam de fazer voto de castidade relativamente ás mulheres, sob pena de serem expulsos da confraria, se quebrassem tão escandaloso voto.»

Quaes eram os motivos que os novos Templarios apresentavam para justificar a sua criminosa instituição?

São de uma tal impudencia, que devemos indical-os, transcrevendo paragraphos do citado folheto, o qual revela em cada pagina o estylo de Sandras des Courtilz:

«A facilidade de todas as damas havia tornado tão despreziveis os seus encantos para a juventude, que já ninguem na côrte olhava sequer para ellas.

«A libertinagem reinava alli mais do que em outro qualquer logar do mundo.

«Apesar de el-rei haver manifestado muitas vezes um horror inconcebi-

vel por essa especie de prazeres, era este o unico assumpto, em que sua magestade não podia ser obedecido.

«O vinho e outra cousa que não me atrevo a dizer estavam tanto em moda, que se consideravam como inuteis, os que desejavam passar mais alegremente o tempo, dando signaes de quererem viver segundo as determinações da natureza.

«Como era maior o numero dos que viviam na crápula, o seu exemplo prevertia os outros de tal fórma, que não podiam por muito tempo portar-se honradamente.»

Os impuros conciliabulos tinham ordinariamente logar nas tavernas de Paris.

Gastão d'Orleans ia tambem celebrar as suas espantosas orgias em Saint-Cloud, em companhia dos seus fieis Puylaurens, Chalais, Bautru e Bassompierre.

D'alli ia completamente ebrio, com a sua companhia tambem quasi no mesmo estado, celebrar em casa da Neveu as scenas escandalosas descriptas depois por Sandras des Courtilz.

Foi evidentemente em casa da Duryer que Gastão adquiriu um gosto tão pronunciado pelas tabernas e pela canção que retrata as suas delicias.

Matin compuzera esta canção para os bebados da praça Maubert e dos arrabaldes, e succedeu pela força das circumstancias e dos costumes d'aquelles tempos de crápula, que a referida canção agradou immensamente a um principe de sangue.

Gastão cantava-a dias inteiros:

Eil-a:

Que j'aime en tout temps la taverne!
Que librement je m'y gouverne!
Elle n'a rien d'égal à soi!
J'y vois tout ce que je demande,
Et les torchons y sont pour moi
De fine toile de Hollande.

Pendant que le chaud nous outrage,
On ne trouve point de bocage,
Agréable et frais comme elle est;
Et quand la froidure m'y mêne,
Un malheureux fagot m'y plait,
Plus que tout le bois de Vincennes.

J'y trouve à souhait toutes choses;
Les chardons m'y semblent des roses,
Et les tripes des ortolans;
On n'y combat jamais qu'au verre!...
Les cabarets et les brelans
Sont les paradis de la terre.

C'est Bacchus que nous devons suivre;
Le nectar dont il nous énivre
A quelque chose de divin,

Et quiconque a cette louange
D'être homme sans boire du vin,
S'il en buvait serait un ange!

Le vin me rit, je le caresse;
C'est lui qui bannit ma tristesse,
Et reveille tous mes esprits.
Nous nous aimons de même sorte;
Je le prends, après j'en suis pris;
Je le porte, et puis il m'emporte!

Quand j'ai mis quatre dessus pinte,
Je suis gai, l'oreille me tente,
Je récule au lieu d'avancer;
Avec le premier, je me frotte,
Et je fais, sans savoir danser,
De beaux entrechats dans la crotte.

Pour moi, jusquà ce que je meure
Je veux que le vin blanc demeure
Avec le clairet dans mon corps.
Pourvu que la paix les assemble,
Car je les jetterai de hors,
S'ils ne s'accordent bien ensemble!

Voltando á ordem obscena dos Templarios, diremos que os confrades usavam entre a camisa e o casaco uma cruz de prata dourada, que representava um homem calcando aos pés uma mulher, como pintam S. Miguel e o demonio.

A orgia começava e acabava por verdadeiras proezas de beberrões!

N'uma d'estas scenas, a confraria, depois de ter tratado á moda da Italia a cortezã que lhe pareceu mais bella entre as circumstantes, agarrou uma á força e estendeu-a brutalmente sobre a cama.

«Depois, tendo-lhe mettido uma vela de cera no sitio que a decencia não permitte nomear, accenderam-na implacavelmente sem se commoverem com os gritos d'aquella desgraçada, que se estorcia com a violencia da dòr.»

O filho de Colbert estava no numero dos auctores d'esse enorme e atroz attentado, assim como outros jovens senhores da mais alta nobreza.

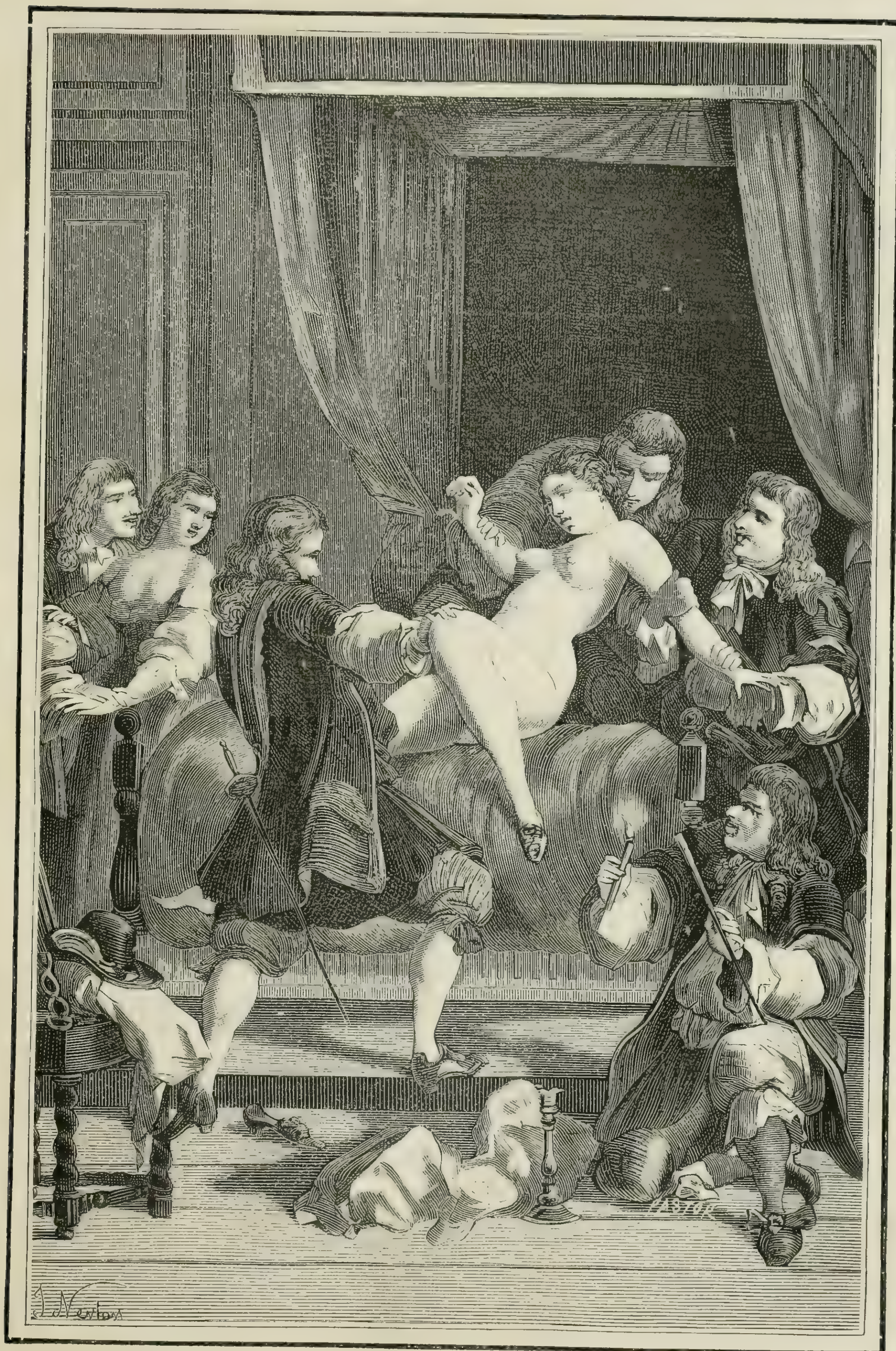
Luiz XIV, que odiava de morte estes escandalos, tomou medidas energicas para castigar os culpados, e principalmente para destruir a sua impudica sociedade.

«Assim acabou a associação, mas por maior que fosse a severidade e o poder do rei, foi-lhe impossivel arrancar do espirito da juventude a semente de libertinagem, que n'elle estava fortemente arraigada.»

Esta febre de infame immoralidade havia-se propagado, só por imitação, entre os lacaios e cocheiros da nobreza.

Luiz XIV ordenou que se castigassem com o maximo rigor os miseraveis, que se julgavam auctorisados e absolvidos pelo mau exemplo de seus amos.

No dia 24 de janeiro de 1706, o conde de Pont-Chartrain, escreveu ao chefe de policia o seguinte:



Uma proeza dos «Templarios»

«Informei sua magestade da sua participação a respeito dos lacaios sodomitas.

«Sua magestade julga desde já necessario encerrar na Bastilha os chamados Langlois, La Boie e Alexandre, afim de que possam ser interrogados o mais depressa possivel.

«Procure conhecer as suas intrigas abominaveis, as suas associações e todo esse mysterio de iniquidades, de que enviará, sem perda de tempo, uma extensa memoria, acompanhada da sua opinião sobre a deliberação que devo tomar, porque bem comprehende que esses infames não merecem a honra de permanecer encerrados na Bastilha.»

O chefe de policia, Voyer d'Argenson, não soube descobrir o meio de remediar promptamente o mal, porque o secretario de Estado chamou de novo a sua attenção sobre esse importante assumpto:

«Envio-lhe, tornou elle a escrever-lhe a 2 de agosto do mesmo anno, uma memoria, baseada em factos averiguados, a respeito dos corruptores da juventude, que existem em Paris.

«Nada é tão digno da attenção de um magistrado, como vossa excellencia, como descobrir esses homens abjectos para desconcertar e destruir o seu infame commercio.

«El-rei ajudal-o-ha com a sua auctoridade immediata, em tudo quanto julgar necessario.

«Queira pois tomar as suas medidas para se informar, como lhe compete, dos culpados.»

Como o chefe de policia não se desse grande pressa em resolver esta questão delicada, o conde de Pontchartrain pediu-lhe, ao cabo de seis semanas, uma memoria completa e circumstanciada a respeito dos corruptores da juventude.

«N'essa memoria, dizia-lhe elle, indicará v. ex.ª todos os factos que possa ter descoberto, com a sua opinião a respeito dos meios de dar remedio ao mal e castigar os culpados.»

Entretanto, el-rei ordenava que fosse encerrado por um anno no Hospital Geral um tal Dumoustier, que o arcebispo de Sens lhe havia indicado como um dos taes corruptores.

Este Dumoustier era um conego de Bray, que vinha a Paris incognito, e que se havia filiado n'um celebre *bando* ou *rancho de infames*.

De resto, o vicio odioso que campeava tão descaradamente na côrte tinha na capital mais de um retiro conhecido da policia, que fazia a vista grossa tanto como podia, sobre actos de estrepitoso escandalo, que não era facil sem grande perigo tornar publicos.

A 3 de setembro de 1692, o conde de Pontchartrain escreveu a la Reynie:

«Chegou ao conhecimento de sua magestade que se commettem crimes de sodomia e outras torpezas em casa do chamado Lafille, na rua de Arbre-sec, e na rua de Os, em casa do chamado Lamy, e que isto succede principalmente no inverno.

«Sua magestade ordena que se informe da conducta d'esses dois homens,

e mande vigiar attentamente, tanto agora como durante o inverno proximo, para averiguar se este aviso é exacto.»

Frequentes vezes eram presos certos infames, que mereciam ser perseguidos e condemnados criminalmente, mas contentavam-se de os encerrar no Hospital Geral, sem os deixarem communicar com pessoa alguma.

Tanto os julgavam capazes de corromper todos aquelles que frequentassem!...

Foi assim tratado o chamado Antonio Fenelle, por outro nome, Saint-Martin, oriundo de Bordeus, que havia sido surprehendido em flagrante.

Os passeios publicos de Paris, os arredores das Tulherias, os Campos Elyseos, etc., eram invadidos então ao anoitecer, por aquelles homens depravados, que alli iam procurar satisfazer as suas detestaveis e torpes paixões.

Os caes, as margens do rio, as pontes e as viellas escuras convertiam-se em theatros das mais asquerosas obscenidades, a despeito da vigilancia da policia.

Dir-se-hia que um vento de immoralidade soprava por essa épocha em Paris, corrompendo a população, e arrastando-a a todos os excessos da libertinagem.

Á noite, a cidade apresentava espectaculos verdadeiramente indecorosos. Os libertinos vagueavam pelas ruas em procura de entes abjectos que podessem satisfazer-lhes nas trevas as suas paixões immundas.

Ouviam-se então gritos lubricos, palavras cheias de torpezas, praticas obscenas. Paris convertera-se em Sodoma, e o fogo celeste, que outróra descera implacavel sobre a Pentapole, poupava a grande cidade criminosa, não menos culpada, não menos prevaricadora!

Debalde a auctoridade policial intervinha, debalde se escreviam extensos relatorios. A abjecção radicara-se por toda a parte, tanto nas classes elevadas como nas inferiores, e escolhia para theatro todos os logares!...

O Louvre, o palacio official da magestade ausente, que residia em Versailles, ou em outros palacios reaes, tambem não eram respeitado por aquelles infames libertinos.

Sorel, na sua novella *Francion,* dava-lhes um nome particular.

Chamava-lhes os *Voluntarios do Louvre.*

O conde de Pontchartrain escrevia de Fontainebleau, a 2 de novembro de 1871, o seguinte:

«Chegou ao conhecimento de sua magestade que os pateos de Louvre são o escandaloso theatro de usos infames, como só os podia crear a descarada prostituição e a asquerosa libertinagem.

«Sabe tambem sua magestade que o porteiro do seu palacio, faltando gravemente aos seus deveres, favorece de um modo criminoso estas desordens, deixando livre a entrada dos jardins e dos pateos.»

Em consequencia d'isto foram dadas ordens severas, sendo completamentamente prohibida a entrada.

D'ahi ávante o publico deixou de penetrar livremente na residencia real. Houve apenas uma excepção. A entrada principal do palacio ficou aberta.

Ainda assim, havia uma vigilancia rigorosa.

Só entravam por alli as pessoas que tinham absolutamente direito a essa honra.

Foi Luiz XIV quem directamente deu estas ordens ao porteiro do Louvre, a quem por essa vez não se dignou castigar.

No emtanto, ordenou-lhe terminantemente que fizesse toda a diligencia para que os que entrassem no palacio, munidos da ordem ou permissão respectiva, se portassem com o respeito devido ao logar.

O escandalo cessou por algum tempo.

N'outros logares, porém, desenvolvia-se extraordinariamente.

Referimo-nos a estabelecimentos publicos, cujo caracter particular analysaremos no capitulo seguinte.

CAPITULO XX

SUMMARIO

As tabernas e as casas de bebida.—Os nobres degenerados.— A senhora de Maintenon e a sua historia.— Uma manhã de Luiz XIV, depois do seu casamento secreto.—Resumo em verso da historia da Maintenon, viuva de Scarron e guindada á alta posição de rainha de França e de dominadora do rei-sol.—Veu transparente.—El-rei revela tacitamente a Monsieur o seu casamento.—O crucifixo e o sermão conjugal.—Madame de Caylus na côrte.—Desterro d'esta dama.—A sua sociedade.—A vida da côrte no tempo de Luiz XIV.—O beaterio do monarcha.—Casamento das damas de honor.—Os maridos philosophos.—A senhora de Laval.—A formosa canonisa.—Os dois partidos da côrte.—Os devotos e os libertinos.—Corbinelli.—Fanchon Moreau e Luiza Moreau.—Os escrupulos da actriz.— A senhora de Route.—A sua popularidade amorosa.— Abuso dos vestidos decotados.— Sermão do cura de Saint-Etienne du Mont ácerca d'este abuso.—Noticias do duque du Berry.—Caracter da duqueza.—Loth e sua filha.— Queixas ao avô.— Mercuriaes inuteis á duqueza du Berry.— Duello dos duques d'Orleans e du Berry.— Tractado de paz entre o duque e a duqueza. — Quarteto.— Scena escandalosa no jogo de Marly.— A missa de Fontainebleau.— A duqueza d'Orleans lava as suas mãos.



A PROSTITUIÇÃO que fugiu por algum tempo dos palacios e dos salões para voltar a elles mais furiosamente ainda depois da morte do rei, segundo veremos mais tarde, refugiou-se nas tabernas e nas casas de bebidas.

Já n'outro logar dissémos alguma cousa a respeito das orgias plebeias e immundas, que alli celebrava, de parceria com outros libertinos, Gastão d'Orleans, irmão do rei.

O monarcha promulgou ordens severissimas contra esses antros.

Promulgaram-se muitos edictos e ordenações, limitando certos abusos, e procurando corrigir certas desordens.

Em consequencia d'isto, pareceu que os costumes obtiveram alguma melhoria.

Prova-o a seguinte copla d'aquelle tempo:

Si un voisin avec sa familière
Se veut esbattre, aussi que de raison,
Il est contraint de boire en maison,
Et d'envoyer querir du vin ao pot,
Par ce moyen, en tout temps et saison,
Femme et enfant ont leur part à l'escot.

O parlamento satisfez as intenções do rei.

Inventou uma taberna portatil, que ia de porta em porta, vendendo vinho e comestiveis.

Chamava-se *triballe*, ou *trimballe*.

«Até então, diz Nodier, a proposito d'isto, o povo havia-se habituado a procurar as suas diversões nas tabernas, onde chegava a esquecer tudo, dominado pelo prazer.

«N'essa épocha, porém, as tabernas viram-se obrigadas a procurar o povo, sob expressa determinação de se demorarem pouco tempo em qualquer casa.

«Isto para não se dar pretexto a novas orgias.» Perguntaremos agora:

Quaes são os edictos incompletos de Luiz XIV, contando com este de que estamos fallando, que cortassem o mal pela raiz?

Nenhum.

As sabias medidas, que indicamos, foram executadas durante muito tempo?

Duvidamol-o.

E duvidamol-o sobre tudo, depois que passaram os primeiros mezes de extremo rigor.

Succedeu a isto o mesmo que succede a todos os edictos demasiado severos, ou demasiado indulgentes.

A principio o temor fal-os cumprir á risca.

Em seguida, descura-se o seu cumprimento.

E finalmente chega a esquecer-se de todo.

As tabernas voltaram, pois, a ser o centro da mais hedionda dissolução.

Esta dissolução chegava mesmo a manifestar-se nas taboletas ou rotulos, que adoptavam para se distinguirem umas das outras.

Não nos referimos á sua parte litteraria e orthographica.

A este respeito haveria muito que dizer.

Desprezando a justa indignação de um rei tão devoto como Luiz XIV, quasi todas as taboletas ostentavam profanações e obscenidades em geroglificos, e sacrilegios em *calembours*.

Boursault, que não se jactava por certo de ser nem muito devoto nem muito casto, sobretudo nas suas *Cartas*, não poude conter-se e mostrou-se um dia indignado contra aquelles escandalos de pinturas detestaveis!

«Não será, disse elle, para censurar esta ideia diabolica de fazer pintar n'uma taboleta um cisne *(cigne)* com uma cruz *(croix)*, *calembour* que pretendia dizer *Le signe de la croix*, o signal da cruz?

«Não deveria ser condemnado a uma grande multa um miseravel taberneiro, que pintou n'uma taboleta um veado e um monte, para um ridiculo trocadilho da palavra sermão? *(Cerf, Mont, sermon)*.

«Esta taboleta auctorisava os libertinos a dizerem todos os dias, ao dirigirem-se á taberna, que iam ao sermão!

«E outras pelo mesmo theor.»

N'essas tabernas, os bohemios da litteratura, conjunctamente com os nobres, era quem fazia as despezas.

Talvez haja quem extranhe vêr-nos dar esta designação modernissima ao

mundo litterario do seculo de Luiz XIV, mas em todo o caso poderiamos provar que não deixa de ser muito bem applicado.

Quando aquelles homens de aprumado aspecto, com as suas enormes cabelleiras, e as suas casacas bordadas a ouro, vacillando sobre os seus altos sapatos de amplas orelhas, podiam libertar-se do jugo fastidioso do bom tom e da maneiras ceremoniosas, só Deus sabe como se divertiam e gosavam, entre mulheres, vinho e canções bacchicas!

Porque, como já vimos, era na taberna que aquelles nobres degenerados, aquelles bellos cortezãos, fugidos de Versailles, iam divertir-se, longe da férula dourada do grande rei.

N'essa occasião assistia-se realmente a uma divertida metamorphose!

Todos aquelles elegantes, todos aquelles delicadissimos personagens atiravam para os moinhos as suas pesadas cabelleiras, e com a cabeça núa e fumando como marujos, entregavam-se aos extravagantes caprichos da sua imaginação desvairada!

O cortezão desapparecia.

Tirada a mascara, ficava apenas o homem dissoluto.

Fossem lá fallar-lhes então de Versailles ou do grande rei!

N'esse momento zombavam d'elle, da sua severidade, das suas ideias de devoção!

Improvisavam mesmo canções contra a sua rigidez de principios e contra a sua severidade!

Fallassem-lhes tambem de gregos e romanos!...

Não os conheciam!

Se alguma vez se dignavam recordar-se d'aquelles homens da antiguidade, era tão somente para os tomarem como typos das suas voluptuosidades mais requintadas!...

Anacreonte e Horacio eram dois poetas da antiguidade que mereciam sempre as honras da citação!...

Leitores ingenuos, que talvez tenhaes formado uma ideia grave e severa do seculo XVII, e d'aquella côrte magestosa, eternamente encerrada no real carcere de Versailles, observae bem o quadro que apresentam todos aquelles illustres fidalgos, ceiando no famoso estabelecimento, chamado *A Cruz de Lorena! A Cruz de Lorena* era uma das melhores tabernas de Paris.

A existencia d'este estabelecimento datava, pelo menos, do tempo da Liga, porque havia conservado como taboleta a *dupla cruz* dos principes de Lorena, a respeito da qual se haviam feito n'uma obra celebre os seguintes versos:

Savez-vous que signifie
Que les ligueurs ont double croix?
C'est qu'en la ligue on crucifie
Jesus Christ encore une fois!

Onde ficava esta famosa taberna?

Segundo Taschereau, na sua *Vida de Molière,* era junto do cemiterio de Saint-Jean.

Segundo Chapelle, não podia ser n'esse sitio. Porque?
Elle proprio o diz nos seguintes versos:

Pour la Planche, attendu l'absence
De tant d'ivrognes d'importance,
Il craignit fort pour le Marais,
Et jugeat qu'il fallait exprés
Y demeurer pour sa défense!

É impossivel depois d'isto que a *Cruz de Lorena* fosse perto do cemiterio de Saint-Jean, em pleno Marais.

Mas, quer a famosa taberna fosse do lado de cá, ou do lado de lá do Sena, o caso pouco importa.

Importante é apenas saber-se que era alli um enorme foco de corrupção.

Era um logar, como diz o mesmo Chapelle:

...Propre à se rompre le cou,
Tant la montée en est vilaine,
Surtout quand entre chien et loup,
On en sort chantant mirdontaine.

Chapelle, depois de dizer que havia alli *nove modernos Epulones*, accrescenta:

...Le comte de Lignon,
Homme à ne dire jamais non,
Quelque rouge bord qu'on lui porte;
Après lui, l'abbé du Broussin,
Eu chemise montrant son sein,
....
....
....
Et prenant soin d'un seau de glace
Qui refraichissait notre vin.

Calcule-se por estas citações a immunda torpeza d'aquelles fidalgos degenerados!

Não podemos resistir ao desejo de esboçar n'este logar, para apresentamos um frisante contraste com esta depravação dos cortezãos, o quadro de uma das manhãs do rei-sol.

A vida sedentaria que o monarcha passava havia alguns annos, as suas praticas de devoção e a firmeza inquebrantavel das suas affeições, são effectivamente o mais surprehendente contraste com todas as torpezas que até agora temos descripto.

Ás oito no inverno, ás sete no verão, o primeiro ajudante da camara real, que dormia nos aposentos do monarcha, despertava sua magestade.

Em seguida, entrava o primeiro medico, que friccionava hygienicamente o monarcha.

Dava-lhe, acabada esta operação, uma camisa, propria para auxiliar a transpiração real.

Immediatamente era chamado o grande camarista, ou na sua ausencia o primeiro gentil-homem *de anno*, tempo que durava o serviço d'estes cargos na casa real.

O personagem introduzido na regia camara, apoderava-se da caldeira de agua benta, descerrava as cortinas do leito e apresentava a el-rei a agua santificada.

Era aquelle o momento em que as pessoas que tinham o privilegio das audiencias especiaes podiam fallar a sua magestade.

Depois de terminadas as audiencias, o grande camarista ou o primeiro gentil-homem entregavam-lhe o livro de orações, e emquanto durava a leitura de sua magestade, todo o mundo passava para o gabinete do conselho.

Entravam novamente na regia camara.

O grande official vestia ao rei um roupão.

Depois d'isto, havia outras audiencias, denominadas particulares.

Terminadas que fossem, era introduzido o conselho de ministros, que ia ordinariamente encontrar sua magestade a calçar-se.

Os ministros assistiam tambem ao real penteado.

Terminado este, sua magestade punha uma cabelleira curta, que conservava na cabeça durante toda a manhã.

Apenas concluia a *toilette* real, o rei dirigia-se para junto do leito, onde fazia ainda novas orações.

N'esse momento todos clerigos que havia na camara ajoelhavam-se.

Só os leigos permaneciam em pé.

Acabadas as orações, Luiz XIV entrava no seu gabinete, onde era seguido por numerosos personagens.

Alli dava sua magestade as ordens para todo o dia.

Dispunha tudo quanto havia a fazer durante a noite, e os officiaes de serviço iam receber as suas determinações.

Os filhos naturaes d'el-rei permaneciam a seu lado, quando toda a turba de cortesãos desapparecia.

Além d'elles, ficavam tambem os governadores, e algumas auctoridades de alta importancia.

El-rei ouvia missa em seguida, depois da qual os musicos da real camara cantavam ordinariamente um trecho qualquer.

Emquanto sua magestade estava na missa, os secretarios de despacho, ou os ministros, reuniam-se na camara real.

Luiz XIV voltava alli novamente, e celebrava o seu conselho, onde se inteirava minuciosamenle de todos os assumptos, e assim acabava a sua manhã.

Não havia a menor alteração n'estes habitos do monarcha.

Eis o homem severo, que brilhava como um astro esplendido em toda a Europa. Eis o homem grave, a quem assustava a dissolução do seu povo.

Eis, finalmente, o homem rigido que tractou em vão de refreiar a prostituição espantosa, que contaminara os costumes dos seus subditos.

Mas Luiz XIV, apesar da sua severidade, gravidade e rigidez de principios, não deixava de ter manchas na sua reputação.

Não é para admirar isto; tem-nas o sol, e Luiz XIV gostava que lhe chamassem o rei-sol.

O seu casamento secreto com Madame de Maintenon, preocupava-o profundamente.

Madame de Maintenon, como todos sabem, era a viuva do pobre poeta Scarron, do qual já tivemos occasião de fallar n'esta historia.

Francisca d'Aubigné, tal era o nome da viuva do poeta, tinha cincoenta annos, quaudo o seu imperio sobre Luiz XIV, obrigou o monarcha a dar-lhe a mão de esposo.

E não imaginem que a viuva, por um privilegio especial, conservara n'aquella edade, como Ninon de Lenclos, os encantos da sua juventude!

Francisca tinha a physionomia tão pouco poupada pelo tempo, como quasi todas as mulheres da sua edade!

O casamento devia, ainda assim, conservar-se secreto, mas uma mulher tão habil como a viuva de Scarron, não tinha motivo para se deter em meio do seu caminho. Havia de chegar a ser rainha de França. Foi o padre la Chaise que lançou aos noivos a benção nupcial na capella de Versailles, em presença do arcebispo de Paris.

Bontemps, criado de quarto do rei, foi quem ajudou á missa.

Nos primeiros tempos da sua união, a nova esposa (nova emquanto ao enlace, velha, verdadeiramente velha emquanto á edade) tremia como varas verdes com a ideia de que as suas antigas aventuras amorosas chegassem aos ouvidos do rei, ou pelo menos que sua magestade tivesse a este respeito provas demasiado claras.

Havia muito quem estivesse ao facto dos segredos sobre que Francisca d'Aubigné queria lançar o veu do esquecimento. A *camara amarella* de Ninon tinha uma vidraça reveladora, onde mão indiscreta escrevera no tempo dos amores lesbios de Francisca d'Aubigné com a peccadora o quarteto mais erotico d'este mundo.

A musa brincalhona dos poetas eroticos não poupava tambem a famosa aventureira, desde que a vira guindada ao apogeu da sua nunca sonhada fortuna. Choviam coplas em Paris, e vozes ironicas não deixavam de as cantar por toda a parte.

Estas coplas eram terriveis para o amor proprio do real esposo.

Citeremos uma para amostra:

On est ravi que le roi notre sire
Aime la d'Aubigné;
Moi, Villarceaux, je m'en crève de rire,
Hi! hi! hi! hi! hi! hé!
Puis je dirai, sans être des plus lestes,
Tu n'as que mes restes,
Toi,
Tu n'as que mes restes!

Phœbus d'Albret, Villars, e todos os outros amantes da viuva de Scarron tiveram tambem a sua vez. Cada qual teve tambem a sua copla especial imitada da primeira, e cujo estribilho era sempre:

Tu n'as que nos restes,
Toi,
Tu n'as que nos restes!

Madame de Maintenon fazia um uso bem singular do augmento de poder que lhe dava o seu casamento com Luiz XIV. O jesuita confessor dictava então as suas vontades á mulher cuja fortuna havia augmentado, e que subira, graças aos seus manejos, áquella elevada posição. Com o auxilio de Francisca, o confessor acabou de dominar o espirito do monarcha. Uma vez seguros ambos da sua influencia, fizeram comprehender ao real penitente, que a sua vida amorosa tinha necessidade de ser resgatada pela penitencia aos olhos do Senhor.

Luiz XIV, cheio de terror, não sonhava senão com fornalhas ardentes, onde Belzebuth, com a sua forquilha tradiccional se preparava para o assar. Foi, portanto, facil leval-o a adoptar o meio que o padre La Chaise lhe apresentava como o mais efficaz para operar a sua salvação. Nada era mais simples. Tractava-se de matar a religião protestante, e de apagar todos os vestigios d'ella no reino.

Encantado de poder ir direito para o ceu, depois de uma vida que podia muito bem fazer-lhe crêr na possibilidade de encontrar muitos obstaculos no seu caminho, el-rei apressa-se a revogar o edicto de Nantes, e a França foi como se lhe largassem um immenso rastilho de fogo. Os huguenotes recusam converter-se. Luiz XIV manda dragões para as provincias afim de cathequizar a golpes de sabre, e os dragões saquearam-lhes os bens, incendiaram-lhes as casas, violaram-lhes as mulheres e as filhas!...

Madame de Maintenon e o seu jesuita pretendiam que se os apostolos tivessem praticado do mesmo modo, o christianismo não levaria tanto tempo a estabelecer-se. Infelizmente para esta theoria dos dois associados, o resultado não justificou estas doces e evangelicas medidas!

Em vez de abandonarem a religião de seus paes, para adoptarem uma que lhes era prégada com o gladio e o archote na mão, os huguenotes sahiram de França, e com elles emigraram o commercio e a industria, de que eram o unico sustentaculo.

Esta persistencia da heresia em não se curvar sob o jugo da fé excitou cada vez mais o zelo dos santos apostolos de Versailles.

As *dragonnadas* redobraram de furor. Durante quinze annos terriveis, o paiz foi testemunha d'estes horrores e o clero approvou-os, com excepção de dois dos seus membros, que merecem tantos elogios, quanto os outros merecem de censuras.

Foram o bispo de Orleans e o abbade de Fénelon.

O primeiro alojou durante seis semanas no seu bispado os soldados enviados pela côrte, e prohibiu-lhes que atormentassem qualquer familia da sua dioceze.

Quanto a Fénelon, escolhido para dirigir os missionarios do Poitou e da Saintonge, recusou como o bispo d'Orleans, o auxilio da força e converteu mais hereticos pela sua doçura e pela sua eloquencia, que os outros padres com o auxilio dos dragões e dos carrascos.

Emquanto se saqueava e massacrava nas provincias, sua magestade el-rei Luiz XIV occupava-se em Versailles de cousas muito mais graves.

El-rei occupava-se de mudar o penteado das damas. Esta reforma afigurava-se-lhe pelo menos tão importante como a reforma religiosa.

Mas, pobre rei-sol! N'esta campanha é que elle precisava bem dos seus dragões, e a pretinacia das damas levava de vencida a dos herejes!

O grande rei prégava todos os dias contra os *fontanges*, mas prégava no deserto. Por espirito de contradicção, sem duvida, cada vez se mostravam as damas mais aferradas áquelle absurdo penteado, um edificio de arames e de fitas, de cabellos, de gaze, e de toda a especie de quinquilherias, cuja altura se elevava pelo menos a dois pés!...

Quando se encontrava uma dama, o rosto via-se-lhe ao meio do corpo.

Toda a eloquencia de sua magestade, as suas palavras persuasivas, as suas zombarias e a sua colera deram em resultado augmentar algumas pollegadas á altura dos *fontanges* e fazer accrescentar dois ornatos de gaze negro applicados ás orelhas, mais altos ainda que o resto, e que tomaram o nome de *cornes*. Madame de Maintenon foi a primeira a *s'encorner,* a usar esta estravagancia, prova de que em França a moda é tyrannica e faz esquecer a submissão conjugal ás mais virtuosas esposas. Este immenso edificio tremia a cada gesto e ameaçava ruina a cada passo.

Luiz XIV cessou de criticar, com receio de ver elevar os *fontanges* á altura das pyramides do Egypto!

Voltando a Madame de Maintenon:

A aventureira conseguira reunir em volta de si maiores respeitos e homenagens do que a pobre rainha defunta Maria Thereza, que passava tão tristemente a vida no isolamento do palacio. A Maintenon tinha guardas, archeiros, pagens. Uma côrte tão numerosa e tão imponente como a do rei affluia ás suas ante-camaras. Ella tomava o seu papel muito a serio, e dava-se uns ares de magestade realmente espaventosos.

Ouçamos Ninon de Lenclos, nas suas *Confessions*:

«Apesar d'isto, devo confessar que Francisca teve o bom gosto de se despir para commigo de todas as suas habituaes ceremonias, para se mostrar exactamente como era d'antes.

«Despediu as suas damas e conduziu-me ao mais singular *boudoir* do mundo, onde gravuras quasi licenciosas estavam de mistura com assumptos religiosos, onde um soberbo Christo de marfim, de grandeza quasi natural, fazia companhia aos deuses do Olympo. Era difficil reunir de um modo mais estravagante e menos edificante o sagrado e o profano, o pagão e o christão, o mysticismo e o amor!

«No trajecto que fizemos para chegar a este *boudoir*, Madame de Maintenon prodigalisou-me mil caricias.



M. de Mantenon *(Copia d'um retrato des «Femmes Célèbres»)*

«Eu achava-a uma excellente rapariga!

«Mas apenas chegámos ao sanctuario, o seu tom de familiaridade mudou, como que por encanto. Tomou um aspecto grave, uma voz sentenciosa, e eu perguntava a mim proprio a razão d'esta brusca metamorphose, quando me pareceu vêr agitar uma tapeçaria ao fundo do *boudoir*. Escutavam-nos. Estava alli alguem. Quem podia ser?

«Evidentemente sua magestade Luiz XIV era a unica pessoa que tinha o direito de assistir em segredo á nossa entrevista. O senhor da França escutava atraz do reposteiro, como costumam fazer os lacaios indiscretos!...

«Não sei bem porque, mas isto revoltou-me. Que me queriam? Que significava este mysterio? Se o grande rei considerava indigno de si apparecer na minha presença, como era que elle julgava a espionagem mais em harmonia com a sua dignidade real? Porque era tambem que a viuva de Scarron não me advertia? Em que podia a minha conversação interessar o senhor da França? Seria eu um animal curioso, do qual el-rei quizesse vêr os modos? Deu-me vontade de sahir no mesmo instante! Foi apenas a curiosidade que me conteve.

—«Estamos muito embaraçados», minha querida Ninon, começou a nobre esposa do monarcha.»

—«Porque motivo?» perguntei-lhe eu com uma certa aspereza.

—«Vae sabel-o.»

—«Notei que deixára de me tratar por *tu*.

—«Bem, disse-lhe eu. E poderei contribuir de algum modo para vos auxiliar, a teu marido e a ti?»

«E accentuei as palavras *teu* e *ti*.

—«Espero que sim», disse-me ella adivinhando a minha intenção, mas fazendo um violento esforço para dissimular a sua contrariedade.

—«Falla. Sou toda ouvidos.»

«Madame de Maintenon não teve tempo de me dizer o que queria. N'aquelle momento, ouviu-se um grande ruido á porta do *boudoir*. Evidentemente travava-se uma lucta entre uma pessoa que queria entrar e os guardas da aventureira. Ouviam-se pragas formidaveis, e chegaram-nos distinctamente aos ouvidos estas palavras:

—«Minha irmã! Ira de Deus! Heide vêl-a, raios e coriscos! Heide vêl-a!...»

—«D'Aubigné!» exclamou Madame de Maintenon, fazendo-se medonhamente pallida.

«E correndo para a porta, começou a gritar:

—«Que não entre! Que não entre!...»

«Era tarde. O beberrão acabava de transpôr o limiar do aposento, a despeito dos soldados e das suas hallabardas. Entrou cambaleando e repelliu violentamente Madame de Meintenon, que foi cahir sobre um *fauteuil*, fazendo um getso de desespero.

—«Com seiscentos diabos! Tu querias, mana e rainha, impedir este pobre diabo de te vir dar os bons dias!... Hein?! N'uma palavra, a tua vontade

era dar-me com a porta na cara! Com seiscentos diabos! Mas, eu apesar de tudo fico, e havemos de conversar!...»

—«Meu irmão, peço-lhe, meu irmão! Vá-se embora!...»

—«Silencio! desgraçado! disse-lhe eu tambem ao ouvido. O rei está alli talvez, e ouvirá tudo!»

«Não me ouviu decerto, porque continuou, saccudindo violentamente o braço de Francisca:

—«Não me esperavas, não é assim?! Estavas persuadida que eu, guardado á vista, preso, encarcerado, amordaçado pelos teus frades, nunca poderia vir aqui?!»

—«D'Aubigné, meu amigo!...»

—«Deixei Saint-Sulpice, percebes? E deixei-o para sempre!»

—«Pois sim, mas fiquemos por aqui, peço-lh'o!» disse ella, juntando as mãos com terror.

—«Ah! Ah! Ah! Queres que me calle! Nada, mana e rainha! Has-de ouvir, que para isso vim aqui!... Com que então não ha senão vir dizer-me com essa vozinha assucarada: «Asseguro-lhe, meu irmão, que estará perfeitamente em casa de M. Doyen! Passa-se alli uma bella vida! As suas despezas serão pagas todos os mezes, terá continuamente a bolsa bem fornecida e gosará toda a liberdade!» Foi isto ou não o que me disseste? Foram estas ou não as tuas palavras, mana e rainha? Responde, responde, com seiscentos diabos!»

«E o ebrio continuava a apertar o braço da pobre mulher!

«Em vão procurei desembaraçal-a d'aquelle furioso! Repellia-me tambem violentamente. Tinha gestos de uma brutalidade incrivel. Se eu ainda não tivesse suspeitado da presença do rei por de traz do reposteiro, Madame de Maintenon ter-m'a-hia revelado pelos olhares cheios de angustia, que dirigia para aquelle lado.

—«Mas, senhor, disse eu a d'Aubigné, a sua maneira de proceder é indigna! Nunca se viu um homem de educação portar-se d'este modo!»

—«Ora adeus! exclamou elle batendo o pé. Deixemo-nos de cantigas! A senhora ignora decerto que eu me deixei entaipar n'essa toca indecente, n'esse ninho de padres, a respeito do qual Santeuil me tinha dito antes de partir para Dijon: «Pobre rapaz, se para lá vaes, morrerás de aborrecimento!» E fui para lá, fiado nas promessas d'esta senhora! Ira de Deus! Acabo de passar oito dias de prisão... oito dias a psalmodiar e a cantar antiphonas! Era caso para morrer de aborrecimento, era! Bem dizia Santeuil! E afinal é o que elles querem, mas eu é que não estou resolvido!...»

—«Mas emfim, meu irmão, porque não quer converter-se?» murmurou Madame de Maintenon.

—«Converter-me! Eu?!... Com mil raios! Converter-me, eu, que gosto do jogo, das mulheres, de comer e beber bem, da pandega e das canções! Ha alguma cousa d'isto n'esse teu maldito convento? Metteram-me n'uma masmorra, quando quiz fugir, mas eu lá consegui escapar-me por uma fresta da abobada... E afinal de contas porque! Porque esta senhora se tornou beata, porque esqueceu o seu bom tempo antigo e os seus passatempos amorosos!...»

«Apressei-me a interrompel-o. Francisca estava quasi a desmaiar.

— «Isso afinal é uma indignidade da sua parte, e o senhor devia envergonhar-se! A conducta de sua irmã foi sempre irreprehensivel!»

— «Ah! Ah! Ah! Que comedia! gritou o ébrio, rindo como um perdido. E ninguem mais competente para abonar a conducta de minha irmã, que a senhora! Já se esqueceu da sua *camara amarella*? Pensa que Francisca passava lá o tempo a resar orações com Villarceaux?...»

— «Mas ...» balbuciei eu confundida e aterrada.

— «E depois eu não fallo comsigo! Calle-se! disse-me elle bruscamente. O que eu digo é apenas aos hypocritas e a estas virtudes da ultima hora. Heide dizer por toda a parte e bem alto que minha irmã teve dez, quinze, trinta amantes ... Sim, tanto peior para meu cunhado, que se deve dar a perros!... Ah! Ah Ah! Quem me déra vêl-o aqui, para lhe cantar aos ouvidos o que se canta por essas ruas:

Tu n'as que nos restes,
Toi,
Tu n'as que nos restes!...»

«Francisca soltou um grito de desespero, e perdeu os sentidos.

«Ao mesmo tempo a tapeçaria do fundo affastou-se violentamente, e Luiz XIV appareceu com os olhos incendidos em colera:

—«Olá, gritou elle, alguem! Os meus guardas! Que prendam este miseravel e o mandem apodrecer n'uma masmorra da Bastilha!...»

«Allucinada pelo terror, estendi os braços para o rei. Chamar outras testemunhas para esta scena parecia-me uma cousa monstruosa e impossivel.

—«Ah! murmurou d'Aubigné, é o cunhado! Estava alli! Com mil trovões! Francisca deveria ter-me avisado! Não se faz uma partida assim, sem prevenir uma pessoa! E' ridiculo!... Vamos, vamos, meu cunhado, tranquillise-se! Eu sou um pandego, um desaforado, mas tenho bom coração! Acabou-se! Não nos zanguemos, que diabo! Não nos zanguemos!...»

«Proferindo este extranho discurso com uma voz commovida e com as lagrimas nos olhos, d'Aubigné approximou-se do monarcha e pegou-lhe amigavelmente na mão.

«Luiz XIV repelliu-o com um gesto de indignação convulsa. O pobre diabo cahiu suffocado sobre uma poltrona, com os olhos desvairados, convulso, soltando gemidos inarticulados e murmurando palavras sem nexo. Julguei por um momento que ia ser accommettido de apoplexia.

—«Em nome de Deus, exclamei eu deitando-me de joelhos aos pés do rei, nada de escandalo!... Pela vossa propria dignidade, *sire*, perdoae a este insensato!...»

—«*Meâ culpâ!* dizia elle. A bebedeira passou, e confesso o meu peccado! Não fallemos mais na Bastilha, meu cunhado! Prometto-lhe ir pedir absolvição a Saint-Sulpice. Lavemos esta roupa suja em familia, e não chamemos ninguem!»

—«*Sire,* vossa magestade não ouve? Elle não está em seu juizo! Está embriagado!»

—«É verdade! disse o rei... mas que parta, que parta no mesmo instante!...»

«Madame de Maintenon, n'este meio tempo, readquirira o uso dos sentidos. Vendo Luiz XIV, cujas feições estavam horrivelmente decompostas, a pobre mulher juntou as mãos no auge do terror...

—«Sim, sim, dizia d'Aubigné, vou partir... Voltarei até para casa de Doyen... Dou-vos a minha palavra, palavra de soldado! Estaes contente, senhor? Diabos levem os imbecis que me metterem n'aquella aboboda do convento! Foram elles a causa de tudo isto! Antes de me evadir, bebi trez garrafas! Eis o motivo porque ainda agora dizia tantas tolices!... Cousas de bebado, meu senhor! Aconselho-vos que não façais caso d'isto, nem acrediteis uma palavra!...»

«E approximando-se de Francisca:

—«Vamos, consola-te, pobre pequena! Tu bem sabes que sou teu amigo. N'outros tempos trouxe-te ao collo, a servi-te de mãe. Fazei as pazes, meus filhos... Boa tarde!...»

«Enxugou duas lagrimas que lhe corriam pelas faces avinhadas, e sahiu.»

«O rei levantou-se bruscamente. Sem olhar para Madame de Maintenon, sem me dizer palavra, dirigiu-se para a tapeçaria, levantou-a e desappareceu tambem.

—«Tudo está perdido! Tudo está perdido!» exclamou Francisca desesperada...

—«Não, minha querida! Socega!»

—«O desgraçado! que cousas me disse! deves convir que é horrivel!...»

«Na sua perturbação, Madame de Maintenon voltava ao tratamento de outros tempos. Provavelmente el-rei não estava já a escutar.

—«Vamos, socega, continuei eu. Teu irmão foi o proprio a dizel-o, cousas de bebado! Isto não tem importancia, e o teu erro maior foi não teres sangue-frio. Vae ter com el-rei. Eu vou vêr se apanho d'Aubigné, e deixa estar que elle não se torna a metter n'outra!...»

«Separamo-nos. N'uma galeria visinha encontrei ainda o bebado, que estava arrancando os cabellos, e confessava diante de mais de cincoenta pessoas a enormidade que acabava de commetter.

«Arrebatei-o precipitadamente commigo. Era impossivel ter ao mesmo tempo mais coração que aquelle patife e ser mais desaforado nos seus actos, mais inconsequente nas suas palavras! Não me foi muito difficil convencel-o a voltar para Saint-Suplice. Estava resolvido a ir para o convento, e disse-me:

—«Sim, bem sei que morrerei de aborrecimento, mas não importa, com mil raios! Antes o convento que a Bastilha!»

«Tudo se arranjou o melhor possivel com grande satisfacção de Francisca, e como ella estava bem longe de esperar depois de uma scena tão violenta. Largaram ás pernas de d'Aubigné um certo abbade Madot, que o seguia por

toda a parte, como a sua sombra, e que o impediu de renovar o escandalo de Versailles.»

Esta scena, as canções e as murmurações da côrte eram o pesadello de Luiz XIV.

Demais a mais, o seu casamento não era do agrado do Delphim.

Este principe não occultava a má vontade que tinha á aventureira e quando fallava d'ella, dizia sempre:

—«Minha burlesca madrasta!»

Esta aversão do herdeiro da corôa para com uma dama a quem o prendiam laços indissoluveis, affligia sobremaneira o monarcha.

Lançou mão de todos os meios imaginaveis para decidir seu filho a pelo menos apparentemente tractar Madame de Maintenon com algumas attenções.

Umas vezes Luiz XIV dava audiencia nos aposentos d'ella para alli conduzir seu filho.

Outras vezes celebrava alli conselho de ministros, aos quaes o principe era convidado a assistir.

Mas, apesar de tudo isto, Luiz XIV não via realisados os seus desejos.

Um dia soffreu um dissabor, que foi presenciado por toda a côrte.

Ao sair da missa, sua magestade encostou-se ao braço do Delphim, e conversando com elle sobre assumptos indifferentes, foi-o conduzindo amigavelmente até a porta do quarto de Madame de Maintenon, esperando que o principe não deixaria de entrar...

O Delphim, porém, deteve-se subitamente, deixou o braço de seu pae, e saudando-o com todo o respeito... retirou-se!

A nação via tambem com os mesmos olhos o casamento do rei com a viuva de Scarron.

Vamos transcrever uns versos, para prova d'esta asserção.

O poeta faz fallar madame de Maintenon, e quer-nos parecer que não foi infeliz n'este resumo da vida da famosa aventureira:

Eis o que ella diz:

Que l'Éternel est grand, que sa main est puissante!
Il a comblé de biens mes pénibles travaux.
Je nacquis demoiselle et je devins servante;
Je lavais la vaisselle, et souffris mille maux,
Je fis plus d'un amant, et ne fus point ingrate;
Je me livrai souvent à leurs premiers transports;
A la fin, j'épousai ce fameux cul-de-jatte,
Qui vivait de ses vers, comme moi de mon corps.
Un beau jour il mourut, et vieille devenue,
Mes amants sans pitié, me laissaient toute nue,
Lorsqu'un héros me crut encore propre aux plaisirs,
Il me parla d'amour, je fis la Madeleine;
Et lui montrai le diable au fort de ses désirs...
Il en eût peur, le lache! et je me trouve reine!...

Apesar d'estes versos e de milhares de outros tão malignos como estes,

Madame de Maintenon fez grandes esforços para tornar official o seu casamento com el-rei.

O padre La Chaise, porém, apesar da sua lealdade, recusou-se sempre a secundar com a sua influencia no animo d'el-rei este ambicioso projecto.

A consorte de Luiz XIV não obteve, pois, por então o titulo de magestade, a não ser da bocca dos seus criados mais intimos, que nunca se esqueciam de lhe dar este supremo tractamento.

Um dia Bontemps, ao entregar um livro á Pelisson da parte de Madame de Maintenon, disse-lhe:

—«Estou certo de que sua mages...»

E detendo-se um pouco, exclamou:

—«Estou certo de que Madame de Maintenon o leu!»

No emtanto, o mysterio da sua união com el-rei só estava coberto por um veu demasiado transparente, veu que ella ás vezes erguia bastante.

Um dia leram-lhe umas canções em que era profundamente ridicularisada.

Madame de Maintenon, depois de ouvir ler, exclamou:

—«Julgar-me-ha essa gente amante do rei? Não saberão, ou fingirão não querer saber tudo?»

Poucos dias depois, andando a passeio nos arredores do palacio com as suas damas de honor, uma creança ousou dizer-lhe:

—«Senhora, é certo que sois, como todos por ahi dizem, a esposa do rei, a rainha de França?»

Madame de Maintenon não respondeu uma palavra á creança. Sorriu-se e tapou-lhe a bocca com o seu leque. As damas sorriram tambem, e continuaram o seu caminho, encantadas com aquelle episodio.

De outra vez, um aldeão de Fontainebleau deu-lhe o tractamento de magestade diante de mais de cincoenta pessoas. Madame de Maintenon, longe de se offender, tractou amavelmente o camponez, e voltando-se para as pessoas que a rodeiavam, disse-lhes em voz alta, de modo que podesse ser ouvida por todos:

—«É singular, meus senhores! Parece que todos quantos me rodeiam se empenham á porfia em lisongear-me! Mas que fiz eu para tanto, não me dirão?!...»

Havia algum tempo que Madame de Maintenon desejava ardentemente introduzir na côrte, para a elevar a uma altura rasoavel, sua sobrinha Madame de Caylus.

Parece, no emtanto, que esta dama era um pouco leviana, e havia mesmo quem tivesse provas evidentes d'isto. Entre outras pessoas, citava-se o elegante senhor de La Fare, a quem todos attribuiam esta e varias outras conquistas.

A marqueza sua tia, reprehendia-a severamente, dizendo-lhe:

—«Verás como por culpa tua me vejo obrigada a abandonar a tua fortuna! Poderias fazer na côrte uma figura brilhantissima!... O meu desejo era desviar para ti o fumo do incenso que me fatiga!...»

E accrescentava, abaixando um pouco a voz:

—«Tu, sobrinha de uma rainha!»

Ainda assim, temos de dizer que Madame de Maintenon fez desterrar por alguns mezes de Versailles Madame Hendicourt, por haver dito diante d'ella, fallando d'el-rei e do senhor de Hendicourt:

—«*Nossos maridos* não voltarão tão depressa da caça!»

Luiz XIV começou a ser muito mais indiscreto a este respeito.

Um dia em que el-rei estava um pouco indisposto e deitado, seu irmão entrou no quarto e encontrou Madame de Maintenon inclinada sobre o leito.

—«Meu irmão, disse-lhe o rei, como que para responder ao assombro do principe, pelo que vês pódes julgar dos laços que nos unem!»

No emtanto, ou por espirito de devoção, o que não acreditamos, ou para alcançar um poder mais seguro e indiscutivel, o que é mais provavel, a esposa do rei dirigia-lhe constantemente exhortações piedosas.

Uma manhã, sua magestade visitava em companhia d'ella uma casa recentemente mobilada por ordem da marqueza.

El-rei parou subitamente diante de um crucifixo.

—«Parece-me demasiado sevéro esse adorno!»

—«Desgosta-o?»

—«Parece-me que seria melhor mandal-o tirar!»

—«Como, *sire!* Receia vossa magestade vêr a imagem d'Aquelle que é hoje a sua esperança e será á hora da sua morte o seu unico e exclusivo recurso?...»

—«Préga como um anjo, marqueza! disse Luiz XIV, beijando-lhe apaixonadamente a mão.»

E o crucifixo lá ficou.

Madame de Caylus deu finalmente mostras de querer emendar os desregramentos e leviandades da sua conducta reprehensivel.

Porque seria?

Provavelmente porque a severidade e o exemplo de sua tia, Madame de Maintenon, haviam fructificado com o andar do tempo.

A marqueza não hesitou em apresental-a na côrte, onde a belleza da joven fez andar muitas cabeças á roda. Um escriptor contemporaneo diz, na sua linguagem expressiva, que Madame de Caylus *excitava os temperamentos!...*

Ha, porém, um ditado francez muito verdadeiro, e que tem uma frisante applicação no caso da joven sobrinha da marqueza:

Chassez le naturel, il revient au galop!

Um plebeismo nosso dá a mesma ideia: *Quem torto nasce...* E Madame de Caylus não tardou a fazer das suas...

Em consequencia das suas aventuras escandalosas, a sobrinha da semi-soberana da França teve de ser desterrada de Versailles.

Ignoramos se a influencia e protecção do senhor de la Fare fez com que o exilio não fosse para muito longe, porque Madame de Caylus teve apenas ordem de partir para Paris; o caso, porém, é que a prohibição de regressar á côrte não foi revogada.

No emtanto, a bella desterrada encontrou bem depressa excellentes compensações.

Rodeiou-se de uma sociedade encantadora, onde se agrupava, além do apaixonado La Fare, *prior de Vendome*, galan novellesco, que, fidelidade á parte, recordava os namorados paladinos de outras eras, o voluptuoso cura de Rohan, o brilhante Villeroy, e o alegre Chaulieu, Anacreonte tonsurado, de rosto purpurino, dupla barba e enorme cabelleira.

No meio d'esta côrte alegre e espirituosa, Madame de Caylus podia esperar resignada o termo do seu exilio.

Passava o tempo, rodeiada de prazeres, e esperando a cada momento novos prazeres. Divertia-se, e intimamente não lamentava a sua exclusão de uma côrte, onde campeiava sómente o purismo e a hypocrisia.

Emquanto Madame de Caylus fazia d'este modo penitencia em Paris, casavam em Versailles as senhoras de Loval e de Lewenstein, damas de honor da delphina.

Ha quem diga que o rei suspirou algum tempo pela primeira.

Madame Laval tinha um rosto agradavel, um aspecto nobre e um encanto singular na sua pessoa.

— «Esta joven convem-lhe», disse um dia Madame de Maintenon, conversando com o duque de Roquelaure.

— «Mas...»

— «O quê! Duvida!...»

— «Senhora, assalta-me um receio...»

— «Qual é?...»

— «Não sei se deva dizel-o...

— «Explique-se...»

— «Pois bem! Creio que el-rei toma demasiado interesse por esta senhora...»

— «Que me diz?...»

— «Pelo menos, falla-se muito a este respeito...»

— «Pense bem, duque!...

— «E quem me diz que esses boatos carecem de fundamento?»

— «Eu mesma!...

— «A senhora!...»

— «Sim, vejo as cousas de perto, e não tenho interesse algum em enganal-o.»

O senhor de Roquelaure acreditou na sinceridade das suas palavras e casou...

E sua mulher, a côrte, e o publico continuáram a ser o que de antes eram!...

Quanto á outra dama, a senhora de Lewenstein, pertencia á casa eleitoral de Baviera. Mas um dos seus antepassados, por causa de haver contrahido um casamento de inclinação com uma dama da classe media, viu manchado o nobre escudo da sua raça.

O cardeal de Turstemberg, tendo-se estabelecido em França, levou comsigo a senhora de Lewenstein.

Ao vêr a sua cabeça de Hebe, a sua estatura de nympha, cingida por

um amplo cinto côr de fogo, insignia das canonisas, havia muitos corações na côrte completamente rendidos.

E o coração da illustre filha da Baviera não se conservou mudo por muito tempo.

De resto, esse coração era demasiado generoso para pôr algumas restricções a tudo quanto ella offerecia...

O marquez de Dangeau, porém, que pretendia a mão da bella canonisa, só receiava uma cousa, á vista do caracter da dama — não ganhar bastante ao jogo. De resto, não teve escrupulo em acceitar certos antecedentes, muito vulgares entre as damas da côrte.

Por isso, levou a bella canonisa ao altar.

Uma vez casada a bella allemã, el-rei sabendo que ella não estava completamente boa de saude, concedeu-lhe uma camara em Marly, concessão que lhe foi annunciada por Madame de Maintenon.

A esposa de Luiz XIV escreveu-lhe nos seguintes termos:

«N'este aposento, encontrará novamente a sua saude, os seus prazeres e as suas alegrias. Não fazemos caso dos seus defeitos.

«A camara é branca, exactamente como a hospeda que se lhe destina, e está secca, exactamente como eu».

A côrte dividia-se em dois partidos oppostos, entre as quaes não havia tregoas, nem contemporisações.

O primeiro, do qual era alma Madame de Maintenon, e ao qual esta mulher audaz soube encadeiar Luiz XIV, era o dos devotos, e tinha por centro Versailles.

Pertenciam a esta legião Bossuet, o padre de la Chaise, o padre Gobelin, Montchevreuil, Dangeau, Racine, e todas as mulheres que já não tinham nem edade nem aspecto para galantear.

Já temos fallado d'este partido de beatas, e sobretudo da habilidade de Madame de Maintenon, estribada na influencia que soubera exercer sobre o seu real esposo.

O segundo partido, cujos pontos de reunião eram o Temple ou a côrte do Delphim em Choisy, compunha-se de todos os cortezãos que haviam permanecido fieis ao culto da galanteria.

Monsieur, o irmão do rei, havia-se declarado o seu chefe.

Já fallamos n'outro logar de alguns dos excessos d'esta segunda fracção da côrte.

Os principaes partidarios eram o duque de Chartres, o principe de Conti, o *senhor duque,* Vendôme, seu irmão o grão-prior, Vandemont, Chanlieu, La Fare e Corbinelli.

Do lado das mulheres, a bella princeza de Conti, a senhora de Route, *a senhora duqueza,* e muitas outras.

Ordinariamente, as reuniões d'este conclave de galanteria eram no palacio do Delphim.

A alegria, como póde julgar-se pela lista dos iniciados, nunca faltava n'estas reuniões, e nas ceias, onde os costumes não mostravam uma pureza

exemplar, a côrte era mordazmente criticada, ridicularisada, cantada em coplas, a que dava sempre o alamiré o herdeiro da corôa.

A maliciosa duqueza de Bourbon disputava a Chanlieu o sceptro da canção satyrica n'aquellas orgias, onde o vinho de Ai corria em ondas, e onde o pudor ia insensivelmente desapparecendo até chegar a transformar-se na mais immunda libertinagem.

Sua alteza era a segunda Sapho, e não se fallava na côrte senão nos seus famosos improvisos de Choisy.

Uma d'aquellas orgias fez tanto ruido, e o rei fôra fractado de um modo tão leviano por sua filha querida, a senhora duqueza, que sua magestade quiz ser informado de quanto se passára para castigar severamente taes excessos e os auctores de similhante orgia, e em primeiro logar o irmão do rei e a princeza.

Em consequencia d'isto, o senhor de la Reynie, encarregado da intendencia da policia, recebeu ordem expressa de seguir a pista dos convidados d'aquellas scenas escandalosas.

Este magistrado, depois de algumas averiguações conscienciosas, descobriu que o italiano Corbinelli assistia de ordinario aos festins do Delphim.

O chefe da policia dirigiu-se, pois, a casa do velho epicurista.

—«Onde ceiou o senhor na quarta-feira?» perguntou-lhe o magistrado depois de um cumprimento glacial.

—«Quarta-feira?» repetiu Corbinelli, fingindo que se estava recordando.

—«Sim, quarta-feira ultima...»

—«Quer dizer, ha cinco dias?...»

—«Exactamente!...»

—«Não me lembro, senhor de la Reynie...»

—«Como!»

—«Não admira, excellentissimo!»

—«Ora essa!...»

—«Nada mais natural, parece-me! Cinco dias! Eu sei lá o que fiz ha cinco dias?!... Isso pertence á historia antiga!...»

—«Senhor, tome sentido!...

—«Senhor de la Reynie, lembre-se v. ex.ª que desde então comi mais de quinze vezes, e que para mim comida digerida, é logo comida completamente esquecida! Lembro-me lá de similhante cousa!...

—«Senhor Corbinelli! Basta de brincadeiras!...»

—«Senhor de la Reynie, asseguro-lhe que fallo muito serio. Dou a v. ex.ª a minha palavra que...»

—«Peço-lhe que não se divirta commigo!...»

—«Divertir-me! Pois v. ex.ª imagina similhante cousa,» disse Corbinelli com um aprumo soberbo.

—«Imagino, e juro que...»

—«Não jure, excellentissimo!...»

—«Senhor Corbinelli!...

—«Senhor de la Reynie, v. ex.ª digne-se olhar para mim! Eu rio, por ventura?...»

—«E depois, que significa...

—«Uma cousa muito simples, senhor, eu não tenho vontade de me divertir com v. ex.ª...»

—«Bem, n'esse caso responda-me, senhor! Onde ceiou na quarta-feira?»

—«Não me recordo!»

—«Insiste, senhor Corbinelli?...»

—«Repito a v. ex.ª que não posso recordar-me!..»

—«N'esse caso, responda a outras perguntas ...»

—«Ás ordens de v. ex.ª ...»

—«O senhor tem relações com o senhor de Conti, com *o senhor duque* e com o grão-prior de Vendôme?...»

—«Pode ser!...»

—«Que diz?

—«Que é muito possivel, em todo o caso, não me lembro!»

—«Como! Pois não se lembra tambem de ter comido algumas vezes com esses senhores?»

—«Peço a v. ex.ª que não me falle do passado!...»

—«Mas, senhor Corbinelli!...»

—«O passado, senhor de la Reynie, é para mim uma cousa morta, uma especie de sulco traçado na agua!...»

—«Mas ...»

—«Senhor de la Reynie, quando de hoje em diante algum d'esses elevados personagens me convidar para ceiar, virei immediatamente dar parte a v. ex.ª!...»

—«Em todo o caso, parece-me uma cousa, senhor Corbinelli ...»

—«Poderia saber o que é, excellentissimo?...»

—«Parece-me que um homem, como o senhor, deveria ter mais presente na memoria as suas relações com personagens de tanta importancia!.. »

—«Certamente, excellentissimo, mas o senhor de la Reynie deve lembrar-se tambem que com um homem como v. ex.ª, eu nunca posso ser um homem como eu!»

E o magistrado nada mais poude tirar d'elle.

O italiano era muito mais astuto do que o chefe da policia.

Assim, como todos os convidados de Monsieur guardaram com egual fidelidade o seu segredo, el-rei teve que renunciar ás suas pesquizas a respeito das ceias de Choisy.

O Delphim, o discipulo de Bossuet e de Montausier, honrava pouco seus mestres a respeito de instrucção e educação.

Como sempre tivéra um odio figadal ao estudo, não poude tirar bons exemplos dos livros, e os sabios conselhos dos homens superiores collocados a seu lado soavam-lhe em vão aos ouvidos.

Felizmente para elle, tinha boas disposições naturaes, um juizo claro e um certo fundo de generosidade, que o preservavam dos grandes vicios, e não o deixavam contaminar pelo lodo das grandes torpezas.

Talvez se empregassem fórmas muito austeras na educação do delphim

A lingua latina, sobretudo, desgostava-o immenso, e apesar d'isso, teimaram em ensinar-lh'a com todos os seus fastidiosos pormenores.

Um dia, uma dama queixava-se amargamente da sua posição diante d'este principe, muito joven ainda.

—«Fazem-lhe estudar latim?» perguntou-lhe elle.

—«A mim?» disse ella muito admirada d'esta pergunta.

—«Sim!»

—«Decerto que não, Alteza!»

—«Então não tem de que se queixar!»

—«Porque, Alteza?»

—«Porque não conhece ainda o cumulo do infortunio!...»

Com o andar dos tempos, o delphim entregou-se sem reserva a todas as suas paixões, principalmente depois da morte da delphina.

Além das senhoras de Route e de Choin, damas de honor da princeza de Conti, o principe teve outros amores passageiros, quasi tantos como os dias do anno!

Alguns d'estes caprichos deram logar a aventuras curiosissimas. Já referimos uma d'ellas no capitulo XII d'este volume. Vamos contar outra, que não deixa de ter uma certa originalidade.

Um dia o principe namorou-se de uma cantora de quatorze annos de edade, quando muito, cuja voz melodiosa o seduziu, e encarregou Francine, genro de Lully, de fazer certas propostas áquella rapariga e de lhe dar da sua parte um riquissimo presente.

A juvenil cantora recusou uma e outra coisa, mas de um modo verdadeiramente original.

No dia seguinte ao d'aquella incumbencia feita pelo principe ao emprezario, o Delphim foi á Opera cheio de amor e de esperanças.

Esperava no seu camarote com summa impaciencia a resposta da sua amada, quando esta, ao erguer do panno, adiantou-se até ao proscenio, e dirigindo os seus olhares para o Delphim, cantou timida, mas deliciosamente, esta conhecida canção:

Je ne saurais,
Je suis encor trop jeunette,
J'en mourrais!

A canção acabou no meio de geraes applausos.

O Delphim desatou a rir, e gostou muito d'aquelle original escrupulo, cantado a grande orchestra pela joven actriz da Opera.

Apesar de tudo isto, o principe amava desenfreadamente Madame de Route.

Desgraçadamente esta dama desejava todos os homens, e tinha numerosissimos amantes.

Assistia quasi sempre ás ceias de Choisy, onde, como dissémos, se passava com rapidez da etiqueta á liberdade, da liberdade á licença, da licença ao desafôro.

Uma noite em que Madame de Route estava n'um d'estes banquetes licenciosos, o principe de Turenne, que nunca faltava a estas orgias, soltou uma extravagante gargalhada no meio da ceia.

O delphim perguntou o motivo d'aquella hilaridade verdadeiramente extranha.

Elle hesitava em declaral-o, mas não podendo resistir ás instancias do principe, disse-lhe a final:

—«Ri-me por achar verdadeiramente comico que de nove que estamos aqui, o unico que não se deitou com sua mulher foi de Route!...»

Tal era a physionomia das ceias do delphim.

A côrte do herdeiro da corôa fazia um contraste frisante com a de Versailles, onde geralmente fallando, não eram tambem mais graves nos costumes, apesar da severidade de que se revestiam.

As apparencias, porém, tudo salvavam, e entre os hypocritas essas apparencias valem bem por todas as virtudes!...

Um dia a moral entendeu dever dar algumas picadas na epiderme alvissima das damas de Paris, por meio de uma obra em dois volumes, in-12.º, intitulada:

«*Do abuso da nudez do seio.*»

Ninguem acreditaria que fosse possivel escrever-se tanto ácerca d'este escabroso assumpto, mas o auctor da referida obra teve artes para o desenvolver consideravelmente.

Cada tentação que o excessivo decote póde inspirar acha-se tractada n'um capitulo á parte, onde se expõe uma extensa enumeração de considerações e consequencias, a menor das quaes era qualificada de peccado mortal.

Póde julgar-se por aqui a classificação das outras.

É preciso convir que as mulheres d'aquella épocha se haviam habituado á nudez de uma maneira completamente lacedemonia.

Não havia piedade nem contemplação para com as mulheres devotas.

Em vão os olhares castos pareciam dizer-lhes:

Ah cachez-moi ce sein, que je ne saurais voir!

Ellas insistiam em mostral-o cada vez mais, as descaradas, com uma generosidade irritante e perturbadora dos sentidos!...

Umas usavam os vestidos sem cinto, uma especie de penteadores, como os que vestem as mulheres ao sahir do leito.

Outras mostravam os peitos, que sahiam á vontade do complacente espartilho!...

Outras, os braços e os hombros, cuja nudez se juntava á dos peitos para dar assaltos temiveis á continencia ecclesiastica.

Atacado nas ultimas trincheiras do seu pudor sagrado, o cura de Saint-Etienne du Mont exclamou um dia no pulpito:

—«Senhoras! Porque não vos cobris na nossa presença? Ignoraes acaso que somos de carne e osso, como os outros homens?»

O auditorio desatou a rir, e o prégador accrescentou:

—«Quando se vos falla, por palavras encobertas, fazeis-vos surdas. Mas se vos dizem phrases decotadas, como vós costumaes trazeis os hombros e os seios, desataes a rir!

«Como vos heide fallar?

«Será preciso que el-rei mande os seus mosqueteiros de noite e de manhã pela cidade, para vos fazer entrar no caminho do dever, e aos vossos seios nos competentes espartilhos!»

Trez mezes depois do casamento, a duqueza de Berry tornou a ser o que havia sido sempre, desterrando dos seus habitos toda a especie de pudor.

Podemos por conseguinte completar o seu retrato.

Mas antes d'isso, fallemos um pouco dos netos de Luiz XIV, e dos filhos naturaes do grande rei.

Havia doze ou treze annos já que sua magestade tinha a honra de ser avô. Como o uso exigia que os reis e os principes casassem quasi ao sahir do berço, o duque de Borgonha, filho do delphim, do *grande delphim*, como lhe chamavam, recebeu a benção nupcial, n'uma edade em que os filhos dos burguezes são ainda açoitados pelos paes e apanham com a ferula do professor.

A scena do deitar dos noivos foi, segundo resa a chronica, uma scena verdadeiramente curiosa. Tomando a camisa que as damas de honor traziam n'uma bandeja de lacca, sua magestade a rainha de Inglaterra apresentou-a com a maior gravidade á nova duqueza, que brincava ainda com as bonecas.

Na antecamara visinha, o pequeno esposo, sentado n'um *fauteuil* despia-se em presença do rei e de toda a côrte.

Quando a noiva se metteu no leito nupcial, o duque de Borgonha entrou, e foi tambem deitar-se.

Mas o *grande delphim* ficou junto de seu filho, de um lado, e Madame de Lude, junto da joven duqueza do outro lado. Offereceram amendoas aos esposos, que as trincaram com toda a gulodice propria da sua edade. Depois, ao cabo de um quarto de hora, fizeram levantar o duque de Borgonha, que não se mostrou muito satisfeito d'aquelle procedimento.

No momento em que elle passava todo pesaroso na antecamara, o duque de Berry, mais novo que elle dois annos, bateu-lhe no hombro e disse-lhe:

—«Tu não és um homem! Eu, no teu caso, não sahiria do leito!»

Luiz XIV impoz gravemente silencio áquelle diabrete, que aconselhava a revolta a seu irmão. Entregou novamente o duque de Borgonha aos seus perceptores, declarando que não permittia ao joven esposo beijar antes de cinco annos mais a extremidade do dedo de sua mulher.

—«N'esse caso, avôsinho, disse o duque de Berry, para que os casaram!»

E realmente a creança tinha bastante razão.

Pouco tempo depois, o duque de Borgonha foi confiado aos cuidados de Fénelon, cujo merito lhe conquistára os respeitos e a consideração da côrte.

O rei, que se mostrára sempre muito severo para com os seus filhos legitimos, tinha pelos seus bastardos uma ternura verdadeiramente irreflectida. Não contente de lhes assegurar a fortuna, o pae extremoso queria tambem

dar-lhes a gloria. A dois d'elles, o duque du Maine e o duque de Vendome, confiou-lhes um commando nos exercitos da Hollanda. Mas que generaes deram as duas vergonteas de Luiz XIV, sobre tudo o duque du Maine!

Na occasião de uma batalha, o duque du Maine, a quem Villeroy quasi se vira obrigado a mandar investir com o inimigo, lembrou-se que estava ainda em jejum, e pediu um caldo para restaurar as forças. As mensagens do general em chefe succediam-se; a cada instante chegavam ajudantes de ordens escorrendo em suor.

—«Monseigneur, diziam-lhe, attaque depressa, o tempo urge e o inimigo foge!...»

—«Ora! tenham paciencia! respondia o prudente guerreiro. Bem vêem que as minhas tropas não estão ainda promptas!...»

Sob pretexto de organisar melhor os seus esquadrões, poz-se a passar uma especie de revista, em vez de mandar tocar á carga. Um quinto ajudante chega, depois um sexto, depois, finalmente, o proprio Villeroy, general em chefe, furioso de vêr assim estragar o seu plano de ataque, e não comprehendendo aquella imperdoavel inacção do principe. Onde estava o real bastardo? Adivinhem! Na sua tenda, aos pés do seu confessor, pretendendo que o primeiro dever de um bom christão era antes do combate pôr em ordem a sua consciencia e reconciliar-se com Deus!

Graças ao heroismo do duque du Maine, nem houve batalha nem victoria!

Em Versailles, ninguem ousava participar ao grande rei esta estranha noticia.

—«Mas emfim, dizia Luiz XIV com mau humor, porque deixaram operar ao inimigo a sua retirada? Porque não o bateram? É incomprehensivel isto!...»

—«Por Deus, *sire!* respondeu Lavienne, o mais atrevido de todos os criados da camara de Luiz XIV, porque tinha servido o grande rei no tempo dos seus amores. A culpa é de vossa magestade, que não desconfia dos proverbios!...»

—«Hein! Que significa essa linguagem, e que vem aqui fazer os proverbios?!...»

—«Por minha fé, *sire!* replicou Lavienne. Está agora perfeitamente reconhecido e provado que *o bom sangue póde mentir!...*»

E aqui Lavienne conta minuciosamente a soberba conducta do duque du Maine. Sua magestade empallideceu e guardou silencio. N'este meio tempo, chega a gazetta de Hollanda. Trazia, como é de suppôr, artigos pomposos e louvores excessivos do heroe. Pela primeira vez em sua vida, Luiz XIV perde a cabeça em publico. Esquece os cuidados da sua dignidade e do seu orgulho, e não sabendo a quem imputar a cólera que o domina, vae quebrar a sua bengala nas costas de um pobre creado da cosinha, ao qual surprehende a comer um massapão.

Isto passava-se em Marly, no momento de ir para a meza, e em presença de todas as damas e de todos os cortezãos.

Grande tumulto, espanto geral! Madame de Maintenon chega com o padre La Chaise. Encontram o rei a percorrer a sala a grandes passadas, como

um furioso, com os olhos desvairados e o rosto purpureo, e tendo ainda na mão um pedaço da bengala.

—«Meu padre, disse elle ao confessor, acabo de espancar a valer um patife, que mereceu devéras esta correcção!»

—«Oh!» fez o padre La Chaise, muito surprehendido.

—«Quebrei-lhe a minha bengala nas costas!... Offendi a Deus?...»

—«Não, não, meu senhor», respondeu o santo homem, a quem Lavienne acabava de contar ao ouvido aquella historia.

E o padre accrescentou:

—«Não ha em tudo isto que lamentar senão a emoção inevitavel de similhante scena, emoção com que a sua preciosa saude póde soffrer.»

Felizmente para as costas do creado, a bengala era de cana e não offerecia grande resistencia.

Madame de Maintenon acabou de tranquillisar el-rei.

Antes do fim da campanha, chamaram á côrte o duque du Maine, ao qual d'Elbœuf se apressou a perguntar, fazendo-lhe uma inclinação profunda:

—«Vossa alteza quererá ter a amabilidade de me dizer onde tenciona servir na proxima campanha?»

O heroe voltou-se, sorrindo, e estendeu a mão a d'Elbœuf, sem perceber o accento ironico d'estas palavras.

—«É porque, onde vossa alteza estiver, estarei eu tambem!»

—«Porque?» perguntou ingenuamente o duque, que devia esperar a resposta que obteve.

—«Porque, pelo menos, junto de vossa alteza, tem uma pessoa a vida segura!»

O duque du Maine deu um pulo, como se tivesse pisado uma cobra, e retirou-se sem dar resposta. O principe tinha tanto espirito como coragem.

Eis como o destino castigou o grande rei da sua affeição desordenada pelos filhos do adulterio!

Pobre rei-sol!...

Voltando á duqueza de Berry, a educação d'esta princeza não foi o resultado do estudo, nem o effeito do conhecimento das conveniencias sociaes.

A princeza teve a infelicidade de a abandonarem á inspiração das suas paixões, e a todos os caprichos do seu caracter, e d'aqui resultou um ser caprichoso, leviano, imprudente, sem preoccupações, e que nunca se resolveu a attender ás leis das conveniencias sociaes.

A voluptuosidade dominava-a completamente, absorvendo no seu espirito todas as impressões favoraveis, todas as boas disposições que ella tinha recebido da natureza.

E como os companheiros do prazer não a captivavam senão com as suas graças e não a prendiam senão com flores, a duqueza du Berry tinha sempre o sorriso nos labios e palavras de mel na bocca.

Parecia até que não sabia odiar, e não odiava effectivamente, senão aquelles que tinham a imprudencia de se oppor aos seus voluptuosos caprichos.

Sob este ponto de vista, o duque du Berry não era odiado.

Todos sabem até que extremos desaforados o prudente marido levou as suas complacencias conjugaes!...

As relações da princeza com seu pae, relações de que já fallámos n'outro logar, não foram apenas um boato calumnioso espalhado de ouvido em ouvido nos salões da côrte.

Foi um escandalo publico, um escandalo monstruoso, que ninguem tinha mesmo a precaução de contar em voz baixa.

O duque, não podendo soffrer a vergonha que estes boatos infames lhe imprimiam na fronte, resolveu precisamente no segundo mez do seu casamento ter a este respeito uma entrevista com el-rei.

Mas o joven principe temia tanto o monarcha, que nem sabia como começar a relação dos seus infortunios.

A duqueza de Berry era sobrinha de Luiz XIV.

O pobre duque receiava que a sobrinha fosse mais protegida pelo avô, do que elle, neto de França, o era pelo matrimonio.

Decidido finalmente a fallar com el-rei, entrou uma manhã no gabinete de Luiz XIV, e contou-lhe todos os motivos do seu desespero, dando voltas ao chapeu entre as mãos, exactamente como um jardineiro diante de seu amo!...

O duque acabou por pedir a sua magestade que o livrasse de sua esposa, permittindo-lhe que a encerrasse n'um convento, até que a edade tivesse acalmado aquella paixão incestuosa.

El-rei compadeceu-se muito do duque de Berry e prometteu inspirar a sua esposa sentimentos menos culpaveis, e aconselhar-lhe uma conducta mais regular e decente.

Mas, ao mesmo tempo, recusou-se a castigar com maior severidade uma princeza, a cujo pae não queria incommodar, por causa das fataes extremidades em que a França desgraçadamente se encontrava.

E sua magestade accrescentou, como explicação politica da sua benignidade para com seu irmão:

«Eu tive em 1709 motivos muito mais graves ainda de descontentamento contra o duque de Orleans, quando, abusando da minha confiança no commando que lhe havia dado em Hespanha, atreveu-se a tentar depôr o rei vosso irmão do throno. Fez mais ainda. Formou um partido a seu favor n'aquelle reino, que eu lhe mandara reconquistar em nome de Filippe V.»

O joven duque sahiu pouco satisfeito do gabinete de sua magestade.

Parecia-lhe muito ridiculo que a razão de estado exigisse que um pae fosse impunemente amante de sua filha e rival de seu genro.

Luiz XIV, apesar d'isso, não tardou muito em mandar chamar a duqueza de Berry ao salão mais reservado do palacio.

Alli, o monarcha empregou toda a moral que havia aprendido com Madame de Maintenon, para fazer entrar no coração da princeza uma virtude que difficilmente lá encontraria onde coubesse.

Ella propria disse, algum tempo depois, referindo-se a esta entrevista:

«El-rei teve momentos sublimes, e periodos da mais alta eloquencia!...»

Mas toda a rhetorica do monarcha resvalou n'aquelle caracter couraçado pelo vicio e á prova das mais severas reprimendas.

Luiz XIV comprehendeu que havia prégado no deserto, e que por conseguinte perdera o seu sermão.

Mas como um rei deseja ser sempre obedecido, mandou no mesmo dia ordem a Mademoiselle de Vienne, camarista da duqueza de Berry, e que favorecia os seus libidinosos caprichos, para que abandonasse Versailles no praso de duas horas, e a França dentro de tres dias.

Sua magestade não foi completamente obedecido, porque Mademoiselle de Vienne escondeu-se, e mais uma rasão para poder exercer com todo o mysterio as funcções escandalosas de que estava encarregada.

Reprehensões tão incompletas serviram apenas para irritar a colera do infeliz duque de Berry.

Pensou, como se pensa sempre aos 23 annos, que a unica justiça possivel em questões de vingança, é a que o offendido toma por sua mão.

Achava-se o pobre do principe n'estas disposições, quando uma manhã encontrou frente a frente nos jardins de Marly o duque de Orleans a quem ordinariamente evitava.

Á vista do auctor do seu opprobrio, o sangue do joven duque, tão vergonhosamente ludibriado, exaltou-se.

Approximou-se bruscamente de seu sogro e dirigiu-lhe os mais offensivos e sangrentos insultos.

— «Está louco, ou ebrio?» disse o duque, e dispoz-se a continuar o seu caminho.

— «Não, não!» replicou o genro, deitando espuma pela bocca.

— «N'esse caso, o que pretende?»

— «Vingar n'este momento a injuria de Filippe V e a minha!»

— «Como!»

— «O senhor duque foi traidor a meu irmão mais velho, e a mim deshonrou-me!...»

— «Duque!»

— «Defenda-se, por Deus, se é que a crápula a que se entrega lhe deixou forças para tanto!»

E dizendo estas palavras, o duque de Berry desembainhou a espada.

— «Não me bato!» replicou Filippe.

— «Não?!...»

— «Decerto que não!»

— «E porque?...»

— «Porque desprézo a colera de um nescio e a insolencia de um tolo!»

— «Cobarde! Defende-te, ou retalho-te a cara com a lamina da minha espada!...»

— «Oh! É demais! exclamou o duque d'Orleans. Tinha dó de ti, mas vaes ser castigado como mereces!...»

A espada do vencedor de Stemkerque e de Nerwinde relampejou aos raios de sol, e crusou-se com a do principe furioso.

Mas o novo Cid, atacando o pae de uma infiel Ximena, não parecia tão temivel como o valente castelhano.

A sua espada, ainda inexperiente, corria o risco de ser vencida pela do antagonista, se uma multidão de cortezãos, que tinham visto o principio do duello de uma das janellas do palacio, não tivessem acudido e separado os dois combatentes!

Era devéras ridiculo aquelle duello entre o genro e o sogro por causa de uma mulher incestuosa.

— «Meus senhores, disse o duque d'Orleans, embainhando a espada, levem d'aqui esse furioso, e façam-no examinar pelos medicos!...»

E o duque, mettendo-se na sua carroagem, desappareceu n'um abrir e fechar de olhos.

Luiz XIV, furioso contra seu neto, fel-o conduzir á sua presença como um criminoso, reprehendeu-o com extrema dureza, e ordenou-lhe sob pena de desterro que não tornasse a fallar n'esta aventura, que elle considerava ridicula, e a respeito da qual recommendava o mais profundo silencio a todos quantos a haviam presenciado.

Desde aquelle dia, o duque de Berry fez o que costumam fazer quasi todos os maridos enganados: Resignou-se.

Mas, infelizmente para elle, só poude attingir esta grande resignação philosophica, depois de uma aventura verdadeiramente escandalosa.

Tal foi o effeito da inexperiencia do principe, que acabou por onde começam ordinariamente os homens considerados como philosophos.

O neto de França, antes do seu casamento, tinha umas obscuras relações com uma camareira do paço nada feia, que habitava n'uma das trapeiras do palacio de Versailles.

O duque resuscitou esta intriga comesinha para se consolar, e ao mesmo tempo para se vingar das traições conjugaes da duqueza.

O menor privilegio dos grandes é saborear os prazeres commodamente em suas casas, sem terem de se incommodar em ir a casa da mulher preferida.

Por isso, o duque mandava chamar varias vezes aos seus aposentos a complacente camareira.

Um dia, a duqueza de Berry surprehendeu seu esposo com ella, na situação mais francamente vingadora das suas infidelidades conjugaes.

—«Não se incommodem, não se incommodem! disse ella rindo, eu volto logo, não tem duvida!...»

Voltou effectivamente ao meio dia, porque pensou que lhe convinha não deixar escapar a occasião de firmar um tractado, depois de ter encontrado o inimigo em flagrante delicto de infidelidade.

O contracto ficou estabelecido.

Ficou assente em definitiva que os dois esposos viveriam em completa independencia, e continuariam a proteger-se mutuamente para maior satisfação dos contractantes.

Em consequencia d'este tractado tacito, reconciliados o duque d'Orleans

e seu genro, e até amigos, como vieram a sel-o, celebravam com frequencia em casa da duqueza, em Saint-Cloud, banquetes secretos, nos quaes a camarista Vienne, que era tão bonita como complacente, foi a unica admittida ao serviço do terceto.

Estes banquetes degeneraram promptamente em orgias.

Quando chegaram ao excesso da libertinagem, a confidente, convertida de espectadora em actriz, formou parte do quarteto, em que ella e o duque de Berry cantavam no mesmo tom e com o mesmo enthusiasmo.

Magnifico concerto!...

Apesar de ter casado com o duque de Berry, a filha de Filippe d'Orleans não sympathisava com sua cunhada a duqueza de Borgonha. Odiavam-se com todas as forças da sua alma!...

E isto deu logar a incidentes, que manifestaram de sobra o rebaixamento dos caracteres, e a prostituição da nobreza na côrte de que estamos fallando.

Maria Adelaide tirára todo o partido possivel d'este casamento, conservando affastada da côrte Maria Stuart, a quem temia tanto, quanto desprezava a duqueza de Berry.

Este desprezo chegou a tal ponto que a duqueza de Borgonha, certa de ter sempre razão aos olhos do rei e da rainha, injuriava sua cunhada todas as vezes que para isso se apresentava occasião.

N'uma das viagens feitas a Marly, a princeza de Saboya perdera bastante dinheiro ao jogo do lansquenet.

Em compensação, a duqueza de Berry ganhara prodigiosamente.

A duqueza de Borgonha dirigiu-se bruscamente á sua inimiga, e disse-lhe:

—«Levante-se, senhora!...»

—«Que significam essas palavras?...»

—«A senhora está occupando a minha cadeira!»

E apenas pronunciou estas palavras, os lacaios adiantaram-se para tirar a cadeira em que a princeza estava sentada.

A princeza insultada olhou para el-rei, mas o rosto do monarcha permanecia impassivel.

Vendo isto, levantou-se e atirou para a alcatifa com todo o dinheiro que tinha ganho. O dinheiro rolou por toda a parte, e grande numero de moedas passaram para a algibeira de alguns cortezãos, que se abaixaram para as apanhar.

A duqueza, afogada em pranto, deixou o salão acompanhada de seu pae, *que permaneceu a seu lado mais de duas horas para a consolar.*

Durante esta scena do jogo, Luiz XIV não disse uma palavra.

Uma scena de genero differente deu-se passado alugum tempo em Fontainebleau.

A duqueza de Berry fez-se esperar para a missa.

A duqueza de Borgonha apressou-se a fazel-o notar ao rei, e para tornar mais culpada sua cunhada, ordenou que demorassem a celebração da missa.

Finalmente, chegou a princeza retardataria, e el-rei dirigiu-lhe censuras bastante bruscas.

A duqueza voltou-se para a princeza sua inimiga, e disse-lhe com um sorriso ironico:

—«Agradecida, Madame, porque tenho a certeza de que lhe devo esta reprimenda; em todo o caso, fui mais benevola para comsigo, quando o duque de Fronsac a fez faltar a toda a missa!»

—«Calle-se, princeza! bradou Luiz XIV. Deveria comprehender melhor a differença que existe entre a senhora e a duqueza de Borgonha!...»

A duqueza de Berry não replicou e toda a familia real se dirigiu á capella.

Ao sahir da missa, el-rei encontrou a duqueza d'Orleans e contou-lhe o que se acabava de passar com sua filha, censurando muito escandalisado a resposta que ella déra á duqueza de Borgonha.

E accrescentou em guisa de commentario:

—«Deu-nos uma boa mulher, não tem duvida!

—«Eu, *sire!*...

—«Pois quem?!...»

—«Juro a vossa magestade que não a conhecia!...»

—«Como!...»

—«*Sire*, conhecia-a tanto como vossa magestade!...»

—«A duqueza não conhecia sua filha?...»

—«De certo que não, *sire*...»

—«Não percebo!»

—«É facil, meu senhor!...»

—«Explique-se!...»

—«A educação d'ella foi obra da duqueza-avó...»

—«Ah!...»

—«E ella chama a isto franqueza allemã.

—«Pois parece-me que o duque meu sobrinho tomou grande parte no desenvolvimento d'essa franca educação!...»

—«Póde muito bem ser, *sire!*...»

—«É certo!...»

—«Em todo o caso, supplico a vossa magestade que se digne acreditar uma cousa.»

—«Falle, duqueza!...»

—«Que não fui eu que lhe dei assim minha filha!...»

—«Bem. Estamos de accordo.»

—«E, portanto, *sire,* lavo as minhas mãos a respeito de todos os desgostos que possam succeder.»

—«Ah! a duqueza lava d'ahi as mãos!...»

—«Decerto, *sire*...»

—«Pois diga antes, duqueza, que lava as mãos, não do que possa succeder, mas do que tem succedido, e n'esse caso é preciso convir que tem de as esfregar com muita força para que fiquem bem limpas!...»

CAPITULO XXI

SUMMARIO

As amantes de Luiz xiv.—Curiosidades biographicas das favoritas do rei-sol.—Costumes secretos de Madame de Maintenon. —El-rei renuncia a todas as suas amantes auxiliares.—Casamento de Filippe v de Hespanha. —A princeza dos Ursinos.—Aventuras d'esta dama. —A duqueza de Bourbon e Madame de Maintenon.—A sentinella.—O demonio da luxuria n'um corpo de oitenta annos.—A côrte de Luiz xiv, o seu seculo, e os costumes d'este rei.



S LEITORES devem por certo ter notado que n'este estudo não seguimos, nem tanto é necessario para os nossos intuitos, uma rigorosa ordem chronologica. Por isso, consintam-nos ainda agora alguns pormenores a respeito das antecessoras da astuta marqueza nas boas graças do rei-sol.

A primeira amante do rei foi a pobre Luiza de la Vallière, cujos amores deixaram na côrte um encantador perfume de poesia e sentimento.

O superintendente Fouquet estava loucamente enamorado d'ella, e pensava mesmo em a desposar.

Um dia Fouquet resolveu dar uma festa esplendida nas suas terras de Vaux. Era no carnaval e toda a côrte e um grande numero de convidados de Paris deviam assistir a essa festa, que terminaria por um grande baile de mascaras.

O famoso jardineiro le Nôtre, que andava por essa épocha a concluir os magnificos jardins das Tulherias e de Versailles tinha sido encarregado pelo superintendente de organisar no parque uma salla de baile, mesmo n'aquella estação, quer dizer em pleno inverno.

Era uma empreza ardua, um verdadeiro *tour de force*, mas le Nôtre não conhecia obstaculos.

Fez armar uma tenda immensa, sob a qual desenhou bosques de larangeiras, por entre os quaes dispoz myriades de arbustos floridos. Todas as estufas de Vaux foram despovoadas para decorar a salla de baile. Quando os convidados chegaram e encheram este paraiso terrestre, o aspecto era devéras maravilhoso!

O brilho dos costumes rivalisava com o das flores. Entre os convidados

notavam-se, pela distincção das suas maneiras e pelo esplendor dos seus disfarces, o duque de Roquelaure, o conde de Guiche, Villeroy, Meilleraie, etc.

Via-se tambem alli o marquez de Montespan, um ente estupido, noivo por essa épocha da galante Athenaïs de Mortemart, mais tarde amante do rei.

Fouquet, o superintendente faustoso e esplendido, que dispendia como ninguem os seus milhões, estava radiante. Aquella festa era especialmente destinada á eleita da sua alma, a bella e sympathica la Vallière, que elle pretendia deslumbrar, para encontrar mais facilmente o caminho do seu coração.

Luiza viera com sua mãe. A encantadora joven vestia o costume das pastoras de Lignon. Tinha um aspecto modesto, timido talvez, que dispunha para logo em seu favor. Olhos grandes, assombreados por um veu de encantadora melancholia, estatura distincta, bocca deixando vêr, quando sorria, os mais bellos dentes d'este mundo. Quando se levantou da meza para se dirigir á salla do baile com os outros convidados, houve quem notasse que coxeava algum tanto, mas, cousa singular, este defeito na formosa menina dava-lhe um encanto a mais, e não a impedia de dansar como um anjo!

D'ahi a pouco, mademoiselle de la Vallière dansava *vis-à-vis* de um mascarado vestido simplesmente de velho, com um *robe de chambre*. Este mascarado fallava-lhe em voz baixa nos intervallos do bailado. Ouvindo-o e fallando com elle, Luiza perdera até certo ponto a timidez e a indifferença que até ahi havia manifestado. O peito arfava-lhe, tinha os olhos humidos de alegria, n'uma palavra, operara-se n'ella uma transformação completa.

Houve quem notasse esta mudança, e olhares perspicazes descobriram que se Luiza amasse alguem, mais facilmente podia obter o seu amor o mascarado do que o poderoso e deslumbrante superintendente.

Fouquet dirigiu-se a um dos seus confidentes, e poz-se a conversar com elle a respeito dos seus amores, emquanto Luiza continuava a dansar e a conversar com o mascarado.

— «Que lhe parece a minha namorada? Divina, não é verdade? O que eu não sei é se hoje mesmo deva declarar-me!

— «Tome sentido, senhor superintendente, disse-lhe de subito uma voz ao ouvido: Luiza de la Vallière é a amante do rei!...»

Fouquet estremeceu e tornou-se medonhamente pallido.

O mascara que tinha dito estas palavras eclipsava-se na multidão, quando o superintendente correu atraz d'elle e conseguiu apanhal-o.

— «Mascara, tu affirmas que el-rei ama essa menina! Pois bem, é preciso dares-me immediatamente uma prova!...»

— «A melhor prova que posso dar-lhe, meu senhor, é dizer-lhe quem sou.»

E desmascarou-se. Era le Nôtre, o famoso organisador da festa.

— «Mas então el-rei está no baile talvez? perguntou Fouquet cuja pallidez augmentava de um modo horrivel.

— «Sim, meu senhor. É um verdadeiro serviço prevenil-o da sua presença!...»

— «Elle está aqui! murmurou o superintendente com raiva. E onde está, mostra-m'o!...»



La Vallière
(Copia d'um retrato da Historia de França)

Le Nôtre apontou para o mascarado de *robe de chambre,* que dansava com Mademoiselle de la Vallière.

— «E julgas que ella corresponde ao seu amor?»

— «Póde ter-se como certo,» disse o jardineiro.

O desgraçado superintendente estava como que allucinado. Tremia de colera. Deixou bruscamente o seu interlocutor, e perdeu-se no turbilhão dos que dansavam.

— «Grande Deus! disse a le Nôtre o confidente de Fouquet. E se elle vae fazer escandalo!...»

— «Nada receie, volveu le Nôtre. Eu tive a precaução de o advertir, persuadido de que elle se comprometteria muito mais se ignorasse o que se passava. Ninguem se arrisca a offender o orgulho do rei, e o sr. Fouquet sabe-o perfeitamente. Quereria elle arriscar a sua fortuna por um capricho?...»

E le Nôtre poz-se a contar ao companheiro como começára a intriga de Luiz XIV com a Vallière.

Fôra no ultimo baile do Louvre. Os salões, como a tenda de Vaux, estavam ornados de arbustos em flor, e o rei, vendo Luiza parada deante d'uma magnifica roseira da Hollanda, aproveitou-se da sua contemplação para lhe dizer as primeiras palavras de amor. No dia seguinte encarregára o seu jardineiro de levar a casa da senhora de la Vallière a roseira que ella tanto havia admirado na vespera.

Luiza habitava o Palais-Royal, como dama de honor da princeza Henriqueta de Inglaterra.

— «Eu fiquei furioso, disse le Nôtre, porque me separava do meu filho mais querido, d'aquelle que cultivava com mais amor, e que podia viver cincoenta annos, se não lhe deixassem produzir senão uma rosa por estação. Diabos levem as amantes a quem el-rei dá as minhas flores!...»

— «Mas, n'esse caso, el-rei não ama sua mulher?...»

— «Não. Amou-a seis mezes, uma enormidade para elle!...»

Le Nôtre não era o unico informado da presença de Luiz XIV em casa de Fouquet. Ao cabo de um quarto de hora, o mascara de *robe de chambre,* vendo a multidão reunir-se a cochichar em volta d'elle, deixou a sala do baile.

Ninguem o tornou a ver...

Alguns minutos depois, a dama de honor da duqueza d'Orleans desapparecia tambem com sua mãe, madame de la Baume de la Vallière, muito complacente ao que parecia com aquelles amores de sua filha.

O superintendente d'ahi a pouco vinha ter com le Nôtre.

—«Era elle! disse-lhe Fouquet, no auge da colera. Approximei-me e reconheci-lhe a voz... Oh! eu porei termo ás suas indignas tentativas! Não ha de ter Luiza, deixe estar!»

Le Nôtre deu-lhe todos os conselhos possiveis, recommendando-lhe circumspecção e prudencia, mas o pobre homem não estava disposto a seguil-os.

Eis o motivo da desgraça imprevista e terrivel do superintendente. O raio que, ferindo-o, devia resoar por toda a terra, formou-se n'aquella noite memoravel da festa de Vaux.

Passados dias, Fouquet, a quem a lucta com o rei seduzia e dava novos alentos ao seu amor por Luiza, mandou pedir a sua mão aos paes de mademoiselle de la Vallière. É claro que M. de la Baume mandou responder ao superintendente que considerava aquelle casamento como uma grande honra para a sua familia e para elle.

Mas o rei tornara-se furioso com aquella persistencia do seu rival, e apressou tanto os acontecimentos, que dias depois, Fouquet recebia de Luiza a seguinte carta, duas linhas apenas, mas de uma eloquencia esmagadora:

«Renuncie á minha mão. Já não sou digna de ser esposa de um homem honrado.»

Era evidente. Luiza cedera finalmente ás sollicitações do rei!

Fouquet, quando recebeu o fatal bilhete que aniquillava para sempre o seu coração apaixonado, perdeu a cabeça e deu livre curso ao seu ciume, insultando o rei, e cobrindo-o de apodos justos, mas demasiado imprudentes, diante de quem quiz ouvil-o.

Os inimigos do superintendente estavam de atalaia, e cercaram immediatamente el-rei, desencadeando contra o infeliz rival do monarcha um temporal desfeito de accusações. Luiz XIV não desejava ouvir outra cousa para o aniquillar. O superintendente foi accusado de delapidação, confiscaram-lhe os bens, e dois dias depois era preso pelos dragões de el-rei e conduzido ao castello de Pignerol, d'onde não devia mais sahir!

Effectivamente o pobre Fouquet morreu n'aquella fortaleza, depois de dezenove annos de captiveiro!

Este infortunio do estadista deu muito que fallar em França e na Europa durante seis mezes. Fouquet tinha muitos inimigos, mas não lhe faltavam tambem amigos dedicados, que tomaram ousadamente a sua defeza.

Uma injustiça attrae outra injustiça. O advogado Pelisson, que devia ao superintendente o ter sido elevado ao cargo de conselheiro de estado, defendeu o seu protector contra as accusações desleaes, e foi sacrificado com elle. Do fundo da Bastilha, Pelisson escreveu umas *Memorias*, em que demonstra a innocencia de Fouquet do modo mais victorioso. Quatro annos depois, puzeram-n'o em liberdade, mas o pobre superintendente lá ficou esquecido na sua masmorra.

Luiz XIV não perdoava jámais uma rivalidade nos seus amores.

Fallou-se por esse tempo n'uma vasta conspiração, destinada a pôr Fouquet em liberdade, mas que abortou logo á nascença, sem aproveitar cousa alguma á triste situação do prisioneiro.

Vem aqui a appello dizer algumas palavras a proposito do *Mascara de ferro*, a respeito do qual se contaram durante muitas dezenas de annos as mais inverosimeis historias. O *Mascara de ferro* fez tres apparições em épochas bastante affastadas umas das outras.

Primeiramente foi visto em Pignerol, vinte annos mais tarde na ilha de Sainte-Marguerite, e finalmente na Bastilha, nos ultimos annos do seculo XVII.

No dia em que se ouviu pela primeira vez fallar d'este lendario prisioneiro, muitas pessoas affirmaram que era o superintendente.

Quando appareceu pela segunda vez, Fouquet havia morrido, por conseguinte não podia ser elle. Julgou-se geralmente que o mysterio envolvia o duque de Vermandois, bastardo de Luiz XIV e da Vallière, preso por haver dado uma bofetada no grande delphim. Mas em 1698, quando o *Mascara de ferro* appareceu na Bastilha, o duque de Vermandois já recuperára novamente o favor real. Foi preciso imaginar então novas historias, e a imaginação não se cançou, valha a verdade!

O *Mascara de Ferro* foi alternativamente:

O duque de Montmouth, irmão de Jacques II de Inglaterra, subtrahido pela França ao supplicio, mas que, felizmente para elle, nenhuma necessidade havia de reter em França, ou mesmo de mascarar d'aquelle modo, visto que seu irmão havia perdido o throno;

O conde Girolamo Lagni, arrebatado de Turim, por se haver opposto a que esta cidade fosse vendida a Luiz XIV. Mas houve quem o visse morrer em Pignerol em 1684, prova evidente de que treze annos mais tarde não podia estar na Bastilha;

Um filho da rainha Anna d'Austria e de Buckingam, como se Luiz XIII, auxiliado por Richelieu, não tivesse encontrado facilmente outro meio de se desfazer d'este fructo do adulterio!

Emfim, a versão que encontrou maior numero de crentes, simplesmente porque era a mais absurda, foi a seguinte:

Por occasião do nascimento de Luiz XIV, a rainha que tinha tido a creança havia um quarto de hora, sentiu novamente as dores de parto e deu á luz um segundo filho. Grande embaraço! Que se havia de fazer? Qual dos filhos seria o mais velho? Uns dizem que era o que primeiro nascera; outros sustentam que devia ser o segundo, por ter sido concebido em primeiro logar. N'uma palavra, para cortar a difficuldade e prevenir as desgraças com que uma rivalidade entre os dois irmãos poderia um dia opprimir o reino, fez-se desapparecer uma das vergonteas reaes, conservando-se a outra.

Mas a creança, educada longe do Louvre, crescia ao mesmo tempo que Luiz XIV, e parecia-se com elle de um modo assombroso!...

Novo embaraço! Era muito possivel que uma indiscripção viesse um dia revelar-lhe o seu nascimento, e por isso encerraram-o n'uma fortaleza, applicando-lhe ao rosto uma mascara de ferro, para que ninguem podesse examinar-lhe as feições.

O inventor d'este bonito conto nem sequer reflectiu que creava de um jacto tres monstros da natureza: Anna d'Austria, primeiro, consentindo que a separassem de um dos seus filhos; Luiz XIII, o rei escrupuloso, o rei christão, cuja consciencia, suppondo mesmo que se desvairasse por um momento, teria accordado pelo menos á hora extrema, e emfim Luiz XIV, que ninguem podia enganar, logo que conquistou a sua omnipotencia de senhor da França. Nada, nem nas leis divinas nem nas humanas, o auctorisava a deixar apodrecer seu irmão n'uma masmorra!...

Um governador da Bastilha, homem respeitavel e inteiramente digno de fé, deu uma explicação do *Mascara de ferro*, bastante verosimil.

Em primeiro logar, a mascara não era de ferro, mas de veludo preto, como todas as mascaras.

Quando se transferia um prisioneiro de uma certa importancia de uma prisão de Estado para outra, e se receiava bem ou mal fundadamente, alguma conspiração destinada a livral-o dos ferros, cobria-se-lhe sempre o rosto com uma mascara, para que não fôsse possivel reconhecel-o.

Eis a explicação do grande mysterio, que tanto tem preoccupado a curiosidade, e que constituiu por muito tempo uma feracissima mina para os romancistas.

Entre outros o velho Dumas, esse delicioso narrador, faz arrebatar do Louvre o verdadeiro Luiz XIV e metteu-o sem a menor ceremonia nos subterraneos da Bastilha, emquanto que o *Mascara de ferro* era installado no throno. A similhança, de resto, era tão prodigiosa, que no famoso romance de Dumas, nem mesmo a rainha Maria Thereza, esposa de Luiz XIV dá pela substituição!

O leitor perdoar-nos-ha a digressão, em attenção á curiosidade d'estes acontecimentos, que se referem ao reinado de Luiz XIV.

No emtanto, a ligação do rei com a Vallière tornou-se publica, e os auctores de coplas não perderam o ensejo de fazer rir as multidões. Apesar da lição dada por varias vezes a estes improvisadores satyricos, Bussy-Rabutin mostrou-se verdadeiramente intrepido. Sob o pretexto de que a favorita tinha a bocca um pouco grande, o alegre fidalgo compoz uma canção *boufonne*, cujo estribilho era o seguinte :

Que Deodatus est heureux
De baiser ce bec amoureux,
Qui d'une oreille à l'autre va,
Alleluia!

Deodatus, Dieu donné, era um dos sobre-nomes do rei.

Tres dias depois, Paris inteiro cantava esta tolice. Bussy-Rabutin poderia alegremente gosar o seu triumpho, se as masmorras da Bastilha não tivessem as paredes muito espessas para o impedir de ouvir os que cantavam a sua recente e imprudente peça de versos!...

Dois annos havia que durava o idyllio de Luiza de la Vallière com o rei, quando nos jardins de Versailles, onde vamos conduzir o leitor, le Nôtre, o famoso jardineiro, que já conhecemos, conversava com um dos seus amigos a respeito d'esses amores.

Ouçamol-os. O interlocutor de le Nôtre é o mesmo amigo de Fouquet, que já entrevimos na famosa festa de Vaux.

— «Pedia-me a historia da Vallière, é antes a historia da minha bella rosa da Hollanda que vou contar-lhe, meu amigo, mas quero primeiramente mostrar-lhe a Luiza que o senhor viu na festa do superintendente. Eil-a que chega!»

E le Nôtre indicou ao seu amigo uma mulher vestida de preto, que trazia na mão um guarda-sol. Era a mesma formosa rapariga da festa de Fouquet, mas que singular transformação! Luiza era apenas a sombra de si propria. O doce matiz das suas faces encantadoras, desapparecera para dar logar a uma pal-

lidez livida. Tinha os olhos vermelhos de chorar, e lia-se-lhe no rosto uma grande melancholia.

—«Onde vae ella?» perguntou o amigo de Fouquet.

—«Ao tumulo da rosa! Veja, e calle-se para não a assustar, porque ella é muito timida!...»

Mademoiselle de la Vallière entrava n'um pequenino bosque, visinho do logar d'onde os dois amigos a observavam. D'ahi a pouco, a favorita chegava junto de uma especie de mausoleu, diante do qual ajoelhou.

Alli, debaixo de um globo de crystal, e sobre um pequeno quadrado de marmore branco, via-se n'uma pequena caixa dourada um arbusto sêcco!

N'um dos ramos d'este arbusto pendia ainda uma flor fanada, da qual seria impossivel adivinhar o nome ou reconhecer a natureza.

—É a roseira do baile do Louvre, a mesma que eu lhe levei, ha dois annos da parte do rei, disse le Nôtre muito commovido. Bem vê, não tinha senão uma rosa... uma rosa de cem folhas!... Pobre mulher! pobre flôr!..»

E pelas faces de le Nôtre correu lentamente uma lagrima,

Luiza, depois de ter permanecido alguns segundos a examinar o arbusto, levantou o globo de crystal e collou os labios sobre a rosa morta, da qual alguma folhas se desprenderam e foram levadas pelo vento.

— «Retiremo-nos, disse o jardineiro, quero contar-lhe a minha historia.»

Os dois amigos foram sentar-se n'uns bancos rusticos, a bastante distancia do tumulo da rosa.

—«Vae julgar-me ridiculo, disse le Nôtre ao seu companheiro, mas eu tenho pelas flores o mesmo affecto que se tem pelos filhos. Não se lembra que no baile de Vaux eu praguejei contra o capricho de Luiz XIV, que déra á dama de honor de Madame a minha mais bella roseira da Hollanda?»

—«Effectivamente, recordo-me das suas palavras por essa occasião...»

—«Fiz, como póde imaginar, a Mademoiselle de la Vallière todas as recommendações imaginaveis a respeito da necessidade de regar o arbusto, de lhe podar os rebentos parasitas, de o tractar com o maximo cuidado, emfim. Ella então pediu-me que fosse eu proprio tractar d'elle. Consenti n'isto com alegria. A pobre menina tinha uma ideia extranha. Fôra aquelle o primeiro presente que ella recebera do rei. No seu espirito, o amor de Luiz XIV prendia-se á existencia da roseira, e devia seguir-lhe o destino!...»

—«Oh superstição do coração! exclamou o amigo de Fouquet. É isso, começo a comprehender!»

—«Comprehende os pesares de Luiza, mas o que não adivinha, o que eu levaria mesmo um seculo a adivinhar, é o motivo que fez seccar a roseira.»

—«Effectivamente, o senhor disse-me que ella podia viver cincoenta annos.»

—«E repito-o, teria mesmo excedido essa edade, se não fosse a mais odiosa das traições! Oh! As mulheres! As mulheres! accrescentou o jardineiro muito encolerisado. Não ha meio termo, ou são anjos ou demonios!»

—«Mas a historia, a historia!» atalhou o amigo de Fouquet, impaciente por conhecer aquelle drama.

—«A historia? Posso dar-lhe o desenlace d'ella em duas palavras. Foi Mademoiselle Athenaïs de Mortemart que commetteu essa traição!»

—«Que ouço? A noiva do marquez de Montespan?...»

—«Ou, se o prefere, a segunda amante do rei. Oh! o adulterio fructifica esplendidamente na côrte; o terreno é magnifico. Mademoiselle de Mortemart tem um soberbo futuro!...»

—«E o seu casamento com o marquez?...»

—«Hade celebrar-se no fim da semana. Montespan, como toda a gente sabe, não é homem de escrupulos!»

—«Mas isso é ignobil, meu caro le Nôtre!»

—«Sou da sua opinião, meu amigo, mas deixe-me continuar a minha historia. A roseira-talisman não deixava um momento Mademoiselle de la Vallière. Quando ella sahiu do Palais-Royal para ir installar-se no Louvre, eu levei-a para o Louvre; quando ella veio para Versailles, a sua flôr querida veio com ella. Ora, Athenaïs era companheira e amiga intima de Luiza, e esta que lhe fazia todas as suas confidencias, confessou-lhe um dia a sua querida superstição!...

—«Imprudente!...»

—«Tão ingenua como boa, ella não desconfiava da sua amiga. A boa rapariga via tranquillamente Athenaïs conversar com o rei e divertil-o com os seus bons ditos e as suas maledicencias, que ella sabe desenvolver com um espirito infernal. O essencial, bem comprehende, era fazer perder á Vallière tudo quanto Mademoiselle de Mortemart ganhava no coração do monarcha. Um dia vou tractar da roseira, e noto que ella desfallecia a olhos vistos...

—«Ai de mim! disse-me Luiza com tristeza, o amor do rei vae-se!»

«Tranquillisei-a o melhor que me foi possivel, e para fazer uma experiencia, mudei a terra do vaso. Mas no dia seguinte a doença augmentava. A rosa estava murcha e as folhas amarelleciam!

«N'esse dia, a Vallière chorara copiosamente, e o rei achara-a enfadonha. Em compensação, n'esse dia Athenaïs de Mortemart fôra inexcedivel de espirito e de bom humor.

—«Bem vê, disse-me Luiza, ella morre!»

«E mostrava-me o pobre arbusto cada vez mais doente, accrescentando:

—«Morre, e o senhor não sabe porque! Sei eu... sei eu!...» accrescentou a pobre rapariga desfazendo-se em lagrimas.

«N'essa noite, sua magestade achou-a feia, e não teve uma unica amabilidade para lhe dizer!

«Eu dava a todos os diabos a roseira. Podava-a á direita, podava-a á esquerda... e não querendo desprezar meio algum de a salvar, cheguei mesmo a transplantal-a para outra caixa. Nada pude conseguir. Dois dias depois, a pobre roseira morria, e Luiz XIV fazia admittir Mademoiselle de Mortemart no numero das damas de honor da rainha.

«Uma duvida, um relampago, atravessou-me o espirito.

—«Diga-me, Luiza, communicou a alguem a especie de presagio que tinha com esta flôr? perguntei-lhe eu.

—«Sim, disse-o a Athenaïs,» respondeu-me a pobre rapariga.

«Sem lhe dizer nada tomei um punhado de terra que rodeava o tronco do arbusto e levei-a a casa de um chimico, que a analysou. As minhas suspeitas foram confirmadas. N'aquella terra havia sido deitada caparosa. Um frasco imperceptivel, duas gottas por dia, nada mais simples! E eis aqui como uma mulher habil supplanta a sua rival!»

—«Oh, mas isso é indigno!» exclamou o amigo de Fouquet.

—«Eu não lhe disse que Mademoiselle Athenaïs de Mortemart é uma mulher habil?» concluiu o famoso jardineiro le Nôtre.

Algum tempo depois, Mademoiselle de Mortemart casou com o marquez de Montespan, marido commodo, ao qual el-rei e a sua nova amante punham um luiz de ouro em cada olho, quando elle tentava vêr muito claramente o que se passava.

Até ao dia em que a nova amante poude receber abertamente a herança da sua rival, o marido cobriu tudo com a sua complacente capa conjugal.

Luiz XIV teve então ao mesmo tempo duas favoritas e isto aos olhos da joven rainha, sua esposa, e aos olhos de todo o mundo. O rei, sem o menor escrupulo, trazia-as na sua comitiva em todas as festas, levava-as para o exercito, e o seu cynismo chegou a ponto de fazer legitimar os bastardos por sentença do parlamento.

O escandalo do Louvre foi tão grande, que a Egreja chegou a assustar-se com elle. Do alto da cadeira evangelica, os prégadores começaram então a trovejar com todas as suas forças. O mais celebre, por essa épocha, era o padre Bourdaloue, da companhia de Jesus. Prégando a quaresma em Versailles, o jesuita fallou com a maior ousadia a um rei, cuja magestade se impunha então não sómente á França, mas ao mundo inteiro. Luiz XIV e os seus cortezãos, esmagados pela eloquencia do orador christão, abaixavam a fronte como culpados!

A um canto da capella real podiam ouvir-se os soluços convulsos da pobre la Vallière!...

D'ahi a pouco, a favorita esquecida e desprezada, recolhia-se ás Carmelitas, onde seis mezes mais tarde tomou o veu, e pronunciou votos irrevogaveis. Sob o nome de Soror Luiza da Misericordia, viveu desde esse momento como uma santa, esquecendo n'aquelle sagrado recinto todas as dores e todos os pesares que lhe havia dado o amor de um rei!

A Montespan, caracter vil, sem vergonha, nem pudor de especie alguma, teve um reinado ephemero. O rei não tardou a enfadar-se d'ella, e a tomar outra amante a duqueza de Fontanges. A nova favorita, passou como um meteóro. Brilhou um instante apenas, para melhor se extinguir e desapparecer! Nem o seu nome lhe sobreviviria talvez, se não fôra o penteado extravagante por ella inventado, e que durante muito tempo esteve em moda. Já alludimos a elle n'outra parte d'este livro, mas as leitoras não acharão demasiado o dizermos-lhe ainda a respeito d'elle que era um grande edificio composto de oito peças principaes: a *duqueza*, o *solitario*, a *couve*, o *mosqueteiro*, o *crescente*, o *firmamento*, o *decimo ceu* e o *rato*. Nunca pensamento mais estapafurdio pene-

trou n'um cerebro de mulher, e o mais espantoso ainda é que a moda d'este penteado durou dez annos!...

Depois da indifferença, o rei começou a ter aversão á Montespan. A alegria que a marqueza manifestou por occasião da morte da duqueza de Fontanges, foi o termo do reinado d'aquella favorita altiva e cruel.

—«Minha querida marqueza, disse Luiz XIV a Madame de Maintenon, que chorava a seu lado a morte da duqueza, peço-lhe que vá dizer da minha parte a essa desgraçada, que eu não quero já ser amado por ella!... Estou farto de a aturar!...»

E Madame de Maintenon cumpriu de bom grado essa commissão, que tão maravilhosamente secundava os seus projectos.

Fôra a propria Montespan que apresentara na côrte a viuva de Scarron, e que lhe obtivera o cargo de aia ou educadora do duque du Maine e do conde de Toulouse.

Uma vez installada no Louvre, exactamente por cima dos aposentos do rei, Francisca d'Aubigné soube desenvolver tantos recursos de espirito e delicadeza, que Luiz XIV começou a sympathisar com a nova preceptora dos seus bastardos. Sob pretexto de ver e acariciar seus filhos, o rei visitava-a todos os dias, testemunhando-lhe a mais alta estima. Cada vez mais encantado do seu espirito e das suas amabilidades, o rei comprou-lhe perto de Chartres um dominio, cujo titulo lhe concedeu. Cedendo ao desejo de Luiz XIV, Francisca d'Aubigné passou a chamar-se Madame de Maintenon. Alguns gracejadores da côrte parodiaram logo o titulo, e denominaram-na *Madame de Maintenant.*

A primeira cousa que a astuta marqueza fez para consolidar o seu poder, foi obter para o seu confessor, o padre La Chaise, a honra insigne de dirigir a consciencia de Luiz XIV. O padre era da companhia de Jesus, e sectario pertinaz das doutrinas d'Escobar. La Chaise não foi ingrato para com a sua protectora, e graças a elle Luiz XIV teve a permissão de aproveitar os restos de seducção e de belleza que offereciam ainda as carnes bem nutridas de Madame de Maintenon. Pela sua parte, a marqueza começou a ser menos severa por occasião das visitas frequentes de sua magestade. O confessor sabia do seu officio: *Il y a avec du ciel des accommodements!*

A devota confessada de La Chaise começou, portanto, a lançar-se com empenho na vida do peccado.

A marqueza revelou primeiramente ao monarcha certos pormenores secretos que uma mulher não conta a ninguem ordinariamente, ainda mesmo quando esses pormenores constituem apenas meras praticas religiosas, de uma pureza irreprehensivel.

Segundo ella propria dizia, usava camisas hermeticamente fechadas por todos os lados, e cuidadosamente franzidas na parte superior.

A marqueza accrescentava que desde muito tempo havia abandonado o uso do espartilho, pretendendo provar d'este modo que os seus peitos não precisavam d'aquelle appoio, o que não era pouco para a sua edade, devemos concordar!...

Deitava-se n'um leito sem cobertores, e lavava o corpo a cada momento,



Madame de Montespan

pormenor destinado a provar ao rei que a dama tinha demasiado calor, e que o asseio era uma das suas qualidades mais apreciaveis.

Por maior que fôsse a confiança de Luiz XIV na devoção da marqueza, suspeitou que não lhe era indifferente, e quiz certificar-se.

Mas uma formidavel trincheira de escrupulos, de penitencias e de santos deveres, levantou-se de subito ante uma virtude que elle esperava encontrar menos inaccessivel.

Madame de Maintenon sabia do seu officio, e portanto defendeu palmo a palmo o seu forte pudor de quarenta e seis annos.

Por fim, como estava resolvida a render-se, e como apenas havia protestado não capitular, senão depois de um certo numero de assaltos, el-rei logrou convencer-se se a praça encerrava ou não todas as riquezas, que lhe haviam sido minuciosamente descriptas, e parece que o exame foi satisfatorio.

Desde então as *conversações* entre o rei e a marqueza prolongaram-se indefinidamente.

D'este modo capitulou a ambiciosa mulher, que chegou a ser a esposa do rei mais altivo da Europa, e a quem, segundo temos visto, dominou completa e triumphantemente.

D'este modo começou a preparar a sua transcendente victoria aquella mystica, que deixou muito atraz de si na celebridade e no dominio do rei de França, a Vallière, a Fontanges, a Montespan e o numero infinito das ephemeras amantes do poderoso rei.

E tal foi o dominio que sobre elle exerceu depois de casada, que chegou a vêr reconhecida pelo papa a validade do seu casamento com Luiz XIV e portanto o seu titulo de rainha de França!...

Retrocedamos, porém, agora ás primeiras consequencias da gloriosa rendição da praça Maintenon.

A côrte e a cidade fallavam a este respeito, sem accusarem ainda assim a infallibilidade da rendida, tão solidamente conseguira ella por toda a parte estabelecel-a.

Ninguem sabia, porém, a que attribuir a extranha intimidade que reinava entre Luiz XIV e a marqueza.

—«É mister, dizia-se, que esta mulher tenha descoberto ao rei nova região no paiz do sentimento. É mister que lhe inspire no coração sensações desconhecidas!»

Mas Bossuet e o padre La Chaise averiguaram o verdadeiro motivo da mudança e ousaram fallar a respeito d'elle com a propria Maintenon.

Ella, a principio, enfadou-se, mas depois... corou!

E quando uma mulher de quarenta e seis annos córa, é porque deve ter motivos muito poderosos!

—«Não procure desculpar-se», disseram elles com doçura.

—«Desculpar-me?»

—«Sim, havia muito tempo que pensavamos n'uma transacção, desgraçadamente inevitavel, entre a virtude e o peccado.»

—«Mas, monsenhor, asseguro-lhe que as suas suspeitas não são fun-

dadas», disse Madame de Maintenon com uma voz que toda a sua astucia não poude tornar tranquilla.

—«Tanto peior, senhora marqueza, tanto peior!» replicou o confessor d'el-rei n'um tom melodioso e insinuante.

—«Meu padre, replicou um pouco mais refeita a favorita, não posso comprehender como vossa reverendissima se atreva a empregar uma linguagem, que...»

—«Mas, se é exactamente esta linguagem a que temos de empregar, marqueza!» confirmou Bossuet.

—«Não comprehendo, meus senhores!...»

—«Digne-se ouvir, minha senhora. Se quizermos que el-rei volte ao redil catholico, é preciso irmol-o buscar ao caminho do peccado!...»

—«Decerto, decerto», disse La Chaise.

—«Pois bem, para o affastarmos d'esse caminho, sem lhe assustarmos as paixões, não podemos deixar de percorrer a seu lado essa via profana, embora n'este caso caminhemos sem o menor perigo, sem receio da condemnação eterna!...»

—«Vou comprehendendo!...»

—«O peior do peccado é a sua intenção.»

—«Sim, e n'este caso...»

—«N'este caso, a intenção é um relampago da divina graça.»

—«Assim, pois...»

—«Assim, marqueza, demos graças a Deus por ter aberto os olhos ao rei sobre as suas mais bellas e até seductoras qualidades!...»

—«Oh, monsenhor!»

—«E roguemos a Deus que lhe dê forças para peccar e ceder aos libidinosos desejos de sua magestade, se é certo que seguindo os principios geraes da fé, a marqueza continua a defender-se dos lascivos ataques d'el-rei.»

—«Pense, marqueza, corroborou o padre La Chaise, que todas as nossas esperanças se baseiam na sua conducta futura!»

—«Esteja descançado!»

—«A consciencia de sua magestade está ainda, infelizmente, fechada ao echo das nossas vozes austeras!»

—«Isso é verdade!»

—«Portanto, a piedade não póde entrar no animo do rei, senão adornada com as galas da vida mundana!»

—«Tem razão, monsenhor!»

—«Marqueza, concluiu La Chaise, tenha a coragem de se sacrificar ás voluptuosidades da terra, no interesse sagrado das cousas do céu!...»

—«Monsenhor e meu padre, replicou a marqueza commovida, não sei realmente como responder... a palavras tão inesperadas! Esta noite fallarei com o padre Gobelin, meu confessor...»

—«Muito bem! Muito bem!...»

—«E, continuou ella n'um tom melifluo, rogar-lhe-hei que me ajude a penetrar os mysterios occultos da graça!...»

—«Oxalá que assim seja!»

—«Pesarei com elle o que posso expôr da minha salvação para conquistar e procurar a do rei, e se elle me aconselhar do mesmo modo, farei nascer no espirito do rei o projecto de combater a heresia, esse veneno que, aproveitando-se do imperio do erro, se insinua perfidamente por toda a parte!...

—«Muito bem, marqueza!...»

A julgar pelas apparencias, o padre Gobelin foi da mesma opinião que Bossuet e o padre La Chaise.

As *conversações* com el-rei prolongaram-se mais do que nunca.

Os conselhos d'Estado começaram a celebrar-se em casa da Maintenon, o que era uma prova do mais alto favor do rei.

Seria importante decerto fixar a data em que Madame de Maintenon se *immolou ás voluptuosidades da terra*, mas é este um ponto chronologico sobre o qual não podemos obter dados precisos.

Quanto ás outras amantes do rei, o naufragio das suas esperanças foi absoluto e mortal.

Filippe v de Hespanha, por obra, como se sabe, de Luiz xiv, celebrou o seu casamento.

Foi então que Luiz xiv e Madame de Maintenon comprehenderam a necessidade de prevenir o influxo que poderia exercer sobre um principe sem experiencia uma princeza a quem o perfido duque de Saboya havia disposto a servil-o, muito de preferencia á nação para onde a tinha enviado como rainha.

O rei e a marqueza pensaram, portanto, que não era menos urgente pôr o joven monarcha em guarda contra as insinuações de um conselho demasiadamente hespanhol, que necessariamente procuraria desvial-o da união com a França, unico alvo e esperança de Luiz xiv.

Para auxiliar estas intenções do gabinete de Versailles, era necessario um talento delicado, insinuante, proprio para conciliar a affeição dos hespanhoes d'aquelle tempo, tão difficeis de enganar e não menos faceis de seduzir.

Madame de Meintenon, que era a astucia e a politica personalisadas, propoz ao rei uma dama escolhida por ella!

Maria Anna de la Tremouille de Noirmontier, viuva em primeiras nupcias do principe de Chalais, e em segundas do duque Braccianno, principe dos Ursinos, tal era a favorita que se preparava para o rei de Hespanha.

Esta dama prehenchia todas as condições necessarias para o cumprimento de tão delicada missão.

A sua vida fôra um romance, recheiado de interessantissimos episodios, e povoado de paixões e aventuras.

Nunca houve galanteria mais expansiva que a de Maria Anna de la Tremouille, e nunca lhe faltaram recursos para alimentar uma ambição illimitada, ainda que em parte justificada.

Todos os homens com quem intencionalmente se relacionou, e cujo credito teve necessidade de explorar, foram seus amantes, ainda que não fosse por mais de cinco minutos.

Mas como a princeza dos Ursinos andou sollicitando os personagens da

côrte durante toda a sua vida, tanto por espirito de intriga, como por necessidade, póde o leitor fazer ideia do enorme catalogo de adoradores, de que ella poude lançar mão.

E foi assim que ella, ao mesmo tempo, logrou satisfazer os seus desejos voluptuosos e ambiciosos, as suas aspirações illimitadas e o seu insaciavel temperamento.

Esta segunda Lais possuia, ainda mesmo n'uma edade avançada, todas as seducções e encantos do seu sexo.

Tinha feições encantadoras, uns olhos esplendidos, despedindo das pupillas azuladas raios de voluptuosidade indefinida, uma voz doce como a das sereias, que penetrava suavemente a alma.

A tudo isto reunia uma estatura de nympha, as graças de Hebe, a formosura de corpo attribuida a Venus, e uma flexibilidade de caracter e de paixões que a faziam apta para todos os gostos.

Tal era a princeza dos Ursinos.

Résa a tradicção que Madame de Maintenon costumava dizer muitas vezes:

— «Se eu não fosse Francisca d'Aubigné, quisera ser Maria Anna de la Tremouille.»

Pelas brilhantes qualidades que acabamos de enumerar, esta viuva, tão bem dotada pela natureza, conquistou a affeição e o favoritismo dos cardeaes d'Estrées e de Bouilllon, e de tres ou quatro membros do sacro collegio, que n'ella encontraram perfeições só dignamente apreciadas na Italia.

A princeza teve durante muito tempo um gosto decidido pela purpura romana.

Ignoramos se elevou os seus desejos até á thiara, em todo o caso, approximou-se muito d'ella, porque o papa Innocencio XI costumava dizer «que aquella voraz belleza comia habitualmente dois cardeaes, antes de almoçar!»

O cardeal de Bouillon legou por gratidão á princeza dos Ursinos uma grande parte dos seus bens.

Houve quem lêsse no envolucro do testamento esta phrase singular:

«A Madame de Bracciano, *cardealesa e princeza* da Egreja Romana.»

Tal era a mulher com quem Luiz XIV contava para sustentar o seu influxo no reino de Hespanha, para onde foi mandada com este fim.

Rica, independente, habituada aos costumes de Madrid, onde já tinha vivido, e muito conhecida da sociedade madrilena, a princeza dos Ursinos foi perfeitamente recebida na côrte do Escurial, primeiramente graças á sua opulencia, á sua politica e ao seu talento, e depois por causa da sua complacencia.

A enviada de Madame de Maintenon acceitou com humildade o titulo de camareira-mór ao lado da rainha, cargo que lhe procurou, segundo ella propria escreveu para Versailles,« a honra insigne de receber os sapatos e o trajo de casa do rei, quando sua magestade se deita com sua esposa.»

E alem d'isto, «o de rivalisar em destreza com as *donas* do Piemonte, quando se tracta de apresentar á rainha agua para sua magestade lavar as mãos.»

Ou ainda:

«A honra insigne de ser portadora de um pequeno movel, de que sua magestade ignorava o uso, na sua qualidade de italiana, e que eu lhe ensinei...»

N'outra carta diz a princeza:

«Era tempo que eu chegasse.

«Imagine que, ao tomar conta do meu emprego, o rei e a rainha dormiam, vulgarmente, burguezmente, no mesmo quarto!

«De bom grado toleraria este ridiculo costume, se não tivesse notado bem depressa que a rainha se preparava para abusar d'elle.

«Ruminando a ideia de aproveitar as necessidades de Filippe v para o dominar, Maria Luiza havia mandado collocar rodas nos pés do leito de seu esposo.

«Se este lhe recusava alguma graça, a rainha apartava o seu leito do do rei.

«Se lhe concedia o que desejava, ambos os leitos se approximavam.

«Como este manejo podia vir a ter um *crescendo* de consequencias perigosas, ridicularisei tanto este costume, que por fim suas magestades puzeram quarto á parte, e só se reunem de noite com permissão minha.»

O que a princeza dos Ursinos não revelou nas suas cartas, foi que já era amante de Filippe v e que não permittia com muita frequencia ao monarcha o leito commum, cujo uso, por outra parte, ella conseguia tornar superfluo!...

Um novo rasgo do caracter altivo da duqueza de Bourbon. Esta princeza não amava nem temia Madame de Maintenon, e todas as vezes que encontrava occasião de a humilhar, nunca a deixava perder.

Vamos contar uma d'estas peripecias, verdadeiramente curiosa.

Na extremidade norte da esplanada do palacio de Versailles, havia sempre de sentinella um suisso.

Luiz XIV era quasi sempre quem dava as instrucções, o santo e a senha a este estrangeiro.

Essas instrucções consistiam quasi sempre em não deixar passar ninguem pela porta de communicação para o palacio, que havia n'aquelle lado.

Acabava um dia a sentinella de receber a prohibição da bocca do monarcha, quando a senhora duqueza, á quem a chuva fizera retirar do parque, se apresentou para entrar pela porta prohibida.

O suisso não a deixou passar.

A princeza insistiu, mas a sentinella foi inflexivel, e Madame de Bourbon teve de resignar-se visto que:

Du coté de la barbe est la toute-puissance!

N'este momento, porém, a princeza vê approximar-se d'aquelle lado Madame de Maintenon, a quem a chuva obrigava tambem a refugiar-se no palacio.

—«Lá vem a p... do rei! disse a duqueza. Provavelmente as instrucções da sentinella não lhe dizem respeito, e n'esse caso, melhor, porque entrarei com ella!...»

— «Senhora, disse a filha da Montespan, dirigindo-se á marqueza. Este homem recusa-me a entrada, e eu conto com a protecção da senhora marqueza!»

—«Vamos vêr isso!» disse a Maintenon.

E dirigiu-se á sentinella, que lhe recusou egualmente a entrada.

A marqueza obstina-se em entrar, a sentinella permanece inflexivel.

—«Sentinella! exclamou a poderosa dama muito encolerisada. Sabes quem eu sou?»

—«Sim, minha senhora, respondeu o soldado. Esta dama aqui presente acaba de m'o dizer. É a p... do rei, mas apesar d'isso não entrará!...»

A duqueza riu como uma perdida, e affastou-se immediatamente d'aquelle sitio.

Madame de Maintenon entrou por outra porta e foi logo em seguida queixar-se ao rei.

—«A sentinella, respondeu sua magestade, cumpriu o seu dever; a duqueza é que faltou gravemente ao respeito que *me* deve. Eu a castigarei!...»

Comtudo esse castigo não chegou.

Cabe aqui agora registar um costume, que se introduziu por esse tempo na alta sociedade.

Jantava-se e ceiava-se *á campainha,* quer dizer, apenas posto o serviço na mesa, os creados desappareciam, esperando para entrar que o som da campainha lhes resoasse aos ouvidos nos aposentos interiores.

Este uso, inventado pela princeza de Conti, acabou de dispôr os convidados para todas as liberdades.

A civilisação caminhava a passos de gigante!

Uma aventura curiosissima d'aquelle tempo foi a de uma joven reclusa, chamada Mademoiselle de Monasterolles. Aventura curiosa e originalissima!

O conde de Chetardie, velho mundano arrependido, havia-se retirado para casa de seu irmão, o cura de Saint-Sulpice, para alli viver no retiro e na devoção.

Este fidalgo estava a ponto de completar os seus oitenta e quatro annos.

Era a edade do arrependimento mais tardio, e por certo que ninguem esperaria uma recahida no vicio, na avançadissima edade do conde.

Apesar d'isso, enganavam-se.

Depois de alguns mezes de jejuns e macerações, La Chetardie, conversando particularmente com o veneravèl pastor, declarou-lhe que o espirito maligno triumphava d'elle, e o atormentava ao extremo de considerar eminente o perigo da sua condemnação, se um rapido matrimonio não viesse dar remedio aos seus males.

O cura respondeu a seu irmão que na verdade era preciso que o diabo estivesse bem desoccupado para ter a velleidade de ir installar-se n'um corpo de oitenta e quatro annos; mas que, emfim, se assim era, precisava procurar uma mulher para aquella victima de Belzebuth, e que talvez a encontrasse.

Dias depois, o virtuoso cura contou este caso em presença de varias senhoras, e soube por ellas que havia n'um convento visinho de Saint-Sulpice

uma joven pensionista muito nobre, mas sem meios de fortuna, á qual seus paes de bom grado casariam com o velho conde.

O cura viu a rapariga, e não desgostou d'ella.

Foi em seguida ter com os paes, que ficaram encantados com a fortuna que se lhe deparava. Pela sua parte, a joven não recusou a proposta, seduzida pela avançada edade do seu futuro esposo.

Tratou-se de apressar a ceremonia nupcial, porque o pretendente, incitado pelo demonio da luxuria, não podia esperar.

A festa esteve esplendida. Comeu-se, bebeu-se, dançou-se, e cada qual dos convidados desejou uma noite feliz aos dois esposos.

Havia meia hora que estavam no leito, quando a campainha violentamente agitada pela noiva, attrahiu ao leito conjugal grande numero de convidados, que haviam decidido passar alegremente o resto da noite no salão.

Imagine-se o assombro d'elles, ao verem o conde de la Chetardie morto, ao lado da sua juvenil e formosissima esposa!

Ao espanto do primeiro momento, succederam-se as deliberações a respeito do partido que se devia tomar.

O cura consultou todos os circumstantes.

A maioria decidiu que no mesmo instante a juvenil esposa fosse conduzida ao seu convento, apesar de passar muito da meia noite.

Fallou-se muito d'este caso extraordinario durante uns oito dias. Afinal, como tudo n'este mundo, o caso esqueceu de todo.

Mas o que ninguem esperava certamente, foi que ao cabo de nove mezes, dia por dia, hora por hora, depois do toque da campainha d'aquella noite nupcial, a condessa de la Chetardie désse á luz um robusto menino, prova evidente de que, se o conde morrera no combate, fôra sómente depois de ter vencido!...

Aqui termina a extranha anedocta, a qual prova que o espirito maligno, ainda mesmo n'um velho, não larga a sua presa, senão depois de ter logrado algum proveito.

Apesar da sua rigidez apparente e da sua severidade estudada, Luiz XIV deixava-se aturdir algumas vezes pela excessiva corrupção das damas da côrte.

Estas damas levavam a tal extremo a sua licença e impudor, que a duqueza de Borgonha inventava e renovava todos os dias mil caprichos, lascivos e repugnantes.

Dizia-se até que Madame de Maintenon a auxiliava n'esses caprichos, no intuito de divertir o monarcha.

A princeza podia effectivamente exercer certo imperio sobre sua magestade, graças á gentileza do seu rosto, que poderia mesmo taxar-se de formoso, se sua alteza não tivesse os labios tão grossos, e não tivesse perdido, á força de emoções frequentes, a frescura primitiva da tez.

A duqueza de Borgonha detestava os penteados minuciosos, e nos seus reinava habitualmente a maior desordem, porque não dava ás suas camaristas o tempo de os concluirem.

Distinguia-se, portanto, a princeza por uma picante negligencia de atavios femininos, negligencia a que os homens são geralmente affeiçoados. Chegou mesmo algumas vezes ao extremo de apparecer com todos os signaes de uma excessiva porcaria, coisa muito longe na verdade dos encantos de um *négligé* seductor.

Mas a filha do duque de Saboya já de ha muito que raro se importava com as conveniencias.

O senhor de Maulevrier fôra mandado para Hespanha por ter querido fazer-lhe a côrte á moda de Rolando furioso.

Fallava-se tambem muito nas assiduidades do senhor de Nangés, e de outros muitos, e além d'estes, a princeza tinha ainda, segundo contava a chronica escandalosa um serralho de jovens damas.

E a julgar pelas affirmações de pessoas dignas de credito, a duqueza só considerava como verdadeiramente feliz o tempo que passava no leito da Maintenon, a qual ainda aos setenta e cinco annos de edade, no dizer da propria duqueza de Borgonha, era dotada dos mais felizes privilegios da natureza.

Corriam tambem boatos graves ácerca das correrias nocturnas de Marly, na ausencia do rei, uma especie de bacchanaes de que eram theatro os jardins d'aquella residencia, e actores um grande numero de fidalgos de alta stirpe.

Entre os pormenores d'essas orgias nocturnas, ha um verdadeiramente singular. Ao que parece, a duqueza de Borgonha gostava muito que a arrastassem pelos pés.

Singular diversão para uma princeza!

Quanto mais aborrecido se encontrava Luiz XIV, mais livres, loucos e arrebatados eram os caprichos e os brinquedos da princeza.

Umas vezes saltava diante d'elle, como um cão; outras sentava-se-lhe familiarmente nos joelhos, beijava-o, puxava-lhe a pelle da cara, as orelhas e o nariz.

Nas grandes occasiões, quer dizer, quando o riso se mostrava mais rebelde em desabrochar, a princeza apoderava-se com as suas mãos delicadissimas da enorme cabelleira de sua magestade e coçava suavemente a calva do grande rei.

—«Arlequin não morreu ainda!»

Exclamava então o rei, rindo de maneira que fazia pular o ventre e com elle a travêssa duqueza.

Quando estas arlequinadas se exgotavam, e o rei ficava ainda semsaborão, Maria Adelaide, passando a outro genero de diversões, troçava de tudo quanto lhe parecia.

Deitava por terra as pessoas mais respeitaveis e convertia em assumpto de chacota os mais graves negocios.

As liberdades que a duqueza de Borgonha tinha com o rei despertariam n'elle paixões, que se julgavam mortas de ha muito?

É o que deve suppôr-se, a julgar pelos boatos que a este respeito correram.

Admittindo, portanto, a certeza d'este facto, temos de concluir, não que

Luiz XIV se arriscasse a cahir novamente nas garras do peccado, mas sim que a duqueza pensava em alcançar para seu marido o bastão de marechal de seu defunto sogro, morto em 1708.

Em todos os tempos, os olhos de uma mulher bonita conseguem melhor alcançar as dignidades militares que a direcção de um plano de campanha, ou uma victoria ganha á custa de prodigios de heroismo.

Em resumo, a côrte de Luiz XIV foi um theatro sobre o qual se succediam as scenas mais variadas e disparatadas ao mesmo tempo.

De manhã, a fronte dos cortezãos podia nublar-se com a noticia de alguma derrota; mas á noite era preciso apparentar uma physionomia radiante; era preciso inventar alguma coisa que fizesse sorrir o amo.

A côrte de Luiz XIV foi um lupanar secreto. A maior prova dos vicios d'aquelle reinado consiste na divida horrorosa que o monarcha deixou ao morrer.

Esta divida elevava se á quantia de dois mil e sessenta e dois milhões de libras de prata.

Para concluirmos o estudo da prostituição n'este reinado, transcreveremos o retrato que Montesquieu faz do grande rei, nas suas *Obras posthumas*:

«Luiz XIV nem era pacifico nem guerreiro.

«Tinha as nórmas da justiça, da policia e da devoção.

«Tinha o aspecto de um grande rei. Era affavel com os seus creados, liberal com os seus cortezãos, ávido com os seus subditos, inquieto com os seus inimigos, despotico com a sua familia, rei na sua côrte, duro nos seus conselhos, pueril no fôro da sua consciencia, facil de enganar com tudo quanto tivesse apparencias de magestoso, victima dos ministros, das mulheres e dos beatos!

«O rei não era superior ao dominio do talento, e receiava as obras dos homens de intelligencia robusta.

«Era grave e severo mesmos nos seus amores, e nos que teve nos ultimos annos da sua vida foi tão debil e fraco, que chegou a causar dó a todo o mundo.

«Não teve força de caracter nos sucessos prosperos, nem presença de espirito nos revezes, nem valor na morte.

«Amou a gloria e a religião, e toda a vida o impediram, apesar do seu nome, de conhecer bem tanto uma como outra.

«Não teria, decerto, nenhum d'estes defeitos, se tivesse sido melhor educado, ou se recebesse em dote mais imaginação.

«Madame de Maintenon rebaixava sem cessar aquella alma para a collocar ao nivel da sua.»

Méry aprecia nos seguintes termos o seculo de Luiz XIV:

«Quando se quer estudar bem este seculo, durante o qual as mulheres continuaram a exercer sobre o espirito e sobre os costumes da nação uma influencia soberana, é preciso determo-nos primeiro nos annos que separam a morte de Luiz XIII do novo reinado. Antes de seguir o grande rei ás sumptuosas residencias de Versailles e de Fontainebleau, remontemos a essa épocha de in-

differença, e de alegria puramente franceza, em que a alva mão das duquezas atava um laço de fita á espada da Fronda.

«Na physionomia de todos esses jovens senhores, que se batem aos olhos das suas amantes, ha não sei que bello ar de alegria encantadora e de zombaria cavalheiresca. Isto dá ás scenas tumultuosas da revolta um ardor adoravel, um arrebatamento delicioso. O dito espirituoso parte ao mesmo tempo que a balla de mosquete, a canção alegre e attrevida mistura-se com o ruido do tambor e com as fanfarras dos clarins, o pamphleto incisivo torna-se uma arma de boa tempera. Os paes leram a *Satyra Menippêa;* os filhos disputam-se á porfia as *Mazarinades.*

«É verdade que d'esta vez não se combatte contra uma monarchia, nem se debatem questões seculares. O machado não arremette contra o tronco annoso de algumas d'essas arvores, sobre as quaes as gerações se abrigaram e viveram. Toda a guerra é contra um homem, contra um aventureiro florentino, que a rainha favorece, contra um estrangeiro sem nobreza que estropia o francez e lança a todos os ventos estas palavras italianas:

Cantanno pagaranno!

«As mais bellas mulheres da côrte tomavam parte n'estas sedições turbulentas. Este ruido, estes combates, esta dupla fuzillaria de epigrammas e de mosquetes, não extinguia as doces palavras galanteadoras nem os suspiros amorosos. A intriga politica estava no segundo plano, e para o maior numero de combatentes a revolta era apenas uma questão de coração.

«Um joven, que devia mais tarde escrever frias e desanimadoras maximas, batia-se como um leão pelos bellos olhos de Madame de Longueville, essa graciosa e nobre rainha da Fronda.

«E Mademoiselle, quem a transformou de subito em heroina senão o amor? Não poderia dizer-se que toda a petulancia dos Guises passára para as veias d'aquella filha de Gastão, de Gastão, o mais fraco dos homens, o mais cobarde dos principes? A duqueza de Montpensier toma cidades, entra por uma brecha nos muros d'Orleans, como teria feito Henrique IV, seu avô; depois volta a Paris, sobe ao alto da Bastilha e faz trovejar trinta canhões para salvar Condé da vergonha de uma derrota.

«Se o espirito brilhava então, mesmo nas épochas de mais violentas perturbações, é porque um bom dito sahindo alegremente dos labios de um chefe de revolta, fazia desabrochar n'uma bocca amada um sorriso approvador e dava o brilho da alegria a esses doces rostos, que o pincel do pintor e o cinzel do esculptor nos souberam conservar em toda a sua graça e belleza primitiva. O salão tornava-se uma potencia com que era preciso contar, uma potencia que se temia, que se poupava, que se lisongeava, que se procurava conquistar. Via-se nascer alli essa delicada galanteria franceza, que proclamava o reinado da mulher sobre a nação mais espirituosa do mundo.

«Na Grecia antiga, mostram-nos Socrates e Platão introduzindo-se em casa de Aspasia para discutirem com esta celebre corteză altas questões philosophicas. Chamava-se a isto *sacrificar ás Graças.* No emtanto, era apenas uma influencia passageira, e á qual Platão deveu talvez a elegancia do seu estylo.

«Em Roma, nada vemos similhante.

«Se dos tempos antigos, passamos aos tempos modernos, encontramos em Florença a sociedade escolhida, de que Boccacio se fez o engenhoso biographo, mas em parte alguma, a não ser em França, a mulher se mostra animada d'esse doce e fecundo ardor, que aquece o genio nascente e produz as obras-primas.

«A galanteria encontrava-se no palacio Rambouillet mantida nos limites da decencia, e a vivacidade do espirito francez estava alli sujeita a regras, que lhe modificavam os desvios. Bem depressa procurou fugir-se a esta solemnidade de maneiras, a esta gravidade de linguagem e de aspectos, que produziu o tom mais tarde denominado *precioso*. Voiture, Balzac, Saint-Évremond, Ménage e vinte outros escriptores do tempo foram sentar-se no salão de uma mulher, que parecia continuar as tradicções das cortezãs de Athenas. Marion Delorme preparara, com maior ternura na alma, com menos brilhantismo no espirito, o reinado d'essa Ninon de Lenclos, que devia sublinhar com os seus sorrisos os versos do auctor do *Misantropo* e designal-os de antemão aos bravos da plateia.

«Luiz XIV entrou no parlamento de botas fortes e de chicote na mão : o grande reinado começa.

«Bastantes mudanças se seguiram á morte de Mazarin. Os trajos elegantes da Fronda, *la fraise à la confusion*, o *guap* d'Oviedo, o elegante *caballero* de Madrid, cederam o passo a outros trajos mais severos e magestosos. Os gentis-homens não acreditam já que os compridos cabellos, naturalmente anellados, bastem para o ornato do rosto, e cobrem a cabeça com gigantescos apparelhos, e transformam a arte de cabelleireiro. As fitas são profusamente espalhadas nos sapatos, nos joelhos, nas mangas, nos hombros, e as proprias rendas tornam-se parte essencial do vestido masculino.

«Só as mulheres com o tacto que as caracterisa se revoltam contra uma moda absurda, e recusam-se a largar os costumes que as embellezam. São calorosamente appoiadas e defendidas pela Mancini, pela Vallière, pela Montespan, pela Fontanges, e por essa divina Madame Henriette, cuja vida, radiosa estrella, devia extinguir-se tão promptamente na escuridão do tumulo.

«A propria litteratura disciplina-se. No emtanto, ella não poderia romper com as tradicções galantes, sobre as quaes o joven rei é o primeiro a lançar todo o faustuoso esplendor da sua grandeza. As mulheres continuam a inspirar os versos do poeta; são ellas que preparam o successo do artista e que vão sentar-se até sobre os degraus do throno, para exercerem de mais alto o seu glorioso patrocinio. Então, se ellas escrevem, dão á pintura do sentimento e á narração um encanto de estylo, uma flexibilidade de tom, que transportam para o livro toda a vivacidade, todas as maneiras finas e delicadas das palestras dos salões. Se ellas não se chamam, nem Madame de Sévigné, nem Madame de la Fayette, se ellas se limitam ao papel de protectoras das lettras e das artes, acolhem, como Madame de la Sablière, o poeta philosopho que não tem abrigo, pedem, como Madame de Maintenon, tragedias a Racine; dirigem com o auxilio da sua intelligencia, aformoseada pelos encantos, com o auxilio do seu coração, que o

enthusiasmo electrisa, esse movimento universal das ideias, que valeu áquelle seculo a honra de ser considerado, como uma das quatro grandes épochas do progresso litterario dos povos.

«Embalado pela mais bella poesia do mundo, pela poesia grega, o joven discipulo de Lancelot, o leitor dos suaves e frescos amores de *Théagène* e de *Chariclée,* vae bem depressa, ao lado da pompa de um reinado deslumbrante, ostentar a pompa dos seus versos. Aqui tudo entra em harmonia: o poeta, bello, como o rei, amoroso como o rei, verá sempre atravez das magnificencias de Versailles, o palacio de Argos, o templo atheniense, a camara imperial de Cesar. O seu pensamento, apesar dos trajos gregos, permanecerá francez, e a musa do cortezão de Luiz XIV receberá as inspirações de uma côrte brilhante, sob a tunica que a cobrirá sem a occultar.

«Fechae os olhos: não julgareis, ao ouvirdes essa doçura amorosa que embalsama as palavras de Iphigenia, ao ouvirdes essas harmoniosas queixas que escapam da bocca de Berenice, que a Vallière e Madame Henriette estavam presentes á imaginação do poeta, quando elle dava aos pezares de uma e ás dôres da outra essa suavidade, que enternece o coração e enche os olhos de lagrimas deliciosas?

«N'essa épocha, as mulheres dividem-se em dois campos, vemol-as arvorar duas bandeiras. Umas tomam o partido de Racine, outras o de Corneille.

«Madame de Sévigné, cuja sociedade habitual se compõe de admiradores exclusivos do pae do *Cid*, mostra-se uma das mais ardentes adversarias do poeta.

—«Falta-lhe completamente, escreve ella, o vigor romano, que brilha nos *Horaces.*»

«Devia ter sido um golpe bem doloroso para Racine esta declaração de guerra, sobretudo quando ao lado de Madame de Sévigné vieram alistar-se phalanges de mulheres, *cercles* inteiros, onde todos os dias se aguçava o dardo de um novo epigramma para o ferir no coração.

«N'esta injusta agressão, fez-se notar no primeiro logar Madame Deshoulières, que poz ao serviço da *coterie* a sua habilidade para forjar a rima.

«Mas a mulher que recebia do poeta tantos papeis apaixonados, que, com a sua alma, com o seu olhar, com os seus gestos, com os seus accentos fazia viver sobre a scena as heroinas tragicas, a Champmeslé, vingou Racine, excitando todas as noites os bravos da plateia. Esta mulher consolou-o da guerra cruel de tantas outras, com a sua admiração e com o seu amor.

«Ao declinar do reinado, Madame de Sévigné assistiu ás bellas representações de Saint-Cyr. Toda essa pompa theatral, que a presença do rei aquecia ainda, actuou com força sobre o seu espirito. Ella reconheceu emfim o merito d'aquelle a quem tão injustamente perturbara o triumpho. O sophisma pode invadir uma alma leal, o paradoxo pode enganar um coração dotado de rectas intenções; mas cedo ou tarde a venda cahe, o erro dissipa-se e a verdade apparece em plena luz. Madame de Sévigné fez justiça ao merito de Racine, e d'ahi em diante só fallou das suas obras com elogio.

«Essa qualidade brilhante, o espirito, do qual a Inglaterra, a Almanha e

todos os povos que têem uma litteratura não apresentaram senão contrafacções inhabeis, o espirito, essa flor delicada da alma, que se revela por um perfume subtil, teve entre nós todo o brilho, todo o relevo, toda a graça, porque entre nós a mulher reina ainda mais pela intelligencia do que pela belleza.

«No seculo XVII, quando uma perturbação politica intimidava os escriptores, e expulsava o espirito do dominio das lettras, elle era immediatamente acolhido nos salões, e dava origem á conversação franceza.

«Porque não o confessaremos? É alli, sobretudo, que nós o vemos lançar as suas mas vivas scentelhas. As suas esfusiadas dão á conversação o aspecto de um combate entre dois valentes contendores. Mostra ainda essas disposições aguerridas, aggressivas, que se desenvolveram n'outro tempo na guerra civil. Um bom dito faz uma reputação, como um bote magnifico faz um bom jogador de espada. Desprendendo-se do labio desdenhoso que o formula, fere, rasga, despedaça, produz uma ferida, que não se cura mais.

«De subito, a apparição suave de uma das mulheres mais adoraveis, que têem reinado na sociedade parisiense, veio temperar a aspereza d'este epigramma, que retenia como um golpe de espada, e penetrava no amor proprio como um punhal.

«Abre-se um novo salão. O espirito encontra um logar, onde nada póde incommodar-lhe o vôo ou tolher-lhe o espaço das azas.

«Ninon de Lenclos começa a prégar as doutrinas d'essa philosophia do prazer, que a liga, a ella e ás suas companheiras, á mais attrahente das seitas da antiguidade. No facil declive que arrasta aos amores complacentes, ella deixa-se resvalar com uma despreoccupação feliz, cujo excesso é ainda assim contrabalançado pela honestidade viril da sua alma, e pela solidez das suas relações.

«Nada tão fascinador como o poder que exercia esta mulher, animada pelo mais bello fogo do espirito, e dotada dos mais ricos dons da graça.

«Mademoiselle de Lenclos não teve senão amigos *d'élite:* os Chapelle, os Bachaumont, os d'Estrées, os Clérambaut, os Saint-Évremond, os Condé, os Molière; depois esses dois outros, Chaulieu e La Fare, o poeta e o capitão das guardas, que decerto deviam ter feito deplorar aos gentishomens da Regencia a perda do bello tempo, em que se ia procurar ao salão da rua des Tournelles a alegria e o bom humor para sempre evadidos de Versailles.

«Diz-se desde tempos immemoriaes: o italiano canta, o allemão discute, o inglez perora, só o francez sabe conversar.

«Este privilegio, que nos distingue, devemol-o sobretudo a essas mulhereo preciosas dos ultimos seculos, que sabiam continuar com a penna uma conversação interrompida, sem que a penna lhe alterasse a vivacidade, ou modificasse o scintillante feitio.

«Quando Luiz XIV, com um gesto da sua mão real, extinguiu a incandescencia dos partidos, as mulheres apressaram-se a abdicar o papel de opposição zombeteira que tinham representado no tempo da Fronda, para tomarem um mais nobre, mais brilhante, mais digno d'ellas. Assistimos então a um magnifico espectaculo. O poeta que as incensa, o artista que reproduz a sua belleza

na tela e sobre o marmore, o homem de espirito que procura os seus applausos, deixam-se inflammar pelo fogo dos seus olhares e obedecem ao seu impulso. Com os nomes de Hortencia Mancini, de Luiza de la Vallière, de mademoiselle de Fontanges, de Madame de Montespan, bellezas rivaes, que alternativamente attrahirão os olhares do amo e darão cadeias ao seu coração real, as mulheres são a alma de todas as festas. O logar que ellas occupam na côrte, nas representações theatraes, nas carroagens que seguem as caçadas de Compiègne e de Chambord, tornou-se um throno, d'onde ellas derramam, como raios beneficos sobre tudo o que as rodeia, o encanto dos seus olhares, a doce emulação dos seus sorrisos.

«Luiz XIV tomou por emblema o sol. Os seus architectos cinzelam este luminoso emblema como uma assignatura esplendida sobre todos os monumentos. Os seus engenheiros illustram com elle as armas mortiferas que lhe dão a victoria. O intrepido cavalleiro da Edade-Média, alternativamente grande-senhor da Liga e da Fronda, agora simples cortezão do grande rei, apaga os seus brazões diante dos da corôa, e todavia, apesar de todas estas homenagens, apesar da faustuosa divisa do principe, o verdadeiro sol d'aquelle tempo, é a mulher. Por ella, a satyra embota os seus dardos agudos, o madrigal esgota os seus doces louvores. A mulher exerce a mais nobre das realezas, aquella que consiste em animar as artes.

«No fundo da mais affastada das nossas provincias, vivia por essa épocha um desgraçado artista, queimado por duas chammas que o devoram, o patriotismo e o genio.

«Filho de Marselha, dir-se-hia que elle tinha, ha dois mil annos, apanhado n'aquella terra grega o cinzel cahido das mãos de Phidias ao pé do Parthenon. A Italia conhecia Pedro Puget, mas a França nem sequer sabia ainda da existencia do artista. Genova supplicava-lhe que désse, na sua egreja de Carignan, companheiras ás estatuas de Filippe Carlone, e Marselha recusava-lhe um bloco de marmore, Marselha tractava-o como um pedreiro, porque, émulo de Tagliafico, elle tinha, para a sua cidade natal, desenhado linhas architectonicas de uma grandeza e de uma belleza maravilhosas.

«Já envelhecido pela edade e pelos desgostos, Puget volta os olhos para a côrte de França.

«Seu filho parte antes d'elle, e leva á favorita do dia um medalhão esculpido de memoria, com o modelo de um d'esses grupos magnificos, que só o genio póde conceber e executar.

«Lisongeada de vêr as suas feições immortalisadas por um artista novo e tão grande, a favorita chama-o a Paris. Dá-lhe um atelier, e blocos gigantescos, e bem depressa o *Milão de Crotona,* exhiba o seu eterno soffrimento sob as verdes sombras de Versailles.

«Luiz XIV, acompanhado de toda a sua côrte, vem em grande pompa ver a obra do esculptor, e manifesta em alta voz o seu agrado em presença da concepção genial do artista.

«D'ahi a pouco, de uma outra bocca real, ao aspecto d'aquelle torso e d'aquelles musculos em que a dôr palpita, da bocca de Maria-Thereza, a esposa

do rei, sahem estas palavras, que a historia recolheu: «Deus! como este homem soffre!...»

«O artista tinha apressado a conclusão da sua obra, porque, depois que lhe fôra permittido applicar o cinzel á vontade sobre o marmore, receiava que a morte ciosa não viesse interrompel-o, deixando-o no meio do seu trabalho.

«Quando elle executava o seu *Milão,* o rei tinha muitas vezes dirigido o seu passeio para o lado do atelier, afim de seguir todos os progressos da promettida maravilha. Um dia, só com a protectora do esculptor, o monarcha tinha vindo examinar a obra, emquanto a côrte se espalhava nos bosques visinhos.

«De longe Puget tinha reconhecido o real amante da mulher que caminhava, altiva, sorridente, graciosa, com a sombrinha negligentemente deitada para o hombro, e andando de modo, que, no dizer de Virgilio

... *Et incessu patuit Dea.*

«Uma ideia subita, um relampago, atravessou o cerebro de Puget.

«Luiz XIV e a sua companheira encontraram-n'o a preparar em barro o primeiro esboço de *Andromeda e de Perseu.*

—«Ah! exclamou Puget, qual será a pessoa cujas fórmas divinas quererão emprestar um corpo a esta deslumbrante fabula dos nossos antepassados?»

«Diz-se, e nós acreditamos, que no dia seguinte, sem ninguem saber, uma mulher transformava os seus aposentos, quasi reaes, n'um atelier. Alli, fazendo cahir as suas roupagens aos olhos do artista deslumbrado, ella quiz servir-lhe de modelo, e permittiu-lhe dar uma irmã ás creações de uma belleza sem rival, legadas aos seculos pelos esculptores da antiguidade.

«Assim as artes, as lettras, do mesmo modo que o caracter da nação, tudo soffria a influencia das mulheres. Vemol-as constantemente nos primeiros planos da scena. No tempo de Mazarin, ellas tinham adoçado, partilhando-as, as questões politicas. Emprehenderam em seguida a reforma d'esses costumes turbulentos, onde se notavam ainda bastantes restos de uma barbarie antiga, e contribuiram para aperfeiçoar a lingua, dando-lhe essa precisão fina e elegante, essa exquisita clareza, essa feição delicada da phrase, que são os mais notaveis encantos do seu espirito irrequieto. Tudo concorria para assegurar e engrandecer o seu triumpho. A côrte estava a seus pés como a cidade; prodigalisavam-lhes incensos e louvores, e no dia em que a viuva de Scarron veio partilhar o leito do rei, póde dizer-se que n'esta mulher chegada ao apogeu de uma fortuna sem egual, todo o seu sexo era coroado pela mão de Luiz XIV.

«É verdade que no fim d'este seculo se operaram mudanças repentinas, reviramentos inauditos.

«O rei deixára de ser joven. Em torno d'elle tudo envelhecia.

«Condé, que depois do monarcha, era, sob a inspiração das mulheres, o primeiro protector dos escriptores, dos sabios e dos artistas, chegava tambem ao termo da sua carreira. Bossuet, velho como os outros, vinha sentar-se junto do leito de morte do heroe, para lhe consagrar *os restos de uma voz que cahe, e de um ardor que se extingue.* Os prazeres voavam tambem de envolta com a

juventude. O tedio frio, monotono, solemne, tinha escolhido para seu domicilio a côrte do grande-rei. Este astro empalledicia ao declinar. Todas as mulheres que tinham lançado o brilho do seu espirito, da sua belleza e dos seus sorrisos sobre as pompas dos primeiros annos d'este reinado, desappareciam feridas pela morte.

«No meio d'esta lucta e d'estas tristezas, madame de Maintenon procura em vão distrahir o seu real esposo. Luiz XIV torna-se de dia para dia mais moroso e mais sombrio. O seu caracter, azedado pelas desgraças que parecem perseguir-lhe a velhice, não póde soffrer nem contradicções nem conselhos. Um dos seus olhares irritados mata o auctor de *Athalie,* que ousára tornar-se o echo respeitoso das queixas populares.

«Sobre as ruinas de todos estes esplendores e de todas estas glorias, só Ninon de Lenclos fica eternamente bella, eternamente adorada. Todavia a edade empolga-a como ás outras, mas ella parece ter guardado o seu derradeiro e o seu mais gracioso sorriso para a morte, que vae empolgal-a com o seu braço glacial.

«Tinha noventa annos esta mulher predestinada, quando um dia o acaso lança no seu caminho um joven collegial, discipulo dos jesuitas, cujo olhar vivo e physionomia espirituosa a impressionaram.

«Mas esta creança, que ella gostava de ouvir fallar, deixava escapar já n'essa edade palavras acerbas, mordazes, incisivas, e do seu labio delgado o sarcasmo transbordava como o fel.

«Ninon, menos proxima do tumulo, teria talvez conseguido corrigir estes azedumes da intelligencia e do coração, mas ella não poude senão legar livros ao collegial, e morreu prevendo que bem depressa Voltaire, encerrado nas masmorras da Bastilha, meditaria as suas terriveis vinganças, e que no fim do longo reinado do rei-sol, o cadaver de Luiz XIV seria insultado pelo povo na estrada de Saint-Denis!»

Antes de concluirmos o longo estudo que consagrámos ao seculo de Luiz XIV, vamos apresentar algumas das theorias da mais celebre mulher d'esse seculo, a famosa Ninon de Lenclos. Tinhamos promettido aos leitores esta brilhante apresentação do espirito da famosa cortezã.

Eis como a bella e genial peccadora resolvia alguns dos mais complicados problemas do coração humano:

Quando as mulheres passam os trinta annos, a primeira cousa que ellas esquecem é sua edade: quando chegam aos quarenta, perdem completamente a recordação d'ella.

Nada ha mais perigoso para uma mulher do que as fraquezas de uma sua amiga: o amor já de si muito seductor, torna-se ainda mais, permittam-me a phrase, por contagio.

O amor é um capricho cuja duração não depende de nós, e que está tão sujeito ao desgosto como ao arrependimento.

O amor é como que um appetite desregrado, que se sente mais por uma iguaria do que por outra, sem podermos comprehender a razão de tal.

Em amor, aquelles que fingem estar apaixonados conseguem sempre melhores resultados do que os que o estão realmente.

No começo das suas relações, dois amantes julgam-se animados dos sentimentos mais delicados. Prodigalisam, esgotam as delicadezas, as exaggerações, o enthusiasmo da metaphysica mais subtil e apaixonada: a ideia da excellencia do seu amor e das suas qualidades reciprocas, embriaga-os durante algum tempo.

Sigamol-os, porém, na sua ligação. A natureza vae reconquistar bem depressa os seus direitos; a vaidade, satisfeita por aquelles propositos alambicados, vae deixar ao coração a liberdade de sentir e de se exprimir, e desprezando os prazeres do amor, chega um dia em que os dois ficam muito admirados de se encontrarem, depois de longos rodeios, no mesmo ponto em que estaria um aldeão, de boa fé, que tivesse começado por onde elles acabaram.

Nas edades da galanteria, o platonismo é a paixão da velhice.

Para se ser desejado, festejado, vantagens tão caras ao amor proprio, é mister ser-se agradavel, divertido, necessario aos prazeres dos outros. Advirto aos interessados que nada se consegue de outra fórma, principalmente para com as mulheres.

O amante de uma mulher joven póde tornar-se infiel. O tempo vae simultaneamente apagando os encantos da sua amante e o ardor do seu amor. Mas uma mulher de quem nos apaixonamos, quando ella perfez quarenta annos, está segura da duração do seu imperio. Todos os seus meios de agradar são calculados. Ella sabe-os empregar alternativamente, e o tempo longe de os destruir, cada vez lhe dá mais attractivos.

As confissões verdadeiramente lisongeiras não as são que nós fazemos, são as que nos escapam.

O amor é um perfido com quem nunca é seguro brincar.

Os poetas foram loucos em terem dado por emblemas ao filho de Venus um facho, um arco e um carcaz. O poder d'este deus reside apenas na sua venda. Em quanto se ama não se reflecte, e desde que se reflecte não se ama.

A belleza é uma carta de recommendação, cujo credito não é de longa dura.

Quando estiverdes seguro do coração de uma mulher, é do vosso interesse gosar por muito tempo da sua derrota, antes que ella seja completa, porque de todos os bens os do amor são aquelles de que se deve usar com maior economia.

Uma mulher sensata nunca deveria tomar amante sem o applauso do seu coração, nem marido sem que a sua razão o tivesse approvado.

Quando a embriaguez do amor se dissipa, rimo-nos quasi sempre dos sacrificios que ella nos obrigou a fazer.

Em amor, conquistam-se ordinariamente mais vantagens por meio de agradaveis defeitos, do que por qualidades essenciaes. As grandes virtudes são peças de ouro de que se faz menos uso do que da moeda mais miuda.

O amor sem desejo é uma chimera. Não existe na natureza.

Emquanto se está a sangue-frio, ou, pelo menos, emquanto uma paixão não chegou ao ultimo grau da ousadia, tudo parece grave. A esperança do menor favor é um crime para aquelle que o sollicita; é só a tremer que elle se permitte a mais innocente caricia. A principio, um amante não pede nada, ou se pede, é tão pouco, que uma mulher se julga em consciencia obrigada a agradecer-lhe o seu desinteresse. Para obter esse nada, essa bagatella, protesta nunca exigir mais cousa alguma; e todavia, fazendo esses protestos, vae-se adiantando, familiarisa-se, vae beijando a mão . . . Que tem isso? Consentir-se-hia tudo o que elle faz a um outro homem, comtanto que elle tivesse uma certa familiaridade comnosco. Mas afinal de contas, o que é hoje tão pouco importante, comparado com o que se concedeu hontem, é muito consideravel, comparativamente com o que elle tinha obtido no primeiro dia. Uma mulher, tranquilla pela delicadeza e discrição do seu amante, não vê a gradação insensivel das suas fraquezas. Os pequenos favores por elle exigidos parecem-lhe tão faceis de recusar, que ella crê de boa fé encontrar a mesma força, quando elle ousar pedir-lhe mais. Confia de tal modo na sua virtude, que chega a desafiar o perigo com as suas provocações. É como se experimentasse as suas forças, e algumas vezes quer até mesmo saber onde poderão leval-a essas pequenas complacencias . . . Como somos imprudentes! É assim que atiçamos o fogo que nos deve queimar, porque, já o disse, não se brinca impunemente com o amor!

O amor só é forte á custa da nossa fraqueza.

Não ha nada tão semsabor como termos fraquezas inuteis. Nunca nos perdoamos senão as fraquezas de que um amante sabe aproveitar-se.

Em amor, os favores não têm valor senão emquanto são gratuitos. O amante só se lisongeia de os obter e a amante só encontra prazer e encanto em os conceder, quando elles são um dom, e não o pagamento de uma divida. O amor é a unica paixão que se paga com uma moeda por ella propria fabricada: o amor só póde ser pago pelo amor.

Não está ainda bem averiguado, se o ultimo favor é uma prova certa de que uma mulher ama aquelle a quem o concede.

Quando dois rostos de mulher pódem disputar primasias, é impossivel que entre as mulheres, a quem esses rostos pertencem, exista uma amisade solida. Dois negociantes que têem o mesmo artigo á venda poderão ser bons visinhos?

As extravagancias são a essencia do verdadeiro amor.

A belleza sem graça é um anzol sem isca.

O amor tem accessos como a febre. Ha dias em que nos julgamos curados, e outros em que nos julgamos mortos.

Uma mulher está perdida, quando auctorisa com o seu silencio as primeiras ousadias do seu amante, porque o amor é um usurpador que aspira sempre a novos progressos, e que não se satisfaz, senão com as conquistas que lhe extinguem os desejos.

Em amor, a ingratidão dos homens é quasi sempre o premio dos nossos beneficios.

Causae algumas inquietações á vossa amante, obrigae-a a tomar algum cuidado de vos conservar, inspirando-lhe a proposito o receio de vos perder. Nunca mulher alguma vos tratará mais arrogantemente do que aquella que vos julgar apaixonado de mais para a deixardes. A sua virtude, menos que o seu orgulho torna-a intractavel. Similhante ao negociante, cuja mercadoria pareceis desejar bastante, tractar-vos-ha com sobranceria. Moderae, portanto, uma imprudente vivacidade. Mostrae menos paixão e excitareis mais. Só conhecemos o valor de um bem quando estamos a ponto de o perder. Uma pequenina porção de destreza é indispensavel para a felicidade de dois amantes. Chegaria mesmo a aconselhar, em caso de necessidade, que o amante se tornasse um todo nada scelerado. Em qualquer outro assumpto vale mais ser victima que patife, mas em amor os tolos são as unicas victimas, e os patifes têem sempre os applausos do seu lado.

As mulheres detestam um ciumento que não é amado, mas zangar-se-hiam devéras, se um homem que ellas amam não fosse ciumento.

O amor é um perfido que nos crava desapiedadamente as garras, mesmo quando não procuramos senão brincar com elle.

É muitas vezes mais difficil para um homem desembaraçar-se de uma amante, do que conquistal-a.

Deixae aos *dillettante* do amor as phrases sublimes e as bellas sentimentalidades; deixae-lhes desfiar as perolas do amor sublime. Digo-vos em nome das mulheres: ha momentos em que ellas preferem ser tractadas um pouco bruscamente, a serem poupadas com requintes de delicadeza. Os homens perdem por falta de tacto maior numero de corações do que aquelles que são salvos pela virtude.

O amor não morre nunca á mingua. É mais facil morrer de indigestão.

Nunca os homens se tornam mais ternos do que quando se lhes perdoou uma infidelidade passageira.

Nas mulheres, o desejo de agradar nasce antes da necessidade de amar.

Nunca uma mulher vos detesta por agradardes a muitas, comtanto que ella seja a preferida. Para ella são outros tantos triumphos a mais.

O mal que as damas muito meticulosas dizem do amor, a resistencia com que d'elle se defendem, a pequena consideração que pretendem ligar aos seus prazeres, o medo que teem d'elle, tudo isso é amor. Temel-o é occupar-se d'elle, é prestar-lhe homenagem. Esta paixão sabe tomar n'essas mulheres mil fórmas differentes, e como o orgulho, alimenta-se da sua propria derrota.

O amor é um verdadeiro capricho, involuntario n'aquelle que o experimenta. Porque quereis então que o objecto amado seja obrigado ao menor reconhecimento por um sentimento cego, que se apoderou de vós sem o seu consentimento? Sois na verdade bem singulares, homens! Julgaes-vos offendidos, quando uma mulher não corresponde com interesse e com reconhecimento quasi aos olhares que vos dignaes conceder-lhe. O vosso orgulho revoltado accusa-a immediatamente de ingratidão e de injustiça. Como se ella tivesse culpa de vos andar a cabeça á roda! Como se ella fosse obrigada a achar-se, n'um dado momento, doente do mesmo mal que vos accommetteu!...

Os olhares são os primeiros bilhetes amorosos trocados entre dois amantes.

A resistencia de uma mulher nem sempre é uma prova da sua virtude. É mais frequente sel-o da sua experiencia. Toda aquella que entre nós quizer

fallar com sinceridade, confessar-vos-ha que o seu primeiro movimento é entregar-se. Resiste apenas porque reflecte. A natureza instiga-nos ao amor, a educação affasta-nos d'elle, e a nossa gloria consiste em combater a inclinação. Dá-se com a profissão de mulher virtuosa o mesmo que se dá com outra qualquer. Só se adquire a perfeição com o habito de a exercer.

Se eu tivesse assistido ao conselho do Creador no dia em que elle formou a natureza humana, ter-lhe-ia proposto o alvitre de collocar as rugas apenas nos calcanhares.

Em todos os tempos, os rigores foram o aguilhão do amor. O amante intelligente sabe tirar d'elles novas armas. Os seus progressos nunca são mais rapidos senão quando os obstaculos redobraram a vivacidade dos ataques. Nunca vos queixeis do rigor de uma mulher, mas mostrae-vos para com ella tão amavel, que se veja obrigada a censurar-se a si propria da sua injustiça, até que para vol-a fazer esquecer vos conceda o que desejaes.

O amor é um sentimento tyrannico. Nunca está satisfeito, senão quando o objecto amado lhe sacrifica todos os seus gostos e todas as suas paixões. Nada fazeis para com elle, se não fazeis tudo. Desde o momento em que se lhe prefere o dever ou a amisade, julga ter o direito de se queixar, e procura vingar-se.

Eu creio firmemente nas mulheres de juizo, no caso em que ellas nunca fossem atacadas, ou no caso de o terem sido inhabilmente. Creio ainda nas mulheres de juizo, apesar de terem sido atacadas e bem atacadas, quando ellas não tiverem nem temperamento, nem paixão violenta, nem liberdade, nem marido odioso. Para que uma mulher possa lisongear-se de ser essencialmente virtuosa e honesta pelas suas proprias forças, é preciso que nenhum perigo, por grande que seja, que nenhum motivo, por mais urgente e forte que possa ser, que nenhum pretexto, em summa, seja capaz de a fazer succumbir. É preciso que a occasião mais favoravel, o amor mais terno, a certeza do segredo, a estima, a confiança mais perfeita n'aquelle que a sollicita, nada possam contra a sua coragem. De sorte que para se saber se ha uma mulher virtuosa, na verdadeira accepção do termo, é preciso suppôr uma que tenha tido a rara felicidade de escapar a tantos perigos reunidos. Porque nenhum merito teria essa mulher, se tivesse resistido ao amor sem ter temperamento, ou á occasião sem ter amor, ou ao temperamento por falta de occasião. A sua virtude seria sempre duvidosa, emquanto ella não tivesse sido atacada ao mesmo tempo com todas as armas que poderiam vencel-a. Poderia sempre dizer-se que se ella fosse de outro temperamento não teria resistido ao amor, ou que se a occasião fuvoravel se tivesse apresentado, a sua virtude cahiria por terra.

Conhecem Mademoiselle de Neuville? É difficil encontrar-se mulher mais robustamente constituida. Fresca, appetitosa, cheia de saude, melancholica sobre-

tudo, quantas razões não ha para lhe dar bem depressa um marido? Ninguem conhece melhor essa necessidade que sua mãe, mulher discreta, honesta, meticulosa como não ha outra. O presidente Meunier, rachitico, pallido, alto, esgrouviado, prepara-se para a obter. A sua fortuna, o seu nascimento, tudo isso convém á familia da rapariga. A mãe, no emtanto, oppõe-se ao casamento, e não dá a principio senão razões fraquissimas da sua recusa, porque não queria dar a verdadeira. N'este meio tempo, o marido troveja, os parentes murmuram, a rapariga entristece, e, apesar d'isso, a dama resiste. Cançada emfim de se ver tratada de extravagante e de injusta, a impaciencia invade-lhe a alma, e acaba por dizer:

— «Não consentirei jámais que minha filha case com o presidente. Quero fazer d'ella uma mulher honrada, e por isso só lhe darei um marido tão robusto e tão bem constituido como ella!»

Evita-se com infinito cuidado advertir as mulheres, deixar-lhes mesmo suspeitar, que são atacadas pelos sentidos, e que são esses atè os ataques mais perigosos para ellas. Falla-se-lhes sempre na supposição de que são puros espiritos, e a desgraça, ainda assim, é que não se lhes póde fallar de outro modo. O que succede? Como nunca lhes passou pela idéa que o seu mais terrivel inimigo é aquelle de que não lhes fallavam, encontram-se sem defeza... Não é com os homens que se devia metter medo ás mulheres, é com ellas proprias. Que poderia fazer um amante, se a mulher que elle ataca não fosse primeiramente seduzida pelos seus desejos?

O amor é antes o deus das sensações que o dos sentimentos.

Os juramentos são a moeda falsa com que se pagam os sacrificios do amor.

Não é por meio das suspeitas que se robustece a fidelidade de uma amante. As suspeitas não conseguem senão enfraquecer essa fidelidade, porque a vão familiarisando com sentimentos, cuja ideia só por si devia parecer-lhe um crime. Parecendo receiar a sua inconstancia, habituaes uma amante a consideral-a como possivel, e a censurar-se menos uma deslealdade. Conseguireis, quando muito, fazer julgar como um merito, o que não deve ser senão um dever.

Para se ser temerario com bom resultado, basta sel-o a proposito.

Em amor, a economia dos sentimentos e dos prazeres é a unica metaphysica rasoavel.

As mulheres gostam muito de ver em torno de si um amante piégas, repetindo sem cessar os seus queixumes. Poucas haverá, porém, que no con-

curso de um amante ousado e de um amante timido, dêem a preferencia ao segundo.

Nada lisongeia tanto a vaidade das mulheres como terem occasião de ostentar a sua virtude contra aquelles que não lhes agradam. Ai do temerario que não é amado! É uma victima que ellas destinam a servir de exemplo, e que immolariam sem piedade á imperiosa necessidade de fazer crêr na sua virtude.

Uma mulher nunca é menos tractavel do que quando ganha nos braços de um amante predilecto virtude contra todos os outros homens.

CAPITULO XXII

SUMMARIO

Os cortezãos depois da morte de Luiz XIV.— Amores das filhas do duque d'Orleans, Regente de França.—A Messalina franceza.— O capitão das guardas da princeza.— Orgulho e impudor.—Luiza Adelaide de Chartres.— Sua affeição pelo claustro e suas affeições particulares.—Retrato d'esta princeza.— Compensação da antiga continencia. — A carne desviada do seu caminho.— A abbadessa de Chelles.—Os hereticos do amor.—Uma passagem das memorias do duque de Richelieu.— A lascivia do Regente.— Os seus *roués*.— O seu creado Ibagnet — Contraste entre o creado e o amo.—Resistencia da duqueza de Valois ás pretenções criminosas do duque seu pae.—Consentimento condicional.—Meios para que as entrevistas não escandalisassem publicamente.—Copla attribuida a Voltaire.—Copla de Voltaire, negando a paternidade dos outros versos.— Orgias horriveis.— O cheiro da mão do Regente.— Alguns pormenores a respeito da duqueza de Bourbon.—Outras coplas ácerca dos escandalos da côrte.—Pretensão de uma prostituta.— Os conselhos de Dubois.—O cardeal Dubois.—As festas de Adão.—Os flagelladores.—Reacção do Regente.— *Chronica escandalosa do genero humano*, encommendada a Madame de Tencin.— As festas da duqueza du Maine. —O tédio da duqueza de Longueville.—Primeiras licções de voluptuosidade dadas a Luiz XV.



Apenas Luiz XIV morreu, cahiram immediatamente todas as mascaras hypocritas que até então encobriam os costumes corrompidos da côrte. Os cortezãos estavam cançados de fingir tanto, e os proprios principes de sangue, os numerosos parentes do finado rei, opprimidos n'aquella atmosphera beata da côrte, quizeram indemnisar-se do seu fingido recato, porque Luiz XIV na velhice tornara-se completamente insupportavel com os seus rigores austeros.

Já por outras vezes o dissémos: n'este estudo dos costumes da côrte de França, não seguimos uma rigorosa ordem chronologica, e por isso teremos ainda de fallar do rei-sol, demonstrando como o pobre Luiz XIV nos ultimos tempos da sua vida fez o que o proverbio conta do diabo, que depois de velho se tornou frade. O rei devoto determinou tornar-se o censor austero dos costumes de todos os principes e cortezãos que o rodeavam, e que não passavam de um bando de desaforados libertinos.

A morte de Luiz XIV deixou-os, portanto, completamente á vontade. Houve na côrte uma mutação de scenario: da mais refinada hypocrisia, passou-se á mais desenfreada licença.

Nem a ferocidade selvagem dos tempos barbaros, nem os crimes do feudalismo, nem os erros e abusos resultantes dos vicios do governo dão uma ideia sequer dos costumes que caracterisam este periodo.

É difficil, e os leitores sabem-no perfeitamente, pintar os costumes es-

candalosos d'estas épochas de decadencia moral, sem ferir a delicadeza das pessoas bem morigeradas. Mas deveremos por este motivo renunciar á empreza que tomámos a peito, e falsear a verdade historica? Não, por certo. Embora seja escabroso o assumpto, continuaremos a tractal-o corajosamente, esforçando-nos todavia por harmonisar, quanto seja possivel, a verdade historica com as leis das conveniencias.

Posto isto, continuaremos a nossa narrativa.

Um escriptor contemporaneo da côrte do Regente escreve o seguinte:

«Em 1719, a velha duqueza vivia publicamente amancebada com Law, e a duqueza de Bourbon, abandonada por seu marido, consolava-se d'este desprezo nos braços de Chayle.

«A princeza de Conti, filha do rei, apesar de muito devota, apesar de ser torturada a cada instante por escrupulos e remorsos, não podia affastar de junto de si seu sobrinho La Vallière.

«Outra princeza do mesmo titulo, apesar dos ciumes de seu marido, era amante de La Fare, e preparava-se para o substituir por outro amante, por Clermont, gentil-homem da sua casa.

«Sua irmã, Mademoiselle de Chalais amava, como todos sabem, o duque de Richelieu, e provava-lh'o o melhor que podia; e sua irmã mais nova, a bella Clermont, começava por esse tempo a amar o duque de Melun.

«As filhas do Regente tinham amantes: a duqueza de Berry tinha relações incestuosas com seu pae, a segunda com todas as educandas do convento em que vivia, Mademoiselle de Valois com o duque de Richelieu.»

Mais alguns pormenores a respeito das duas filhas de regente, a duqueza de Berry e a duqueza de Chartres:

A duqueza de Berry, filha de Filippe d'Orleans, Regente de França, era de pequena estatura, um tanto nutrida, e de rosto rubicundo. Pintava-se muito, para occultar os signaes das bexigas que tivera na infancia. Apenas se casou, teve uma guarda de honra, composta de cincoenta jovens escolhidos, os quaes na sua maior parte foram chamados a acalmar o ardor do seu temperamento insaciavel.

Esta filha do Regente mereceu ser denominada a *Messalina franceza*.

Um joven fidalgo da Gascunha, de nome Riom, baixo, feio, mas vigoroso e robusto, obteve o posto de tenente das guardas da princeza, e como era ambicioso, esperava fazer fortuna, graças á sua juventude, ao seu vigor e aos caprichos da duqueza de Berry. Expansivo, como um verdadeiro gascão, chegou mesmo a fallar dos seus sonhos ambiciosos a alguns fidalgos da côrte.

«Como os rapazes do meu tempo, diz o duque de Richelieu, não guardam por muito tempo os seus segredos, nem teem a timidez como qualidade essencial, Riom deu provas da sua boa fortuna diante de mim e de outros fidalgos da côrte.

«A duqueza, convencida da bravura e de tudo quanto Riom era capaz de fazer, ficou tão enamorada d'elle, que o fez arbitro dos seus prazeres.»

Em principios do anno de 1719, a duqueza ficou gravida, mas occultava cuidadosamente o seu estado com um vestido proprio para esses casos e chamado *robe à cerceau*.

Sem o menor vislumbre de pudor, esta descarada princeza procurava no luxo e na ostentação uma compensação do pouco que valia.

No dia 2 de março de 1716, exhibiu-se n'uma solemnidade n'um estrado coberto por um docel sumptuoso, e fez com que os comicos a elogiassem em discursos pomposos.

Um dia na Opera, foi um embaixador visital-a ao seu camarote, elevado sobre uma plataforma de tres escadarias. A princeza recebeu-o como uma rainha no seu throno, mas o embaixador fez-lhe uma reverencia e voltou-lhe as costas.

Julgando tornar-se menos desprezivel aos proprios olhos e aos do publico, misturava com os seus costumes voluptuosos algumas praticas de devoção. Durante a semana santa, por exemplo, ia para as Carmelitas ou para as Filhas do Calvario.

Alli, deitava-se sobre uma pedra, comia, orava e jejuava como uma freira, e quando alguma das religiosas lhe fazia observações respeitosas a respeito do contraste que offerecia a sua vida austera no convento com a sua vida escandalosa na côrte, a princeza em vez de se encolerisar, ria-se ás gargalhadas.

A duqueza de Berry morreu em Meudon a 19 de julho de 1719.

Luiza Adelaide de Chartres, filha do Regente e a mais bella das suas irmãs, não poude resistir durante muito tempo ás instancias de seu pae, e entregou-se-lhe, conforme tinha feito sua irmã mais velha, conseguindo dominal-o por espaço de alguns mezes.

De curta duração foi, porém, o seu reinado. O infame pae desprezou-a, e a filha incestuosa não poude supportar a ideia de se vêr assim tractada, e talvez em breve substituida por suas irmãs ou por por outra qualquer, e resolveu contar tudo a sua mãe, a duqueza d'Orleans, declarando-lhe ao mesmo tempo a sua inclinação para a vida monastica. Ha quem diga, porém, que a razão mais forte que a impellia para o convento era o amor desenfreado que tinha pelas raparigas.

A avó d'esta princeza, que ignorava o motivo secreto de sua resolução, falla a este respeito nos seguintes termos:

«Tem uns olhos formosissimos, bellos dentes, dança e canta maravilhosamente, tem predilecções quasi masculinas, e assim, gosta de cães, de cavallos e da caça. Aborrece-lhe tudo quanto costuma a agradar ás mulheres, é destemida, não tem vaidade da sua formosura, e quer ser freira!

«Como hade explicar-se esta anomalia? Será motivada por ciumes de sua irmã? Creio que não, e julgo que terá por fim subtrahir-se ás perseguições de seu pae.»

N'outro logar, a velha duqueza torna a occupar-se da extranha determinação de Luiza Adelaide:

«Nunca imaginei que ella podesse tomar similhante resolução, porque as suas inclinações não eram das mais proprias para a vida claustral. Gostava da musica, do theatro e do baile. Divertia-se todos os dias com polvora e fazia foguetes e outros fogos de artificio. Além d'isso tinha um par de pistolas, com as quaes atirava ao alvo sem cessar.»

Tomou o habito de religiosa em março de 1717, e a 10 de março de 1719 foi nomeada abadessa de Chelles.

«A senhora abbadessa, diz Richelieu, passava muito bom tempo no convento, satisfazendo as suas viciosas inclinações com as religiosas, sem renunciar ás que seu pae lhe proporcionava, indo visital-a com frequencia e concedendo-lhe facilmente tudo quanto ella lhe pedia. E, como era muito bem paga, chegou a pôr dois milhões a render.

«Affectava um porte modesto, e ia regularmente ao chôro. Mas um dia escaparam-lhe algumas palavras, que davam bem a perceber a vida que passava no convento.»

Todos estes escandalos, estes incestos, esta horrivel devassidão acha-se infelizmente bem comprovada, e o testemunho do duque de Richelieu, corroborado pelo de muitos outros auctores contemporaneos, tambem não dá logar a duvidas de especie alguma.

O duque continúa nos seguintes termos a pintura d'este quadro cynico das maiores torpezas:

«Mademoiselle de la Roche-sur-Yon, irmã da duqueza de Bourbon, deleitava-se tranquillamente nos braços de Marton; a duqueza du Maine tinha por amante o cardeal de Polignac e varios outros.

«D'este modo, as princezas de sangue, que o defunto rei conservára sempre na decencia e no respeito publico, indemnisavam-se amplamente da sua antiga continencia. Os seus amores eram de tal ordem que toda a gente os conhecia.»

A libertinagem da côrte era horrivel, chegára mesmo ao ultimo gráu de depravação, com grave ultrage da natureza, por isso que as mulheres se entregavam ás estereis caricias das mulheres e os homens ás dos homens: a carne, na expressão da Biblia, estava desviada do seu uso natural e permittido!...

A princeza Palatina, mãe do Regente, diz n'uma carta datada de 5 de maio de 1719, que a segunda Delphina dormia em companhia da *velha*. Era assim que chamavam na corte a Madame de Maintenon. E accrescenta que esta familiaridade déra origem a boatos malevolos, «nos quaes, diz textualmente a princeza, não acreditei nunca. Agora pelo que respeita á duqueza de..., a Madame de... e a D***, por essas não poria eu as mãos no fogo!...»

Do que naturalmente se infere que a duqueza de Chartres, se é verdade que se retirou para o convento de Chelles para satisfazer mais livremente o seu gosto depravado, não era a unica da côrte que manifestava tão infames instinctos.

O vicio dos homens pelos homens, de que já fallamos nos capitulos anteriores, e de que tanto resta que dizer dizer ainda, vicio que Luiz XIV tão encarniçadamente perseguira, conservára-se apesar d'isto na côrte, e manifestou-se abertamente durante a regencia.

O duque de Richelieu falla largamente d'estes hereticos do amor, e conta que dirigindo-se uma noite secretamente á habitação da duqueza de Charolais, uma das suas amantes, foi seguido pertinazmente por um homem, que na sua

opinião, pertencia á seita á qual o defunto rei declarára guerra de morte. O duque não esperou o desconhecido, porque receiava ser descoberto, e mesmo porque ignorava a existencia de uma seita, cujas acções eram tão atrevidas, graças á impunidade de que gosava. Custava-lhe a crêr tambem que os jardins dos principes de sangue fossem o theatro d'aquelles attentados.

Contou em seguida esta aventura á princeza, que lhe disse a este respeito pormenores por elle ignorados. Ninguem tinha força para dissolver aquella associação impudica, protegida por homens poderosos, e a respeito da qual refere o mesmo duque:

«Um grupo de dezesete cortezãos (e diz o nome d'elles) entregaram-se uma noite n'um jardim de Versailles, á luz da lua, e quasi debaixo das janellas do joven rei a excessos verdadeiramente nojentos. Era uma orgia espantosa!»

Esta scena escandalosa causou por aquelle tempo muito ruido, mas o Regente ria-se e contentava-se com dizer:

—«É preciso reprehender duramente esses senhores, e dizer-lhes que o seu capricho não é das cousas mais agradaveis que se podem gosar n'este mundo!»

No emtanto, quando soube que aquelles devassos haviam constituido uma associação impudica para melhor se entregarem aos seus vicios, entendeu que era mister dissolvel-a, apesar da opinião de Dubois, que pretendia que se deixassem em paz, e da de Villars, que era de parecer que fossem castigados levemente e sem escandalo.

Afinal alguns foram encerrados na Bastilha e outros mandados para as suas terras ou obrigados a recolher aos seus regimentos.

Filippe, duque d'Orleans, Regente de França, principe dotado de uma bella figura, de um rosto distincto, de um caracter doce e affavel, tinha talento não vulgar, era muito instruido e digno de elogio a muitos respeitos, excepto no que se referia aos seus costumes. Corrompido desde a mocidade pelo padre Dubois, seu perceptor, apenas foi nomeado Regente de França, cercou-se de homens e mulheres que participavam da sua funesta inclinação para a libertinagem.

Duques, condes e creados a quem chamava os seus *roués (rodados,* dignos do suplicio da *roda?),* actrizes duquezas, bailarinas, princezas e camaristas, todos participavam dos seus excessos, e quasi todos desempenhavam um officio, diffamado até mesmo nos lupanares,—officio que consistia em procurar ao *sultão* novas victimas que elle podesse sacrificar á sua impenitente luxuria.

Poderiamos citar os nomes d'estes personagens, que tantos fidalgos contemporaneos se honram de ter por avós, desmentindo d'este modo a opinião antiga, tão erroneamente propagada, de que a infamia dos paes recahe sobre os filhos.

Não o faremos, porém. E' nosso intuito pintar apenas os costumes das diversas épochas, e não humilhar o orgulho de certas familias. Denunciaremos os vicios, e calaremos os nomes dos viciosos.

O Regente precisava de se rodear de dissipação, de bulicio e de libertinagem.

Admittia á sua intimidade pessoas que todo o homem que se présa não teria por amigos, apesar de pertencerem algumas d'ellas ás primeiras familias do seu paiz, mas o Regente, que só as estimava por lhe servirem ás suas paixões, conhecia-lhes bem os defeitos, e tanto que os chamava *os seus roués,* todas as vezes que fallava d'essa gente.

A licença e libertinagem que reinava na sua camara era tal, que a condessa de Sabran disse um dia, estando a ceiar:

—«Deus, depois de haver creado o homem, pegou n'um pedaço de lodo que lhe sobejára, e formôu com elle os principes e os lacaios.»

Accrescentaremos que n'esta ultima classe de gente havia pessoas muito mais honestas e decentes do que os principes. Ibagnet, por exemplo, porteiro do Palais-Royal, ao serviço da casa d'Orleans desde a infancia, tinha visto nascer o Regente, e tinha-lhe uma verdadeira affeição. Servia-o com muitissimo zelo, e o principe tinha pelo velho servidor uma especie de respeito, a ponto que nunca lhe teria proposto o emprego de agente ou intermediario dos seus prazeres, porque tinha a certeza de que elle o recusaria.

O velho servidor acompanhava algumas vezes com um candieiro na mão o Regente até a porta do salão em que se celebrava a orgia. Um dia o Regente disse-lhe rindo que entrasse.

—«Meu senhor, respondeu Ibagnet, o meu serviço acaba aqui, porque nunca fui amigo de me misturar com más companhias, e Deus sabe quanto me custa vêr vossa magestade entre essa gente!....»

A libertinagem do Regente e as suas orgias nocturnas não são ainda assim a parte mais censuravel da conducta d'este principe. Peiores, muito peiores,eram ainda as relações incestuosas que teve com suas proprias filhas, que induzidas pelo seu funesto exemplo se tornaram tão culpadas como elle.

Uma só de todas ellas resistiu ao nefando incesto, foi a duqueza de Valois, e esta resistencia, a sua causa, e o tempo que durou, são verdadeiramente dignas de ser contadas.

A duqueza não era uma vestal; estava até amancebada com o duque de Richelieu, amante favorito de muitas princezas, e é o proprio duque que refere nas suas memorias os primeiros obstaculos e o exito dos amores do Regente com sua filha:

«Um dia este principe, dominado mais pela sua paixão nefanda do que por um amor verdadeiro, e não podendo por mais tempo resistir aos desejos que o devoravam, prometteu-lhe que se quizesse satisfazer o seu capricho e ceder aos seus transportes, lhe dava a sua palavra de lhe proporcionar todos os meios de vêr, quando o appetecesse, e sem receio algum, Richelieu.

—«Ninguem o saberá, accrescentou elle, por isso reflecte; ou amanhã has de ser minha, ou o teu amante morrerá!»

Apenas seu pae sahiu, a princeza consultou com o seu amante o partido que havia de tomar.

O duque era pouco escrupuloso, e como estava apaixonado, vendo que

não havia outro meio de gosar tranquillamente a sua amante, disse-lhe que acceitasse o tractado, o qual foi effectivamente acceite e se cumpriu, não faltando o Regente em cousa alguma á sua palavra.

Havia no Palais-Royal, e no pateo das cosinhas, um quarto, paredes meias com um guarda-roupa da princeza sua filha. O Regente fez sahir d'alli o cosinheiro, e abrir uma porta na parede. N'aquella abertura mandou pôr um armario, cujas portas podiam abrir-se egualmente do lado do quarto da princeza e do quarto que havia pertencido ao cosinheiro. O duque ficou sendo o dono do quarto, e a princeza do armario, com a faculdade de abrir a porta do movel a seu pae ás horas que ella propria indicasse!...

Com este invento, o Regente quiz não só dar a sua filha todos os meios que lhe tinha promettido, mas occultar aos olhos do publico umas relações infames, que tanto o deshonravam.

A vida escandalosa do Regènte excitou a indignação de uns e serviu de alimento á malicia de outros. Cada qual, segundo as suas disposições, manifestou o que sentia a este respeito. A maioria, porém, exaltou-se cheia de indignação contra a desvergonha e infamia d'este principe e da sua côrte indigna. As memorias particulares, as allegorias, os epigrammas, as coplas e canções concordam em dar fiel testemunho das suas orgias nocturnas e dos seus actos incestuosos.

Eis uma copla attribuida a Voltaire, muito joven ainda n'esse tempo, copla cuja paternidade elle regeitou immediatamente:

Enfin, votre esprit est guéri
Des craintes du vulgaire :
Belle duchesse de Berry,
Achevez donc le mystère ;
Un nouveau Loth vous sert d'époux,
Mères des Moabites,
Puisse bientôt naître de vous
Un peuple d'Ammonites !

«Emfim, o vosso espirito está curado dos receios do vulgo. Bella duqueza de Berry, acabae o mysterio. Um novo Loth serve-vos de esposo, mães dos Moabitas, oxalá que bem depressa nasça de vós um povo de Ammonitas!»

Voltaire escreveu, para negar a paternidade d'estes versos que lhe attribuiam, a seguinte copla ;

Non, Monseigneur, en vérité,
Ma muse n'a jamais chanté
Ammonites ni Moabites ;
Brancas vous répondra de moi;
Un rimeur sorti des Jésuites,
Des peuples de l'ancienne loi,
Ne connait que les sodomites !

«Não, meu senhor, em boa verdade, a minha musa não cantou nunca

nem Ammonitas nem Moabitas. Brancas responderá por mim. Um versejador sabido dos Jesuitas não conhece dos povos da antiga lei senão os sodomitas!...»

Parece-nos desnecessaria a explicação de que Loth teve, de suas filhas, dois filhos, Moab e Ammon, que foram o tronco de dois povos inimigos do povo hebreu, os Moabitas e os Ammonitas. Voltaire, pouco tempo depois, escrevia a sua tragedia *Edipo*, em que allude ás relações incestuosas do Regente com sua filha.

No Palais-Royal e no do Luxemburgo, onde morava a duqueza de Berry, havia algumas vezes partidas de prazer, nas quaes os convivas costumavam apparecer em completa nudez, o que se chamava *costume en peau*.

Os principes e as princezas n'este estado entregavam-se sem pudor ás desordens mais asquerosas. Os duques e os principes bebiam com excesso, como faziam no tempo de Luiz XIV. O proprio duque de Richelieu, nas suas memorias, falla do Regente a este respeito, nos seguintes termos:

«Como gostava de vinho, bebia-se em sua casa muito mais do que convinha a um Regente de França. Por outra parte, como tinha a desgraça de não poder supportar tanto vinho como os seus convivas, levantava-se varias vezes da meza em completo estado de ridicula e torpe embriaguez. Bastavam duas garrafas de Champagne para produzirem immediatamente no principe similhante effeito.»

No fim do anno de 1761, voltando uma noite o Regente do Luxemburgo, mais ebrio do que de costume, disse a La Fare, seu capitão das guardas:

— «La Fare, quero pedir-te um favor!»

— «Qual é, meu senhor?»

— «Peço-te que me cortes a mão direita.»

— «O que, meu senhor!»

— «Faze-me este obsequio!»

— «De nenhum modo!»

— «Pois não notaste ainda o mau cheiro que tenho n'esta mão?»

— «Confesso que não, meu senhor!»

— «E' porque não queres reparar. Tem um cheiro que não se dissipa, por mais que a lave!...»

— «Não dei ainda por isso.»

— «La Fare, não posso soffrer este cheiro!...»

O capitão das guardas tranquillisou o principe, dizendo que o somno lhe faria passar o cheiro da mão.

Deixamos em silencio muitas outras scenas parecidas, em que predominava mais ou menos o elemento bacchico.

A mãe d'este principe diz n'uma das suas cartas:

«Comtanto que as mulheres sejam alegres e comam e bebam bem, meu filho perdoa-lhes a frieza e a falta de belleza. Eu propria lhe censurei algumas vezes a horrivel fealdade de algumas das suas amantes.»

As princezas e duquezas da côrte participavam d'esta paixão vergonhosa e embebedavam-se com frequencia. A mãe do regente, Carlota Isabel da Baviera falla nas suas cartas, sem o censurar, do uso que haviam adoptado as

damas da côrte e que consistia em beber até á embriaguez. Eis o que ella conta a este respeito:

«A duqueza de Bourbon póde beber muito sem perder a cabeça. Suas filhas pretendem imital-a, mas não são tão fortes como ella, e por isso não ficam tão senhoras de si, depois de beber, como aquella princeza.»

Entre os infames que buscavam a sua fortuna e poderio na corrupção do Regente, e que procuravam, valendo-se de toda a especie de meios, fazel-a subir de ponto para o affastarem dos negocios publicos, sobresahia o miseravel padre Dubois, que com o descaramento do crime e com uma habilidade infernal conseguiu guindar-se ás dignidades ecclesiasticas, chegando a arcebispo de Cambrais, a cardeal do sacro collegio, a primeiro ministro da França e a membro da Academia Franceza! A elevação d'este padre, que, segundo o duque de Richelieu, era o mais vil e perverso dos homens, um scelerado, do qual, no dizer de um escriptor nunca se dirá bastante mal, teria n'outros tempos de moralidade, produzido a mais viva indignação. N'aquella épocha, porém, só inspirou gracejos, epigrammas, e canções como estas, por exemplo:

Je me trouve pas étonnant
Que l'on fasse un ministre
Et même un prélat important,
D'un maquereau et d'un cuistre!
Rien me surprend en cela:
Ne sait-on pas bien comme
De son cheval Caligula
Fit un consul à Rome?

«Não me causa espanto vêr fazer um ministro e mesmo um prelado importante de um alcoviteiro e de um pulha. Nada d'isto me surprehende: Não sabemos bem como do seu cavallo Caligula fez em Roma um consul?»

Algum tempo depois da nomeação de Dubois para arcebispo de Cambrais, uma prostituta chamada Fillon, que tinha entrada livre em casa do Regente, foi pedir-lhe uma graça.

—«Falla, disse-lhe o Regente; o que desejas?»

—«Meu senhor, queria ser abbadessa do convento de Montmartre!»

Ao ouvirem estas palavras, o Regente e Dubois desataram ás gargalhadas.

A prostituta, dirigindo-se a Dubois, disse-lhe:

—«Porque te ris do meu pedido?»

—«Porque é impossivel.»

—«Não vejo em que, replicou ella. Não és tu arcebispo por teres sido alcoviteiro? Pois tambem eu posso muito bem ser abbadessa por ter sido p . . .!»

O Regente concordou que a mulher tinha razão.

Todo o mundo dava a Dubois a infame qualificação de alcoviteiro, sem que elle se offendesse. O Regente chamava-lhe pulha, patife, tunante, perdido, e elle não se zangava; o seu fim era enriquecer, e para isso sacrificava desaforadamente os interesses da França aos seus proprios interesses. Em pagamento d'esta traição, recebia da Inglaterra uma pensão de quarenta mil libras esterli-

nas. O Regente sabia-o, mas não lhe dizia nada, nem se incommodava por tão pouco.

A traição do ministro e a indifferença do principe dão uma perfeita ideia do governo d'aquella épocha!...

O cardeal presidia á libertinagem do Regente, era, por assim dizer, o mestre de ceremonias das orgias nocturnas do palacio, ou das casas de campo de alguns fidalgos, que se prestavam a cedel-as para este fim.

N'estas escandalosissimas orgias, viam-se confundidos os rufiões e os principes, as prostitutas e as duquezas, havendo estimulos de luxuria e embriaguez.

Em 1722, o Regente e os seus companheiros de crápula celebraram orgias famosas, a que deram o nome de *festas de Adão*. Ouçamos o duque de Richelieu, que, a julgar pelas suas minuciosas descripções, devia provavelmente ter assistido a ellas.

«Reuniam-se, diz elle em Saint-Cloud, d'onde despediam todos os creados. Havia alli mulheres publicas, levadas de noite com os olhos fechados, para que ignorassem o sitio para onde iam. O Regente, as suas amantes e os seus *roués*, que não queriam ser conhecidos, cobriam o rosto com mascaras. E devo declarar ter ouvido dizer um dia que não havia ninguem como o Regente e o cardeal Dubois para inventar diversões similhantes.

«Havia occasiões em que se escolhiam artistas de boa presença, de um e outro sexo do corpo do baile da Opera, para dançarem os bailados que a facil sociedade da Regencia tornára tão lascivos, e que em presença do Regente e dos seus coripheus se apresentavam no estado primitivo da humanidade antes de conhecer o uso dos vestidos. Estas orgias que o Regente, o cardeal e os seus amigos chamavam de *festas de Adão*, foram repetidas mais de uma duzia de vezes, até que o principe se enfastiou d'ellas.»

Ás *festas de Adão* succederam-se bem depressa outras festas de um novo genero, cuja invenção sahiu da imaginação de uma dama, Madame Tencin, e cuja realisação foi obra do cardeal Dubois. Chamavam a estas novas orgias *Flagellantes*. Foi o cardeal que as propoz ao Regente, ao que o principe respondeu:

— «Consinto, mas com uma condição!»

— «Qual é, meu senhor?»

— «Que tu tambem has de tomar parte.»

— «Com todo o gosto, meu senhor.»

— «Ainda bem.»

— «Vossa alteza alegra-se?»

— «Decerto, porque te havemos de desfazer a pelle a chicotadas!»

O duque de Richelieu diz a proposito d'isto:

«Toda a côrte dos *roués* se flagellou no meio de uma escuridão completa.»

Um dia o Regente sentiu remorsos, e manifestou-os a Dubois, dizendo-lhe:

— «Que dirá a Historia? Relatará as orgias da Regencia, do mesmo modo que registrou nos seus annaes as scenas de crápula da côrte dos *mignons* de Henrique III? Far-se-ha luz sobre as nossas festas tenebrosas? Conhecerá a

historia todos os seus pormenores? Graval-os-hão os artistas? Só uma cousa me consola: todos saberão que fui inspirado por um cardeal!»

E o Regente poz-se a reflectir, depois d'isto. Pela sua mente passou n'esse curto instante de remorso a sua mocidade corrompida por aquelle homem! Indignou-se contra elle, e bradou furioso:

—«Sáe da minha presença, cão! Retira-te d'aqui, maldito cardeal!...

Isto prova que o Regente era naturalmente inclinado ao bem, e que se não houvera sido corrompido pelos seus cortezãos e sobretudo pelo infame Dubois, o seu nome poderia ter figurado honrosamente na historia.

O cardeal pediu um dia a Madame de Tencin que escrevesse a *Chronica escandalosa do genero humano*, obra de um desbragamento unico, em que deviam achar-se com pendiados todos os prazeres dos gregos e romanos, promettendo levar-lhe no dia seguinte a fiel narração de tudo quanto os imperadores e as mais famosas cortezãs haviam imaginado e praticado de picante e voluptuoso durante o seu reinado, dizendo-lhe que quando sua alteza tivesse lido a descripção de alguma d'aquellas festas, de certo quereria experimentar este novo genero.

Quando o Regente ouviu lêr algumas paginas, despertou da sua indifferença, e ficou encantado com o programma d'aquellas novas festas, que seriam o resumo dos prazeres de toda a especie humana, e pediu o novo livro de Madame de Tencin.

Não nos deteremos na descripção d'essas festas, porque preferimos, e isso importa mais ao nosso fim, occuparmo-nos dos seus resultados nos costumes da sociedade franceza. A corrupção, nos primeiros annos da Regencia não transpoz o recinto da côrte. D'ahi a pouco, porém, as damas da nobreza mais inferior imitaram as do paço e as princezas. A classe média era a unica a mostrar ainda uma especie de reserva; modesta nos seus costumes, não brilhava como as pessoas de qualidade, que eram por isso mesmo mais atrevidas e descaradas. Pouco a pouco, o veneno foi minando a França inteira.

Tornou-se geral a maxima de que as mulheres deviam fechar os olhos a respeito das faltas dos seus maridos, que por sua vez se obrigavam a guardar as mesmas considerações para com suas mulheres.

Dentro em pouco, entre os grandes fidalgos considerou-se uma loucura incomprehensivel haver quem se portasse prosaicamente, designação dada por então á honestidade e á virtude. Os principios estavam radicalmente prevertidos, a corrupção propagou-se e não tardou a fazer-se geral. No anno de 1719, o exemplo da côrte produziu effectivamente uma corrupção de costumes, que se alastrou até ás ultimas classes da sociedade.

«N'este anno, diz um contemporaneo, o amor apresentava-se descaradamente em Paris, sem veu nem venda de especie alguma. O exemplo da nobreza auctorisara todas as classes sociaes aos mais depravados excessos...»

Agentes infames corrompiam as mulheres, casadas ou solteiras, para as entregarem á luxuria de seus amos. O chanceller d'Argenson levou os seus gostos libertinos até ao proprio asylo do pudor, convertendo em serralhos alguns conventos de mulheres.

Os *roués* da côrte, cansados do impudor das duquezas, para encontrarem alguma variedade nos seus caprichos obscenos dirigiam-se ás parisienses e communicavam-lhes a sua depravação. As scenas nocturnas do Palais-Royal e do Luxemburgo, apesar do mysterio de que procuravam rodeiar-se, chegavam sempre ao conhecimento do publico maligno, que sabia perfeitamente, como costuma succeder sempre, tudo quanto a côrte pretendia occultar-lhe, e que não sendo bastante morigerado para se indignar de tamanhas infamias, ria e imitava os vicios fidalgos, realçados pelo esplendor do luxo e pelo prestigio do poder.

A fonte do mal é manifestamente indicada pelos differentes escriptos d'aquelle tempo. A immoralidade partiu da côrte. O centro de corrupção collocado no centro do governo do estado era perigosissimo. O contagio, tendo por vehiculos a fortuna e a auctoridade, devia fazer vastos e rapidos progressos. Apesar d'isso muitas pessoas da classe dos principes e dos cortezãos conseguiram preservar-se d'elle. Pertenciam a este numero os antigos cortezãos de Luiz XIV.

Descontentes do Regente, habituados á vida regular, ás acções pautadas pelo ceremonial dos ultimos tempos d'aquelle reinado, indignaram-se contra as escandalosas desordens da Regencia, e resistiram tenazmente áquella torrente impura.

Por outro lado, a duqueza du Maine, que tinha uma côrte numerosa, dava festas brilhantes, mas que não eram, ainda assim, do genero das do Regente. Eram esplendidas, sim, mas decentes. A duqueza, inimiga do duque d'Orleans, entretinha-se a conspirar a favor dos Bourbons de Hespanha contra os Bourbons de França. Descoberta esta conspiração e castigados alguns dos conspiradores, a côrte da duqueza não tardou a corromper-se tambem.

O habito dos prazeres vivos, adquirido desde a primeira edade, embota o sentimento e produz o fastio e a saciedade, doenças ordinarias dos que podem facilmente e muito cedo satisfazer todos os seus desejos. D'aqui esses gostos desordenados, essas invenções e requintes monstruosos, tão censurados ao Regente e á sua côrte.

A mãe d'esta princeza diz n'uma das suas cartas:

«Meu filho deu signaes de virilidade aos 13 annos, e foi uma dama de qualidade que lhe deu a primeira licção.»

É digna de lêr-se esta passagem, relativa ao tédio da duqueza de Longueville, a quem disseram um dia:

—«Senhora, o tédio devora-a.»

—«Isso é verdade,» concordou ella.

—«Desejaria alguma diversão?»

—«Se podesse havel-a para mim!»

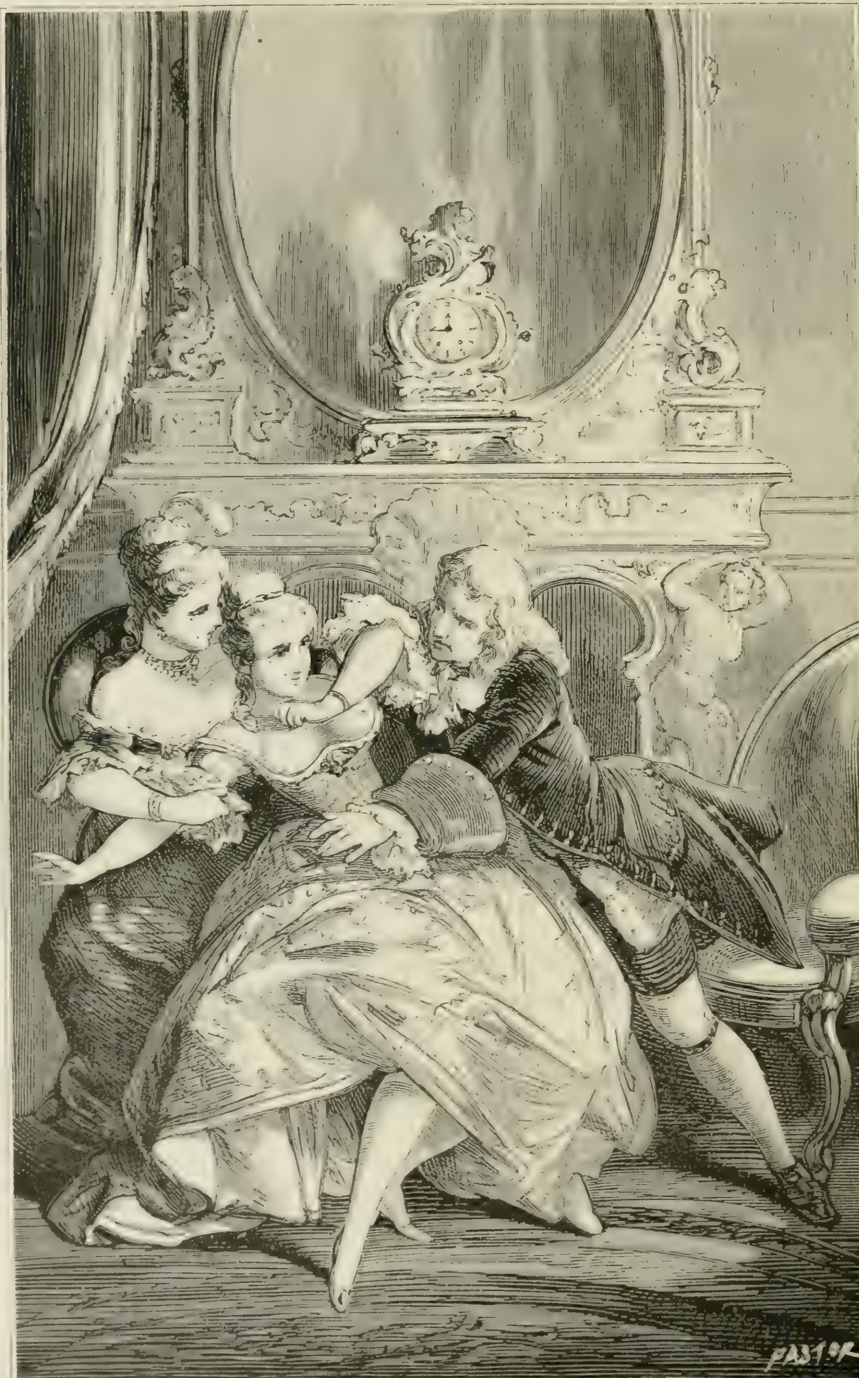
—«Quer caçar? Temos aqui florestas magnificas e matilhas.»

—«Não gosto da caça.»

—«Quer bordar?»

—«Não gosto de bordar.»

—«E o jogo? Não a divertiria qualquer d'elles?»



Um capricho do Regente

—«Não.»

—«Mas então que deseja vossa alteza?»

—«Nem eu sei. Não gosto de prazeres innocentes!»

Antes de concluir o estudo d'esta épocha, não queremos privar os leitores de alguns novos pormenores a respeito da lasciva duqueza de Berry. Contaremos duas anecdotas das mais celebres e ao mesmo tempo das mais escandalosas. Havia n'aquelle tempo no Luxemburgo uma filha de Poudre, famoso e opulento banqueiro, casada com o senhor de la Rochefoucault, da familia d'este nome. O marido d'esta dama havia entrado para o serviço da duqueza de Berry, na qualidade de capitão das guardas.

Sua esposa era formosissima e agradou muitissimo ao Regente, que desejou vivamente possuil-a. A duqueza de Berry, a quem fallou n'isto, não duvidando que o desejo do Regente seria satisfeito, se reunisse os dois, chamou a dama ao seu quarto, onde já estava o Regente seu pae, e empregou as caricias, as palavras ternas, as acções e até mesmo as violencias, para a obrigar a consentir, mas Madame de la Rochefoucault resistiu com coragem. Por fim, a duqueza, depois de a ter exhortado e censurado varias vezes pela *sua estupidez,* agarrou-a pelos hombros, atirou-a para os braços de seu pae, sentou-se junto d'ella e conservando-a fortemente agarrada, *ajudou todos os movimentos,* que permittiram ao Regente satisfazer os seus desejos.

Madame de la Rochefoucault, ultrajada, irritada, furiosa por esta violencia, e pela presença de terceira pessoa, querendo defender-se e desprender-se dos braços do pae e da filha, feriu com os seus movimentos o olho doente do Regente, que lhe esteve a ponto de saltar da orbita. D'este modo o mal peiorou, e como o Regente não abandonasse o seu desregramento habitual, o medico que havia começado a tractal-o desistiu. O pobre principe, depois de ter feito durante um anno alguns remedios inuteis e insignificantes, ficou privado do uso do olho esquerdo, consequencia funesta de uma empreza amorosa e da complacencia de sua filha, cujo seio e cujos braços tinham sido, como sabemos, o leito das voluptuosidades do duque d'Orleans!

Outra amostra das impiedades libertinas da côrte do Regente:

Combinára-se nas orgias haver uma liberdade completa, desprezando-se todas as formulas da etiqueta.

Uma noite, o regente ordenou a Broglie que pegasse n'um candieiro, e ao mesmo tempo agarrou uma das mulheres e levando-a a um quarto proximo, teve copula com ella mesmo na presença d'aquella testemunha.

Broglie, ao ver aquella scena, não poude conter-se, pousou o candieiro, e seguiu o exemplo funesto de Onan, anathematisado na Biblia pela sua perversão!...

A duqueza de Berry, curiosa de ver o que se passava n'aquelle quarto, approximou-se da porta nos bicos dos pés, e ao ver a acção de Broglie, pegou n'um copo de agua e derramou o seu conteúdo sobre o producto da impureza de Broglie, accrescentando esta impiedade:

—«Somos bons christãos todos quantos estamos aqui, e por isso não devemos deixar morrer sem baptismo o filho de Broglie!...»

Este dito da duqueza de Berry foi acolhido com gargalhadas por toda a companhia, e os *roués* contaram-n'o a quem quiz ouvil-o. O proprio regente foi o primeiro a espalhal-o e dentro de pouco tempo Paris e a provincia repetiam-no e commentavam-no!

As scenas escandalosas da côrte acabaram com a morte dos principaes actores, que desappareceram no anno de 1723, mas o seu funesto exemplo deixára vestigios muito profundos para poderem ser facilmente esquecidos.

Em 1726 começou uma nova ordem de cousas. Luiz XV, na edade de 16 annos, assumiu a corôa e o seu perceptor Fleury foi nomeado primeiro ministro, sendo elle quem verdadeiramente reinou em nome do seu real discipulo.

O rei era puro a esse tempo: a corrupção não o havia ainda empolgado. O seu primeiro ministro, á gravidade propria da sua avançada edade, alliava excellentes costumes, verdadeiramente irreprehensiveis. Por isso houve na côrte uma reforma completa e todos começaram a considerar odiosos os exemplos da Regencia, a ponto de se vêr a libertinagem completamente abandonada. Luiz XV, nos primeiros annos do seu casamento, foi fiel á fidelidade conjugal, o que desesperou os cortezãos, porque, como é bem claro, tinham de imitar o exemplo vindo do alto, e conter as suas paixões, prestes a irromper ao menor pretexto. De resto, não podiam servir-se do desregramento de um principe libertino, alcançando assim a recompensa dos seus infames serviços.

Em vista d'isto, tomaram a resolução de se combinarem para armar laços ao joven rei, e fazel-o assim cahir na mais depravada corrupção. Em todo o caso, as primeiras tentativas não deram resultado.

Um dos cortezãos tentou inspirar-lhe affeição para uma dama da côrte.

—«E' muito bella esta dama, *sire,*» disse elle ao rei.

Mas elle respondeu-lhe:

—«Parece-lhe mais bella do que a rainha?»

Porque ha de ter o vicio uma perseverança, que ordinariamente a virtude não possue? Os cortezãos viciosos continuaram os seus ataques, e Luiz XV, apesar de naturalmente virtuoso, succumbiu por fim.

Cedeu desgraçadamente ao exemplo, ás violentas seducções tão repetidas, e ao arrebatamento proprio da sua edade.

O cardeal Fleury ousou fazer algumas observações ao seu real discipulo que lhe deu, segundo dizem, a seguinte resposta:

—«Confiei-lhe a direcção do meu reino, espero que me deixe completamente senhor dos meus actos.»

O cardeal, como bom cortezão, pensou que a dama mais facil seria aquella com quem o rei se entenderia melhor, e pareceu-lhe tambem que a menos ambiciosa seria a que melhor conviria á côrte, e disse:

—«Pois bem! Tragam a el-rei a Mailly.»

A condessa de Mailly foi a encarregada de executar o ataque.

Terminára o periodo, e bem curto fôra elle na verdade, da morigeração palaciana. O vicio supplantára a virtude, e aos primeiros annos de ingennidade do monarcha, ia seguir-se uma corrupção não menos abominavel que a sua predecessora, a corrupção da Regencia.

Luiz xv ia mostrar-se não menos revoltante nas suas torpezas do que esse devasso Regente, que durante a sua menoridade, déra á França e á Europa o exemplo de uma corrupção sómente comparavel á dos monstros coroados da Roma antiga.

A fatalidade pesava sobre a França, impondo-lhe como senhores supremos estes ignobeis libertinos. Aos ministros ambiciosos, que empunhavam as redeas do governo e reinavam como despotas, em nome de seus devassos amos, ia succeder o reinado das cortezãs prevertidas.

Estudemos conscienciosamente esta nova phase da historia da prostituição franceza.

CAPITULO XXIII

SUMMARIO

Luiz xv e a condessa de Mailly.—As tres irmãs da condessa.—Uma nova amante de Luiz xv.—Madame Pompadour.—Novos escandalos na côrte.—O incognito descoberto.—A luxuria e a devoção.—A policia galante do rei.—Violação da correspondencia.—O pacto da fome.—Prevost de Beaumont.—Prazeres despertados pela narração dos prazeres alheios.—Cinco especies de relações escandalosas.—O diario de Madame de Housset.—O conde de Charolais.—Seu cynismo e libertinagem.—O perdão do rei.—A comparsa do theatro da Opera.—Brilhante e imprevista fortuna d'esta cortezã.—Mais escandalos.—A prostituição em todas as classes elevada a um grau superior.—Marais e a Montigny.—Infames façanhas do duque de Fronsac, contadas em verso por Gilbert.—Uma clausula do testamento de Mademoiselle Bouscarelle.—Corrupção excessiva e sem limites.—A gente da Egreja.—Bispos e cardeaes libertinos.—Frades obscenos.—Mães educando as filhas para a prostituição.—Casamentos indignos.—Modas lascivas.—Descripção de alguns costumes.—Politicos, philosophos e litteratos.



PRESENTÁMOS no fim do capitulo anterior a condessa de Mailly como a primeira amante encarregada de innocular a semente do vicio na alma ainda candida do joven rei. A condessa, porém, levou as suas obscenas provocações até á violencia, dando-lhe a primeira licção de infidelidade conjugal e de libertinagem, licção que o monarcha soube aproveitar perfeitamente.

Esta mulher apressou-se a annunciar o exito das suas tentativas aos seus cumplices, e teve o impudor de apresentar-lhes provas, para receber as suas felicitações. Este impudor não obstava, porém, a que a referida mulher tivesse algumas qualidades muito apreciaveis. Era affavel, desinteressada, caritativa, amiga de fazer favores. Mas estes predicados poderiam, porventura, limpar a nodoa do seu irregular comportamento?...

Transposta pela primeimeira vez a barreira, Luiz xv não encontrou obstaculo algum no arrebatamento das suas paixões. A condessa de Mailly tinha tres irmãs: Madame de Vintimille, a duqueza de Lauragnais, a marqueza de Tournelles.

A mais nova, de edade de doze annos, sahida ha pouco do convento, supplantou a sua irmã mais velha, mas todas as irmãs da duqueza de Mailly foram suas rivaes. Cantavam-se por esse tempo coplas a este respeito que começavam assim:

J'ai vu la Mailly toute en pleurs,
V'la que c'est que d'avoir des sœurs, etc.

«Vi a Mailly desfeita em pranto, eis o resultado de ter irmãs!»

Desesperada de se ver supplantada pelas irmãs, refugiou-se no seio da religião e veio a ser um modelo de piedade e de modestia. Mas não antecipemos os acontecimentos. El-rei teve da irmã mais nova da Mailly uma creança a quem os cortezãos chamaram o *Semi-Louis*, por causa da sua grande parecença com seu pae. Depois d'isto, casou-a com o senhor de Vintimille, com a condição de não consummar o matrimonio.

O arcebispo de Paris teve a fraqueza de se prestar a este casamento, que era nullo pela condição exigida, e prostituiu o seu ministerio, dando a benção aos pretendidos esposos.

Madame de Vintimille morreu, segundo se diz, envenenada, por ordem do cardeal de Fleury, que temia o ascendente d'esta amante no animo do rei.

Mas talvez isto não passasse de um dos numerosos boatos propalados pelos cortezãos: o que é certo é que el-rei tornou ás suas relações com a condessa de Mailly, abandonando-a outra vez d'ahi a pouco para se amancebar com a outra irmã, chamada de Tournelles, que não cedeu aos desejos de Luiz XV senão com a condição de que seria duqueza. Além d'isso, pediu que sua irmã, a Mailly, seria affastada da côrte e encerrada n'um convento, que o seu real amante iria pôr-se á frente do exercito e que ella teria uma casa magnificamente montada. Tudo isto el-rei lhe concedeu, fazendo-a duqueza de Chateauroux, titulo com que se tornou famosa nas scenas de Metz, depois da enfermidade de Luiz XV.

Madame de Lauragnais, depois da morte de Madame de Chateauroux, sua irmã, gosou tambem os favores do rei, que enfadado por fim d'esta familia, encontrou sem grande trabalho novos alimentos para os seus desejos.

No emtanto, a rainha, informada das loucuras de seu esposo, seguiu os primeiros impulsos da colera e do despeito, e tomou a errada resolução de não partilhar com outra as caricias de Luiz XV. Desde este momento, o rei julgou-se dispensado dos deveres conjugaes, e livre por conseguinte de todo o jugo.

A's muitas amantes que Luiz XV tomou e abandonou, succedeu em 1745 Joanna Antonietta Poison, filha de uma prostituta, e que dentro em pouco foi illustrada com os titulos de dama do palacio e de marqueza de Pompadour.

Quando esta aventureira recebeu os titulos a que acabamos de nos referir, todos os beatos e beatas, amigos do delphim, correram a casa da favorita para obterem a sua amisade e protecção.

O cardeal Fleury morrera havia dois annos, e os seus successores não inspiravam a mesma veneração do illustre e respeitavel prelado, e apesar d'isso, Luiz XV não podia dirigir por si proprio as cousas do estado. A sua amante apoderou-se do governo, e em nome d'elle governou como soberana, sendo a dispensadora das graças, dos empregos mais eminentes e o arbitro entre a paz e a guerra.

A marqueza tinha um talento e uma imaginação pouco vulgares, mas infelizmente não mostrou nem o juizo, nem a energia, nem a alta previsão necessarias ao papel de que se havia encarregado. Não possuia os dotes indispensaveis a um homem de estado, mas em compensação tinha todas as qualidades

que constituem a amante favorita de um rei fraco. Consolava-o nos seus desgostos, procurava todos os meios necessarios para affastar d'elle o tédio, esse temivel inimigo dos homens gastos, enfermidade, que apesar de repellida volta sempre de novo a acommetter aquelle que procurou repellil-a.

Ella ás vezes, collocando a sua bonita mão sobre o coração de Luiz xv, dizia-lhe:

—«Este coração é o meu idolo!»

Nem um nem outro podiam separar-se, mas se a marqueza não podia nem queria perder o poder que tão grato se tornara á sua vaidade de mulher, tambem el-rei não podia perder o costume de variar os seus prazeres, substituindo frequentemente o objecto das suas caricias. A marqueza não contrariou esta inclinação.

Assim, o monarcha teve, com o consentimento d'ella, um grande numero de amantes, ou para melhor dizer de victimas da sua paixão pela novidade, um serralho secreto, cuja existencia occultou cuidadosamente á curiosidade publica, no Parc-aux-Cerfs.

Em Versailles tambem, e n'um bairro pouco frequentado, a marqueza de Pompadour fez construir, para lisongear os prazeres do rei, uma casita com jardim, á qual deu o nome de *l'Ermitage*. Os vis cortezãos que o rodeiavam constantemente tinham-lhe arranjado uma rapariga de doze annos, de uma extraordinaria belleza, de fórma que o rei ficou logo namorado d'ella, mas temia a publicidade d'estes amores e não sabia em que sitio poderia esconder a sua nova presa. A Pompadour soube d'esta nova intriga e do embaraço do rei, e aproveitou-se d'ella para robustecer o seu immenso poderio, offerecendo ao rei a sua casita de *l'Ermitage*.

Luiz xv acceitou o presente como favoravel em extremo aos seus projectos, e foi lá esconder o seu thesouro, que ia visitar todos os dias. Lebel, seu creado de quarto e mordomo dos prazeres de seu amo, collocou á frente d'esta casa uma tal Madame de Bertrand, que passava por ser a inquilina e que algumas vezes tomava o nome de Domingas. A *protegida* deu um filho a Luiz xv, que depois d'isto a dotou e casou com um fidalgo da sua côrte.

Não tardou muito a ser substituida por outra joven igualmente formosissima, tambem de doze annos, que um certo marquez, parente da Pompadour, e Lebel arrancaram do poder de sua mãe, empregando simultaneamente para isso a astucia, e a violencia. Esta rapariga foi encerrada n'uma habitação que Lebel tinha n'um dos pavilhões das Tulherias, uma especie de deposito muito conhecido depois das jovens, que escolhia a seu gosto nos jardins do palacio para os prazeres do monarcha.

A mãe e a filha, inopinadamente separadas, fizeram esforços vãos para se reunirem, mas nem as suas lagrimas commoveram, nem as suas ameaças assustaram os auctores d'aquelle iniquo attentado. A mãe, quando soube da sorte reservada a sua filha, foi obrigada a chorar em silencio a sua triste ausencia.

Prodigalisaram á pobre menina mil caricias, e fizeram-lhe milhares de presentes, acompanhados de muitas promessas de tornar a ver bem depressa

sua mãe, esperando que a sua belleza, um pouco desfeita pela dôr, recobraria com esta esperança o primitivo brilho, para poder apparecer vantajosamente na presença d'el-rei.

Luiz XV ficou encantado de a ver, e teve dois filhos d'ella, casando-a depois aos quinze annos.

Madame Bertraud estava ordinariamente encarregada de guardar uma ou duas jovens, roubadas ou seduzidas, e que na sociedade passavam por suas sobrinhas. Estas meninas, na ausencia do rei, entretinham-se a bordar. Quando o rei se cançava d'ellas, casava-as, dotando-as com cem mil francos e varios presentes.

Houve tempo em que este serralho não continha senão uma rapariga e durante cinco ou seis mezes seguidos, esteve completamente vasio. Mas, depois da morte da marqueza de Pompadour, o Parc-aux-Cerfs povoou-se de grande numero de jovens victimas.

Luiz XV dirigia-se alguma vezes a este serralho, e outras a dois salões do palacio de Versailles, situados perto da capella, onde o rei podia ir sem ser visto de ninguem. As jovens não o conheciam tambem, porque passava para ellas por um nobre polaco.

Ainda assim, o incognito foi uma vez descoberto. Eis o que a este respeito conta Madame du Hausset, muito instruida n'este ponto:

«Por occasião da tentativa de assassinio contra o rei, uma rapariga a quem elle havia visto muitas vezes e a quem manifestára mais amor que ás outras, desesperava-se por este triste acontecimento. A madre abbadessa, que assim chamavam á mulher que tinha a intendencia do Parc-aux-Cerfs, notou a extraordinaria dôr por ella manifestada, e de tal modo se conduziu, que a obrigou a confessar que sabia perfeitamente ser o nobre polaco o rei de França.

«Confessou que lhe havia percorrido as algibeiras, encontrando-lhe n'ellas duas cartas, uma do rei de Hespanha e outra do abbade de Broglie. A joven foi severamente admoestada, e a abbadessa mandando chamar Lebel, ordenou-lhe que levasse as cartas a el-rei, ficando o monarcha muito atrapalhado ao saber a astucia e habilidade d'aquella rapariga.

«Esta mesma habil rapariga, tendo averiguado que o rei ia visitar secretamente a sua companheira, entrou furiosa no quarto da sua rival, no momento em que Luiz XV chegava, precedido da abbadessa.

—«*Sire*, disse ella deitando-se aos pés d'el-rei, vós sois o rei de França, mas isto que é muito, que é tudo, de nada valeria para mim, se vossa magestade não fosse tambem o rei do meu coração. Não me abandoneis, *sire!* Estive quasi a enlouquecer, quando soube que queriam assassinar-vos!...»

«A abbadessa gritava-lhe furiosa:

—«Tu estás louca, desgraçada!...»

«El-rei beijou-a, e ella mostrou-se um pouco mais tranquilla depois d'esta caricia. A abbadessa tractou de a fazer sahir, e alguns dias depois a desgraçada era mettida n'uma casa de doidos, onde foi tractada como tal durante alguns dias. A pobre rapariga sabia, porém, que não estava doida e que o rei tinha sido seu amante.

«Este deploravel incidente foi-me contado pela abbadessa, na occasião em que travei conhecimento com ella, por occasião do parto de uma d'aquellas raparigas.»

Outra inquilina do Parc-aux-Cerfs, filha de um droguista de Paris, ficou gravida. El-rei, de accordo com a marqueza de Pompadour, fez conduzir esta joven a Saint-Cloud, destinando-lhe uma casa perto do palacio. Luiz XV disséra em casa da marqueza a Madame de Hausset, sua camareira:

—«Tractará da parturiente, não é verdade? Ella é uma boa rapariga, que não inventou a polvora. Em todo o caso, confio-a ao seu zelo e discrição.»

Depois, voltando-se para Madame de Pompadour, accrescentou:

—«O meu chanceller dar-lhe-ha as suas instrucções.»

Quando a rapariga teve o seu bom successo, disseram-lhe que tinha tido uma menina, e mais tarde que a creança morrera. A pobre mãe voltou novamente para o Parc-aux-Cerfs.

Madame de Hausset accrescenta á sua narração estes pormenores:

«El-rei dava 10 ou 12 mil libras de renda a cada um dos seus filhos, que herdavam uns dos outros, conforme iam morrendo, e isto succedera já a sete ou oito.»

Um dia que Luiz XV estava em Paris, viu no jardim das Tulherias uma creança de nove annos, conduzida pela sua creada. Gostou d'ella, achou-a mesmo muito bonita e fallou do caso a Lebel. Este foi logo recommendar a Sartines que descobrisse o paradeiro da menina. Posta em campo a policia, logrou em breve o resultado que se desejava. Alguns luizes dados á creada, ameaças de prisão feitas ao pae, um tal Tiercelin, e outros meios postos em pratica puzeram a menina nas mãos do infame fornecedor, que a conservou até á idade de doze annos e meio, épocha em que a introduziu nas alcovas de Versailles, com o nome de Madame Bonneval.

A Pompadour, temendo que de futuro el-rei não viesse a fazer d'ella sua amante declarada, ordenou ao ministro que fizesse prender o pae e a filha. El-rei, que tinha amor á rapariga, hesitava em sanccionar este acto cruel. Hesitou por algum tempo, e afinal teve de ceder, e abraçando e beijando a marqueza favorita, assignou a ordem de cônduzir a prisioneira á Bastilha, para uma prisão separada da de seu pae. Algum tempo depois a Tiercelin obteve o sahir da Bastilha com a condição de ser encerrada n'um convento, de nunca poder vêr o filho que tivéra de Luiz XV, e de nunca dizer que era sua mãe!...

O fornecedor Lebel, auxiliado por Madame Bertrand, seguia a pista de todas as raparigas bonitas que appareciam na cidade ou no campo. Empregava a violencia e a seducção para as raptar ás familias e sacrifical-as á luxuria de seu amo. Ai dos paes que reclamavam as pobres victimas arrancadas traiçoeiramente dos seus braços! Ai dos que escreviam ao rei, queixando-se d'este attentado! Eram encerrados, mettidos nas masmorras da Bastilha. Quantas lagrimas não fizeram derramar, quantos crimes não fizeram commetter os prazeres d'aquelle funesto rei! Quantos actos de tyrannia, quantas prisões, quanmanobras indignas, empregadas para occultar ao publico a infamia de um primeiro crime!...

O gosto de el-rei pelas creanças, gosto que lhe fôra inspirado pela marqueza de Pompadour, não acabou tão depressa, mas chegou a tal extremo, que se resolveu na côrte estabelecer uma regra de conducta a respeito d'este ponto delicado, regra que satisfizesse aos deveres humanitarios sem prejudicar ao que el-rei exigia na questão da consideração e do respeito.

Esta regra fundava-se sobre tudo na sorte dos filhos bastardos, mui numerosos, que resultavam da libertinagem do rei.

Luiz xv, como quasi todos os seus predecessores, alliava sem repugnancia alguma os seus actos de luxuria aos seus actos de devoção. Deixemos fallar a este respeito um cortezão, auctor das *Anecdotas da côrte de Luiz* xv:

«El-rei era muito religioso e até mesmo beato, mas teve sempre um defeito, o de associar a libertinagem com a religião. Nas suas alcovas deu a este respeito provas que faziam rir todos os que as presenciavam. Apezar de fazer raptar tantas creanças para satisfacção dos seus voluptuosos desejos, tinha o maximo cuidado em instruil-as elle proprio nos deveres da religião. Ensinava-as a lêr e a escrever e até mesmo a resar, fazia, emfim, o verdadeiro papel de mestre-eschola, e nunca se cançava de lhes dirigir sermões extremamente edificantes. Mais ainda: Encontravam-no ás vezes a rezar, de joelhos, sempre com a sua devoção habitual, e ordenava áquellas pobres creaturas que nunca se deitassem sem primeiramente haverem orado e encommendado a sua alma a Deus, nosso senhor. Quando ambos acabavam as suas orações, a joven e o rei levantavam-se e mettiam-se na cama, fallando sempre de Deus, da Virgem e dos santos! Quando se povoou de raparigas o Parc-aux Cerfs, entre aquellas pobres victimas, educadas para satisfazer a lascivia do rei, nunca foi esquecida a educação severamente religiosa.»

Graças aos cuidados de Lebel, de Bertin e de outros, depois da morte da marqueza de Pompadour, o Parc-aux-Cerfs nunca deixou de estar bem fornecido de formosas raparigas. Uma d'ellas foi a filha do porteiro do Trianon. Tinha apenas quinze annos e era muito bonita, mas estava infeccionada pela syphilis e communicou-a a el-rei.

Luiz xv, rodeado de cortezãos corrompidos, entregou-se a excessos similhantes aos que haviam manchado a Regencia, e celebrou com elles asquerosas orgias, de que existem numerosas provas, sendo uma d'ellas as habitações particulares que fez construir em muitos dos seus palacios e as mezas volantes estabelecidas em Choisy e Trianon. Depois de cada serviço, estas mezas atravez de uma abertura feita no sobrado da sala, desciam para um aposento inferior, d'onde ao cabo de algum tempo, tornavam a subir para o mesmo sitio. D'este modo, os convidados, livres da presença importuna dos creados, achavam-se completamente á vontade, sem terem que se envergonhar das suas obscenidades.

As predilecções dissolutas de Luiz xv só podiam ser satisfeitas á força de vexames e de prepotencias, e á força de attentados contra a moral e contra os direitos mais sagrados das familias. Multiplicavam-se prodigiosamente os agentes da corrupção e protegiam-se e recompensavam-se principescamente as raparigas que succumbiam ás suas artimanhas. Paes, ou maridos, que se

atrevessem a queixar-se da seducção empregada contra suas filhas ou esposas, eram violentamente arrancados de casa e mettidos nos calabouços das prisões do Estado.

Não eram estas, ainda assim, as unicas immoralidades que temos de censurar ao licencioso Luiz XV. O rei queria encontrar no procedimento desbragado dos seus vassallos uma desculpa da sua devassidão, e por este motivo não poupou meio algum de ser informado de todas as intrigas galantes, de todas as libertinagens da sua boa cidade de Paris. A violação da correspondencia auctorisava a falta de probidade dos agentes da lei, e serviu para estabelecer o principio falso e corruptor de que não se póde governar sem lançar mão do ardil e do logro.

Esta inquisição exercida sobre as acções mais secretas dos cidadãos e que tinha por objecto, não a religião nem a moral, mas sim uma esteril e culpavel curiosidade, não servia senão para multiplicar as delações, as traições e os infames e vis agentes da espionagem.

Com um governo tão corrompido e tão corruptor, com tantas fontes de depravação, a moral não podia dominar nem em Paris nem na França, portanto quasi todo o pessoal das diversas repartições do estado chegára a preverter-se pelo exemplo dos seus chefes. Este despreso pela justiça e honestidade, reunido ao estado deploravel da fazenda publica, mal administrada, levou os diversos funccionarios aos mais descarados abusos e torpezas.

Luiz XV, graças a estas frequentes cabalas dos seus delegados, transformou-se n'um deploravel encobridor de escandalos, e chegou a assumir o monopolio dos trigos. É bem conhecido o tractado secreto e criminoso, que a historia designa com o nome de *pacto da fome*.

O segredo dos reis é como o segredo das comedias. Não ha ninguem que não o conheça. Um homem superior, Prevost de Beaumont teve a ideia de denunciar todas estas intrigas ao rei e á opinião publica; a policia, porém, informada dos seus planos leaes, metteu-o nas masmorras da Bastilha, onde teria morrido, se não fosse a tomada d'aquella prisão de estado, realisada annos depois pelo povo, como todos sabem.

Segundo vemos na *Police devoilée,* Prevost de Beaumont passou vinte e dois annos nas masmorras da Bastilha e de Vincennes. Algumas vezes punham-lhe algemas, e davam-lhe uma plancha de ferro por leito. Alimentava-se com duas onças de pão e um copo de agua por dia. Parece-nos que um homem, como este, tem direito ao reconhecimento da posteridade, e por isso o citamos n'este livro, affastando-nos algum tanto do nosso intuito.

A imaginação gasta de Luiz XV incitava-o a procurar prazeres até mesmo nos prazeres dos seus subditos, e para isso empregou meios odiosos, não respeitando para satisfazer este capricho nem as cousas, que deviam ser-lhe mais sagradas.

Um exercito habilmente organisado, e adestrado por uma longa pratica, trabalhava noite e dia com todo o cuidado para corromper, enganar, atraiçoar e esquadrinhar até mesmo nos gabinetes e alcovas particulares, todas as corrupções da lascivia, para offerecer uma exacta pintura á curiosidade obscena

de sua magestade. De tudo isto se entregavam ao rei varias relações, sendo umas todas as manhãs e outras todos os domingos. Estes relatorios infames podem ser divididos em cinco classes differentes.

A primeira classe compunha-se dos extractos de cartas abertas infamemente no correio. A segunda, de quanto dizia respeito á conducta dos principes e grandes senhores da côrte, e ás suas relações libertinas com as mais bellas e famosas cortezãs de Paris. A terceira era relativa aos costumes dos cardeaes, bispos e mais prelados importantes. A quarta aos ecclesiasticos surprehendidos nas casas de prostituição.

O arcebispo de Paris recebia uma copia d'estas ultimas.

Finalmente, a quinta classe compunha-se de numerosas relações, que faziam diariamente ao intendente da policia todas as mulheres que tinham em Paris casas de prostituição.

No que resta a dizer para completarmos o quadro da corrupção dos costumes durante este periodo, seguiremos escrupulosamente estas divisões, accrescentando a respeito de cada uma d'ellas as informações que os monumentos historicos subministram.

O segredo da correspondencia era todos os dias violado no correio. Abriam-se habilmente todas as cartas, cujo involucro fazia suspeitar de qualquer intriga galante ou politica. Faziam-se extractos d'ellas, e depois de terem sido novamente fechadas, eram enviadas ao seu destino.

O intendente dos correios ia todos os domingos levar ao rei estas informações semanaes. Estes extractos passavam algumas vezes das mãos do rei para as dos ministros, que, impellidos frequentemente pelo prazer de contarem anecdotas escandalosas, divulgavam os segredos das familias. A repartição paga pelo publico para transmittir a correspondencia, abusava do dinheiro e da confiança dos cidadãos. Devemos dizer comtudo que esta patifaria, chamemos-lhe assim, não foi inventada no reinado de Luiz XV. Já se praticava no tempo de Luiz XIV. É ao ministro Louvois, de odiosa memoria, que se deve a invenção d'esta insigne perfidia.

Eis o que este respeito encontramos no *Diario* de Madame de Hausse:

«O rei fizera participar ao senhor de Choiseul o segredo do correio, quer dizer, o extracto das cartas que se abriam, o que nunca d'Argenson conseguira, apesar de todo o favor de seu real amo. Ouvi dizer que Choiseul abusava d'isto, e contava aos seus amigos as alegres historias, e as intrigas amorosas, que continham os cartas devassadas. O intendente dos correios levava a el-rei todos os domingos os extractos. Todos o viam entrar n'esse dia para dar conta d'aquella odiosa commissão. Muitas vezes na minha presença o doutor Quesnay se encolerisou por causa d'este infame encargo, declarando que mais depressa comeria com o carrasco do que com o intendente dos correios.»

Os relatorios a respeito dos principes e senhores da côrte eram muito numerosos. Houve até quem os calculasse em dois mil. Cada um d'elles estava escripto n'um caderno in-4.º, contendo uma duzia de paginas, rubricadas pelo commissario de policia Marais. Havemos de citar algumas passagens d'esses relatorios, mas antes d'isso, narraremos alguns factos destinados a provar que

o antigo feudalismo reinava ainda nos fidalgos e funccionarios d'aquelle tempo.

Os exemplos escandalosos dados pelo Regente foram tão funestos para a moral publica, como o systema de Law o havia sido para as fortunas particulares. É certo que então a sede do ouro, excitada pelo systema de Law, e a libertinagem mais excessiva, auctorisada pela conducta dos chefes, preverteram a maior parte da sociedade franceza. Os germens d'estes vicios, mantidos pelo costume, ás vezes comprimidos, subsistiam na realidade desde os tempos barbaros, mas no tempo da Regencia receberam, sobretudo entre os poderosos, um desenvolvimento funesto.

O bem que podia provir do augmento da civilisação era sem cessar destruido pelos maus exemplos da côrte.

Entre os principes d'esta épocha, o conde de Charolais, da familia real, distinguia-se pelos seus torpes excessos e desregramentos, pelo seu cynismo e sobretudo pelos seus actos de ferocidade.

Era a verdadeira imagem dos senhores feudaes dos seculos passados. Para elle a vida dos homens era uma brincadeira.

Na sua qualidade de principe de sangue, não temia as leis, nem a opinião publica, e provava com a sua conducta que o peior dos malvados, o mais perigoso na sociedade, é sempre o que julga poder sel-o impunemente!

A cada assassinio que commettia, deitava-se aos pés do rei para sollicitar cartas de indulto. Um dia Luiz XV, ao dar-lhe um d'estes indultos, disse-lhe:

— «Aqui tem, mas devo declarar-lhe ao mesmo tempo, que já aqui tenho prompta e assignada outra carta de indulto para aquelle que matar o conde!»

Esta resposta não provava a indignação do rei, era apenas um effeito theatral e mais nada.

O conde de Charolais, durante o ministerio de cardeal de Fleury, foi desterrado da côrte. O cardeal temia para o seu real pupillo o contagio dos seus conselhos ou dos seus ferocissimos exemplos, porque o cynismo do principe era egual á sua crueldade. Vivia no seu palacio da rua dos Francs-Bourgeois no Marais, e ia muitas vezes para a janella que defrontava com o convento das freiras hospitaleiras de Santo Anastacio, onde se divertia a fazer mil indecencias á vista das religiosas. Estas freiras, escandalisadas por similhantes espectaculos, mandaram construir entre o palacio e o convento um muro elevadissimo, que interceptava os olhares dos habitantes de um e outro lado. Este muro ainda hoje alli existe.

Em continuação d'este retrato, que recorda as façanhas dos antigos senhores feudaes, vamos dar a narração de uma proeza, praticada em egual épocha e por personagens quasi da mesma gerarchia. O conde de Horne, capitão reformado, Laureano de Mille, tambem capitão reformado e pretendido fidalgo, e um tal Estang, formaram o projecto de assassinar um rico agiota, afim de se apoderarem dos importantes valores do seu cofre. Para esse fim, dirigiram-se á rua de Quinquampoix, e alli, sob pretexto de negociarem uma acção pelo valor de seis mil escudos, conduziram no dia 20 de março o agiota a uma taberna da rua de Veneza, onde lhe deram punhaladas.

O desgraçado, ao resistir, fez bastante ruido para ser ouvido pelo creado

da taberna, que ao passar por diante da porta do gabinete, onde o crime fôra perpetrado, a abriu. Vendo um homem banhado em sangue, fechou a porta á chave e correu a pedir auxilio. Os assassinos, vendo-se fechados, procuraram salvar-se por um janella. Estang, que vigiava na escada, fugiu aos primeiros gritos do creado, correu a casa, tirou d'ella o que poude e tractou de se recolher a logar seguro.

De Mille atravessou a multidão da rua Quinquampoix, mas o povo correu atraz d'elle, e deteve-o no mercado. Quanto ao conde de Horne, fugiu pela janella, mas foi detido na rua. A 29 de março seguinte, o conde e o seu cumplice foram rodados vivos na praça da Grève.

Confessára o seu crime o conde, mas, ainda assim, a familia d'elle interessou-se vivamente com o duque d'Orleans, que era seu parente por parte de sua mãe.

— «Muito bem, disse o Regente a quem lhe pedia a favor do conde, participarei da sua vergonha. Isto deve consolar os outros parentes.»

E em seguida, recitou este verso de Corneille:

Le crime fait la honte, et non pas l'échafaud!

«O crime é que deshonra, e não o cadafalso!»

Os apontamentos que a policia apresentava ao rei, não continham decerto crimes d'esta natureza, crimes, que ainda assim foram menos vulgares sob o reinado de Luiz XV que no tempo dos monarchas que o precederam.

Esses apontamentos continham aventuras galantes e escandalosas, anecdotas a respeito de certas mulheres de má nota, actrizes e dançarinas. Tractava-se alli das suas frequentes infidelidades, da sua passagem rapida da opulencia á miseria, dos seus numerosos amantes, do preço dos seus favores, da hora e do sitio em que os concediam, e das orgias nocturnas que os grandes fidalgos da côrte celebravam na companhia das cortezãs.

Estes testemunhos da escandalosa preversão dos grandes d'aquelle tempo eram conhecidos com o nome de *Noites de Paris*.

Eis alguns exemplos:

Em 1768, uma comparsa da Opera queixava-se diante de alguns fidalgos de ter perdido um amante que lhe déra mil luizes por semana. Ao ouvir estas palavras, um fidalgo polaco disse-lhe que esta perda era facil de reparar. Ella, porém, declarou-lhe que não acceitaria um amante senão com a condição de lhe dar uma carroagem, dois bons cavallos e cem luizes de renda bem seguros.

Na manhã seguinte, a cortezã viu parar á sua porta uma carroagem magnifica, com dois soberbos cavallos, e dentro d'ella encontrou um cofre com 130:000 libras em ouro. Esta brilhante fortuna não foi de longa duração.

Eis o que se lê n'um dos relatorios da policia:

«Quando o polaco Ros . . . se tornou louco pela Grandi, e louco a ponto de lhe querer dar o seu nome, presenteou-a com um relogio de quarenta luizes, um vestido magnifico e uma carroagem com soberbos cavallos. Tudo isto foi muito bem recebido, mas não foi pago. O que havia vendido a carroagem, o



Margarida Dubarry

senhor Blanchard, entrou ás duas horas da tarde, quando a cortezã se levantava. Ella, suspeitando que aquelle homem ia pedir-lhe alguma cousa, começou a desdenhar dos cavallos que elle tinha vendido, dizendo que não prestavam para nada. O senhor Blanchard, o mais attenciosamente possivel, disse-lhe que se enganava, e offereceu-se para elle proprio os guiar a Longchamps.

«Ella acceitou-o como cocheiro n'aquelle dia, e foi com elle. Ao chegar aos *boulevards,* o senhor Blanchard propoz-lhe que descesse da carroagem, porque queria experimentar na sua presença os cavallos, e receiava que os balanços, demasiado violentos, lhe prejudicassem os nervos delicados.

«A Grandi apeiou-se, olhou, mas já não viu nem a carroagem, nem os cavallos, nem o cocheiro. Envergonhada de se vêr a pé n'aquelle sitio, não poude fazer outra cousa senão acceitar o braço de um dos seus amantes de occasião. Só á noite se consolou d'aquelle contra-tempo, ao saber que uma das suas eguaes, a Haroire, filha de um porteiro, havia sido levada do seu palacio para o Hospital Geral, por ter atirado á rua uma ordem do rei que a desterrava, apesar de ser amante de um conselheiro do parlamento. Fôra a esta mesma rapariga que o principe de Lam... déra um bello collar, para pouco depois, n'um momento de mau humor, recorrer á auctoridade do duque de Penthièvre a fim de o recuperar.»

O principe de C... deu uma carroagem á Duplan, e oitocentos luizes á Montgantier, que os gastou em companhia de um musico. Este mesmo principe dispendia tambem perdulariamente o seu dinheiro com outra mulher, chamada a Pelain, da qual dizia :

—«Fiz d'ella minha amante, não sei porque; conservo-a tambem, não sei porque, e já me custou mais de mil luizes, não sei porque.»

O conde de la M..., filho do principe de C... seguia as pisadas de seu pae. O senhor de Sartines, chefe da policia, muito complacente com as loucuras dos principes, desempenhava o indigno mister de intendente dos seus prazeres, e não se envergonhava de penetrar, apesar do seu caracter de magistrado, no antro da prostituição.

A prova encontramol-a na seguinte carta que o inspector Marais dirigiu em 5 de março de 1762, ao chefe da policia :

«Senhor :

«Tenho a honra de o informar de que o senhor conde de M... veio a minha casa para me pedir um homem de confiança, que possa empregar nos seus galanteios. Depois de ter recebido as suas ordens, concedi-lhe o que pedia, e foram estas as ordens que sua alteza lhe deu :

«Em primeiro logar, procurar entrar em relações com a senhora de T... de M..., rua de Feydeau, a fim de saber o que se dizia a seu respeito em casa d'ella. Depois, saber tambem se o duque de Fr... ou alguns outros fidalgos, iam alli na qualidade de amantes, e informal-o exactamente dos dias em que a referida senhora iria ao theatro. O nosso homem desempenhou até hoje perfeitamente a sua commissão.

«Para isso travou amisade com um dos lacaios da referida senhora, que precisamente era seu patricio, o qual lhe revelou estar o conde de M... enamorado de sua ama, accrescentando que não era elle só. Havia tambem o duque de F..., que ia vel-a com muita frequencia, assim como um alto empregado do estado, que parecia estar muito bem com ella. O lacaio accrescentou que sua ama fazia muito bem em tudo isto, porque seu marido a tractava asperamente. Ha tempos, vendo-a de manhã vestida com um simples penteador e com os cabellos soltos, dissera-lhe em presença de muitos creados:

—«Sabe, minha senhora, com quem se parece d'esse modo? Com uma p... escandalosa!»

«E ella desatára a chorar, etc., etc.»

O inspector Marais serviu tambem o mesmo principe nas suas intrigas amorosas com a senhora de Montallet, de quem estava apaixonado o marquez de Vill..., e nos seus amores com a baroneza de Was... O principe pagava generosamente os serviços d'este inspector, auctorisados pelo chefe de policia.

O intendente Rouillé d'Orfeuil, jantando em companhia de muitas pessoas, e observando que uma rapariga chamada Carolina tinha fitado os olhos n'um annel, que trazia um dos convidados, comprou á sobremeza o referido annel por cem luizes, e deu-o a Carolina.

O conde du Barry fez subir a cotação dos encantos das cortezãs mais famosas, enchendo de riquezas a Thevenet, a Morance, a Dubois, etc.

Sem elle, a bella Duthé, a quem os ricos libertinos de Inglaterra disputavam a preço de ouro, não teria feito pagar ao velho Cha... dois ou trez mil luizes por uma noite; sem elle, o barão d'O... não teria posto um palacio magnifico á baroneza de Burman, dando-lhe onze pratos de prata e mais de 15:000 francos em porcelanas admiraveis. Esta baroneza, amante do actor Julião, tinha em tempo vivido sob o nome de *Pequena-Lecoq*, na rua Feydeau onde chamava os transeuntes.

O polaco Pot... deu a Mademoiselle de Fonteville por uma noite de prazer, dois collares de doze mil libras, e prometteu-lhe sob palavra de honra, uma casa ricamente montada, carroagem, lacaios de libré, etc...

Bertin, thesoureiro da curia ecclesiastica, installou n'um palacio da rua du Croissant, Mademoiselle Vadé, e entregou-lhe uma bolsa que continha dois mil luizes para as despezas mais indispensaveis da casa, e outra com quinhentos luizes para os seus caprichos, além de um estojo contendo diamantes no valor de quarenta mil libras, uma baixella riquissima, roupa branca em excesso, e vestuarios sumptuosos.

O duque de Richelieu, como signal de uma promessa á Maupin, empenhou o seu grande crachá da ordem do Espirito santo, coberto de diamantes. A este respeito, compoz-se a copla seguinte:

Judas vendit Jesu-Christ
Et s'en pendit de rage;

Richelieu, plus fin que lui;
N'a mis que le Saint-Esprit,
En gage,
En gage,
En gage!...

«Judas vendeu Jesus-Christo, e por este motivo enforcou-se de raiva. Richelieu, mais fino de que elle, apenas empenhou o Espirito santo!...»

Uma ridicula emulação reinava por essa épocha entre os nobres francezes e estrangeiros. Consistia em ver qual d'elles mais depressa se arruinaria por libertinagem ou por ostentação, para enriquecer aquellas prostitutas. Esta, moda extravagante tendia a igualar as fortunas, a fazer circular o numerario, a dar vida ás artes sunptuarias, mas a desanimar e arruinar tambem as artes uteis e os bons costumes.

Não eram, todavia, todos os nobres tão prodigos como os que acabamos de citar. Onze principes foram no dia 22 de abril de 1774 a casa da Brissaut, uma das mais famosas alcoviteiras de Paris, n'aquella épocha. Esta mulher deu de ceiar a todos e arranjou-lhes quatro raparigas, em cujo numero entrava a de Bussy. Ora estes onze principes, cujos nomes poderiamos citar, não lhe deram entre todos senão a insignificante quantia de nove luizes. Esta sovinice fez muita bulha, excitando as murmurações e os commentarios dos numerosos freguezes das casas de prostituição.

Havia muitos outros, que tomavam o partido de associar a economia á libertinagem. O senhor de Bour... pediu a Mademoiselle de Souville a chave de uma secretaria, sob pretexto de ter de escrever uma carta, ao que ella acquiesceu, e o fidalgo tirou-lhe uns brincos de perolas e cem luizes em ouro, fugindo com esta presa, que mais tarde restituiu, em pagamento das suas caricias.

O padre Salze installára a Mercier n'uma salla mobilada, e não lhe dava fatos, para que nunca sahisse á rua.

O banqueiro Toquini obteve Maria Testard, formosa joven, por trez vestidos, alguma roupa branca e a somma de trezentas libras ao mez.

Um architecto prometteu a uma bailarina da Opera um palacio edificado á sua custa, e mandou-lhe um edificio feito de assucar, onde nada faltava.

Alguns fidalgos mostraram-se ainda mais vis que as desgraçadas a quem sustentavam.

Lê-se nos relatorios da policia:

«O conde du Barry considerava a Vaubernier como uma egua: umas vezes alugava-a ao duque de Richelieu, outras ao duque de Vill..., e isto proporcionava-lhe bons lucros.»

Lê-se n'outro relatorio:

«Mademoiselle de Sainte-Foi havia sido alugada a razão de seis mil libras pelo marquez de Dur..., e ella endossou-lhe quatro ou cinco lettras de cambio, etc...»

Aqui temos agora um relatorio do inspector Marais, datado de 27 de abril de 1764:

«O senhor de R...-Ch... foi a casa da Montigny fazer-lhe uma proposta, que se lhe afigurou extraordinaria. Este senhor, depois de lhe ter exigido um segredo inviolavel, disse-lhe que era mister procurar-lhe um homem sadio, alto, forte e vigoroso, para um negocio com uma dama de elevada gerarchia, muito amavel, e que nunca tivera tido relações senão com seu esposo, porque tinha curiosidade de experimentar os prazeres amorosos com outro homem. A Montigny perguntou-lhe naturalmente porque não a contentava elle mesmo, ao que respondeu:

—«Não póde ser. Ella quiz confiar em mim, e ha tambem graves razões para isto. Será preciso que o homem que tu nos procurares consinta que eu venha buscal-o de noite aqui e o leve com os olhos bem vendados a uma casa, onde encontrará a dama de que se tracta. E será preciso tambem que elle a conheça em minha presença. Devo advertir-te que não queremos que o nosso homem seja guarda do corpo, nem gendarme, nem mosqueteiro, porque poderia reconhecer a dama quando ella fôr á côrte.»

E o senhor de la R...-Ch... accrescentou ainda:

—«Sabes? O meu desejo era que elle fosse um homem do povo, recem-chegado da provincia. De resto, pódes crêr que será bem pago, e tu ficarás tambem satisfeitissima, porque a dama em questão sabe perfeitamente que me dirigi a tua casa. Mas, se commettes a menor indiscrição, morres irremediavelmente.»

A Montigny jurou guardar segredo, e além d'isso esforçar-se por cumprir os desejos do fidalgo, mas exigiu algum tempo para se desempenhar da sua commissão.

«O senhor de Ch... já alli voltou quatro vezes, mas a Montigny nada quiz fazer sem me consultar, receiosa de que lhe succeda alguma desgraça, e que em consequencia de tantos mysterios, não lhe fizessem alguma partida os que a encarregavam d'aquella extranha commissão.»

Receiava, decerto, para ella e para o tal homem, que lhe pediam, a sorte dos estudantes de Paris, qne Margarida e Joanna de Borgonha attrahiam á torre de Nesle, e aos quaes, depois de os haverem gosado, mettiam dentro de um sacco, para serem em seguida atirados ao Sena!...

Marais continúa nos seguintes termos o seu relatorio:

«Perguntei á Montigny se não se enganava, se conhecia bem o senhor de R...-Ch..., e ella respondeu-me que estava plenamente convencida de que era elle, porque o conhecia de ha muito, de quando o fidalgo fôra coronel dos granadeiros de França, suppondo que actualmente devia ser marechal de campo. Accrescentou que devia ter, quando muito, trinta annos, que era louro e muito magro, e que não podia enganar-se, porque o conhecia muito a fundo.

«A minha opinião é que essa mulher não consegue ter filhos com seu marido, e que muito convém a ambos tel-os. Quem sabe mesmo se será a propria mulher do sr. R...-Ch..., que não querendo comprometter a sua reputação com uma aventura galante, tivesse ideiado aquelle meio singular?

«Recommendei particularmente á Montigny que nada fizesse sem me in-

formar com toda a minuciosidade, afim de ter tempo de saber a opinião do meu chefe e de receber os seus conselhos. (Assignado) *Marais*.

Nada mais se sabe a respeito d'este caso singular.

Desgraçada da parisiense a quem a natureza houvesse dado em dote um tanto ou quanto de formosura! Não tardava em ceder ás seducções de que se via rodeada, e cahia irremediavelmente nos laços que lhe armavam.

Eis, a este respeito, o extracto de outra narrativa policial:

«O senhor duque de Chartres ceiou a 29 de março de 1771 na rua Blanche, n.º 2, com os duques de Lanzun e de Fronsac, Fitz-James, Conflans e Coingny. Tinham levado tres raparigas.

«Fallou-se muito alli da filha de um pintor da rua dos Saints-Péres, que não queria de nenhum modo render-se. Um padre offerecera da parte do duque de Luxemburgo a seus paes seis mil libras de renda e mil para alfinetes, mas o senhor de Sainte-Foi, thesoureiro da marinha, dava mais.

«O senhor de Fitz-James quiz apostar 150 luizes, em como no prazo de oito dias a entregaria ao senhor de Conflans. Mas, como a *presidenta Brissant* declarasse que nenhuma rapariga podia ser entregue ao *commercio impuro*, sem que ella tivesse primeiramente outorgado o seu consentimento, decidiu-se que ella participaria com o duque da gloria e proveito d'aquella conquista.»

O duque de Fronsac, que imitava os vicios de seu pae, o duque de R... sem possuir as suas brilhantes qualidades, misturava sempre a crueldade e a atrocidade aos seus excessos na libertinagem. Gilbert contou em verso uma das suas façanhas, cuja infamia ficou celebre pelo talento de tão insigne como desventurado poeta:

Mais le voluptueux, à ces vices fidèle,
Cherche pour chaque jour, une amante nouvelle,
La fille d'un bourgeois a frappé sa grandeur;
Il jette le mouchoir à sa jeune pudeur;
Volez; et que cet or, de mes feux interprète,
Coure avec ses bijoux marchander sa défaite,
Qu'on la séduise. Il dit; ses eunuques discrets,
Philosophes abbés, philosophes valets,
Intriguent, sément l'or, trompent les yeux d'un père,
Elle céde, on l'enleve, en vaint gemit sa mère,
Échue à l'Opera por un rapt solemnel,
Sa honte la dérobe au pouvoir paternel.
Cependant une vierge, aussi sage que belle,
Un jour á ce sultan se montra plus rebelle;
Tout l'art des corrupteurs, auprés d'elle assidus,
Avait pour le servir fait des crimes perdus.
Pour son plaisir d'un soir, que tout Paris perisse!
Voilà que dans la nuit, de ses fureurs complice,
Tandis que la beauté, victime de son choix,
Goute d'un chaste sommeil sous la garde des lois,
Il arme d'un flambeau ses mains incendiaires,
Il court, il livre au feu les toits héréditaires
Qui la voyaient braver son amour oppresseur,

Et l'emporte mourante en son char ravisseur!
Obscur, on l'eût flétri d'une mort légitime:
Il est puissant: les lois ont ignoré son crime!...

«Mas este voluptuoso, fiel aos seus vicios, procura cada dia uma nova amante. A filha de um pobre homem qualquer agradou á sua concupiscencia; o fidalgo deita o lenço aos pés d'aquelle pudor juvenil.« Voae, diz elle, e que este ouro, interprete do fogo que me devora, consiga premiar com estas joias a sua amorosa derrota. Seduzam-na»! Disse, e os seus eunuchos discretos, padres e lacaios philosophos, intrigam, semeiam o ouro, enganam a vigilancia de um pae. Ella cede. Raptam-na. Em vão a pobre mãe chora. Entregue á Opera por um contracto solemne, a sua vergonha livra-a da colera paterna. No emtanto, uma virgem, tão prudente como bella, mostrou-se um dia rebelde a este sultão. Toda a arte dos infames corruptores, assiduos a seu lado, fizera até então, para o servir, crimes inuteis! Extermine-se Paris inteiro para o prazer de uma noite d'este fidalgo! Eis que, durante a noite, cumplice dos seus furores, emquanto a beldade gosa um somno tranquillo, sob a salvaguarda das leis, elle toma um archote nas mãos incendiarias. Corre... entrega ás chammas o tecto hereditario, que a vira até então oppôr-se áquella paixão nefanda, e leva-a comsigo n'uma carroagem! Se fosse um homem obscuro, seria condemnado á morte, digno premio dos seus crimes; mas é poderoso, e as leis ignoraram o seu crime!...»

Allude-se n'estes versos á Opera, e convem declararmos um pormenor interessante. Uma joven, admittida na Opera, não podia ser reclamada por seus paes, ficando completamente emancipada da sua auctoridade. Luiz XIV ordenára que este theatro fosse para as jovens libertinas um asylo contra as perseguições de seus paes. N'elle, por conseguinte, podiam entregar-se com toda a impunidade á mais escandalosa libertinagem.

O duque de Fronsac foi perfeitamente reconhecido por todos n'este retrato, ainda que os versos não citassem o nome de ninguem, e tanto assim, que o proprio duque foi queixar-se á policia Gilbert escreveu-lhe, porém, uma carta, onde declarava que não tivera a intenção de pintar as suas acções boas ou más. «Como é, accrescenta elle, que o senhor duque pretendeu reconhecer-se n'um personagem tão diverso?»

Vamos dar agora um extracto do testamento de Mademoiselle Bouscarelle, a quem o conde de D... seduzira, e que chegou a ser sua victima.

«Um dia em que me encontrei a sós com o senhor Du..., a esse tempo doente dos olhos, mandou chamar ao seu quarto um tal Creps, um dos seus seus lacaios. Apenas elle entrou, fechou a porta, metteu a chave no bolso, e ordenou-lhe que passasse alli mesmo a ter commigo umas certas liberdades.

«A principio, tomei tudo aquillo em brincadeira, o que não serviu senão para augmentar o furor d'aquelle desgraçado, que nos ameaçou a ambos, de faca em punho, se não satisfizessemos os seus desejos. A necessidade... a isso me obrigou! Tudo quanto n'aquelle momento se passou entre mim e o lacaio, revoltou-me a tal ponto o sangue, que morro de pesar e de desgosto de haver contribuido, ainda que sem culpa alguma, para aquella scena de torpeza!...»

Effectivamente, esta desgraçada morreu em consequencia da viva emoção que lhe causára aquella horrivel violencia. Poucos dias antes da sua morte, a 30 de abril de 1775, redigiu o testamento de que démos um extracto, testamento de que os parentes d'esta dama fizeram tirar uma copia para o ministro, a qual a mandou ao chefe da policia. Diz-se que este magistrado lhe puzéra á margem esta nota: *Inteirado*.

E eis tudo.

Vê-se, portanto, do que deixamos dito, que de envolta com os actos libertinos se misturavam algumas vezes verdadeiras atrocidades, favorecidas pela impunidade que os seus auctores encontravam continuamente. Estas atrocidades pertenciam ao antigo feudalismo, cujas tradicções não se haviam nunca apagado da memoria dos nobres.

Montesquieu diz nas suas obras:

«Um grande senhor é um homem que vê o rei, falla com os ministros, tem antepassados, dividas e pensões. Se, além de tudo isto, póde disfarçar a sua ociosidade fingindo que graves occupações o dominam, ou que se acha entregue completamente ao prazer, julga-se o mais venturoso dos homens.»

Assim, pois, os excessos da corrupção eram titulos de gloria entre elles. Creavam uma especie de reputação, revolvendo-se no lodo da infamia. Davam escandalo, commettiam crimes com a maior naturalidade, e n'estes casos mesmo, a sua pretendida honra ficava intacta. O que a feria sómente era qualquer censura. Habituados aos cumprimentos, á etiqueta, ao ceremonial, mentiam sem escrupulo, como se mente na côrte.

Nunca diziam o que pensavam, e muitas vezes não pensavam o que diziam.

Pareciam envergonhar-se do seu sexo. Almejavam por possuir as fraquezas do sexo feminino, a sua frivolidade, os seus caprichos no adorno do vestuario, a sua futilidade, n'uma palavra, todos os seus gostos e caprichos. Fallando de tudo, sem saberem cousa alguma, tinham em compensação, como diz Montesquieu, o talento de fallarem muito tempo, sem dizerem nada.

Taes eram os homens, adorados pelas mulheres, os homens denominados por ellas encantadores, e a quem o vulgo conhecia pelo nome de *petit-maîtres*.

A regularidade da conducta, a boa ordem nos negocios, a exactidão em cumprir a palavra dada, tudo isto, a seus olhos, não passava de cuidados vulgares. Pagar as dividas, era cousa propria de droguistas. Bom tom era apenas pedir dinheiro emprestado, embora tivesse de se descer ás maiores baixezas, para mais tarde repellirem com desdem e altaneria os pobres credores. E, n'este ultimo ponto, força é dizel-o, a nobreza franceza conquistou uma reputação bastante justificada.

Estas faltas, estes ridiculos, estes vicios, adornados de maneiras distinctas, ou realçados pelo tom do orgulho, ou por certos ares sobranceiros, eram em geral os costumes dos principes e senhores. Temos, porém, o prazer de declarar que existiram no tempo de Luiz XV, talvez mais ainda do que no de Luiz XIV, numerosas excepções.

N'essa mesma classe, em que a frivolidade e a corrupção haviam estabe-

lecido o seu imperio, encontravam-se homens que se honravam de se revoltar contra estes costumes. Houve muitos que souberam preservar-se do contagio geral; houve outros em que os maus costumes não poderam extinguir de todo a luz da rasão, e uns e outros, assombrados do espectaculo horrivel que apresentava a sociedade, procuraram as causas e encontraram-nas no mau governo. D'aqui os numerosos escriptos a que os ministros não respondiam senão com ordens de prisão, d'aqui esse partido opposicionista, chamado dos philosophos, partido que soffreu as perseguições dos protectores dos abusos e dos vicios, e os clamores de todos aquelles que estavam interessados em manter a antiga libertinagem social.

Teremos occasião de fallar mais adiante dos homens que assim se constituiam em opposição á decadencia dos costumes. Por agora, passaremos a tractar da terceira classe de informações policiaes, exigidas pela curiosidade do rei—noticias relativas aos costumes dos bispos e dos prelados—accrescentando algumas reflexões e exemplos tirados de outros pontos.

A corrupção invadira o episcopado, logo desde a épocha em que os bispos foram enriquecidos pelos barbaros, aos quaes ajudaram a invadir a Gallia. Distinguiam-se, salvo honrosas excepções, pelos vicios da opulencia ociosa, inherentes aos cortezãos e militares. Desde, porém, que a intelligencia humana sahiu das trevas da barbarie, e os homens começaram a ser aquilatados, não pela sua riqueza e poderio, mas sim pelo seu talento e pelas suas acções, os bispos ou se regeneraram completamente, ou pelo menos, apparentaram uma certa morigeração mais consentanea com o seu elevado ministerio. Nem todos elles tiveram as virtudes exigidas pelo seu estado; em compensação, porém, quasi todos observaram o culto das conveniencias.

FIM DO TOMO TERCEIRO

INDIDE

DO

TOMO TERCEIRO

TERCEIRA PARTE

A ÉPOCHA MODERNA

INDICE

DAS

GRAVURAS DO TOMO TERCEIRO

ERRATAS

Nas legendas de algumas das gravuras, tanto do Tomo 2.°, como do 3.°, sahiram erros typographicos, que é mister rectificar. Assim, na gravura da pagina 391 do Tomo 2.°, onde se lê *Dianna de Poitier*, deve lêr-se: *Diana de Poitiers*. Na da pagina 499 do mesmo Tomo, onde se lê *Gabriella d'Estries*, deve lêr-se: *Gabriella d'Estrées*.

Na gravura da pagina 310 do Tomo 3.°, onde se lê *Marion Delorne*, deve lêr-se: *Marion Delorme;* na da pagina 516, onde se lê *Madame de Mantenon*, deve lêr-se: *Madame de Maintenon*, e finalmente, na da pagina 599, onde se lê *Margarida Dubarri*, deve lêr-se: *Madame Dubarry*.

Apesar do cuidado com que tem sido feita a revisão do texto, é possivel haverem escapado alguns erros. A intelligencia do leitor facilmente, porém, os corregirá.

